

CINEMA,

Ana Carolina da Costa e Fonseca
Cora Efrom
Isabella Moreira dos Santos
organização

ÉTICA E SAÚDE

Volume 2
Direitos Humanos

editora **BESTIÁRIO**

Cinema, ética e saúde
volume dois: Direitos Humanos

Ana Carolina da Costa e Fonseca
Cora Efrom
Isabella Moreira dos Santos
(organizadoras)

CINEMA

Volume 2
Direitos Humanos

ÉTICA E SAÚDE

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Reitora:

Miriam da Costa Oliveira

Vice-Reitor:

Luís Henrique Telles da Rosa

Pró-Reitora de Graduação:

Maria Terezinha Antunes

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Rodrigo Della Múa Plentz

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários:

Deisi Cristina Gollo Marques Vidor

Pró-Reitor de Administração:

Fábio Lisbôa Gaspar

Pró-Reitora de Planejamento:

Liane Nanci Rotta

Fundação Escola Superior do Ministério Público

Conselho Administrativo da FMP

Presidente da Fundação Escola Superior do Ministério Público:

David Medina da Silva

Vice-presidente da Fundação Escola Superior do Ministério Público:

Cesar Luís de Araújo Faccioli

Secretário:

Fábio Roque Sbardellotto

Representante do corpo docente:

Alexandre Lipp João

Faculdade de Direito

Diretor da Faculdade de Direito da FMP:

Fábio Roque Sbardellotto

Coordenador do Curso de Direito

Bacharelado da Faculdade de Direito da FMP:

Luís Augusto Stumpf Luz

Coordenador Geral

dos Cursos de Pós-graduação da Faculdade de Direito da FMP:

Guilherme Tanger Jardim

CINEMA

Ana Carolina da Costa e Fonseca
Cora Efrom
Isabella Moreira dos Santos
organização

ÉTICA E SAÚDE

Volume 2
Direitos Humanos

editora **BESTIÁRIO**

2014 - Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Distribuição gratuita, venda proibida.



Edição integrante do Programa Centro Universitário de Referência em Saúde e Direitos Humanos realizado com apoio do EDITAL PROEXT 2014 - PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - MEC/SESu.

Optamos por aceitar as duas formas de acentuação ora vigentes no Brasil

Editora Bestiário
www.bestiario.com.br
Rua Marques do Pombal, 788/204
90540-000 - Porto Alegre, RS. Brasil
Telefone: (51) 3779.5784 | 9491.3223

Edição, projeto gráfico e capa:
Roberto Schmitt-Prym

C676c

Ana Carolina da Costa e Fonseca, Cora Efrom
e Isabella Moreira dos Santos (Org.)

Cinema, ética e saúde: Volume 2 -
Direitos Humanos / Obra de autoria coletiva
- Porto Alegre, RS. - Editora Bestiário, 2014
528p.

ISBN 859880252-2 ISBN 9 - 9788598802527
1. Filosofia, Cinema, Ética. I Título

CDD-170

Cinema, ética e saúde

volume dois: Direitos Humanos

Ana Carolina da Costa e Fonseca

Cora Efrom

Isabella Moreira dos Santos

(organizadoras)

Alana Durayski Ranzi	Lígia Gabrielle dos Santos
Aline Winter Sudbrack	Lísia Maya Monteiro
Ana Boff de Godoy	Luciana Lopes Corrêa
Ana Carolina da Costa e Fonseca	Luciano Monteiro
Ana Priscila Costa	Luís Edegar Costa
Andréia Engel Bom	Luiza Mury Scalco
Arlinda B. Moreno	Márcia Rejane Azuaga Prass
Bárbara Sordi Stock	Maria Candida Backes Luger
Camila Añez	Maria de Lourdes Borges
Carlos Estellita-Lins	Mariana Corrêa Fernandes
Carolina Melo Romer	Mariana Petracco de Miranda
Cássio Andrade Machado	Marianna Rodrigues Vitória
Chastter Silva	Marianne Le Bourlegat
Claudia Giuliano Bica	Matheus Cantanhêde da Rosa
Cora Efrom	Nádia Nara Tavares dos Santos
Cristiano Guedes	Natália Strzykalski
Daniëlle Bernardi Silveira	Nathalia Zorzo Costa
Éder da Silveira	Nicolas Bernardi Silveira
Elena de Oliveira Schuck	Paola Fabres
Ernani Bohrer da Rosa	Paula Goldmeier
Felipe Lazzari da Silveira	Paulina Nólíbos
Fernanda Schommer Stein	Paulo Gilberto Cogo Leivas
Gabriel Goldmeier	Paulo Henrique G. Kosachenco
Gabriel Silva de Souza	Priscila Jandrey Brasco
Gabriela Waskow	Roberto Araujo
Geórgia de Macedo Garcia	Rodrigo Gomes Ferrari Cesar
Gilberto Thums	Rosa Gonçalves Corrêa
Giovana Tavares dos Santos	Rosicler Luzia Brackmann
Guilherme Kern Assumpção	Sophie Dall'Olmo
Ida Vanessa Doederlein Schwartz	Téo Fronzi Rodrigues
Isabella Moreira dos Santos	Thais de Magalhães Dornelles
Julia Landgraf Piccolo Ferneda	Verônica Miranda
Juliana Nólíbos	Vicente Cardoso de Figueiredo
Larissa O'nill de Avila Pereira	

Sumário

<i>Nota introdutória</i>	17
<i>Apresentação</i>	
Éder da Silveira	21
<i>O viver</i>	23
<i>Ética em pesquisa e a indústria farmacêutica</i>	25
O jardineiro fiel: <i>existe ética na pesquisa clínica?</i>	27
Lígia Gabrielle dos Santos	
Coma: <i>confrontando o ensino de anatomia humana e pesquisas</i>	33
Giovana Tavares dos Santos	
Nádia Nara Tavares dos Santos	
Claudia Giuliano Bica	
Augustine: <i>gênero, loucura e poder psiquiátrico</i>	38
Éder da Silveira	
Luciana Lopes Corrêa	
AIDS, <i>preconceito e tratamento em Clube de compras Dallas</i>	44
Alana Durayski Ranzi	
Giovana Tavares dos Santos	
Rosicler Luzia Brackmann	
Claudia Giuliano Bica	
Terapia de risco: <i>depressão, indústria farmacêutica e ética em pesquisa</i>	49
Ana Carolina da Costa e Fonseca	
<i>Nota sobre o filme Amor e outras drogas</i>	53
Gabriela Waskow	
Claudia Giuliano Bica	
<i>Bullying</i>	57
<i>Invasão de privacidade: Cyberbully</i>	59
Fernanda Schommer Stein	
Sempre amigos: <i>o lugar da vítima em casos de bullying</i>	63
Márcia Rejane Azuaga Prass	
<i>Agressão física e mental: uma análise do documentário Bullying</i>	68
Fernanda Schommer Stein	

<i>Suicídio</i>	75
<i>Mídia e prevenção do suicídio: análise do documentário The bridge</i>	77
Verônica Miranda	
Carlos Estellita-Lins	
<i>As virgens suicidas: para mais informações ligue 555-MARIA</i>	86
Rodrigo Gomes Ferrari Cesar	
<i>Loucura</i>	93
<i>Hombre mirando al sudeste: um elogio da loucura?</i>	95
Paula Goldmeier	
<i>Bicho de sete cabeças: “infelizes, esquecidos, malditos inúteis”</i>	100
Natália Strzykalski	
<i>Quem dita as regras? Quem é considerado louco?</i>	
<i>Análise do filme Um estranho no ninho</i>	106
Larissa O’null de Avila Pereira	
<i>Camille Claudel através do filme</i>	112
Camille Claudel	
Ana Priscila Costa	
Luís Edegar Costa	
Paola Fabres	
<i>Análise dos princípios de bioética no filme Tempo de despertar</i>	123
Daniélle Bernardi Silveira	
<i>Nota sobre o filme Precisamos falar sobre Kevin</i>	129
Cora Efrom	
<i>Corpo, gênero e sexualidade</i>	131
<i>A opressão sexual em Azul é a cor mais quente</i>	133
Julia Landgraf Piccolo Ferneda	
<i>E por que não ser a mulher maravilha? A luta de Guta Silveira e demais elucubrações sobre a transexualidade no Brasil</i>	138
Marianna Rodrigues Vitória	
<i>Gênero, poder e saúde em Perder a razão</i>	145
Fernanda Schommer Stein	
<i>O mito da representação:</i>	
<i>dos desafios à igualdade de gênero em Missrepresentation</i>	152
Elena de Oliveira Schuck	
Maria Candida Backes Luger	
<i>Gênero e patriarcado em Tomboy</i>	161
Julia Landgraf Piccolo Ferneda	
<i>A pele que habito: questões de ética e de gênero</i>	168
Lísia Maya Monteiro	

Transamérica: o papel do profissional da Psicologia na equipe multidisciplinar de cirurgia de transgenitalização	174
Larissa O'nill de Avila Pereira	
Tráfico humano, ética e gênero: uma análise do filme A informante	179
Gabriel Silva de Souza	
Stonewall uprising: origem das paradas LGBTQI, subcultura no crime organizado e a desobediência civil	185
Guilherme Kern Assumpção	
Ciência, saúde e gênero em Histeria	192
Fernanda Schommer Stein	
Nota sobre o filme 8 mulheres: controle social sobre os corpos das mulheres	201
Ana Carolina da Costa e Fonseca	
Nota sobre o filme A excêntrica família de Antônia: a pluralidade do conceito de família em cena	203
Ana Carolina da Costa e Fonseca	
Nota sobre o filme Desejo proibido: três histórias sobre uniões estáveis entre mulheres	206
Ana Carolina da Costa e Fonseca	
Nota sobre o filme As sessões: deficiência física e sexualidade	208
Ana Carolina da Costa e Fonseca	
Corpo e gênero: violência doméstica	211
Justiça e saúde em O segredo dos seus olhos	213
Daniélle Bernardi Silveira	
Nícolas Bernardi Silveira	
Amor? A dualidade (não natural) do afeto e da violência	219
Nathalia Zorzo Costa	
O sonho de Wadjda: um olhar sobre os direitos e as liberdades de meninas e mulheres na Arábia Saudita	223
Elena de Oliveira Schuck	
Luiza Mury Scalco	
Mulher, violência e opressão no pampa gaúcho: uma análise do filme A intrusa	230
Aline Winter Sudbrack	
A troca: a fragilidade de uma mulher frente ao discurso policial	234
Fernanda Schommer Stein	
Nota sobre o filme O céu de Suely: prostituição e liberdade	238
Ana Carolina da Costa e Fonseca	

Nota sobre o filme 3096 dias: <i>o seqüestro da menina, a liberdade da jovem mulher</i> Ana Carolina da Costa e Fonseca	240
<i>Violências contra crianças e adolescentes</i>	243
Confiar: <i>pedofilia e acesso à internet,</i> <i>nem em casa nossos filhos estão a salvo</i> Gilberto Thums Ana Carolina da Costa e Fonseca	245
<i>A vulnerabilidade da população infantil</i> <i>e adolescente em Crianças invisíveis</i> Isabella Moreira dos Santos Matheus Cantanhêde da Rosa	257
<i>Corpo e gênero: violência obstétrica</i>	265
Violência obstétrica: a voz das brasileiras – <i>primeiro ato, a denúncia</i> Ana Carolina da Costa e Fonseca	267
O renascimento do parto – <i>segundo ato, alternativas</i> Ana Carolina da Costa e Fonseca	277
Parteiras: a magia da sobrevivência, <i>uma luta de duas décadas</i> Carolina Melo Romer	286
<i>Direitos humanos e organizações sociais</i>	291
<i>Rolezinho com Milton Santos:</i> <i>uma análise do filme documentário de Silvio Tendler</i> Cristiano Guedes Chastter Silva Roberto Araujo	293
1900 Homo Sapiens: <i>o espectro da eugenia</i> <i>e a barreira da dignidade humana</i> Paulo Gilberto Cogo Leivas Ida Vanessa Doederlein Schwartz	301
<i>O papel dos EUA no golpe de 1964 no Brasil:</i> <i>uma análise do filme O dia que durou 21 anos</i> Chastter Silva Cristiano Guedes	306
<i>Tudo pelo poder, a questão da pena de morte</i> <i>e a exigência de que a sociedade deve ser melhor do que o indivíduo</i> Gabriel Goldmeier	312

<i>A busca pelos direitos ignorados em O poder da esperança</i>	315
Isabella Moreira dos Santos	
<i>A hora mais escura: tortura, guerra ao terror e a desumanização no cinema</i>	321
Felipe Lazzari da Silveira	
Vicente Cardoso de Figueiredo	
<i>Justiça, Juízo, Morro dos Prazeres – os vigiados e punidos pelo sistema judicial brasileiro: o que pode a psicologia?</i>	327
Paula Goldmeier	
<i>Análise do documentário Juízo: uma crítica ao direito penal brasileiro como instrumento de higienização social</i>	335
Sophie Dall’Olmo	
Thais de Magalhães Dornelles	
<i>Elysium e o futuro histórico da saúde</i>	342
Carlos Estellita-Lins	
Luciano Monteiro	
<i>As troianas, entre Eurípides e Michael Cacoyannis e a escravidão humana</i>	349
Paulina Nólivos	
<i>Instituições prisionais e violência</i>	356
<i>Mulheres e prisão: análise do filme El pátio de mi cárcel</i>	359
Bárbara Sordi Stock	
<i>Dos palcos do cárcere para as telas do cinema: considerações sobre o filme César deve morrer</i>	362
Ana Boff de Godoy	
<i>Meu nome não é Johnny: punição ou tratamento para um traficante de drogas?</i>	370
Gilberto Thums	
<i>O cárcere e a rua: os desafios de ser mulher dentro e fora do Madre Pelletier</i>	377
Bárbara Sordi Stock	
<i>Carandiru: massacre numa prisão brasileira</i>	380
Gilberto Thums	
<i>Transplante de órgãos</i>	385
<i>Clonagem para doação de órgãos no filme Never let me go</i>	387
Geórgia de Macedo Garcia	
Mariana Corrêa Fernandes	

O coração de Jenin: <i>uma história real sobre doação de órgãos para transplante</i>	393
Claudia Giuliano Bica	
Giovana Tavares dos Santos	
Os limites da ciência: <i>uma abordagem bioética e jurídica do filme A ilha</i>	398
Rosa Gonçalves Corrêa	
<i>Discriminação racial</i>	407
<i>As diversas nuances da violência em A cor púrpura</i>	409
Isabella Moreira dos Santos	
Marianne Le Bourlegat	
Histórias cruzadas: <i>gênero, raça e discriminação</i>	416
Cora Efrom	
<i>O morrer</i>	421
Bicicleta, colher, maçã: <i>mal de Alzheimer e fim da vida</i>	423
Cora Efrom	
O turista suicida: <i>suicídio assistido e a promoção da autonomia</i>	428
Camila Añez	
Minha vida e os aspectos relacionados à terminalidade	434
Andréia Engel Bom	
Mariana Petracco de Miranda	
A bela que dorme: <i>entre a vida e a morte, de quem é o direito?</i>	440
Ana Boff de Godoy	
Hanami – cerejeiras em flor: <i>o luto e seus atravessamentos familiares</i>	448
Cássio Andrade Machado	
Priscila Jandrey Brasco	
Antes de partir: <i>a doença, a internação e o fim da vida</i>	453
Cora Efrom	
Nota sobre o filme Amor: <i>matar quando não há mais vida possível</i>	457
Ana Carolina da Costa e Fonseca	
<i>Outros olhares</i>	459
<i>Medicina, ciência e o sobrenatural no filme A antropóloga</i>	461
Maria de Lourdes Borges	
Muito além do peso: <i>o que estamos servindo às nossas crianças?</i>	465
Juliana Nólíbos	
<i>Em busca de Paraísos artificiais</i>	477
Daniélle Bernardi Silveira	
Ernani Bohrer da Rosa	

Coach Carter: <i>treino para a vida</i>	484
Matheus Cantanhêde da Rosa	
La belle verte e a desconexão dos paradigmas	495
Téo Fronzi Rodrigues	
Babel: <i>um olhar sobre comunicação e interações humanas em esfera global</i>	501
Isabella Moreira dos Santos	
Nós que aqui estamos por vós esperamos (<i>ou acerca da finitude</i>)	507
Arlinda B. Moreno	
Violação de privacidade: <i>memória absoluta e rememória do passado</i>	523
Ana Carolina da Costa e Fonseca	
Gilberto Thums	
Nota sobre o filme Ghost in the shell	526
Paulo Henrique Guilhembertard Kosachenco	

Nota introdutória

Início o segundo volume do livro “Cinema, ética e saúde” do mesmo modo que o primeiro: aviso ao leitor que este é um livro escrito a muitas mãos. E, desta vez, também a organização contou com mais mãos. Sem o trabalho incansável de Cora Efrom e Isabella Moreira dos Santos, o livro não seria possível. Ao leitor da nota da organizadora do primeiro volume, peço desculpas por me repetir. Com pequenas alterações e significativas supressões, o que se segue é cópia parcial da nota publicada outrora. Em vez de buscar paráfrases de mim mesma, optei pela repetição.

Ao longo de vários meses, pensamos sobre filmes ficcionais e documentários que assistíramos e pesquisamos sobre outros que ainda nos eram desconhecidos e que tratam de questões de ética e saúde. Em geral, evitamos os que abordam questões de ética de maneira meramente incidental, mesmo que algumas cenas sejam suficientemente fortes para motivar a escritura de um artigo ou de uma nota, como o fizemos.

Oferecemos àqueles que se interessam por ética e saúde um conjunto de filmes, bem como análises sobre diversos temas. Os ensaios sobre os filmes, inevitavelmente, discutem aspectos essenciais das histórias, o que, em muitos casos, acarreta a descrição de alguma parte decisiva para o seu desenrolar e, até mesmo, o final. Por isso, se o leitor não quiser saber sobre a história narrada antes de assistir ao filme, recomendo que assista-o antes de ler o artigo ou a nota. Alguns argumentos reaparecem em diferentes artigos, o que nos pareceu inevitável para que cada artigo contivesse o essencial a ser discutido acerca de cada filme. Em geral, contudo, optamos por fazer referência a outro ou a outros artigos, sem repetir os argumentos. Além dos artigos, escrevemos notas que apenas indicam alguns pontos relevantes para discussão. Esperamos que a leitura deste livro seja tão prazerosa e tão instigante quanto foi escrevê-lo.

Os artigos e notas contêm indicação de temas para discussão, de leituras complementares e, por fim, de dados sobre os filmes. Os autores escreveram os artigos da perspectiva que lhes pareceu mais apropriada, dadas as especificidades dos filmes e do tema a ser discutido.

Este livro é o resultado de cerca de dois anos de trabalho intensivo para a escolha dos filmes e a escrita dos artigos. Muitos foram os leitores destes artigos durante o processo de escritura do livro. Seria difícil mencionar todos. Os integrantes do Grupo de Pesquisa em Bioética e Direito Humanos, quase todos vinculados à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA) e à Faculdade do Ministério Público

(FMP), tiveram a paciência necessária para sucessivas releituras e correções do mesmo artigo. Os autores dos artigos ficaram (em geral) gratos pelas críticas recebidas. Aqueles a quem cabia criticar aprenderam a ler textos alheios e, conseqüentemente, o próprio texto com o distanciamento necessário para aprimorá-lo. Alguns filmes, evidentemente, tratam de mais de um problema moral. Para fins de organização do livro, optamos por inserir os artigos e as notas num ou noutro tema, o que não impede que sejam utilizados de modo diverso do sugerido. No primeiro volume, há três grandes divisões que correspondem a momentos decisivos para cada indivíduo: o nascer, o viver e o morrer. Além disso, um conjunto de artigos que tratam do que fazemos durante a vida, mas que não se referem especificamente à vida humana foram reunidos sob o título “Outros olhares”. Neste livro, que tem como mote os direitos humanos, concentramo-nos no “Viver”, e mantivemos as seções “Morrer” e “Outros olhares”. Se o leitor estiver interessado em discussões acerca do nascer, recomendando a leitura do primeiro volume, disponível gratuitamente na *internet* em: www.bestiario.com.br/CINEMA_ETICA_SAUDE.pdf.

Agradeço à Faculdade de Direito da Escola Superior do Ministério Público (FMP) pelo apoio aos projetos sobre cinema que lá desenvolvo desde 2008.

Agradeço à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), que, pelo tempo a mim conferido como professora e pela bolsa do Programa de Iniciação à Docência (PID) concedida à aluna Isabella Moreira dos Santos, de março a dezembro 2014, para desenvolvimento do projeto “O cinema como instrumento para o ensino de Direitos Humanos”. Cora Efrom é bolsista do Programa de extensão “Centro Universitário de Referência em Saúde e Direitos Humanos” em 2014, que tem este livro como um dos seus produtos finais. Sem elas não teria sido possível organizar o segundo volume. Agradeço também à professora Helena Terezinha Hubert Silva, coordenadora deste Programa de extensão, que teve financiamento concedido pelo edital Proext 2014 como programa de extensão universitária do MEC/SESu, por viabilizar financeiramente a publicação deste livro.

Agradeço aos membros do Grupo de Pesquisa em Bioética e Direito Humanos por compartilharem inquietações. Aos alunos com quem discuti sobre estes filmes em sala de aula, agradeço por se deixarem inquietar.

A todos os autores, agradeço pela dedicação com que compartilharam conosco o desenvolvimento do projeto que culminou no livro que ora apresento.

À Cora e à Isabella, agradeço pela incansável dedicação com que trabalharam na organização deste livro, que tem sessenta e sete autores, que escreveram sessenta e oito artigos e onze notas sobre setenta e nove filmes ficcionais e documentários, todos selecionados com muito cuidado por nós.

Por fim, agradeço a Roberto Schmitt-Prym. O bom gosto do designer apresenta com elegância a longa obra a que o paciente editor deu forma. O amor de Roberto pelos livros e seu talento foram essenciais para que tão belo livro fosse produzido.

Ana Carolina da Costa e Fonseca
Porto Alegre, primavera de 2014.

Apresentação

Um típico filme americano, ingênuo e tolo, pode – apesar de toda a sua tolice e até mesmo através dela – ser instrutivo. Um filme inglês pretensioso, autoconsciente, pode não ensinar nada. Foram muitas as vezes em que aprendi algo a partir de um filme americano tolo.

Ludwig Wittgenstein

Ana Carolina da Costa e Fonseca e eu somos colegas no Departamento de Educação e Informação em Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA). Somos parte de um grupo de “estrangeiros”, professores e pesquisadores oriundos das assim chamadas “humanidades” que, cada um ao seu modo, procuram pensar as ciências da saúde desde outro ponto de vista. Em meio a esses esforços, cabe a Ana pensar e fazer pensar sobre bioética.

Não sei ao certo se por uma idiosincrasia – Ana é uma apaixonada por cinema –, ou se pela necessidade de encontrar um caminho para tornar mais palatáveis discussões por vezes árduas, seja no campo da bioética ou dos direitos humanos; quero crer que se trate de uma feliz coincidência. Mas o certo é que, fruto de um trabalho a um só tempo dedicado e muito generoso, a organizadora ora nos oferece o segundo volume de um cuidadoso trabalho de reflexão sobre bioética e direitos humanos a partir do cinema.

Eis um esforço digno de nota. Exemplar, eu diria. O cinema, a mais marcante expressão artística do século XX, vem sendo tematizado desde os seus primórdios por pensadores de variada procedência, interessados em pensar os seus efeitos em nosso modo de fruir imagens e de torná-las objeto de reflexão. Nas mãos de filósofos que vão de Henri Bergson a Walter Benjamin, de Theodor Adorno a Stanley Cavell, sem esquecer o mais cinéfilo dos filósofos contemporâneos, Gilles Deleuze, várias foram as estratégias e os caminhos escolhidos para pensar, não o cinema, mas a partir do cinema.

Poucas linhas atrás, falei em generosidade ao me referir ao projeto que ora temos em mãos. Ao contrário de outros esforços, solitários em sua imensa maioria, de pensar o cinema sob o ponto de vista da filosofia, Ana empreende uma grande reunião de autores, rastreando pontos de diálogo entre a sétima arte e a bioética. Encontraremos nas páginas de “Cinema, ética e saúde. Volume 2: Direitos Humanos” pesquisadores com larga experiência ao lado de alunos de vários cursos de graduação da UFCSA, muitos dos quais estréiam em publicações.

O conjunto formado pelos dois livros é um guia, o mais abrangente possível, que tem como principal objetivo nos fazer pensar as questões fundamentais da bioética e do campo da saúde desde o ponto de vista das humanidades, tendo no cinema a sua pedra de toque. Discutir as questões que giram em torno da vida, da morte, do respeito e da dor, por meio de filmes, muitos deles criados sem um objetivo explícito de discutir esses temas de modo mais conseqüente, que em um primeiro momento poderia parecer pouco ortodoxa, é antes de tudo, corajosa. Ao se afastar do hermetismo e propor o diálogo com um público mais amplo, a filósofa lança mão dos filmes como uma provocação e uma forma de sensibilizar o espectador. Ana está nos aproximando daquela atitude descrita por Julio Cabrera como um esforço intelectual “afetivo-sensível”, expressão por ele adotada para contrastar com a frieza de parte do discurso filosófico. Segundo Cabrera,

A minha idéia é que o cinema constitui um dos meios, não certamente o único, que gera conceitos de tipo logopático, conceitos cognitivo-afetivos, e que com essa abordagem de problemas o cinema contribui a problematizar os tratamentos tradicionais dados a problemas pela filosofia, na medida em que esta continua apática, ou seja, atrelada ao uso puramente intelectual de conceitos.¹

E é justamente em função de suas características cognitivo-afetivas que o cinema se presta tão bem como um meio para discutir aspectos da bioética, campo da filosofia que tem a dimensão prática, por vezes militante, como uma de suas marcas mais importantes. As imagens em geral e dentre elas o cinema em particular são um precioso elemento de mediação para que alunos e profissionais da área de saúde sejam colocados frente a problemas ou, para usar uma expressão consagrada por Susan Sontag, diante da dor dos outros.² Tenho certeza que a leitura desse livro oferecerá uma plêiade de exemplos e de caminhos para a reflexão sobre bioética, sobre direitos humanos e sobre saúde.

Éder da Silveira³

1 CABRERA, Julio. *Cinema e filosofia*. In: <http://filosofojuliacabrera.blogspot.com.br/2011/08/cinema-e-filosofia.html>, acesso em setembro de 2014.

2 SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

3 Professor de História (UFCSPA). Doutor em História (UFRGS) e pós-doutor em História (USP).

O viver

Ética em pesquisa e a indústria farmacêutica

O jardineiro fiel: existe ética na pesquisa clínica?

Lígia Gabrielle dos Santos⁴

Numa trama que mistura assassinatos brutais, uma suposta traição conjugal, o uso indevido de dinheiro público, a violação dos direitos humanos e tantos outros conflitos que tornam o enredo instigante, existe dentre os assuntos abordados em *O jardineiro fiel* um a ser amplamente debatido: os testes de medicamentos realizados em países africanos. O filme denuncia os interesses políticos e econômicos de uma indústria farmacêutica multinacional fictícia, que produz um medicamento⁵ para tratar tuberculose e o testa na população carente por meio de uma empresa terceirizada. Para compelir os indivíduos a ingressarem no estudo, é estabelecida a seguinte condição: aquele sujeito que não aderir ao tratamento para tuberculose não terá direito ao serviço de saúde por meio do cartão médico familiar. Nenhuma regulamentação é seguida, assim como nenhum esclarecimento sobre a droga ou sobre o estudo é feito. Diante das informações já apresentadas, para o julgamento da questão é indispensável entender o que é pesquisa clínica.

Pesquisa clínica é qualquer investigação em seres humanos, objetivando descobrir ou verificar os efeitos farmacodinâmicos, farmacológicos, clínicos e/ou outros efeitos de produto e/ou identificar reações adversas ao(s) produto(s) em investigação, com o objetivo de averiguar sua segurança e/ou eficácia.⁶

A pesquisa clínica tem o papel e o mérito de promover avanços para a cura de doenças de alto impacto social que outrora foram consideradas sentenças de morte, como o câncer e a AIDS. Ainda que a descoberta de novos medicamentos pela indústria seja altamente rentável, o benefício social e o desenvolvimento científico também são impulsionados por este mercado. A classificação de pesquisa, de acordo com a sua natureza, pode

4 Biomédica (UFCSA). Mestre em Patologia (UFCSA). Membro do Comitê de ética do Hospital Mãe de Deus.

5 “Medicamentos são produtos químicos utilizados com fim terapêutico”. BARROS, Elvino. *Medicamentos na prática clínica*/ Elvino Barros, Helena M.T. Barros – Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 19. Medicamento é o termo apropriado na linguagem científica, uma vez que remédio se refere a um termo popular que compreende tudo que está relacionado à cura, ao alívio e ao bem-estar (como por exemplo exercícios físicos) não sendo necessariamente sinônimo de medicamento. REZENDE, Joffre M. *Linguagem Médica*, 3^a. ed., Goiânia, AB Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2004.

6 AGÊNCIA EUROPÉIA DE MEDICAMENTOS. Disponível em: <http://www.emea.eu.int>. Acesso em novembro de 2013.

ser: aplicada ou básica⁷. A pesquisa clínica se refere ao tipo de pesquisa conhecido como pesquisa aplicada, que tem como objetivo gerar conhecimentos práticos para a solução de problemas existentes, como a busca de novos medicamentos para doenças. A pesquisa básica, por sua vez, tem como objetivo gerar novos conhecimentos sem previsão de aplicação prática, sendo geralmente desenvolvida em laboratórios utilizando cultura de células, tecidos humanos, modelos animais como ratos e camundongos ou plantas. Todo o processo de desenvolvimento de um medicamento é dividido em 5 fases, subdivididas em uma fase pré-clínica que envolve ensaios em laboratório e em animais de experimentação e quatro fases clínicas que envolvem ensaios em seres humanos conforme o quadro abaixo adaptado de Lousana⁸:

Fase	Sujeito	Número de participantes	Objetivo principal
Pré-Clínica	Animais de laboratório	Variável	Verificar os efeitos farmacológicos/terapêuticos e toxicidade em animais.
Fase I	Voluntários sadios	20 a 100	Segurança, farmacocinética e farmacodinâmica.
Fase II	Voluntários enfermos	100 a 300	Segurança, eficácia e dosagem.
Fase III	Voluntários enfermos	300 a 1000	Eficácia comparativa e segurança.
Fase IV	Voluntários enfermos	Mais de 1000	Vigilância farmacológica e comercialização.

Com a atual dinâmica de acesso à informação, a equipe médica e assistencial aguarda a publicação de resultados para a incorporação dos novos medicamentos em sua prática clínica.⁹ As pesquisas biomédicas, diferente de como são retratadas no filme, devem ser conduzidas de acordo com normas, diretrizes e declarações, tanto nacionais quanto internacionais¹⁰. Essas diretrizes éticas estão em constante evolução, motivadas

7 MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.

8 LOUSANA, Greyce. *Pesquisa Clínica no Brasil*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

9 LACATIVA, Paulo Gustavo Sampaio *et al.* Perfil de sujeitos de pesquisa clínica em um centro ambulatorial independente. *Ciênc. saúde coletiva*. vol.13, n.3, 2008, p. 1023-1032.

10 Nacionais: Resoluções da ANVISA (RDC Nº 39, RDC Nº 26, RDC Nº 305, RDC Nº 68, RDC Nº 222, Instrução Normativa n.º 4,); Resoluções CNS/CONEP (n.º 196, n.º 251, n.º 292, n.º 301, n.º 340, n.º 346, n.º 347, n.º 370, n.º 370, n.º 404, n.º 421).BRASIL. Sistema de Legislação em Saúde. Disponível: http://portal2.saude.gov.br/saudelegis/LEG_NORMA. http://portal2.saude.gov.br/saudelegis/LEG_NORMA_PESQ_CONSULTA.CFM_PESQ_

por mudanças sociais e culturais de acordo com as necessidades locais e com os padrões de pesquisa¹¹.

A ética em pesquisa, bem como a ética profissional¹², distingue ações corretas de incorretas com base em um código de aspectos fundamentais e comuns, como a proibição de não adulterar as etapas da pesquisa, não manipular resultados nem a sua publicação, não plagiar (copiar) e não se apropriar de bens materiais ou intelectuais. Estes aspectos se relacionam com a integridade do trabalho científico e também com a confiabilidade do que é produzido⁴. Hoje, devido ao trabalho de instituições reguladoras tais como a CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), os CEPs (Comitês de Ética em Pesquisa) e a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), que atuam de modo a garantir o cumprimento das normas éticas, pesquisadores, hospitais, laboratórios e indústrias passaram a conduzir seus estudos conforme as normas vigentes.

A película retrata a realização de práticas em pesquisa condenáveis do ponto de vista ético: a ausência do termo de consentimento livre e esclarecido, a omissão aos sujeitos sobre a pesquisa e seus procedimentos e sobre os riscos e benefícios, a falta de estrutura para realização de qualquer procedimento de saúde, a forma condicional que a participação do estudo estava relacionada aos benefícios de saúde, o desinteresse dos profissionais com o bem-estar, a privacidade, a dignidade, a integridade e os interesses daqueles indivíduos. Estas práticas irregulares fazem com que a pesquisa clínica seja vista com olhos desconfiados, principalmente em países de terceiro mundo.

No decorrer do século XX, a evolução tecnocientífica foi tão significativa que o método científico não poderia ser aplicado sem a devida avaliação entre risco e benefício. Segundo Beecher¹³, muitos estudos do passado

CONSULTA.CFM. Acesso em agosto de 2014. Internacionais: Código de Nuremberg, Declaração de Helsinque, Relatório Belmont, Diretrizes Internacionais para Pesquisa com Seres Humanos (guia para boas práticas clínicas, gravações eletrônicas, assinaturas eletrônicas, desfechos financeiros em investigação clínica, segurança e manutenção de dados clínicos, considerações gerais de ensaios clínicos). U.S. DEPARTMENT OF HEALTH & HUMAN SERVICES. Nuremberg Code. Helsinki Declaration. Belmont Report. Disponíveis em: <http://www.hhs.gov/ohrp/index.html>. Acesso em agosto de 2014. CONSELHO DE ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS DE CIÊNCIAS MÉDICAS (CIOMS). Diretrizes éticas internacionais para a pesquisa biomédica em seres humanos. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

11 DINIZ, Débora; SUGAI, Andréia; GUILHEM, Dirce; SQUINCA, Flávia. *Ética em pesquisa temas globais*. Brasília: Letras Livres: Editora UnB, 2008.

12 Todas as profissões da área saúde estão vinculadas a regras de ética profissional, ou seja, elas estão relacionadas a regulamentos de caráter normativo e jurídico que determinam sua natureza e seus limites.

13 BEECHER HK. Ethics and clinical research. *The New England Journal of Medicine*, v. 274, n. 24, 1966, p. 1354-1360.

não receberiam aprovação nos dias atuais, graças ao trabalho de avaliação dos comitês de ética locais, nacionais, internacionais e dos próprios patrocinadores¹⁴.

O ponto central da trama reside no rompimento dos parâmetros éticos, alguns dos quais foram citados anteriormente, e que hoje norteiam a ética em pesquisas clínicas, o que nos leva a pensar que o assassinato brutal da personagem Tessa (Rachel Weisz) representa a morte de todos os sujeitos inocentes que foram submetidos involuntária e experimentalmente a estudos antiéticos. No que tange à vulnerabilidade dos sujeitos nesse tipo de estudo, a ética em pesquisa tem como função prioritária proteger o participante, um indivíduo que se submete voluntariamente a um risco, que tem contato freqüente com condições de vulnerabilidade seja por razões sociais – pobreza, subnutrição – ou por portar uma doença que pode ou não ser motivo de recrutamento para o estudo.

O bem estar dos participantes de pesquisa deve prevalecer sobre os interesses da ciência e da sociedade, ou seja, os bens internos protegidos pela bioética terão prioridade sobre os bens externos ponderados pela ética profissional⁸.

A Declaração de Helsinque¹⁵ estabelece que a pesquisa deve atender as necessidades da população estudada e beneficiá-las com os resultados encontrados, o que torna injustificável e incoerente a realização de estudos de fase II e III em países desenvolvidos já que nestes locais há eficácia no sistema de saúde e disponibilidade de medicamentos para a população. Entretanto, a maioria das pesquisas biomédicas são predominantemente motivadas pelo ganho de comunidades já beneficiadas, estimando-se que 90% dos recursos destinados à pesquisa na área de saúde são aplicados a doenças que causam menos que 10% da morbidade mundial¹⁶. Portanto, muitas vezes o que determina as prioridades não são as necessidades de uma população, e sim o mercado com regras mais favoráveis aos países desenvolvidos¹⁷, onde moram aqueles que são vistos pela indústria como consumidores.

Ao contrário das práticas retratadas no filme, quando se fala em experimentação envolvendo seres humanos devemos verificar os interesses do sujeito de pesquisa e o interesse da ciência, levando em consideração

14 NORMAN Fost. *Ethical issues in clinical research on fracture prevention in patients with osteoporosis*. Journal of Bone and Mineral Research 2003; 18:1110-1115.

15 WORLD MEDICAL ASSOCIATION - WMA. *Declarations of Helsinki: ethical principles for medical research involving human subjects*. Ferney-Voltaire (France); 2000.

16 WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. *Operational guidelines for ethics committees that review biomedical research*. Geneva; 2000. (TSR/PRD/ETHICS/2000.1).

17 GARRAFA V, Porto D. *Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção*. Mundo Saúde. 2002; 26(1):6-15.

potenciais benefícios sociais¹⁸. Atualmente ainda paira uma sombra sobre os estudos antiéticos, dificultando a realização de pesquisa com medicamentos em países em desenvolvimento. Ainda que na obra de ficção não exista qualquer respeito e proteção aos sujeitos de pesquisa envolvidos no estudo, é possível, devido a muitas discussões e denúncias de absurdos ocorridos em experimentação científica, fazer pesquisa clínica eticamente.

A legislação brasileira que regulamenta a pesquisa clínica pode ser comparada com as legislações existentes em países pioneiros em conduzir estudos clínicos. Esta legislação, associada à competência dos pesquisadores e centros de pesquisa fazem do Brasil um país de destaque na América Latina. Em 1977, a FDA¹⁹ estabeleceu auditorias como rotineiras em estudos clínicos. Este programa, que inclui o Brasil, envolve auditorias nos centros de pesquisa, patrocinadores, laboratórios pré-clínicos, laboratórios clínicos e Comitês de Ética. Os principais objetivos destas auditorias são: proteger os direitos e o bem-estar dos sujeitos que participam de estudos clínicos e verificar a integridade e a qualidade dos dados submetidos²⁰. Como principais instâncias regulatórias nacionais, podemos citar a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs). A publicação da Resolução 196/1996 pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) foi, sem dúvida, um avanço para que o Brasil se consolidasse na pesquisa clínica nacional e internacionalmente e tornou-se um marco na história fazendo com que tivéssemos uma normatização alinhada aos padrões internacionais. Sua versão mais recente, a resolução 466/2012, fez adequações às necessidades e demandas da pesquisa visando, dentre outros aspectos, à proteção, à segurança, ao bem-estar e à dignidade do sujeito de pesquisa.

Para discussão:

1. Além dos aspectos éticos da pesquisa clínica abordados no artigo, o filme retrata uma dura realidade socioeconômica e a forma injusta com que ela é imposta. Refletindo sobre a esfera social desta população e pensando de forma global, ajudar uma população desfavorecida economicamente é uma questão de caridade ou de justiça?

18 CABRAL, Marta Maciel Lyra; SCHINDLER, Haiana Charifker e ABATH, Frederico Guilherme Coutinho. Regulamentações, conflitos e ética da pesquisa médica em países em desenvolvimento. *Rev. Saúde Pública*. vol.40, n.3, 2006, p. 521-527.

19 *Food and Drug Administration* – Agência regulatória norte-americana equivalente à ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) no Brasil.

20 LOUSANA, Greyce. Pesquisa Clínica no ..., p.121.

2. Ao longo do filme, em diversos momentos, os direitos dos sujeitos de pesquisa foram violados. Tente identificar o maior número possível de violações. Justifique por que entende que houve violação de direitos nestas situações.

Sugestões de leitura:

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. Rigor e Integridade na Condução da Pesquisa Científica. Guia de Recomendação de Práticas Responsáveis. Disponível em: <http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-4311.pdf>.

BRASIL. ANVISA. RDC n.º 39/2008. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/medicamentos/pesquisa/legis.htm>.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html.

LAHEY . T. The ethics of clinical research in low- and middle-income countries. Handbook of Clinical Neurology. 118:301-13. 2013. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24182387>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *O jardineiro fiel*

Título original: *The constant gardener*

País de origem: Alemanha/Reino Unido

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 129 minutos

Ano: 2005

Direção: Fernando Meirelles

Coma: confrontando o ensino de anatomia humana e pesquisas

Giovana Tavares dos Santos²¹

Nádia Nara Tavares dos Santos²²

Claudia Giuliano Bica²³

Há estudos e conhecimentos anatômicos do corpo humano que datam de 500 a.C. e se dão pela dissecação em animais. No período de Hipócrates surgiram textos sobre a anatomia do ombro baseados igualmente em dissecações. Já a partir de 150 a.C. a dissecação humana foi proibida por razões éticas e religiosas. Percebemos uma quebra de paradigma no estudo de corpos humanos. As normas e diretrizes éticas foram surgindo gradativamente, conforme as mudanças sociais e as necessidades da ciência.

Coma, de Mikael Solomon, é um filme ficcional que nos permite discutir, especialmente a partir de algumas passagens, a postura antiética em relação à pesquisa científica. Novos residentes de cirurgia ingressam em um grande hospital, dentre eles, Suzan, que é neta de um grande médico do mesmo hospital. Suzan assistiu uma palestra, em que o professor de Anatomia, afirmava que sempre existirão dois tipos de médicos, aqueles que cuidam dos doentes e aqueles que procuram todos os tipos de cura. Isso despertou a vontade da garota em conhecer o Instituto Jeferson, local que cuidava dos pacientes que, após procedimentos cirúrgicos não satisfatórios, entravam em coma.

Em função de sua insistente curiosidade, Suzan interrogou um médico integrante da equipe de uma das cirurgias, que terminou com o paciente em coma e é então sua atenção é chamada por Dr Nelson, chefe do Comitê de Ética. A partir desta repreensão, Suzan solicitou ajuda ao Dr. Mark Bellows, seu chefe, e nesta ocasião lhe contou detalhes sobre suas suspeitas a respeito do número de pacientes em coma, desconfiando de uma possível venda de órgãos. Neste ponto podemos questionar sobre a importância das leis que tratam do transplante de órgãos, para que não ocorra comércio de órgãos. Outro ponto que pode ser levantado, são os critérios para a barriga de aluguel, assunto em evidência na mídia nacional. Uma questão que, mesmo com a legislação clara e específica, continuam ocorrendo em inúmeros casos, quando mulheres alugam seus úteros

²¹ Bióloga (URI). Mestre em Patologia (UFCSPA). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Patologia (UFCSPA).

²² Licenciada em Pedagogia (URI), especialista em Orientação Educacional. Orientadora Educacional (Secretaria Estadual de Educação/RS).

²³ Doutora em Patologia (UFCSPA). Professora do Departamento de Ciências Básicas da Saúde (UFCSPA).

ilegalmente e cobram caro por este serviço.

Entretanto, como observamos no próprio filme, Dr. Mark Bellows a convenceu de que o retorno financeiro seria muito menor do que o incômodo. Uma das médicas do Hospital desenvolve sigilosamente um projeto que busca identificar um gene²⁴ associado ao Alzheimer no Instituto Jefferson, local este, que comercialmente anuncia ser especializado em cuidar de pacientes em estado vegetativo.

Suzan acabou sendo chamada para uma reunião, na qual lhe foram mostrados os meios ilegais que ela estava utilizando para acessar as informações dos pacientes que receberam alta em coma. Em meio à trama, Dr Starker, importante médico, chefe da cirurgia, interrompeu a reunião e apoiou a garota, afirmando que a moça, de fato, identificara um grande problema do Hospital. Portanto, parece que Dr Starker é um dos poucos que não participa do que ocorre ilegalmente no Hospital, e que Suzan está descobrindo aos poucos.

Suzan finalmente conseguiu acesso ao Instituto Jefferson e junto com um grupo de visitantes começou a observação, percebendo então que o que parecia um instituto de repouso e de cuidados era na verdade, um local de “armazenamento” de pessoas para pesquisas. Suzan afastou-se do grupo, adentrando em um local que parecia um setor industrial, em que os corpos envoltos por uma membrana metálica, transitavam em esteiras, porém, antes que pudesse observar toda a rotina, a garota, acabou detida pelos seguranças, e entregue à dona do Instituto, que lhe contou o que acontecia lá, mas argumentou que os internados não sentiam dor.²⁵

Em outra reunião sobre o projeto de Alzheimer, os integrantes discutem a necessidade de mais uma paciente para integrar o grupo de teste,

24 No Brasil existem normas que devem ser aplicadas nas pesquisas, a mais recente é a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, 196/1996 também do Conselho Nacional de Saúde, além de observar o Código Civil. As normas acima reportam a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para utilização de qualquer material biológico de outrem, constando as orientações nas normas supracitadas. BRASIL. Conselho Nacional de saúde. *Resolução n.º 166 de 10 de outubro de 1996*. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf. Acesso em agosto de 2014 e BRASIL. Conselho Nacional de saúde. *Resolução n.º 466 de 12/12/2012*. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

25 Cabe lembrar alguns dos princípios da bioética (autonomia, não-maleficência, beneficência, justiça), onde apesar da questão ilegal que ocorre por trás da trama, em função da indução de pacientes selecionados ao coma, a dona do Instituto Jefferson embasou-se no princípio de causa, afirmando ser um mal menor aos pacientes internados, sendo que a partir das pesquisas e resultados obtidos, beneficiariam muitas pessoas, mas com certeza infringiu os demais princípios éticos, como autonomia e justiça. GOLDIM, JR. Princípios Éticos. Disponível em <http://www.ufrgs.br/bioetica/princip.htm>. Acesso em agosto de 2014.

mas temem a possibilidade de ter de passar pelo comitê de ética²⁶, o que vêm com certo temor, uma vez que o projeto era ilegal, já que o grupo selecionava os pacientes e os induzia ao coma para poder dar continuidade aos seus estudos. A partir desta situação podemos discutir os diversos entendimentos frente aos conceitos de aspectos éticos e aspectos legais²⁷, considerando que, dentre diversas definições para o termo “ética”, há a que afirma ser um conjunto de princípios que norteia um grupo em particular. De acordo com o Código Penal, levando-se em consideração o princípio da legalidade, deve existir uma lei prévia, que, ao ser infringida, torna uma atividade ilegal, concluindo-se que não existe crime sem lei anterior.

Ao final do filme, a garota encontrou no próprio Instituto Jefferson, para sua surpresa e decepção, o professor de Anatomia, e descobriu que quem inventou o laboratório “clandestino” de pesquisa foi seu próprio avô. Essa passagem nos permite discutir a transmissão de valores, em que o professor tem potencial para atingir seus alunos, sendo um momento ideal para abordagem destes temas difíceis, tais como a ética, ética em pesquisa, e o limite da ambição do pesquisador frente à autonomia do paciente. Questionamos também a evolução que ocorreu na ciência a partir de muitas pesquisas ilegais que acabaram gerando diversos produtos tais como vacinas e tratamentos.

Assim como se argumenta no filme, que há alguns anos utilizavam-se cadáveres retirados do cemitério para o estudo da Anatomia, circunstância que hoje seria ilegal, conforme o Código Civil de 2002, mas no momento em que isso ocorria, era o recurso e instrumento disponível. Ou seja, a partir da evolução, circunstâncias que hoje são adequadas, poderão cair em desuso ou passarem a ser recriminadas. Estão disponíveis entre as sugestões de leitura, algumas normas que tratam da pesquisa envolvendo seres humanos, bem como orientações para aplicabilidade da pesquisa clínica além de normativas para uso e armazenamento de material biológico, temas abordados no corrente filme.

Segundo a Sociedade Brasileira de Anatomia (SBA)²⁸, há alguns anos as universidades²⁹ brasileiras enfrentam dificuldades para obter corpos para

26 GOLDIM, JR. Código de Nuremberg. Tribunal Internacional de Nuremberg – 1947. Disponível em <http://www.ufrgs.br/bioetica/nuremcod.htm>. Acesso em agosto de 2014.

27 GOLDIM, JR. Ética. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/etica.htm>. Acesso em agosto de 2014. BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei n.º 2.848, 07/12/1940. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em agosto de 2014.

28 Sociedade Brasileira de Anatomia. Disponível em: <http://www.sbanatomia.org.br/>. Acesso em agosto de 2014.

29 Atualmente os cadáveres chegam às universidades brasileiras por duas vias: por meio do Instituto Médico Legal (IML), no caso de cadáveres não reclamados por familiares ou

estudo, sendo amparada por lei que trata da doação em vida, e a utilização de corpos não reclamados conforme destacado no texto Pesquisa em Cadáveres³⁰. Entre os motivos estariam o aumento no número de faculdades, e a progressiva diminuição de cadáveres não reclamados, além da falta de informação das pessoas sobre a possibilidade de doação do próprio corpo. Alternativamente, a tecnologia vem suprindo este problema a partir da criação de bonecos sintéticos, com características cada vez mais semelhantes a um corpo humano. Livros, réplicas e programas de computador em 3D também são valiosos recursos educacionais³¹ que podem ser utilizados nas aulas teóricas, mas, dependendo do curso, é importante o contato direto com corpos humanos para os estudantes.

Para discussão:

1. Pense em aspectos éticos e legais que devem ser levados em consideração quando das pesquisas acadêmicas e científicas. Liste dilemas morais e eventuais soluções para tais dilemas.
2. Levando em consideração os resultados das pesquisas científicas, discuta de modo os resultados poderiam ser tomados como mais relevantes do que a moralidade do processo. Pense em casos reais e na reação pública à revelação carregada de violações de direitos.
3. A ambição do indivíduo lhe faz, por vezes, ir contra princípios morais em prol de alguma questão que lhe parece mais importante de ser resolvida. Discuta sobre a importância da legislação para manter as práticas em pesquisa conforme a moralidade média.

Sugestões de leitura:

BRASIL. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 251 de 07/08/1997. Normas de pesquisa envolvendo seres humanos para a área temática de pesquisa com novos fármacos, medicamentos, vacinas e testes diagnósticos. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/>

amigos. De acordo com a Lei n.º 8.501, de 30 de novembro de 1992, esses corpos podem ser utilizados para o ensino e pesquisa. Outro meio para que os cursos de saúde recebam cadáveres é por doação. Qualquer pessoa, com mais de 18 anos, pode determinar em vida que seu corpo seja entregue a uma instituição de ensino com o preenchimento de uma declaração simples, reconhecida em cartório, e com o prévio contato feito com a instituição para a qual o corpo será encaminhado. Se após a morte não houver documento que comprove a intenção, a decisão cabe à família. BRASIL. Lei n.º 8.501 de 30 de novembro de 1992. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8501.htm. Acesso em agosto de 2014.

30 GOLDIM, JR. *Pesquisa em Cadáveres*. Disponível em <http://www.bioetica.ufrgs.br/pesqada.htm>. Acesso em agosto de 2014.

31 Outro meio que minimiza a utilização, neste caso, de animais para a pesquisa, é em primeira instância a utilização da metodologia através do cultivo celular *in vitro*.

saudelegis/cns/1997/reso251_07_08_1997.html.

BRASIL. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 441 de 12/05/2011. Armazenamento e à utilização de material biológico humano com finalidade de pesquisa. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2011/Reso441.pdf>.

SARLET, IW & PETTERLE, SR. Liberdade de pesquisa como direito humano e fundamental e seus limites: a pesquisa com seres humanos e os parâmetros humanos e os parâmetros protéticos estabelecidos pelo direito internacional e sua recepção no Brasil. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/espacojuridico/article/view/3586/2548>.

Sobre o filme:

Título original do filme: *Coma*

Título no Brasil: *Coma*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: ficção e suspense

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 159 minutos

Ano: 2012

Direção: Mikael Solomon

Augustine: gênero, loucura e poder psiquiátrico

Éder da Silveira³²

Luciana Lopes Corrêa³³

Michel Foucault nos ensinou, em *A vida dos homens infames*, a ler um arquivo e nele encontrar vidas que, se não fossem atravessadas pelo poder, teriam sido esquecidas pela história. Vidas de assassinos, de adúlteras, de padres acusados de sodomia. São pessoas cujas histórias estariam fadadas ao esquecimento. Não viveram vidas exemplares, não deixaram marcas que se encaixem nos anseios morais daqueles encarregados do trabalho de memória. Segundo Foucault:

O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder. De modo que é, sem dúvida, para sempre impossível recuperá-las nelas próprias, tais como podiam ser “em estado livre”; só podemos balizá-las tomadas nas declamações, nas parcialidades táticas, nas mentiras imperativas supostas nos jogos de poder e nas relações com ele.³⁴

No tocante a loucura, os registros de próprio punho costumam ser mais fugidios. Abundam escritos sobre os loucos, sendo mais escassos os escritos de próprio punho. É o caso de Augustine, assim como o é com relação às milhares de histéricas que tiveram as suas vidas atravessadas pelo poder, levadas aos hospitais psiquiátricos. No tocante ao texto que ora apresentamos, interessam os rastros que foram deixados das mulheres que foram levadas ao *Hôpital de la Salpêtrière*, em Paris, diagnosticadas como histéricas. Em especial a mais famosa delas, Augustine.

A histeria, a figura da mulher histérica tal como a pensamos até há pouco tempo, em que pese a história dessa doença remeter à Grécia antiga, foi inventada nos pavilhões do Salpêtrière, pela equipe comandada

32 Professor de História (UFCSPA). Doutor em História (UFRGS) e pós-doutor em História (USP).

33 Bacharelada em Psicologia (UFCSPA).

34 FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 209.

pelo neurologista francês Jean-Martin Charcot. Nesses pavilhões, Charcot conviveu com um número expressivo de histéricas, as apresentou nas reuniões das quartas-feiras aos médicos, estudantes e curiosos e procurou tratá-las. Delas permaneceram registros minuciosos, talvez as mais completas descrições da “cena histérica” e um volume expressivo de fotografias.

Na enfermaria do hospital, que ironicamente ocupa o prédio que foi criado como uma fábrica de pólvora e utilizado no século XVIII como prisão para prostitutas, tendo ainda nessa época servido para encarcerar doentes mentais e criminosos e que, após a Revolução Francesa, passou a ser utilizado como asilo e hospital psiquiátrico para mulheres. Como lugar de encarceramento e de invenção da histeria. Charcot, reconhecido como um dos pais da neurologia moderna, lutava pelo reconhecimento da histeria e experimentava tratamentos de variada natureza, dentre eles, a hipnose.

Dentre as milhares de mulheres que passaram pelo Salpêtrière, Augustine se tornou uma figura emblemática. Não conhecemos a “voz de Augustine”, sabemos aquilo que sobre ela foi escrito. Nas descrições conhecidas da paciente, nos prontuários e nas publicações do Salpêtrière, encontramos uma menina de 14 anos, trazida ao hospital após uma crise histérica. Especulou-se que fosse vítima de algum tipo de violência sexual.

Passados cinquenta anos, voltamos a encontrar Augustine, agora reinventada pelo sarcasmo dos surrealistas Louis Aragon e André Breton:

Nós, os surrealistas, iremos celebrar aqui o cinquentenário da histeria, a maior descoberta poética do fim do século XIX, e isso no exato momento em que o desmembramento do conceito de histeria parece algo consumado. Nós, que amamos estas jovens histéricas mais do que qualquer outra coisa, cujo tipo perfeito nos é oferecido pela observação relativa à deliciosa x.l (Augustine), que entrou no Salpêtrière sob os cuidados do Doutor Charcot em 21 de outubro de 1875, com a idade de 15 anos e meio, como nós seríamos tocados pela laboriosa refutação de transtornos orgânicos cujo processo seria apenas aos olhos dos próprios médicos aquele da histeria?³⁵

35 ARAGON, Louis, BRETON, Andre. Le Cinquenaire de L'Hystérie. *La Révolution surréaliste* 11 (Mars 1928), p. 20. No original: “Nous, Surréalistes, tenons à célébrer ici le cinquantenaire de l'hystérie, la plus grande découverte poétique de la fin du XIXe siècle, et cela au moment même ou le démembrement du concept de l'hystérie paraît chose consommée. Nous qui n'aimons rien tant que ces jeunes hystériques, dont le type parfait nous est fourni par l'observation relative à la délicieuse x. l. (Augustine) entrée à la Salpêtrière dans le service du dr charcot le 21 octobre 1875, à l'âge de 15 ans 1/2, comment serions-nous touchés par la laborieuse réfutation de troubles organiques, dont le procès ne sera jamais qu'aux yeux des seuls médecins celui de l'hystérie?”

Em meio às críticas tingidas de ironia dos surrealistas Breton e Aragon, que tratam a histeria como uma invenção poética do século XIX (posição compreensível se levarmos em conta a posição política dos autores), surge Augustine como uma jovem “deliciosa”. A volúpia percebida pelos surrealistas em Augustine pode ser uma espécie de atração pela sua imagem, pela visível perturbação que podemos perceber em suas fotos e pelo fascínio que a figura feminina e, especialmente, a loucura feminina exercia, especialmente sobre Breton.³⁶

Como a pequena menção dos surrealistas à essa fascinante personagem, feita com intenções políticas, O filme *Augustine*, de Alice Winocour (2012), é um novo desdobramento dessa produção de narrativas sobre essa personagem. Mais do que sobre ela, sobre a condição feminina, sobre a medicina e a loucura no século XIX.

A história de Augustine é narrada no filme de Winocour, se considerarmos a documentação conhecida, de forma bastante livre, em uma interpretação de corte feminista. A nossa intenção não é discutir a fidelidade do filme à Augustine real, até porque acreditamos que essa empreitada não é possível. Mais produtivo será procurar compreender algumas das escolhas da diretora e apontar sobre os potenciais usos desse filme com vistas a fomentar um debate sobre bioética.

O filme começa com a jovem trabalhando em um jantar na casa em que é empregada. Enquanto serve às pessoas, é destacada uma ambiguidade: por um lado, sua roupa é fechada até o pescoço e sua presença deveria ser quase invisível; por outro, não consegue sair da sala de jantar sem antes perceber o olhar ostensivo de um dos convidados. A sugestão, o clima de violência sexual é tratado de forma implícita. Augustine volta para a cozinha e começa a sentir certa rigidez na mão direita. Não pode dar atenção a isso, todavia, pois o jantar continua. Seu mal-estar só é percebido quando, com um grito, ela cai e no chão, contorcendo-se. Os convidados apenas a observam, assustados. A crise só acaba quando a dona da casa joga-lhe um jarro d'água. Augustine volta a ficar consciente, mas sua pálpebra direita está paralisada.

No dia seguinte, Augustine é mandada ao hospital. Durante a primeira anamnese, ela conta que já teve outras crises, que tem dezenove anos, que trabalha desde os quatorze.³⁷ O médico pergunta se ela trouxe suas coisas, e comunica que ela permanecerá internada para fazer alguns

³⁶ Pouco tempo depois da publicação do texto comemorativo do cinquentenário da histeria, Breton publicou Nadja, romance onde a figura feminina e a loucura estão presentes.

³⁷ Aqui, é preciso fazer um destaque. Augustine entrou no Hospital com idade entre os 14 e 15 anos. Talvez a intenção fosse dar mais maturidade à personagem, o que permitiria dar mais verossimilhança ao desenho dado ao caráter de Augustine que se vê na sequência do filme.

exames. Diz que não sabe por quanto tempo e, quando perguntado sobre qual é o possível problema, não chega nem a responder. Augustine, enquanto é levada para o refeitório, é informada sobre as dinâmicas do hospital: é permitido circular pelos corredores, mas é proibido sair de lá. Essa regra expressa como a maioria das doenças eram tratadas na época, isto é, com total isolamento.

No dia seguinte ao da sua internação, ela é levada para um aglomerado de mulheres em frente a uma porta. Quando é aberta, um outro grupo sai falando sobre alguém chamado Charcot. Um novo grupo é chamado, e as mulheres se apressam para entrar. Augustine também entra, e observa um estudo de caso. É Charcot que está ali, analisando uma paciente na frente de todas as outras que acabaram de entrar, além de alunos sentados em uma bancada. Nada é explicado para a paciente, mas isso não é o que mais chama a atenção. O que é difícil de passar despercebido é quando, no observar a paciente seguinte, Charcot conclui que a paciente está com problema no peito e, para seus alunos, diz que ela não durará muito tempo. Depois, para a paciente, diz que ela pode se vestir. Assim acaba a “consulta”, da mesma forma que todas daquele dia. As mulheres que haviam entrado, na esperança de serem examinadas por Charcot, precisam sair, esperar a próxima oportunidade. A partir de então, Augustine percebe quem está no topo da hierarquia do hospital. Não sabe que mal a acomete, não sabe por quanto tempo ficará internada, mas sabe que é Charcot que pode ajudá-la.

Aqui, é preciso destacar um ponto problemático. A autora apresenta pacientes com um elevado grau de consciência, dispostas a fazer jogos para chamar a atenção de Charcot. É sugerida, especialmente no caso de Augustine, bastante maturidade. No de Charcot, ingenuidade. Se levarmos em consideração o relato de Bourneville, no tocante à paciente, não era o caso, até mesmo por vir de uma situação traumática.³⁸ Na economia do filme e na caracterização que a diretora procura fazer de Augustine, o recurso é necessário. Em diversas situações ela deseja mostrar que é ela quem dá as cartas na relação com Charcot, o que não deixa de ser curioso, uma vez que os registros sequer indicam que ele a tenha examinado.

Segundo a história contada por Winocour, no entanto, Charcot conhece Augustine quando esta tem uma crise na cozinha do hospital. A partir de então, decide que irá estudar o seu caso mais de perto, por ser semelhante às descrições feitas anteriormente sobre casos de histeria. Em um dos primeiros exames realizados, o médico atravessa o braço da paciente com uma agulha, para garantir que a sensibilidade do lado di-

38 STONE, Alan A. Augustine. *Psychiatric Times*, November 14, 2013. Disponível em: <http://www.psychiatrictimes.com/film-and-book-reviews/augustine>. Acesso em agosto de 2014.

reito do corpo estava nula. Augustine se assusta, pergunta se Charcot vai conseguir curá-la, por que ela não sente o próprio braço, mas o médico não responde a nenhuma de suas perguntas, dispõe de seu corpo e não oferece qualquer explicação. O diálogo fica restrito a um dos alunos e a Charcot, que falam sobre ela não menstruar. Nessa situação percebemos o nível do vínculo que ele estabeleceu com a jovem: ao invés de perguntar no momento da conversa, ela pergunta depois, para uma das funcionárias do hospital, o que é menstruação. Essa distância aparece em diversas situações, como quando ele a expõe em uma aula, dada a acadêmicos, sem comunicá-la previamente (mesmo desconsiderando a possibilidade se de reduzir as imposições sobre as pacientes, o simples informar já poderia humanizar o atendimento) ou como quando decide que ela ficará vestida durante tal apresentação, apenas porque seria ridículo ela estar nua e de chapéu. Finalmente, durante a aula, ele declara que ela apresenta todos os sintomas de histeria ovariana (questão nunca mencionada à própria Augustine). O objetivo de Charcot, com a mostra, era obter o reconhecimento e o apoio da Academia para seus estudos sobre histeria. Sua meta não era condenável, apenas a forma que ele foi lidando com isso.

No nível de vulnerabilidade em que ela se encontrava, a relação entre os dois poderia ser comparada a de uma criança com um adulto. Sendo assim, seria apropriado que ele mantivesse um padrão de conduta relativamente linear, para que ela entendesse os limites da relação entre os dois. Ela, desde o início, como vimos, coloca-o no papel de detentor de todo o conhecimento. Ele, lidando com mulheres que recebiam pouca atenção, era apresentado como a figura mais importante de suas vidas. Nesse momento, a diretora procura apresentar os limites do distanciamento entre o médico e a paciente.

Winocour procura mostrar que Charcot se deixou influenciar pela presença da sua paciente mais próxima, fazendo com que, diante de nossos olhos, ele passe a oferecer excessiva atenção à Augustine. Mostra também que ela, ao sentir que possuía certa influência sobre Charcot, passa a manipulá-lo. É perceptível a intenção da autora de inverter as posições médico e paciente, homem mais velho e mulher mais jovem, colocando nas mãos de Augustine o controle da situação. A importância dramática dessa inversão é compreensível. Do ponto de vista da história da saúde e da bioética, trata-se de uma inversão que pouco nos ajuda a compreender como se davam as relações de poder entre médico e paciente, assim como o debate sobre gênero, temas tão importantes na discussão sobre a saúde.

Bem pesadas, as coisas, os deslizes e as opções da diretora não são o ponto mais importante. Merecem ser discutidos. No momento que vive-

mos e no qual o filme foi realizado, parece ser mais fácil imaginar a construção de enredos que mostrem as fissuras do modelo manicomial sob o ponto de vista do gênero. Trata-se de mais uma camada de tinta lançada sobre esse velho palimpsesto. O filme é, pensando em seu aproveitamento em sala de aula, uma bela porta de entrada para a discussão das relações médico e paciente e dos aspectos éticos nelas envolvidos.

Para discussão:

1. De que modo a mulher oitocentista é retratada no filme? Como são representados os diferentes papéis por ela representados, por exemplo, burguesa, empregada, paciente?
2. Discuta a forma mediante a qual é representada a relação médico e paciente no filme.

Sugestões de leitura:

APPIGNANESI, Lisa. *Tristes, Loucas e Más*. A história das mulheres e seus médicos desde 1800. São Paulo: Record, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *La invención de la histeria*. Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière. Madrid: Cátedra, 2007.

TRILLAT, Etienne. *História da histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Augustine*

Título original: *Augustine*

País de origem: França

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 102 minutos

Ano: 2012

Direção: Alice Winocour

AIDS, preconceito e tratamento em *Clube de compras Dallas*

Alana Durayski Ranzi³⁹

Giovana Tavares dos Santos⁴⁰

Rosicler Luzia Brackmann⁴¹

Claudia Giuliano Bica⁴²

O filme se baseia em fatos reais que aconteceram na década de 1980 e conta a história de Ronanald Woodroof, um típico cowboy texano, machista e fanfarrão, que teve relações sexuais com muitas mulheres, sem proteção, além de usar álcool e drogas ilícitas de modo abusivo. Sua vida foi abalada e entrou em franca decadência, após descobrir que havia contraído HIV, lembrando que HIV:

é uma sigla, em inglês, que representa o vírus da imunodeficiência humana, que ao contaminar o indivíduo, pode causar a AIDS, que ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. É importante lembrar que estar contaminado pelo HIV não é sinônimo de ter a AIDS, e existem muitos indivíduos soropositivos que vivem anos sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença. Entretanto, mais importante ainda é orientar para a prevenção, através de relações sexuais protegidas, o não compartilhamento de seringas, e o cuidado de mãe para filho durante a gravidez e a amamentação.⁴³

Muito pouco se sabia sobre a doença, no período em que se passa o filme, e o portador era geralmente tratado de modo preconceituoso uma vez que a tratavam como uma doença de homossexuais. A doença disseminou-se também entre heterossexuais. O filme conta a história de um homem heterossexual que busca incansavelmente por melhor qualidade de vida, que foi obtida com um “coquetel” que hoje permite aos portadores do HIV boas condições de vida. O coquetel é oferecido de forma gratuita, pelo governo brasileiro, entretanto a questão da transmissão deve ser reforçada, apesar de o tratamento reduzir em 92% a probabilidade de transmissão do vírus.

39 Bacharela em Biomedicina (ULBRA). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Patologia (UFCSPA).

40 Bióloga (URI). Mestre em Patologia (UFCSPA). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Patologia (UFCSPA).

41 Licenciada em Ciências Biológicas (PUCRS). Mestre em Ciências Pneumológicas (UFRGS). Bióloga da ISCMPA e HCPA.

42 Doutora em Patologia (UFCSPA). Professora do Departamento de Ciências Básicas da Saúde da UFCSPA.

43 BRASIL. *O que é HIV*. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv>. Acesso em agosto de 2014.

Ron trabalhava como eletricista e após um acidente de trabalho foi levado ao hospital da cidade, onde foram realizados exames de sangue, momento este em que lhe comunicam o diagnóstico de HIV, durante o atendimento médico. A equipe médica teve uma postura distante. Na época, ainda sem muito conhecer sobre a doença, fazem uso de máscaras e sequer tocam no paciente. Junto com o diagnóstico, a equipe médica lhe informou que, em virtude da sua condição clínica, teria um mês de vida. Nos trinta dias seguintes, mesmo sofrendo e revoltado, se interessou e tentou compreender sua doença.

Ron contou a um de seus amigos, sobre seu diagnóstico, e não diferentemente da maioria da população na época, o amigo passou a lhe desprezar e a tratá-lo com preconceito. Ron, apesar de homofóbico, aceitou ajuda dos próprios homossexuais que também eram portadores do vírus, para ir em busca de alguma solução, ou, ao menos, ter melhor qualidade de vida durante o tempo que lhe restasse. Neste contexto de discriminação, pode-se debater a questão da superação dos preconceitos, uma vez que, mesmo sendo homofóbico, passa a conviver com homossexuais para ter mais força em seus negócios. O convívio não decorre de mero interesse comercial e estabelecem-se relações de afeto.

Woodroof buscou mais informações sobre a doença em estudos científicos e se interessou por medicamentos em teste. O mesmo hospital onde Ron recebeu seu diagnóstico de HIV positivo estava fazendo parte de um estudo clínico duplo cego em fase III, para tratar pacientes com HIV, oferecendo-lhes altas doses de azidotimidina⁴⁴ (AZT). Os protocolos de pesquisa adotados em relação ao AZT são questionáveis do ponto de vista ético. Em função dos interesses da indústria farmacêutica, uma etapa foi ignorada, o que acarretou em muitas mortes devido a efeitos tóxicos do uso medicamento.

Inicialmente Ron comprava ilegalmente de um funcionário do próprio hospital grande quantidade de AZT. Após algum tempo o funcionário não conseguiu mais lhe fornecer o medicamento, mas lhe indicou um médico que tratava pessoas no México e que lhe vender a droga. Ao chegar lá, Ron descobriu que o médico havia perdido sua licença, mas mesmo assim estava tratando pacientes em uma clínica clandestina. Este médico suspendeu imediatamente a bomba de AZT que Ron estava ingerindo, lhe informou que estava com pneumonia e um quadro infeccioso, devido

⁴⁴ O AZT (azidotimidina) ou zidovudina é um fármaco utilizado como antiviral. Indicado para o tratamento da AIDS e contágio por *Pneumocystis carinii* (pneumonia). Foi uma das primeiras drogas aprovadas para o tratamento da AIDS no Brasil. Atualmente é usado no tratamento de infecções por HIV em associação com outros medicamentos antirretrovirais. Wikipédia A enciclopédia livre (autoria desconhecida). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zidovudina>. Acesso em agosto de 2014.

ao mau uso da medicação, então substituiu por Zalcitabina (um antiviral menos tóxico que AZT), peptídeo T (proteína não tóxica) e vitaminas, medicamentos estes que não eram aprovados nos Estados Unidos. O médico contou ao Ron que o AZT era muito tóxico e que destruía o sistema imunológico. Nesta fase observamos os dilemas morais que os profissionais da saúde enfrentam, mostrando a quebra do código de Ética profissional, mesmo que em favor do paciente.

Woodroof tratou-se por três meses, retornou aos EUA portando mais de 2 mil cápsulas para seu tratamento, originando assim o seu próprio negócio chamado Clube de Compras Dallas, tendo como sócio Rayon, um travesti HIV positivo, usuário de drogas ilícitas. Comercializavam os medicamentos ilegais aos portadores do vírus, em sua maioria homossexuais, através da adesão de membros que pagavam quatrocentos dólares por mês para terem acesso ao tratamento. Para dar continuidade ao seu negócio, importava medicamentos do México, da China, da Holanda e recorria a médicos que se corrompiam, lhe fornecendo receitas para a compra dos produtos que fortaleciam o sistema imunológico.

Dos pacientes que inicialmente aderiram à pesquisa com AZT, alguns passaram a vender parte de suas cápsulas para os indivíduos que não faziam parte da pesquisa, mas após algum tempo abandonaram esta pesquisa e passaram a ser usuários do medicamento oferecido por Ron, gerando revolta naqueles que seguiam o protocolo de pesquisa, pois perderam seus sujeitos de pesquisa. Sucessivas denúncias das atividades ilegais de Ron fizeram com que fosse perseguido pela Receita Federal e perdesse seu estoque diversas vezes.

Enquanto isso o AZT em altas doses foi aprovado pelo FDA⁴⁵ para tratar pacientes com HIV, e tornou-se a droga mais cara do mercado. Ron não apenas luta contra o uso do AZT, como também busca por novas drogas. Numa de suas viagens, voltou com Interferon⁴⁶, droga trazida do Ja-

45 *Food and Drug Administration*. Órgão governamental dos Estados Unidos, responsável pelo controle dos alimentos, suplementos alimentares, medicamentos (humano e animal), cosméticos, equipamentos médicos, materiais biológicos e produtos derivados do sangue humano, em que qualquer produto novo dentro das categorias supracitadas, necessita passar pela supervisão do FDA. Sendo que deve ser minuciosamente testado e estudado antes de ter a sua comercialização aprovada. É equivalente no Brasil a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). U.S. FOOD AND DRUG ADMINISTRATION. Disponível em: <http://www.fda.gov/AboutFDA/EnEspanol/default.htm>. Acesso em agosto de 2014.

46 Os interferons *Alpha*, *Beta* e *Gamma* são proteínas naturais produzidas pelas células do sistema imunológico em resposta à ameaça de agentes como vírus, bactérias, parasitas e tumores. O Interferon Alpha, sintético, é usado para o combate de muitas doenças virais, como Hepatite C e HIV, porém tem alta toxicidade. A malignidade dessas doenças, faz com que os efeitos colaterais sejam aceitáveis. Wikipédia A enciclopédia livre (autoria desconhecida). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Interferon>. Acesso em agosto de 2014.

pão. Podemos ora discutir questões de corrupção, suborno e violação do código de ética, em prol do paciente e do seu próprio benefício. A comparação entre os tratamentos legalizados e os não-legalizados neste período nos apresenta uma clara tensão entre o bem-estar dos pacientes e os interesses da indústria farmacêutica, que tem poder econômico suficiente para fazer a burocracia estatal trabalhar a seu favor.

Apesar de estar comercializando muitos produtos de forma ilegal, Ron passou a ser visto e tratado com gratidão por parte dos usuários, o que lhe tornou uma pessoa mais amigável. Ron entrou na justiça contra o FDA alegando não poder fazer o uso da medicação necessária para o seu tratamento, porque ela não estava aprovada para comercialização. Após o julgamento, o FDA lhe permitiu obter o peptídeo T para seu uso pessoal. Ronald Woodroof morreu em 12 de setembro de 1992, viveu 7 anos após ser diagnosticado com HIV. Após muitos estudos, foi verificada a toxicidade do AZT. As doses foram diminuídas tornando-se amplamente utilizado em combinações de medicamentos que salvaram milhões de vidas.

Este filme permite abordarmos algumas reflexões quanto a questão ética e moral, tais como as atitudes homofóbicas, lembrando que cada indivíduo possui livre escolha e direito sobre da personalidade, conforme apresentado no Código Civil. Pode-se observar atividades ilegais entre as entidades que estavam envolvidas com a pesquisa, uma vez que existem protocolos de pesquisa, aos quais deve ser seguidas estas etapas, e em um primeiro momento, uma das importantes etapas foi pulada, representando grande mortalidade entre os usuários que passaram a receber a droga experimental.

Podemos abordar ainda, a postura adotada e representada por alguns profissionais da saúde, que se corromperam por dinheiro, vendendo a receita médica. No Brasil, seria consideração infração ao Código de Ética Médica⁴⁷, entretanto nas condições apresentadas no filme, nos leva a questionar-se quanto à autonomia do paciente diante da escolha de seu tratamento, pois nos EUA, há a Constituição Federal e Leis Estaduais com suas especificações, o que permitiu Ron a deslocar-se pelo País, em busca de alguma forma legal em ter autorização para comprar medicamentos que em outros países era autorizado.

47 BRASIL. Resolução do Conselho Federal de Medicina n.º 1931/2009. D.O.U. de 24 de setembro de 2009, seção I, p. 90. Disponível em: http://www.cremego.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21000&Itemid=474. Acesso em agosto de 2014.

Para discussão:

1. Discuta o aspecto ético do tratamento dispensado aos portadores de HIV ao longo do filme. Em que cenas houve respeito e em que cenas houve desrespeito para com os pacientes?
2. A maneira como o preconceito moral se expressa, varia ao longo da história humana. Nos tempos atuais, as pessoas ainda têm preconceito contra portadores do vírus HIV assim como mostrado no filme?
3. Há mais de 30 anos sabemos da existência do HIV. A população, em geral, têm clareza sobre o modo de transmissão deste vírus? A descoberta do vírus e o desenvolvimento de drogas mais eficazes para o tratamento da síndrome mudou hábitos sexuais?
4. O poder da indústria farmacêutica sobre o que é usado e liberado ou não para consumo é tema de outros filmes. Assista *O jardineiro fiel* e *Amor e outras drogas* e compare as histórias quanto à atuação da indústria farmacêutica.

Sugestões de leitura

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://idor.org/comite-cientifico/nova-resolucao-466/12-regulamenta-pesquisas-em-seres-humanos-no-brasil>.

BRASIL. Resolução n.º 39 de 5 de junho de 2008 que aprova o regulamento para a realização de pesquisa clínica e dá outras providências Publicada em 03 de junho de 2008. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2008/res0039_05_06_2008.html.

LO, B; GRADY, C. Ethical considerations in HIV cure research: points to consider. *Curr Opin HIV AIDS*. Mai 2013. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23422260>.

TUCKER, JD, RENNIE S. Social and ethical implications of HIV cure research. *AIDS*. London, Jun 2014. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24451161>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Clube de compras Dallas*

Título original: *Dallas Buyers Club*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 117 minutos

Ano: 2013

Diretor: Jean-Marc Vallée

Terapia de risco: depressão, indústria farmacêutica e ética em pesquisa

Ana Carolina da Costa e Fonseca⁴⁸

O filme conta a história de um assassinato cometido pela esposa contra o marido, aparentemente, em decorrência dos efeitos colaterais de antidepressivos que ela tomou. Para além do suspense em torno do homicídio cometido, a película discute problemas éticos envolvendo a pesquisa e a comercialização de medicamentos para tratamento psiquiátrico.

Tomar medicamentos⁴⁹ psiquiátricos tornou-se algo comum. Atualmente, todos contam abertamente sobre os remédios que tomam, recomendam aqueles que fizeram com que se sentissem bem, reclamam dos efeitos colaterais indesejados. Estranho passou a ser não fazer algum tipo de terapia, seja ela medicamentosa ou clínica, e não tomar algum medicamento psicotrópico.

Numa das cenas, uma mulher fica feliz por seu marido ser médico e poder lhe prescrever um medicamento para que se sinta tranqüila numa entrevista de trabalho. Segundo ele, a pílula fará apenas com que ela mostre o melhor de si na entrevista. Entre os cônjuges se estabelece temporariamente uma não-ética relação de terapia. A ausência de eticidade decorre de dois fatores: primeiramente, eles são casados, o que implica algum tipo de envolvimento emocional. Além disso, o breve atendimento visa apenas a resolver o que se apresenta como um problema episódico, isto é, a tensão numa entrevista de emprego. Para agravar a situação, o psiquiatra lhe dá o medicamento como se não houvesse efeitos colaterais. O medicamento é apresentado como a droga mágica que trará exclusivamente benefícios: a esposa mostrará o que tem de melhor e conseguirá o almejado emprego.

Para a paciente-assassina, é evidente que o psiquiatra lhe receitaria algum medicamento. Afinal, é o que qualquer psiquiatra, no contexto do filme, faria. E ela acredita, igualmente, na falta de preocupação do médico

48 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

49 Remédio é tudo aquilo que se utiliza para aliviar uma dor ou um desconforto, com caráter medicamentoso ou não. É um termo mais amplo que medicamento, que é uma substância ou um preparado, produzido para tratar ou curar algo. Chá de camomila pode ser um remédio, mas não é um medicamento. Lexotan é um medicamento e, portanto, também um remédio. Para compreender melhor a diferença entre remédio e medicamento, leia-se a página 14 do documento publicado em 2010 pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). BRASIL. ANVISA. "O que devemos saber sobre medicamentos". Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/92aa8c00474586ea9089d3fbc4c6735/Cartilha%2BBAIXA%2Brevis%C3%A3o%2B24_08.pdf?MOD=AJPERES. Acesso em agosto de 2014.

para com os efeitos colaterais do medicamento. Apenas a farmacêutica, que é uma voz sem rosto no filme, preocupa-se em alertar a paciente sobre eventuais efeitos colaterais. Adiante, a sogra, surpresa, dirá: “Eu não entendo... Assistimos comerciais na televisão... As pessoas melhoram...” Ninguém lhe dissera que as pessoas poderiam piorar. A propaganda, que mostra apenas o que pode dar certo, convenceu-a.

Há algumas décadas, ir a um psiquiatra e tomar anti-depressivos, reguladores de humor, ou qualquer outro medicamento psicoterápico era “coisa de louco”. Os que sofriam não podiam compartilhar sua busca pelo alívio da alma. Atualmente, várias formas de tristeza se tornaram doenças. E, se são doenças, muitos supõem que podem e devem ser tratadas com medicamentos. A indústria farmacêutica lucra bilhões com medicamentos criados para doenças igualmente criadas. Segundo o DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) – V (5ª edição), de 2013, a dor do luto e a timidez, por exemplo, são doenças. Uma das principais críticas ao DSM-V decorre do fato de parte de seus autores estarem em situação de conflito de interesses por receberem suporte financeiro da indústria farmacêutica.⁵⁰ O bônus de entender que a alma pode sofrer tem como ônus o desenvolvimento de uma indústria que lucra inescrupulosamente com o sofrimento alheio com a promessa de vender felicidade em pílulas.

A pesquisa sobre um novo fármaco recebe tratamento leviano pelas personagens do filme. O psiquiatra aceita participar de uma pesquisa para realizar a tarefa que chamam de consultoria farmacêutica. A oferta para participar da consultoria é feita durante um caro almoço pago pelo laboratório. A representante do laboratório oferece a três médicos a possibilidade de ganhar 50 mil dólares. Dois estão ocupados demais, um deles trabalhando para a concorrência. O terceiro aceita. Em cinco minutos, voltam a falar sobre amenidades. Não discutem quais tarefas deverão ser realizadas, quais medicamentos serão testados. A pesquisa em si é o menos importante durante o almoço.

Uma das pacientes do psiquiatra aceita participar da pesquisa. O médico avisa que ele próprio está participando como pesquisador, que pode receitar outros medicamentos além do que é objeto de investigação, e que ela pode não participar da pesquisa sem qualquer ônus. Há, contudo, um bônus. A principal motivação da paciente é receber o medicamento gratuitamente e sem precisar comunicar o seguro de saúde. Ela

50 Leia-se, por exemplo, o artigo: COSGROVE, Lisa; KRINSKY, Sheldon. A comparison of DSM-IV and DSM-5 panel members' financial associations with industry: a pernicious problem persists. *PLOS Medicine*. 9(3): março de 2012. Disponível em: <http://www.plosmedicine.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pmed.1001190>. Acesso em agosto de 2014.

assina o termo de consentimento livre e esclarecido no consultório do seu médico, sem ler todo termo, sem conversar com outras pessoas, sem ter tempo para pensar sobre a melhor decisão a tomar, sem esclarecimento sobre eventuais efeitos colaterais e após breve conversa com seu médico. O que ela queria era receber gratuitamente o medicamento. E ele conseguir mais um sujeito de pesquisa. Ela não pensa que o preço cobrado pela gratuidade de um medicamento em teste pode ser alto demais. Ele se põe na posição de pesquisador indiferente às regras de ética em pesquisa e profissional, e não protege sua paciente como deveria.

Ocorrido o crime, o remédio é a desculpa. Quando poderia chamar um advogado, a assassina insiste em chamar seu psiquiatra. O cenário está montado e o médico sugere que ela poderia estar dormindo. Para o policial, pode haver outro cenário: “Ou ela é uma assassina, ou vítima de um remédio psiquiátrico.” A polícia está convicta de que ela matou seu marido. Ela diz não lembrar. O psiquiatra sabe do sonambulismo. Outra psiquiatra sugere que sem lembrança, não há intenção, e, sem intenção, não há homicídio (*murder*⁵¹). Há precedentes judiciais em que acusados que não lembravam dos fatos foram absolvidos. A responsabilidade desloca-se do agente para quem receitou o que moveu o agente. O médico passa a ser responsabilizado pelo crime cometido pela paciente. Inicialmente há apenas uma sugestão, com o passar do tempo, tratam-no como culpado. A responsabilidade do laboratório que colocou o medicamento no mercado, contudo, nunca é discutida.

As cenas finais nos apresentam mais um problema: o poder médico de determinar quem é são e quem é louco. Os critérios subjetivos permitem manipulação, e podem acarretar que alguém seja afastado da sociedade por tempo indeterminado devido a ditos problemas psiquiátricos. Doenças são a desculpa que permitem à medicina controlar corpos.

Para discussão:

1. Discuta sobre a responsabilidade dos médicos em relação aos medicamentos que receitam. Há diferença de responsabilidade quando os remédios ainda estão em teste e quando já foram aprovados para venda para a população? Há diferença devido ao tipo de medicamento prescrito?
2. Propagandas auxiliam na criação de doenças e no desejo das pessoas de tomar medicamentos para se curarem das doenças criadas pelas

⁵¹ O termo usado no filme é *murder*, que pode ser traduzido como homicídio doloso, isto é, com intenção de matar, e se diferencia do *manslaughter*, usualmente traduzido como homicídio culposo, quando não há a intenção de matar. Evidentemente, os sistemas jurídicos brasileiro e estadunidense são distintos, do que decorre que podemos fazer comparações, que não são, contudo, equivalências.

próprias propagandas? Este seria um motivo para proibir propagandas de medicamentos?

3. Discuta sobre o surgimento de doenças ao longo da história da humanidade. O DSM lista novas doenças a cada edição. Apenas parte dos profissionais da saúde envolvidos na redação do DSM V declararam não ter conflito de interesses, ou seja, os demais, de algum modo, poderiam obter algum benefício ou lucrar com a criação de doenças dada a conseqüente possibilidade de se criarem medicamentos para tratar as doenças descritas no DSM V. Discuta sobre a confiabilidade de um manual que, por listar doenças, possibilita que medicamentos sejam postos no mercado. Afinal, se há uma doença é preciso que haja um medicamento, não? Pesquise sobre o debate público que se deu acerca desta questão.

Sugestões de leitura:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *DSM V: Manual de diagnóstico estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Terapia de risco*

Título original: *Side effects*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: *thriller* psicológico

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 106 minutos

Ano: 2013

Direção: Steven Soderbergh

Nota sobre o filme *Amor e outras drogas*

Gabriela Waskow⁵²

Claudia Giuliano Bica⁵³

O filme *Amor e outras drogas*, se passa no ano de 1996, e conta a história de um jovem rapaz, Jamie Randall, que desistiu do curso de Medicina, um sonho de sua família, e trabalhava como vendedor de eletrodomésticos. Galanteador nato, perdeu o emprego por assediar as compradoras. Tornou-se representante farmacêutico de uma empresa em ascensão: a *Pfizer*. Em busca de muito dinheiro neste novo emprego, foi incentivado pela própria empresa a persuadir médicos e até mesmo a suborná-los para que indicassem os remédios produzidos por esta empresa. Além de presentear secretárias com flores e outros agrados, manteve relações sexuais com uma delas em troca de informações sobre pacientes, na tentativa de fazê-los usar suas amostras e obter permissão para expô-las em clínicas médicas facilitando que os médicos receitassem medicamentos *Pfizer* e não *Prozac*, seu maior concorrente no mercado farmacêutico e financeiro, já que a *Pfizer* ainda desejava conquistar espaço no mundo dos negócios para alcançar o primeiro lugar na *ranking* de vendas de medicamentos.

Eventualmente, em uma de suas inúmeras tentativas de convencimento para usarem seus produtos, Jamie presenciou uma consulta médica, cuja paciente tinha Doença de Parkinson, fingindo-se de estagiário. Esta era uma boa oportunidade para tentar convencê-la a usar suas amostras e também conhecer os neurologistas uma vez que a *Pfizer* estava crescendo em relação aos medicamentos *Prozac*, bem estabelecidos no mercado farmacêutico. Dois são os principais problemas éticos existentes nestas cenas: a mentira a respeito da função, ele era um representante comercial e não um estagiário, e o médico, em quem o paciente confia, mente para o próprio. Além disso, abusam da situação de fragilidade do paciente para tentar obter vantagens econômicas, sem preocupação com o medicamento que seria, de fato, melhor para tratar a doença.

A concorrência com a *Prozac* mostrou-se muito acirrada durante todo o filme, com disputas não somente de cunho verbal, como também física e moral, inclusive em público, porque além de aumentar a parcela da população que utiliza medicamentos *Pfizer*, a empresa deseja o monopólio. Para isso, em 1998 passa a ser comercializado o *Viagra*, famosa pílula azul que promete o que nenhum outro medicamento jamais conseguiu, o melhor desempenho sexual. Há efeitos colaterais que, contudo, são usu-

52 Bacharelada em Biomedicina (UFCSPA).

53 Doutora em Patologia (UFCSPA). Professora do Departamento de Ciências Básicas da Saúde (UFCSPA).

almente silenciados. Essa novidade unida à popularidade de Jamie e seu talento com vendas faz com que ele cresça na empresa e se torne um dos mais bem sucedidos representantes farmacêuticos.

Com isso, ficam evidentes alguns dos conflitos de interesse (entende-se por conflitos de interesses as condições que afetam o julgamento profissional por um interesse secundário, usualmente econômico) que podem existir na área da indústria farmacêutica. Prestígio e dinheiro motivam a atuação de um representante comercial que desconsidera o que é melhor para a saúde dos pacientes alheios. O bem-estar dos pacientes lamentavelmente não costuma prevalecer sobre interesses comerciais.

Para discussão:

1. Quem são as pessoas vulneráveis nessa história? De que modo médicos, secretárias e pacientes podem ser tomados como vulneráveis em relação a algum aspecto? Compare as diferentes formas de vulnerabilidade das diversas personagens.
2. Devemos tratar com mais cuidado eventuais conflitos de interesse quando se trata de uma decisão que afeta a saúde de um indivíduo? Discuta sobre o conflito entre interesses de médicos e de paciente quando da utilização de um medicamento em detrimento de outro decorrem vantagens econômicas para quem o receita, isto é, para o médico.
3. A motivação para médicos receitarem medicamentos ou para os usuários comprarem tais medicamentos em farmácias deve ser a existência de alguma vantagem econômica devido a de tal escolha? Quais deveriam ser os motivos para a escolha de um medicamento ou de um medicamento de uma marca específica em detrimento de outros? De que modo motivações econômicas nos fazem não perceber qual é, de fato, o melhor tratamento num caso concreto?
4. Quais são os limites para tentar persuadir alguém em questões biomédicas? Analise as diversas situações em que alguém tenta persuadir outrem no filme. Pensem nas diversas personagens que persuadem ou que são persuadidas de algo. Discuta o que motiva a tentativa de persuadir alguém.
5. Como a indústria farmacêutica utiliza de artifícios psicológicos para influenciar nas atitudes dos médicos que prescrevem medicamentos? E como médicos influenciam seus pacientes? Vale qualquer coisa para conseguir mais pacientes/clientes? A resposta é evidentemente negativa. Discuta sobre os limites da persuasão.

Sugestões de leitura:

Notas e artigos sobre os filmes *O jardineiro fiel*, *O ovo e a serpente* e *Laranja mecânica*, publicados em: FONSECA, Ana Carolina da Costa e (org.). *Cinema, ética e saúde*. Porto Alegre: Bestiário, 2012. Disponível em http://www.bestiario.com.br/CINEMA_ETICA_SAUDE.pdf.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Amor e outras drogas*

Título original: *Love and other drugs*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: romance/comédia

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 112 minutos

Ano: 2010

Direção: Edward Zwick

Bullying

Invasão de privacidade: *Cyberbully*

Fernanda Schommer Stein⁵⁴

Cyberbully, dirigido por Charles Bimané e lançado em 2011, conta a história de Taylor Hillridge – uma adolescente norte-americana que acabou de completar 17 anos. O termo *cyberbullying*, como definem Tognetta e Bozza, é uma maneira disfarçada de prática de *bullying*, sendo “caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, que usa para isso os meios tecnológicos”⁵⁵. A crescente expansão do meio tecnológico e o conseqüente melhoramento de computadores e telefones celulares, assim como a facilidade de acesso à *web*, possibilitaram que essa prática ocorresse com maior frequência e extensão, tornando-se um problema, principalmente, para adolescentes, pais e educadores.

Taylor sempre havia sido vigiada de perto por sua mãe no que se referia aos *sites* que acessava e ao tempo que despendia *online*. Porém, em seu décimo sétimo aniversário, a adolescente é presenteada com um computador particular, que poderia o utilizar como desejasse, estando ciente das regras que a mãe outrora estabelecera e que gostaria que continuassem a serem seguidas. Nesse ponto é possível questionar se, a partir do princípio da autonomia, se a adolescente já teria idade e maturidade suficientes para utilizar livremente o computador e a *internet* e lidar com as conseqüências de seus atos nesse espaço. Em contrapartida, ao considerar que o avanço tecnológico possibilitou inter-relações diferenciadas, maior acesso a informações em tempo real e a disseminação de conhecimentos acadêmicos, impedir o acesso implicaria em prejuízos, privando a adolescente de usufruir de um instrumento que, em princípio, objetiva facilitar tanto questões acadêmicas como a comunicação e o relacionamento interpessoal.

De posse do computador e motivada por duas amigas – Samantha e Cheyenne –, Taylor se inscreve numa rede social e estabelece contato *online* com colegas de escola e pessoas que não conhecia pessoalmente, trocando informações privadas. Duas situações distintas acontecem: primeiro ela vê seu perfil *hacked*⁵⁶ e seu *status* alterado, exibindo uma men-

54 Bacharelada em Enfermagem (UFCSA).

55 TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; BOZZA, Thais Cristina Leite. Cyberbullying: quando a violência é virtual – Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. *Anais do I Seminário Violar: Problematizando juventudes na contemporaneidade*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010. Disponível em: <http://www.pjpp.sp.gov.br/wp-content/uplo/ads/2013/12/53.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

56 Do inglês, *hacking* significa “invasão ilegal de um sistema”, sendo um termo geralmente

sagem pejorativa, e, dias após, mensagens humilhantes a seu respeito são postadas por um desconhecido com quem mantivera contato. O primeiro resolveu-se logo, pois seu irmão menor havia sido o invasor; contudo, o segundo teve conseqüências mais graves.

Lopes Neto⁵⁷ relata a existência de três principais formas de envolvimento dos estudantes quanto à prática de *bullying*: as crianças e adolescentes podem ser identificadas como vítimas, agressores ou testemunhas. No caso de *cyberbullying* exposto pelo filme, a vítima foi constantemente atacada com insultos, assédio e apelidos pejorativos, e houve a presença de um agressor principal – aquele que enviou publicamente a primeira mensagem. Porém, quanto às testemunhas, a partir do momento em que visualizaram o acontecido, muitas passaram a agredir, enviando mais mensagens depreciativas sobre Taylor publicamente. Não bastando o assédio virtual, ela também foi vítima de *bullying* na escola e acabou por se afastar de suas amigas.

Humilhada e isolada, Taylor deixa um vídeo em sua página e recorre ao suicídio. Sua amiga Samantha assiste ao vídeo e chega em sua casa antes que a adolescente conseguisse abrir um frasco de comprimidos. Levada ao hospital, Taylor é atendida por um psiquiatra, que recomenda à sua mãe que ela compareça às consultas agendadas e participe de um grupo de ajuda. Considerando o princípio da beneficência, a atuação do profissional objetivou minimizar os danos que o constante *cyberbullying* haviam infligido à adolescente, permitindo perceber que ela não era a única vítima, que era preciso tomar atitudes para pôr fim a esse tipo de prática – mas sem que, no processo, a vítima se torne o agente agressor.

Em busca por justiça, a mãe de Taylor procura a fonte das agressões *online*. Sheyenee, uma das amigas de Taylor, indica uma possível colega, cuja prática de *bullying*⁵⁸ na escola era conhecida pelos estudantes. A mãe ouve do pai da adolescente, um advogado, que era direito garantido em

ligado à área da informática. *Hackeado* indica que alguém teve acesso ao computador sem autorização, de forma ilegal. OXFORD. Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês. Português-Inglês/Inglês-Português. Oxford: Oxford University Press, 2007.

57 LOPES NETO, Aramis A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. 81(5 Supl), 2005, p.164-172. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5so/v81n5Sao6.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

58 Conforme referem Oliveira-Menegotto, Pasini e Levanowski: “*Bullying* é um fenômeno que se caracteriza por atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas.” OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*. 15(2), São Paulo, maio-ago. 2013. p.203-215. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1938/193828216016.pdf>. Acesso em junho de 2014.

lei a livre expressão de opinião.⁵⁹ Ela recorre a um senador, questionando a possibilidade de formulação de uma lei que regulamentasse a ilegalidade das práticas de *cyberbullying*. O senador nega a possibilidade de formulação de um projeto contra essas ações, argumentando que era escolha pessoal aderir ou não às redes sociais, sendo possível deixar de participar a qualquer momento e não se submeter às agressões. Assim, fica evidente a violação ao princípio da justiça, visto que, mesmo com comprovação das agressões, as vítimas não teriam qualquer respaldo legal ao denunciar e requerer mudanças, continuando a ser insultadas, agredidas e humilhadas sem que as atitudes dos agressores acarretem quaisquer prejuízos para eles.

Por fim, Taylor decide chamar atenção para o problema ao procurar um jornal. Para que a matéria seja publicada, porém, o jornalista requisita a presença do agressor e da vítima em uma entrevista conjunta. Tendo, anteriormente, confessado a autoria, Samantha aceita participar. Para a matéria ser concluída, solicita ao senador que faça um comentário sobre o fim do patrocínio para um projeto de lei contra *cyberbullying*. O senador então afirma ter sido mal interpretado e que sua equipe estava trabalhando em um novo projeto. Torna-se evidente a necessidade de um envolvimento coletivo para que modificações legislativas ocorram, uma vez que a mãe, sozinha, mal foi ouvida pelo político.

O *bullying* é considerado um problema de escala mundial. Com a migração desse tipo de prática para o espaço virtual, a situação se intensifica, pois se torna muito mais difícil averiguar o que aconteceu e qual a origem dos ataques – por meio da utilização de nomes e contas falsas, qualquer um pode ser o agressor. Contudo, é fundamental que haja empenho das famílias e das escolas para trabalhar com tais questões, assim como respaldo legal que estipule a conduta a seguir e as medidas preventivas a serem utilizadas para evitar o processo.

Para discussão:

1. Há uma cena no filme em que a mãe de Taylor procura a diretoria da escola para questionar se há alguma atitude que poderia ser tomada para resolver os episódios de *bullying*, tanto na escola como nos espaços virtu-

59 No Brasil, conforme regulamenta a lei nº 5250 de 1967, sobre “a liberdade de manifestação do pensamento e de informação”, “Art. 1º É livre a manifestação do pensamento e a procura, o recebimento e a difusão de informações ou idéias, por qualquer meio, e sem dependência de censura, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer.” BRASIL. Lei n.º 5250 de 09 de fevereiro de 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm. Acesso em junho de 2014. No Brasil, a liberdade de expressão é assegurada constitucionalmente, mas todos respondem por eventuais abusos cometidos.

ais. O diretor negou que a instituição tivesse respaldo legal para intervir nessas situações. A partir disso, considerando que o cessar dessas práticas não é exclusivamente de competência da escola, como essa poderia agir para amenizar os prejuízos causados às vítimas e mudar as atitudes dos agressores?

2. O profissional que atendeu Taylor recebeu tranquilizantes por alguns dias e recomendou que a adolescente seguisse em consulta com ele e participasse do grupo de apoio. Pelo princípio da beneficência e considerando o estado de prejuízo mental que as práticas de *bullying* causaram à adolescente, que outras medidas poderiam ter sido tomadas?

3. Analisando as conseqüências do *bullying* e do *cyberbullying*, é possível afirmar que um é mais grave que o outro, acarretando prejuízos mais intensos para o alvo? Em quais aspectos?

Sugestões de leitura:

PERFEITO, Rodrigo Silva. Ambientes escolares e sociais moldados pelo *Cyberbullying* e suas conseqüências perante crianças e adolescentes. *Adolescência e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 59-63, jan/mar 2012. Disponível em: http://www.adolescencia.esaude.com/detalhe_artigo.asp?id=308.

SANTOMAURO, Beatriz. *Cyberbullying: a violência virtual*. *Revista Nova Escola*. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/cyberbullying-violencia-virtual-bullying-agressao-humilhacao-567858.shtml>.⁶⁰

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Bullying virtual*

Título original: *Cyberbully*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: livre

Tempo de duração: 120 minutos

Ano: 2011

Direção: Charles Bimané

⁶⁰ A reportagem intitulada “*Cyberbullying: a violência virtual*” está dividida em cinco links, que podem ser acessados ao final de cada página, e aborda aspectos gerais relacionados às práticas de *bullying*, aspectos da vítima, do agressor e do espectador, prevenção e solução, e conseqüências da prática de *cyberbullying* para a vítima.

Sempre amigos: o lugar da vítima em casos de bullying

Márcia Rejane Azuaga Prass⁶¹

Sempre amigos (*The mighty*, título em inglês, que significa “o poderoso”) é um filme sobre uma relação de amizade entre dois adolescentes que, por motivos diferentes, sofrem com o *bullying*. Max é um jovem de quatorze anos, muito desenvolvido fisicamente para sua idade, que possui dificuldades de aprendizagem e de relacionamento. Após o assassinato de sua mãe por seu próprio pai, que está preso, ele vai morar com seus avós maternos. Kevin sofre de uma doença degenerativa, mas é extremamente inteligente e corajoso, assumindo uma personalidade forte. Ao mudar-se para o subúrbio com a mãe torna-se vizinho e colega de escola de Max, surgindo desta relação uma forte amizade. Um complementa o que falta ao outro. Nas palavras de Kevin, ele era o cérebro e Max, o corpo.

Embora o termo *bullying* seja recente, essa forma de violência ocorre há muito tempo no ambiente escolar, conquanto não seja exclusividade desse, visto ser encontrado nos mais variados contextos, atingindo também as relações da vida adulta. Ações em que, por exemplo, crianças e adolescentes recebem apelidos depreciativos ou em que são humilhadas e ridicularizadas frente a seus colegas aconteciam há muitos anos. Contudo, apenas recentemente os impactos de tal tipo de violência no desenvolvimento humano são estudados. Marilena Ristum explica o termo *bullying* e o motivo pelo qual, no Brasil, o usamos em inglês, sem traduzi-lo:

Mas, porque, aqui no Brasil, usamos esta palavra da língua inglesa? Essa é uma indagação que surge com frequência e a resposta é simples: são muitas e muito variadas as formas como o *bullying* pode ocorrer e não se encontrou, no vocabulário da língua portuguesa, um termo que conseguisse exprimir adequadamente tudo que o *bullying* significa. Além disso, o uso do mesmo rótulo em diferentes países facilita a comunicação. Entretanto, mais importante que o rótulo é compreender o que o *bullying* significa.⁶²

Tognetta e Bozza entendem que o *bullying* decorre de uma crise de moral na sociedade. Os autores do *bullying*, segundo este estudo, são in-

61 Fonoaudióloga (IMEC), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (IERGS), bacharelada em Psicologia (UFCSPA).

62 RISTUM, Marilena. *Bullying Escolar*. In: ASSIS, Simone G. de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Q. (org). *Impactos da Violência na Escola: um Diálogo com Professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz (2010), p. 96-119. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016935.pdf>. Acesso em maio de 2014.

capazes de sentir empatia, de se colocar no lugar do agredido. Por outro lado, parece haver certa naturalização destes abusos por seu largo uso e também pela sensação de pertencimento a um grupo social que tais práticas podem causar.⁶³

No filme vemos um exemplo de naturalização da violência quando a autoridade escolar – representada pela figura do professor de Educação Física – que poderia impor limites às agressões, toma atitudes que favorecem o comportamento de *bullying*, tais como negligência e incentivo a atitudes de agressividade por ele próprio tratar os alunos de modo inadequado, caçoando deles e lhes dando apelidos pejorativos.

Algumas características que definem o *bullying*, e que são encontradas no caso de Max, são apontadas por Tognetta e Vinha. Dentre elas estão: ser um tipo de violência entre pares, não existindo uma hierarquia entre os que dela fazem uso; serem atos repetidos e direcionados a alguém específico, não havendo relação de casualidade; ter a finalidade de machucar, que é verificada a partir da intencionalidade na escolha das pessoas que sofrem a agressão; e acabar funcionando exatamente com esses indivíduos que, por razões de ordem pessoal, terminam tomando como sua a imagem apontada pelo agressor.⁶⁴

A posição de Max nesse conflito apresenta similaridades com os aspectos citados por Polleto, que aponta que as vítimas de *bullying* geralmente possuem características como passividade, inibição, percepção negativa de si mesmas e das situações em que se encontram.⁶⁵ Isto parece claro em várias ocasiões apresentadas no filme. Uma delas é quando a gangue de adolescentes da escola confronta Max. Não obstante seu porte físico avantajado, ele aceita passivamente o abuso imposto e sua conduta só muda quando, com o apoio de Kevin, consegue acreditar em seu potencial.

63 TOGNETTA, Luciene Regina P. R.; BOZZA, Thaís Cristina L. Cyberbullying: Quando a Violência é Virtual – Um Estudo Sobre a Incidência e sua Relação com as Representações de si em Adolescentes. In: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. *Anais do I Seminário Violar: Problematizando Juventudes na Contemporaneidade*. São Paulo: FE/UNICAMP, 2010. Disponível em: www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/.../Cyberbullying.doc. Acesso em maio 2014.

64 TOGNETTA, Luciene Regina P.; VINHA, Telma P. Bullying e Intervenção no Brasil: Um Problema ainda sem Solução. In: *Actas do 8º. Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: Saúde, Sexualidade e gênero*. ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal, 2010. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.pjpp.sp.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/52.pdf>. Acesso em maio 2014.

65 POLETO, Michele. Relações de amizade & Bullying. In: POLETO, Michele; SOUZA, Ana Paula L. de; KOLLER, Silvia H. (org). *Direitos Humanos, Prevenção à Violência contra Crianças e Adolescentes e Mediação de Conflitos – Manual de Capacitação para Educadores*. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2013. Disponível em: <http://www.ceprua.org/livroescolaqueprotege.pdf>. Acesso em maio 2014.

A vítima, evidentemente, não é culpada por sofrer *bullying*. Mas sua passividade pode ser tomada como uma das causas que levam-na a sucumbir frente a tais circunstâncias. Elencar atitudes e fatores protetivos podem contribuir para fortalecer a vítima e evitar que as agressões aconteçam. Eis alguns fatores que contribuem para a superação de dificuldades: autoestima alta e as boas relações pessoais com familiares, amigos e professores. Tais fatores colaboram para um aporte de recursos individuais que auxiliam no enfrentamento das adversidades, e, por conseguinte, nos casos de *bullying*.⁶⁶

No caso de Max, o *bullying* é realizado por seus colegas de escola, repetidamente, sendo ele o alvo principal até o aparecimento de Kevin, chamado de *freak* (aberração), assim como Max, por seus agressores. A aceitação de Max do lugar onde os autores da violência o colocaram deve-se principalmente à sua baixa autoestima, pois ele se envergonha por ter o pai preso, se sente culpado pela morte da mãe e desprezado por seus avós – pessoas entristecidas pela perda da filha e com pouca expressão de afetividade. A falta de aceitação de si mesmo faz com que ele seja a vítima ideal deste tipo de prática.

Já Kevin, apesar de suas limitações, se recusa a aceitar o lugar de vítima. Sua mente brilhante funciona como agente de libertação num corpo deficitário. Assim como Max, Kevin tem um pai ausente, mas sua mãe se coloca como um fator de proteção, valorizando sua inteligência e imaginação e defendendo o direito do filho de experimentar a vida conforme seus desejos e possibilidades.

Depreendemos dos dois casos a importância da família como rede protetiva. O lar desestruturado de Max teve certamente muita influência em seu comportamento. Ele não recebia suporte necessário para enfrentar de modo diferente as agressões às quais foi exposto. Kevin, não obstante as restrições físicas causadas pela doença, por ter contado sempre com o apoio de sua mãe, encarava as situações de forma diversa, não aceitando a posição de presa dos autores de *bullying*.

As escolas são locais frequentes de casos de *bullying*. Os profissionais que lá trabalham deveriam exercer um papel mais atuante no enfrentamento dessa prática. Em Tognetta e Bozza, se encontra a sugestão de que a escola se desprenda do mero academicismo e abra mais espaço para que sejam discutidos aspectos referentes aos sentimentos e às emoções dos

66 AMPARO, Deise M. do; GALVÃO, Afonso Celso T.; ALVES, Paola B.; BRASIL, Kátia T.; KOLLER, Silvia Helena. Adolescentes e Jovens em Situação de Risco Psicossocial: Redes de Apoio Social e Fatores Pessoais de Proteção. In: *Estudos de psicologia*. Vol. 13, n. 2, 2008. p. 165-174. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/09.pdf>. Acesso em junho 2014.

estudantes, assim reforçando posturas éticas com a finalidade de propiciar mais consciência moral em suas condutas.⁶⁷ No mesmo sentido, Tognetta e Vinha afirmam:

Existe no cotidiano da escola uma violência silenciosa que acomete meninos e meninas, alvos de *bullying*, e que denota o fato de outros meninos e meninas, autores de *bullying* também precisarem de ajuda para inverter uma hierarquia de valores que coloca a força, o poder, a virilidade, a intolerância, a indiferença como privilegiados.⁶⁸

O *bullying* é um fenômeno complexo, que não deve ser encarado de forma simplista como se fosse parte do desenvolvimento humano. Ele pode deixar marcas indeléveis na vida das pessoas. No filme, Max supera as agruras sofridas com a ajuda de Kevin, que o fez vislumbrar outra realidade através de sua postura ativa diante do mundo e da leitura. Por meio das histórias do Rei Arthur e seus cavaleiros, Max conseguia se deslocar para outras situações onde se sentia valorizado. A partir disso, houve a ampliação de suas perspectivas. Vê-se assim que para lidar com este fenômeno de forma efetiva, se demanda uma união de esforços, tanto por parte da família e da sociedade, quanto da escola, e, nesse sentido, se ressalta a importância do psicólogo escolar, que é o profissional habilitado para lidar com tal questão. Percebe-se que a prevenção e o combate a esse problema social devem ter como princípio a educação das pessoas, que inclui a promoção da dignidade e o respeito para com os outros.

Para discussão:

1. Qual é o limite entre a mera brincadeira e o *bullying*? As diferenças de sensibilidade dos indivíduos podem ser relevantes para que se tome algo ou como brincadeira ou como agressão?
2. Verificam-se algumas características comuns às vítimas de *bullying*. No filme Max e Kevin reagem de modos diferentes frente a tais situações. Cabe alguma responsabilidade a quem sofre este tipo de agressão, ou seja, podemos responsabilizar a vítima pela agressão sofrida?
3. Reflita sobre os fatores de proteção apontados e outras estratégias de defesa que poderiam ser acionadas nos casos de *bullying*.
4. Você já foi vítima de *bullying*? Conhece alguém que foi? Discuta sobre os atos que caracterizam o *bullying*, bem como sobre o que foi feito para

67 TOGNETTA, Luciene Regina P. R.; BOZZA, Thaís Cristina L. *Cyberbullying: quando ...*

68 TOGNETTA, Luciene Regina P.; VINHA, Telma P. Até quando? *Bullying* na escola que prega a inclusão social. *Educação*. v. 35, n. 3, set./dez. 2010, p. 449-464. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reveducacao/article/view/2354/1422>. Acesso em maio 2014.

proteger a ou as vítimas.

5. O que adultos poderiam fazer para proteger crianças e adolescentes que estão sob sua responsabilidade e que são vítimas de *bullying*?

Sugestões de leitura:

CAMARGO, Carolina G. *Brincadeiras que fazem chorar! Introdução ao fenômeno bullying*. São Paulo: All Print Editora, 2010.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho; SILVA, Michele Reis da (org). *Bullying: mais sério do que parece*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Jovem, 2007.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Sempre amigos*

Título original: *The mighty*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 12 anos

Tempo de duração: 100 minutos

Ano: 1998

Direção: Peter Chelsom

Agressão física e mental: uma análise do documentário *Bullying*

Fernanda Schommer Stein⁶⁹

O documentário *Bullying*⁷⁰, dirigido pelo cineasta Lee Hirsch e lançado em 2011, acompanhou e revelou o cotidiano de cinco famílias nos Estados Unidos da América, com enfoque nas crianças e adolescentes que convivem e sofrem freqüentemente, senão diariamente, com episódios de *bullying*⁷¹ no ambiente escolar. Não sendo um problema exclusivamente norte-americano, o *bullying* também se faz presente na realidade brasileira e na de diversos outros países. Como a violência, seja ela física ou psicológica, é encarada como um “problema de saúde pública importante e crescente no mundo”⁷², o *bullying*, por extensão, também o é, tendo como característica principal ser uma agressão sem motivo aparente.

De acordo com Almeida e colaboradores⁷³, características próprias das vítimas e dos agressores, de desenvolvimento e de organização social influenciam para a ocorrência do *bullying*. Há indicações de que, em sua maioria, os autores das ações possuem “pouca empatia, frequentemente pertencem a famílias desestruturadas, com pouco apoio dos pais”. Já aqueles que são alvos dessas práticas “não dispõem de recursos, *status* ou habilidade para reagir, geralmente são pouco sociáveis, inseguros, baixa auto-estima, alguns se acham merecedores das agressões, têm poucos amigos, são passivos e quietos”.

69 Bacharelada em Enfermagem (UFCSPA).

70 O premiado documentário *Bullying* inspirou uma campanha de ação social: *The Bully Project* <http://www.thebullyproject.com>. Também foi publicado um livro (*BULLY: An Action Plan for Teachers, Parents and Communities to Combat the Bullying Crisis*), que conta a história e a missão do documentário e deu seqüência ao debate suscitado pelo documentário. Autoria desconhecida. *Bullying*. Disponível em: http://www.imdb.com/title/tt1682181/awards?ref_=tt_awd. Acesso em julho de 2013.

71 O termo *bullying*, segundo o Dicionário Aulete Digital, significa “toda forma de agressão, intencional e repetida, sem motivo aparente, em que se faz uso do poder ou força para intimidar ou perseguir alguém, que pode ficar traumatizado, com baixa autoestima ou problemas de relacionamento”. *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>. Acesso em julho de 2013.

72 LOPES NETO, Aramis A. *Bullying – comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*. 81(5 Supl). 2005 p. S164-S172. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5so/v81n5Sao6.pdf>. Acesso em julho de 2013.

73 ALMEIDA, Kathanne Lopes, SILVA, Anamaria Cavalcante e; CAMPOS, Jocileide Sales. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. *Rev. Pediatria*. 9(1), jan./jun. 2008.p. 8-16. Disponível em: <http://www.socep.org.br/Rped/pdf/9.1%2oArt%2oRev%2o-%2oA%2oimport%2ncia%2oda%2oidentifica%E7%E3o%2o precoce%2oda%2oocorr%EAnCIA%2odo%2oBullying%2o-%2ouma%2orevis%E3o%2ode%2oliteratura.pdf>. Acesso em junho de 2013.

Coll, Marchesi, Palacios & colaboradores⁷⁴ explicam que os adolescentes podem experimentar momentos de solidão, dor e tristeza relacionados à transição entre os vínculos estabelecidos com os pais, com a infância e com amizades juvenis. Apesar de a maioria dos adolescentes transpor essa fase sem maiores problemas, aqueles que possuem poucas habilidades sociais e são desajeitados em relação aos seus iguais podem apresentar mais dificuldades.

Conforme dados do documentário, acredita-se que 13 milhões⁷⁵ de crianças norte-americanas foram vítimas de *bullying* no período de um ano. Os seguintes fatores podem justificar o alto índice de casos e são discutidos no documentário: (1) a falta de envolvimento do conjunto familiar no que se refere à educação para o respeito das diferenças e para a cidadania, (2) a omissão da instituição escola. Por não conseguir prevenir, lidar devidamente e evitar agressões e (3) a falta de normas que regulamentem ações sobre esse tipo de agressão e, conseqüentemente, a inexistência de medidas efetivas de prevenção e resolução⁷⁶. Dentre os episódios apresentados, dois se sobressaem quanto à questão do envolvimento familiar.

O primeiro conta a história de Kelby (16 anos), uma garota que, morando numa cidade relativamente pequena com pais e vizinhos bastante religiosos, se vê questionada pela mãe quanto à sua orientação sexual e, temerosa de rejeição, começa a chorar. Os pais aceitaram a homossexualidade de sua filha, mas o mesmo não pode ser dito de seu círculo de con-

74 COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. Desenvolvimento psicológico e educação. *Psicologia evolutiva*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

75 Autoria desconhecida. *The Bullying Project*. Disponível em: http://www.thebullyproject.com/about_film. Acesso em junho de 2014.

76 No Brasil, há o projeto de lei do Senado Federal nº 228 de 2010 que objetiva “incluir entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino a promoção de ambiente escolar seguro e a adoção de estratégias de prevenção e combate ao *bullying*”, alterando a lei nº 9394 de 1996. BRASIL. Senado Federal. *Projeto de lei do senado n.º 228 de 2010*. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=82524&tp=1>. Acesso em junho 2014. No Distrito Federal (capital do Brasil), há a lei nº 4837 de 2012, cujo projeto foi elaborado pelos deputados Cristiano Araújo e Agaciel Maia, que “dispõe sobre a instituição da política de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* nos estabelecimentos da rede pública e privada de ensino do Distrito Federal e dá outras providências”. Segundo essa lei, “art. 5º. A direção da escola pública ou privada, ao tomar conhecimento da denúncia de *bullying* que envolva estudantes sob a sua responsabilidade, instaurará imediatamente procedimento administrativo para apuração dos fatos e das circunstâncias notificadas, devendo ser concluído o procedimento e adotadas as providências cabíveis no prazo máximo de 20 (vinte) dias corridos.” Isso não exclui a possibilidade de medidas serem tomadas de forma imediata para a segurança da vítima. BRASÍLIA. Câmara Legislativa do Distrito Federal. *Lei n.º 4837*. 22 de maio de 2012. Disponível em: http://www.crianca.df.gov.br/biblioteca-virtual/doc_download/101-ld-no-4837-instituicao-da-politica-de-conscientizacao-e-combate-ao-bullying-nas-escolas-publicas-e-particulares-no-df.html. Acesso em junho de 2014.

vivência: colegas de classe se afastaram e deixaram claro o fato de ela não ser mais bem-vinda em suas casas. Similar atitude tomaram os membros da igreja que sempre freqüentara, apesar de esse ser considerado um local público. E, mesmo com apelos da família da garota à direção da escola para solucionar a situação, houve omissão, acarretando no afastamento da adolescente devido aos sucessivos episódios de *bullying*. Espera-se que, moralmente, cada indivíduo aja de modo benéfico em relação ao outro⁷⁷. Em momento algum, houve uma postura moralmente louvável por parte da sociedade em relação à estudante, que afastou aquela que parecia diferente dos demais.

Já a história de Alex (12 anos) surpreende, pois os pais tinham conhecimento de que o menino sofria agressões e ameaças à sua integridade física e psicológica, mas não estavam inteirados da gravidade da situação. É possível, por outro lado, questionar o efetivo interesse dos pais em compreender a situação em sua totalidade, pois requeriria envolvimento e a procura por medidas legais de proteção do filho para resolver o problema. Apesar disso, há uma cena em que o pai cobra uma atitude do garoto. Nesse ponto a ação do pai em relação ao problema pode ser interpretada como uma incitação à violência por meio da exigência de reação do filho frente às agressões sofridas. O problema é a idéia errônea de resolução de episódios de violência com métodos igualmente violentos (nos quais a vítima se torna o agressor), gerando um processo cíclico em que, necessariamente, todas as partes envolvidas acabam prejudicadas, seja fisicamente, seja psicologicamente.

A indiferença e a tolerância das instituições escolares se revelam em mais de um momento com adolescentes e com pais. Há uma cena em que a diretora de uma das escolas conversa ao mesmo tempo com um aluno praticante de *bullying* e com um garoto, Cole, que sofreu a ação sendo chamado pejorativamente de “bicha”. Então, é solicitado que ambos apertem as mãos como forma de encerrar o assunto. Entretanto, há uma negativa de Cole para a realização do gesto. O outro estudante é dispensado e, seguindo uma conversa, ocorre uma distorção da situação: Cole, a vítima, passa a ser tratado como agressor, pois, para a diretora, a não realização do gesto e a não aceitação das desculpas do colega significa que ele seria exatamente como aquele que o agride freqüentemente. A reviravolta no episódio permite que o agressor interprete que seus gestos não foram suficientemente graves para serem passíveis de algum tipo de punição, podendo ser resolvidos com um simples aperto de mãos, como de fato

77 LOCH, Jussara de Azambuja. Uma Introdução à Bioética. *Temas de Pediatria Nestlé*. n.73, 2002. p. 12-19. Disponível em: [http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Princ%C3%ADpios /PRINC%C3%8DPIOS%20DA%20BIO%C3%89TICA%20\(3\).pdf](http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Princ%C3%ADpios /PRINC%C3%8DPIOS%20DA%20BIO%C3%89TICA%20(3).pdf). Acesso em maio de 2013.

acontece. Quanto ao posicionamento da diretora, verifica-se que ela não encerrou o processo de agressão por não ter tratado apropriadamente o confronto estabelecido; porque a culpabilização da vítima implica em um agravamento do prejuízo para ela; e, por último, por não permitir a escolha da vítima em perdoar ou não seu agressor.

Noutra situação, a família de Alex recorre à escola para solucionar casos de agressão no ônibus escolar. Com uma atitude evasiva, a diretora não admite que o *bullying* aconteça constantemente e não apresenta uma solução concreta, alegando que “ônibus são lugares ruins para muitas crianças”⁷⁸, que “eles são uns anjinhos”⁷⁹ e que poderia trocá-lo de ônibus, mas que isso não asseguraria o fim dos ataques. Szymansky, Gonçalves, Damke e Kliemann⁸⁰ constatam que, muitas vezes, os episódios de *bullying* não são percebidos pelos educadores, a ignorância decorre do fato de não saberem como agir diante de tais situações ou por considerarem atitudes agressivas como simples brincadeiras. O fato de haver negação da existência de *bullying* se torna um empecilho no combate a essas práticas, pois desencadeia uma seqüência de eventos. Quando a escola não considera uma agressão verbal ou física como um ato de violência e, conseqüentemente, não notifica os pais ou responsáveis, não necessariamente a família da vítima saberá e poderá tomar alguma atitude, como a família do agressor tampouco terá conhecimento da situação. Como nenhuma das partes discutirá com os adolescentes sobre tais fatos, a tendência é que haja sucessivas repetições.

Em mais de uma das famílias filmadas, o filho que sofria os ataques, sem conseguir uma solução para os episódios e se entrosar com os demais, comete suicídio. O desejo dos pais de ver o fim desse tipo de abuso não cessa: reuniões com a comunidade são realizadas, com convite a alunos, pais, superintendentes e membros representantes do conselho escolar. Entretanto, na reunião, ninguém que representasse o sistema educacional estava presente, o que pode ser entendido como desinteresse em relação aos acontecimentos, configurando um empecilho para resolução do problema que é o *bullying*.

Quanto às esferas do poder público, um xerife alega ter policiais presentes nas escolas a fim de conter episódios de violências e proteger os estudantes. Contudo, sua afirmação é rebatida por uma mãe com a narração de que havia tentado registrar um episódio de agressão de duas crianças contra seu filho, tendo de lutar para o que registro fosse feito. Dois são

78 Fragmento retirado do filme.

79 Fragmento retirado do filme.

80 SZYMANSKY, Maria Lídia; GONÇALVES, Josiane Peres; DAMKE, Anderléia Sotoriva; KLIEMANN, Marciana Pelin. *O bullying no contexto escolar: a omissão da escola*. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/882_770.pdf. Acesso em maio de 2013.

os problemas: a falta de legislação regulamentando as medidas a serem tomadas e o fato de a situação ocorrer com crianças e adolescentes, o que requer medidas diferenciadas, por estarem em uma situação de maior fragilidade que os adultos.

Com uma atitude mais extrema, a personagem Ja'meya (14 anos) pega a arma de sua mãe e, no ônibus escolar, coloca em perigo a vida do motorista e de diversos estudantes. Como consequência deste fato, ela é internada em uma instituição psiquiátrica e vai a julgamento. Após a análise da situação, a estudante é absolvida, mas é entregue à custódia do Estado, continuando internada por algum tempo. Sendo a etnia um possível fator justificável de agressão para aqueles que praticam *bullying*, o fato de a adolescente ser afrodescendente contribuiu para que ela fosse vítima dessa prática, especialmente ao se considerar que a discriminação racial é uma prática comum ainda no século XXI, sendo, inclusive em países como o Brasil, considerada crime. O confinamento na instituição tem uma conotação benéfica: com o auxílio de profissionais, espera-se que haja uma melhora emocional para o enfrentamento das situações de *bullying* e que seja trabalhada a reinserção da adolescente na comunidade. Devido aos sucessivos episódios de agressão, as vítimas de *bullying* podem ter reações exacerbadas, fazendo-se necessária a formulação de leis *anti-bullying* para a prevenção e o combate dessas práticas.

No Brasil, o Projeto de Lei nº 3036/2011⁸¹, do deputado Aguinaldo Ribeiro (Partido Progressista/PB), dispõe sobre a instituição de comissões *antibullying* nas instituições de ensino. Por meio desse, o Congresso Nacional decretaria, dentre outros, que:

Art. 2º A Comissão tem as seguintes competências:

II – elaborar plano de repressão ao *bullying*, prevendo a intervenção imediata para o fim da ocorrência, incluindo: a suspensão dos agressores e a proteção explícita aos alunos vítimas; a notificação imediata aos pais ou responsáveis pelos alunos agressores e alunos vítimas e, em casos graves, o encaminhamento dos alunos envolvidos ao Conselho Tutelar.

Projetar e instituir comissões *antibullying* nos ambientes escolares pode significar uma alternativa de solução, como sugere o projeto de lei supracitado, mas exige cooperação de diversos setores. Entretanto, é preciso analisar e aplicar essa alternativa de forma que não se torne

81 BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei 3036/2011*. Disponível em:

http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=552C6D9A44A71539A41B437C751F42A7.node2?codteor=964708&filename=Avulso+-PL+3036/2011. Acesso em julho de 2013.

apenas uma rotina burocrática. Não deve ser somente uma função que recaia sobre a escola e sobre os educadores, mas é fundamental que haja incentivo por meio de políticas e envolvimento da família e da comunidade. Programas *antibullying* são, de fato, “sistemas dinâmicos e complexos”, o que exige a elaboração de diretrizes e a execução de ações coerentes e eficazes.⁸²

Para discussão:

1. A formação de crianças e de adolescentes não é de responsabilidade exclusiva da escola, apesar de ela possuir importante participação no processo. Discuta sobre a necessidade de envolvimento da família, como da instituição escolar e da sociedade no processo de formação ética e humana dos estudantes e sobre ações que poderiam encerrar episódios de violência, tais como o *bullying*.
2. Tanto no filme quanto em pesquisas científicas evidencia-se que a ocorrência de *bullying* gera impactos no desenvolvimento de crianças e adolescentes, seja nas vítimas, seja nos agressores. Quanto à saúde mental, que ações podem ser realizadas para garantir que a vítima de *bullying* consiga superar as agressões, amenizando possíveis traumas?
3. Aspectos culturais, econômicos e sociais, características inatas, influências familiares, de amigos e da escola podem ser considerados fatores de risco para que crianças e adolescentes pratiquem *bullying*. Considerando os praticantes de *bullying*, discuta como tais fatores podem levar alguém a praticar as agressões e se uma ou outra característica pode influenciar na gravidade da ação.
4. Ao ser alvo de sucessivas situações de *bullying*, sejam somente agressões verbais, sejam acompanhadas de maus-tratos físicos, a criança e o adolescente podem pensar em se vingar do agressor, havendo uma transição da posição de vítima para a de agressor. Quais atitudes famílias e escolas podem tomar para evitar que esse processo aconteça, sem causar mais danos à vítima?
5. Pensando sobre as diferentes etapas da sua vida, especialmente sobre a infância e a adolescência, você já presenciou algum episódio de *bullying*? Alguma vez foi vítima? Se sim, como se sentiu? O que foi feito? E o que gostaria que tivesse sido feito?

82 LOPES NETO, Aramis A. Bullying – comportamento ...

Sugestões de leitura:

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO (FIA). Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor – CEATS. *Relatório de Pesquisa: Bullying escolar no Brasil* – março de 2010. Disponível em <http://www.promenino.org.br/portals/o/pesquisabullying.pdf>.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. *Jornal de Pediatria*. vol. 87, n.º 1, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/jped/v87n1/v87n01a04.pdf>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Bullying*

Título original: *Bully*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: documentário

Classificação: livre

Tempo de duração: 98 minutos

Ano: 2011

Direção: Lee Hirsch

Suicídio

Mídia e prevenção do suicídio: análise do documentário *The bridge*

Verônica Miranda⁸³

Carlos Estellita-Lins⁸⁴

A narrativa filmica

The bridge (2006) – *A ponte* é um documentário de 93 minutos dirigido por Eric Steel. O filme nos fala sobre os suicídios ocorridos na ponte Golden Gate, mostrando cenas reais de pessoas que efetivamente pularam da ponte como também entrevistas com familiares, amigos e pessoas indiretamente envolvidas. Uma reportagem no *The New Yorker*, sobre o número enorme de suicídios ocorrido na Golden Gate e a falta de barreiras de proteção para diminuir estas mortes, o inspirou a fazer este documentário.

Steel filmou um ano durante o dia com duas câmeras. Uma das câmeras permaneceu fixa, utilizando uma lente grande angular para obter uma visão panorâmica da ponte como se fosse um cartão postal, enquanto a outra adotou uma teleobjetiva poderosa para poder acompanhar de perto os transeuntes que atravessavam a ponte. Nesse período muitas tentativas aconteceram e dos 24 suicídios ocorridos Steel filmou 23. Esta amostragem incomum já é capaz de tornar o filme especial e muito interessante. Sua estrutura narrativa se afasta dos documentários de entrevista convencionais à medida que introduz uma camada de temporalidade proveniente do passado, que ancora os depoimentos no presente e também aponta para o futuro. Desta maneira uma série é investigada. Esta virtualidade serial incomum ganha simultaneamente valor etnográfico e também estatuto de documento ambivalente – evidentemente verídico contudo também factício⁸⁵.

O filme logo atingiu um público maior após estrear no Tribeca Film Festival e no San Francisco International Film Festival em 2006, que são eventos menores e altamente especializados dentro da cena massificada do cinema industrial. Houve inúmeras críticas além daquelas positivas sendo o diretor muitas vezes acusado de irresponsável, *voyeur* e imoral. Especialistas em saúde mental, por sua vez, temiam que o filme pudesse

83 Psicóloga clínica, mestre em Ciências (FIOCRUZ), Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em saúde (ICICT), pós-graduação *lato sensu* em Psicanálise (USU).

84 Doutor em Filosofia (UFRJ), pesquisador e professor no PPGICS (FIOCRUZ). Médico Psiquiatra, Psicanalista, integrante do comitê de suicidologia da Associação Mundial de Psiquiatria.

85 Devemos a Bill Nichols uma análise arguta do documentário contemporâneo, especialmente em seu esforço de superação crítica do filme de entrevistas convencional (“voz-de-deus” + cabeças falantes). NICHOLS, BILL. *The voice of documentary*. *Film Quarterly*. Berkeley, v. 36, n. 6, 1983: p. 259-273.

levar a um aumento do número de suicídios na ponte (ou em qualquer outra ponte-problema) devido ao efeito *copycat*⁸⁶. Celia Kupersmith, diretora geral da rodovia da Ponte Golden Gate, afirmou inclusive que o número realmente teria aumentado, mas justifica este dado pela justaposição do impacto do documentário com o alarde da imprensa na época. Este problema tem inclusive importância epidemiológica, pois o delineamento dos estudos sobre mídia, jornalismo, informação e suicídio (correlacionando notícia com desfecho) se reparte em ficcional ou não-ficcional. O filme problematiza exatamente este tipo de fronteira.

Para Eric Steel, *A ponte* não mostra nada que as pessoas já não saibam, mas simplesmente não querem enxergar. O filme opera sobre algo renegado ou escotomizado no sentido freudiano – eu vejo, mas mesmo assim prefiro não ver! Steel queria que o filme trouxesse um debate maior sobre o suicídio e sua relação com a doença mental. Para ele a maioria dos suicídios é um produto final de uma longa luta com a doença mental, o que é coerente com muitas teorias psiquiátricas ou psicológicas sobre o suicídio.

O diretor e sua equipe estabeleceram consensualmente diretrizes sobre em que momento ficariam somente observando ou quando deveriam intervir e chamar a polícia (e os encarregados na ponte). A equipe adotou por princípio que uma pessoa estaria sempre em primeiro lugar e o cineasta em segundo. A tentativa de salvar uma vida era mais importante do que conseguir as filmagens. Este princípio deontológico e bioético foi relevante no *setting* de filmagem, não se mostrando mera falácia “humanistóide” habitual. Eles de fato conseguiram salvar seis vidas, o que no caso dos outros suicídios infelizmente não foi possível, pois as pessoas não deram nenhum sinal de que poderiam se matar. Esta observação de *making of* também ganha alcance etnográfico em suicidologia, pois registra atitudes distintas nos momentos que precedem uma tentativa.

Na declaração feita por Steel no site do próprio filme, ele conta ter assistido de sua janela o colapso do *World Trade Center*. O diretor acredita

86 *Copycat* ou “efeito Werther” é a Imitação do processo de autoextermínio pelo qual algum suicídio poderia exercer um efeito modelador em suicídios subsequentes. O efeito imitativo tem sido valorizado quando envolve sujeitos vulneráveis em situação de crise e susceptibilidade em função de estressores psicossociais ou condição clínica predisponente (p.ex. depressão, abuso de drogas, ausência de rede social de apoio). Por vezes reserva-se o termo *copycat* para o desfecho suicídio envolvendo crianças ou adolescentes que emulam cenas de autoextermínio midiáticas sem plena capacidade de avaliar a decisão e os riscos. Werther é a personagem principal do livro homônimo de Goethe. No livro, a personagem se mata por amor. Após a publicação do livro, muitos jovens leitores se mataram, o que provocou uma interminável discussão sobre a responsabilidade de autores que narram suicídios pela imitação dos fatos narrados.

que aqueles que saltaram da Golden Gate deviam estar “tentando escapar do seu próprio inferno”. Cabe lembrar que, no dia seguinte ao atentado que destruiu as torres gêmeas, os jornais estavam estampados com fotos de pessoas pulando da janela para fugir do incêndio. Esse fato suscitou uma grande discussão na época sobre a legitimidade da publicação dessas fotos. A OMS havia publicado em 2000 um manual dirigido aos profissionais da mídia alertando sobre o impacto que a cobertura midiática pode ter nos casos de suicídio.⁸⁷ Algumas sugestões sobre como abordar esse tema em um noticiário estão no quadro abaixo:

Quadro 1

o que não se deve fazer (não-recomendado, proscrito, desaconselhado)
Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas
Não informar detalhes específicos do método utilizado
Não fornecer explicações simplistas
Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso
Não usar estereótipos religiosos ou culturais
Não atribuir culpas
o que se deve fazer (recomendado, prescrito, aconselhado)
Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos
Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como suicídio “bem sucedido”
Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos
Destacar as alternativas ao suicídio
Fornecer informações sobre número de telefone e endereço de grupos de apoio ou serviços onde se possa obter ajuda
Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida

As cenas

Um único sobrevivente aparece no documentário. Ele foi capaz de contar algo de sua história. As muitas outras histórias são contadas por parentes e amigos. O diretor busca nelas algum vestígio, alguma pista ou algum sinal. O filme demonstra meticulosamente que quase todas confidenciaram, fizeram algum tipo de menção ao suicídio e até mesmo pediram ajuda. A maioria das pessoas que cometeram suicídio sofria de transtornos mentais.

87 Ver OMS. Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia, 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

No entanto, sempre podemos pensar que afirmar algo sobre a suposta causa de um suicídio é uma tarefa quase impossível, porque o suicídio não é uma doença, não tem uma etiologia única, e sim constitui um desfecho relacionado a algum transtorno mental grave ou a doenças clínicas incapacitantes. Neste sentido os epidemiologistas falam que o suicídio é um desfecho, um resultado infeliz no curso de um problema de saúde. Ou seja, o suicídio faz parte da experiência humana, mas alguns grupos estão sob maior risco do que outros. O diagnóstico de transtorno mental é possível em 93 a 95% dos casos de suicídio, sendo 40-50% dos casos costumavam sofrer de depressão, 20% de dependência de álcool e 10% de esquizofrenia. Cabe também destacar que metade das pessoas que cometeram suicídio foram seis meses antes ao médico e 80% procuraram algum médico um mês antes do autoextermínio. Contudo, é muito importante observar que aproximadamente 50% das pessoas que se mataram jamais procuram um profissional de saúde mental.⁸⁸

Duas destas histórias merecem destaque:

1) Kevin é um jovem de 24 anos de idade, com diagnóstico de transtorno bipolar, um dos poucos sobreviventes da Golden Gate. Ele vence as barreiras de proteção da mureta da ponte durante uma forte crise em que apresentava sintomas psicóticos. Kevin percebia insetos em sua cama e pensava que eles tinham lhe transmitido AIDS. O jovem afirmava isto mesmo tendo consciência que não tinha relações sexuais há anos e estando ciente dos mecanismos admitidos pela ciência para a disseminação da doença. Ele estava “totalmente alterado” e resolveu dar fim à sua própria vida, pois “não queria magoar mais ninguém”, dizia ele.

Naquele dia a ponte estava cheia de pessoas, ciclistas, corredores, turistas, pedestres. Muitos passavam por ele e o viam chorando até que ocorre algo inesperado. Uma turista lhe pede para tirar uma fotografia dela. Ele pensa: “– como assim? você não está vendo que eu estou chorando?” Nesse momento ele teve certeza de que deveria pular: “– ninguém se importa; isso não é problema deles” Ato contínuo, tira a preciosa fotografia e deseja um bom dia àquela senhora. Quando se lançou da ponte, de imediato se arrepende (seu depoimento mostra-se aqui muito relevante para os clínicos). Ele não queria morrer e pensa sobre alguma maneira de permanecer vivo. Resolve mudar sua posição tentando cair de pé. Quando bate na água, afunda profundamente e percebe que continua vivo, começa a tentar submergir tentando buscar ar e seguir uma luz, quando chega à superfície começa pedir socorro, mas sua voz estava muito fraca. Sente algo passar entre as suas pernas. Ele acredita ser um tubarão que

88 BOTEGA, Neury [et al]. Prevenção do comportamento suicida. *Psico*, v. 37, n. 3, 2006, p. 213-220.

iria devorá-lo e acabar logo com seu infortúnio. Mais tarde descobre que se tratava de uma foca e que provavelmente ela o ajudou a se manter na superfície. Após esta tentativa de suicídio Kevin teve outras crises que resultaram em internações. Em seu depoimento, o pai afirma que era muito difícil para um jovem como Kevin, na sociedade atual, manter uma rotina de horários e tomar medicamentos. Estes cuidados têm sido considerados essenciais para o tratamento de um transtorno psicótico. O conceito de adesão ao tratamento tem sido utilizado para compreender por que as pessoas não conseguem seguir uma recomendação de profissionais de saúde. Em problemas crônicos (que constituem a maioria) pouco adianta novos medicamentos ou procedimentos avaliados como superiores (eficácia) se os supostos beneficiários não são capazes de realmente utilizá-los (efetividade). O que interessa não é se os medicamentos/tratamentos “devem funcionar”, mas, “se efetivamente funcionam”, como disse Fletcher de modo definitivo. Muitos pacientes em risco de suicídio necessitam de tratamento prolongado para depressão.

2) Gene Spregue é uma das pessoas que pulou a ponte e não deu nenhum sinal que iria fazê-lo. Ele fez o trajeto como qualquer outro turista. Caminhava de uma ponta a outra, contemplando, por vezes, a paisagem. O diretor conta que repassou os 90 minutos de filmagens feitas de Gene e não encontrou nada que tivesse escapado aos seus protocolos e pudesse ser avisado à polícia. Nunca saberemos o que se passava com ele nos momentos que antecederam sua defenestração.

Amigos contam que Gene era um rapaz divertido, tudo nele era atraente, as garotas gostavam dele, era inclusive “um roqueiro legal”. Porém, diziam que também era “muito dramático” e sempre dizia coisas como “vou me matar agora”, “com um tiro”, com “um arco e flecha” e *etc.*; ano após ano repetia essas coisas para os amigos. Era tido como um cão que ladra mas não morde. No dia em que pulou não foi muito diferente. Gene ligou para os amigos dizendo exatamente o que iria fazer, mas eles acharam que era a mesma conversa de sempre. Eles simplesmente não acreditavam que isso fosse possível.

Com exceção de sua amiga Caroline (ela sempre achou que esse dia iria chegar) que fez o seu último pedido a ele quando Gene ligou avisando sobre o plano de suicídio: “ponha o número de meu telefone em um saco plástico dentro de seu bolso, quando eles te acharem eu quero saber”. Para ela uma escolha já tinha sido feita há alguns anos. Ela não saberia dizer algo que o encorajasse a viver.

O suicídio causa prejuízos imensuráveis devido ao impacto social e psicológico em uma família e na sociedade⁸⁹. Cada pessoa que se mata

89 LEO, D.; EVANS, R. *International suicide rates and prevention strategies*. Cambridge, MA:

afeta entre 5 a 6 pessoas da sua rede social mais próxima e se acontecer em uma comunidade este número aumenta para algumas dezenas, como nas universidades ou na própria Golden Gate. No Brasil tivemos o caso da comunidade acadêmica da UERJ, que vem tentando corajosamente dar respostas adequadas num contexto de falta de assistência ao estudante universitário e falência do cuidado emergencial no Estado do Rio de Janeiro.⁹⁰

Como podemos ver no filme, familiares, amigos próximos e pessoas que presenciaram o suicídio ficaram profundamente marcados. O sentimento de impotência, de não saber o que é certo fazer, não acreditar que aquela pessoa é capaz de acabar com sua própria vida ou não ter direito de invadir a privacidade aparece em vários depoimentos. Geralmente os “sobreviventes” revelam experiências de culpa sobre as quais terão muita dificuldade de falar, como por exemplo no relato de Gordon Smith, que dizia ser muito difícil entender a idéia de suicídio e que não poderia dizer a um homem crescido o que fazer com sua vida. Para ele havia “uma confusa linha entre não fazer nada e fazer algo para prevenir aquilo. Quem saberia onde está essa linha? Suponho que se o tivéssemos internado ou algo assim, então... ele poderia estar vivo.” Já em outro relato, a pessoa não achava que ele tinha um quadro depressivo significativo, dizia a ele que existiam pessoas que tinham dores incessantes, mas não achava que era o caso dele, ela acreditava que ele não pertencia à categoria das pessoas que se matariam. Atitudes de questionar o sofrimento insondável exibindo como desmentido a alegria fotográfica alheia são comuns. Por vezes levianas ou cretinas, muitas vezes igualmente desesperadas. Há uma relutância em olhar para o horror da existência em sociedades que estão compulsivamente ligadas ao entretenimento, ao consumo ininterrupto e ao imperativo de crescimento econômico.

Durante muito tempo acreditava-se que quando alguém estava dizendo em alto e bom som que queria se matar, você não deveria realmente se preocupar, pois era considerada uma forma de chamar atenção e que essa pessoa não o faria realmente. Um certo modelo baseado na histeria minimizou a importância de tentativas que se mostraram danosas ao longo de estudos longitudinais. A literatura científica⁹¹ vem demonstrando

Hogrefe & Huber, 2004, p. 143-151.

90 A OMS publicou um relatório em que informa que mais de 800 mil pessoas se suicidam por ano em todo o mundo. Cerca de 75% desses casos ocorrem em países de baixa e média renda. OMS. Preventing suicide: A global imperative. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/>. Acesso em 12 de setembro de 2014.

91 BECK, A., et al. Hopelessness, depression, suicidal ideation, and clinical diagnosis of depression. *Suicide and life-threatening behavior*. v. 23, n. 2, 1993, p. 139-145.

que não se deve desconsiderar esse grito de alerta. Existem critérios para avaliar o grau de risco de cometer suicídio usando instrumentos clínicos como escalas de avaliação psiquiátrica de risco (SSP, SSI – escalas de intenção ou ideação suicida desenvolvidas por Beck; Hopelessness Scale – avaliando desesperança; ou Reasons for living – compreendendo razões para viver). Qualquer profissional da área de saúde deve ser treinado para realizar algum tipo de avaliação. Contudo, a comunidade também pode e deve ter algum tipo de informação para que se possa ajudar alguém que está em crise ou risco de suicídio. Isso pode ser feito através de campanhas educativas ou treinamento para instrutores de primeiros socorros como se verifica em outros países como a Austrália, Nova Zelândia e Reino Unido. Lá se desenvolveu o programa Mental Health First Aid⁹² (MHFA), que tem como objetivo ajudar na intervenção e detecção precoce de algum tipo de transtorno mental, propiciando intervenções em crises. Os cursos são abertos para qualquer pessoa que trabalhe com o público, para familiares ou qualquer cidadão que considere um dever aprender as técnicas de primeiros socorros em saúde mental. O MHFA usa como mascote da campanha o urso Algee⁹³ que significa:

- A – Avaliar se há risco de suicídio ou danos
- L – Ouvir sem julgar
- G – Dar segurança e informação
- E – Incentivar a ajuda profissional adequada
- E – Incentivar outras estratégias de apoio e auto-ajuda

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a implementar a Estratégia Nacional de Prevenção ao Suicídio, publicando em 2006 as Diretrizes Nacionais para a prevenção do suicídio.⁹⁴ Dentre elas destacamos duas, que apesar de suma importância não estão sendo colocadas em prática pelas políticas de saúde pública: 1ª Informar e sensibilizar a sociedade de que o suicídio é um problema de saúde pública que pode ser prevenido; 2ª Promover a educação permanente dos profissionais de saúde da atenção básica, inclusive do Programa de Saúde da Família, além de capacitação dos serviços de saúde mental.

92 OLIVEIRA, M.V. *Competência em saúde mental (mental health literacy): do conceito às estratégias na questão do suicídio no Brasil*. Rio de Janeiro: PPGICS/FIOCRUZ, 2011, p.126.

93 Acrônimo do nome de um *pet* que é personagem cultural. ALGEE – Assess for risk of suicide or harm – Listen nonjudgmentally – Give reassurance and information – Encourage appropriate professional help – Encourage self-help and other support strategies.

94 BRASIL. Portaria n.º 1.876 de 14 de agosto de 2006. Disponível em <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-1876.htm>. Acesso em agosto de 2014.

A mídia tem um papel muito importante na sensibilização da sociedade sobre o tema do suicídio, cabe a ela, noticiar de forma cautelosa e cuidadosa, evitando a cobertura sensacionalista e detalhes sórdidos a respeito do suicídio. Isso não significa que ela se silenciará sobre o assunto, mas sim, que pode disponibilizar ao público informações indicando que existe ajuda disponível. Num país com elevado índice de analfabetismo e de alfabetizados funcionais a educação em saúde fica refém dos grandes meios de comunicação, mas busca explorar os novos recursos da internet de maneira democrática e centrada na cidadania.⁹⁵

Como se pode verificar na literatura especializada sobre estratégias de prevenção do suicídio, a educação permanente de profissionais de saúde, aliada à restrição dos meios de autoextermínio e ao esclarecimento de *gatekeepers* (guardiões dos canais de informação) são vias muito promissoras para o incremento da prevenção do suicídio.⁹⁶

Para discussão:

1. Em dado momento no filme há uma resignação ao suicídio de Gene. Discuta sobre o direito de cada pessoa se matar, apoiar o suicídio e apoiar a liberdade de escolha de cada um. Aborde questões religiosas, filosóficas e científicas.
2. O filme mostra a ambiguidade existente entre morrer e viver. Parece que por parte daqueles que querem se suicidar há uma busca de ajuda. Trabalhe a necessidade de uma ajuda especializada e a detecção mais afetiva de pacientes de risco, principalmente no âmbito da saúde da família.
3. Na reportagem “Jumpers” que inspirou o diretor, havia dicas de situações, que poderiam identificar possíveis pessoas em situação de risco. Discuta sobre a necessidade ou não de campanhas para alertar as pessoas sobre suicídios e qual a sua implicação.
4. Faça uma pesquisa a respeito de noticiários sobre suicídio e abra uma discussão sobre efeitos imitativos do tipo *copycat*.
5. Compare as recomendações feitas pela OMS aos profissionais da mídia (por exemplo, o que deve ser publicado e o que não deve ser publicado na mídia) com o filme e as reportagens postadas (busque na *internet* algumas notícias e analise se seguem o modelo proposto pela OMS) nos dias seguintes ao atentado de 11 de setembro.
6. Discuta sobre a possibilidade de prevenir ou não algum suicídio. Relacione com a restrição dos meios (por exemplo, discutir se colocar

95 ESTELLITA-LINS, CARLOS, et al. *Trocando seis por meia dúzia. Suicídio como emergência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X & Faperj, 2012.

96 MANN, J. JOHN; APTER, ALAN, et al. Suicide Prevention Strategies: A Systematic Review. *JAMA*. v. 294, n. 16, 2005, p. 2064-2074.

grades de contenção realmente adianta), com o treinamento de crise em profissionais de saúde e ainda com o treinamento de guardiões na comunidade.

Sugestões de leitura:

BOTEGA, N. J. [et al]. Prevenção do comportamento suicida. *Psico*, v. 37, n. 3, 2006, p. 213-220.

BRASIL. Prevenção do suicídio: manual dirigido profissionais da saúde da atenção básica. 2009. Disponível em: <http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/control/ShowFile.php?id=147297>.

ESTELLITA-LINS, C. [et.al] *Trocando seis por meia dúzia: suicídio como emergência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X: FAPERJ, 2012.

OLIVEIRA, M.V. *Competência em saúde mental (mental health literacy): do conceito às estratégias na questão do suicídio no Brasil*, 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação em Saúde). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

OMS. Preventing suicide: A global imperative. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/.

OMS. *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*. 2000. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_por_t.pdf.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *A ponte*

Título original: *The bridge*

Pais de origem: Estados Unidos da América

Gênero: documentário

Classificação: 18 anos

Tempo de duração: 93 minutos

Ano: 2006

Direção: Eric Steel

As virgens suicidas: para mais informações ligue 555-MARIA

Rodrigo Gomes Ferrari Cesar⁹⁷

Logo após a filha mais nova do casal Lisbon, Cecília, ser salva de sua primeira tentativa de suicídio, ainda no leito do hospital, o médico a confronta com uma frase que é ao mesmo tempo uma espécie de censura, mas também de curiosidade: “O que você está fazendo aqui, meu bem? Você nem tem idade para saber o quanto a vida pode se tornar ruim”, ao que a pequena Cecília responde,afiada como a lâmina com a qual cortara seus pulsos: “é óbvio, doutor, você nunca foi uma menina de treze anos”.

Sofia Coppola estréia no cinema com o filme *As virgens suicidas* (*The virgin suicides*, 1999) mostrando talento e sensibilidade, pois acertadamente manteve *ipsis litteris* esse diálogo que está presente no romance homônimo de Jeffrey Eugenides do qual foi adaptado. Esta cena, uma das primeiras do filme americano, retrata um quadro já conhecido mais ao sul do continente: 35% dos adolescentes brasileiros, dos 13 – idade de Cecília – até os 19 anos pensam em suicídio⁹⁸. Pensar em suicídio não é incomum. Pesquisa realizada pela Unicamp⁹⁹ indica que 17% dos brasileiros já pensaram seriamente em se matar e quase 5% chegaram a elaborar um plano para isso. Estes números expõem a necessidade de se trabalhar seriamente para a prevenção do suicídio. Falar abertamente sobre o assunto é um primeiro passo. No filme, entretanto, após a saída de Cecilia do hospital depois de sua tentativa frustrada de suicídio, a família não fala sobre isso. E esconde os cortes com braceletes.

Portanto, a escolha da estreante diretora não podia ser mais feliz. Se por um lado, o questionamento feito pelo médico expõe como o suicídio é um assunto coberto de preconceito e estigma e se mantém tabu também entre os profissionais de saúde, por outro, sua fala busca conhecer as causas, que é uma das formas de se tentar reduzir as taxas de suicídio. A pergunta sobre a qual não apenas o próprio filme se debruça como é também interrogação freqüente entre familiares e amigos próximos aos suicidas é: “por quê?”.

Por isso o filme se utiliza em vários momentos do formato conhecido por *mockumentary*¹⁰⁰ entrevistando personagens que conheceram as cinco

97 Bacharel em Física (UNICAMP). Professor de Roteiro (IBAV/Escola de Cinema Darcy Ribeiro). Coordenador adjunto de Informação e Comunicação (FIOCRUZ).

98 BORGES, V. WERLANG, B.. Estudo de ideação suicida em adolescentes de 13 a 19 anos. *Psicologia, Saúde & Doenças*. 7 (2), 2006, p.195-209.

99 BOTEGA, Neury José [et al]. Prevalências de ideação, plano e tentativa de suicídio: um inquérito de base populacional em Campinas. São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 12, Dec. 2009.

100 *Mockumentary* é uma categoria de filme cujo formato apresenta eventos fictícios em

filhas do casal Lisbon e que, uma após a outra, se suicidaram. Acompanhamos o ponto de vista de um grupo de garotos que viveu e desejou as cinco lindas e loiras irmãs da casa vizinha e que, 25 anos depois, investigam a trágica história da família Lisbon a partir de cartas, diários, revistas e fotos deixadas na casa onde elas foram criadas, memórias coletivas de momentos que eles nunca viveram. Essa mistura de falso documentário com o quebra-cabeças sendo montado pelos garotos nos remete a um aspecto detetivesco comumente observado nos que ficam e que buscam explicações para o triste ocorrido em uma espécie de engenharia reversa.

Ao refazermos os passos de Cecília, a caçula de 13 anos, Lux, 14, Bonnie, 15, Mary, 16, e Therese, a mais velha, mas ainda com singelos 17 anos, veremos como a histeria sexual da controladora mãe católica recai sobre as cinco meninas quando estão em idade de descobrirem o sexo e a vida. Cecília, ao cortar os pulsos, parece conseguir flexibilizar a ultraconservadora senhora Lisbon (Kathleen Turner). Aconselhados por um psiquiatra (interpretado por Danny DeVito), assim que a filha recebe alta do hospital, seus pais organizam pela primeira vez na vida delas uma pequena festinha no porão de casa, ainda que sob as atentas vistas da mãe. Um dos convidados é Joe, um menino com Síndrome de Down. Em certo momento, alguns garotos começam a provocá-lo. Cecília parece se identificar com Joe e não gosta do que presencia. Ela então sobe as escadas até o seu quarto e se joga pela janela, sendo empalada na cerca da frente da casa.

Não basta arrancar a cerca, medida que Ronald Lisbon, o pai de Cecília, toma após o enterro da filha, pois a mãe continuará cerceando as quatro filhas restantes, especialmente Lux, protagonista do filme a partir de então (e cujo papel fez a carreira de Kirsten Dunst deslanchar). Não apenas isolando-as fisicamente, mas tentando apagar até suas fantasias mais pueris, como quando, ainda antes da morte de Cecília, a senhora Lisbon descobre que Lux alimenta uma paixão platônica pelo lixeiro e que escreveu o nome dele em suas calcinhas. A mãe não tem dúvidas: esfrega as roupas íntimas da filha com água sanitária até que todos os nomes sejam apagados.

James Woods faz o pai das jovens, um professor de matemática bastante excêntrico que fala com as plantas e dá aula na escola das filhas. Ele não interfere na rígida educação que sua mulher impõe às meninas mas, ainda assim, consegue dissuadi-la, permitindo que Trip, um aluno do último ano, visite Lux em casa. Trip é o garoto mais popular da escola e se apaixonou talvez nem tanto pelos atributos indiscutíveis de Lux, mas por ela ser praticamente inalcançável em sua clausura.

estilo documentário.

A visita, entretanto, não se assemelha em nada ao que Trip tinha em mente: a grosseira senhora Lisbon fica o tempo todo sentada entre o jovem casal enquanto todos assistem *Animals in the wild*, um programa de TV no melhor estilo mundo animal. Na telinha, a luta pela sobrevivência no deserto sul-africano, a vida selvagem da qual os Lisbon querem manter a família a salvo. Não à toa, mais adiante no filme, veremos, dentre os vários objetos que os garotos recolheram da casa, uma revista de turismo sobre a África, a forma que as jovens encontraram de alçar vôo.

Trip consegue levar Lux ao baile do colégio, mas com a condição de que as irmãs os acompanhem. A mãe altera os vestidos das jovens, alargando-os na cintura e deixando-os mais fechados no decote, mas as garotas estão tão radiantes que não se importam que seus vestidos mais pareçam sacos de batata.

Não por acaso, contrastando com a prisão de sua curta existência, Lux perde a virgindade nesta noite, ao ar livre, no campo de futebol. Depois, Trip e ela caem no sono. Sem conseguirem encontrar a irmã Lux, Bonnie, Mary e Therese voltam para casa com medo de se atrasarem e terem de enfrentar a ira de sua mãe. Quando Lux acorda, já é dia claro, e descobre que Trip não está mais lá, tendo deixado-a sozinha.

Pela transgressão de Lux, a senhora Lisbon pune as filhas tirando as quatro da escola e confinando-as numa casa repleta de imagens religiosas. Mas tal castigo parece não ser severo o bastante e a mãe, provavelmente inspirada pelo sermão dominical na igreja, obriga Lux a queimar sua coleção inteira de discos de rock na lareira do primeiro andar. O vinil, que quando queima lança no ar uma densa e sufocante fumaça que toma toda a casa, é a imagem que, de outra forma, estará presente também nos minutos finais do filme, no derradeiro pedido de socorro que Lux faz à mãe, quando a jovem reclama se sentir sufocada e já não conseguir respirar.

Lux não deve vivenciar nada de prazeroso, pois o prazer pressupõe uma entropia que coloca em risco a segurança do lar perfeito dos Lisbon. A senhora Lisbon não imagina, portanto, que os garotos vizinhos assistem por uma luneta sua filha lutar contra a castração imposta transando, noite após noite, com vários homens no telhado que protege o sono tranquilo da mãe.

Sem poderem sair de casa, as quatro irmãs se comunicam com os jovens narradores por meio de código Morse (usando um abajur vermelho-sangue) e de cartas deixadas no limpador de pára-brisa do carro do pai. Ironicamente, mesmo dessa forma, as meninas conseguem uma comunicação melhor com eles do que com seus vigilantes pais.

Pelo livro que deu origem ao filme, sabemos que o olmo doente na frente da casa dos Lisbon sucumbiu de um fungo disseminado pelo besouro da grafiose¹⁰¹. Ainda assim a família se une na tentativa de salvá-la. As irmãs, isoladas do mundo, fazem um cordão de isolamento impedindo que a prefeitura corte a árvore que precisa ser posta abaixo para não contaminar as demais. Parecem não se dar conta que a árvore já está morta, recheada por uma espécie de cimento que tenta manter em pé um casco sem vida. Tentam evitar o inevitável, assim como tentam impedir que a inexorável marcha da liberação sexual iniciada no final da década anterior chegue àquela casa no subúrbio de Michigan.

Ao menos, naquele momento, ainda lutam. Vão desistir da árvore, dos bailes, da música, não muito tempo depois. Elas mandam um recado aos garotos combinando que eles as busquem à meia-noite. Os garotos chegam na hora indicada e Lux os convida para entrar. É quando eles descobrem que Bonnie, Mary e Therese já haviam partido: uma enforcada, outra com a cabeça dentro do forno e a terceira com uma *overdose* de remédios. Enquanto isso, Lux se envenena com o gás carbônico que sai pelo escapamento do carro, encerrando a insurreição extrema das adolescentes contra a tirania – de afeto, aliás – de seus pais.

Ainda em busca de compreender os motivos do suicídio em massa das cinco irmãs, o filme obtém o depoimento da senhora Lisbon que se defende dizendo sempre ter havido muito amor em sua casa e confessa não entender o porquê, pergunta com a qual o roteiro de Sofia Coppola inicia e propositalmente termina essa bela e trágica história. Resposta que os garotos não vão obter de todo, porque, afinal, eles nunca foram uma garota de treze anos.

Epílogo

Camus considerava o suicídio o único problema filosófico realmente sério¹⁰². Portanto, é bastante corajoso por parte de Sofia Coppola escolher esse tema como pano de fundo. Além de ser uma bem sucedida estreia no cinema, o filme contribui para elencarmos uma série de fatores de proteção para evitar suicídios, em especial na adolescência, mas que se estende a todos.

O primeiro deles está presente na cena de abertura do filme, quando um santinho com os dizeres “Para mais informações ligue 555-MARIA” cai do colo ensangüentado da pequena Cecilia. A religião, segundo

101 Grafiose, também conhecida como “Doença do Olmo Holandês”, é causada pelo fungo *Ascomycota* e disseminada pelo besouro da casca do olmo. Autoria desconhecida. Disponível em: <http://www.biorede.pt/page.asp?id=1701>. Acesso em agosto de 2014.

102 CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 17.

Durkheim, age como integrador (por meio de seus ritos e crenças) e acaba tendo a função suplementar de prevenir o suicídio¹⁰³. Entretanto, no filme, a religião age ao contrário, como opressora das jovens, pois só a mãe professa a fé. Isso fica evidente quando o padre visita a família logo após a morte de Cecilia. Ronald, o pai, não deixa de assistir à partida de beisebol para atender ao pároco, assim como as quatro irmãs nem mesmo o cumprimentam quando ele abre a porta do quarto.

Além deste fator, destacam-se a conservação dos vínculos afetivos e a sensação de fazer parte de um grupo ou comunidade. Quais vínculos afetivos as jovens Lux, Bonnie, Mary e Therese poderiam criar se foram impedidas de continuar freqüentando a escola? A qual grupo se integrariam se estavam alijadas de qualquer evento ou confraternização após o baile em que Lux perde a virgindade?

Para piorar, isso acontece justo quando elas estão em idade escolar, etapa da vida quando se observa no presente, em comparação com o século passado, um aumento considerável no número de suicídios. Nessa fase – como em qualquer outra, aliás – o problema não é ter o pensamento suicida, o problema é não ter com quem falar sobre ele.

Para discussão:

1. No filme, os profissionais de saúde aparecem em duas cenas: (a) quando Cecilia está no hospital e o médico pergunta o que ela está fazendo lá já que não teria idade para saber como a vida pode ser ruim; e (b) após Cecilia receber alta, quando um psiquiatra aplica o teste de Rorschach¹⁰⁴ e diz que a jovem não queria de fato acabar com sua vida e sim pedir socorro, sugerindo que Cecilia tenha mais vida social. De que forma essas intervenções podem ter impactado no destino trágico das cinco adolescentes?
2. Ronald Lisbon é um pai amoroso, um marido presente, mas algumas cenas do filme o colocam como obediente – e até mesmo temeroso – em relação à senhora Lisbon, sua mulher. Isso acontece quando ele se coloca atrás dela na soleira da porta de entrada no momento em que a prefeitura tenta cortar a árvore; e também quando confessa para Trip que ele não poderia tomar uma decisão sem antes falar com a esposa. Em outra cena, Ronald cochila enquanto Trip e Lux assistem TV, podendo indicar que o

103 DURKHEIM, Emile. *O suicídio: estudo sociológico*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

104 “O teste de Rorschach, popularmente conhecido como “teste do borrão de tinta”, é uma técnica de avaliação psicológica pictórica (...) [que] consiste em apresentar dez pranchas com manchas de tintas (...) ao indivíduo. A partir das respostas dadas, procura-se obter um quadro psicológico dele.” Autoria desconhecida. Teste de Rorschach. *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Teste_de_Rorschach&oldid=39739068. Acesso em setembro de 2014.

pai não apenas não dá tanta importância (talvez até ache natural) que sua filha comece a namorar como também deixa que o papel de impor limites fique a cargo da senhora Lisbon. Qual o papel da figura paterna em suicídios cometidos por mulheres?

3. No início dos anos 1970, as ondas da revolução sexual iniciada em 1968 ainda não haviam chegado ao subúrbio e muito menos à casa onde as jovens moravam. Após as irmãs serem impedidas de sair e de frequentar a escola, Lux começa a transar e a fumar no telhado de casa, mas isso se mostrou insuficiente. Não por acaso, Lux se suicida dentro do carro onde se imaginava fugindo, mas ainda assim, na garagem de casa. Em suma, elas estão presas. Em situações como as das meninas Lisbon, quais seriam outras saídas para adolescentes, que não o suicídio, para escaparem de sistemas opressores impostos pelos pais? Qual o impacto da liberação sexual nas taxas de suicídio nas sociedades ocidentais?

Sugestões de leitura:

BERTOLOTE, José Manoel. *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

EUGENIDES, Jeffrey. *As virgens suicidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

STACK, Steven; BOWMAN, Barbara. *Suicide movies: social patterns: 1900–2009*. Cambridge: Hogrefe, 2011.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *As virgens suicidas*

Título original: *The virgin suicides*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 97 minutos

Ano: 1999

Direção e roteiro: Sofia Coppola

Loucura

Hombre mirando al sudeste: um elogio da loucura?

Paula Goldmeier¹⁰⁵

*As leis e os costumes vos concedem o direito de
medir o espírito. Deixa-nos rir.*¹⁰⁶

Interrogar o mundo através da loucura. Interrogar a própria loucura. O cineasta argentino Eliseo Subiela, diretor da película *Hombre mirando al sudeste* (1986), se vale da figura do louco em muitas de suas obras para denunciar problemas sociais, bem como questões morais. Tal intenção fez com que utilizasse em três de seus filmes o Hospital Borda de Buenos Aires - inicialmente hospício San Buenaventura – como cenário.

Em *Hombre mirando al sudeste*, o personagem Rantés surge como o misterioso 33º paciente da ala do psiquiatra Julio Denis que, depois de muitos anos, volta a se interessar por um caso dentro do hospital. A origem desconhecida aumenta o enigma em torno do suposto delirante, que se diz vindo de outro planeta a fim de estudar a estupidez humana. Cético em relação à afirmação de Rantés, o médico se obriga, pelas indagações bem pontuadas e construídas do paciente, a reatualizar seus próprios questionamentos acerca de sua vida e de sua profissão.

Em tempos de declarações públicas que reivindicam – talvez como medida desesperada de manutenção do histórico lugar de poder do saber médico – uma revisão da Lei Estadual 9.716/92¹⁰⁷ (Lei da Reforma da Psiquiátrica no RS) e a retomada da internação em hospitais psiquiátricos como forma de tratamento da doença mental, é importante resgatar o debate sobre as liberdades e as disciplinas, cujas descoberta e invenção são, ambas, produto da modernidade.¹⁰⁸ Diz o presidente da Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Carlos Salgado, em opinião transcrita no jornal de maior circulação do estado:

A lei pretendia libertar os doentes mentais, mas abriu vagas no pior dos manicômios medievais que é o leito da avenida. Penalizado pelos azares da vulnerabilidade mental, o doente psiquiátrico vem

105 Psicóloga, analista institucional, mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), integrante da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia do RS.

106 Antonin Artaud, “Carta aos médicos chefes de manicômios”, em 1925. In: WILLER, Cláudio (org.). *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

107 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Lei Estadual nº 9.716, de 7 de agosto de 1992. Disponível em: <http://www.mprs.mp.br/dirhum/legislacao/id326.htm>. Acesso em agosto de 2014.

108 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

sendo despejado através de uma denúncia vazia que o destitui da cidadania que lhe restava e garantia um abrigo.¹⁰⁹

Ao longo da história, a loucura tem sido tratada de diferentes maneiras, dependendo da captura que se faz desse modo de habitar o mundo e que está diretamente associada aos contextos socioculturais e socioeconômicos de cada tempo e de cada lugar. Por muito tempo, os loucos foram sentenciados ao afastamento do convívio urbano. Além disso, a loucura era colocada como marca daquilo de que a sociedade gostaria de se livrar. Não foram poucos os casos de mulheres que perderam a virgindade antes do casamento, alcoolistas, professores com ideais subversivos, para citar apenas alguns exemplos de pessoas que foram encarceradas sob o manto da loucura. Ser inadequado aos padrões morais vigentes já era razão suficiente para que fossem retiradas do trânsito social. Em nome da manutenção da ordem, atrocidades eram cometidas e, dentro dessas instituições totais, como os asilos manicomialis, a dignidade humana não era considerada.

A Reforma Psiquiátrica, como movimento, tem suas origens na Itália, nos anos 1960 e 1970, com o trabalho de Franco Basaglia, psiquiatra que assumiu a direção do Hospital Provincial de Trieste e revolucionou o método de atendimento aos doentes mentais. Acionado pelo estudo da obra de Michel Foucault – especialmente *A História da Loucura* – interrogou a internação como forma de tratamento. Suas práticas levaram a construção de outras possibilidades para a relação da loucura com a cidade e Trieste, onde atuava, teve reformulada a sua rede de atendimento aos sujeitos com qualquer transtorno psíquico. Os serviços substitutivos ao manicômio, como emergências psiquiátricas em hospital geral, centros de convivência, cooperativas de trabalho, moradias assistidas, foram colocados na experiência cotidiana do território de Trieste culminando no fechamento do hospital psiquiátrico, em 1976. Dois anos mais tarde, foi assinada a Lei da Reforma Psiquiátrica Italiana, popularmente chamada de Lei Basaglia¹¹⁰, pois foi inspirada nas reflexões, conceitos e ações deste renomado médico.

Em âmbito mundial, as discussões acerca da Reforma Psiquiátrica diferem de acordo com a conjuntura de cada país. No Brasil, esse movimento ganhou força no final dos anos 1970, momento em que a luta

109 SALGADO, Carlos. Manicômio Protásio Alves. *Opinião, Jornal Zero Hora*. 13 de agosto de 2014. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2014/08/13/artigo-manicomio-protasio-alves/>. Acesso em agosto de 2014.

110 AMARANTE, P. *O homem e a serpente. Outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. PASSOS, I.C.F. *Reforma psiquiátrica: as experiências francesa e italiana*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

pela democracia tomava corpo de forma mais ampla, enfática e pulsante. Diferentemente da Itália, nosso País tem uma tradição da psiquiatria privada, financiada pelo Estado. Assim, a inversão da lógica do atendimento ao doente mental, passa por tensionar os interesses econômicos do monopólio médico. Retirar o louco do hospício e devolver-lhe o direito à cidade, implica problematizar os ideais da assepsia higienista que interessa àqueles que se afirmam no topo da hierarquia do saber sobre a vida. Misturar o cuidado à loucura, doença do espírito, com o tratamento às moléstias do organismo coloca em xeque de forma simples e primária a clássica dicotomia corpo-espírito, assim como interroga a caricatural dinâmica mercantil que cria cada vez mais prateleiras de especialismos para vender o produto da saúde.

Ao iniciar o filme com a cena de um atendimento em que um louco relata seu sofrimento e o psiquiatra interroga a si sobre o que faz aquele sujeito pensar que ele o pode ajudar, anuncia a torção intencionada: borrar as fronteiras entre médico e paciente. Com isso, pondera sobre a condição humana presente em qualquer prática de cuidado, ainda que alicerçada na égide científica de um domínio de saber. Talvez mais, demonstra o quanto é estéril e violenta a tentativa de transpor às ditas ciências humanas o preceito positivista da neutralidade ansiado nas ciências exatas. Podemos, então, acompanhar Foucault quando coloca que “o conhecimento do homem, diferentemente das ciências da natureza, está sempre ligado, mesmo sob sua forma mais indecisa, a éticas ou políticas”.

Temos que a dimensão ético-política da psicologia deve dizer respeito à possibilidade de liberar a vida, onde ela está aprisionada e não pode se expandir e se afirmar em sua multiplicidade de sentidos. Quando a loucura foi tomada como objeto específico da psiquiatria, e o foco das intervenções passou a ser a doença mental, algemou o sujeito em sofrimento a diagnósticos sempre insuficientes à complexidade que é atributo indissociável da condição humana. Ademais, enclausurou o cuidado a um território restrito e excludente do convívio social.

O movimento da luta antimanicomial, capitaneado por Basaglia especialmente nas décadas de 1970 e 1980, tratou de desconstruir a lógica institucional de isolar os sujeitos à margem da normalidade social. Na América Latina, a edição de algumas leis que garantem direitos aos pacientes psiquiátricos e, principalmente, que alteram o foco de intervenção, bem como o lugar onde devem receber o tratamento oportuno foi também desdobramento desse processo, associado aos projetos de democratização. Tanto a Lei do SUS¹¹¹, de 1990, como a da Reforma Psiquiátrica

111 BRASIL. Lei n.º 8080/1990. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/legislacao/lei8080_190990.htm. Acesso em agosto de 2014.

do RS de 1992, foram predecessoras da lei federal de 2001¹¹², que traçou novas diretrizes para o acompanhamento, na rede pública, dos sujeitos com transtornos mentais.

Como retrato de um passado que dura na história, ainda hoje a Comissão de Direitos Humanos do Conselho de Psicologia recebe muitas denúncias de violências e violações de direitos. No último mês, chegou ao conhecimento da CDH o fato de que em determinado hospital universitário, a ala psiquiátrica teria a intervenção de dentistas que arrancariam os dentes dos pacientes com transtornos mentais, pois o choque estava fazendo com que caíssem. Nas últimas décadas, tem sido pauta constante das entidades de classe da psicologia a luta pela humanização do cuidado e da atenção em saúde.

A saúde mental tem sido campo de disputa no qual a psicologia tem firmado a bandeira da desinstitucionalização da loucura, discurso que se opõe à corrente hegemonia dentro da psiquiatria, que defende a continuidade de métodos e espaços de isolamento como práticas de intervenção em saúde. Quando a psicologia assume, também para si, o protagonismo na discussão sobre Direitos Humanos, fala a partir do entendimento de “um direito não dado, não garantido, que afirma a vida em toda sua potência de criação”.¹¹³ Nesse agenciamento, engendra-se o desafio da constante reinvenção de práticas e, assim, a tarefa urgente de inquirir cotidianamente o mundo.¹¹⁴ Não se trata de romantizar a loucura, mas de tratá-la na sua complexidade, resgatando seu conteúdo poético, artístico, cultural e humano.¹¹⁵

Assim como Erasmo usa da ironia, na figura do louco, para denunciar um sistema de contradições e hipocrisias com críticas especialmente direcionadas à igreja, a película argentina traz, no contorno do manicômio, um retrato das práticas de um contexto político marcado pela ditadura, cerceamento da liberdade, silenciamento das vozes e docilização dos cor-

112 BRASIL. CFP. Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/cfp/comissao-de-direitos-humanos/>. Acesso em agosto de 2014.

113 BRASIL. Comissão de Direitos Humanos do CRP-RJ. Direitos Humanos? O que temos a ver com isso? Publicação CRP-RJ. Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Convidado/Downloads/Direitos%20Humanos%20o%2oque%20temos%20a%20over%20com%20isso.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

114 MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Segmentariedades: passagens do Leme ao Pontal*. Tese apresentada ao curso de doutorado do programa de estudos da subjetividade da UFF. Niterói: 2013. Disponível: www.slab.uff.br/images/Aquivos/teses/2013/2013_t_Danichi.pdf. Acesso em agosto de 2014.

115 JACOBINA, Paulo Vasconcelos. *Direito Penal da loucura*. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/linha-editorial/outras-publicacoes/Direito%20Penal%20da%20Loucura%20EBOOK.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

pos. “A sentença estava dada e eu tinha as minhas ordens. Era como Pilatos.” Nessa fala do médico, podemos identificar como os discursos totalizantes se parecem e são o mesmo personagem sob diferentes roupagens.

Uma das grandes virtudes do filme é brincar com os movimentos de dentro-fora com que a relação médico-paciente trama as cenas. E faz com que todos possam enxergar os traços de loucura e sanidade tanto em uma como em outra posição, as flexibilidades e as formas rígidas que tanto podem libertar como paralisar o trânsito pela vida, pelo campo dos afetos e das relações humanas. Qual a sanidade de um modelo que prescreve um medicamento que leva à catatonia para depois restabelecer a choques uma tentativa de porção de vida? Quem é o louco?!

Para discussão:

1. As categorias e as práticas sociais são construções históricas, diferentes sociedades produzem diferentes formas de inclusão-exclusão dos indivíduos. Entender quais são os discursos de nossa época, em nome de que eles são fabricados e por que ganham ou não força nos ajuda a desnaturalizar e analisar criticamente os arranjos e as dinâmicas produzidas por nossa sociedade. Pensando nisso, reflita o que é normal e o que é patológico? Quem define os critérios e de que forma são construídos esses padrões?
2. Quem são os sujeitos definidos como loucos e excluídos do convívio urbano?
3. Quem pode ou deve legislar sobre a vida e a saúde de alguém?

Sugestões de leitura:

AMARANTE, P. *O homem e a serpente. Outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Disponível em: www.ebooksbrasil.org/adobeebook/erasmo.pdf.

Sobre o filme:

Título original: *Hombre mirando al sudeste*

País de origem: Argentina

Gênero: drama

Classificação: livre

Tempo de duração: 105 minutos

Ano: 1986

Direção: Eliseo Subiela

Bicho de sete cabeças: “infelizes, esquecidos, malditos inúteis”

Natália Strzykalski¹¹⁶

“Seqüelas não acabam com o tempo. Amenizam.

Quando passam em minha mente as horas de espera, sinceramente, tenho dó de mim. Nó na garganta, choro estagnado, revolta acompanhada de longo suspiro.

Ainda hoje, anos depois, a espera é por demais agonizante.

Horas, minutos, segundos são eternidades martirizantes. Não começam hoje, adormeceram, com muito custo... Comigo.

Esta espera, oh Deus! É como nunca pagar o pecado original. É ser condenado à morte várias vezes.

Quem disse que só se morre uma vez?

Sentidos se misturam, batidas cardíacas invadem a audição. Aspirada não é a respiração... É entrouxada. Os nervos já não tremem... Dão solavancos. A espera está acabando. Ouço barulho de rodinhas.

A todo custo, quero entrar na parede. Esconder-me, fazer parte do cimento do quarto. Olhos na abertura da porta, rodam a fechadura. Já não sei quem e o que sou.

Acuado, tento fuga alucinante. Agarrado, imobilizado... Escuto parte do meu gemido.

Quem disse que só se morre uma vez?”¹¹⁷

Austregésilo Carrano Bueno nasceu no Estado do Paraná em 1957 e foi um dos grandes nomes do Movimento Antimanicomial¹¹⁸, que combateu a exclusão social das pessoas com doença mental, com vistas à extinção de manicômios e à adoção de modelos de tratamento psiquiátrico mais humanos. Em 1987, publicou a obra “Canto dos Malditos”, que foi objeto

116 Bacharelada em Direito (FMP).

117 BUENO, Austregésilo Carrano. *Canto dos Malditos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

118 “A partir da segunda metade do século XX, impulsionada principalmente por *Franco Basaglia*, psiquiatra italiano, inicia-se uma radical crítica e transformação do saber, do tratamento e das instituições psiquiátricas. Esse movimento inicia-se na Itália, mas tem repercussões em todo o mundo e muito particularmente no Brasil. Nesse sentido, é que se inicia o movimento da Luta Antimanicomial, que nasce profundamente marcado pela idéia de defesa dos direitos humanos e de resgate da cidadania dos que carregam transtornos mentais. Aliado a essa luta, nasce o movimento da Reforma Psiquiátrica que, mais do que denunciar os manicômios como instituições de violências, propõe a construção de uma rede de serviços e estratégias territoriais e comunitárias, profundamente solidária, inclusivas e libertárias. No Brasil, tal movimento inicia-se no final da década de 1970 com a mobilização dos profissionais da saúde mental e dos familiares de pacientes com transtornos mentais. Esse movimento se inscreve no contexto de redemocratização do país e na mobilização político-social que ocorre na época.” BRASIL, Ministério da Saúde. Centro Cultural do Ministério da Saúde. *Programa de volta para casa*. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/vpc/reforma.html>. Acesso em abril de 2014.

de ações judiciais¹¹⁹ devido às críticas que eram feitas aos médicos-psiquiatras nomeados no livro. Carrano foi internado em instituições psiquiátricas em Curitiba e na cidade do Rio de Janeiro. Sua obra deu origem ao filme *Bicho de sete cabeças*¹²⁰, lançado em 2001, que relatou a ida de Neto (Rodrigo Santoro) para um manicômio, levado por seu pai, Sr. Wilson (Othon Bastos).

Adolescente de classe média baixa da cidade de São Paulo, tornou-se um jovem rebelde, que buscava a liberdade n o mundo que se exibia à sua frente.¹²¹ A primeira aventura que se apresentou para Neto foi conhecer o Rio de Janeiro. Sem pensar muito, arrumou a mochila e viajou. Passou um mês longe de casa, da família e dormiu nas ruas. A cidade maravilhosa foi o seu leito. Experimentou a independência. Voltando à sua realidade, Sr. Wilson, temendo o desvio do seu filho e, portanto, a perda de controle da situação, após encontrar um cigarro de maconha em suas coisas, o convidou para acompanhá-lo numa visita a um amigo que estava hospitalizado. Era um convite estranho, ante o relacionamento difícil entre eles, que não tinham o hábito de saírem juntos. Ao chegarem à instituição, Neto é levado à força e internado.

A história de Neto faz alusão à Reforma Psiquiátrica no Brasil, que teve início no final da década de 1970. Na cidade do Rio de Janeiro, em 1921, instalou-se o primeiro manicômio judiciário, um estabelecimento autônomo e ligado à saúde, ficando a partir de dezembro de 1937, por determinações políticas, subordinado à polícia, equiparando-se a uma prisão. Esse modelo passou a ser alvo de críticas, devido, principalmente, ao tratamento terapêutico que oferecia. Questões como a precariedade do atendimento, a superlotação e o desinteresse médico – os profissionais exerciam a atividade como forma de ter uma renda fixa mensal –,

119 A obra foi retirada de circulação em 2002, voltando a circular no ano de 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/137215-justica-do-pais-veta-25-obras-em-dez-anos.shtml>. Acesso em julho de 2014.

120 A expressão “bicho de sete cabeças” tem origem na mitologia grega, que significa estar diante de um problema com resolução complicada, ou, ainda, pode ser utilizada para tranquilizar alguém de que determinada situação não é tão grave. Disponível em: <http://www.significados.com.br/bicho-de-sete-cabecas/>. Acesso em julho de 2014.

121 “Até doze ou treze anos fui muito vigiado, não tinha a liberdade de ser moleque. Isso me criou sérios problemas de relacionamento, prejudicando os meus estudos no ginásio. Eu era muito medroso, tinha medo de brigar. Os outros moleques se aproveitavam desse medo. Eu apanhava de minha mãe o suficiente, em casa. (...) Cresci um adolescente revoltado, como a maioria dos adolescentes de classe pobre. Vendo tudo, querendo tudo e não tendo nada. Meus velhos assumiram uma atitude de passividade. Não ousavam prender-me em casa. Sabiam que eu iria agredi-los. Não fisicamente, mas verbalmente. Não tinham mais nenhum domínio sobre mim.” (BUENO, Austregésilo Carrano. *Canto dos Malditos...*, p. 40).

provocaram o surgimento do Movimento Antimanicomial, que visava à democratização das instituições, ao resgate da identidade de cidadão dos pacientes e à reinserção social.

Com o advento da Constituição Federal de 1988, a dignidade da pessoa humana passou a ser um dos preceitos fundamentais, elencada no artigo 1º, inciso III¹²², de maneira que norteia todo o sistema jurídico e dá base ao próprio Estado Democrático de Direito. Sua irradiação motiva outros direitos e revela a preocupação do Poder Constituinte em assegurar o direito à vida, previsto no *caput*¹²³ do artigo 5º, e o direito à saúde, incluído no capítulo dos direitos sociais, com previsão ainda mais precisa no artigo 196 da Carta¹²⁴.

Por outro lado, dispositivos infraconstitucionais que buscaram tratar da internação, resultado de lutas e debates, desde a Reforma Psiquiátrica, possibilitaram a proteção aos que padecem de sofrimento psíquico e determinaram que as internações de qualquer natureza, ou outras formas de privação de liberdade, não serão aceitas sem o devido processo legal¹²⁵. Da mesma forma, trataram da cooperação entre diferentes entidades, de modo a assistir, a auxiliar e a orientar as famílias para garantir a reinserção social do paciente.

Denota-se, então, que a responsabilidade pelas políticas sociais e econômicas destinadas à tutela dos direitos dos seres humanos incumbe ao Estado, considerado este nas suas três esferas, quais sejam, municipal, estadual e federal, sendo mais que uma tarefa jurídica, como é também política. Entretanto, diante dos apelos constantes em âmbito nacional e

122 “Art. 1º. A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: III-a dignidade da pessoa humana”. BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em abril de 2014.

123 “Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade(...)”. BRASIL. *Constituição da República Federativa...*

124 “Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.” BRASIL. *Constituição da República Federativa...*

125 “Somente é o ‘devido processo legal’ o procedimento que obedece aos direitos fundamentais processuais ou às garantias insculpidas na Constituição, tais como o contraditório, a imparcialidade do juiz, a publicidade e a motivação. A observância do ‘devido processo legal’ ou do ‘procedimento legal’ legitima o exercício da jurisdição e, de outro ângulo, constitui garantia diante do poder estatal.” MARINONI, Luiz Guilherme. *Curso de Processo Civil, volume 1: Teoria Geral do Processo*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2006, p. 452-453.

internacional e do fundamento na dignidade da pessoa humana, há certa dificuldade em concretizar os direitos inerentes a esta. Não por outra razão, aliás, Norberto Bobbio afirmou que:

o problema fundamental em relação aos direitos do homem, hoje, não é tanto o de justificá-los, mas o de protegê-los. [...] Não se trata de saber quais e quantos são esses direitos, qual é a sua natureza e seu fundamento, se são direitos naturais ou históricos, absolutos ou relativos, mas sim qual é o modo mais seguro para garanti-los para impedir que, apesar das solenes declarações, eles sejam continuamente violados.¹²⁶

De fato, o que se nota da situação de Neto, que foi internado involuntariamente, com 17 anos, mesmo sem ser louco, sequer drogado, é o desinteresse médico-psiquiátrico e o descaso do Poder Público. A ficha de Neto, preenchida por seu pai, era suficiente para justificar a sua internação, não tendo ocorrido designação de perícia médica. Vale transcrever parte do depoimento do pai de Austregésilo que, com medo de o filho se envolver com criminosos, se baseou em informações equivocadas repassadas pela sociedade, na época, com relação às drogas, que tratavam o usuário de maconha do mesmo modo que um ladrão ou um assassino¹²⁷:

O que me levou a internar o meu filho Austregésilo no Hospital Psiquiátrico Bom Retiro foram informações de um amigo, que era policial. Eu lhe mostrei um pacotinho que encontrei, e ele me disse que era maconha. Fiquei desesperado, pois apenas acompanhava pela imprensa as manchetes assustadoras sobre drogas. [...] Foi com dor no coração que o vi puxarem para dentro daquele pavilhão... Mas estava confiante que eles iriam tirar meu filho desse maldito vício.

126 BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2004, p. 23- 25.

127 Atualmente, no CID 10 (Classificação Internacional de Doenças), existem capítulos que classificam transtornos levando em conta o uso de substâncias psicoativas. No caso do uso de canabinóides (maconha), é o F12 (transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de canabinóides). O uso de tal substância, em determinado nível é prejudicial à saúde, pode ser encarado como um transtorno, sendo o indivíduo considerado doente. Além do CID 10, o outro manual de diagnóstico é o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria), que, também, dispõe sobre dependência por canabinóides. É importante lembrar que, nem sempre, o uso de substâncias é a causa principal do transtorno, pois pode estar associado a um transtorno de conduta. Neste caso, o usuário teria motivações distintas para o uso da droga. OMS. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde de 1992 (CID-10)*. Disponível em: <http://cid10.bancodesaude.com.br/cid-10/capitulos>. Acesso em junho de 2014. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *DSM V: Manual de diagnóstico estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Eu não poderia vê-lo durante umas semanas. Disseram-me que esse período era fundamental para o tratamento. [...] Mas hoje eu sei que essas instituições psiquiátricas não passam de verdadeiras ratoeiras, onde usam nossos filhos como cobaias.¹²⁸

Uma das críticas feitas pelo movimento da Reforma Psiquiátrica foi com relação ao tratamento desumano oferecido aos pacientes, a fim de modificar, construir e criar um novo lugar, não só em sua estrutura, mas em sua ideologia, possibilitando que, mesmo aqueles que não estão no pleno gozo de suas faculdades físicas e mentais, possam ser tratados como seres humanos. Durante a passagem pelo manicômio, lugar visto como uma prisão, se não pior, Neto foi submetido a tratamentos perigosos com os mais diversos efeitos, que não levaram em consideração os cuidados necessários, aumentando o risco de morte e os danos à sua mente. Ao mesmo tempo em que era obrigado a tomar doses de remédios que deixaram seqüelas físicas e emocionais, a fim de abrir o apetite e passar confiança aos familiares acerca do tratamento oferecido¹²⁹, Neto foi submetido à terapia, antiga e questionável, do eletrochoque, experimentando os horrores das sessões semanais, que atingiam a consciência crítica, com o conseqüente bloqueio dos pensamentos.

Bicho de sete cabeças remete-nos ao problema do confinamento e da estigmatização de indivíduos em instituições psiquiátricas, no caso dele, com base num simples diagnóstico que não foi atestado e tampouco contestado, bem como aos tratamentos oferecidos internamente. Neto tornou-se infeliz. Esquecido, tentou se suicidar, o que, finalmente, foi um alerta para seus pais de que ali não era o seu lugar.

Para discussão:

1. Ao encontrar na jaqueta de Neto um cigarro de maconha, o seu pai, achando que o filho estava viciado, levou-o para fazer tratamento, sem que houvesse qualquer diálogo precedente. Ainda hoje a política de saúde pública adotada, em caso de uso de drogas ilícitas, é a internação. É a mais

128 BUENO, Austregésilo Carrano. *Canto dos malditos*. Curitiba: Scientia et Labor, 1990, p. 149-152.

129 “– Mãe, tudo isso aqui é uma grande farsa. Eles nos entopem de remédios para abrir o apetite, comemos igual a leões. Nos engordam como porcada num chiqueiro. Se vocês quiserem, eu chamo o meu amigo. Ele vai explicar lhes explicar melhor o que é tudo isso aqui. – Não... não precisa chamar ninguém! (o pai). – Mas você está bem mais forte (o irmão). – Vocês só estão vendo o meu lado físico. Estão achando que o tratamento aqui é maravilhoso. Tudo isso é uma grande farsa, gente! Aqui as coisas funcionam de uma maneira diferente dessas que eles fazem questão de mostrar. Por que vocês acham que não é permitido a vocês entrarem lá dentro do pavilhão?.” (BUENO, Austregésilo Carrano. *Canto dos Malditos...*, p. 85.)

adequada? Ou deveria ser o último recurso? Quais seriam as alternativas?

2. Quando se aborda o assunto sobre direitos humanos e direitos fundamentais, é importante que se faça a distinção entre ambas as expressões. Direitos humanos são aqueles reconhecidos no âmbito do direito internacional. Se reconhecidos e positivados, passam a integrar a Constituição de determinado Estado, chamando-se de direitos fundamentais. Se trouxéssemos a história de Neto para o contexto atual, quais direitos fundamentais estariam sendo violados? Os meios coercitivos utilizados pelo Estado seriam válidos para efetivá-los materialmente?

3. Pode-se afirmar que o Estado teria alguma limitação para interferir, na vida privada de alguém, ainda que para resguardar a sua integridade física e moral? Ou, caso contrário, caberia ao Estado proteger os indivíduos, sem que o paciente fosse questionado da proposta de tratamento que lhe é oferecida? O Estado tem o direito de estabelecer o que deve ser tomado como o melhor para o indivíduo a despeito da sua vontade?

Sugestões de leitura:

ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Saraiva, 2012.

BUENO, Austregésilo Carrano. *Canto dos malditos*. Curitiba: Scientia et Labor, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

Sobre o filme:

Título original: *Bicho de sete cabeças*

País de origem: Brasil

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 74 minutos

Ano: 2001

Direção: Laís Bodanzky

Quem dita as regras? Quem é considerado louco? Análise do filme *Um estranho no ninho*

Larissa O'nill de Avila Pereira¹³⁰

O filme *Um estranho no ninho*, do diretor Milos Forman, aborda o tema da saúde mental fazendo uma crítica à percepção da loucura na década de 1970. O prisioneiro Randle Patrick McMurphy é transferido¹³¹ para um hospital psiquiátrico a fim de realizar uma avaliação da sua sanidade mental por profissionais de saúde da Instituição. Ele foi encaminhado do presídio para confirmar ou não a hipótese de simular estar louco, pois desta forma não precisaria trabalhar. Depois da entrevista inicial com o médico, é inserido em uma rotina rígida. Nessa rotina não existe espaço para questionamentos, pois as regras são impostas aos pacientes, e quem não as respeita, é punido.

O hospital psiquiátrico, naquela época, representa uma instituição total¹³², que significa estar sob o comando de uma autoridade que impõe um forte conjunto de regras. As atividades diárias dos pacientes são realizadas em um grupo onde todos são tratados da mesma forma e obrigados a

130 Bacharel em Psicologia (UFCSPA).

131 “No Brasil, a lei 10.216/2001 define três modalidades de internação psiquiátrica: internação voluntária, internação involuntária e internação compulsória. A internação voluntária é quando a pessoa solicita voluntariamente a própria internação, ou que a consente, assinando uma declaração de que optou por esse regime de tratamento. O término da internação se dá por solicitação escrita do paciente ou por determinação do médico responsável. Uma internação voluntária pode, contudo, se transformar em involuntária e o paciente, então, não poderá sair do estabelecimento sem a prévia autorização. A internação involuntária ocorre sem o consentimento do paciente e a pedido de terceiros. Geralmente, são os familiares que solicitam a internação do paciente, mas é possível que o pedido venha de outras fontes. O pedido tem que ser feito por escrito e aceito pelo médico psiquiatra. A lei determina que, nesses casos, os responsáveis técnicos do estabelecimento de saúde têm um prazo de 72 horas para informar ao Ministério Público do estado sobre a internação e os motivos dela. O objetivo é evitar a possibilidade de esse tipo de internação ser utilizado para a cárcere privado. A internação compulsória é sempre determinada pelo juiz competente, depois de pedido formal, feito por um médico, atestando que a pessoa não tem domínio sobre a própria condição psicológica e física.” BRASIL, Senado Federal. Internação Involuntária/Compulsória. *Manual de Comunicação da Secretaria de Comunicação Social*. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/internacao-involuntaria-compulsoria>. Acesso em janeiro de 2014.

132 “De acordo com Goffman, as instituições totais se caracterizam por serem estabelecimentos fechados que funcionam em regime de internação, onde um grupo relativamente numeroso de internados vive em tempo integral. A instituição funciona como local de residência, trabalho, lazer e espaço de alguma atividade específica, que pode ser terapêutica, correcional, educativa etc. Normalmente há uma equipe dirigente que exerce o gerenciamento administrativo da vida na instituição.” BENELLI, Silvio José. A Instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 21, n. 3, 2004, p. 237-252.

fazer as mesmas coisas. A rotina tem horários estabelecidos com atividades que seguem a mesma seqüência, e são controladas por funcionários da instituição. Os novatos chegam ao hospital com uma visão de mundo e uma concepção de si mesmos e, ao adentrar nesse contexto, passam a internalizar as novas regras e apropriar-se daquela realidade como se fosse a única. Ao invés de ser um local com o objetivo de readequação social, torna-se um ambiente de alienação. A medicação é um exemplo do controle dos profissionais sobre a vida dos pacientes, pois era dada sem explicações sobre sua finalidade.

Os pacientes, na enfermaria do hospital psiquiátrico, realizam terapia em grupo coordenado pela enfermeira-chefe. Ela não demonstra empatia pelos pacientes e os força a manterem o tema previsto para cada reunião, tampouco mostra flexibilidade quando questionada. Chama atenção o fato de uma enfermeira coordenar o grupo sem a participação de mais um profissional da área da saúde como um psicólogo ou um psiquiatra. O que levanta a questão de se o grupo realmente pretendia ter fins terapêuticos, pois aparentava ser apenas uma das atividades da rotina dos pacientes. Parecia uma forma de coletar informações sobre eles para, num momento posterior, discuti-las com a equipe médica e auxiliá-la na decisão de mantê-los internado ou não.

Randle não aceita a forma como a enfermeira-chefe conduz o grupo e começa a desafiá-la e incentiva os outros pacientes a contestar suas decisões. Por este motivo, acaba sendo chamado para conversar com o médico que o entrevistou quando da sua entrada na instituição. O médico afirma que tem observado seu comportamento e revela que não constatou nenhum sinal de desequilíbrio mental. Considera que Randle esteve enganando a instituição por todo esse período. Em resposta à afirmação do médico Randle pergunta “O que espera de mim?”, querendo se referir a que tipo de comportamento ele deve demonstrar ao médico para confirmar ser louco¹³³. O médico ao questionar o internado, demonstra que ele

133 “A loucura nem sempre foi considerada algo negativo, muito menos uma doença. Pelo contrário, na Grécia antiga ela já foi considerada até mesmo um privilégio. No período da Renascença, a loucura já não é mais porta-voz da verdade divina e em pouco tempo passou a ocupar o lugar de representante simbólico do mal. Apesar de se perceber que desde a Idade Média já existiam mecanismos de exclusão do louco, ainda não é nessa época que a loucura vai ser percebida como um fenômeno que requeira um saber específico, pois os primeiros estabelecimentos criados para loucos destinavam-se simplesmente a retirar do convívio social as pessoas que não se adaptavam a ele. É no século XVIII, que marca a apreensão do fenômeno da loucura como objeto do saber médico, caracterizando-o como doença mental. Para garantir seu funcionamento, o modelo hospitalar necessitava de medidas disciplinares que viessem a garantir a nova ordem. O discurso que alimenta esse sistema percebe os loucos como seres perigosos e inconvenientes que, em função de sua doença, não conseguem conviver de acordo com as normas sociais. Retira-se, então, desse

não apresentava sintomas¹³⁴ comuns a outros pacientes como, por exemplo, alucinações, fala desconexa, higiene pessoal precária ou até risco de suicídio. Além disso, não se conformava com os métodos da equipe e com as regras do hospital. A partir da internação em um hospital psiquiátrico, já rotulavam as pessoas como loucas. O tratamento era padrão no sentido de tornar os ditos loucos dóceis e não permitir que eles ficassem agressivos e pudessem se revoltar contra a equipe. Viver dentro de instituições psiquiátricas, naquela época, com os tratamentos realizados pode representar uma violência psicológica imposta pela instituição aos pacientes.

Alguns pacientes costumavam realizar um passeio de ônibus pela cidade com a autorização do hospital. Randle aproveita uma oportunidade e consegue fugir entrando nesse ônibus como motorista. Ele poderia decidir não retornar ao hospital, mas o vínculo formado com os outros pacientes, talvez, o fez perceber que também precisava de tratamento. No retorno do passeio, os médicos se questionam novamente se ele é de fato louco. Alguns afirmam que ele é perigoso para os outros pacientes, mas que não é louco, o que gera a dúvida em como proceder com ele. Um dos médicos gostaria que ele voltasse ao presídio. Contudo, ficou decidido que ele permaneceria ali aos cuidados da enfermeira-chefe, que foi reconhecida pelos médicos como a pessoa mais próxima para ajudá-lo. A enfermeira-chefe afirma que se ele retornasse ao presídio significaria não assumir a responsabilidade pelo paciente o que poderia demonstrar uma falha da equipe do hospital.

A situação começa a sair do controle quando Randle, durante a sessão do grupo, descobre que ele é um dos poucos internos naquela enfermaria que só sairia dali com a permissão dos médicos e a enfermeira-chefe. Os outros, ao contrário dele, eram voluntários e poderiam voltar para casa

sujeito todo o saber acerca de si próprio e daquilo que seria sua doença, ao mesmo tempo em que se delega esse saber ao especialista. Somente no período pós-guerra começam a surgir, em vários países, questionamentos quanto ao modelo hospitalar, apontando para a necessidade de reformulação. Uma importante questão nessa concepção de reforma diz respeito ao conceito de doença mental, o qual passa a ser desconstruído para dar lugar a nova forma de perceber a loucura enquanto existência-sofrimento do sujeito em relação com o corpo social.” SILVEIRA, Lia Carneiro; BRAGA, Violante Augusta Batista. *Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental. Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 4, 2005, p. 1031-1038.

134 “A assistência ao doente mental apresentava-se centrada nos hospitais psiquiátricos, locais da prática e do saber médico, cujo modelo de atenção restringia-se à internação e medicalização dos sintomas demonstrados pelo doente mental. No modelo de atenção atual, a política vigente visa a diminuição da oferta de leitos hospitalares e a criação de serviços substitutivos de atenção à saúde mental.” In: COLVERO, Luciana de Almeida; IDE, Cilene Aparecida Costardi; ROLIM, Marli Alves. *Família e doença mental: a difícil convivência com a diferença. Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 197-205, 2004.

quando quisessem, ao contrário dele. Instigados pela atitude de queixa de Randle, os outros membros do grupo começam a fazer reivindicações, o que resulta na perda do controle que a enfermeira mantinha até aquele momento. O recurso utilizado para reverter a situação foi o uso do eletrochoque¹³⁵ em Randle e em mais dois pacientes, para tranquilizá-los. O uso de eletrochoque, naquela época, fazia parte do tratamento oferecido pela equipe aos pacientes, sendo um procedimento comum. Os profissionais de saúde costumam agir de acordo com as técnicas próprias de sua área, mas assim como outros profissionais, estão sujeitos a deixar que questões pessoais influenciam no trabalho realizado, o que pode resultar em um fator positivo para desenvolver um trabalho mais eficaz. Por outro lado, a tomada de decisão pode prejudicar a vida alheia. No caso do filme, a enfermeira-chefe puniu dois pacientes por perder o controle do grupo. Sua rigidez impede que ela reflita sobre os motivos da agitação do grupo e sobre sua postura frente a eles.

Randle discorda das regras e planeja uma nova fuga com outro paciente. Porém, na sua festa de despedida acaba adormecendo e permanece no hospital. A enfermeira-chefe, na tentativa de colocar ordem na enfermagem, pressiona um dos pacientes – filho de sua amiga e internado no hospital devido a tentativas de suicídio – para revelar o responsável pelo que aconteceu na sua ausência. O suicídio desse jovem, minutos depois, mobiliza muito Randle, o que o leva a quase matar a enfermeira-chefe. Os médicos decidem utilizar novamente o eletrochoque, desta vez com mais intensidade, para garantir que ele não arrumasse mais confusão dentro do hospital, visto que as seqüelas neurológicas do eletrochoque o deixariam impossibilitado de interagir com os outros.

Randle é o próprio estranho no ninho, como já indica o título original do filme *One flew over the cuckoo's nest* que se refere ao pássaro chamado cuco¹³⁶ que tem o hábito de retirar um ovo de outro pássaro do ninho e

135 “A Terapia de eletrochoque é um tratamento psiquiátrico bem conhecido, embora controverso, em que as apreensões são induzidas eletricamente em pacientes anestesiados para o efeito terapêutico. Foi introduzido na década de 1930 e ganhou uso difundido como um formulário do tratamento nos anos 40 e nos anos 50. Atualmente, é usado no tratamento para a depressão principal severa que não respondeu ao outro tratamento, e é usado também no tratamento da mania e na catatonia.” MANDAL, Ananya. *Terapia de eletrochoque – Que é terapia de eletrochoque?* Disponível em: [http://www.news-medical.net/health/Electroconvulsive-Therapy-What-is-Electroconvulsive-Therapy-\(Portuguese\).aspx](http://www.news-medical.net/health/Electroconvulsive-Therapy-What-is-Electroconvulsive-Therapy-(Portuguese).aspx). Acesso em janeiro de 2014.

136 “Quando o pássaro deixa por instantes seu ninho, a fêmea do cuco retira um ovo e coloca um dos seus no lugar. O ovo do pássaro hospedeiro requer de treze a quinze dias de incubação, enquanto que o ovo do cuco, apenas doze. Assim, o filhote de cuco nasce primeiro. Após 1 a 2 dias, o filhote de cuco joga os outros ovos para fora do ninho, erguendo-os nas costas, com o auxílio das asas. Caso já tenham eclodido, jogam os filhotes. O ovo do

substituí-lo por um dos seus filhotes. A personagem principal caracteriza-se como invasor daquele ambiente ou “ninho”. Desde o momento em que se inseriu no hospital, questionou as regras e desafiou a relação de poder presente entre profissionais de saúde e pacientes. Fez com que os outros pacientes refletissem sobre os métodos da equipe do hospital, o que resultou numa punição severa para si, sem ter recebido tratamento adequado.

Para discussão:

1. Os grupos de terapia, geralmente, têm como objetivo trocar experiências e refletir ou discutir sobre um tema proposto. No filme, percebemos que esse espaço é limitado e não é permitido trocar de tema. Reflita sobre a qualidade do espaço de escuta em grupo oferecido aos pacientes e coordenado por uma enfermeira-chefe, que não tem formação em psicologia ou psiquiatria.
2. A conduta da enfermeira-chefe, ao pressionar um paciente com tendência suicida foi adequada? Manter o controle é mais importante para um cargo de chefia do que oferecer um serviço mais humanizado para os pacientes? Justifique sua resposta.
3. Os pacientes voluntários poderiam retornar às suas casas quando quisessem. Reflita sobre as razões que os mantinham naquela instituição. Seria pelo medo da rotina do mundo externo ou por considerar o hospital o seu lar? Que motivos os levaria de volta para suas casas?
4. A tomada de decisão nas instituições psiquiátricas é apenas responsabilidade da equipe de saúde? Mesmo sendo transferido judicialmente para o hospital, o paciente não deveria ser escutado?
5. O tratamento e o tipo de medicação não eram explicados de forma clara aos pacientes naquela instituição. Essa situação pode ser considerada um problema para o paciente? Por quê?

Sugestões de leituras:

ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: FDT, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo:

Perspectiva, 2007.

cuco é quase do mesmo tamanho dos ovos dos pássaros hospedeiros (pardais, picanços e outros), assim como a cor da casca, o que aumenta a possibilidade de a mãe adotiva não perceber que o ovo não é seu. Com apenas 3 semanas de vida, ele já ocupa o ninho inteiro.” MELDAU, Débora Carvalho. Cuco. Disponível em: <http://www.infoescola.com/aves/cuco/>. Acesso maio de 2014.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Um estranho no ninho*

Título original: *One flew over the cuckoo's nest*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 133 minutos

Ano: 1975

Direção: Milos Forman

Camille Claudel através do filme *Camille Claudel*¹³⁷

Ana Priscila Costa¹³⁸

Luís Edegar Costa¹³⁹

Paola Fabres¹⁴⁰

A história da escultora francesa Camille Claudel (1864-1943) vem sendo mais estudada e explorada a partir de distintas versões e estímulos. O cinema é um deles, através de filmes como *Camille Claudel*¹⁴¹ (1989), do diretor Bruno Nuytten, que tem como protagonistas Isabelle Adjani, no papel de Camille, e Gérard Depardieu, como Rodin; e *Camille Claudel: 1915*¹⁴² (2013), filme escrito e dirigido por Bruno Dumont, livremente inspirado em documentos médicos de Camille e na correspondência que a escultora trocou com Paul Claudel (1868-1955), seu irmão, durante o período em que esteve internada no manicômio Villeneuve-lès-Avignon, local para onde é transferida assim que eclode a Primeira Guerra Mundial, e onde passará os últimos 33 anos de sua vida. O filme de Bruno Dumont, por sua vez, é sobre o que podemos chamar a segunda parte da vida de Camille, período de isolamento social da artista, e se refere ao quadro de instabilidade e insanidade que ela sofreu nesse período. Nuytten direciona sua atenção para as décadas anteriores, nas quais Camille convive com a sociedade parisiense, com o meio artístico, avaliando sua produção escultórica e a relação com o escultor August Rodin (1849-1917). É uma constante desse filme o propósito de criar uma empatia do espectador com a trajetória de Camille. O nosso interesse e o foco deste artigo é o filme de Bruno Nuytten, porque nele podemos identificar e explorar comportamentos de Camille em sua fase de produção artística que, assim nos parece, sugerem e antecipam o que mais tarde vai ser explorado por Dumont, seu período de

137 Este artigo decorre das atividades do projeto de extensão “História da Arte e Cinema: Heterotopias”, coordenado por Luís Edegar Costa e desenvolvido junto à Sala Redenção da UFRGS. No mês de novembro de 2013, como parte da programação do projeto, em sua segunda edição, foi exibido o filme *Camille Claudel*, do diretor Bruno Nuytten, em sessão comentada por Ana Priscila Costa e Paola Fabres.

138 Bacharelanda em História da Arte (UFRGS).

139 Professor de Teoria e História da Arte (UFRGS).

140 Designer, especialista em Design Gráfico (Instituto Europeu di Design) e mestranda em Artes Visuais (UFRGS).

141 *Camille Claudel*, 1989; direção: Bruno Nuytten; roteiro: Bruno Nuytten e Marilyn Goldin; elenco: Alain Cuny, Danielle Lebrun, Gérard Depardieu, Isabelle Adjani, Katrine Boorman, Laurent Gréville, Madeleine Robinson, Philippe Clevenot; fotografia: Pierre Lhomme; trilha sonora: 173 minutos.

142 *Camille Claudel: 1915*, 2013; direção: Bruno Dumont; roteiro: Bruno Dumont; elenco: Armelle Leroy-Rolland, Emmanuel Kauffman, Jean-Luc Vincent, Juliette Binoche, Marion Keller, Robert Leroy; Fotografia: Guillaume Deffontaines.

internação e a confirmação de uma patologia. Não estamos dizendo com isso que os filmes são complementares. Trata-se de explorar a relevância e o acento dados aos acontecimentos trazidos pelo filme de Nuytten, ao que eles causariam, propondo uma trajetória de Camille e seu resgate, acontecimentos responsáveis pelo desfecho de sua vida em um manicômio.

Em *Camille Claudel*, o acento biográfico privilegia a vida da artista no início de sua formação e produção como escultora, desde sua saída de casa com 17 anos, para se dedicar ao trabalho artístico, até o período de sua internação no hospital psiquiátrico de Ville-Evrard. Para realizá-lo, Bruno Nuytten se baseou no livro *Camille Claudel* de Reine-Marie Paris, neta de Paul Claudel. Nesse livro, publicado pela editora Gallimard em 1984, Reine-Marie Paris, pesquisadora graduada em história e geografia pela universidade de Sorbonne, aprofundou-se na análise da vida e da obra de sua tia-avó, Camille Claudel¹⁴³. A partir dessa publicação, a trajetória de Camille torna-se mais conhecida, possibilitando adaptações cinematográficas como a realizada por Nuytten.

Em comparação com outra biografia sobre Camille, de 2002, escrita por Odile Ayrál-Clause, intitulada *Camille Claudel, Sa Vie*,¹⁴⁴ mais completa, como o próprio subtítulo dá a entender, podemos dizer que o filme de Nuytten é generoso e fidedigno com detalhes biográficos que nos parecem fundamentais para a compreensão da artista e da mulher que foi Camille. Isso nos parece paradoxal e reveste de interesse particular e atualizado o filme de Nuytten, quando o cotejamos com o que relata o livro de Ayrál-Clause. Isto porque é através de alguns fatos trazidos à luz no filme de Nuytten que podemos ver antecipados aspectos comportamentais que já desenhavam o destino trágico de uma artista e mulher de personalidade tão determinada e complexa quanto foi Camille Claudel. O que o filme parece antecipar é o que o livro de Ayrál-Clause confirmaria.

A Camille que o filme de Nuytten nos apresenta surge no período produtivo da artista. O que conhecemos através desse retrato é uma Camille obstinada na busca de se constituir como artista, antes mesmo de se tornar auxiliar no ateliê de Auguste Rodin. Aos dezenove anos ela já era uma escultora, levando sua família a residir em Paris, em 1880, para que sua vocação artística pudesse ser desenvolvida. Aos dezoito anos Camille alugou um ateliê com um grupo de amigas. Nele trabalhava suas peças e para isso roubava barro em obras públicas, em meio a fugas noturnas. Essa é a Camille que nos é mostrada no início do filme, quando ela trabalha até altas horas da noite, não retorna para casa e uma tensão é criada em torno de seu sumiço. Os diálogos nesse início são de outros, contrapostos ao si-

143 PARIS, Reiner-Marie. *Camille Claudel*. Paris: Gallimard, 1984.

144 AYRAL-CLAUDE, Odile. *Camille Claudel, Sa Vie*. Paris: Éditions Hazan, 2008.

lência de Camille, absorvida na coleta e carregamento do barro, enquanto modela na presença do amigo que posa para sua obra. Esse silêncio só será rompido com a aparição da amiga Jessie Lipscomb, que finalmente encontra Camille. No diálogo que se segue entre as amigas nos são dadas importantes informações sobre a escultora protagonista, tais como “Camille apenas se importa com o seu trabalho, acima de tudo e de todos”. O início enuncia o desfecho, a obstinação e o destino da artista parecem não ter medidas, reforçado por seu olhar indiferente ao que submeteria sua família.

Na seqüência, o filme de Nuytten nos mostra que a entrada de Camille e Jessie no ateliê de Rodin em 1883 deu início a uma relação que marcou todo o período produtivo da artista, acentuando aspectos de seu comportamento que causam preocupação no espectador e revelam outras atitudes desconhecidas. Como aprendiz no ateliê de Rodin, Camille trabalhou com mármore e teve participação em importantes obras do mestre, incluindo *A Porta do Inferno*, encomendada em 1880 e concluída somente em 1917. Nas passagens que retratam o ateliê de Rodin, nos é mostrada a realidade das jovens escultoras. Sabemos ao que tinham de se submeter na busca de seu intento, de sua formação, o assédio que sofriam na condição de aprendizes, expondo a dificuldade que era conviver em um ambiente predominantemente masculino, incrédulo e hostil para as mulheres, ambiente em que imperavam a dúvida e a desconfiança sobre o talento artístico feminino.

O filme ressalta a habilidade escultórica de Camille Claudel, sua capacidade para modelar o barro. Mas, principalmente, o destaque é para a *virtuose* de Camille com o mármore, técnica que aprofundou rapidamente e que impressionava a todos devido à sua expressividade e precisão. Nuytten chama nossa atenção para isso, colocando na tela o que seria o primeiro contato, de acordo com o filme, de Rodin com o trabalho de Camille, sua admiração diante de um pé esculpido, a surpresa do escultor consagrado com o talento de uma jovem que diante de uma matéria tão difícil de manusear realiza uma imagem perfeita. A partir desse ponto, o filme narra o ingresso das duas jovens escultoras, Camille e Jessie Lipscomb, no ateliê de Rodin, na condição de aprendizes. E assim o ateliê passa a ser cenário para a intensa fusão criativa e inspiradora do casal que passam a formar Rodin e Claudel, durante o período em que ali conviveram. Além disso, nesse mesmo lugar, são ressaltadas algumas particularidades da manipulação escultórica da artista que serão intensificadas após o rompimento do relacionamento. Os destaques são para uma expressividade mais crua presente na superfície das obras de Camille, sua investigação

da temática mitológica e de abordagens autobiográficas trazidas em sua narrativa, além da exploração de materiais distintos e inusitados - já em fase final de sua produção.

O filme nos mostra que a produção e a vida afetiva da artista se confundem. Sua expectativa por reconhecimento como escultora se mistura em alguns momentos com sua expectativa de realização afetiva, no amor, como mulher de Rodin. Ambas as expectativas se frustram quando Camille se dá conta de que sua experiência no ateliê havia sido imprescindível como vivência e formação artística, mas, em contrapartida, conclui que estaria sempre à sombra de Rodin, seria sempre a amante e a aprendiz, aos olhos dele e do ambiente artístico parisiense. Para enfrentar e tentar reverter isso, era necessário lutar por um espaço num mundo da arte nada amigável às mulheres, sobretudo na época em que viveu Camille. Nesse contexto, o filme narra a busca por reconhecimento autoral, expondo a necessidade de um traquejo social que não era o forte de Camille. A Camille que o filme nos apresenta não era dada às bajulações que o mercado já exigia, não estava disposta a fazer concessões. Camille queria ser aceita e reconhecida por seu talento como escultora, como qualquer homem teria alcançado se possuísse o talento que ela tinha para a escultura. Camille buscava reconhecimento e achava que este não lhe era dado, com lhe parecia devido.

Para que fosse reconhecida, era necessário participar de exposições. Essas participações, com apoio direto ou indireto de Rodin, já não eram tão freqüentes quando eles eram amantes. Com a ruptura, a presença das obras de Camille nessas mostras tornou-se ainda mais rara. O que o filme expõe, como contam as biografias a respeito de Camille, é que Rodin usava sua influência de artista consagrado para indicar Camille para encomendas e exposições, até que a desavença entre os dois fica selada no Salão de 1900, no qual Rodin foi consagrado como artista de destaque e Camille sequer teve uma obra aceita. A partir desse evento, Camille passou a associar seus fracassos no mercado diretamente com o que ela acusava ser decorrente de perseguição, vinda de Rodin. Na medida em que ela passou a expô-lo e agredi-lo através de suas obras, como foi o caso da escultura *Idade Madura*, exposta em 1903 no Salão Nacional dos Artistas Franceses, Rodin articula seus contatos para suspender, por exemplo, o fornecimento de matéria-prima para a escultora, na tentativa de calar seus escândalos. Com isso Camille, que já vivia sozinha no Quai Bourbon desde 1899, passa a viver ainda mais isolada.

Camille Claudel, apesar disso, permanece no relato histórico sobre o mundo artístico. Recentemente, a produção dessa escultora passou a ser

cada vez mais valorizada, associada, essa valorização, ao caráter instigante de seu percurso e de sua biografia. Isso corrige o passado, porque a relação de Camille com o sistema e o mercado cultural de sua época não foi suficiente para defini-la como uma artista devidamente reconhecida e legitimada. É necessário considerar o legado de obras deixadas pela artista, que sofreu restrições em função dos episódios de destruição de seus próprios trabalhos. No que permaneceu, podemos identificar o caráter transgressor dessa artista, não apenas em relação à exploração tridimensional escultórica e às condições de representação da época, mas também em relação ao modo como se comportava no âmbito do contexto histórico a que pertenceu sua existência, como artista, produtora e mulher.

Ao mesmo tempo em que o filme de Bruno Nuytten explorou o universo criativo e produtivo de Camille, também deu ênfase à representação de sua vida íntima, de sua relação com a família. Pode-se dizer que o perfil da artista relatado no filme foi traçado a partir da relação com os homens que seriam decisivos na sua trajetória. Isso se nota na forte presença e na relação com a figura paterna, Louis Prosper. A primeira cena familiar representada pelo filme se dá sem a presença do pai. Essa escolha marca uma possível estratégia do diretor em mostrar como era tensa a relação da família em sua ausência. Camille fora sua primogênita e ele tinha uma visível preferência por ela, dividindo-se entre a superproteção e o incentivo fundamental que deu a ela desde que notou suas inclinações artísticas. Havia também uma expectativa exacerbada em relação a Camille por causa de seu comportamento. Tais aspectos, ressaltados filmicamente, funcionam como um palmilhar o destino que já sabíamos, sugerem que os excessos da sua postura, sua altivez e independência, podem ter sido nocivos para sua formação e para sua vida, indicando uma responsabilidade da própria Camille pelo que lhe foi impingido a certa altura, a reclusão em manicômio.

Com seu irmão, Paul Claudel, que veio a se tornar poeta consagrado, sua relação era de confiança e cumplicidade, uma quase idolatria que o irmão, ainda jovem, nutria por Camille. E, na narrativa fílmica, é para ele que Camille conta sobre o seu primeiro contato com Rodin, relatando seu desejo de ser instruída pelo mestre. A relação de influência e incentivo não é unilateral: Paul agradece a Camille por ter lhe apresentado à poesia de Rimbaud e a irmã elogia seus poemas.

Em contrapartida, as relações de Camille com as figuras femininas se mostram mais frágeis. A mãe da escultora, que tinha nítidos conflitos com a filha, nos é mostrada como principal obstáculo aos planos de Camille, o que se comprovará em outras diversas passagens do filme.

Relevando a importância das figuras masculinas durante a trajetória da artista, mesmo a conturbada relação com sua mãe, Louise Athanaise, é contada a partir de uma espécie de disputa que elas travavam pela atenção do patriarca da família.

Além do círculo familiar, o filme traz as relações afetivas e profissionais de Camille com outros homens. Vemos Alfred Boucher, seu primeiro mestre, cujo encontro se deu em 1876; Gigante, seu amigo e primeiro modelo, que o filme sugere alimentar uma paixão por Camille; Rodin, a relação mais impactante e destrutiva na vida de Camille; Claude Debussy, com quem supostamente ela teve envolvimento afetivo – comenta-se que a obra *A Valsa de Camille* teria sido dedicada ao compositor; Eugène Blot, seu agente, com quem manteve contato mesmo após a internação e uma das raras pessoas em quem Camille confiava. De certa forma, essa escolha narrativa do diretor do filme nos intriga porque soa como uma contradição, porque sugere que uma artista com a personalidade de Camille se manifestava, se constituía a partir dos encontros e desencontros com esses homens. Parece-nos que essa ênfase a coloca em pé de igualdade com eles, como se Camille, ao fim e ao cabo, não se submetesse a eles. Com isso, o mundo real entra em cena, porque o que vemos é um mundo mediado por homens, que detém o poder, controlam tanto os destinos em sociedade quanto no meio artístico.

Essa espécie de ancoragem na realidade aparece também em relatos históricos emblemáticos da sociedade parisiense da época, como a morte de Victor Hugo. O filme de Nuytten explora esse acontecimento, mostrando sua repercussão para os franceses e para o mundo na época. Através de Camille, esse acontecimento se mostra quando ela toma conhecimento da morte de Victor Hugo e vai até a escola de Paul, seu irmão, para lhe mostrar o pé de mármore esculpido por ela, responsável por conseguir a primeira assinatura de Rodin. Na sequência, Camille presencia e se depara com Rose, companheira de Rodin. Camille presencia a briga entre os dois, motivada pelo cortejo fúnebre para Victor Hugo. Depois disso, a artista busca Rodin em seu ateliê e o luto se torna o ponto sensível que aproxima os dois afetivamente. A cena transmite, além do marco histórico no contexto francês, um fato desencadeador de acontecimentos decisivos para a artista, uma vez que o diretor associa em uma mesma cena a tragédia da perda do escritor com a evidência da relação conturbada e já existente entre Rodin e Rose, fato que será então percebido, pela primeira vez, pelos olhos de Camille.

A relação profissional entre Camille Claudel e Auguste Rodin trazida pelo filme não foge do que era característico da realidade dos ateliês do

século XIX, em que transpareciam as trocas entre mestre e aprendiz. Camille trabalhava incessantemente e tinha um grande volume de trabalho, é o que nos é relatado pelo filme, o que faz com que se dedique cada vez menos aos seus próprios trabalhos, às obras de sua própria autoria, visando às exposições. Essa situação está vinculada ao que se mostra a principal preocupação de seu pai quanto ao vínculo entre Camille e Rodin. Para o pai de Camille, esta adquiriria experiência no ateliê, mas, contraditoriamente, estava comprometendo sua carreira como escultora. Ainda, a formação artística de Camille é prejudicada por rumores e comentários que julgavam o seu envolvimento afetivo com Rodin, seu mestre, condenando-a. Para isso colaborava a postura de Rodin, que oscilava e dividia-se entre Camille e sua companheira Rose (com a qual se casou apenas no leito de morte e com quem tinha um filho, nunca assumido legalmente). A indecisão de Rodin colabora com a debilitação da estabilidade emocional da artista.

Também merece destaque a temporalidade apresentada no filme. Mesmo respeitando uma linearidade cronológica da biografia, o filme de Bruno Nuytten não facilita a compreensão sobre a dimensão do tempo que passa. O recorte sobre o relacionamento do casal provoca uma sensação de transitoriedade, de achatamento temporal ao analisar que Rodin e Claudel viveram juntos por cerca de 11 anos. Essa espécie de achatamento está também na escolha dos atores protagonistas, que atuariam no papel de Camille e Rodin, escolha que contribui para sugerir uma diferença de idade entre eles menor do que fato era. Apesar da caracterização do personagem de August Rodin, o ator Gérard Depardieu é mais velho sete anos do que Isabelle Adjani. Essa escolha atenua a diferença de idade que de fato separava Camille e Rodin, que era de 24 anos.

Com o avançar dos anos e com o término do relacionamento amoroso de Camille e Rodin, o filme passa a explorar o estado de fragilidade emocional que Camille começou a apresentar, enunciado num quadro de alcoolismo, de desleixo, porque ela passou a viver em meio à sujeira, num quadro de completo abandono, é o que filme nos mostra. Em 1906, quando Camille começa a destruir suas obras, fica claro que não se tratava apenas de uma desistência. Ela estava amaldiçoando a escultura e toda uma vida associada a ela, a esse fazer. A vida associada à criação artística remetia a Rodin. Camille queria eliminar, extirpar essa referência de sua vida.

O apoio de seu agente, Eugène Blot, foi fundamental em seu período final de produção. Os transtornos paranóicos começaram a aparecer. Nuytten faz emblema deles na exposição individual de Camille e no episódio de alagamento do rio Sena, quando ela, entorpecida pelo álcool e mergulhada numa aparente loucura, não foi capaz de reparar na enchente que

avançou sobre Paris. Camille ficou ilhada em sua casa, com seus móveis e obras imersas na água. Eugène vai ao encontro dela e a recupera, procura retirar do isolamento, figurativizado na água que invade a habitação de Camille e a deixa ilhada. Para retirá-la do isolamento ele procura dar visibilidade para alguns dos trabalhos de Camille. Mas é também quando a família Claudel já não suporta mais o desequilíbrio de Camille, que lhe causam vergonha e dívidas. Era necessário impedi-la de continuar com os escândalos e os prejuízos de toda ordem. Vale lembrar que Paul Claudel já tinha uma carreira diplomática a zelar e se tornou cônsul em 1911.

O que vemos na película é a estratégia cruel arquitetada para a sua internação. Poucos dias após a morte de seu pai, da qual sequer foi informada, Camille Claudel é internada com autorização da mãe e do irmão. Fica claro que até então a internação não ocorrera porque seu pai, primeiro e maior incentivador de Camille, era também sua garantia de liberdade, sua última chance. Convém ressaltar que nessa época a internação era a solução para todo tipo de transtorno que não podia ser tratado, medicado ou mesmo compreendido. Além, é claro, de poupar a família de ser exposta por envolvimento em escândalos pelas atitudes e comportamento de um de seus membros. Eram internadas na época, em hospitais psiquiátricos, pessoas cujas patologias não tinham tratamento, com as quais não se sabia lidar.

Por se tratar de um recorte que privilegiou o período de produção escultórica de Camille Claudel, o filme de Bruno Nuytten se encerra no momento da internação da artista, em 1913. Conhecemos o triste fim de sua vida, através de biografias que foram dedicadas à vida de Camille. E temos o filme de Bruno Dumont, cujo relato se inicia em 1915. Muito mais do que a reclusão forçada, a permanência de Camille no asilo por tantos anos lhe cortou todo tipo de vínculo com sua arte, com suas vontades. Desde sua internação, Camille escreve para a família pedindo para ser reinserida no ambiente familiar, sem sucesso. Se no início ela apresentava resistência à internação, medo de envenenamento e ainda tinha idéias persecutórias em relação a Rodin, depois ela se tornara uma interna mais tranqüila, conseguindo pensar estratégias comportamentais para argumentar suas boas condições para ser liberada do asilo. Os próprios médicos recomendavam à mãe e ao irmão que ela deveria ser acolhida novamente em casa, pois seu comportamento não representava nenhum risco para ninguém. Todas as tentativas eram inúteis. Paul, que era o único que a visitava, o fazia uma vez ao ano. Mas chegou a ficar longos anos sem visitá-la.

Nuytten privilegia em seu filme uma narrativa que nos apresenta como virtudes a força e a obstinação de Camille, além de reafirmar de

maneira incisiva a potência técnica e poética de sua produção, como que sugerindo, anacronicamente, rivalidade com Rodin. Para isso o relato configura um cenário no qual Rodin colabora com a constituição em Camille de uma fragilidade emocional, uma vez que evitou assumir o relacionamento amoroso que tiveram. Essa fragilidade emocional se fez perceber mais adiante na atividade de Camille como escultora. Apesar disso, Nuytten representa um Rodin eternamente admirado com o trabalho da aprendiz, passível de reconhecer sua capacidade ou, até, sua superioridade, e constantemente colaborativo, tanto durante a convivência quanto depois da ruptura entre os dois. Desse modo, o propósito parece ser evitar dar ao filme partidarismos e parcialidades, para desse modo afirmar e confirmar o vigor e a autoridade dos trabalhos de Camille, que se medem com os de Rodin por essa estratégia, no entanto, sem se afastar de suas crescentes debilidades, até o desfecho da internação, oriundas de seus comportamentos e vínculos afetivos.

Para discussão:

1. O filme nos conduz a sentir empatia para com Camille Claudel, nos mostrando uma mulher forte nos seus propósitos e ao mesmo tempo fragilizada emocionalmente pelas decepções no amor e pelos rumos de sua carreira de escultora, pelo não-reconhecimento do seu trabalho. Ao mesmo tempo, Bruno Nuytten parece isentar Rodin da patologia que afetará Camille e que a levará à internação pela família. Essa relação que o filme traz, entre a empatia por Camille e o tratamento dado a Rodin, constitui um paradoxo? Como o filme nos atualiza sobre a relação entre ele e Camille? Qual é a responsabilidade e o papel de Rodin no destino de Camille?
2. A vida pessoal de Camille Claudel se confunde com a sua carreira de escultora, particularmente pelo vínculo amoroso que ela mantém com Rodin por cerca de 11 anos. Isso pode ser observado no filme quando este destaca os problemas pessoais da artista, problemas que a impedem, a certa altura, de produzir e de dar um rumo de sucesso para sua carreira. Ou seja, o filme não opta por atribuir os percalços da carreira artística de Camille apenas ao meio artístico da época. Comente os momentos de crise mais graves da vida de Camille, como eles se constituem em cenas emblemáticas dessa narrativa e ao que eles são atribuídos no filme de Bruno Nuytten.
3. A frustração de Camille como artista e como mulher pode ser atribuída a uma série de fatores. Elenque os que você considera mais importantes e que ganharam maior destaque no filme.
4. Considerando a condição da mulher no meio artístico no século XIX, a história de Camille como escultora poderia ter tido um desfecho diferen-

te? Se sim, de que modo?

5. O envolvimento de Camille com Rodin, ao mesmo tempo mestre e amante, foi decisivo para a inserção dela na vida de ateliê, no mundo da arte e, ao mesmo tempo, uma das causas de sua frustração como artista e como mulher. Você acha que essa relação Camille-Rodin ainda hoje contribui para que ela seja uma artista à sombra desse escultor consagrado pela História da Arte, ou seja, para uma interpretação que diminui a obra de Camille?

6. Considerando as personagens masculinas do filme, quais são os papéis, os perfis psicológicos, que você atribuiria a eles na trajetória de Camille, como mulher e como artista?

7. Apesar de o recorte do filme não nos permitir saber muito a respeito do período de internação de Camille, sabemos que ela permaneceu em Ville-neuve-lès-Avignon até sua morte, em 1943. Sem dúvida, o tempo de permanência e a ausência da família agravaram seu estado de saúde e deixam a convicção de um completo abandono. Comente a importância do convívio familiar no tratamento de pacientes com distúrbios psíquicos.

8. De acordo com o retrato feito pelo filme, como você caracteriza o perfil psicológico de Camille Claudel? Em que medida ele foi responsável por suas frustrações e o destino de sua vida? Qual o seu diagnóstico sobre Camille, que, por exemplo, destruiu parte de suas esculturas?

9. Na nossa interpretação, Bruno Nuytten opta por um viés que é o de não encontrar culpados pelo trágico fim de Camille. Mas podemos identificar elementos que contribuíram para o destino que ela teve, como a negligência da família. Qual seria o posicionamento correto da família de um paciente com o mesmo diagnóstico de Camille? Como ela deveria agir? Em que medida o comportamento de Camille foi um impedimento para esse posicionamento?

Sugestões de leitura:

AYRAL-CLAUDE, Odile. *Camille Claudel, Sa Vie*. Paris: Éditions Hazan, 2008.

DELBÉE, Anne. *Camille Claudel, Uma Mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MORGENSTERN, Ada. *Perseu, Medusa e Camille Claudel*. São Paulo: Ateliê, 2009.

PARIS, Reine-Marie. *Camille Claudel, 1864-1943*. Paris: Editions Economica, 2012.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Camille Claudel*

Título Original: *Camille Claudel*

País de Origem: França

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 164 minutos

Ano: 1988

Direção: Bruno Nuytten

Análise dos princípios de bioética no filme *Tempo de despertar*

Daniëlle Bernardi Silveira¹⁴⁵

A obra cinematográfica *Awakenings* (*Tempo de despertar*) dirigida por Penny Marshall se baseia numa história real, relatada no livro homônimo de Oliver Sacks¹⁴⁶. O filme lançado em 1990 se intitula no Brasil *Tempo de despertar*. O drama se passa em Nova Iorque, no final dos anos 1960, e conta a história do neurologista Malcolm Sayer. Embora esse médico estivesse acostumado a trabalhar na área de pesquisa, aceita um emprego na área clínica na qual descobre que há muito a fazer por pacientes com doenças psiquiátricas.

Dentre os pacientes do hospital Mount Carmel, o neurologista se depara com um grupo de pessoas acometidas por uma epidemia de encefalite letárgica¹⁴⁷ ocorrida em 1916. Ele percebe que os pacientes não estão totalmente alheios ao mundo, pois curiosamente, respondem a alguns estímulos. Motivado pelo seu espírito de pesquisador, o médico começa a observar as reações dos pacientes e, apesar do descrédito do restante da equipe médica do hospital, ele pesquisa novas drogas e tratamentos com o intuito de melhorar o prognóstico deles.

O Dr. Sayer chega à conclusão de que a L-DOPA¹⁴⁸, uma nova droga que já estava sendo usada para tratamento de indivíduos com a Doença de Parkinson, poderia ser o medicamento ideal para tais casos. O Dr. Sayer convence o diretor do hospital a iniciar sua pesquisa, que começa com o pedido de autorização dos familiares dos pacientes. A prática da

145 Enfermeira (UFCSPA). Mestranda no PPG em Patologia (UFCSPA).

146 Uma das obras mais conhecidas de Sacks (1973), *Tempo de despertar*, relata sua experiência médica com vítimas de encefalite letárgica, que desenvolveram parkinsonismo pós-encefalítico, apresentando rigidez, acinesia – redução ou perda de movimento – dificuldades de iniciar e controlar ações e movimentos involuntários. SEKI, Natalie Hidemi; GALHEIGO, Sandra Maria. The use of music in palliative care: humanizing care and facilitating the farewell. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v.14, n.33, abr./jun. 2010, p. 273-284.

147 A encefalite letárgica, também conhecida como doença européia do sono, é uma forma atípica de encefalite, cujas causas não são conhecidas. A sintomatologia é caracterizada pela letargia, por sonolência incontrolável e por tremores (características comuns à doença de Parkinson). Uma epidemia de encefalite letárgica se espalhou pelo mundo entre 1915 e 1926, principalmente na Europa e na América do Norte. Nesse período cerca de 1 milhão de pessoas foram afetadas, e a metade delas morreu. CARLSON, Laurie Winn; DEE, Ivan R. A fever in Salem: a new interpretation of the New England witch trials. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v.17, n.4. Agosto de 2001.

148 A L-Dopa ou Levodopa é a forma natural de dihidroxifenilalanina e o precursor imediato da dopamina, o transporte da levodopa pela barreira hemato-encefálica é feito por um mecanismo de transporte facilitado independente do sódio que é partilhado com outros aminoácidos. Esse medicamento é usado para o tratamento de doenças neurológicas, sendo a doença de Parkinson a mais comum. OXTOBY, Marie. WILLIAMS, Adrian. *Tudo Sobre: Doença de Parkinson*. São Paulo: Andrei, 2006, p. 44-46.

aplicação do termo de consentimento livre e esclarecido, na época, não era usual. Atualmente, contudo, é um documento indispensável para realização de pesquisas.^{149, 150} O primeiro a utilizar o medicamento no hospital, Leonard Lowe, apresenta respostas fisiológicas positivas, isto é, responde a estímulos físicos do tratamento com a L-Dopa, o que significa para Leonard “acordar para a vida”.

No início do filme, há um *flashback* que mostra Leonard criança escrevendo seu nome num banco público. Essa cena é emblemática porque corresponde ao período em que Leonard teria “estacionado” sua mente durante os anos que ficou no hospital psiquiátrico. A imagem de seu nome naquele banco seria o elo que conteria sua identidade trinta anos após, quando ele volta a sentar no mesmo banco, conduzido pelo médico Malcolm Sayer. Logo, o médico, auxiliado pela enfermeira Eleanor Costello e sua equipe, busca autorização e recursos financeiros para ministrar a droga nos demais indivíduos pós-encefálicos. A preocupação de auxiliar a todos os pacientes atingidos pela doença está conforme o princípio da justiça, oferecendo a todos a mesma possibilidade de melhora, dada a distribuição justa entre os pacientes dos possíveis benefícios promovidos pelo medicamento.

149 O termo de consentimento é um documento recomendado por declarações internacionais, códigos de ética, resoluções e leis específicas para ser usado na prática em saúde e na realização de pesquisas envolvendo seres humanos. Atualmente, qualquer atuação na área da saúde requer o prévio consentimento dos pacientes ou seus responsáveis. Com relação aos doentes mentais e sua participação em pesquisas, o Código de Nuremberg de 1948 não permite a participação, argumentando que não poderiam dar livremente seu consentimento, condição necessária. A Declaração de Helsinki, de 1964, permite a participação desse grupo, segundo a Declaração, em caso de incapacidade legal, ou seja, um indivíduo interdito de assumir uma postura moralmente ativa, a autorização do responsável legal substitui a do paciente, essa foi a forma utilizada pelo neurologista Malcolm Sayer no filme. A declaração de Helsinki sofreu modificações ao longo do tempo principalmente pelos abusos cometidos contra populações vulneráveis diante da fragilidade legal e dos princípios éticos. ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE MEDICINA. Declaration of Helsinki: Recommendation guiding physicians in biomedical research involving human subjects. In: The Journal of the American Association (JAMA), n. 277, 1997. p. 925-926. DINIZ, Débora. Declaração de Helsinki: O prefácio do mundo. In: *Gazeta Mercantil*, São Paulo: 14 fevereiro de 2000, p. A-7.

150 A aplicação do termo de consentimento livre e esclarecido relaciona-se à autonomia dos doentes mentais, se não for plenamente respeitada, acaba por ser um instrumento de risco e vulnerabilidade. As discussões envolvem dois eixos principais: a escolha do responsável legal pelo paciente e a determinação do seu estado clínico, se o paciente está fora da crise e se não cronificado por anos de doença e medicamentos que podem diminuir a competência cognitiva. BRAZ, Marlene; SCHRAMM, Fermin Roland. Bioética e pesquisa em saúde mental. *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v.16, n.4, abr. 2011. É preciso notar que a idéia de que o consentimento foi obtido assume pouca importância a não ser que o sujeito ou seu responsável tenha capacidade de compreender o que está sendo feito na pesquisa. BEECHER, Henry K. 1966. Ethics and clinical research. *New England Journal of Medicine*. 274:1354-1360. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/74765/1/vol79.no.4.365-372.pdf?ua=1>. Acesso em agosto de 2014.

Leonard, ao apresentar uma melhora significativa, deseja sair de Mount Carmel, contudo, o seu pedido é negado. Os médicos alegam que é necessário um maior tempo de observação e a sua revolta com a negação do pedido inicia um conflito.¹⁵¹ O conflito, segundo Cohen e Marcolino, deve-se ao fato de que nem todas as pessoas têm a capacidade de se autodeterminar. A autonomia é a capacidade de o indivíduo ter a liberdade de pensamento, livre de coações externas, para escolher entre as opções possíveis. O respeito a um indivíduo autônomo acontece quando se reconhecem as capacidades e as perspectivas pessoais, incluindo o direito de ele examinar e fazer escolhas, para tomar atitudes baseadas em suas convicções e valores pessoais.¹⁵²

A doença mental é a patologia da liberdade, que acarreta a perda da liberdade interior e freqüentemente é acompanhada da perda da liberdade exterior, do direito de ir e vir, de ter opinião, de ser ouvido, de ser tratado com respeito e dignidade, por isso, é preciso que se encontre o justo equilíbrio entre o dever de tratar os pacientes com transtornos mentais e o direito desses pacientes à liberdade.¹⁵³ Segundo Costa (2010), quanto ao doente mental, o respeito pela autonomia nos diversos graus é um dever ético para com estes que sofrem de incapacidade e que não se adaptam aos padrões que se tem por “normais”.¹⁵⁴ Leonard desejava ser reconhecido como um ser autônomo, não ambicionava tomar grandes decisões. Ele almejava tomar decisões simples, como a que você, caro leitor, faz nesse exato instante, poder ler o que tem vontade.

Os resultados com o L-Dopa são inicialmente positivos, entretanto, com o passar do tempo de exposição ao medicamento alguns pacientes apresentam efeitos colaterais. O próprio Leonard, após a recusa de ter sua autonomia reconhecida, revela efeitos indesejáveis como tiques e neurose. O lapso de vida assusta como na fala da personagem Lucy Fishman¹⁵⁵:

¹⁵¹ O princípio da autonomia é o principal tema ético no campo das doenças mentais, sendo esse princípio o mais desrespeitado durante a assistência a esses indivíduos. Nesse sentido, o tratamento deve ser diferenciado e principalmente baseado nos limites de aceitação do próprio indivíduo sobre a situação de sua saúde física e do comprometimento de sua inserção social. GODOY, Hallyfe Rodrigues Venâncio; GONÇALVES, Fernanda Borges; CASTRO, Ulysses Rodrigues. Ética, autonomia e doença mental. *Revista Médica de Saúde*. Brasília 2012; 1(1), p. 26-29.

¹⁵² COHEN, Claudio; MARCOLINO, José Alvaro Marques. Relação médico-paciente. 3ª ed. In: Segre M, Cohen C, organizadores. *Bioética*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

¹⁵³ FÉ, Ivan Araújo Moura. Doença Mental e Autonomia. *Revista Bioética*, Brasília, v.6, n.1, nov. 2009. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/327/395. Acesso em agosto de 2014.

¹⁵⁴ COSTA, José Raimundo Evangelista da. Psiquiatria: bioética – insanidade e (des) humanização. *Mundo saúde*. 34 (4): dez 2010, p. 531-534.

¹⁵⁵ As citações de falas das personagens são feitas livremente pela autora.

“Eu não me vejo com mais de 22 anos”. Ela não conseguia encarar o fato de ter cabelos brancos e de não possuir a experiência de vida que suas rugas indicavam.

É interessante relatar também as diferentes percepções de cada paciente ao “despertar”. Para alguns a dádiva de acordar para vida superava qualquer dificuldade, enquanto que para outros, essa retomada da vida vem acompanhada de perdas e mudanças inesperadas. Por isso, alguns deles não desejam sua vida atual. Eles percebem que a realidade não é fácil de ser encarada. Cada passo exige um esforço que talvez não mais desejem fazer. Como saber se há essa capacidade? Cada ser possui um caminho para encontrar tal resposta e os estímulos, como ritmos musicais, relações pessoais ou conhecimento dos fatos pelos quais o mundo passa, correspondem ao que individualiza esses caminhos.¹⁵⁶

O inesperado nas reações ao medicamento e nas descobertas de quais estímulos são necessários se revelam ao final do filme em um discurso proferido pelo Dr. Sayer:

Podemos simplesmente dizer que o remédio falhou ou que a própria doença retornou ou que os pacientes não suportaram ter perdido anos de vida. Mas a realidade é que não sabemos o que deu errado nem o que deu certo. O que sabemos é que ao se fecharem as janelas da química, outro despertar aconteceu o de que o espírito humano é mais forte que qualquer remédio.

Ao analisar o seu último discurso no filme percebe-se que o médico teve uma profunda empatia com seus pacientes, foi capaz de observar e reconhecer que os efeitos provocados pelo tratamento com a L-Dopa não eram os mais adequados aos pacientes.

Os profissionais da enfermagem com o papel de acompanhar os pacientes, registrar os avanços percebidos com as medicações administradas, são representados pela enfermeira Eleanor Costello e sua equipe. Segundo Penna *et al* (2012), a não-maleficência consiste em não infligir mal ou dano a outrem. Esse princípio de não prejudicar o paciente, de evitar danos intencionais fica evidente com o monitoramento constante dos pacientes.¹⁵⁷ O papel da enfermagem desempenhado com dedicação oportuniza a obtenção de dados fundamentais para análise da condição clínica dos indivíduos sob responsabilidade dos profissionais da saúde.

Pode-se observar, a partir das atitudes dos personagens que representam

¹⁵⁶ Os doentes mentais não podem ser simplesmente consumidores de cuidados e medicamentos. O indivíduo em princípio é co-responsável pelo seu tratamento. COSTA, José Raimundo Evangelista da. *Psiquiatria: bioética – insanidade e (des)humanização. Mundo saúde* (Impr.); 34 (4): dez 2010, p. 531-534.

¹⁵⁷ PENNA, Moira Maxwell; DUARTE, Ivolethe; COHEN, Claudio; OLIVEIRA, Reinaldo Ayer de. Concepções sobre o princípio da não-maleficência e suas relações com a prudência. *Revista Bioética*. (Impr.); 20 (1); 2012, p. 78-86.

esses profissionais, a importância da humanização na assistência à saúde.¹⁵⁸ O princípio da beneficência entra em cena na tentativa de promover a saúde: maximizando os benefícios e minimizando os malefícios. Os profissionais da equipe do Dr. Sayer e de Eleanor Costello foram os primeiros a acreditar nas possibilidades de recuperação dos pacientes adormecidos. Essas atitudes baseadas no conceito de humanização caracterizam a diferença no comportamento dos profissionais e do atendimento prestado.

Além disso, observa-se que os profissionais que lidam por períodos mais prolongados com os pacientes acreditam nas propostas de mudança dos cuidados prestados. A possibilidade de modificar os cuidados paliativos¹⁵⁹ para intervenções que alterassem a dinâmica daqueles pacientes também eram bem-vindas. O ponto central da atuação profissional é saber articular a técnica com a afetividade de que os pacientes em situações de máxima vulnerabilidade necessitam, velando pelo seu desenvolvimento e por sua autonomia.

Portanto, o filme *Tempo de despertar* pode inspirar no telespectador pensamentos sobre o que cerca o paciente psiquiátrico. Segundo Costa (2010), para escutar o outro, antes tem de escutar a si mesmo.¹⁶⁰ A importância de um cuidado respeitoso acontece quando, mesmo sem entender a causa da doença, colocamo-nos no lugar daquele que sofre.

Para discussão:

1. O doente mental tem sua autonomia reduzida, que, ainda assim, deve ser respeitada. O respeito à autonomia do doente mental no ambiente psiquiátrico por vezes não pode ser praticado em toda sua extensão. No filme *Tempo de despertar* esse direito é questionado por um dos personagens centrais. Como o respeito à autonomia dos pacientes psiquiátricos pode se dar?

158 “O uso histórico do termo humanização o consagra como aquele que rememora movimentos de recuperação de valores humanos esquecidos, ou solapados em tempos de frouxidão ética. Humanização se fundamenta no respeito e valorização da pessoa humana, e constitui um processo que visa à transformação da cultura institucional, por meio da construção coletiva de compromissos éticos e de métodos para as ações de atenção à Saúde e de gestão dos serviços. Esse conceito amplo abriga as diversas visões da humanização supracitadas como abordagens complementares, que permitem a realização dos propósitos para os quais aponta sua definição.” RIOS, Izabel Cristina. *Caminhos da humanização na saúde: prática e reflexão*. São Paulo: Áurea, 2009, p. 7-10. Disponível em: http://www.hcnet.usp.br/humaniza/pdf/livro/livro_dra_izabel_rios_caminhos_da_humanizacao_sa_ude.pdf. Acesso em setembro 2013.

159 Cuidados paliativos foram definidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma abordagem ou tratamento que melhora a qualidade de vida dos pacientes e familiares diante de doenças que ameacem a continuidade da vida. ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (ANCP). Disponível em: <http://www.paliativo.org.br/ancp.php?p=oqueecuidados>. Acesso em agosto de 2014.

160 COSTA, José Raimundo Evangelista da. Psiquiatria: bioética – insanidade e (des) humanização. *Mundo saúde* (Impr.); 34 (4): dez 2010, p. 531-534.

2. Pode-se pensar que muitas famílias e muitos profissionais não estão preparados para auxiliar os pacientes psiquiátricos a resgatar seus direitos, sua cidadania. Como você acredita que os profissionais que atuam na área da saúde mental devem promover o comprometimento tanto dos familiares quanto deles próprios para com os pacientes?

3. Diante dos benefícios promovidos pelo medicamento, a distribuição deste medicamento de forma justa entre os pacientes deve decorrer da aplicação do princípio da justiça. Discuta se a equipe de saúde teve esta atitude pensando no princípio de justiça ou se o lado de pesquisador, do interesse próprio de investigar o medicamento e assim levantar mais dados para justificar os achados científicos foram mais considerados.

4. Supõe-se que os serviços prestados para qualquer paciente sejam humanizados, já que todos, sem exceção, têm esse direito. Todavia, não são em todos os serviços que observamos esse cuidado. Por que a implementação desse cuidado é tão dificultosa? Depende somente dos profissionais de saúde?

Sugestões de leitura:

CARVALHO, Marissol Bastos de. *Psiquiatria para a Enfermagem*. Editora: Rideel, 2012.

SACKS, Oliver. *Tempo de despertar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VERZA, Luísa. "Tempo de Despertar: a ética da experimentação com seres humanos". In: *Cinema, Ética e Saúde*. Ana Carolina da Costa e Fonseca (org.). Porto Alegre: Bestiário, 2012, p. 110-115.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Tempo de despertar*

Título original: *Awakenings*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 12 anos

Tempo de duração: 121 minutos

Ano: 1990

Direção: Penny Marshall

Nota sobre o filme *Precisamos falar sobre Kevin*

Cora Efrom¹⁶¹

O filme *Precisamos falar sobre Kevin* é considerado um drama e é associado a uma série de tragédias globalmente conhecidas como os massacres em escolas americanas. Baseado em um livro ficcional¹⁶² que foi criado a partir de histórias reais, constrói-se a narração principal.

A história no filme é apresentada em uma série de recortes temporais, nos quais Eva, mãe de Kevin, relembra a sua própria história pessoal e o desenvolvimento do filho. No livro, diferentemente, os recortes são diferentes cartas dirigidas marido. A personagem proporciona ao expectador uma genealogia do desenvolvimento de Kevin.

Numa descrição carregada de culpa e numa busca do entendimento dos fatos, Eva reflete sobre o conflito que a maternidade gerou em sua vida, a dificuldade de criar um vínculo com seu filho e uma série de momentos da vida de Kevin, incluindo o desfecho de sua família (pai e irmã mais nova de Kevin), o evento do massacre, a prisão e a pressão social e pessoal que ela sofre após o incidente. Assim, diversas situações são expostas e atreladas a figura da mãe e aos relacionamentos de Kevin com os demais, desde antes da gravidez indesejada de Kevin, o abuso do álcool, o oscilação do humor da mãe, a provável depressão pós-parto, a dificuldade do *holding e handling*¹⁶³, a situação conjugal, a tentativa de controle, o desamparo dessa mulher. Tudo isso, com uma presença constante da cor vermelha, permite, mesmo que de forma fragmentada, perceber o complexo e tortuoso sistema que inclui e reverbera com e sobre Kevin.

O filme deixa exposto que fenômenos psicopatológicos podem ser percebidos em qualquer faixa etária populacional, contudo, quando identificados em crianças e adolescentes suas consequências podem ser mais graves e representar uma influência permanente na vida do sujeito, especialmente quando mal diagnosticado.¹⁶⁴ É sempre impactante perceber

161 Bacharela em Direito (UFRGS), especialista em Direito Médico (Verbo Jurídico) e bacharelada em Psicologia (UFSCPA).

162 Shriver, Lionel. *Precisamos falar sobre Kevin*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

163 Conceitos associados a Winnicott, se refere ao suporte (*holding*) e ao manejo (*handling*) do bebê com os objetos e pessoas do mundo através da mãe. Considerados fundamentais para a formação da personalidade, afeto e desenvolvimento da criança. Para mais informações: WINNICOTT, D. W. *Psicose e cuidados maternos* (1948). Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

164 Há uma gama diversa de estudos retrospectivos que procuram estabelecer correlações entre a presença de sintomas, as internações e situações na infância que repercutem a diagnósticos psicológicos severos quando na vida adulta. O que não significa a necessária relação causal entre eles, mas sugerem provável fator de risco para transtornos psiquiátricos quando adultos. Segundo Stubb, por exemplo, se identificou que 80% dos

uma criança na produção de tamanhas violências, contra aqueles que a cercam e contra si mesma, mas a produção cinematográfica permite refletir sobre relações ambientais, sociais e biológicas na construção e afetação do ser.

Para discussão:

1. É cada vez mais fácil se enquadrar um sujeito em critérios para um transtorno de saúde mental. Contudo, o processo diagnóstico não envolve apenas critérios objetivos normatizados, mas também uma profunda e trabalhosa análise de outros aspectos (sujetivos, ambientais, sociais, etc). O diagnóstico em uma criança de um transtorno mental e, muitas vezes sua medicalização, não afetaria a construção de identidade e não poderia ser um rótulo para toda a vida? E afirmar que uma criança efetivamente doente não o é, seria melhor?

Sugestões de leitura:

FOX, James Alan; LEVIN, Jack. *Extreme killing: understanding serial and mass murders*. Los Angeles: Sage, 2012.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz; SILVA, Fernanda Janaína Lima; FLORES, Gustavo Gazzana. Saúde mental de crianças no Brasil: uma revisão de literatura. In: *Interação em Psicologia*. 13(2), 2009, p. 311-322. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/view/7601/11376>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Precisamos falar sobre Kevin*

Título original: *We need to talk about Kevin*

País de origem: Estados Unidos da América e Reino Unido

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 112 minutos

Ano: 2011

Direção: Lynne Ramsay

adultos que tiveram transtorno de conduta na infância tinham algum tipo de transtorno psiquiátrico, demonstrando, em geral, maiores taxas de criminalidade, de transtornos psiquiátricos e de abusos de substâncias, além de toda afetação nos relacionamentos, saúde física, etc. STUBBE, Dorothy. *Psiquiatria da infância e adolescência*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Corpo, gênero e sexualidade

A opressão sexual em *Azul é a cor mais quente*

Julia Landgraf Piccolo Ferneda¹⁶⁵

“Eu sinto que estou fingindo. Fingindo tudo. [...] Me falta algo.” É com essa frase que Adèle, protagonista da trama, externa para seu melhor amigo os sentimentos que tem após um encontro com um garoto. Ao longo das três horas seguintes, o filme mostrará a luta pela descoberta e exploração da própria sexualidade durante a adolescência, o susto de se perceber diferente da maioria e a exposição à homofobia intrínseca a uma sociedade heteronormativa¹⁶⁶, que discrimina como desviante qualquer outra forma de relação que não siga a norma heterossexual.

Adèle, uma estudante de 15 anos, sempre se relacionou afetiva e sexualmente com homens, mas diversas situações de seu cotidiano começam a fazê-la se questionar sobre seus interesses. É conhecendo Emma, uma universitária de cabelos azuis, que a protagonista acaba se envolvendo, pela primeira vez em sua vida, profundamente com uma pessoa, que é uma mulher. Observamos o crescimento pessoal da personagem enquanto passa pelo processo não apenas de descoberta de si mesma, mas também de observação do mundo ao seu redor; de enfrentar o heterossexismo¹⁶⁷ presente na sociedade; do preconceito sofrido no meio escolar e o receio de uma incompreensão familiar caso demonstre sua sexualidade abertamente.

A homossexualidade¹⁶⁸ existe em todas as culturas desde o início dos tempos, a forma como é vista é, contudo, variada. Na Grécia Antiga, um rapaz ser iniciado sexualmente por um homem mais velho era uma honra que definia sua entrada no mundo adulto¹⁶⁹, e em diversas espécies de mamíferos, relações entre animais do mesmo sexo são comuns¹⁷⁰. Em muitas sociedades, porém, não há abertura para a permissão de tais comportamentos, que são considerados desviantes, e esses indivíduos são comumente segregados da população. Ilustrando a forma como a homos-

165 Bacharelada em Psicologia (UFCSPA).

166 WARNER, Michel. *Fear of a Queer Planet*. Social Text, *Duke University*. n. 29, 1991.

167 Heterossexismo é a atitude de preconceito, discriminação, negação, estigmatização ou ódio contra toda sexualidade não-heterossexual. (JUNG, Patricia Beattie; SMITH, Ralph F. *Heterosexism: an ethical challenge*. State University of New York Press, 1993).

168 Orientação das atividades sexuais e afetivas em relação a outras pessoas do mesmo sexo.

169 JÚNIOR, Salvador Pereira Corrêa *et al.* Homossexualidade e Construção de Papéis. *Revista de Psicologia*, Fortaleza. vol. IV, n. 2, Julho-Dezembro 2013. Disponível em: http://www.revistapsicologia.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=36%3Ahomossexualidade-e-construcao-de-papeis&catid=29%3Aano-i-edicao-i&Itemid=54&showall=1&lang=pt. Acesso em junho de 2014.

170 BAGEMIHL, Bruce. *Biological Exuberance: Animal homosexuality and natural diversity*. Inglaterra: Profile Books, 1999.

sexualidade é aceita em diferentes culturas, ainda hoje, em ao menos oito países¹⁷¹, tal orientação sexual é crime passível de ser punido com a morte.

É importante ressaltar que o preconceito para com outras orientações sexuais, que não seguem a lógica heteronormativa vigente em nossa sociedade é resquício da patologização de tais orientações: foi apenas em 1985 que o CID-10 (Código Internacional de Doenças)¹⁷² deixou de considerar o “homossexualismo” uma doença, o que ocorria desde 1948. A partir desse momento, a palavra “homossexualismo”, até então caracterizada como patologia, perde o sufixo “-ismo” (com a percepção agora também da ciência para reconhecer tal orientação não mais como doença) e passa a receber o sufixo “-dade” (homossexualidade), usado para qualidades.

No filme, Adèle tem grande abertura para falar com suas amigas sobre sexo: o comportamento e as relações afetivas e sexuais de cada uma do grupo são amplamente comentados entre elas. Porém, no momento em que suas amigas a vêem com outra mulher (com supostas “características homossexuais”) e acreditam que as duas estejam se relacionando, adotam uma postura de não-aceitação e de desgosto. A cena em que Adèle é confrontada por suas colegas de escola, que a viram com Emma, deixa claro como a heteronormatividade social é um preconceito que impulsiona a violência e a discriminação. Em roda, adolescentes reúnem-se e verbalizam diversas ofensas, chamando-a com apelidos pejorativos e acusando-a de ter interesse sexual por suas amigas da escola, na casa de quem já havia passado a noite. Outros colegas que observam a cena estimulam a violência verbal que está ocorrendo, quando um menino afirma que “se um gay estivesse perto dele, faria o mesmo”, endossando o ato de repressão que toma forma frente a seus olhos.

Nesse ponto, cabem duas observações: primeiro, a suposta hipersexualização do homossexual – a colega de Adèle a acusa de ter interesse em todo o seu grupo de amigas, como se o fato de gostar de mulheres a colocasse em uma situação sexual sempre que posta frente a indivíduos do sexo feminino, o que faz parte de uma crença arraigada em nossa sociedade da homossexualidade como promíscua. A segunda é a forte violência que ocorre dentro do ambiente escolar: no Brasil, 32,6% das situações de discriminação e exclusão de homossexuais ocorre nesse local¹⁷³. Uma

171 Iêmen, Irã, Sudão, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Mauritânia e algumas regiões da Somália e da Nigéria são alguns exemplos.

172 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (CID-10). Disponível em: www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm. Acesso em junho de 2014.

173 CARRARA, Sérgio et. al. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT*. Rio de Janeiro: CAPESC, 2006. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/julio05.pdf>. Acesso em março de 2014.

pesquisa realizada pela UNESCO em 2004 apresenta dados que podem ajudar a explicar o motivo de tão alta incidência: “os professores não apenas se silenciam frente à homofobia, como muitas vezes acabam colaborando ativamente na reprodução de tal violência”¹⁷⁴. A mesma pesquisa revela que um terço dos pais não gostaria que seus filhos fossem colegas de homossexuais, e um quarto dos alunos entrevistados possui a mesma percepção.

Talvez pela histórica luta por direitos igualitários para uma sexualidade que foge do padrão heteronormativo (não apenas homossexual, mas também bissexual e trans*¹⁷⁵), começam a surgir movimentos legislativos e de criação de políticas públicas atuantes dentro do País. O programa “Brasil sem Homofobia”¹⁷⁶, que busca a consolidação dos direitos de acesso dos homossexuais à saúde, à educação, à segurança, ao trabalho e à cultura, além de buscar um fim para a discriminação sexual que ocorre no País, volta-se para essa questão ao instaurar a política “Escola sem Homofobia”¹⁷⁷, em que um dos eixos é “apoiar a implementação de projetos de prevenção da discriminação e homofobia nas escolas, em parceria com agências internacionais de cooperação e com a sociedade civil organizada”¹⁷⁸.

O filme ainda aborda outras questões de ordem heteronormativa, cabendo aqui citar o momento quando Emma conta aos pais de Adèle que é artista, e o pai insiste na necessidade de que se busque uma carreira estável, ou um marido que a possa sustentar enquanto ela exerce tais atividades de “lazer”. Nesse ponto, é vigente a lógica patriarcal¹⁷⁹ de necessidade

174 ABROMOVAY, Miriam. *Juventude e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>. Acesso em março de 2014.

175 O asterisco é usado ao lado da palavra “trans” pois é um “termo guarda-chuva” para englobar qualquer identidade trans, seja ela transgênera, transexual, travesti, bem como identificações de gênero não-binárias.

176 SILVA, Cláudio Nascimento et. al. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3.pdf. Acesso em março de 2014.

177 Mais informações sobre o projeto Escola sem Homofobia em <http://www.inclusive.org.br/?p=18368>. Acesso em março de 2014.

178 A distribuição do kit anti-homofobia nas escolas, como previa o projeto, foi vetada em 2011, ano de sua criação. Maiores informações na reportagem <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/dilma-rousseff-manda-suspender-kit-anti-homofobia-diz-ministro.html> Último acesso em março de 2014.

179 Patriarcado: forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinada aos homens, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. GIDDENS, Anthony. *Gênero e Sexualidade*. In: *Sociologia*. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

que a mulher teria de um homem que possa trazer estabilidade para o lar, mesmo nos dias de hoje, em que a luta pela independência e pela igualdade de direitos da mulher já é antiga. Tal modelo faz com que a mulher seja percebida como coadjuvante no sustento da família, sendo voltada para questões de prosperidade e funcionamento do lar – como, por exemplo, tarefas domésticas e criação dos filhos – mesmo quando, atualmente, 30%¹⁸⁰ das mulheres seja a principal responsável pelo sustento de sua família. Por causa dessa visão na qual as mulheres teriam mais “aptidão” para cuidar da casa, a dupla jornada de trabalho ainda é realidade para 9% das mulheres (dupla jornada essa que chega a ser relatada como “a pior coisa de ser mulher” por alguns indivíduos).¹⁸¹ A forma autoritária como a mulher é tratada na sociedade deve ser entendida em relação a tais esquemas de dominação social que caracterizam o patriarcado tradicional brasileiro.¹⁸²

A necessidade que ainda hoje temos de definir um padrão “correto” de comportamento sexual e reprimir qualquer um que não o siga encoraja a violência física e psicológica a continuar acontecendo, de modo velado na sociedade. Dessa forma oprimimos e retiramos do indivíduo um direito unicamente seu: o de se relacionar (seja de forma afetiva, sexual ou qualquer outra) com quem deseja, deixando de lado estigmas e ideais pré-concebidos pela sociedade.

Para discussão:

1. Emma chama muito a atenção de Adèle quando elas se vêem pela primeira vez na rua. Depois dessa situação, Adèle tem um sonho erótico com ela, o que parece a deixar transtornada. O que poderia ter causado tal reação nela: a surpresa de se encontrar fantasiando com outra mulher; o receio do que aquele sonho poderia significar para si mesma; o medo de que outros descobrissem?
2. Um terço dos pais e um quarto dos alunos não gostaria de ter (ou não gostaria que o filho tivesse) um colega homossexual.¹⁸³ Qual poderia ser a motivação para essa desaprovação? Ou, ainda, qual é o temor nessa situação?

180 GODINHO, Tatau; VENTURI, Gustavo (org.). Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. *Perseu Abramo*, Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22393/11910>. Acesso em agosto de 2014.

181 GODINHO, Tatau; VENTURI, Gustavo (org.). Mulheres brasileiras e...

182 D'AVILA NETO, Maria Inacia. *O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994.

183 BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://www.inclusive.org.br/?p=18368>. Acesso em junho de 2014.

3. Ainda referente aos dados apresentados na segunda questão, percebemos que há uma diminuição na proporção de desaprovação entre as gerações, de cerca de 33% com os pais cai para cerca de 25% com os filhos. Qual poderia ser a causa dessa diminuição?

Sugestões de leitura:

CONNELL, R. W. Masculinidade Hegemônica: Repensando o Conceito. *Revista Estudos Feministas*. v. 21. n. 1. Florianópolis. Janeiro/Abril 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>.

GIDDENS, Anthony. Gênero e Sexualidade. In: *Sociologia*. Porto Alegre: Penso, 2012.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, Apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Azul é a cor mais quente*

Título original: *La vie d'Adèle*

País de origem: França

Gênero: drama/romance

Classificação: 18 anos

Tempo de duração: 185 minutos

Ano: 2013

Direção: Abdellatif Kechiche

E por que não ser a mulher maravilha? A luta de Guta Silveira e demais elucubrações sobre a transexualidade no Brasil

Marianna Rodrigues Vitório¹⁸⁴

O curta *Fabricação própria – a desordem do desejo*¹⁸⁵ narra, de forma breve, a história de Guta Silveira. Guta foi a primeira transexual a submeter-se legalmente à cirurgia de transgenitalização¹⁸⁶ no País. Esse tipo de cirurgia ocorre desde meados da década de 1970 no mundo, a partir dos descobrimentos técnicos de Edgerton.¹⁸⁷ No Brasil, há o marco de Roberto Farina em 1975.¹⁸⁸

Apenas em 1997, contudo, através da Resolução 1482/1997¹⁸⁹, o Conselho Federal de Medicina se posicionou favoravelmente à questão e autorizou, experimentalmente, as operações em hospitais universitários. Nesse contexto se insere Guta, que passou pelo procedimento em 1998. Hoje, após Resolução 1652/2002¹⁹⁰, tornou-se possível realizar cirurgias de neocolpovulvoplastia¹⁹¹ em hospitais públicos e privados, com algumas ressalvas, enquanto que a cirurgia de neofaloplastia¹⁹² permanece em caráter experimental.¹⁹³ Conforme a Resolução 1652/2002, do Conselho Federal de Medicina, resolve-se:

Art. 1º Autorizar a cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia e/ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento de casos de transexualismo. Art. 2º Autorizar, ainda a título experimental, a realização da cirurgia do tipo neofaloplastia e/ou procedimentos complemen-

184 Bacharelanda em Psicologia (UFCSPA) e Direito (FMP). Militante da diversidade sexual e de gênero. Integrante do G8-Generalizando, grupo de direitos sexuais e de gênero do SAJU/UFRGS.

185 Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=fabricacao_propria_a_desordem_do_desejo. Acesso em junho de 2014.

186 Transgenitalização é um processo cirúrgico de transformação do pênis de forma a assemelhar-se a uma vagina.

187 Em 1970, M. T. Edgerton, com J. Bull, publicou “Surgical construction of the vagina and labia in male transsexuals”.

188 Roberto Farina, cirurgião plástico, expôs uma tese no XV Congresso Brasileiro de Urologia em 1975, e mostrou um filme de sua cirurgia de *reversão sexual* realizada em 1971, tendo ainda comunicado que já havia executado esta em nove pacientes. Fonte: Revista da Faculdade de Direito de São Paulo. v. 75. São Paulo: Typ da Companhia Industrial, 1980.

189 Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm. Acesso em junho de 2014.

190 Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652_2002.htm. Acesso em junho de 2014.

191 Significa, simplificadamente, a construção cirúrgica de uma vagina.

192 De modo simplificado, é a construção cirúrgica de um pênis.

193 Pode ser realizada apenas em hospitais universitários aptos à pesquisa.

tares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamentos dos casos de transexualismo.

O sufixo “ismo”, utilizado no texto da Resolução, denuncia o caráter estritamente patológico ainda atestado à transexualidade, que tende a ser incorporado no discurso da sociedade em geral. A cirurgia de transgenitalização, por exemplo, é encarada como uma *mudança* de sexo, e não uma adequação. O relato de Guta contrapõe essa idéia. Ela enfatiza que sempre foi mulher, nasceu assim. Passar pelo procedimento foi uma adequação – e não uma modificação – ao sentimento interno, que sempre transcendeu aquilo que lhe fora imposto ao nascer. Ao longo de sua vida, freqüentou espaços pré-determinados como femininos e evitou os masculinos, pois não se sentia bem nestes. Mesmo assim, sempre foi forçada a passar pelo constrangimento de ter de enquadrar-se em um universo a que não pertencia, qual seja, o masculino. Por ter nascido com um pênis, compulsoriamente, teve de assumir uma série de papéis já estruturados. Ainda na infância, ela narra um episódio em que girava ao redor de si, divertindo-se, para se transformar na sua personagem favorita. Uma tia se aproximou e questionou aquele comportamento, censurando-a. Guta gostaria de ter respondido que estava se transformando na Mulher Maravilha, mas hesitou e respondeu estar imitando o Homem Parafuso, para satisfazer um desejo que não era o seu, afinal, sua família não aceitava o fato de ela deixar transparecer *trejeitos femininos*. Em uma sociedade conservadora, de princípios excludentes, as situações vivenciadas por Guta não são restritas a ela, mas se estendem a toda a comunidade transexual e travesti¹⁹⁴, e são pauta constante de luta desses movimentos sociais¹⁹⁵,

194 São inúmeros os debates que distinguem transexual de travesti no Brasil. A distinção mais comum é a que associa transexualidade à realização de cirurgia, sendo travesti quem não realizou a cirurgia. No entanto, sabe-se que muitas mulheres transexuais assim se consideram mesmo não tendo feito a cirurgia, sendo então essa definição insuficiente. Outro argumento comum é o que demarca essa distinção enquanto uma diferença de classe, tendo a transexualidade um maior *status* social e a travestilidade sendo mais marginalizada. Aqui, neste texto, não se definirá o que é ser cada uma destas identidades, por compreender-se que se trata de uma questão singular, mas apenas se demarcará a travestilidade enquanto identidade política brasileira que, assim como a transexualidade, necessita de reconhecimento.

195 Em Porto Alegre, destaca-se o projeto *Direito à Identidade: Viva Seu Nome!*, iniciado em janeiro de 2013 a partir de uma parceria entre as instituições Igualdade-RS, G8-Generalizando do SAJU/UFRGS e NUPSEX – Núcleo de Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UFRGS. O projeto consistiu no ajuizamento de diversas ações de retificação de registro civil para transexuais e travestis, fortalecendo também a luta contra a patologização da transexualidade como transtorno mental. A ONG Igualdade-RS é uma importante associação de travestis e transexuais do Brasil, criada em 1999, e com forte atuação entre os movimentos sociais LGBTs. Leia mais sobre o projeto em: <http://www.revistaforum.com>.

cada vez mais fortalecidos no Brasil.

Na busca pelo reconhecimento das identidades transexuais e travestis, os movimentos sociais tendem a esbarrar na incompreensão e no pré-julgamento de quem está distante da temática, que, em geral, sequer distinguem transexual de homossexual, por exemplo. A homossexualidade não pressupõe uma expressão de gênero distinta daquela que é imposta a pessoa ao nascer, ao contrário da transexualidade e da travestilidade – em outras palavras, ser homem e gostar de outro homem, ou ser *bicha*, não significa ser mulher, ao mesmo tempo em que ser mulher e gostar de mulher não significa ser homem. Por outro lado, muitas transexuais e travestis são pejorativamente chamadas de *bichas*, como se não fosse possível uma transexual ou travesti ter um relacionamento heterossexual. Essa confusão entre orientação sexual e identidade de gênero impede que se compreenda a existência de transexuais homossexuais, transexuais bissexuais, transexuais heterossexuais, ou qualquer outra possibilidade que, de fato, existem. Superar essas barreiras do reconhecimento é um passo urgente para o avanço das políticas de gênero, principalmente para abarcar as pautas distintas que surgem de cada um desses movimentos.

Na sociedade ocidental, majoritariamente, a importância dos corpos enquanto identificadores sociais é inegável. A transexualidade e a travestilidade, apesar de terem conceitos distintos, assemelham-se na medida em que são expressões contrárias à ordem tradicional. Isto é, há uma idealização de que um corpo deve estar alinhado a uma determinada forma de ser, sendo os órgãos genitais os principais demarcadores, e ser transexual ou travesti é encarado como uma afronta a essa idealização. A naturalização dos corpos se torna uma crença equivocada de que aquilo que se representa para a sociedade é parte de um instinto interno e que não há uma construção individual ao longo da vida. Dessa idéia naturalística, emergiu o gênero enquanto essência preexistente, passando o corpo a ser mera expressão deste. No entanto, o desenvolvimento das teorias de Simone de Beauvoir¹⁹⁶, Michel Foucault¹⁹⁷, dentre outras, permitiu a percepção do gênero como uma construção histórica mediada culturalmente, sendo a feminilidade e a masculinidade ditames sociais, e não partes centrais internas ao indivíduo. Sobre os corpos que escapam, Guacira Lopes Louro escreveu:

br/blog/2013/01/direito-a-identidade-viva-seu-nome/ e <http://g8generalizando.blogspot.com.br/2013/01/direito-identidade-viva-seu-nome.html>. Acesso em agosto de 2014.

196 Em 1949, Simone de Beauvoir publicou *Le Deuxième Sexe* (O Segundo Sexo), consagrando a frase “não se nasce mulher: torna-se”.

197 Em 1976, Michel Foucault publicou a “História da Sexualidade – a vontade de saber”, primeira parte de seu estudo que tem ainda mais duas partes, “O uso dos prazeres” e “O cuidado de si”, publicadas em 1984.

Como um “projeto”, o corpo é construído. A marcação que sobre ele se executa é cotidiana; supõe investimento, intervenção. Processos que se fazem ao longo da existência de cada sujeito, de forma continuada e permanente. Processos que são articulados aos inúmeros discursos que circulam numa sociedade e que podem ser compreendidos como pedagogias voltadas à produção dos corpos. (...) Os sujeitos são alvo de pedagogias distintas, discordantes, por vezes contraditórias. Tudo isso torna cada vez mais problemática a pretensão de tomar os corpos como estáveis e definidos. Tudo isso torna cada vez mais impossível a pretensão de tomá-los como naturais.¹⁹⁸

O processo de transformação motivado pela transexualidade pode ser compreendido, então, como fruto de uma cultura em que corpos e identidades se associam diretamente. Ainda conforme Guacira Lopes Louro (2003), seguindo as idéias de Butler¹⁹⁹, é a aparência dos corpos que, usualmente, determina as posições dos sujeitos no interior de uma cultura, sendo estes classificados e ordenados pelas marcas atribuídas a esses sujeitos. Foucault (1976)²⁰⁰, em seu estudo histórico sobre a sexualidade, percebe-a como sendo fortemente influenciada pelo Estado, o qual assumiria um papel de normatização e idealização da sexualidade, diferenciando indivíduos socialmente. Os corpos, a partir disso, receberiam papéis e teriam delimitada uma forma de viver, não sendo considerado o sentimento de inerência ou não dos corpos a esses papéis e gerências de vida.

Uma das distinções fundamentais da filosofia moderna, a separação entre mente e corpo feita por Descartes, passou a dar forma à hipótese de que há uma essência interna ou verdade de gênero da qual o corpo é uma expressão. Contrariamente a esse modelo dualista, [...], aprendemos que não há uma essência interna de gênero (mente/espírito) ao estilo cartesiano que o corpo expressa, mas apenas uma série de atos performativos que significam e ressignificam o gênero.²⁰¹

A experiência transexual, mesmo permitindo rebater em absoluto o gênero pensado de forma cartesiana, também fomenta a reflexão deste

198 LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. *Estudos feministas*. v. 4. Brasília/Montreal/Paris: Labrys, 2003.

199 Judith Butler é referência nos estudos pós-gênero, tendo desenvolvido estudos de Teoria *Queer*, sendo esta de grande contribuição para a inclusão da transexualidade nos estudos feministas.

200 FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

201 CHANTER, Tina. *Gênero: conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

sob algo inefável. Desconstruímos as expressões individuais do caráter essencialmente naturalístico, mas não podemos afastá-las por completo do mundo intersubjetivo. Hoje, no Brasil, não há sequer uma legislação específica de gênero²⁰². Há o Projeto de Lei João Nery²⁰³, que está em trâmite desde 2013, porém sem o sucesso da aprovação devido a inúmeros entraves criados por bancadas fundamentalistas e conservadoras. Os últimos (poucos) avanços nesse sentido remetem diretamente à população homossexual. Transexuais e travestis ainda necessitam fazer valer as lacunas da lei para alcançar seus direitos fundamentais. Sendo o processo de transformação um tabu social, o caminho se torna mais difícil. A etapa de recuperação da cirurgia de transgenitalização, por exemplo, é muito dolorosa. Dor essa para que transexuais são devidamente preparadas durante anos para enfrentar – afinal, para que se realize esta legalmente, ainda é necessário que se frequente programas de preparação. Mesmo assim, conforme pode ser observado no documentário de Guta, o desafio de transformação é aceito, o que deve fazer emergir a questão sobre que tipo de vida a sociedade está dispondo a essa comunidade para que um processo de extrema dor seja satisfatório em seu resultado.

Como se não bastasse, a cirurgia de transgenitalização é um meio ainda insuficiente de inclusão de parcela da população transexual em seus contextos sociais. As barreiras impostas à comunidade transexual e travesti vão do registro civil ao acesso à educação e à saúde. Muitos direitos básicos são constantemente negados ou com acesso dificultado pela simples condição de *ser* transexual ou *ser* travesti. Isso faz com que a liberdade pela qual luta a comunidade transexual e travesti brasileira vá além de uma liberdade individual: seja uma liberdade coletiva, que não busca apenas a transformação de si, mas de toda uma sociedade que hoje marginaliza essa parcela da população.

Guta Silveira pode ser vista como um símbolo de resistência na sociedade. Como ela, muitas outras mulheres transexuais, travestis, bem como homens transexuais, passam por situações bastante semelhantes de negação de direitos fundamentais e violações extremas de direitos humanos. O número de assassinatos de pessoas trans é elevado no Brasil.²⁰⁴

202 Como exemplo de legislação específica de gênero, tem-se a Lei 26.743 da Argentina, que reconhece a retificação de registro civil como um direito de transexuais e travestis. Leia o texto completo em: <http://www.infoleg.gov.ar/infolegInternet/anexos/195000-199999/197860/norma.htm>. Acesso em agosto de 2014.

203 Projeto de Lei semelhante à lei criada na Argentina. Leia o texto na íntegra em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1059446&filename=PL+5002/2013. Acesso em agosto de 2014.

204 O Grupo Gay da Bahia divulgou relatório com dados expressivos sobre o assassinato de pessoas trans no Brasil em 2013. Embora expressivos, esses dados tendem a ser menor do

Além disso, muitas vezes, essas violações e os discursos de ódio levam ao suicídio. A ordem hegemônica de organização da sociedade não possibilita a inserção dos corpos que escapam. Pelo contrário, dificulta imensamente, opta pela exclusão.

Em *Fabricação própria – a desordem do desejo*, pode-se observar a trajetória brilhante de uma mulher que, embora provocada a ser Parafuso, jamais desistiu de ser Maravilha. E que, por fim, também deixa margens para refletir: estaria a transexualidade exigindo a fabricação de uma identidade desordenada? Ou seria a transexualidade a (des)fabricação de uma sociedade ordenada?

Para discussão:

1. De que modo o acesso a direitos fundamentais básicos, como educação e saúde, é negado ou dificultado para transexuais e travestis? Dê exemplos.
2. Dos fatos narrados por Guta, cite aquele que mais te marcou e explique por quê.
3. Hoje, no Brasil, a troca de nome no registro civil para transexuais e travestis só é possível mediante processo judicial, sendo ainda exigido um instrumento técnico (laudo psiquiátrico ou parecer psicológico, por exemplo). Na Argentina, já é possível alterar o registro civil diretamente no cartório. Tendo assistido o curta *Fabricação própria – a desordem do desejo*, e sabendo que já há jurisprudência que reconheça esse direito, debata sobre os motivos que levam o Projeto de Lei João Nery (que prevê alteração de registro civil diretamente em cartório) a ainda não ter sido aprovado no Brasil.

Sugestões de leitura:

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Editora DP&A, 2006.

LENTZ, Luisa Helena Stern. Direito à identidade: viva seu nome. A retificação do registro civil como meio de conquista de cidadania para travestis e transexuais. *Fazendo Gênero*. 10, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386689582_ARQUIVO_LuisaHelenaSternLentz.pdf.

LUCON, NETO. Advogada Luisa Stern revela rotina pós-redesignação sexual aos 46 anos. *NLucon*. Maio de 2013. Disponível em: <http://www.nlucon.com/2013/05/advogada-luisa-stern-revela-rotina-pos.html>.

SALI, Sarah. *Judith Butler e a teoria queer*. Editora Autêntica, 2013.

que a realidade devido à dificuldade de mapeamento das violações contra LGBTs. Os dados estão acessíveis em: <http://www.ggb.org.br/Assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20Brasil%20relatorio%20geral%20completo.html>. Acesso em agosto de 2014.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Fabricação própria – a desordem do desejo*

País de origem: Brasil

Gênero: documentário

Classificação: 18 anos

Tempo de duração: 13 minutos

Ano: 2007

Diretora: Carol Thomé

Gênero, poder e saúde em *Perder a razão*

Fernanda Schommer Stein²⁰⁵

Perder a razão é um premiado filme dirigido por Joachim Lafosse²⁰⁶. O filme conta a história do jovem casal Murielle e Mounir, ela belga e ele, adotado pelo médico belga André Pinget, de origem marroquina. O casal oficializa sua união e, sem recursos financeiros para morar sozinho, aceita o convite de Pinget para residir em seu apartamento. Aos 27 e 26 anos, respectivamente, Murielle e Mounir são pais de quatro crianças. Diferentes aspectos são abordados na obra, dentre os quais se destacam questões de gênero, relação entre paciente e profissional de saúde, e saúde mental.

Conforme refere Pitanguy, na sociedade “existe uma distância entre o que é percebido como violência e o que é qualificado como crime. E também entre o que é qualificado como crime e o que é punido”²⁰⁷. Considerando os espaços referidos pela autora e o fato de que eles sofrem modificações de acordo com o contexto histórico e os movimentos político-sociais, percebe-se que a violência de gênero está vinculada à participação feminina nos diferentes âmbitos da sociedade (no social, no político e no cultural). Pitanguy ainda apresenta gênero como um conceito:

que se refere aos papéis sociais e expectativas de comportamento atribuídos a homens e mulheres em determinada sociedade. Trata-se de uma categoria relacional que, apesar de apoiada nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, aponta para a produção social de identidades masculinas e femininas que incorporam valores culturais e desigualdades de poder e prestígio atribuídas a cada sexo.²⁰⁸

205 Bacharelada em Enfermagem (UFCSA).

206 *Perder a razão* foi inspirado numa história real, que ocorreu na Bélgica em 2007, conforme conta Lafosse em entrevista. O caso belga é de uma mulher que, sofrendo de depressão e sentindo-se socialmente isolada, assassinou, degolando com um faca, seus cinco filhos com idades entre 3 e 14 anos e tentou cometer suicídio. Em dezembro de 2008, Geneviève Lhermitte foi julgada como responsável pelos seus atos e considerada culpada por assassinato premeditado, sendo condenada à prisão perpétua. Seu marido, o marroquino Bouchaib Mokadem, estava viajando no dia do crime. Entrevista disponível em: http://www.leopardofilmes.com/pdf/os_nossos_filhos_dossier_imprensa.pdf. Notícias do caso belga estão disponíveis em <http://port.pravda.ru/news/sociedade/incidentes/01-03-2007/15785-crime-o/> e <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u105072.shtml>. Notícia sobre a prisão está disponível em: <http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/de9d3063f3479ff1c75e99.html>. Acesso em agosto de 2014.

207 PITANGUY, Jaqueline. Gênero, violência e saúde. In: SOUZA, Alicia Navarro de; PITANGUY, Jaqueline (orgs). *Saúde, corpo e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 146.

208 PITANGUY, Jaqueline. Gênero, violência e saúde..., p. 148.

De forma complementar ao conceito de gênero referido por Pitanguy, Rabelo e Araújo²⁰⁹ afirmam que o gênero pode ser caracterizado como “uma construção social, que envolve uma dimensão relacional, e é um campo onde o poder se articula”. No filme *Perder a razão*, Murielle é a única mulher adulta presente na residência, sendo a encarregada de cuidar dos quatro filhos, do marido, do sogro e da casa, além de lecionar em uma escola.

Os conflitos relacionados às questões de gênero abordadas no decorrer da obra se estabelecem à medida que as opiniões do marido e do sogro se sobrepõem às de Murielle, de forma a anular a presença feminina na família. As opiniões e as atitudes compartilhadas pelos homens exercem tal efeito sobre a personagem que o espectador percebe as mudanças quanto à sua saúde mental – cada vez mais quieta, apática, afastada de suas atividades escolares e totalmente dedicada à família e aos afazeres da casa, Murielle é questionada pelo sogro sobre os motivos de sua suposta ingratidão, chegando a ser intimidada verbalmente. Ocorre, inclusive, um episódio de agressão física quando ela, durante uma discussão, tenta argumentar, e o marido lhe bate no rosto. Outro episódio de violência ocorre quando ela é forçada pelo marido a ter uma relação sexual com ele.

Pitanguy também elucida o fato de os conceitos de masculino e feminino estarem ligados a determinadas práticas e costumes, os quais interferem nos serviços de segurança e saúde. Ambas as situações de violência praticadas pelo marido de Murielle representam as crenças de dominação do ser masculino sobre o feminino, especialmente pela cena do tapa representar uma forma de agressão física com o propósito de silenciar a companheira, impondo ele sua opinião quando da discussão, e, no caso da violência sexual, demonstrar a submissão da esposa, ferindo sua autonomia e seus direitos humanos.

A autonomia da personagem é violada, uma vez que ela não possui liberdade de se expressar, tampouco de tentar conquistar o que almeja, sendo constantemente oprimida pelo marido e pelo sogro. Ademais, a sua saúde mental, que já apresentava certo comprometimento, torna-se ainda mais prejudicada após as agressões verbais e físicas. Se, no início do filme, Murielle era uma jovem sorridente e realizada como professora, no decorrer da obra passa por episódios de irritabilidade e intolerância até apresentar-se apática, sem energia.

209 RABELO, Ionara Vieira Moura; ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência de gênero na perspectiva da saúde mental. *Revista de Psicologia da Unesp*. 7(1), 2008. *apud* SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 20 (2), 1995. Disponível em <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/114/92>. Acesso em dezembro de 2013.

Outro aspecto rapidamente abordado no filme é a questão do aborto: ciente de sua quarta gravidez, da condição em que vivia e de seu estado emocional, Murielle questiona o marido sobre a possibilidade de não terem a criança e, em resposta, é questionada se pensara que ele não concordaria com a gravidez, e pergunta se ela está louca. Nesse ponto se evidencia a dificuldade da personagem feminina em decidir sobre o que realmente deseja – não que Murielle não desejasse o futuro filho, mas, dada sua situação de oprimida e os problemas emocionais que tem, questiona se a melhor opção seria não ter a criança. Sem discutir sobre o assunto, Mounir determina que a gestação ocorra. Novamente a autonomia da Murielle não é respeitada, pois, apesar de não se mostrar certa do desejo de abortar, não é ofertada à Murielle a oportunidade de deliberar sobre a situação, analisar os prós e contras de forma autônoma e livre de influências e, por fim, decidir qual ação julga melhor para si.

Como médico clínico geral, é o Dr. Pinget quem cuida da saúde de Murielle, inclusive aconselhando-a durante cada gravidez. Ao realizar o teste de gravidez e descobrir que gestava o quarto filho, a personagem deixa evidente um estado de apatia, de depressão²¹⁰, e Pinget a encaminha a uma colega psiquiatra, a Dra. de Clerck. Ao final da primeira consulta, a médica solicita que Murielle continue com o acompanhamento e lhe fornece atestado médico para ser dispensada da escola, onde era professora.

Ao ter ciência disso, Pinget pede sigilo a Murielle sobre o fato de ele não somente ser seu médico, mas também seu sogro e de residirem juntos. No Brasil, não há uma norma legal ou ética que impeça médicos de atenderem seus próprios familiares, conforme a resolução do Conselho Federal de Medicina nº 1931/2009²¹¹. Contudo, um possível fator que pode afetar o atendimento de um familiar ou de alguém próximo emerge a partir do momento em que há maior envolvimento no binômio paciente

210 Canale e Furlan (2006) referem que “o termo depressão é utilizado para designar um transtorno de humor, uma síndrome em que a principal queixa de alterações exibidas pelo paciente é o humor depressivo e às vezes irritável durante a maior parte do dia. Há uma lentificação das funções psíquicas e da motricidade do indivíduo, além do prejuízo na capacidade de atenção e concentração.” Além disso, relatam que pode haver, por exemplo, “pensamentos constantes de cunho negativo, sentimento de culpa e sensação de inutilidade, diminuição do prazer e do ânimo para atividades cotidianas e de lazer”. Principalmente essa última característica pode ser visualizada pelo espectador no decorrer da obra, tornando evidente que Murielle tem sua saúde mental agravada. CANALE, Alaíse; FURLAN, Maria Montserrat Diaz Pedrosa. Depressão. *Arquivos do Mudi*. 10(2), 2006, p. 23-31. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/download/19991/10844>. Acesso em junho de 2014.

211 BRASIL. Resolução do CFM nº 1931/2009. Aprovação do Código de Ética Médica. Publicado no D.O.U. de 24 de setembro de 2009. Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2009/1931_2009.htm. Acesso em março de 2014.

-profissional. Murielle sofria constantes opressões em sua família, então é possível questionar sobre a idoneidade do Dr. Pinget ao atendê-la, sobre a conduta que ele tinha referente à paciente e sobre o poder que ele exerce em relação a ela e, portanto, sobre a ocorrência de violações ao princípio da autonomia²¹².

Ao ter conhecimento do vínculo existente entre Murielle e o Dr. Pinget, a psiquiatra esclarece à paciente que não poderia mais trabalhar com o médico. O motivo de tal decisão não é explicado pela médica, mas é possível pensar que, pelo fato do Dr. Pinget ter encaminhado Murielle à Dra. de Clerck, os médicos discutam informações sobre o caso da paciente, gerando uma quebra de confidencialidade que poderia acarretar em prejuízos para Murielle. Contudo, as consultas com Murielle continuariam, se ela assim desejasse. Temerosa de que o sogro descobrisse que ela havia revelado sua relação familiar e de sofrer repressão, Murielle não mais comparece às consultas e pára de tomar os medicamentos, acarretando agravo em sua saúde mental.

Inicialmente, a atitude do médico estaria conforme o princípio da beneficência, pois, reconhecendo a limitação de suas competências, ele a encaminha a uma especialista, o que pode ser interpretado como uma tentativa de prevenir o agravamento da saúde mental de Murielle, agindo com zelo em relação à sua paciente. Em contrapartida, não há uma manifestação de que ela deseja esse tratamento, o que pode ser considerado como uma violação da sua autonomia por haver imposição do médico. Com o pedido de segredo, a revelação à psiquiatra e, enfim, a decisão por interromper o tratamento por medo do Dr. Pinget, mais transtornos são causados, gerando angústia e ansiedade a ela, transgredindo o princípio da não-maleficência²¹³ ao sobrecarregar a já frágil saúde mental de Murielle, ao pressionar e manipular suas atitudes e emoções, prejudicando-a ao invés de lhe ofertar suporte.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a saúde mental tem seu conceito influenciado por aspectos culturais, mas, de forma geral, abrange “o bem-estar subjetivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial

212 O princípio da autonomia refere-se a estar apto a decidir sobre si, “preconiza que a liberdade de cada ser humano deve ser resguardada”. KOERICH, Magda Santos; MACHADO, Rosani Ramos; COSTA, Eliani. *Ética e bioética: para dar início à reflexão. Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v.14, n.1, mar. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14/n1/a14v14n1.pdf>. Acesso em dezembro de 2013.

213 O princípio da não-maleficência está relacionado a não pôr em risco, prejudicar ou causar danos aos pacientes. KOERICH, Magda Santos; MACHADO, Rosani Ramos; COSTA, Eliani. *Ética e bioética...*

intelectual e emocional da pessoa”²¹⁴. Ao dissertar sobre saúde e violência, Pitanguy apresenta uma tabela do Banco Interamericano de Desenvolvimento e da Organização Pan-Americana da Saúde (1994)²¹⁵ que mostra as conseqüências da violência de gênero sobre a saúde, sendo desordens de estresse pós-traumático, depressão e ansiedade os principais problemas para a saúde mental apresentados, podendo ter como resultados fatais homicídios ou suicídio.

As constantes cobranças, acusações e a opressão agravam o estado da saúde mental de Murielle a ponto de a personagem, tomada por pensamentos sombrios, ter uma atitude extrema: individualmente ela chama cada um de seus filhos para o quarto e os mata. A cena não é apresentada ao espectador, mas há, em uma ligação telefônica, a confissão de que ela assassinara as quatro crianças e de que desejava morrer, mas não havia conseguido se suicidar.

A partir dos princípios bioéticos, é possível inferir que o princípio da autonomia foi constantemente violado no decorrer da obra cinematográfica, sendo, no conjunto agressões físicas e tortura psicológica, o estopim para a atitude extrema que Murielle toma, encerrando a vida de seus quatro filhos. Apesar de a autonomia da personagem não ter sido respeitada, isso não justifica suas ações, ainda que seja uma demonstração do agravo de sua saúde mental.

No decorrer da história da humanidade, foram feitas diversas associações entre prejuízos da saúde mental feminina e sexualidade – havia referências ao ciclo fisiológico em que, com as alterações hormonais, as mulheres poderiam desenvolver quadros de histeria, depressão ou ansiedade (Pegoraro e Caldana, 2008, p.85)²¹⁶. Tais relações estão ultrapassadas

214 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório Mundial da Saúde. *Saúde Mental: nova concepção, nova esperança*. Lisboa, abril de 2002. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1217.pdf>. Acesso em fevereiro de 2014.

215 BID, ou Banco Interamericano de Desenvolvimento, que possui 48 países membros, dentre os quais se encontra o Brasil, é uma organização financeira internacional e atua a fim de “eliminar a pobreza e a desigualdade e promover o crescimento econômico sustentável”. BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO. Disponível em <http://www.iadb.org/pt/sobre-o-bid/o-que-fazemos,5997.html>. Acesso em junho de 2014. OPAS, ou Organização Pan-Americana da Saúde, é uma organização internacional de saúde pública que visa a aprimorar os serviços de saúde pública e suas políticas “por meio da transferência de tecnologia e da difusão do conhecimento acumulado por meio de experiências produzidas nos Países-Membros”. Dez nações compõem o quadro de países e representações, dentre os quais o Brasil está incluso. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Disponível em: http://www.paho.org/bra..//index.php?option=com_content&view=article&id=885&Itemid=672. Acesso em junho de 2014.

216 PEGORARO, Renata Fabiana; CALDANA, Regina Helena Lima. Mulheres, loucura e cuidado: a condição da mulher na provisão e demanda por cuidados em saúde mental. *Saúde Soc.* São Paulo, v. 17, n. 2, 2008, p. 82-94. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/>

do ponto de vista biomédico. Contudo, as relações de gênero são baseadas, ainda hoje, numa idéia de hierarquia entre homens e mulheres, sendo, comumente, a mulher a vítima e o homem o agressor (Pitanguy, 2006, p. 149)²¹⁷. O estudo de Rabelo e Araújo (2008) salienta que mulheres são mais vitimizadas pelas diferenças de gênero, em casos de violência doméstica, sexual e reprodutiva. Em virtude disso, faz-se necessária a formulação de políticas para proteção das mulheres e contra as diversas formas de violência, visando à garantia dos direitos humanos, assim como a promoção da saúde em todos os seus âmbitos.

Para discussão:

1. Considerando que, no filme, o Dr. Pinget acompanha constantemente Murielle, tanto como médico, quanto como parente, eleva-se o risco de princípios éticos serem transgredidos. Discuta, a partir da história, em quais situações tais transgressões ficaram mais evidentes e que conseqüências essas transgressões tiveram para a vida da Murielle e de sua família.
2. Em relação à cena de encaminhamento de Murielle à psiquiatra pelo dr. Pinget, comente sobre a autonomia dos pacientes quando recorrem a um serviço de saúde. Atualmente, há respeito pelas escolhas e decisões de saúde dos pacientes? Os profissionais sempre atuam conforme o princípio da autonomia, ponderando as opções e agindo conforme as decisões do paciente? Ou ainda é perceptível que há um controle sobre o corpo alheio e, portanto, os profissionais atuam de acordo com o seu embasamento teórico e vivência prática e sugerem o que parece ser melhor para os próprios profissionais da saúde? Os pacientes deveriam ter o direito não apenas de serem atendidos pelo SUS, mas de serem atendidos pelo profissional que desejam?
3. Ao se trabalhar saúde mental, diversas abordagens podem ser utilizadas, objetivando o cuidado integral à saúde da pessoa assistida. Quanto à atuação da Dra. de Clerck, de que outras formas ela poderia ter ajudado Murielle, de forma a evitar o trágico desfecho? Discuta como o atendimento multiprofissional pode beneficiar o paciente, uma vez que torna possível observá-lo em seu contexto biopsicossocial. Entenda atendimento multiprofissional como aquele prestado não apenas por uma categoria profissional, mas que engloba trabalhadores com diferentes formações. E contexto biopsicossocial como o cenário em que o indivíduo se desenvolve e atua na sociedade, englobando em seu conjunto questões biológicas,

sausoc/v17n2/09.pdf. Acesso em junho de 2014.

217 SOUZA, Alicia Navarro de; PITANGUY, Jaqueline (orgs). *Saúde, corpo e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

psicológicas e sociais que influenciam na sua saúde.

4. A violência de gênero que ocorre em ambiente conjugal foi por anos uma situação íntima do casal, não cabendo a qualquer outro indivíduo intervir. Não havia, por exemplo, a possibilidade de o marido ser considerado um estupro da própria esposa caso a relação sexual não fosse consensual, pois relações sexuais eram consideradas um dever que decorria do matrimônio. No presente, é dever do Estado combater a violência e, dos indivíduos denunciá-la às autoridades competentes. Considerando o vínculo que é formado entre paciente e profissional de saúde no atendimento e o conhecimento que o profissional passa a ter sobre a vida daqueles que atende, é possível afirmar que a Dra. de Clerck, como psiquiatra, transgrediu o princípio da não-maleficência ao não atender apropriadamente Murielle, não denunciando às autoridades e não recorrendo a recursos legais para protegê-la?

5. Não conseguindo lidar com as constantes pressões do ambiente familiar, numa atitude extrema, Murielle mata os quatro filhos. A partir disso, pode-se imaginar que há uma tentativa de vingar seu sofrimento ao condenar o marido e o sogro a viver sem as crianças? Também, é possível interpretar que, com a morte dos filhos, ela vise a evitar que aspectos culturais e atitudes da família causem às crianças o sofrimento que causaram a ela? Em contrapartida, ao decidir pelos filhos sobre o encerramento de suas vidas, ela fere a autonomia deles ao lhes privar desse direito? Discuta tais questões.

Sugestões de leitura:

FALCKE, Denise; OLIVEIRA, Denize Zagonel de; ROSA, Larissa Wolff da; BENTANCUR, Maria. Violência conjugal: um fenômeno internacional. *Contextos Clínicos*. 2(2), julho-dezembro 2009, p. 81-90. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/4916>.

RABELO, Ionara Vieira Moura; ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência de gênero na perspectiva da saúde mental. *Revista de Psicologia da UNESP*. 7(1), 2008. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/114/92>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Perder a razão*

Título original: *À perdre la raison*

País de origem: Bélgica/Luxemburgo/França/Suíça

Gênero: drama

Tempo de duração: 111 minutos

Ano: 2012

Direção: Joachim Lafosse

O mito da representação: dos desafios à igualdade de gênero em *Missrepresentation*

Elena de Oliveira Schuck²¹⁸

Maria Candida Backes Luger²¹⁹

O documentário estadunidense *Missrepresentation* traz no seu título um trocadilho referente à sub-representação das mulheres em posições de poder e influência. Se *Miss*, na língua inglesa é o pronome de tratamento das mulheres jovens, sua pronúncia junto ao termo “representação” sugere a falha na representação das mulheres. A produção mostra os percursos da mídia norte americana ao retratar mulheres e meninas de forma depreciativa, estabelecendo a beleza, a juventude e a sexualidade como valores essenciais de mensuração da sua capacidade.

A deturpação de valores propagada por meios de comunicação e a representação de imagens do “ideal” feminino e suas conseqüências são denunciadas no filme. Meninas e mulheres sentem-se insatisfeitas com sua aparência, desenvolvem transtornos alimentares a taxas assustadoras, mulheres são minoria nas posições de poder da grande mídia e nos cargos de representação política e seus salários, na média, ainda são menores. A supervalorização do que é belo e sexual é, portanto, identificada em *Missrepresentation* como causa da *subordinação social e política*²²⁰ das mulheres. Embora o documentário centre-se na análise da conjuntura de desigualdade de gênero norte-americana, muitas das questões levantadas têm aplicação mais abrangente, principalmente aquelas ligadas à perpetuação de um ideal de beleza feminino. Historicamente, a diferença sexual, considerada um feito natural, serviu para legitimar a exclusão das mulheres, primeiro da cidadania e depois da participação política ativa.²²¹ Pretende-se aqui problematizar algumas das informações apresentadas pelo documentário, focando no apelo midiático a padrões de beleza que trazem conseqüências negativas para a construção de um sujeito político feminista.²²²

218 Doutoranda e mestra em Ciência Política (UFRGS) e bacharela em Relações Internacionais (UFRGS).

219 Bacharela em Filosofia (UnB) e bacharelada em Jornalismo (IESB).

220 COBO, Rosa. Democracia Paritaria y Sujeto Político Feminista. *Anales de la Cátedra Francisco Suarez*, 2002.

221 SCOTT, Joan W. La querelle de las mujeres a finales del siglo XX. *New Left Review*, n° 3, 2000.

222 Cobo, na obra citada, sustenta que não é possível ampliar a democracia e a cidadania para as mulheres se estas não se constroem como atores sociais com capacidade social e de negociação política. A idéia de sujeito político feminista seria, portanto, o acesso das mulheres, enquanto grupo social, à democracia e à cidadania ampliadas e igualitárias.

A capacidade da mídia de levar a sério uma mulher é questionada logo no início do filme. Os ideais de beleza definidos em programas de televisão, filmes e comerciais são cada vez mais extremos e difíceis de serem atingidos. Na era digital, em qualquer computador, é possível transformar, por meio de manipulação de imagem, a beleza de uma mulher de carne e osso em uma imagem que apresenta um ideal de beleza raramente encontrado no mundo real. Imagens de mulheres uma vez reais, agora “aprimoradas” em *softwares* de manipulação de imagem, são multiplicadas em quantidade massiva pelos meios de comunicação, gerando a falsa idéia de que estes padrões estéticos são facilmente atingíveis por todas que procuram alcançá-los.

É possível estabelecer uma série de paralelos entre o filme e o livro “O mito da beleza”, publicado em 1991 pela feminista americana Naomi Wolf.²²³ A autora define o mito da beleza como uma reação ao feminismo e às conquistas realizadas pelas mulheres no último século, como uma arma política que emperra conquistas femininas, e como um dos últimos recursos entre as antigas místicas que serviram para o controle social das mulheres. Entre estas místicas, podemos citar os ideais da domesticidade, da castidade, da maternidade e da passividade femininas, todos dados em certos períodos históricos como características inerentes às mulheres, como ideais a serem buscados por elas. Estas ideologias foram questionadas enquanto fatos da natureza pelas diferentes mobilizações feministas, e as mulheres conseguiram se libertar da necessidade de se configurar de acordo com elas. Mas persistiria, ainda, a mística da beleza feminina, que teria ocupado o espaço vago pelas outras ideologias vencidas. De acordo com o mito, a beleza é algo objetivo e universal, que as mulheres devem necessariamente querer possuir e que os homens devem buscar nas mulheres.

Para Wolf, desde a Revolução Industrial, a beleza das mulheres fora configurada ao redor de idéias relacionadas ao dinheiro. No mercado matrimonial, a beleza de uma mulher era sua fortuna, e as mulheres aprenderam a pensar a própria aparência como um bem que participava do sistema econômico, como moeda de troca. Com as conquistas dos movimentos de mulheres, a libertação de uma série de místicas sobre a natureza feminina, a abertura de novas possibilidades de percursos para as mulheres, sua inserção no mercado de trabalho, o mito da beleza se desenvolve, tornando-se tanto mais forte quanto mais as mulheres conquistam espaços na sociedade.

223 WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

Para cada ação feminista, segundo a autora, há uma reação contrária equivalente do mito da beleza. Este não é melhor explicado pela real descrença na capacidade das mulheres, mas surge como forma de conter seu potencial desestabilizador da estrutura de poder. O número de mulheres que passaram a poder ingressar no mercado de trabalho é gigantesco, com potencial para modificar a organização do poder, e ameaçar o lugar daqueles que há muito ocupavam seu topo. A discriminação pela beleza funcionaria, assim, como uma forma de conter a potência feminina de modificar a estrutura do poder. Ela exige das mulheres que dividam sua energia e gastem boa parte de seu tempo tentando atingir ideais estéticos. Quanto mais as mulheres passaram a ocupar posições de poder, mais importância a beleza feminina foi adquirindo, e menor liberdade elas passaram a ter nas obrigações concernentes à sua aparência. No centro da ideologia do mito da beleza, estariam as revistas para mulheres.

Ao fornecer uma linguagem onírica da meritocracia (“tenha o corpo que merece”; “não se tem um corpo maravilhoso sem esforço”), do espírito empreendedor (“tire o melhor partido dos seus atributos naturais”), da absoluta responsabilidade pessoal pela forma do corpo e pelo envelhecimento (“você *pode* moldar totalmente seu corpo”; “suas rugas estão agora sob seu controle”) e até mesmo confissões francas (“afinal você também pode conhecer o segredo que as mulheres belas guardam há anos”), essas revistas mantêm as mulheres consumindo os produtos dos seus anunciantes na busca da total transformação pessoal em *status* que a sociedade de consumo oferece aos homens sob a forma de dinheiro.²²⁴

Para Wolf, na raiz desta crença de que é possível a todas as mulheres atingirem padrões estéticos ideais por meio de esforço e consumo, está uma adaptação do Sonho Americano liberal que diz estar o sucesso igualmente à mão de todos, sem distinções. Este pensamento mascara as reais desigualdades e diferenças que existem entre grupos, ao omiti-las e tratar todos como possuindo igualdade de circunstâncias. Desta forma, protege o *status quo*, sendo em última análise a vítima culpabilizada, ao se considerar que os menos favorecidos em uma sociedade são fundamentalmente os responsáveis por alcançar ou não o sucesso prometido a todos.

Em *Missrepresentation* são igualmente estabelecidas algumas relações entre os padrões de beleza vigentes e o poder e o lucro de anunciantes. O filme defende que a criação de ansiedade e insatisfação, aliada à crença de que é possível a qualquer um “fazer-se belo” e atingir o ideal é altamente lucrativa para os anunciantes que sustentam boa parte dos canais midiáticos.

224 WOLF, Naomi. *O mito da beleza...*, p.37.

A propagação da insatisfação com a própria imagem também atinge em cheio meninas e adolescentes ainda em fase de desenvolvimento. Segundo a argumentação do documentário, essas, além de sofrerem com transtornos alimentares, são ensinadas a se verem como objetos, como seres cujo único valor depende da aparência. Esse aprendizado tem conseqüências duras para o empoderamento feminino, pois transmite a idéia de que mulheres existem para serem belas, não tendo capacidade para exercer qualquer outra função do que a auto-objetificação. Isso, conforme reiterado por alguns especialistas entrevistados do filme, certamente não estimula jovens mulheres a buscarem posições de liderança política.

Se as mulheres precisam ser vistas em posições de poder, se os papéis femininos no cinema devem explorar as diversas possibilidades de ser, não é este o exemplo dado em Hollywood. A maior indústria cinematográfica mundial ainda insiste em reproduzir papéis de gênero estereotipados, em que às mulheres são conferidos papéis muito restritos, os quais quase sempre giram em torno de encontrar um homem ou de engravidar. Em contraposição aos papéis atuais, é importante lembrar que no cinema dos anos 1920 a 1940, os papéis conferidos às mulheres eram mais complexos e variados, sendo que as personagens femininas podiam ser ao mesmo tempo mãe, *femme fatale*, trabalhadora, etc.²²⁵ O documentário expõe que hoje grande parte das atrizes de filmes e seriados americanos têm entre 20 e 30 anos, o que distorce a realidade, pois na vida real a população feminina não é composta majoritariamente por mulheres dessa idade. Atrizes entrevistadas queixam-se que para mulheres, o período de atuação se restringe a seus quarenta anos de idade. Após atingirem essa faixa etária, dificilmente conseguem permanecer no mercado cinematográfico.

Com uma grande ênfase na denúncia da objetificação da mulher pela mídia, *Missrepresentation* não deixa de evidenciar a relação direta com a priorização do espectador masculino. Nesse sentido, as âncoras de jornais televisivos também são objetificadas e sexualizadas. Conforme mostrado no filme, as colunas de fofocas sempre as mantêm em foco, com matérias sobre seus companheiros, sobre sua aparência, sobre o que vestem ou o que fazem. Seguindo a lógica cultural sexista de que mulheres são competidoras naturais entre si, freqüentemente jornalistas mulheres são atizadas umas contra as outras por estas colunas.

A mensagem da grande mídia estadunidense termina por ser, portanto, a de que mulheres devem ser prioritariamente julgadas pela sua

225 A título de exemplo, pode-se citar *A vênus loira*, uma produção cinematográfica de 1932, realizada por Josef von Sternberg, ou *Núpcias de escândalo*, uma comédia de 1940 dirigida por George Cukor.

aparência. A seriedade do tema cresce, na medida em que se sabe que a mídia tem por função informar as pessoas, e acaba também formatando opiniões políticas, a mente e as emoções. O que fazer quando este poderoso meio de informação colabora com a opressão das mulheres, estimulando uma cruel desigualdade e relegando-as a meros objetos?

É comum encontrar casos na grande mídia do país em que mulheres em cargos de liderança são tratadas de forma igualmente depreciativa, com comentários jornalísticos girando mais em torno de sua apresentação pessoal do que de suas competências profissionais, sejam essas mulheres políticas, jornalistas ou atrizes. Sua aparência é quase sempre analisada: a última cirurgia plástica que fizeram ou deixaram de fazer, o modelito que vestem, o corte de cabelo ou a maquiagem que usam.

Ao considerar a cobertura feita em geral pela mídia sobre a competência de mulheres em cargos políticos, percebe-se que o tema de sua aparência quase sempre vem à tona, e que ambas as características surgem fortemente vinculadas, sendo interpretadas de forma conjunta. É comum que a análise da aparência surja como tema mesmo quando o foco do programa ou reportagem é sua avaliação profissional, e as características estéticas de uma governante são frequentemente utilizadas para representar suas ações políticas.

Além da aparência, as mulheres da política normalmente são avaliadas pelo grau de “desvio” de um padrão hipotético de mulher. Isto é, mulheres políticas normalmente recebem críticas por estarem desviando de um padrão estético ou moral de feminilidade, por não serem suficientemente femininas ou por serem vulgares, ou por serem eleitas por outros fatores que não a sua competência. Tal prática acaba por atacar ou desmerecer seu trabalho. A este respeito, Naomi Wolf²²⁶ fala sobre a dificuldade enfrentada pela mulher de ser vista no universo de trabalho de forma independente de sua aparência. Ao mesmo tempo, as mulheres deparam-se com a impossibilidade de encontrar uma apresentação perfeita, já que há nos dois extremos, o da beldade ou o da mulher considerada pouco atraente, uma associação que deprecia sua competência. Isto é visível na cobertura midiática sobre mulheres que ocupam cargos públicos. *Missrepresentation* aborda o tópico da distribuição das mulheres entre os estereótipos da “bruxa”, “megera”, “masculinizada”, de um lado, e o da “linda porém provavelmente burra”, de outro – ou ao menos, o daquela cuja beleza é considerada sempre um indício para a dúvida em relação à sua competência ou capacidade intelectual.

Ao longo do documentário, quando diversos episódios do mundo político norte-americano são mostrados, a tendência à desvalorização das

226 WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza...*

capacidades de candidatas mulheres fica evidente. Em um dos episódios lembrados, mostra-se uma antiga candidata ao cargo de vice-presidente que foi anunciada pela mídia como a primeira candidata “tamanho P” à vice-presidência. O exemplo esclarecedor de como a mídia trata as líderes políticas mulheres pode ser visto através das campanhas políticas de Hillary Clinton e Sarah Palin. A democrata Hillary Clinton tem ambição, e isto não é bem visto. É mostrada a cena de um comício onde alguns homens, indignados com a posição da senadora, começam a gritar “passe minha camisa!”. Também são mostradas cenas em que comentaristas a chamam de cadela e questionam suas credenciais enquanto política, alegando que só conseguiu chegar a seu posto pelas “estripulias” de seu marido, o ex-presidente Bill Clinton.

Já Sarah Palin, a senadora que investiu na hiperfeminilidade, também não ficou imune. Sua imagem tornou-se “pornotizada”, durante seus discursos suas pernas eram fotografadas, e comentaristas chegaram a falar que suas imagens eram um “bom material para masturbação”. Em ambas as situações, as políticas receberam um tratamento que jamais foi dado a seus colegas homens. Assim, se repete o problema mencionado por Wolf²²⁷. Se não considerada feminina, a mulher é comumente retratada como “uma bruxa”, “feia”, “megera” - adjetivos que também são associados à figura da esposa e à velhice. Uma mulher de aparência considerada menos feminina é possivelmente uma “mal resolvida”, uma “mal amada”. Em uma cena do filme, um comentarista americano diz, comparando Obama a Hillary, que quando o primeiro fala, os homens ouvem uma discussão sobre o futuro, quando a candidata fala, ouvem uma voz de mulher mal humorada gritando para que tirem o lixo. Outro comentarista compara os olhares que a candidata mandava para seu opositor aos que uma mulher lança a seu marido em uma audiência de divórcio. A naturalidade com que estas comparações surgem, em que uma candidata ao cargo mais importante do país é associada à imagem e aos papéis de esposa, pelo simples fato de ser mulher, demonstra algumas das dificuldades enfrentadas ainda atualmente por mulheres que buscam competir de forma igualitária com homens por cargos públicos. Podemos pensar que a falta de estranhamento com que se faz coincidir papéis tão distintos como o de presidente e o de esposa, ou características tão dissociadas quanto competência profissional e aparência física, demonstra uma presente naturalização de tratamento desigual para os gêneros, visto que isto não ocorre de forma semelhante com o gênero masculino.

A partir do julgamento de sua aparência, uma mulher tem não apenas sua individualidade avaliada, mas também seu trabalho, sua ação públi-

227 WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza...*

ca no mundo. Naomi Wolf reforça o tópico ao lembrar da caricatura da feminista como uma mulher feia, que já teria surgido no século XIX em ataques às feministas. Atualmente, a caricatura foi redescoberta e é amplamente utilizada. “A caricatura recuperada, que procurava penalizar as mulheres pelos seus atos públicos, prejudicando seu sentido de individualidade, tornou-se o paradigma de novos limites impostos às mulheres por toda parte”²²⁸. Uma mulher que pretende questionar alguma ordem ou tradição das coisas, algum aspecto do *status quo*, freqüentemente tem de estar preparada para ter sua aparência e sua individualidade questionadas e até atacadas, ainda que estas não tenham nenhuma relação com o assunto discutido. Isto acaba desestimulando ações de oposição e abala a ação política de mulheres em esferas públicas, enfraquecida pelo medo de ver seu próprio ser polemizado, jogado para o centro do debate.

As contribuições de Naomi Wolf e de *Missrepresentation* reforçam a idéia de que uma obsessiva ênfase na aparência das mulheres as desqualifica. Os valores atribuídos à capacidade de manter-se jovem, bela e sexualmente desejável suprimem a valoração de quaisquer outros feitos femininos, dentre eles a liderança política. Uma das razões pelas quais a participação e representação política das mulheres são ainda baixas é justamente esta. A grande mídia, embora nem sempre de forma explícita, transmite esta mensagem a todos, que reduz o sujeito político da mulher, e a desrespeita enquanto ser igualmente capaz. O poder surge como termo definido pelos homens, o que tem implicações sérias na maneira como as mulheres relacionam-se com a cidadania e a democracia²²⁹. Possivelmente isto está vinculado a outro dado informado no documentário: dos altos cargos da mídia americana, considerando-se os setores de telecomunicações, entretenimento e publicidade, apenas 3% é ocupado por mulheres. Os outros 97% estão nas mãos de homens.

A política é, ainda, vista como um mundo de homens e essa mensagem repercute para todos. A consequência disso é exposta no filme: sem mulheres no parlamento americano para criar e defender políticas públicas que tenham foco em seus interesses, quem irá atrás destes? Quem lutará por eles? A democracia pressupõe a cidadania igualitária, ou seja, que todos tenham o direito de participar de forma igual nos processos políticos. Quando se questiona a participação política e a cidadania das mulheres, chega-se num ponto crítico de todo este debate, pois é aí que as concepções democráticas liberais²³⁰ começam a ser questionadas.

228 WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza...*, p. 23.

229 COBO, Rosa. *Democracia paritaria y...* PINTO, Celi. Feminismo, História e Poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010. SCOTT, Joan W. *La querelle de...*

230 FRASER, Nancy. *Fortunes of feminism. from state-managed capitalism to neoliberal crisis*. Brooklyn: Verso 2013.

A desvalorização da voz política de mais de 50% dos cidadãos de um país repercute²³¹. De acordo com outro dado do documentário, até os sete anos o mesmo percentual de crianças americanas (30%) de ambos os gêneros tem como profissão dos sonhos ser presidente dos EUA. A proporção torna-se totalmente desigual na adolescência, fase em que as meninas sentem a forte pressão de corresponder ao ideal de aparência feminina bombardeado pela mídia, e se tornam minoria perto de seus colegas do gênero masculino na busca pela profissão política.

Missrepresentation aborda a falta de preocupação da mídia com o bem-estar, a liberdade e os direitos das mulheres nos Estados Unidos. Padrões de beleza gerados pela computação gráfica e mensagens referentes ao valor de meninas e mulheres geram impactos negativos na auto-estima de diversas gerações de mulheres, constituindo assim uma barreira ainda grande para a igualdade de gênero. Em se tratando do poder midiático deste país, sabidamente hegemônico no que diz respeito à mídia global, o impacto negativo das tendências aqui denunciadas amplia-se de uma forma quase imensurável. Entretanto, das denúncias e reflexões sobre o tema, surgem soluções. Em termos de controle da mídia, sugere-se a responsabilização dos canais televisivos e empresas anunciantes pelo conteúdo mostrado nos meios de comunicação. A valorização das capacidades de mulheres surge na escola, com uma educação voltada para a igualdade e que sirva como contraponto aos estereótipos de gênero tão comuns na mídia. Ao insistir na maneira como o incentivo à beleza desvaloriza a mulher enquanto sujeito político, a produção deixa aos espectadores e espectadoras mensagens importantes. Ao refletir sobre representações, os olhares críticos e questionadores da mídia fazem-se essenciais. Soluções, todavia, devem se sobrepor às críticas, a fim de que a representação da mulher, sua participação política enquanto sujeito empoderado, de fato, ocorra.

Para discussão:

1. O documentário *Missrepresentation* mostra a influência negativa da mídia norte americana na inserção social das mulheres enquanto sujeitos políticos. Tais influências repercutem em diversas esferas da sociedade, tais como a do mercado de trabalho, a da participação política e a da esfera das relações pessoais. Tendo em vista o contexto sócio-político brasileiro, quais semelhanças e diferenças podem ser identificadas a partir da crítica feita no filme?
2. A indústria cinematográfica contemporânea dos EUA recebe críticas por reproduzir visões estereotipadas sobre as mulheres em comparação

231 COBO, Rosa. *Democracia paritaria y...*

ao cinema dos anos 1920 a 1940, quando eram exploradas as diversas possibilidades de ser mulher. Em que medida esta visão estereotipada repercute na baixa ocupação de posições de poder por parte das mulheres?

3. Os constantes assédios e comentários midiáticos descontextualizados feitos às candidatas políticas nos EUA parecem influenciar na baixa participação política feminina. Podemos dizer que há um quadro semelhante no Brasil? Na sua opinião, a mídia brasileira desencoraja a participação política das mulheres?

Sugestões de leitura:

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe. *Caleidoscópio convexo. Mulheres, Política e Mídia*. São Paulo: UNESP, 2011.

CARDOSO, Elisabeth. A imprensa feminista brasileira pós-1974. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 12(N.E.): 264, setembro-dezembro/2004.

VARELA, Nuria. *Feminismo para principiantes*. Ediciones B.: Barcelona, 2005.

Sobre o filme

Título no Brasil: *Missrepresentation*

Título original: *Missrepresentation*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: documentário

Tempo de duração: 85 minutos

Classificação: 16 anos

Ano: 2011

Direção: Jennifer Siebel Newsom e Kimberlee Acquaro

Gênero e patriarcado em *Tomboy*

Julia Landgraf Piccolo Ferneda²³²

Tomboy toca naquilo que nos confronta e questiona: gênero e sexualidade andam de mãos dadas. O passo para a desconstrução do que talvez nos seja pré-concebido, porém, é certo: protagonizado por uma criança, assistimos ao filme com a urgência de repensar conceitos que talvez para nós não estivessem em questão.

É sutil a cena inicial do filme, em que observamos uma criança, de cabelo curto e roupas neutras no colo de seu pai, dirigindo. A evolução do enredo se dá quando ela, nova na vizinhança, busca conhecer seus vizinhos e se enturmar: se apresenta como Mikael, joga futebol e participa de outras brincadeiras. Apenas quando Mikael, que recebeu de seus pais ao nascer o nome Laure, sai da banheira e observamos um sexo biológico²³³ feminino, é que nós, espectadores, começamos a colocar em dúvida algumas concepções pessoais e sociais sobre a necessidade de binarização de gênero²³⁴ e associação de comportamentos com o gênero pré-concebido²³⁵ (o que já é de certa forma naturalizado, pois tendemos a esperar comportamentos específicos de um gênero determinado), com o questionamento básico sobre a suposta “aplicabilidade absoluta” do modelo no qual nos inserimos.

232 Bacharelada em Psicologia (UFCSPA).

233 É utilizado “sexo biológico” para que a idéia de gênero não seja diretamente associada. Considera-se o gênero não inerente ao corpo do indivíduo e sim uma construção subjetiva e social do indivíduo. (SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. vol. 20, nº 2, jul/dez 1995, p. 71-99.) Com “sexo biológico” refiro-me à forma física do indivíduo, isto é, possuir um pênis ou uma vagina.

234 Binarismo de gênero é a concepção de que existiriam apenas dois gêneros, o masculino e o feminino, e que todas as pessoas se enquadrariam em uma dessas categorias. (BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.)

235 A atribuição de determinadas condutas ou papéis sociais é exclusivamente uma construção social, tendo em vista que em diferentes sociedades, tais papéis podem também divergir. (NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, Apr. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em junho de 2014.)

Construção de gênero em *Tomboy*²³⁶

Para falar em construção de gênero, utilizo a ótica do interacionismo simbólico²³⁷, na qual é levada em consideração a socialização do indivíduo e a apropriação que ele faz do que é interiorizado. Mikael se adapta ao mundo em que se insere, compreendendo os valores e modelos sociais inerentes a este mundo, além da forma como as relações interpessoais se dão. A partir da compreensão do funcionamento do que está externo a si mesmo, ocorre uma recriação do que é aprendido socialmente, o que leva à construção de uma identidade pessoal. Isso age diretamente sobre a forma como a identidade de gênero se forma e transforma.

Assim, os processos de socialização através dos quais as crianças modelam as suas identidades de gênero são importantes, mas com um olhar a partir de dentro, ou seja, a partir das modalidades de interação patenteadas nos gestos, na linguagem, no desempenho e negociação de papéis, no tratamento diferenciado em função do gênero, no tipo de coordenação, e possível conflitualidade, entre os vários contextos e agentes de socialização.²³⁸

É importante que possamos observar a forma como socialmente atribuímos, em decorrência do sexo biológico da criança, determinadas expectativas a alguém daquele sexo. Assim, descartamos qualquer outra possibilidade que não a do binarismo de gênero, que divide os seres humanos em feminino e masculino desconsiderando que outras percepções e identificações também existem. Especialmente ao se falar de crianças, nota-se que nós as separamos nesses dois grupos e delas esperamos comportamentos que atribuímos a cada um deles, sem perceber que talvez entre as próprias crianças não exista essa identificação com um grupo de gênero, e que a expectativa que a elas atribuímos também influencia fortemente em sua socialização. Kanter (1972) e Hall (1987) enfatizam como esta teoria é importante no estudo da vida social, pois dá poder ao indivíduo, que utiliza seu raciocínio para compreender e adaptar-se às circunstâncias, de acordo com a percepção individual que possuem da situação.²³⁹

236 “Tomboy” é um termo traduzido, em português, como “Maria-João”. Seria utilizado para designar mulheres com comportamento tipicamente masculino.

237 BLUMER, Herbert. *O homem e sociedade: uma essencial introdução à ciência social*. Nova Iorque: Prentice-Hall, 1937.

238 MIRANDA, Patrícia. A construção social das identidades de gênero nas crianças: um estudo intensivo em Viseu. *VI Congresso Português de Sociologia*, 2008. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4556361>. Acesso em maio de 2014.

239 CARVALHO, Virgínia Donizete de, BORGES, Lívia de Oliveira, RÊGO, Denise Pereira do. *Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social. Psicologia, Ciência e Profissão*. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/>

Para tornar mais claro, observemos dessa forma: Mikael observa comportamentos de indivíduos do sexo masculino e os imita, como por exemplo quando tira a camiseta em um jogo de futebol e cospe no chão. Conscientemente, suas ações estão sendo modeladas para que se tornem congruentes com a forma como se apresenta. A criança se diz Mikael e isso não é questionado, especialmente porque a forma como age está consonante com o que é dela esperado. A cena inicial do filme, na qual a criança dirige o carro com o pai, não destoava de forma alguma de nossas expectativas. O que ocorre é que diretamente atribuímos tais características a um menino. Se na mesma cena Mikael estivesse de vestido e cabelos longos, talvez houvesse uma dissonância, em que tentaríamos compreender o porquê de uma menina ter o interesse reconhecido como masculino – apesar de a mulher há muito ter o direito de dirigir, se perpetuam preconceitos como “mulher não sabe dirigir”, e a indústria automobilística segue direcionada aos homens. Isso decorre da nossa própria socialização, em que internalizamos comportamentos e atitudes, dividindo-os binariamente entre feminino e masculino.

O filme nos apresenta a todo momento a questão do gênero, mas ao mesmo tempo o faz de forma muito sutil. Há um conflito interno frente a situações que não seriam esperadas de uma menina, o que nos leva a alguns questionamentos: por que atribuímos tal ação a um determinado gênero? É tão necessário assim que tenhamos uma classificação binária de gênero? Tentando compreender como é que tais valores sociais são tão facilmente por nós introjetados, é necessário que busquemos entender a influência do patriarcado nessa construção social.

Introdução de valores sociais e patriarcado em *Tomboy*

Com nossa própria socialização, passamos a enxergar o mundo de acordo com espécies de filtros adquiridos a partir de nossas próprias vivências e observações. Essa atribuição binária de gênero, em que tudo é necessariamente masculino ou feminino, faz parte de um dos pilares básicos de sustentação do patriarcado.²⁴⁰ A sociedade patriarcal se baseia no controle do homem sobre a mulher, que é sua subordinada; consiste primordialmente em uma hierarquia, um sistema de opressão feminina.²⁴¹ Para que tal sistema se mantenha – o que é de interesse dos beneficiados,

pdf/pcp/v30n1/v30n1a11.pdf. Acesso em maio de 2014.

240 A sociedade nem sempre foi patriarcal, já tendo passado por diversas outras formas de organização que inclusive também perpetuavam o binarismo de gênero. Nesse artigo, a ênfase fica no patriarcado por ser o modelo em que vivemos. Para mais informações sobre outros modelos sociais. Leia-se: ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Centauro, 2002.

241 SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria...

mesmo que indiretamente – tais categorias de gênero são essenciais: é preciso ter claro quem oprime e quem é oprimido.²⁴² O “homem” e a “mulher” são socializados dessa forma e continuam a reproduzir os estereótipos de gênero que a eles cabem. É um sistema de poder que também exclui “homens” não hegemônicos²⁴³, isto é, afeminados, com identificação de gênero feminino, sem identificação de gênero binário ou identificados de tantas outras formas não categorizáveis.

Em *Tomboy*, podemos observar com clareza como esses papéis são mantidos, mesmo quando em local de inversão. Jeanne, irmã de Mikael, conta para as outras crianças (que a conhecem como Mikael) que é bom ter um irmão mais velho, pois ele pode protegê-la. Retrata o irmão como protetor e forte, invejado pelos homens e desejado pelas mulheres. Essa é a construção que uma criança de cinco anos faz sobre Mikael. Já aí podemos ver a força com que tais construções sociais nos são apresentadas desde cedo. No momento em que, para Jeanne, Laure passa a ser Mikael, recebe de Jeanne tais atribuições típicas e idealizadas de homem, pois o gênero com o qual está se identificando para a sociedade assim o permite. Mais tarde, Mikael irá brigar com um menino que teria importunado Jeanne: os dois travam luta corporal no chão. Esse ato é visto como positivo tanto pela irmã, quanto por Mikael. Nesse ponto, podem-se fazer diversas reflexões: seria o bater algo tão adequado e positivo devido ao fato de Mikael “se consolidar” como menino ao demonstrar uma atitude masculina? Será que, apresentada como Laure, esse comportamento deixaria de ocorrer por ser dissonante do que é esperado? Partindo de uma perspectiva não binária da situação, isso se relaciona exclusivamente com a identificação de gênero demonstrada por Mikael? Observamos a masculinidade hegemônica como fator de força nesse ponto: bater não é apenas legal e aceito quando se é homem – é esperado para que seu papel masculino seja mantido; a criança só é aceita como “masculina” quando perpetua tais comportamentos.

As repercussões da descoberta familiar de Laure como Mikael

O sofrimento na criança só surgirá quando todos descobrem que Mikael é, originalmente, Laure. Sua mãe obriga que coloque um vestido, coisa que não costumava usar, que peça desculpas ao menino em quem

242 BUTLER, Judith. *Problemas de gênero...*

243 Homens hegemônicos seriam aqueles que reproduzem comportamentos e atitudes esperadas de “machos” – sem demonstrar fraqueza psicológica e mantendo a idéia de hierarquia. Não são necessariamente a maioria, mas é normativa por ser a forma mais honrada de ser um homem, legitimando ideologicamente a subordinação da mulher ao homem. (GIDDENS, Anthony. “Gênero e Sexualidade”. *Sociologia*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.)

bateu, que se apresente às crianças do bairro como menina, como Laure. A mãe diz que não está fazendo isso para lhe dar uma lição, pois ela não se importa que a criança se vista como menino, mas sim porque é necessário que demande isso da filha, e enfatiza o fato de as aulas começarem em duas semanas.

Qual é o motivo e a validade desse “dever” da mãe? Podemos entender que vê como um problema a criança se apresentar na escola como Mikael, pois poderá ser oprimida e sofrer ainda mais com isso. Colocar um vestido mudará a forma de agir de Laure? A criança passará a se enxergar de outra forma? Esse vestido imposto é, na verdade, apenas um escudo atrás do qual a mãe pode se proteger, afirmando que sua filha é, afinal, uma menina, e que está tudo em ordem. O pai consola, mas não protege o filho, permitindo que a mãe imponha a Mikael o comportamento que esperavam de Laure. A humilhação que Mikael sofre com as decisões da mãe não poderia ser de maneira alguma benéfica, pois tendo a obrigação de se apresentar como Laure a criança não vai se sentir mais “ajustada” – apenas perde a liberdade de expressar o seu eu, o que nada causa além de sofrimento. No momento em que Mikael não tem abertura para mostrar como se vê e deseja ser, estamos dando mais força ao que nos é imposto pelo patriarcado e pela divisão binária de gênero. O sofrimento está na imposição patriarcal da dualidade homem/mulher como norma. A violência está na forma como todos somos soldados de uma doutrina, continuamente estereotipando e dando continuidade ao estigma.

Por tratar do assunto da forma que faz, o filme tem muitos méritos. É importante, contudo, que, como espectadores, possamos compreender que colocar um vestido não transforma Mikael em Laure – nada o faz. Podemos entender as cenas finais como uma crítica do diretor à maneira como tratamos crianças transexuais: tentamos normatizá-las afim de acabar com o que a sociedade e a família muitas vezes entendem como um problema. As imposições da mãe para com a criança, de usar um vestido e se denominar Laure, não são de maneira alguma “soluções”, e sim violências contra a individualidade e expressão pessoal. Se buscamos soluções, que se busque a aceitação de que uma pessoa é um espectro muito mais complexo do que um nome, uma peça do vestuário ou sua biologia; lutar contra isso é um retrocesso de um direito que deveria ser básico, de se ser quem é ou se deseja ser.

Judith Butler diz que “o gênero é uma totalidade permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada”²⁴⁴, e afirma que uma visão diferente traria identidades de gênero alternativas abandonadas; múltiplas convergências e divergências ocu-

244 BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero...*, p. 37

pariam um mesmo espaço, sem que a normatividade e definições pré-concebidas atuantes no patriarcado mantenham seu vigor. Essa visão representada pela autora está a um passo da libertação do estigma e do sofrimento causado pela imposição de diversos valores que de forma alguma contemplam a todos, mas continuam a excluir e a segregar aqueles que acabam por não ter sua voz ouvida.

Para discussão:

1. Imagine que você começou a assistir ao filme sem saber do que se trata. Ao descobrir que, biologicamente, Mikael é uma menina, que tipo de reação isso causaria em você? Na sua opinião, devemos buscar desconstruir a visão de binarismo de gênero?
2. Jeanne, a irmã pequena da personagem principal, aceita facilmente não contar para os pais que Laure se apresenta como Mikael, desde que possa brincar com os novos amigos do irmão. Mais tarde, em momentos de sofrimento, ela será a pessoa a dar apoio ao irmão. Como isso poderia se relacionar ao fato de ela ser uma criança e de que forma essa inocência infantil pode ser algo positivo para a desconstrução do binarismo de gênero?
3. A partir do momento em que Jeanne passa a pensar em Mikael como seu irmão, no masculino, atribui a ele diversas características tidas como masculinas (protetor, invejado por meninos e desejado por meninas). Caso a criança se apresentasse como Laure, tais características seriam glorificadas e enfatizadas pela irmã? O que você pensa que seria diferente nessa situação?

Sugestões de leitura:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, Julho/Dezembro 1995, p. 71-99.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Tomboy*

Título Original: *Tomboy*

País de origem: França

Gênero: drama

Classificação: 10 anos

Tempo de duração: 82 minutos

Ano: 2011

Direção: Céline Sciamma

A pele que habito: questões de ética e de gênero

Lísia Maya Monteiro²⁴⁵

A Pele que habito (Pedro Almodóvar, 2011) conta a história de um renomado cirurgião plástico, que por motivações pessoais, utiliza um homem como cobaia²⁴⁶, sem seu consentimento, em uma série de cirurgias, algumas experimentais e outras não. O filme mostra várias versões do mesmo fato de modo não-cronológico. Vicente é seqüestrado e submetido a várias cirurgias experimentais pelas quais o Dr. Robert reconstrói a aparência de sua falecida mulher, Gal, que teve o corpo queimado num acidente.

Experiência com seres humanos

Dr. Robert cria em laboratório, o que sua mulher precisaria caso não tivesse cometido suicídio, uma pele capaz de resistir a queimaduras e à dor, misturando DNA humano com o DNA suíno. Em princípio, se fosse apenas uma experiência de laboratório e não tivesse sido testada em um humano de forma ilegal, não haveria tantos problemas. No entanto, da forma como foi feito, este tipo de experimento não poderia ser realizado, pois, não houve consentimento nem autorização do Vicente ou de autoridades competentes. Por exemplo, nenhum comitê de ética em pesquisa aprovou o projeto.

Independente do tipo de experiência, ela jamais poderá ser realizada sem que se siga a eticidade da pesquisa²⁴⁷, sem o consentimento do participante da pesquisa e sem que haja relevância fundamentada previamente em estudos científicos. No filme, apesar das motivações pessoais de Robert para desenvolvimento da “nova pele humana”, conforme ele salienta durante uma conferência médica, este experimento poderia trazer vários benefícios a pacientes que sofreram queimaduras graves. Contudo, apesar de ter uma justificativa médica, Robert não teve aprovação de um comitê de ética²⁴⁸, tampouco autorização de Vicente, sua cobaia, o

245 Bacharelanda em Fisioterapia (UFCSPA).

246 O termo técnico utilizado é “sujeito de pesquisa”. Neste artigo, contudo, dada a maneira como a personagem foi tratada, optei por me referir a ela como uma cobaia.

247 No Brasil, há vários dispositivos que regulamentam a ética em pesquisa com seres humanos. A mais importante é a Resolução n. 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466. Disponível em: www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em julho de 2014.

248 “VII. 2 - Os CEP são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.” BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466 de 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em julho de 2014.

qual, não teria como a consentir com qualquer procedimento já que não fazia idéia de que passaria por uma série de cirurgias que resultariam na mudança completa, não só de sua pele, como também, de sua identidade física. De acordo com a Resolução n. 466/2012, o participante de uma pesquisa deve ter garantido o respeito à sua dignidade e autonomia, tendo assegurada sua vontade sob forma de manifestação expressa, livre e esclarecida, de contribuir e permanecer ou não na pesquisa.

Vicente foi seqüestrado e mantido em cárcere privado²⁴⁹ até ser submetido à primeira cirurgia, uma neocolpovulvoplastia²⁵⁰, que foi realizada de forma clandestina. Os colegas convocados por Robert para auxiliá-lo nesta complexa cirurgia foram até sua casa, onde anteriormente já havia funcionado uma clínica médica, durante a noite, e, apesar de estranharem a situação, não levaram seus questionamentos adiante, nem se ativeram à verificação da autenticidade da documentação falsificada por Robert. Evidentemente, não cabe aos médicos verificar a autenticidade de documentos. Contudo, nesta situação específica, eles desconfiaram do que lhes estava sendo apresentado. E, por isso, dada a desconfiança, deveriam se certificar de que estava tudo, de fato, em ordem. Além disso, outro fato que chama a atenção nesta série de condutas duvidosas é que, quando os colegas de Robert chegaram para cirurgia, o paciente já estava anestesiado, mesmo não havendo médico anestesista. O que se observa na conduta do Dr. Robert e também na dos outros médicos na primeira cirurgia pela qual Vicente passa, é a violação dos princípios bioéticos²⁵¹ que todo profissional da saúde deve respeitar.

Vicente, mesmo sendo uma pessoa apta a tomar decisões, gozando de plena capacidade mental, sobretudo no que diz respeito ao seu corpo e à sua vida, em momento algum, tem sua vontade levada em consideração,

249 “Art. 148. Privar alguém de sua liberdade, mediante seqüestro ou cárcere privado.” BRASIL. Código Penal Brasileiro de 1964. Lei n. 2.848/1940. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em julho de 2014.

250 Neocolpovulvoplastia: cirurgia de redesignação da genitália do sexo masculino para o feminino. Para compreender melhor aspectos biológicos e psicológicos do procedimento, leia-se: SAMPAIO, Liliã L. P.; COELHO, Maria T. A. D. *Transsexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.16, n.42, p.637-49, jul./set. 2012 Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000300005&lang=pt. Acesso em julho de 2014.

251 “A Bioética pode ser compreendida como “o estudo sistemático de caráter multidisciplinar, da conduta humana na área das ciências da vida e da saúde, na medida em que esta conduta é examinada à luz dos valores e princípios morais”. A Bioética se sustenta em quatro princípios “ autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça”. KOERICH, Magda Santos; MACHADO, Rosani Ramos; COSTA, Eliani. *Ética e bioética: para dar início à reflexão. Texto contexto – enferm.* 2005, vol.14, n.1, p. 106-110. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n1/a14v14n1.pdf>. Acesso em julho de 2014.

visto que não é uma pessoa transexual²⁵² e, mesmo assim, foi submetido a uma cirurgia de redesignação sexual²⁵³, o que violou o princípio da autonomia. Além disso, Robert colocou seu desejo de vingança e de “reconstruir” sua esposa morta acima de qualquer coisa. Não estava preocupado com o bem-estar de Vicente, mas concentrado no sucesso de sua experiência, independente de sua cobaia. Médicos devem colocar o bem-estar dos seus pacientes acima de interesses pessoais.

Historicamente, podemos citar o regime nazista como momento de grande utilização de indivíduos confinados em campos de concentração como cobaias para qualquer tipo de experimento. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o Tribunal de Nuremberg²⁵⁴ julgou 23 pessoas pelos brutais experimentos realizados nos campos de concentração nazistas. Após o veredicto, foi também elaborado o documento conhecido como Código de Nuremberg²⁵⁵ um documento internacional, que contém cláusulas que regem as atividades científicas. Dentre os conteúdos dessa normatização estão o respeito à livre vontade do participante em fazer parte do experimento e a exigência de que a pesquisa seja experimentada em animais antes de ser realizada em humanos a fim de evitar sofrimento e minimizar riscos. Este foi um dos documentos utilizados para a composição da

252 “Transexual é um indivíduo que possui o sentimento irreversível de pertencer ao sexo contrário ao que foi genética e morfológicamente estabelecido, ou seja, que não se identifica com seus genitais biológicos e suas atribuições socioculturais”. GALLI, Rafael A.; VIEIRA, Elisabeth M.; GIAMI, Alain; SANTOS, Manoel A. *Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. Psicologia: Teoria e Pesquisa.* Out-Dez 2013, v. 29, n. 4, p. 447-457. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ptp/v29n4/v29n4a11.pdf. Acesso em julho de 2014.

253 Redesignação sexual: Cirurgia de mudança de sexo. GALLI, Rafael A.; VIEIRA, Elisabeth M.; GIAMI, Alain; SANTOS, Manoel A. *Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. Psicologia: Teoria e Pesquisa.* Out-Dez 2013, v. 29, n. 4, p. 447-457. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ptp/v29n4/v29n4a11.pdf. Acesso em julho de 2014.

254 “Em 1945, foi assinado um acordo entre o Governo dos Estados Unidos da América, o Governo Provisório da República Francesa, o Governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte e o Governo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas para a criação de um Tribunal Militar Internacional com o objetivo de julgar e punir justa e imediatamente os grandes criminosos de guerra. Foi, então, escolhida a cidade de Nuremberg, na Alemanha, para sediar os julgamentos dos criminosos do regime nazista.” Veja mais sobre o assunto em Autoria desconhecida. *History.* Disponível em: <http://www.history.com/topics/world-war-ii/nuremberg-trials>. Acesso em agosto de 2014.

255 “Criado em 1947, o Código de Nuremberg abriu caminho para a formulação de normas mais precisas para proteger a integridade dos sujeitos humanos na experimentação biomédica”. FERRER, Jorge J.; ÁLVARES, Juan C. *Para fundamentar a bioética: teorias e paradigmas teóricos na bioética contemporânea.* 1ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2005, 504 p.

atual regulamentação em pesquisa no Brasil, a Resolução n. 466/2012²⁵⁶, deixa explícito que o participante da pesquisa deva ser voluntário e, após o esclarecimento dos métodos, riscos e benefícios, sem que haja omissão alguma para induzir sua participação, autorize sua participação no experimento, mediante um documento legal, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O sujeito de pesquisa deve ser legalmente capaz de entender os procedimentos da pesquisa e capaz de dar seu consentimento. Deve ser respeitado o direito de livre escolha do pesquisado, ou seja, deve ter garantido o direito de sair do experimento independente do estágio em que se encontre.

Redesignação sexual

A cirurgia redesignação sexual²⁵⁷ surgiu como tentativa de “sanar” a controversa condição de pessoas que nascem fisicamente com um sexo que não é aquele com o qual se identificam, o que causa lhes grande sofrimento. Diferente do que ocorre no filme, pois o médico, motivado pela vingança do suposto estupro de sua filha, aliado ao fato de, assim, conseguir uma cobaia para o desenvolvimento de seus estudos sobre uma nova pele e para “reconstrução” da imagem de sua falecida mulher, impõe a Vicente não somente a alteração de sua pele, como também a mudança de sexo. Vemos, desta maneira, uma “transexualidade imposta”, pois, não há conflitos quanto ao modo como Vicente se sente e como, de fato, é seu corpo. Ele, que nasceu com corpo de homem e se reconhece psicológica e fisicamente como homem, teve seu corpo totalmente feminilizado e acaba por sentir o que é ser alguém em um corpo “errado”.

256 A resolução foi elaborada com base em diversos documentos dentre eles o código de Nuremberg de 1947. Os demais são: Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948; Declaração de Helsinque, de 1964 e suas versões de 1975, 1983, 1989, 1996 e 2000; Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, de 1966; Pacto Internacional sobre os Direitos Cívicos e Políticos, de 1966; Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos, de 1997; Declaração Internacional sobre os Dados Genéticos Humanos, de 2003; Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, de 2004; Constituição Federal da República Federativa do Brasil, de 1988; Resolução nº 196, de 1996. Todos os documentos citados podem facilmente ser encontrados em diferentes sites.

257 Cirurgias de mudança de sexo são feitas para adequação do corpo do paciente à sua identidade de gênero. Discute-se muito a respeito do melhor da expressão para descrever uma cirurgia de mudança de sexo. Outros termos utilizados são: readequação sexual, redesignação sexual. A dificuldade de escolha do tema deve-se à própria dificuldade de compreender e de descrever em que consiste tal cirurgia. Disponível em SAMPAIO, Lilianna L. P.; COELHO, Maria T. A. D. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.16, n.42, p.637-649, jul./set. 2012 Disponível: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000300005&lang=pt. Acesso em agosto de 2014.

Em alguns momentos do filme, fica claro o desespero dele ao se ver nessa situação. Em duas cenas diferentes, ele tenta o suicídio. Em uma delas, fere os seios, símbolo de feminilidade. O médico previu que pudesse tentar suicídio e planejou o ambiente no qual Vicente foi preso para que não houvesse forma de ele se machucar. O suicídio muitas vezes é uma alternativa de pessoas que se sentem como Vicente se sentiu ao ser “colocado” em um corpo que não é “o seu”²⁵⁸.

Alegoricamente o desenho que faz na parede de sua “cela” é bastante esclarecedor: um corpo de mulher e no lugar da cabeça, uma casa; ou seja, apesar de seu “novo corpo”, Vicente sempre será Vicente e não Vera, nome que lhe foi dado após ter seu corpo transformado no de uma mulher, pois, em sua mente, ele continua sendo o rapaz que foi antes de ser transformado contra sua vontade. Outro fato que fica claro é que Vicente quer fugir não só do local onde está preso, mas também da situação em que se encontra, pois ele faz uma contagem de tempo na parede de seu quarto para lembrar há quanto tempo está ali, mas também usa feramentas como a *yoga* e o ópio para alcançar o equilíbrio, para fugir, de certa forma, daquele lugar, mas principalmente para fugir daquele corpo que não faz parte dele.

Para discussão:

1. Imagine se você tivesse o corpo de alguém do sexo oposto ao seu. Que dificuldades você pensa que teria no dia-a-dia? Por exemplo, que banheiro público você usaria?
2. Como no caso de Vicente, nos últimos anos, têm sido noticiados diversos casos de pessoas que foram seqüestradas e que ficaram meses e, às vezes, até muitos anos mantidas em cárcere privado. Obviamente, contra suas vontades, estas pessoas obrigam-se a se “adaptar” a esta condição para que consigam sobreviver e, de certa forma, acabam se resignando a fazer parte do “mundo” imposto por seu seqüestrador. Uma vez que consigam sair desta situação, como você imagina que é para estas pessoas entrar em contato novamente com sua liberdade?

258 Ver sobre índices de suicídio de transexuais em HAAS, Ann P.; ELIASON, Mickey; MAYS, Vickie M.; MATHY, Robin M.; COCHRAN, Susan D.; D'AUGELLI, Anthony R.; SILVERMAN, Morton M.; FISHER, Prudence W.; HUGHES, Tonda; ROSARIO, Margaret; RUSSELL, Stephen T.; MALLEY, Effie; REED, Jerry; LITTS, David A.; HALLER, Ellen; SELL, Randall L.; REMAFEDI, Gary; BRADFORD, Judith; BEAUTRAIS, Annette L.; BROWN, Gregory K.; DIAMOND, Gary M.; FRIEDMAN, Mark S.; GAROFALO, Robert; TURNER, Mason S.; HOLLIBAUGH, Amber; CLAYTON, Paula J. “Suicide and Suicide Risk in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Populations: Review and Recommendations”. *Journal of Homosexuality*, 2011, v. 58, issue 1, p. 10-51. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3662085/?report=reader>. Acesso em agosto de 2014.

Sugestões de leitura:

FONTES, Gustavo R.; POZZETTI, Valmir C. *Bioética, transexualidade e o filme “A pele que habito”*: uma reflexão sobre seus aspectos sociais e éticos. Disponível em: www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=9f4768b4bd4a205e.

NERY, João W. *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo: Leya Brasil, 2011.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *A pele que habito*

Título original: *La piel que habito*

País de origem: Espanha

Gênero: suspense/drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 120 minutos

Ano: 2011

Direção: Pedro Almodóvar

Transamérica: o papel do profissional da Psicologia na equipe multidisciplinar de cirurgia de transgenitalização

Larissa O'nill de Avila Pereira²⁵⁹

O filme *Transamérica*, do diretor Duncan Tucker, aborda o tema da transexualidade²⁶⁰. A história apresenta duas questões que se relacionam no decorrer da trajetória dos personagens: a cirurgia de transgenitalização^{261, 262} e a descoberta da paternidade pela personagem principal. Stanley ou, como prefere ser chamada, Bree, foi diagnosticada com Disforia de Gênero.²⁶³ Embora Bree tenha a confirmação do diagnóstico, precisa da permissão da equipe de saúde para realizar esse procedimento médico.²⁶⁴

259 Bacharela em Psicologia (UFCSPA).

260 “O Parlamento Europeu aprovou em setembro de 2011 uma resolução pedindo que a OMS deixasse de considerar a transexualidade como uma doença. A OMS está revisando esta classificação. Como aconteceu com a homossexualidade que saiu dessa lista em 1990, agora é o momento de se deixar de estigmatizar os transexuais. Existe a petição que teve iniciativa da FELGTB (Federação Estatal de Lésbicas, Gays, Transexuais e Bissexuais) da Espanha.” OMS. *A transexualidade não é uma doença mental*. Disponível em: <http://transfeminismo.com/2013/02/27/organizacao-mundial-de-saude-oms-a-transexualidade-nao-e-uma-doenca-mental->. Acesso em janeiro de 2014.

261 “O Conselho Federal de Medicina, no ano de 1997, através da Resolução 1.482/97, autorizou a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e/ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários.” A neocolpovulvoplastia é a mudança da genitália masculina para feminina. Já a transformação da genitália masculina para a feminina se denomina neofaloplastia. In: VIEIRA, Tereza Rodrigues. Aspectos psicológicos, médicos e jurídicos do transexualismo. *Psicologia informação*, São Paulo, ano 4, n.4, p. 63-77, jan./dez. 2000.

262 “A Resolução no 1.955, de agosto de 2010, reformulou a de 2002, autorizando ambas as cirurgias – adequação do fenótipo masculino para feminino e do feminino para masculino – em qualquer hospital público ou privado, independentemente da atividade de pesquisa, desde que este disponha de uma equipe multidisciplinar responsável pelo tratamento integral. Apenas a cirurgia de neofaloplastia não foi incluída, permanecendo restrita a hospitais de pesquisa.” CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução CFM nº 1.955. *Diário Oficial da União*. Publicado em 3 de setembro de 2010. Brasília, p. 109-110.

263 “Na quinta edição do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-5), pessoas cujo gênero no nascimento é contrário ao que se identificam são diagnosticadas como Disforia de Gênero. Este diagnóstico é uma revisão dos critérios do DSM-IV para Transtorno de Identidade de Gênero. É importante notar que a não conformidade com o gênero não é o transtorno mental em si. O elemento crítico da Disforia de Gênero é a presença do sofrimento clinicamente significativo associado com a condição.” ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSICOLOGIA. *Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-5): Disforia de Gênero*. Disponível em: <http://www.dsm5.org/Documents/Gender%20Dysphoria%20Fact%20Sheet.pdf>. Acesso em janeiro de 2014.

264 “Considerado um atendimento de alta complexidade, a maioria dos serviços encontra-se em hospitais públicos universitários, localizados nas regiões Sul e Sudeste do país. De modo geral, a equipe é composta por cirurgião reconstrutor genital (urologista e/

Ao receber uma ligação do reformatório de Nova York, Bree fica ciente da paternidade de Toby, um jovem envolvido com drogas, fruto de uma relação antiga com uma colega de faculdade. Devido à morte da mãe do jovem, o parente mais próximo para retirá-lo do reformatório, identificado pela polícia, é Stanley.

Bree faz acompanhamento com uma psicóloga²⁶⁵ e tenta esconder dela a descoberta da paternidade, pois precisava de sua assinatura para a liberação da cirurgia. Contudo, ao contar a notícia, a psicóloga decide não assinar o documento. Como condição para ter sua assinatura, ela deveria resolver a situação da paternidade para deixar de viver como Stanley. Bree fica inconformada, pois a cirurgia já estava marcada, mas não tem opção. A intervenção da psicóloga, talvez, se justifique pela preocupação

ou ginecologista), psiquiatra, psicólogo, endocrinologista, cirurgião plástico, assistente social e enfermeiro, sendo que o número de profissionais envolvidos varia de acordo com cada instituição. Os profissionais de outras especialidades que participam desses serviços, como geneticista, cirurgião geral, anestesista, mastologista, otorrinolaringologista e fonoaudiólogo, normalmente atendem sob demanda. Além disso, alguns desses serviços têm convênio com uma assessoria jurídica para mudança do nome civil, que está condicionada, na maioria dos casos, à realização da cirurgia de transgenitalização. Em todos os serviços as intervenções médico-cirúrgicas atendem aos critérios estipulados pela Resolução Nº 1.652/2002 do CFM, que determinam o prazo mínimo de 2 anos de acompanhamento terapêutico como condição para a realização da cirurgia de transgenitalização, bem como a maioridade e o diagnóstico de transexualidade. Transcorridos os dois anos, caso o(a) usuário(a) seja considerado(a) transexual e tenha condições clínicas, pode ser encaminhado(a) para a realização do procedimento cirúrgico. Antes da realização da cirurgia aplica-se um Termo de Consentimento para que o paciente autorize os procedimentos que serão realizados.” ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela. *Relatório preliminar dos serviços que prestam assistência a transexuais na rede de Saúde Pública no Brasil*. Instituto de Medicina Social – UERJ. Disponível em: http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/direitos-lgbtt/Relatorio_Preliminar_set_20092.pdf. Acesso em maio de 2014.

265 Jaqueline Pinto, autora do livro *Vivência transexual, o corpo desvela seu drama*, relata que “o papel do psicólogo concentra-se na seleção dos pacientes à cirurgia e comprovação de seu estado transexual. Deverão ser submetidos à avaliação por uma equipe multidisciplinar, mesmo que apresente um laudo psicológico. As condições psíquicas são reavaliadas pelo psicólogo da equipe”. A terapia, de acordo com a autora, “deve ser direcionada para melhor aceitação de sua identidade sexual, preparo e conscientização do processo pré e pós-cirúrgico e a ressocialização nos parâmetros sociais, psíquicos, sexuais e profissionais”. O transexual, segundo a psicóloga “não deve ter nenhum transtorno mental ou comprometimento emocional, como uma depressão ou uma ansiedade importante. Não se deve fechar um diagnóstico de transexualidade, se a pessoa estiver movida por uma expectativa de que a cirurgia realizará todos os seus sonhos, garantirá a felicidade, acabará com o preconceito, discriminação e com o estigma social, pois um problema existencial tão intenso não se resolve milagrosamente, mas possibilita a adequação do sexo.” PINTO, Jaqueline Coelho. *Cirurgias definitivas exigem acompanhamento terapêutico*. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/141/frames/fr_conversando_psicologo.aspx. Acesso em janeiro de 2014.

com o aspecto social da vida de Bree, já que ela não se relacionava com a família e não tinha amigos. No entanto, é questionável o posicionamento mais diretivo da psicóloga, pois não cabe a ela a decisão de Bree conhecer seu filho e assumir a paternidade.

Conhecer Toby seria um grande desafio. Com a cirurgia já marcada, teria ela coragem de revelar ao jovem de 17 anos ser seu pai? Estaria preparada para assumir a paternidade ou para lhe oferecer apoio? Como mulher, ela assumiria a maternidade do filho? Apesar das dúvidas, vai ao reformatório e se identifica para o funcionário como pai de Toby. Porém, apresenta-se ao filho como missionária da Igreja do Pai em Potencial, o que é uma ironia, pois descreve a situação em que Bree se encontra, sendo Bree o pai em potencial de Toby.

Após a saída do reformatório, Bree pergunta ao jovem sobre sua família, pois ela se negava a assumir a paternidade e planejava transferir a responsabilidade para outra pessoa. Toby relata a Bree que tinha um padrasto que morava na sua cidade natal, mas que não se dava bem com ele. Seu objetivo, após sair do reformatório, era ir para Los Angeles.

Bree liga para a psicóloga e comenta que foi um engano ter ido ao reformatório, pois Toby tem um padrasto que poderia ser seu responsável. Do seu ponto de vista, a situação estava resolvida, por isso poderia voltar para Los Angeles. A psicóloga percebe e diz que ela está mentindo, e não muda sua posição em relação à condição para concordar com a cirurgia. Outro ponto a ser questionado é o contato apenas por telefone da psicóloga com Bree, pois a decisão de assumir a paternidade deveria ser mais discutida nas sessões de terapia. Ao término da ligação, ela diz a Toby que conversou com a sua superiora da igreja e, em seguida, oferece carona para ele.

Mesmo contrariando a vontade do filho, leva-o para sua cidade natal na tentativa de transferir a responsabilidade pelo jovem para o seu padrasto. Chegando lá, o reencontro com o padrasto evidencia a impossibilidade de convívio entre ambos, pois Toby era espancado e abusado sexualmente por ele. E seguem viajando juntos.

Transcorrido algum tempo, Toby descobre que a missionária da Igreja tem um pênis. Mesmo com o impacto inicial da descoberta, Toby continua viajando com Bree, e dirigem-se para casa onde moram os pais dela. Os pais a rejeitam e a irmã se espanta por não reconhecê-la. O intuito de Bree é que a família acolha Toby sem precisar revelar a paternidade. No entanto, durante a noite, Toby vai ao quarto de Bree para seduzi-la. Nesse momento, ela decide revelar ser seu pai. Toby fica transtornado com a revelação e foge da casa.

Apesar da fuga do filho, ela não volta atrás na decisão de realizar a cirurgia. Bree está decidida a realizar o procedimento, talvez, por ser um meio de sentir aceita aos olhos dos outros e, principalmente, de conquistar a sua própria aceitação. Como, por exemplo, em uma das cenas iniciais, na parada de ônibus, ela se abaixa na tentativa de parecer ter a mesma altura que os outros, para não chamar atenção para si pela sua aparência.

A cirurgia de transgenitalização significava para ela a concretização de um objetivo. E supunha que a partir desse procedimento sua vida tomaria outro rumo. Contudo, ao se encontrar com a psicóloga, em seu quarto no hospital após a cirurgia, cai em prantos por lembrar de seu filho. Durante a viagem, o convívio com ele fez com que surgisse um vínculo familiar, o único que lhe restava, o que resultou em um sentido à sua vida, que parecia reduzida à transformação do corpo com a mudança de sexo.

Passado um tempo, já recuperada da cirurgia, Bree tem uma feliz surpresa ao rever seu filho batendo na porta de sua casa. Ele diz não tê-la perdoado, mas passou ali para saber se tinha realizado a cirurgia. Ela confirma e pede que ele entre. Os dois conversam e parecem tentar se entender. Bree conseguiu encontrar alguém que, como ela dizia que estava procurando, “a enxergasse”.

Retomando a relação entre a psicóloga e Bree percebe-se que mesmo com o vínculo estabelecido entre um profissional de saúde mental e um paciente, tal vínculo não lhe dá o direito de fazer escolhas pela paciente. A psicóloga adota uma postura mais diretiva com sua paciente preocupando-se com o aspecto psicossocial. Contudo, seria mais adequado o profissional discutir com Bree a possibilidade de conhecer seu filho e se essa decisão traria retornos positivos em sua vida.

O papel do profissional da Psicologia é mostrar caminhos possíveis aos seus pacientes para lidar com conflitos, sendo eles sempre discutidos nas sessões. Não é uma das atribuições profissionais dos psicólogos fazer escolhas pelos pacientes desrespeitando, assim, sua autonomia. O vínculo entre profissional e paciente, durante um tratamento, envolve uma co-responsabilidade pelas decisões. Isto é, elas não devem ser impostas como forma de domínio em relação ao outro.

Para discussão:

1. A cirurgia de transgenitalização resulta em uma alteração física que reflete em uma mudança na identidade do paciente, além de ser um procedimento médico complexo. Caso a equipe pedisse um acompanhante

(parente ou uma pessoa próxima) para acompanhar Bree durante todo o processo, isso traria benefícios à transexual? Por quê? E poderia ser exigida, e não apenas sugerida, a presença de um acompanhante?

2. Reflita sobre a postura da psicóloga ao impor que Bree conhecesse seu filho como condição para assinar o documento de liberação da cirurgia.

3. A psicóloga e os outros membros da equipe deveriam oferecer apoio a Bree para lidar com a questão da paternidade antes da realização da cirurgia? Justifique sua resposta.

Sugestões de leitura:

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e Saúde Pública no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, 2009, p. 1141-1149.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 16, n. 42, 2012, p. 637-649.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Transamérica*

Título original: *Transamerica*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 104 minutos

Ano: 2005

Direção: Duncan Tucker

Tráfico humano, ética e gênero: uma análise do filme *A informante*

Gabriel Silva de Souza²⁶⁶

A violência perpetrada pelo ser humano toma diversas formas e nuances. Dentre elas encontra-se o tráfico humano, que pode assumir outros também variados tons, como a específica alocação de pessoas para satisfação de instintos sexuais de terceiros. Ao redor desse tema se desenrola o filme *A informante*, baseado em fatos reais. Ao longo do enredo, são retratadas cenas de agressão à dignidade de diversas jovens traficadas no leste europeu, e um assunto em particular choca ainda mais o público: o envolvimento desde policiais até altos funcionários da Organização das Nações Unidas no esquema de tráfico humano para exploração sexual. Dentre as possíveis abordagens a serem construídas ao redor do filme, está a que se centra no tema da ética e do gênero. A ausência de comprometimento com o agir ético funciona como fator propulsor de violência, bem como a disparidade entre as relações de gênero, em que, ainda, a mulher situa-se em patamar inferior ao do homem.

Tráfico humano

O tráfico humano é um problema cada vez mais significativo na sociedade hodierna, considerando-se que se trata da terceira mais rentável atividade criminal, estando atrás apenas do tráfico de drogas e do tráfico de armas.²⁶⁷ A migração de pessoas pode servir a diversos fins: de trabalho em fábricas à exploração sexual. Segundo Whitney Shinkle:

Tráfico humano impõe o recrutamento, o transporte ou a retenção de uma pessoa, por meio de força, de fraude ou de outras ameaças, com o propósito de exploração dessa em subsequente trabalho forçado. Diferentemente dos tradicionais casos de contrabando de pessoas, no tráfico humano a relação entre a vítima e o traficante pode não cessar com a finalização do transporte dela; em muitos casos, a vítima pode ser passada de um traficante a outro.²⁶⁸

Sabe-se que se opera através de redes, com diversos envolvidos – alguns deles, em especial os que aliciam as vítimas, estão próximos a elas.

266 Bacharelado em Direito (FMP).

267 STYLER, Trudie. On Human Trafficking: The Whistleblower. *The Huffington Post*, Nova Iorque, 2011. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/trudie-styler/on-human-trafficking-the>. Acesso em fevereiro de 2014.

268 SHINKLE, Whitney. *Preventing Human Trafficking: an evaluation of current efforts*. Georgetown University, Washington, 2007, p. 2. (Tradução livre). Disponível em: http://graduateinstitute.ch/files/live/sites/iheid/files/sites/political_science/shared/political_science/8787/besnike%20PreventionofHumanTrafficking.pdf. Acesso em fevereiro de 2014.

Conforme relatório da Organização das Nações Unidas, são formas comuns, dentre outras, o aliciamento por redes informais de familiares ou amigos, por falsos casamentos e pelo oferecimento de trabalho, estudo, casamento ou viagens ao exterior efetuado por agências²⁶⁹. As razões que levam a vítima a envolver-se com isso são diversas; não há um rol exato, podendo conter fatores econômicos, sociais e inclusive de personalidade. Veja-se, por exemplo, o depoimento de duas brasileiras submetidas à exploração sexual: (Luana) “um amigo meu me contou que um grupo de espanhóis estava contratando garotas brasileiras para trabalhar como dançarinas na ilha de Lanzarote. Minha amiga Marcela e eu pensamos que esta seria uma boa oportunidade para ganhar dinheiro. Nós não queríamos continuar trabalhando como empregadas domésticas. Por um curto período nós apenas dançamos. Mas depois nos contaram que havia muitas despesas, de modo que teríamos que ganhar um dinheiro extra.” (Marcela): “Nós fomos presas por criminosos e forçadas a nos prostituir para pagar as dívidas da viagem. Nós tínhamos quinze clientes por noite. O uso da camisinha era uma decisão do cliente, não nossa. Os criminosos retiveram nossos passaportes e mantinham um homem armado na frente da boate, para assegurar que não fugíssemos. Mas uma mulher nos ajudou. Nós fomos à polícia e contamos tudo”.^{270, 271}

É ululante a vulnerabilidade a que estão submetidas essas vítimas, seja ela de ordem econômica ou social; possivelmente, uma pessoa em confortável situação não irá aceitar deslocar-se de seu lar para trabalhar em um bar em uma cidade desconhecida. No filme *A informante* isso fica claro quando, logo no início do filme, a personagem Raya é questionada pela amiga se ela quer trabalhar para sempre em uma fotocopidora como a mãe.

269 UNITED NATIONS. *Human Trafficking: an overview*. New York: United Nations, 2008, p. 11. Disponível em http://www.ungift.org/doc/knowledgehub/resource-centre/GIFT_Human_Trafficking_An_Overview_2008.pdf. Acesso em abril de 2014.

270 UNITED NATIONS. *Human trafficking...*, p. 5. (Tradução livre). As duas brasileiras referidas foram entrevistadas pela ONG brasileira Projeto Trama, entidade comprometida com o combate ao tráfico de pessoas.

271 O depoimento de um traficante elucida, em certa medida, como essas redes de tráfico humano operam. Afirma ele que se envolveu com a Yakuza e que, para evitar perder dinheiro, teve que aprender a identificar as vítimas, de modo que “por exemplo (...), pelos lábios você percebe se ela é boa ou não para o sexo. Você vai a uma boate ou a um restaurante, procurando garotas que tenham o perfil: altura mediana, pele branca, magra... você as convence e as manda o mais rápido possível. Trata-se de um negócio altamente lucrativo”. (Tradução livre). UNITED NATIONS. *Human Trafficking...*, p. 21.

Gênero

A questão do gênero está intrinsicamente ligada ao tema do tráfico humano para exploração sexual, visto que, inegavelmente, a maior parte de pessoas traficadas são mulheres.²⁷² Nesse sentido, é possível afirmar que esse tipo de opressão centrada na mulher é resultado da ainda desigual relação entre os gêneros. Com o tráfico humano para exploração sexual, tem-se um caso prático – em que a violência contra a mulher atinge seus mais altos níveis – dos danos que a idéia de subjugação da mulher pelo homem provoca na sociedade.

No filme *A informante*, não faltam cenas em que atitudes machistas podem ser identificadas, como no momento em que a protagonista conversa com um policial sobre o abrigo em que são mantidas meninas traficadas e ele afirma que se tratam meramente de prostitutas, ou quando a protagonista é chamada de cadela por um dos policiais corruptos. Ademais, a própria depravação a que as jovens são submetidas reflete a idéia de mercantilização e coisificação da mulher na satisfação dos desejos dos homens. Aqueles homens se vêem no direito de abusar das garotas, afinal são tão-somente prostitutas. Assim, a ganância e a indiferença com a vida do outro, somada a essa atitude machista, configuram componentes da fórmula para que esse tipo de atividade criminosa ocorra. O que se quer dizer é que a manutenção da idéia de que a mulher está a serviço do homem compõe forte substrato para que atitudes como o tráfico humano com a finalidade de explorar sexualmente perpetuem-se, pois vai se implantando no imaginário social a idéia de que a mulher deve servir, de modo que os interesses dela não são levados em conta.

Ética

Em *A informante*, certamente, o que mais surpreende o público é a corrupção que se desmantela nas polícias e na própria Organização das Nações Unidas (ONU). Para Peter Singer, a ética é universalizável, no sentido de que ela exige que se adote um ponto de vista semelhante ao de um espectador imparcial que adota um ponto de vista universal²⁷³; de modo que “ver as coisas eticamente é uma maneira de transcender as nossas preocupações subjetivas e de nos identificar com o ponto de vista mais

272 UNITED NATIONS. *Global Report on Trafficking in Persons*. New York, 2009. p. 11. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/Global_Report_on_TIP.pdf. Acesso em abril de 2014. De acordo com relatório da Organização das Nações Unidas, das pessoas traficadas identificadas, 66% eram mulheres e 13% meninas, em pesquisa que envolveu 61 países, em 2006.

273 SINGER, Peter. *Ética prática*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 335.

objetivo possível”²⁷⁴. O autor também afirma que a ética decorre da própria vida social (produto da vida social), promovendo valores comuns aos membros da sociedade²⁷⁵. Adota-se, aqui, esta idéia. Transpondo-a para o filme, é possível afirmar que o agir ético residiria na fidelidade de todos os responsáveis (policiais e funcionários ligados à ONU) aos princípios e regras prescritos pela ONU – que, por sua vez, podem ser vistos como produto social do atual estágio da humanidade, refletindo um ponto de vista altamente objetivo; visto que pretendem ser universalizáveis. Nesse sentido, a atuação dos personagens envolvidos na ONU ao longo do filme, à exceção dos dois que auxiliam a protagonista, retrata a antítese do agir ético e, a partir daí, percebe-se que é justamente a ausência de ética que autoriza a perpetuação da violência sobre todas aquelas pessoas traficadas; isto é, a falta ética gera também violência. Algumas considerações podem ser feitas a partir do enredo: (1) a conduta ética é tomada como algo sem sentido prático, isto é, como um discurso vazio e, assim, (2) a falta de comprometimento com o agir ético impede que qualquer avanço ocorra. A primeira conclusão é demonstrada no filme, por exemplo, na cena em que a protagonista chega à polícia internacional e é proferido um discurso que ressalta a importância da atividade a ser pelos policiais desenvolvida (trabalhar nas forças de paz da ONU) e quando o alto chefe da Organização das Nações Unidas na Bósnia-Herzegovina afirma à personagem Madeleine Rees – que anteriormente havia expressado comprometimento ético com a função, ao mostrar-se sensível aos anseios de justiça da protagonista – que ele trabalha com o mundo real, dando a entender que os princípios e regras a que a atuação da ONU está adstrita não passam de mero discurso sem aplicação prática. O que ocorre nessa situação? Interesses particulares, subjetivos, sobrepõem-se ao ponto de vista imparcial ditado pela ONU, agindo-se, por conseguinte, de maneira não-ética, desencadeando-se todas as brutalidades retratadas no filme.

Isso leva à conclusão de que cabe ao ser humano dar voz à ética e, assim, trabalhar na construção de uma sociedade mais adequada, afastando as mazelas decorrentes da ganância e da indiferença para com o outro. E aí já se está para além da violência contra a mulher (aqui representada no tráfico humano para exploração sexual), para englobar qualquer tipo de violência, uma vez que o descompromisso do ser humano com os valores do bom agir constitui fonte para a propagação de todas as espécies de violência.

Ao longo do texto, argumentou-se que são fatores-chave para a ocorrência do tráfico de mulheres para exploração sexual a desigualdade de

274 SINGER, Peter. *Ética prática...*, p. 351.

275 SINGER, Peter. *Ética prática...*, p. 341.

gênero e a ausência de comprometimento com o agir ético. Buscou-se demonstrar que a ainda presente idéia de que a mulher deve servir ao homem abre espaço para a propagação de atitudes como essa forma de tráfico humano, bem como o agir não-ético. O agir não-ético engloba a questão de gênero, constituindo, assim, a causa maior a propagar a mazel social retratada em *A informante*. Enquanto o ser humano não compreender que deve agir eticamente, o avanço da sociedade permanecerá estacionário no discurso.

Para discussão:

1. Diz-se que hoje se vive numa sociedade democrática (pelo menos na chamada sociedade ocidental). Um exemplo disso é a afirmação constitucional brasileira de que todos são iguais, destacando-se a igualdade entre homens e mulheres (artigo 5º, inciso I). Até que ponto essa expressão foi assimilada pela sociedade brasileira?
2. No Brasil, a maior parte das rotas de tráfico de pessoas está concentrada nas regiões Norte e Nordeste, conforme pesquisa efetuada em 2002²⁷⁶, reconhecidas como as mais pobres do país. Em que medida a pobreza influencia na perpetuação do tráfico de pessoas?
3. De acordo com Peter Singer, a ética corresponde ao ponto de vista mais objetivo possível, imparcial e universal. O ato de traficar pessoas, considerando-se todos os envolvidos na rede, reflete uma posição subjetiva, egoísta. Até que ponto essas ações podem ser combatidas pela atuação do Estado?

Sugestões de leitura:

DOMI, Tanya. Whistleblower: True Tale of Sex Trafficking, Modern Day Slavery, Deceit. *The New Civil Rights Movement*. Disponível em: <http://m.thenewcivilrightsmovement.com/thenewcivilrights/#%21/entry/whistleblower-true-tale-of-sex-trafficking-modern-day-slavery-deceit%2c526996d6da27f5d9do41cabf/1>.

ELUF, Luiza Nagib. *Tráfico de Pessoas*. Folha de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opinia0/1238019-luiza-nagib-eluf-trafico-de-pessoas.shtml>.

NAGLE, Luz Estella. Selling Souls: The Effect of Globalization on Human Trafficking and Forced Servitude. *Wisconsin International Law Journal*. Vol. 26. No. 1, 2008. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1823718#%23.

276 LEAL, Maria Lúcia; LEAL, Maria de Fátima (Orgs.). *Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil: relatório nacional*. Brasília, CECRIA, 2002. Disponível em: http://www.namaocerta.org.br/pdf/Pestraf_2002.pdf. Acesso em abril de 2014.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *A informante*

Título original: *The whistleblower*

País de origem: Alemanha, Canadá, Estados Unidos da América

Gênero: drama/suspense

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 118 minutos

Ano: 2010

Direção: Larysa Kondracki

***Stonewall uprising*: origem das paradas LGBTQI²⁷⁷, subcultura no crime organizado e a desobediência civil**

Guilherme Kern Assumpção²⁷⁸

O documentário *Stonewall uprising*²⁷⁹ narra eventos ocorridos em 1969 e a perspectiva das pessoas envolvidas no bar Stonewall Inn, financiado pelo crime organizado²⁸⁰ praticado pela máfia ítalo-americana²⁸¹, e discute sobre o cerceamento de direitos, a discriminação e a corrupção estatal em Nova Iorque. Em 1969, nos Estados Unidos da América, atos homossexuais eram ilegais. O filme inicia com o relato da violência sofrida por homossexuais, lésbicas e trans²⁸² que desejavam usufruir de sua própria cultura e sexualidade. A opção para desfrutar de tal cultura se desenvolveu por mecanismos ilegais: o crime organizado, que financiou bares gays onde o baixo custo de manutenção, a falta de políticas de saúde e a segurança criaram um negócio lucrativo para a máfia ítalo-americana e um ambiente inóspito para seus freqüentadores, porém único para o proveito de sua “subcultura criminal”²⁸³.

277 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer* e Intersex.

278 Bacharelado em Direito (FMP).

279 DAVIS, Kate, HEILBRONER, David. *Stonewall Uprising*. Produção e Direção de Kate Davis, David Heilbroner. Estados Unidos da América, PBS AMERICAN EXPERIENCE, 2011. 1 DVD/NTSC, 90 min. Color Disponível em: http://video.pbs.org/video/1889649613/?utm_source=Tumblr&utm_medium=thisdayhistory&utm_campaign=tdih_stonewall_uprising_film. Acesso em fevereiro de 2014.

280 FBI - *Federal Bureau of Investigation* conceitua o crime organizado como “Qualquer grupo tendo algum tipo de estrutura formalizada cujo objetivo primário é a obtenção de dinheiro através de atividades ilegais. Tais grupos mantêm suas posições através do uso de violência, corrupção, fraude ou extorsões, e geralmente têm significativo impacto sobre os locais e regiões do País onde atuam.” Disponível em: <http://www.fbi.gov/about-us/investigate/organizedcrime/glossary>. Acesso em maio de 2014.

281 O crime organizado pode ser classificado em nacional ou transnacional. Suas características se definem pela estrutura hierárquico-piramidal, ou seja, um ou mais autores intelectuais, denominados “chefes”, pessoas de confiança do(s) chefe(s) com capacidade de comando, “gerentes”, e, por último, pessoas com alguma especialidade para a realização da tarefa, “aviões”. Este modelo é originado das antigas famílias italianas na máfia. A diferenciação entre a máfia e o crime organizado encontra-se na confiança e na interação entre seus membros caracterizando um código restrito de honra (*Cosa Nostra*, código normativo onde define o comportamento dos membros da máfia) e íntimo de favores e dívidas. MENDRONI, Marcelo Batlouni. *Crime Organizado: Aspectos Gerais e Mecanismos Legais*. 3ª. ed. SÃO PAULO: Editora ATLAS S.A., 2009, p.33.

282 O termo “trans” compreende todas as formas possíveis de trans tais como; transexuais, transgêneros e outros que possuem gênero fluido.

283 Refiro-me a “subcultura criminal” como as relações entre sociedade e homossexualidade determinantes daquela época para que os eventos futuros ocorressem e a necessidade de acesso a fins culturais e meios ilegais.

A subcultura criminal homossexual da época é devida à “desproporção que existe entre os fins culturalmente reconhecidos como válidos e os meios legítimos à disposição do indivíduo para alcançá-los”²⁸⁴, ou seja, a ilicitude dos atos homossexuais propiciava a este grupo social a procura de formas difusas e precárias para confraternização, sujeitando seus membros a meios degradantes e, muitas vezes, de risco ao bem-estar. Os bares mantidos pelo crime organizado funcionavam com pouco incentivo à sua estrutura, resultando em freqüentes vistorias por policiais e, conseqüentemente, na perda de licença para seu funcionamento. Este fato, aliado à ilicitude dos atos homossexuais, fazia o bar Stonewall Inn excelente meio para policiais corruptos extorquirem dinheiro dos fregueses e empregados e, também, completarem suas “quotas de prisões”. Considerados alvos fáceis para as prisões, o corpo policial de Nova Iorque agia com brutalidade e descaso para com os freqüentadores prendendo aqueles que não possuíssem peças adequadas ao respectivo vestuário de seu gênero.²⁸⁵ Os atos abusivos da polícia e da sociedade – com suas campanhas homofóbicas²⁸⁶ – geraram uma onda de indignação e raiva nos meios LGBT²⁸⁷ nos anos de 1960, criando uma das primeiras revoltas em 1967, em Los Angeles, no bar Black Cat Tavern.²⁸⁸ Dois anos após este evento, a repressão aos grupos minoritários crescia e o sentimento de indignação à repressão se intensificava.

284 BARATTA, Alessandro. *Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002, p. 63.

285A cultura do ser humano demonstra ao longo de sua história uma normatização de como agir e vestir-se de acordo com o desígnio sexual ao nascer. Qualquer variação de vestimenta além das determinações dadas ao nascimento gera uma problematização sobre o que é e como se manifesta o gênero. O padrão cultural possui uma variação para cada época da história humana baseada em suas necessidades e desenvolvimentos sociais, porém, nos últimos anos, o questionamento se uma determinada peça de roupa poderia representar a complexidade do desenvolvimento individual do gênero e limitá-lo a opressão e violência de um determinado grupo social.

286 Em 1969 eram comuns palestras de psiquiatras em escolas discursando sobre o perigo da homossexualidade para crianças de variadas idades, assim como propagandas e filmes educativos ensinando a população os perigos da homossexualidade como um desvio psiquiátrico grave e violento, comparando-os com predadores sexuais. BEIRICH, Heidi. *The Anti-gay Movement*, Estados Unidos, Southern Poverty Law Center, Disponível em: <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-files/ideology/anti-gay/the-anti-gay-movement>. Acesso em maio de 2014.

287 Gays, Lésbicas, Bissexuais, Trans.

288 The Black Cat Tavern foi um bar LGBT localizado em Sunset Boulevard, no bairro Silverlake, Los Angeles/CA. Na noite de ano novo em 1967, alguns policiais infiltraram-se no bar em roupas casuais. Depois de prender alguns frequentadores por beijar na celebração de ano novo, os policiais infiltrados começaram agredir os frequentadores. RECHY, John. *Adelante Gay Pride Talk*, Texas, Junho/2006. Disponível em: http://www.johnrechy.com/so_adel.htm. Acesso em agosto de 2014.

Os relatos divergem²⁸⁹ quanto a como começou a revolta no bar Stonewall Inn, porém todos concordam com o abuso policial sobre *drag queens*, travestis, *butch dykes*²⁹⁰ e homossexuais. No momento das apreensões policiais, o protesto iniciou quando freqüentadores, cansados dos abusos, negaram-se a cumprir ordens e criaram uma barricada entre a rua e o bar, atirando moedas, pedras e *coquetel molotov*²⁹¹ contra a polícia enquanto gritavam: polícia corrupta.

Conforme o protesto seguia, o grupo pressionava a polícia a recuar criando duas frentes na rua, separando a força policial. O barulho chamou a atenção de moradores de East Village, conhecido por ser um bairro homossexual e freqüentemente atacado pela polícia e pela sociedade, que, ao presenciar os abusos cometidos no bar, se uniu ao protesto, intensificando-o.

A insurreição alcançou seu ápice quando muitos homossexuais, travestis, *drag queens* e trans criaram, em cada frente, uma linha e dançaram *cancan*²⁹². Assim prosseguiram em direção à força policial obrigando-os a recuar surpreendidos pela reação do grupo: plumas, cores, purpurina e toda uma cultura reconhecida na época como estranha e, por muitos, frágil, ganhava força através do escárnio dos padrões sociais vigentes.

Nos dias de hoje, as paradas LGBT não fogem de sua origem: o escárnio carnavalesco agressivo que quebra paradigmas do corpo e da cultura do gênero padrão de 1969 contra o abuso corrupto da polícia continua vivo, porém mais alegre. Não há mais entonações de guerra e ódio, mas o riso e a festa tornaram-se as armas mais efetivas das paradas.

O panorama atual da ilicitude dos atos homossexuais no Ocidente eurocêntrico se mantém em uma evolução lenta, mas contínua. Porém os direitos na África e no Oriente regridem e criminaliza os homossexuais com leis antiquadas²⁹³. O efeito desta criminalização no mundo reflete

289 Inclusive uma charge do evento produzida pelo artista Mike Funk baseado na construção de um dos possíveis relatos, Sylvia Rivera, mulher ativista pelos direitos de minoria LGBT, detalhando uma das versões: Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/mkfunk/sets/72157634381061896/>. Acesso em maio de 2014.

290 Nos termos do filme “Butch Dyke”; termo inicialmente derogativo apropriado pela cultura homossexual para caracterizar a mulher homossexual hiper masculinizada.

291 Coquetel molotov: Garrafa cheia de líquido inflamável usada como explosivo em combates de rua. Uso empregado apenas no Brasil. INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3.Ed. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2001.

292 Do português “Cancã: Tipo de dança, esfuziante, acrobática e ruidosa na qual as dançarinas lançam as pernas para o alto, como se desferissem pontapés no ar, enquanto erguem e sacodem a saia com as mãos, dançada originalmente em cabarés parisienses a partir de 1830.” INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. *Dicionário da Língua Portuguesa...*

293 RODGERS, Lucy. MARTIN, Pablo Gutierrez, REES, Martyn. CONNOR, Steven. *Criminalização da Homossexualidade no Mundo*. 17:23, 10 de fevereiro de 2014. Dados

uma instabilidade na segurança jurídica dos indivíduos e a falta de confiança no poder do Estado que não garante sua segurança e, através de abusos policiais e estatais, incita a violência contra o Estado que se mantém omisso e estúpido quanto à necessidade de um grupo minoritário. As ações independentes que empoderam e protegem grupos desprovidos da atenção do governo, sejam elas originadas em paradas ou movimentos políticos contrários ao Estado, são legítimos e uma contraforça, um atrito, à insegurança gerada pela incapacidade de sobreviver à maioria política beneficiando uma minoria de forma a fazer o Justo em uma democracia.

Tal forma de protesto é um direito fundamental da humanidade. Sua manifestação concreta sobre normas injustas e abusos está conforme o direito de resistência à opressão²⁹⁴, expressa através da desobediência civil na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão de 1793²⁹⁵. Tais direitos há muito vêm sendo negligenciados para favorecer a manutenção do poder estatal e o esquecimento do poder basilar do Estado Democrático de Direito: o povo e a capacidade de intervenção direta política, ou seja, demonstrar e requerer por via pública, sem representações ou líderes políticos, o indivíduo como autônomo em sua vontade política.

A desobediência civil é a base para movimentos sociais atuais participem ativamente na política. Sua aplicação nas ruas em protestos, quais-disponíveis em: <http://www.bbc.com/news/world-25927595>. A Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo (International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association) é a única federação global de organizações nacionais e internacionais LGBTI. Desde 1978, ano de sua fundação, a ILGA trabalha para a igualdade e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexuais em todo o mundo. ILGA tem hoje mais de 900 organizações-membro de cerca de 110 países. ILGA, Relatório sobre Homofobia patrocinada pelo Estado <http://ilga.org/ilga/pt/article/nxFKFCd1iE>. Acesso em agosto de 2014.

294 Neste sentido, afirma o autor “Penso que devemos ser homens, em primeiro lugar, e depois súditos. Não é desejável cultivar pela lei o mesmo respeito que cultivamos pelo direito. A única obrigação que tenho o direito de assumir é a de fazer a qualquer tempo aquilo que considero direito. [...] A lei jamais tornou os homens mais justos, e, por meio de seu respeito por ela, mesmo os mais bem intencionadas transformam-se diariamente em agentes da injustiça. [...] A grande maioria dos homens serve ao Estado desse modo, não como homens propriamente, mas como máquinas, com seus corpos. (...) Não é dever de um homem, na verdade, devotar-se à erradicação de qualquer injustiça, mesmo a maior delas, pois ele pode perfeitamente estar absorvido por outras preocupações Mas é seu dever, ao menos, lavar as mãos em relação a ela e, se não quiser mais leva-la em consideração, não lhe dar seu apoio em termos práticos”. THOREAU, Henry D. *A Desobediência Civil*. Porto Alegre. L&PM Pocket, 2013, p. 11-23.

295 Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão admitidos pela Convenção Nacional em 1793 e afixada no lugar das suas reuniões. Artigo XXXIII - A resistência à opressão é a consequência dos outros direitos do homem. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/dec1793.htm>. Acesso em agosto de 2014.

quer que sejam seus temas – LGBTQI, feminismo, quilombola, indígena e periferia –, desenvolvem um diálogo extenso, e, algumas vezes, radical entre minoria *versus* maioria. O conflito violento, apesar de repreendido quando usado para questões privadas que não possuem como objeto o direito coletivo, é instância máxima para reclamação de direitos de minoria, sejam eles pessoais ou públicos²⁹⁶. Suas vantagens se manifestam quanto à polêmica gerada através do ataque direto a fontes de poder estatais e econômicas obrigando o cidadão médio e a mídia a tomar posição e a reconhecer o desenvolvimento do fato como político. A manifestação pode ser positiva ou negativa, resultando na visibilidade desta parcela da população negligenciada, no caso a LGBT.

No Brasil, este tipo de manifestação conquistou muitos direitos como o registro de nome social para transexuais, decisões judiciais beneficiando cônjuge a receber pensão e a possibilidade da união civil²⁹⁷, e outros muitos a serem conquistados se desenvolveram através do conflito de idéias sobre como os movimentos sociais LGBTQI devem agir para ganhar força nas congregações sobre direitos de minoria. Porém há pessoas que consideram as paradas LGBTQI como sendo festas fora de época, carnavais de aberrações: este pensamento ajuda a disseminação de um estereótipo homossexual branco excludente²⁹⁸ de outras formas de individualidade que ridiculariza a parada LGBTQI. Este grupo, ao pregar características que mimetizam as relações heterossexuais em relação a gênero e comportamento masculino, gera preconceito a grupos minoritários dentro da própria cultura LGBTQI; como trans, negros, classe social e, inclusive, características de gênero femininas, que contestam o poder patriarcal e

296 Destaco a diferença de conceitos entre questões privadas que não se desenvolveram com o intuito de defender direitos de um grupo político, e direitos pessoais, desenvolvidos como direitos de um grupo político, como exemplo: a sexualidade sendo pessoal, mas direito político necessário de proteção.

297 Sobre direito à previdência: BRASIL, Supremo Tribunal Federal. Recurso extraordinário n. 659051/RJ – RIO DE JANEIRO. Julgamento: 17/09/2013. Relator (a): Min. DIAS TOFFOLI. Direito civil. Previdência privada. Benefícios. Complementação. Pensão *post mortem*. União entre pessoas do mesmo sexo. Princípios fundamentais. Emprego de analogia para suprir lacuna legislativa. Necessidade de demonstração inequívoca da presença dos elementos essenciais à caracterização da união estável, com a evidente exceção da diversidade de sexos. Igualdade de condições entre beneficiários. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/principal/principal.asp>. Acesso em agosto de 2014.

298 Trata-se de uma discussão permanente sobre a opressão que ocorre nos meios LGBT originados na nossa sociedade patriarcal, machista e racista que retira o poder político de qualquer sujeito que não se encaixe dentro do conceito “homem” e, adicionou a isto, as referências classistas de exploração típicas do capitalismo. FALQUET, Jules. “Breve resenha de algumas teorias lésbicas”. Disponível em; <http://resistencia-rad-fem.wordpress.com/2014/05/16/retorno-ao-genero-pos-modernismo-despolitizacao/>. Acesso em junho de 2014.

a “masculinidade” – desconsiderando a história repressiva direcionada aos membros desta comunidade – forçando-os a sufocar sua liberdade individual para agir conforme um determinado padrão. Qualquer um diferente de seu gênero de nascimento estava sujeito a ser preso em 1969. O corpo nu, a pluma, a sunga e a minissaia são representações máximas de uma cultura baseada na liberdade individual que enfrenta tabus sociais conservadores sem perder a graça, pois uma cultura que sofreu repressão durante tanto tempo, e ainda sofre em todas as classes sociais, encontrou no riso sua arma mais forte.

Para discussão:

1. As paradas LGBTQI possuem o mesmo motivo e fundamentação desde 1969 ou tomaram direções diferentes na luta pelos direitos humanos da população LGBTQI? Se algo mudou, o que foi?
2. O crime organizado e as subculturas criminais ao longo da história humana influenciaram as culturas ilícitas. Porém as subculturas adotadas pelo crime organizado seriam realmente ilícitas ou somente moralmente controversas para a época, como a questão da homossexualidade?
3. Há diferenças entre as lutas por direitos humanos? Entre as variadas classes dentro da comunidade LGBTQI, como exemplo, os direitos conquistados pelos homossexuais atualmente é maior que de travestis, transexuais e transgêneros? E dentro de recortes de classe, cor, limitações físicas e mentais em indivíduos LGBTQI é necessário uma análise diferente de seus direitos?
4. O que é “ser homem” e o que é “ser mulher”? O que define esses símbolos e qual base opressora sustenta tais definições?
5. O recurso à desobediência civil no desenvolvimento político da sociedade é importante, porém somente possui concretização nas constituições da Alemanha e Portugal²⁹⁹. Alguns autores discutem sobre a possibilidade de instabilidade jurídica por permitir abertura na lei para a prática de ilícitos quando se recorresse à desobediência. Seria esta uma boa objeção? O desenvolvimento do direito depende mais dos poderes legislativo e judiciário do que da sociedade civil. Não seria a desobediência civil um modo legítimo de manifestação e, conseqüentemente, de construção do direito? Ou deveríamos pensar a desobediência civil como algo prejudicial ao Estado Democrático de Direito?

299 Constituição Portuguesa: Artigo 7.º Relações internacionais. Portugal reconhece o direito dos povos à autodeterminação e independência e ao desenvolvimento, bem como o direito à insurreição contra todas as formas de opressão. (PORTUGAL. Constituição da República Portuguesa. Disponível em: <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>. Acesso em agosto de 2014).

Sugestões de leitura:

- ARENDDT, Hannah. *Crises da República*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CARTER David. *Stonewall: The Riot That Sparks*. New York: St. Martins Press, 2010.
- ENZO, Bello. *A cidadania na luta política dos movimentos sociais*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.
- RAWLS, John. *Justiça e democracia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- THOREAU, Henry. *A desobediência civil*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Sobre o filme:

- Título original: *Stonewall Uprising*
- País de origem: Estados Unidos da América
- Gênero: documentário
- Classificação: livre
- Tempo de duração: 82 minutos
- Ano: 2010
- Direção: Kate Davis, David Heilbroner

Ciência, saúde e gênero em *Histeria*

Fernanda Schommer Stein³⁰⁰

*De acordo com seu diagnóstico, histeria pode ser tudo... de insônia até dor de dente. É nada mais do que casual em mulheres insatisfeitas.*³⁰¹

A história contada em *Histeria* tem como cenário a cidade de Londres, em 1880, e como foco principal as personagens Charlotte Dalrymple e Mortimer Granville. Charlotte, filha de um médico de grande sucesso, manifesta uma visão de mundo completamente diversa daquela que uma mulher deveria ter na sociedade em que se encontra e desafia o estereótipo da mulher submissa aos papéis impostos pela sociedade ao gerenciar uma casa que atende pessoas menos afortunadas, oferecendo ensino às crianças enquanto seus pais trabalham. Já Mortimer, um jovem médico, perdera o emprego em muitas instituições por questionar as metodologias utilizadas, tentando aplicar as mais recentes descobertas da medicina em sua prática, apesar do conservadorismo da sociedade em que vive. Dentre os aspectos abordados pela obra cinematográfica, destacam-se: mudanças científicas, saúde mental, sexualidade, gênero e justiça.

Mudanças científicas

O filme tem em seu início uma cena de atendimento hospitalar: Dr. Mortimer caminha pelos leitos observando os pacientes internados, pára em frente a uma senhora e chama a enfermeira, questionando o porquê das ataduras da perna não terem sido trocadas conforme ele solicitara no dia anterior. A explicação está na ordem do Dr. Richardson, que determinou que não fossem gastos os suprimentos de gases e ataduras. A terapia tradicional apresentada consistia em realizar sangria com sanguessugas regularmente e, conforme o caso, administrar as pílulas de Beekman³⁰². Mortimer, frustradamente, argumenta que os germes contidos nas bandagens sujas entrariam na corrente sanguínea pelo ferimento e causariam sepse, que consiste em inflamação do organismo devido à infecção³⁰³, podendo causar gangrena e até morte.

300 Bacharelada em Enfermagem (UFCSA).

301 Fragmento retirado do filme.

302 O filme não esclarece qual seria a finalidade das pílulas de Beekman. Contudo, permite ao espectador entender que a pílula age como placebo, sem ter uma comprovação de que possui algum efeito sobre o organismo.

303 CARVALHO, Paulo R. A., TROTTA, Eliana de A. Avanços no diagnóstico e tratamento da sepse. *Jornal de Pediatria*, vol. 79, Supl. 2, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56415/000605826.pdf?sequence=1>. Acesso em agosto de 2014.

O problema evidenciado nessa cena está no fato de que Dr. Richardson acreditava que a medicina moderna da época consistia em realizar sangrias e manter os pacientes calmos – práticas que sofreram modificações conforme a evolução da ciência e que não são aplicadas no século XXI. Kuhn, em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, refere que “considero paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”³⁰⁴. A teoria dos germes³⁰⁵ a que se refere o Mortimer já havia sido comprovada por Lister, porém o conflito se estabelece à medida que a mudança de paradigma (mudança nas práticas de cuidado) não é aceita pelos médicos mais conservadores. A descrença na existência de germes também pode ser percebida no ambiente em que os pacientes estão internados: é evidente o descuido em relação à limpeza, inclusive Richardson caminha no ambiente com restos de fezes em seu calçado.

Outro aspecto científico é abordado quando Emily Dalrymple é apresentada como uma cientista estudiosa de Frenologia, causando risos em Mortimer. Frenologia³⁰⁶ foi uma teoria difundida a partir de Gall, segundo a qual distintas partes do cérebro seriam responsáveis por diferentes atividades. No filme, a personagem refere que “o tamanho das áreas do crânio de alguém revelam um mapa de sua personalidade”³⁰⁷. Entretanto, com a falta de provas concretas para embasar os princípios da Frenologia, essa teoria passou a ser rejeitada pelo meio científico. É possível visuali-

304 KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 13.

305 “Na década de 1860, Lister (1827-1912), usando a teoria dos germes de Pasteur (1822-1895), introduziu a anti-sepsia, que viria transformar a prática cirúrgica pela redução da infecção pós-operatória. (...) Os trabalhos de Lister sobre anti-sepsia iniciaram-se em 1867, mas só se difundiram a partir de 1870”. (GUSMÃO, Sebastião; SILVEIRA, Roberto Leal; FILHO, Guilherme Cabral. Broca e o nascimento da moderna neurocirurgia. *Arq Neuropsiquiatr.* n. 58(3-B), 2000, p.1149-1152. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/anp/v58n4/3417.pdf>. Acesso em junho de 2014.) Pasteur realizou estudos sobre fermentação e, a partir disso, a teoria dos germes foi formulada. “Por essa teoria, a fermentação só ocorreria se houvesse a presença de germes (no sentido de sementes) no meio, e Pasteur diz textualmente: ‘pela palavra germe, eu não estou falando de uma causa vaga e indeterminada em sua natureza, mas de um objeto visível e tangível que tem todos os caracteres de uma organização completa e se multiplica em profusão, desde que as condições sejam favoráveis’. (*Étude sur le vin*, 1868)”. GOUVEIA-MATOS, João Augusto de Mello. Pasteur. *Ciência para ajudar a vida. Química nova na escola*. Pasteur. N° 6, novembro 1997. Disponível em: <http://qnesc.sbj.org.br/online/qnesc06/historia.pdf>. Acesso em junho de 2014.

306 SABBATINI, Renato M. E. Frenologia: A História da Localização Cerebral. *Cérebro & mente*. Centro de Informática Biomédica. Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Disponível em http://www.cerebromente.org.br/no1/frenolog/frenologia_port.htm. Acesso em fevereiro de 2014.

307 Fragmento retirado do filme.

zar que há um conflito em relação ao que se espera do comportamento feminino naquela sociedade: se, por um lado, Charlotte era considerada histérica por defender o acesso das mulheres à universidade, por outro, Emily era considerada uma cientista por seu pai e tinha apoio para prosseguir nos estudos, apesar de essas serem atividades apenas para os homens da época.

Saúde mental e sexualidade

Dr. Dalrymple, médico, pai de Charlotte e Emily, que possui uma clínica própria, relata no filme que a histeria³⁰⁸ pode ser considerada uma “praga” da época, surgindo a partir de uma hiperatividade uterina, manifestando-se por sinais e sintomas tais como “ninfomania, frigidez, melancolia, ansiedade”³⁰⁹. Os casos mais comuns poderiam ser tratados, porém os casos mais graves podem necessitar internação ou até remoção do órgão cirurgicamente. Sendo algo que ocorre no e decorre do útero, só mulheres poderiam ser histéricas.

O tratamento típico apresentado pelo médico consistia em utilizar óleos para estimular com uma leve pressão e movimentos circulares na vulva das mulheres acometidas pela histeria até que elas apresentassem paroxismos histéricos, colocando o útero de volta em sua posição fisiológica normal ao causar reações de dor e prazer por estímulo externo. Terminada a sessão de tratamento, esperava-se que as queixas das pacientes desaparecessem, fossem essas relacionadas à ansiedade, a pensamentos repetitivos, ou a outros sintomas. Paroxismo histérico é um termo utilizado como eufemismo para “orgasmo”. Freud e Breuer redigiram “Estudos sobre a histeria” (1895/1969). Em “Um breve histórico da histeria: de Freud a Lacan”, a histeria é referida como:

originária de uma fonte da qual os pacientes relutam em falar ou mesmo não conseguem discernir sua origem. Tal origem seria encontrada em um trauma psíquico ocorrido na infância, em que uma representação atrelada a um afeto aflitivo teria sido isolada do circuito consciente de idéias, sendo o afeto dissociado desta e descarregado no corpo. Através da hipnose, os pacientes conseguiam re-

308 Um dos principais estudiosos da histeria, Charcot, dizia ser essa “uma doença representacional”, gerada a partir de “uma representação carregada intensamente de afeto”. Ele acreditava que os sintomas físicos ocorriam em virtude da exacerbação desses sentimentos, fluindo do interno para o externo. Autoria desconhecida. Um breve histórico da histeria: de Freud a Lacan. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*. Londrina: 2005. Disponível em http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/UsViSyNsu7lSBW7_2013-5-13-14-58-3.pdf. Acesso em junho de 2014.

309 Fragmento retirado do filme.

encontrar a lembrança traumática, tendo assim a oportunidade de reagir a esta por suas palavras, aliviando seus sintomas.³¹⁰

A sociedade apresentada e o momento histórico em que a história se passa permitem visualizar que predominava o modelo patriarcal³¹¹ e, portanto, pouco ou nenhum crédito era concedido às mulheres, cujo papel social consistia basicamente em formar uma família e dedicar-se ao lar. Tampouco, o conhecimento científico acerca da saúde feminina era aprofundado. Não se assumia que a mulher poderia sentir prazer sem que houvesse penetração do órgão sexual masculino, como é explicado no filme. Ainda uma espécie de tabu, questões sobre sexualidade apresentam certa resistência para serem discutidas, seja em ambiente familiar, escolar ou, por vezes, em situação de atendimento à saúde. Essa resistência também varia conforme o local em que a pessoa se encontra e a cultura em que está inserida. Se na época do filme negava-se que a mulher poderia sentir prazer sem a penetração masculina, atualmente, em alguns países, é realizada a mutilação genital feminina que “representa uma forma social de controle sobre a mulher. Tais práticas têm o efeito de perpetuar papéis de gênero normativos que são desiguais e prejudiciais para as mulheres”³¹².

310 Autoria desconhecida. Um breve histórico da histeria: de Freud a Lacan. *Revista Científica...*

311 Segundo Narvaz e Koller (2006 *apud* PATEMAN, 1993, p. 97), “o poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) abarca todos os aspectos da vida civil. A sociedade civil como um todo é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública”. NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia e sociedade*. 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>. Acesso em maio de 2014. Conforme Silva (*apud* Costa, 2008), patriarcado pode ser definido por “organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquétipo viril)”. SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. *apud* COSTA, Ana Alice. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. 2008. Disponível em: http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_impоста.pdf. Acesso em junho de 2014. Follador refere que a concepção brasileira em relação ao ser feminino foi uma herança da colonização por povos ocidentais. “Assim, desde o período colonial a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres. Essas exigências levavam à formação de um estereótipo que relegava o sexo feminino ao âmbito do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e, sendo sempre totalmente submissa a ele.” FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. *Revista fatos&versões*, n. 2, v. 1, 2009, p. 8. Disponível em: http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/fato_eversoes/article/viewFile/3/102. Acesso em junho de 2014.

312 OHCHR, ONUSIDA, PNUD, UNECA, UNESCO, UNFPA, ACNUR, UNICEF, UNIFEM,

Além disso, conforme descrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo V, “ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante”³¹³. Observa-se que não apenas no âmbito social, mas também fisicamente, havia subordinação e relação de dependência do ser feminino ao masculino, que ainda se faz presente em graus variados conforme a estrutura social.

Edmund, um amigo de Dr. Mortimer que trabalhava na elaboração de equipamentos elétricos, cria um dispositivo que, primeiramente, idealizara como um equipamento de limpeza elétrico, um espanador. Mortimer, acometido por dores na mão após tratar muitas pacientes histéricas, aplica o dispositivo no local e, com as vibrações produzidas pelo aparelho, percebe uma sensação de aquecimento e formigamento, pressionando o ponto exato de dor. A partir de então, ambos discutem a possibilidade de utilizar o dispositivo para o tratamento da histeria. Como precisava ser testado antes de ser apresentado ao Dr. Dalrymple, pagam à Molly, ex-prostituta que trabalha como empregada doméstica na casa do Dr. Dalrymple, para ser cobaia do teste. Ao final do experimento, Molly refere ter tido três paroxismos em cinco minutos de teste. Incerto dos benefícios de mudar o tratamento, mas incentivado pela possibilidade de reconhecimento e de faturar com a invenção, Dr. Dalrymple permite que o aparelho seja testado em suas pacientes.

Dois pontos podem ser discutidos a partir disso. Primeiramente, Molly é utilizada como cobaia para o teste do equipamento: atualmente, alguns países³¹⁴ permitem que as pessoas sejam pagas para se subme-

OMS. Eliminação da Mutilação Genital Feminina: Declaração Conjunta 2009. Disponível em: <http://www.who.int/eportuguese/publications/mutilacao.pdf>. Acesso em fevereiro de 2014. A mutilação genital feminina, segundo esse relatório, pode ser classificada em 4 tipos: “Tipo I: remoção parcial ou total do clitóris e/ou do prepúcio (clitoridectomia). Tipo II: remoção parcial ou total do clitóris e dos pequenos lábios, com ou sem excisão dos grandes lábios (excisão). Tipo III: estreitamento do orifício vaginal através da criação de uma membrana selante, pelo corte e aposição dos pequenos lábios e/ou dos grandes lábios, com ou sem excisão do clitóris (infibulação). Tipo IV: todas as outras intervenções nefastas sobre os órgãos genitais femininos por razões não médicas, por exemplo: punção/picar, perfuração, incisão/corte, escarificação e cauterização.”

313 ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Adotada e proclamada pela resolução 217A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso em maio de 2014.

314 No Brasil, conforme a resolução nº 466 de 2012, a participação em pesquisas deve ser realizada de forma voluntária: “II.10 – participante da pesquisa – indivíduo que, de forma esclarecida e voluntária, ou sob o esclarecimento e autorização de seu(s) responsável(is) legal(is), aceita ser pesquisado. A participação deve se dar de forma gratuita, ressalvadas as pesquisas clínicas de Fase I ou de bioequivalência”. BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Publicada no D.O.U. de 13 de junho de

ter a testes em pesquisas científicas, noutros essa prática é condenada e aqueles que se submetem devem fazê-lo de forma voluntária.³¹⁵ No filme, o médico e o inventor recorrem a uma mulher que destoava do ideal da época, uma ex-prostituta, que assumiram que aceitaria a proposta por pagamento, como de fato acontece. Porém, Molly não apresentava nenhum dos sinais de uma mulher histérica e, apesar disso, relatou ter tido três paroxismos histéricos, o que não foi visto como estranho pelos médicos.³¹⁶ Segundo, a dúvida do Dr. Dalrymple em utilizar um artifício diferente no tratamento advém de sua opinião de que “mudar é raramente benéfico”³¹⁷ e de que uma prostituta havia considerado o tratamento satisfatório, palavra de uma mulher que não poderia ser confiável. Por fim, o sucesso do aparelho elétrico atrai mais clientes e os dois médicos e o inventor recebem reconhecimento pela inovação no tratamento da histeria. Nesse ponto cabe questionar a validade científica do método de comprovação utilizado pelas personagens: primeiro, o teste fora realizado em uma mulher sem que ela fosse diagnosticada com histeria e não houve qualquer comparação com uma mulher comprovadamente histérica para avaliação dos efeitos; segundo, ter realizado um teste bem sucedido não assegura que o método possa ser aplicado em ampla escala livre de intercorrências; por último, não é possível, com apenas um teste, garantir a efetividade do tratamento em todas as pacientes, visto que cada uma tem suas particularidades.

Gênero e justiça

Na época retratada pela obra cinematográfica, a personagem Charlotte desempenha um papel diverso daquele que a sociedade atribuía às mulheres: era solteira, gerente de um lar para pessoas menos afortunadas, manifestava ideais de liberdade e de luta por igualdade, expressando verbalmente que as mulheres deveriam ser aceitas em universidades e ter direito de voto em eleições. Em virtude de seu comportamento não ser o

2013. Disponível em: <http://sintse.tse.jus.br/documentos/2013/Jun/13/cns-resolucao-no-466-de-12-de-dezembro-de-2012>. Acesso em junho de 2014.

315 CUNHA, Thiago Rocha da. Pagamento a sujeito de pesquisa na perspectiva da ética de membros do sistema CEP/CONEP. Dissertação (Mestrado em Bioética) – Universidade de Brasília. Brasília, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8817/1/2010_ThiagoRochadaCunha.pdf. Acesso em julho de 2014.

316 Dentre as características que qualificam a doença histeria da época encontra-se a ninfomania. Conforme o dicionário Aulete digital, ninfomania refere-se ao “desejo sexual feminino obsessivo e recorrente; furor uterino”. Apesar de a personagem Molly ter sido prostituta, não é possível afirmar que, necessariamente, ela apresente sinais de ninfomania e, por isso, sofra de histeria. *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/nossoaulete/ninfomania>. Acesso em maio de 2014.

317 Fragmento retirado do filme.

socialmente desejado, Charlotte era considerada um caso difícil de mulher histérica, inclusive por seu pai.

A questão é que a personagem apresentava um comportamento que não era o esperado para uma mulher, questionando sobre o papel feminino naquela sociedade, pois executa um trabalho voluntário ao dirigir um lar e busca empréstimos para mantê-lo em funcionamento. Para a época, suas atitudes condiziam com os sinais e sintomas esperados para mulheres acometidas por histeria. Contudo, não havia evidência física ou psíquica que justificasse diagnosticá-la com a doença, apenas o seu comportamento e suas concepções de vida.

As lutas que desde meados do século passado tiveram por objeto a “causa das mulheres” visavam, a princípio, sua integração profissional, o direito de voto, a igualdade das chances, etc. Tais reivindicações só puderam vir à baila graças a uma transformação política ímpar, sendo a instauração de um regime democrático nos Estados Unidos da América e a Revolução Francesa apenas seus sinais anunciadores.³¹⁸

Ao tentar impedir que uma amiga ferida fosse levada por policiais, Charlotte agride fisicamente um dos oficiais quando esse se recusa a deixá-la passar. Como consequência, ela é presa e vai a julgamento. Emily e seu pai solicitam que Mortimer ateste Charlotte como histérica, o que a faria ser encaminhada a um sanatório ao invés de permanecer na prisão. Na corte, Mortimer discursa utilizando palavras de Charlotte:

É minha opinião profissional que a Histeria é uma ficção. É nada mais do que um diagnóstico precipitado em mulheres sem oportunidades, que desperdiçam suas vidas em assuntos domésticos. E que seus maridos possessivos e egoístas são frios ou incapazes de fazer amor com elas da forma certa. Ou na quantidade suficiente.³¹⁹

O testemunho de Mortimer evita que ela seja encaminhada ao sanatório e que sofra o procedimento de remoção do útero, além de desqualificá-la como histérica. Charlotte, então, é apenas sentenciada a 30 dias de prisão por agressão ao policial. Por fim, o filme mostra que o diagnóstico médico de histeria oficialmente se encerrou em 1952. O aparelho elétrico utilizado no tratamento da histeria sofreu modificações conforme a ciência e a tecnologia evoluíram e, atualmente, é comercializado como vibrador.

318 MICHELS, André. Histeria e Feminilidade. *Ágora*, v. IV, n. 1, jan/jun 2001, p.34. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v4n1/v4n1a03.pdf>. Acesso em maio de 2014.

319 Fragmento retirado do filme.

Durante anos a submissão das mulheres aos homens foi característica marcante em diferentes sociedades, principalmente no que se referia à sexualidade, que era apenas aceita com vistas à reprodução, negando-se que a mulher fosse capaz de ter orgasmos. O que se observa na atualidade resulta de lutas femininas que se intensificaram há algumas décadas, tornando, por exemplo, concreto o direito de voto e ao estudo em diversas sociedades e lhes conferindo direito à liberdade sexual e reprodutiva.³²⁰ Tal liberdade teve maior relevância e aceitação social após as pesquisas científicas possibilitarem a disponibilização em ampla escala de métodos anticoncepcionais, sobretudo de pílulas, conferindo à mulher controle sobre seu ciclo fisiológico e autonomia em relação aos homens. Abordando diversos aspectos, a obra cinematográfica *Histeria* conduz o espectador a reflexões de cunho histórico, social e científico: incentiva o público a comparar questões do passado com situações do presente, ponderando sobre as mudanças que ocorreram, suas conseqüências, benefícios e malefícios, e sobre pontos que ainda requerem transformações conforme a sua realidade.

Para discussão:

1. O útero é um órgão exclusivo de seres do sexo feminino. Portanto, também a doença histeria poderia ser diagnosticada apenas em mulheres. Contudo, os sintomas mais característicos da doença, como ansiedade e melancolia, não são manifestações exclusivas das mulheres. Discuta como o fato de realizar esse diagnóstico contribuiu para a manutenção do poder dos homens na sociedade da época. Se homens apresentassem os mesmos sinais e sintomas que caracterizam a histeria, teriam tratamentos social e de saúde equivalentes? Seriam julgados como mentalmente incapazes nas cortes?
2. Irmãs, Emily e Charlotte contrastam no que se refere ao ideal de mulher da sociedade londrina de 1880: enquanto Emily, filha mais nova, era quem comandava as atividades da casa, Charlotte não se submetia às ordens do pai, questionava o modelo social e desejava igualdade de direitos. Discuta sobre as conquistas das mulheres e suas conseqüências e contribuições para a transformação da sociedade.
3. Considerando o mundo e o Brasil no século XXI, as mulheres possuem todos os direitos constitucionais e humanos garantidos? Quais aspectos ainda requerem transformações? Se você, leitor, vivesse no século XIX, o

320 DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2. Apr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/08.pdf>. Acesso em junho de 2014.

que haveria de diferente na sua vida em relação ao lugar ocupado pelas mulheres na sociedade?

4. Considerando as relações existentes entre o feminino e o masculino, como os profissionais de saúde podem trabalhar a fim de esclarecer questões sobre sexualidade, contribuindo para modificações culturais e promovendo a saúde? No caso da mutilação genital feminina, como o âmbito jurídico pode atuar para tentar erradicar essas práticas no mundo, garantindo o direito de exercício da liberdade sexual às mulheres?

5. Se por um lado as mulheres não eram consideradas confiáveis, não tinham direito ao voto e não podiam freqüentar universidades, por outro Emily é apresentada como uma cientista estudiosa de Frenologia, que, apesar de sua atividade intelectual, era vista como a filha perfeita. Charlotte, apesar de não ser uma estudiosa, demonstra estar atualizada em relação aos avanços científicos e, inclusive, ensina medidas de higiene a crianças (como lavar as mãos) para evitar a disseminação de germes. O filme apresenta mudanças no âmbito médico-científico ao mencionar a teoria dos germes, a Frenologia e, por fim, ao questionar a histeria como doença. Discuta como as mudanças de paradigma no meio científico influenciam (positiva ou negativamente) a sociedade e as diferentes culturas, citando exemplos.

Sugestões de leitura:

Autoria desconhecida. Vibrador foi inventado para fins medicinais. *Portal Terra*. Jun. 2013. Disponível em http://noticias.terra.com.br/educacao/voce-sabia/vibrador-foi-inventado-para-fins-medicinais-saiba-mais,adoe8326c816f310VgnVCM5000009ccceb_0a_RCRD.html.

PAULA, Francirene de Sousa. A Clínica da Histeria Feminina e as Mulheres Contemporâneas. *Laboratório de psicanálise da UFC*. Disponível em <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/27.pdf>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Histeria*

Título original: *Hysteria*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: comédia/romance

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 100 minutos

Ano: 2011

Direção: Tanya Wexler

Nota sobre o filme *8 mulheres*: controle social sobre os corpos das mulheres

Ana Carolina da Costa e Fonseca³²¹

O filme, de 2002, se baseia na peça de teatro homônima (*Huit femmes*) de Robert Thomas, escrita em 1958, que já fora contada em película em 1960 sob o título *La nuit des suspects* (*A noite dos suspeitos*). Oito mulheres não conseguem sair de casa durante o período de Natal. Um incidente com o patriarca da família provoca confissões das oito mulheres que têm suas vidas de algum modo interligadas e que por acaso acabaram temporariamente presas sob o mesmo teto. Segredos guardados durante décadas são revelados. E, ao revelá-los, contam frustrações comuns a muitas das mulheres de suas épocas. O casamento de uma vida inteira sem amor, quando não havia a figura jurídica do divórcio, acaba num homicídio. Uma mulher se mantém virgem com mais de 40 anos. Ela acredita que precisa ser uma mulher honesta como a irmã, até descobrir que a honesta irmã tem um amante e que sua primogênita não é filha do marido. Será que percebeu tarde demais que deixou a vida passar? Ódio e amor se confundem. E o amor de outras se torna ódio, quando a intimidade é revelada. A amante de muitos anos, aceita trabalhar como empregada doméstica para ficar ao lado do seu amado, que, apesar de dizer amá-la, permanece casado e faz com que ela se submeta aos mandos da esposa legítima para receber, à noite, migalhas do amor que ele jura sentir. Uma das mulheres esconde sua homossexualidade durante toda a vida para não ser desprezada, como de fato o é, quando sua orientação sexual é descoberta. Aquela que a despreza, contudo, é a mesma que cederá ao desejo de décadas e rolará pelo tapete numa bela cena de amor. Mulheres compartilham o mesmo amante e foram igualmente enganadas. A gravidez de uma jovem solteira, o incesto, são outros dos segredos que envolvem mulheres e preconceitos morais. Meio século após o texto ser escrito, muitos dos preconceitos deixaram de existir. Outros surgiram. Viveríamos nós numa sociedade com menos segredos por que mais liberal? E implicaria a maior liberalidade a existência de menos preconceitos? Ou apenas houve a substituição de uma forma de controle social sobre os corpos das mulheres por outra forma, ou seja, há menos controle, ou controlamos aspectos diferentes da expressão de mulheres e de seres humanos em geral?

321 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

Para discussão:

1. Segredos, muitas vezes, são guardados em decorrência dos preconceitos da sociedade onde aqueles que não agem como a maioria vivem. Quais são os segredos que mulheres precisam guardar no presente? Em que se diferenciam dos segredos do passado?
2. A virgindade não é mais um tabu. Mas a maternidade se tornou um problema para muitas mulheres que passam os anos mais férteis de suas vidas estudando e trabalhando para ocupar um espaço no competitivo mercado de trabalho. Discuta se a frustração pela falta de um marido sentida por “solteironas” em décadas anteriores foi substituída pela frustração pela falta de um filho sentida por mulheres que no século XXI não conseguiram engravidar, talvez por iniciarem as tentativas tarde demais.
3. Leia o artigo sobre o filme *Missrepresentation* neste livro e discuta de que modo a exigência social de, por exemplo, virgindade feminina foi substituída pela exigência de juventude e de beleza.

Sugestões de leitura:

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

MARCONDES, Mariana Mazzini, et. al. *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013.

VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau. *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *8 mulheres*

Título original: *Huit femmes*

País de origem: França

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 111 minutos

Ano: 2002

Direção: François Ozon

Nota sobre o filme *A excêntrica família de Antônia*: a pluralidade do conceito de família em cena

Ana Carolina da Costa e Fonseca³²²

A concepção usual do que se toma como família está consagrada em comerciais de margarina que, desde a década de 1980, mostram pai, mãe, filhos e cachorro (é claro!) em torno de uma mesa comendo e rindo durante o café da manhã. É o prenúncio de mais um dia feliz! *A excêntrica família de Antônia*, filme ganhador do Oscar de melhor filme estrangeiro em 1996, contesta tal imagem como a única possível do que significa ser parte de uma família. Eles também se reúnem ao redor de uma mesa para refeições, mas o critério para o estabelecimento de vínculos é o amor e nada mais. O tradicional conceito de família é questionado. Muitas podem ser as conformações do que é ser uma família.

Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) do Brasil julgou a Arguição de descumprimento de preceito fundamental (ADPF) 132 e a Ação direta de inconstitucionalidade (ADI) 4277³²³. O resultado desta decisão é o reconhecimento de que pessoas do mesmo sexo podem viver em união estável e, conseqüentemente, devem ser tais uniões reconhecidas como entidade familiar. O argumento é simples: a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 veda qualquer forma de preconceito em decorrência do sexo no artigo 3º, IV³²⁴, e estabelece a igualdade entre homens e mulheres em relação a direitos e obrigações no artigo 5º, I³²⁵. As ações discutiam a união estável. E a corte máxima do País declarou que, se não pode haver discriminação devido ao sexo, ao tratar da união estável como uma união entre homens e mulheres, o constituinte estava apenas

322 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSA) e de Filosofia do Direito (FMP).

323 BRASIL. STF. Acórdão. Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) n.º 132. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>. Acesso em agosto de 2014. BRASIL. STF. Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) n.º 4277. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/geral/verPdfPaginado.asp?id=400547&tipo=TP&descricao=ADI%2F4277>. Acesso em agosto de 2014.

324 “Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.” BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm. Acesso em agosto de 2014.

325 “Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.”

dando um exemplo de como poderia ser a composição de um casal que pode viver em união estável, o que não consistia em vedação ao reconhecimento de outras formas de união estável³²⁶. Reconhecida a possibilidade de união estável, o passo seguinte era a regulamentação do casamento, afinal, a própria Constituição determina que se deve facilitar a conversão da união estável em casamento³²⁷.

Em maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publica a resolução 175 que proíbe as “autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo”. Desde então, não pode haver recusa a um pedido de casamento pelo fato de os nubentes terem o mesmo sexo.

A Constituição também reconhece que para haver uma entidade familiar não é preciso haver um casal, sendo suficiente um dos pais e seus descendentes, ou seja, filhos, netos, bisnetos, etc.³²⁸ O número de pessoas que compõe a cabeça da família não é mais necessariamente dois.

As decisões do STF e do CNJ reconhecem que há várias formas possíveis de ser um casal em relação ao sexo: homem e mulher, homem e homem, mulher e mulher. Dado o reconhecimento de que casais podem ser constituídos por qualquer combinação de sexos e de que uma família não tem necessariamente dois adultos como responsáveis pela prole, acredito que o passo seguinte, no Brasil, será o reconhecimento de que famílias podem ter mais do que duas pessoas formando casais. Casal, etimologicamente, significa aquilo que é pertencente a uma casa. Usualmente tomamos que dois é o número de pessoas que compõem um casal. Não há razões etimológicas e tampouco legais para não haver casais compostos de mais de duas pessoas. Espero que em breve a família de Antônia não seja mais vista como excêntrica.

Para discussão:

1. Que outros filmes ou novelas apresentam famílias para além do formato dos de comercial de margarina? Descreva a composição destas famílias.
2. Por que haveria alguma vantagem em limitarmos a maneira como as pessoas podem se organizar nas suas vidas privadas e estabelecer as

³²⁶“Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 3º – Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”.

³²⁷“Art. 226. [...] § 3º - Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”.

³²⁸“Art. 226. [...] § 4º – Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.”

regras de combinação possível entre os seres humanos para que o grupo que formam possa ser chamado de família?

Sugestões de leitura:

Veja a nota sobre o filme *Desejo proibido*: três histórias sobre uniões estáveis entre mulheres.

Sobre o filme:

Título original: *Antonias's line*

Título no Brasil: *A excêntrica família de Antônia*

País de origem: Holanda

Gênero: comédia, drama

Classificação: 18 anos

Tempo de duração: 102 minutos

Ano: 1995

Direção: Marleen Gorris

Nota sobre o filme *Desejo proibido*: três histórias sobre uniões estáveis entre mulheres

Ana Carolina da Costa e Fonseca³²⁹

O filme conta três histórias de três casais de mulheres e as dificuldades para terem suas vidas privadas reconhecidas e respeitadas, devido à forma como expressam sua sexualidade em 1961, 1972 e 2000. Estabelecer uma relação com outra mulher, ser reconhecida como herdeira da mulher com quem viveu a vida inteira e como proprietária da casa que ajudou a construir, ter filhos por inseminação artificial, são alguns dos problemas que o filme nos mostra.

Atualmente no Brasil, reconhecem-se aos casais homossexuais os mesmos direitos que aos casais heterossexuais, o que inclui o direito de casar, de herdar, de ter filhos.

Sobre a legalidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, leia-se a nota sobre o filme *A excêntrica família de Antônia*.

Para discussão:

1. Que outros filmes ou novelas apresentam famílias para além do formato das de comercial de margarina, ou seja, com um homem e uma mulher como genitores, filhos e um cachorro, em felizes cenas nas quais tomam café sentados ao redor de uma mesa? Descreva a composição destas famílias que rompem com o tradicional.
2. Por que haveria alguma vantagem em limitarmos a maneira como as pessoas podem se organizar em suas vidas privadas e estabelecer as regras de combinação possível entre os seres humanos para que o grupo que formam possa ser chamado de família?
3. Preconceito decorre de ingorância. Esta frase muitas vezes ouvida carece de explicação. Afastamos de nós aquilo que nos é estranho, e é estranho porque nos é desconhecido, ou seja, quando ingoramos algo, e ignoramos por não conhecermos, muitas vezes, agimos de modo preconceituoso. O preconceito é, portanto, uma evidência da própria ignorância. Discuta de que modo a produção de dados científicos sobre a sexualidade humana contribui para acabar com o preconceito em relação a formas de expressão da sexualidade que não seguem a heteronormatividade, isto é, que não estão conforme a regra imposta socialmente de que todos são heterossexuais.

329 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

Sugestões de leitura:

BRASIL. STF. Acórdão. Argüição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) n.º 132. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013. Veda a proibição de casamento entre pessoas do mesmo sexo. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf.

Sobre o filme:

Título em português: *Desejo proibido*

Título original: *If these walls could talk 2*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 96 minutos

Ano: 2000

Direção: Jane Anderson, Martha Coolidge e Anne Heche

Nota sobre o filme *As sessões: deficiência física e sexualidade*

Ana Carolina da Costa e Fonseca³³⁰

Baseado no artigo “On seeing a sex surrogate” (Encontrando uma substituta sexual), de Mark O’Brien, um poeta tetraplégico que contratou uma terapeuta sexual para perder sua virgindade, o filme mostra uma profissão ainda pouco conhecida, a de terapeutas que, além de sessões em que problemas são debatidos, oferecem sessões práticas, durante as quais mantêm relações sexuais com seus pacientes. A expectativa é que os pacientes mudem a relação com a própria sexualidade não porque estão convencidos de que podem agir de modo diferente, mas porque experimentaram práticas sexuais compatíveis com sua conformação corporal.

Não há requisitos para se ter uma vida sexual. Não há regras a serem seguidas. Não há um conjunto de práticas comum a todos. A sexualidade deve ser exercida como se quer, dado aquilo que se pode fazer. Todos temos limitação em nossos movimentos. Nem mesmo os tomados como “normais” podem fazer qualquer coisa. Podemos fazer o que a dita normalidade dos nossos corpos permite que façamos. Se todos nós temos alguma forma de limitação corporal, mesmo que algumas limitações, por serem comuns à maioria das pessoas, não sejam reconhecidas como tal, cabe a cada um descobrir como exercer a sua sexualidade, dadas as suas possibilidades e desejos. Deste modo, há a substituição da idéia de limitação pela de possibilidade.

Para discussão:

1. Quais são os tabus relativos ao exercício da sexualidade que existem no Brasil no presente?
2. Pense em pessoas conhecidas, tais como o músico Marcelo Yuka, o ex-BBB e atleta para-olímpico Fernando Fernandes, e o ator Verne Troyer, conhecido como Mini-Me que, apesar de algumas limitações físicas ou conformações corporais diferentes das da maioria, são publicamente reconhecidos como sexualmente ativos e defendem que deficiências físicas alteram, mas não acabam com a possibilidade de uma vida sexual ativa. Qual é a importância de declarações exemplares como a destas pessoas para o debate sobre deficiência e sexualidade?

³³⁰Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

Sugestão de leitura:

O artigo de Mark O'Brien que dá origem ao filme pode ser lido no link: <http://noteasybeingred.tumblr.com/post/16646893808/on-seeing-a-sex-surrogate-mark-obrian>.

Sobre o filme:

Título original: *The sessions*

Título no Brasil: *As sessões*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama, comédia, romance

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 95 minutos

Ano: 2012

Direção: Bem Lewin

Corpo e gênero: violência doméstica

Justiça e saúde em *O segredo dos seus olhos*

Daniëlle Bernardi Silveira³³¹

Nícolas Bernardi Silveira³³²

Dirigido por Juan José Campanella, *O segredo dos seus olhos* conta uma intrigante e real história, revela aos poucos, mesclando cenas do passado e do presente. O filme é baseado no livro *La pregunta de sus ojos*³³³ de 2005 de Eduardo Sacheri, que trabalhou com o diretor na realização desse filme.

Benjamín Espósito, o personagem principal, trabalhou como oficial no Tribunal Penal de Buenos Aires. Já aposentado decide escrever um livro sobre um caso no qual atuou, há 25 anos, e que marcou sua vida e carreira: o caso Morales. Naquele período Espósito era assistente da promotora Irene Menéndez Hastings, e trabalhava nas investigações em conjunto com Pablo Sandoval, esses personagens possuem participação importante durante o desenrolar da história.

O caso Morales consiste num estupro seguido de morte ocorrido em 1974³³⁴. A relação da justiça com a polícia à época de ditadura no país são demonstradas por meio de “obstáculos” à punição dos envolvidos e nas relações estabelecidas pelos personagens.

Ao escrever sobre o caso, Espósito revive na memória seu passado em mais uma tentativa de encerrá-lo. As pistas chegam a nós, telespectadores, aos poucos. Benjamín não consegue ficar indiferente ao acontecimento, quando visualizou a cena chocante do corpo ensangüentado da jovem. Decide, portanto, investigar a história. A vítima, Liliana Colotto, foi agredida em seu quarto e pelas pistas o suspeito a conhecia, e ela provavelmente confiava nele.

Quando Benjamín conhece o bancário Ricardo Agustín Morales, o viúvo, ele estava tomado por profundo desejo de vingança e a resolução do crime torna-se uma obsessão para o investigador. Numa fotografia, a di-

331 Enfermeira (UFCSPA). Mestranda do PPG em Patologia (UFCSPA).

332 Bacharelado em Direito (UCS).

333 SACHERI, Eduardo. *La pregunta de sus ojos*. Buenos Aires: Galerna, 2005.

334 Em 1966 a Argentina sofre um golpe de Estado, que depõe o presidente eleito, Arturo Illa. Uma ditadura é imposta pelo general Juan Carlos Onganía e tem como características o anticomunismo, o autoritarismo e o extremismo religioso. Nessa época a Aliança Anticomunista Argentina, tríplice A, foi um esquadrão da morte de extrema direita com intensa atividade contra todos os movimentos esquerdistas. A Argentina vivia uma crise econômica em meio a essa ditadura. Onganía dissolveu partidos políticos, perseguiu líderes estudantis e sindicalistas combativos, estabeleceu a censura e a apreensão de livros. VERBITSKY, H. *Ezeiza*. Buenos Aires: Planeta Espejo de la Argentina, 1995. FERNANDES, PJ; DUARTE, MGS and RODRIGUES, HBC. *Breve história da constituição do grupo plataforma argentino*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012, p. 136-149. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em agosto de 2014.

reção do olhar de Liliana Colotto desperta a atenção de Benjamín, levando-o a descobrir outros fatos como a obsessão do autor do crime pela vítima e assim a trama é desvendada. Contudo, o assassino confesso e preso por estupro seguido de morte sai da prisão em decorrência da anistia a presos políticos por fornecer informações de jovens possivelmente ligados à resistência da ditadura argentina.

A justiça

A missão precipuamente protagonizada pelos poderes executivo, legislativo e judiciário pode ser entendida como a construção de uma sociedade justa. A sociedade é regulada por esses três poderes cujas decisões afetam o destino individual, social e do próprio Estado. Decisões juridicamente adequadas a propósito de interesses governamentais levariam o princípio ético de justiça³³⁵ aos palcos dos tribunais.

Assim, o filme *O segredo dos seus olhos* instiga nosso raciocínio diante de injustiças do presente e do passado histórico, na punição ou não da corrupção. Essa corrupção³³⁶ fica clara quando a influência do poder do regime da ditadura é colocada no plano das decisões jurídicas. A atitude de recorrer a um juiz com o objetivo de intervir nos casos em que há perdas e ganhos, segundo Aristóteles, equivale a buscar por justiça já que a decisão tomada pelo juiz ocorre com base nos princípios legais que são devidamente criados pelos indivíduos para uso próprio, com vistas à manutenção do equilíbrio social. Assim “em alguns Estados os juízes são chamados de mediadores, na convicção de que se os litigantes conseguirem o meio-termo obterão o que é justo.”³³⁷ Ainda na busca por justiça, os dois maiores filósofos do século XVIII, os alemães Immanuel Kant e Georg Wilhelm Friedrich Hegel, defenderam a pena de morte. Kant, defendendo a teoria retributiva da sanção penal³³⁸: “Se ele matou, deve morrer”,

335 O princípio da justiça é relativo ao convívio entre os indivíduos que se coloca na interface entre a ética individual e a ética coletiva. Refere-se às interações sociais dos indivíduos, é a virtude da cidadania. A idéia de justiça é relativa a uma dada cultura em determinado momento histórico. Para Aristóteles a justiça era fundamental para dar a cada um o que é seu ou a cada um o que lhe compete, o que lhe é devido. FORTES, Paulo Antonio de Carvalho. Orientações bioéticas de justiça distributiva aplicada às ações e aos sistemas de saúde. *Revista Bioética*. 16(1), 2008, p. 25-39.

336 Corrupção é a ação de desvirtuamento de hábitos. Isto é, nesse caso dispondo de meios para ter acesso a informações confidenciais, podendo ser para proveito próprio. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2004.

337 ARISTÓTELES. *Metafísica: livros 1 e 2; Ética e Nicômaco; Poética*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Vincenzo Cocco et al. (trad.) São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 126.

338 Teoria retributiva diz respeito à forma adequada de punir infrações à lei. A pena vem para tentar restaurar uma ordem abalada. Dessa forma, a pena tem a função de realizar a justiça, é a partir de sua aplicação que se compensa a culpa do autor. O fundamento ideológico das

inexistindo qualquer outra pena que fosse justa. Como encontrar justiça quando a perda não pode ser restituída? A esposa Liliana não pode ser restituída ao viúvo. O Poder Judiciário recorre à aplicação de uma pena que envolve a perda ou a restrição de um direito conforme a constituição e o código penal do país como uma forma de fazer justiça.

O agir com ética no relacionamento humano significa respeitar o próximo, possibilitando o bem-estar para outro, para si próprio e, enfim, para o relacionamento entre essas partes. Entretanto, além da ética e da cidadania, o bem-estar social necessita também do Poder Judiciário, que, conforme o respeito e a aplicabilidade da lei, deveria reconhecer, respeitar e assegurar os direitos dos cidadãos. A luta contra a ilicitude e a impunidade é o que provavelmente move Morales a manter em cárcere privado e sem comunicação o autor do crime contra sua esposa.

A saúde

O filme expõe a densidade de personalidades distintas, eis que personagens apresentam dificuldade de lidar com situações tanto internas quanto externas. Fica claro que a ditadura pode reprimir as atitudes, todavia não os pensamentos. A indignação transborda da mente e das palavras de Espósito, ao perceber que a punição de acordo com a justiça não seria aplicada. A indignação faz com que nós telespectadores possamos perceber o envolvimento emocional que o personagem principal estabelece com o caso Morales.

Espósito sofre com a cena do crime, com a situação do viúvo e com a liberdade do criminoso. A morte do companheiro de trabalho e amigo, Pablo Sandoval, em circunstâncias obscuras também atormenta o aposentado. O Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT)³³⁹ é descrito pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)³⁴⁰

teorias absolutas da pena baseia-se na idéia de que a missão do Estado perante os cidadãos deve limitar-se à proteção da liberdade individual. BITENCOURT, Cezar Roberto. *Tratado de Direito Penal*: parte geral. 11ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2007, v 1, p. 83.

339 Na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III) em 1980 é introduzido o conceito de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) sistematizando conceitos como “fadiga de batalha”, “trauma emocional”, “neurose traumática” e “choque nervoso”. Já na quarta edição do DSM reconhece-se que as experiências traumáticas são comuns e passa-se a exigir uma resposta envolvendo medo intenso, impotência ou horror. RANGÉ, B. (org.). *Psicoterapia cognitivo-comportamental: um diálogo com a psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

340 O Manual de Diagnósticos e Estatísticas de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders Fourth Edition – DSM-V*) é um manual para os profissionais da área da saúde. Esse manual lista diferentes categorias de transtornos mentais assim como os critérios para realizar o diagnóstico, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association – APA*). Ele é utilizado

como um *transtorno de ansiedade* que se origina a partir da experiência, testemunho ou confronto com um ou vários acontecimentos traumáticos que envolveram morte ou ferimentos graves ou ameaça à integridade física, quando a pessoa vivencia uma situação de violência física tais como acidente automobilístico, catástrofes naturais, estupro, seqüestro, morte de entes queridos, assalto, agressão física, dano emocional. Ainda, o DSM-V descreve o cenário do TEPT como a exposição a um acontecimento traumático durante o qual alguém sente medo, desespero ou horror. Posteriormente, as vítimas revivem o acontecimento por meio de lembranças e/ou pesadelos³⁴¹. Quando as recordações acontecem muito de repente e as vítimas revivem o fato, diz-se ocorrer um *flashback*.

É justamente por meio dos *flashbacks* de Espósito que o telespectador é transportado para as pistas do caso e, principalmente, para a cena do crime. O filme inquieta a mente e instiga quem o assiste a unir as pistas e desvendar juntamente com o personagem principal o que realmente aconteceu com a vítima. Assim, a violência testemunhada por Espósito é revivida por nós e um profundo sentimento de injustiça, diante do desenrolar dos fatos, assola a todos.

Além de Liliana Colotto outros personagens foram agredidos. Espósito leva sua vida com lembranças atormentando-o com um provável TEPT. Mas, e o viúvo? Ele afasta-se de tudo, decide agir por conta própria, fazer justiça com suas próprias mãos. A qualidade de vida³⁴² dele é comprometida. Ricardo Morales fica obcecado e determina a si mesmo cumprir o papel que ele acredita que o Poder Judiciário deveria ter feito. A resiliência³⁴³ de Ricardo é “posta em xeque” e a dificuldade de retomar sua vida sem

internacionalmente por clínicos e pesquisadores. É um sistema de classificação categórica. ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. *DSM-V: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

341 Sintomas de revivência são uma tentativa de processar e integrar o evento traumático, tendo como produto a ativação da emoção, gerando o processamento da informação. KNAPP, Paulo. et al. *Terapia Cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 270.

342 Qualidade de vida é compreendida como uma forma de percepção do próprio existir, a partir de esferas objetivas e subjetivas. Minayo et al., (2000, p.10) define qualidade de vida como uma noção humana que aproxima o grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Ainda segundo Minayo et al., o termo abrange diversos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos. MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. In: *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, 2000.

343 Resiliência é compreendida como resistência ao estresse e a condições adversas que envolvam risco ao bem-estar, desenvolvimento e saúde mental. O termo está associado a processos de recuperação e superação de abalos emocionais por algum agente estressor. ASSIS, Simone; PESCE, Renata; AVANCI, Joviana. *Resiliência: Enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 17-28.

sua esposa demonstra o quanto é importante a atenção à saúde mental dos indivíduos que vivenciam uma situação difícil, por vezes traumática.

Considerações finais

Justiça e saúde são vivenciadas nesse longa-metragem permitindo a quem assiste interrogar-se a cada cena sobre os acontecimentos do caso Morales. O personagem principal transmite a angústia diante de acontecimentos jurídicos e políticos, sentimentos vivenciados tanto pela sociedade passada com inúmeras ditaduras, quanto pela atual com uma maioria de regimes democráticos tendo ainda a manipulação de informações e a opressão.

Diante das injustiças e do sofrimento humano, Espósito foi motivado a sair da inércia a fim de descobrir a verdade do caso. Nessa ação de busca pela verdade o tempo é uma chave em *O segredo dos seus olhos*, uma vez que no transcorrer da história os personagens são revelados por meio de suas ações e das decisões que realizam.

Para discussão:

1. A impunidade não se revela simplesmente pela falta de aplicação da pena declarada, significa também o não cumprimento da pena declarada ou aplicada. Dessa forma quando um criminoso fica impune a Justiça perde sua credibilidade perante a sociedade, incentivando que o mesmo delito seja cometido por outras pessoas. A impunidade pode ser um dos fatores que causam insegurança na sociedade, você sente essa insegurança na nossa sociedade? Se sim, de que forma tal sentimento afeta suas ações diárias?
2. De acordo com Grotberg resiliência “é a capacidade humana para enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”, ainda amplia o conceito afirmando que a resiliência é conhecida como um artefato para promover a saúde mental e auxiliar na qualidade de vida.³⁴⁴ Assim, a resiliência pode ser um processo a ser promovido e desenvolvido para enfrentar as adversidades. Quais estratégias podem ser desenvolvidas por você em seu cotidiano para aumentar sua resiliência?
3. Espósito, quando aposentado, decidiu escrever um livro contando sobre o caso Morales. Você acredita que esse fato o ajudou a superar as impunidades do caso e um possível Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT)?

³⁴⁴GROTBERG, Edith Henderson. Nuevas tendencias en resiliencia. *Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas*. Buenos Aires: Paidós, 2003. Disponível em: <http://www.addima.org/Documentos/Nuevas%20tendencias%20en%20resiliencia%20Grotberg.pdf>, p. 20. Acesso em agosto de 2014.

Sugestões de leitura:

ARASI, Diana. *Trauma e EMDR – Uma nova abordagem terapêutica*. Brasília. Nova Temática, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, 2000, p. 7-18.

SACHERI, Eduardo. *La pregunta de sus ojos*. Publisher, Editorial Galerna, 2005.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *O segredo dos seus olhos*

Título original: *El secreto de sus ojos*

País de origem: Argentina

Gênero: drama, policial

Classificação: 12 anos

Ano: 2009

Tempo de duração: 127 minutos

Direção: Juan José Campanella

***Amor?* A dualidade (não natural) do afeto e da violência**

Nathalia Zorzo Costa³⁴⁵

O filme brasileiro *Amor?* é um híbrido entre documentário e filme. Dirigido por João Jardim, foi vencedor do Prêmio do Júri Popular e do Prêmio Vagalume do 43º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O filme é fruto de uma pesquisa de campo que envolveu a coleta de sessenta depoimentos em áudio e filmagem, das quais oito foram selecionados, transcritos e editados com precisão. Com o objetivo de preservar a identidade dos entrevistados, o filme é interpretado por atores e atrizes que narram histórias amorosas verdadeiras pautadas no amor, na violência e na possessividade. O longa-metragem narra histórias amorosas de Laura, Fernando, Carol, Paulo, Júlia, Cláudia, Lineu e Alice, todos possuem algo em comum: conviveram com a violência no mais íntimo dos relacionamentos, ou como agressores, ou como agredidos. Através dos relatos, levam-nos ao questionamento sobre a violência, sua construção social e a sua origem. Alguns personagens a encaram como algo natural, que faz parte do cotidiano das relações pessoais, outros a enxergam como um problema a ser enfrentado. A primeira história contada é de Laura, agredida pelo marido durante o casamento. É uma história comum a muitas mulheres. Ela relata como o amor e a agressividade podem estar juntos no relacionamento, bem como a violência contra a mulher, a reconciliação, a indiferença e o perdão. Durante seu relato, Laura reflete:

— eu provoquei... sabe aquela história de que mulher gosta de apanhar? Não é que eu goste de apanhar, mas às vezes é preciso apanhar.. a partir do momento que eu assumi meu papel de mulher as coisas o meu relacionamento mudaram, o relacionamento se tranquilizou.

Laura acredita que precisou levar “porrada” para assumir o seu papel de mulher na relação e, deste modo, garantir a estabilidade do relacionamento. Para ela a responsabilidade e pelas agressões é sua. A violência contra as mulheres está presente no cotidiano das mulheres brasileiras, segundo estudo realizado pela Fundação Perseu Abramo no ano de 2004, a cada 15 segundos uma mulher era espancada no Brasil, 175 mil mulheres ao mês.³⁴⁶ No ano de 2010, houve significativa mudança nesse intervalo de tempo, aumentando de 15 para 24 segundos. Esta mudança significa que antes 8 mulheres eram espancadas a cada 120 segundos, em 2010 esse

345 Bacharela em Enfermagem (UFCSPA). Pós-graduanda em Especialização em Saúde Pública (UFRGS). Enfermeira na área de Estratégia de Saúde da Família.

346 VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Recamán; Oliveira, Suely. *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

número diminuiu para 5.³⁴⁷ Em 2004, a estimativa era que pelo menos 6,8 milhões, dentre as brasileiras vivas, foram espancadas ao menos uma vez na vida. Apesar do importante decréscimo neste período, os dados indicam como é grave a situação da violência contra a mulher no Brasil.

Outra história narrada no filme é a de Fernando, que conviveu com violência contra a sua mãe desde menino. Durante sua vida a viu ser agrida pelos companheiros. Tornou-se um agressor com a justificativa de que viu a violência na infância. Para ele, sua mãe era responsável pela violência que sofria. Agredir as companheiras tornou-se um “vício” para Fernando, uma necessidade. Para compreender a violência nos relacionamentos amorosos, é preciso refletir sobre a origem da violência contra as mulheres. A violência contra a mulher é uma violência de gênero baseada no patriarcado (poder do homem sobre a mulher - ou do masculino, como uma categoria social, na qual as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens), e no machismo (não há igualdade entre mulheres e homens). A desigualdade não é natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos nas relações sociais, não é colocada previamente, é construída socialmente.³⁴⁸

A violência contra a mulher é uma violência de gênero, que pertence a uma categoria de violência que abrange a doméstica e a familiar. Segundo Heleieth Saffioti, a violência familiar e a doméstica envolvem membros de uma mesma família extensa ou nuclear, levando-se em conta a consanguinidade, ou não, e a afinidade. Dessa forma, a violência de gênero pode ocorrer no interior do domicílio ou fora dele.³⁴⁹ A violência nas relações amorosas é comum e acarreta traumas psicológicos, físicos e a morte de mulheres. Segundo a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), a violência contra a mulher pode ser doméstica ou familiar, e é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, sendo também uma violação dos direitos humanos. As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente, pode-se afirmar o mesmo para a moral.

A Lei Maria da Penha foi criada com o objetivo de coibir atos de violência contra a mulher, e é aplicada em todos os tipos de relações em que

347 MORIÈRE, Laisy. Fundação Perseu Abramo. *Políticas públicas e combate à violência contra a mulher*. 2011 Disponível em <http://novo.fpabramo.org.br/content/politicas-publicas-e-combate-violencia-contra-mulher>. Acesso em agosto de 2014.

348 SAFFIOTI, Heleieth I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *Perspectiva*. São Paulo, v. 13, n. 4, Dec. 1999.

349 SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

uma mulher seja agrida, heterossexual, homossexual, ou ainda em relações não-amorosas, mas familiares ou íntimas.³⁵⁰ Segundo o *Dossiê da Mulher*, do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, no ano de 2012, ocorreram 58.051 registros de lesão corporal dolosa, 295 homicídios dolosos, 4.993 estupros, e 55.171 mulheres foram ameaçadas, somente no Estado do Rio de Janeiro.³⁵¹ Apesar do alto número de ocorrências, esse não representa o total de mulheres que sofrem violência, tendo em vista que muitas mulheres não comunicam à autoridade policial a agressão sofrida. Histórias como a de Laura, Fernando e tantas outras histórias reais narradas no longa-metragem ou as que conhecemos ao longo de nossa vida, estão baseadas no tipo de estrutura social em que vivemos.

A violência decorre do patriarcado (na qual o homem considera que tem poder sobre a mulher) e da desigualdade de gênero e de diferenças culturais. Neste modelo, o homem acredita ser o dono da mulher, mesmo que inconscientemente, portanto pode agredi-la se quiser. Este sentimento de possessividade (de posse) pode estar presente em qualquer tipo de relação afetiva, seja heterossexual, seja homossexual. O filme *Amor?* através dos relatos reais de violência, nos leva ao questionamento sobre a naturalidade encarada pelas personagens, ou não, no que refere ao relacionamento amoroso pautado na violência.

Para discussão:

1. A violência contra as mulheres está presente no cotidiano das mais diversas sociedades. Este tipo de violência é baseada no patriarcado (poder do homem sobre a mulher) e no machismo (mulheres subordinadas aos homens). Devido a isso, diariamente, as mulheres e os homens são ensinados qual “é o papel da mulher e do homem” na sociedade. Tais relações de poder existentes contribuem para a efetivação da violência contra a mulher nas relações amorosas. Você consegue identificar as formas de violência contra a mulher?
2. Estima-se que no Brasil uma mulher é espancada a cada 24 segundos. Na sua opinião, o que é preciso acontecer para que deixe de existir violência contra as mulheres aqui?

350 BRASIL, Decreto-Lei, nº 11.340, 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acesso em Abril de 2014.

351 Dossiê Mulher 2013. Instituto de Segurança Pública; Organizadores: Paulo Augusto Souza Teixeira, Andréia Soares Pinto e Orlinda Claudia R Moraes. Rio de Janeiro: Riosegurança, 2013.

Sugestões de leitura:

BRASIL. Lei Maria da Penha. Decreto-Lei, nº 11.340, 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf. SAFFIOTI, Heleieth. *Já se mete a colher em briga de marido e mulher*. São Paulo Perspectiva São Paulo, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth; BONGIOVANI, Iara. *Gênero patriarcado e violência*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely. *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma Bokany; DIAS, Rita. *Mulheres Brasileiras e gênero nos espaços públicos e privados*. Fundação Perseu Abramo. 2010. Disponível em <http://www.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>.

Sobre o filme:

Título: *Amor?*

País de origem: Brasil

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 100 minutos

Ano: 2011

Direção: João Jardim

O sonho de Wadjda: um olhar sobre os direitos e as liberdades de meninas e mulheres na Arábia Saudita

Elena de Oliveira Schuck³⁵²

Luiza Mury Scalco³⁵³

Considerada a primeira produção cinematográfica saudita de todos os tempos e dirigida por uma mulher, *O sonho de Wadjda* traz elementos revolucionários para o cinema. A diretora Haifaa Al Mansour não hesita em afirmar o pioneirismo de suas atividades no país, e vê no cinema um meio para dar voz às mulheres silenciadas, bem como um meio para uma mudança social direta para as mulheres árabes. Produzido durante cinco anos, devido às dificuldades de filmagem num país com diretrizes políticas e religiosas bastante conservadoras, o filme acabou sendo lançado em consonância com a Primavera Árabe³⁵⁴, chamando a atenção para questões de gênero que até mesmo os movimentos pró-democracia da região esqueceram. *O Sonho de Wadjda* revoluciona ao trazer para a tela as mazelas dos direitos das meninas e das mulheres na Arábia Saudita, instigando-nos a pensar sobre desigualdades de gênero, justiça e direitos humanos, e nos desafiando a estender tais reflexões para muito além da realidade saudita.

A trama tem como protagonista a menina Wadjda, de 11 anos, que sonha em ganhar uma bicicleta, embora saiba que deverá enfrentar desafios de diversas ordens - desde o convencimento da família até os mais criativos meios de financiamento - para realizar seu desejo lúdico. Conforme o desenrolar das suas várias peripécias, é apresentado ao espectador um mundo onde às meninas e às mulheres são reservados muito menos direitos do que aos homens, com reprimendas e punições severas em casos de infrações de normas. A menina Wadjda, com seu espírito crítico e questionador, confere à narrativa uma leveza incomum para abordar temas como a desigualdade de gênero e o cerceamento às liberdades das mulheres.

352Doutoranda e Mestra em Ciência Política (UFRGS) e Bacharela em Relações Internacionais (UFRGS).

353Mestra em Desenvolvimento e Relações Internacionais com ênfase em Estudos da América Latina (Universidade de Aalborg, Dinamarca) e Bacharela em Relações Internacionais (ESPM).

354A Primavera Árabe é, como ficou conhecida, a onda revolucionária de manifestações e protestos no Oriente Médio e no Norte da África desde o final de 2010. O uso de mídias sociais como Facebook, Twitter e Youtube tornaram-se ferramentas muito presentes na organização de passeatas, na comunicação e na sensibilização da comunidade internacional frente à repressão e à censura por parte dos Estados. JOFFÉ, George. A Primavera Árabe no Norte de África: origens e perspectivas de futuro. *Relações Internacionais*, n.30, Lisboa jun. 2011.

É com um coro de meninas uniformizadas que o filme inicia. A cena mostra um grupo de alunas de uma escola que canta sob a supervisão de uma professora. Já na cena inicial Wadjda é repreendida por se distrair, e em seguida é expulsa do grupo de canto. Ainda nesse início, o comportamento singular de Wadjda é reiterado pelo uso de tênis Converse – destoante do conjunto de sapatos de couro preto e meias brancas das demais colegas de classe. O rígido ambiente escolar retratado no filme sintetiza as restrições impostas às meninas estudantes, com advertências para as que usam esmalte nas unhas e toque de recolher no pátio interno da escola quando alguns operários que trabalham num edifício vizinho observam as alunas.³⁵⁵ A diretora, repetidas vezes, repreende as meninas por falarem alto, e diz que suas vozes não devem ser ouvidas pelos homens fora da escola. Assim, o desejo de Wadjda, inocentemente expresso para a diretora da escola, também acaba sendo reprimido com o argumento de que bicicletas não são para meninas.

Wadjda, no entanto, não se convence de que realmente não possa brincar com o que tiver vontade. Em meio às negativas da mãe e a economias insuficientes, decide participar do concurso religioso promovido pela sua escola, que oferece o prêmio de mil rials, suficiente para comprar a bicicleta. A garota passa então a freqüentar as aulas de ensino religioso, uma vez que precisa recitar os versos do Corão com perfeição para vencer a competição.

355 Algumas considerações a respeito da educação feminina na Arábia Saudita são pertinentes para o entendimento do valor diferenciado dado a meninos e meninas. A educação feminina surge a partir de demandas da elite Saudita, e apenas a partir de 1960 é garantido às meninas o direito de estudarem em escolas públicas, separadamente dos meninos. Durante toda a sua vida escolar, elas têm os estudos supervisionados e regulados por um conselho de Ulamas, para garantir que aquilo que lhes é ensinado esteja de acordo com a “natureza feminina”. Além de terem o estudo mais direcionado à esfera privada, assistem também a aulas de estudos religiosos, onde mensagens sobre papéis de gênero são incorporadas e contribuem para consolidar as expectativas e oportunidades disponíveis para mulheres e meninas da sociedade Saudita. DOUMATO, Eleanor Abdella; POSUSNEY, Marsha Pripstein. *Women and Globalization in the Arab Middle East: Gender, Economy and Society*. Londres: Lynne Rienner Publishers, 2003. O país recentemente investiu muito em educação, com a abertura de novas universidades e melhorias tecnológicas em escolas, porém a garantia de uma infraestrutura moderna não resolve os problemas estruturais do modelo de educação segregada ALMUNAJJED, Mona. *Women's Education in Saudi Arabia. The Way Forward*. Riyadh: Booz & Company, 2009.

Nesse ambiente de culto à religião³⁵⁶ são evidenciadas algumas práticas que, aos olhos dos espectadores, podem parecer injustas, insensatas e violadoras de direitos³⁵⁷. Em uma das cenas em que diversas meninas lêem os versos, algumas utilizam lenços para tocar o livro sagrado seguindo a instrução de não manusear diretamente o Corão enquanto estiverem em período menstrual. Ainda nas aulas de ensino religioso, uma menina de no máximo treze anos leva fotos de seu casamento, as quais mostram um noivo já adulto. Embora a ingenuidade da menina atenuie algumas reações do espectador, essa cena mostra como a prática do casamento infantil é ainda comum, embora seja internacionalmente reconhecida como uma violação de direitos humanos.

Em seguida, as meninas lêem uma passagem do Corão que fala sobre arder no inferno em caso de desobediência. Não é por acaso a escolha da passagem, que conecta a idéia de casamento à obediência, uma vez que se trata de casamentos (inclusive infantis) arranjados entre famílias. Em diversas ocasiões durante o filme menciona-se esse tipo de arranjo, e a expressão “casar a filha” é usada. O, e o verbo casar é usado de maneira que os pais são o sujeito e as meninas, o objeto na frase: “não se preocupe, não iremos casá-la”, diz a mãe à Wadjda, tranqüilizando-a.

O cuidado com as filhas inclui a preocupação em casá-las, enquanto jovens preferencialmente, a fim de preservar sua virgindade. Abir, uma estudante da mesma escola, precisa forjar o documento de autorização para que possa sair da escola acompanhada de um jovem. Em troca de vinte *rials*, Wadjda aceita entregar a autorização ao namorado de Abir, que aguarda a jovem em frente à escola. Em uma conversa telefônica entre a mãe de Wadjda e sua amiga Leila, comenta-se que a reputação de a de Abir foi destruída – pois seu encontro com o jovem possivelmente acarretou na perda da sua virgindade – e que seus pais já deveriam tê-la casado, apesar da menina ainda estar freqüentando a escola. A mãe de Wadjda a tranqüiliza quando vê que a filha escuta a conversa e se assusta.

A falta de direitos e a opressão impostas às mulheres adultas também são reveladas no filme através do cotidiano da mãe de Wadjda. Ela assume todas as tarefas domésticas, toma conta de Wadjda e depende de um motorista para se deslocar até o seu local de trabalho, já que as mulheres

356 Doumato e Posusney explicam a força da religião islâmica na Arábia Saudita, e a sua presença em todos os aspectos da vida no país, uma vez que a afiliação religiosa foi extensivamente usada no processo de criação de uma identidade nacional saudita, especialmente para criar um vínculo entre tribos e pessoas que não possuíam muito em comum além da religião. DOUMATO, Eleanor Abdella; POSUSNEY, Marsha Pripstein. *Women and Globalization...*

357 DOUMATO, Eleanor Abdella; POSUSNEY, Marsha Pripstein. *Women and Globalization...*

ainda não têm permissão para dirigir na Arábia Saudita³⁵⁸. A restrição ao direito de ir e vir das mulheres sauditas é mais um dos pontos extremamente atual que o filme toca, considerando o contexto da Primavera Árabe, quando mulheres sauditas aproveitaram o momento de contestação para demandar o direito de dirigir.³⁵⁹

A noção de que a poligamia é algo normal e aceito pelas mulheres sauditas é questionada no filme, na medida em que a mãe de Wadjda tem o segundo casamento do marido no cerne das suas preocupações e faz de tudo para evitar que este ocorra. Ele a “tranquiliza” ao dizer que o segundo casamento não acontecerá desde que ela lhe dê um filho homem, ignorando as impossibilidades físicas da esposa de gestar um segundo filho depois do complicado parto de sua filha. O valor distinto dado aos filhos homens e mulheres também é exemplificado na cena em que Wadjda, ao ver um quadro da árvore genealógica da família apenas com os membros masculinos, coloca seu nome ao lado do nome do pai, com um simples *post-it* e no dia seguinte vê que seu nome foi retirado, e o papel com seu nome, amassado.

A amizade de Wadjda com o menino Abdullah também serve como exemplo do tratamento diferenciado que existe para meninos e meninas, além de demonstrar outra transgressão de Wadjda, já que não é comum a convivência, muito menos a amizade, entre meninos e meninas. Os encontros se dão em geral na rua, onde Abdullah pratica esportes ou brinca com seus amigos meninos, em total liberdade, e Wadjda está de passagem, indo da casa para a escola e vice-versa. A amizade pouco comum entre homens e mulheres, mesmo dentro da família, no Oriente Médio, é considerada por alguns teóricos³⁶⁰ um fator influenciador das violências

358 É importante salientar que não existe nenhuma lei que negue o direito das mulheres de dirigir. Porém o clero estabeleceu um banimento em 1991, a partir da qual o Ministério Interior não poderia conceder às mulheres licenças para dirigir. KHALIFE, Nadya. Saudi Arabia must fulfil its promise to let women drive. *The Guardian*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2011/jun/16/saudi-arabia-ban-women-driving>. Acesso fevereiro de 2014.

359 Manal al-Sharif, líder dos protestos pelo direito das mulheres sauditas de dirigir automóveis, causou furor ao publicar vídeos através de Facebook e Youtube, nos quais ela mesma dirigia no país, e terminou sendo presa (MACFARQUHAR, Neil. Saudis arrest woman leading Right-To-Drive campaign. *The New York Times*. Disponível em: http://www.nytimes.com/2011/05/24/world/middleeast/24saudi.html?_r=0. Acesso em fevereiro de 2014). A campanha, “Women2drive” contou com a adesão de diversas mulheres ocidentais, entre elas Hillary Clinton, que durante a época da campanha fez um apelo à ONU para agir com firmeza para garantir os direitos das mulheres. LEMMON, Gayle Tzemach. Arab Spring benefits Saudi women. *The daily beast*. Disponível em: <http://www.thedailybeast.com/articles/2011/09/26/saudi-women-win-voting-rights-thanks-to-arab-spring.html>. Acesso em fevereiro de 2014.

360 DAS, Veena. Violence, Crisis, and the Everyday. *International Journal of Middle East*

praticadas contra as mulheres, bem como da naturalização e justificação das mesmas. Existem no filme algumas alusões a essa violência de gênero, a exemplo da cena em que a menina Wadjda passa ao lado de uma obra de construção quando operários a convidam para subir e “brincar” com eles.

O desejo da protagonista de andar de bicicleta surge a partir da amizade com Abdullah. Em uma cena, ele rouba seu lenço e ela o persegue enquanto ele anda de bicicleta, incapaz de alcançá-lo. Quando o lenço é devolvido, Wadjda o ameaça dizendo que se ela tivesse uma bicicleta, apostaria uma corrida com ele e seria capaz de ganhar. Quando Abdullah diz que meninas não podem andar de bicicleta, ela retruca que então perder para ela seria como perder em dobro. O menino demonstra apoio à decisão de Wadjda, ensinando-a como andar de bicicleta e emprestando a sua para ela. Porém, essa amizade não deixa de causar certo estranhamento a Abdullah, que numa cena diz à sua amiga que tem planos de casar-se com ela no futuro, demonstrando que existem poucos caminhos para um menino e uma menina fora de um contexto matrimonial.

Com empenho e dedicação surpreendentes, Wadjda vence a competição de recitação de versos do Corão. Logo após a divulgação do resultado no auditório da escola, quando é questionada sobre o destino do prêmio, ela revela que pretende comprar uma bicicleta e é imediatamente penalizada pela sua espontaneidade e autonomia. A diretora da escola a censura, reforçando o discurso de que bicicletas não são para meninas, ainda mais para aquelas que “temem pela sua honra”. A diretora decide então doar o prêmio para os irmãos palestinos, deixando claro para Wadjda e para todas as meninas presentes no auditório que existem poucas possibilidades sobre o que uma menina ou mulher pode decidir a respeito de sua vida.

Uma menina que anda de bicicleta pode se deslocar com mais liberdade e autonomia, e isso não é coerente com as restrições impostas às meninas e às mulheres sauditas. Esses direitos básicos de cidadania são constantemente negados a elas, em casos de desobediência são feitas retaliações à sua honra e, com isso, fecha-se um círculo de repressão e punição às mulheres na sociedade saudita. Em 2013 foi feita uma “concessão” às mulheres sobre o direito de andar de bicicleta – desde que dentro de parques, completamente cobertas e acompanhadas de um homem. Ou seja, a bicicleta enquanto meio de transporte, como instrumento da liberdade de ir e vir, ainda é reservada somente aos homens. Às mulheres foi concedido apenas o direito de usar a bicicleta “com fins recreativos”, atestando, através de mais uma medida legal, o tratamento discriminatório

Studies, v. 45, Issue 4, Cambridge University Press, 2013.

dado às mulheres sauditas.

Frustrada com o desencadeamento da premiação do concurso escolar, a protagonista volta para casa e conta para sua mãe o ocorrido. Esta, já sabendo dos desdobramentos, diz à filha para subir até o terraço da casa, pois lá há algo para ela. Wadjda, ainda abatida, se surpreende com o presente deixado pela mãe: uma bicicleta. Momentos depois mãe e filha escutam sons do que parece ser uma festa. A mãe lhe diz que aquela é a festa do segundo casamento do pai, abraça-lhe e diz: “daqui por diante seremos somente nós duas”.

A cena final do filme mostra Wadjda e Abdullah, cada qual em sua bicicleta, apostando uma corrida que terá a menina como vencedora. Apesar das muitas privações, injustiças e obstáculos, a mensagem trazida pela trajetória de Wadjda é de que os constantes questionamento e transgressões foram válidos e que a coragem e a persistência para lutar por direitos e igualdade valem a pena. Nesse sentido, pode-se trazer a trajetória da própria diretora Haifaa Al Mansour, igualmente corajosa, que em muitos momentos precisou dirigir as filmagens de dentro de uma van, com o auxílio de *walkie talkies* para não ser vista por homens nos sets de filmagem externos. Na Arábia Saudita, ficção e realidade unem-se para mostrar a necessidade da luta feminista por direitos iguais, para que muitas outras diretoras de cinema, mulheres e meninas tenham a chance de viver em condições de justiça, igualdade e liberdade, não só no Oriente Médio, mas em todo o mundo.

Para discussão:

1. As dificuldades de “ser mulher” na Arábia Saudita ficam evidentes tanto na trama do filme *O sonho de Wadjda* quanto na difícil trajetória para realização e produção dele. Muitas das dificuldades enfrentadas por mulheres estão presentes em outros contextos regionais, ainda que de forma não necessariamente legal, mas normativa. Na sua opinião, em comparação a outras realidades sociais, quais seriam os problemas de fundo comum enfrentados pelas mulheres? Quais alternativas poderiam ser sugeridas para solucionar tais problemas?
2. A trama de Wadjda é simultânea aos desdobramentos da Primavera Árabe na região. Algumas críticas feministas a este movimento social decorrem do fato de ele não se endereçar diretamente às mulheres embora seja caracterizado como democrático. Aponte as limitações de se pensar em renovações democráticas e sociais igualitárias sem considerar os direitos das mulheres pertencentes à esfera dos direitos humanos.
3. A questão matrimonial se faz presente no decorrer do filme, seja através da prática da poligamia, seja através de casamentos infantis.

Que as associações podem ser estabelecidas entre ambas as práticas matrimoniais? Identifique elementos dessas duas práticas que possam ser caracterizados como agravantes da vulnerabilidade de mulheres e meninas.

4. A educação tende a ser encarada como um instrumento de libertação individual em diversos contextos sociais. Em *O sonho de Wadjda*, deparamo-nos com um ambiente escolar que, antes de tudo, promove políticas educacionais que reforçam as desigualdades de gênero. Identifique tais práticas e estabeleça relações com as práticas de outros contextos sociais/regionais/geográficos sugerindo alternativas que promovam a igualdade em consonância com os direitos humanos.

Sugestão de filme:

DIAB, Mohamed. *Cairo 678*. Produção de Mohamed Diab, direção de Mohamed Diab. Egito: Dolar Filme, 2010. Tempo de duração: 100 minutos.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *O sonho de Wadjda*

Título original: *Wadjda*

País de origem: Arábia Saudita, Alemanha

Gênero: drama

Classificação: 12 anos

Tempo de duração: 98 minutos

Ano: 2012

Direção: Haifaa Al Mansour

Mulher, violência e opressão no pampa gaúcho: uma análise do filme *A intrusa*

Aline Winter Sudbrack³⁶¹

O filme *A Intrusa* do diretor Carlos Hugo Christensen é inspirado no conto homônimo de Jorge Luis Borges. A história se passa em Uruguaiana no Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina, por volta de 1897 e conta a vida de dois irmãos, Cristiano e Eduardo Nilsen, que vivem sozinhos numa estância. Solitários, os irmãos possuem um vínculo profundo de amizade e parecem não necessitar de mais ninguém em suas vidas. Até que um dia Cristiano, o irmão mais velho, leva uma mulher, de nome Juliana, para casa. Juliana passa a ser uma espécie de serviçal doméstica e, à noite, presta serviços sexuais ao irmão mais velho. Aos poucos surge uma certa tensão na vida cotidiana do rancho em que vivem, os sentimentos vão mudando gradualmente. Aos poucos vão surgindo sensações perturbadoras entre Cristiano e Eduardo, uma profusão de sentimentos motivados pela disputa por Juliana, usada como um objeto sexual de ambos.

***A intrusa* no mundo ficcional de Jorge Luis Borges³⁶²**

O conto *La Intrusa* reedita o tema da tríade amorosa, sendo que a nota passional será dada por uma linguagem árida, recriando a rudeza da vida dos tropeiros no final do século XIX, no pequeno povoado de Turdera. A história traz elementos importantes não contemplados na narrativa fílmica. O que salta aos olhos, à primeira vista, é o papel de Juliana na configuração do triângulo amoroso que ela, involuntariamente, irá formar com os dois irmãos. A mulher, tanto no filme, quanto no conto, é comparada a um animal, pois é o próprio autor que relata que esta atendia ao desejo dos dois com uma submissão bestial. Ou seja, Juliana é como um objeto sem direito nem mesmo à palavra, que é trazida para a casa como uma servente para serviços domésticos e sexuais, é vendida como mercadoria e seus patrões não parecem demonstrar o menor sentimento por ela. Ao contrário, ela é vista como a intrusa que irá arruinar a relação dos dois e que, por isso, deverá ser sacrificada.

361 Doutora em Sociologia (UFRGS). Professora de Sociologia (UFCSPA).

362 “Jorge Luis Borges (Buenos Aires, 24 de Agosto de 1899 — Genebra, 14 de Junho de 1986) foi um escritor, poeta e ensaísta argentino mundialmente conhecido por seus contos. Autoria desconhecida. Disponível em: <http://suplementocultural.blogs.sapo.pt/tag/jorge+luis+borges>. Acessado em 23 de fevereiro de 2014. Autoria desconhecida. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Luis_Borges. Acesso em agosto de 2014.

Vivien Gonzaga e Silva³⁶³ faz alusão à figura do bode expiatório, surgida a partir da leitura do conto de Borges, como contraponto do crime de assassinato que desfecha um impasse amoroso surgido a partir da incursão de uma personagem feminina na vida dos dois irmãos, Cristiano e Eduardo. A idéia de sacrifício é expressa por Silva:

nesse complexo trajeto de socialização, a função do sacrifício estaria ligada, pois, à necessidade de neutralizar aquilo que ameaça, de apaziguar o furor da natureza, de eliminar ou adiar aquilo que representa o perigo real ou imaginário.³⁶⁴

Assim é que, no conto de Borges, viola-se um código de conduta que, embora não explicitado, é forte o bastante para definir o trato das emoções, talvez o único perigo real para os homens e mulheres daquele espaço impiedoso. E continua a autora:

desse modo, sem explicitar qualquer prática religiosa ou mesmo a tradição em que essa prática encontra raiz – *A Intrusa* – permite aproximar, pela escrita de Borges, o crime passionnal ao rito sumário da expiação pelo sacrifício animal. [...].³⁶⁵

A morte violenta de Juliana parece representar a chance de recuperação dos laços de profunda amizade – também amor – que uniam os irmãos. Assassinada por Cristiano, Juliana cumpre sua função de oferenda, não a um deus legislador, mas a uma divindade ambígua que, no tortuoso entendimento dos irmãos regia o que, para eles, detinha a verdadeira dimensão do sagrado, a amizade espelhada. Quem sabe essa divindade pudesse se comprazer com o amor ofertado – a verdadeira propiciatória – como contrapartida para a promessa da restituição da aliança entre os irmãos, fragilizada pela presença da mulher.

Já Brant, afirma que:

O mundo ficcional criado por Borges é um lugar onde as mulheres, se elas aparecem em tudo, parecem existir principalmente como objetos degradados, com a finalidade de fornecer homens com uma oportunidade para o sexo e onde tais atividades sexuais, por meio de um corpo feminino. Sexo e as mulheres são principalmente usados como moeda de troca na relação entre os homens, nunca para

363 SILVA, Vivien Gonzaga e. *Crime e Sacrifício em "A Intrusa" de Jorge Luis Borges*. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas_%202010-2501/Crime%20e%20sacrif%EDcio.pdf Acesso em 29 de janeiro de 2014.

364 SILVA, Vivien Gonzaga e. *Crime e Sacrifício em ...* p. 2216.

365 SILVA, Vivien Gonzaga e. *Crime e Sacrifício em ...* p. 2218

fins tradicionais de procriação ou de lazer. Sexo na ficção de Borges, por meio de um corpo feminino objetificado não é nada mais do que uma manobra que dá definição e dinamismo para a interação entre os homens.³⁶⁶

O autor, Brant, afirma que a partir de um estado inicial de pânico homofóbico, os dois irmãos passaram a aceitar o seu desejo para o outro e sua necessidade de se relacionar de uma forma mais completa. A verdadeira união dos dois irmãos exigiu a eliminação de Juliana. Ou seja, os dois precisam ir além de uma relação com uma mulher comum como substituto para um relacionamento com o seu verdadeiro objeto de desejo. A fim de conseguir isso, eles removem o obstáculo que os mantém separados e por esse sacrifício, eles são unidos para sempre de uma forma mais íntima.

Balutet³⁶⁷ acrescenta que (segundo a teoria de René Girard³⁶⁸) Juliana é uma mediadora. Ela é aquela por quem o desejo homossexual e incestuoso dos dois irmãos irá se realizar. É sob a égide de Juliana que surge a culpa masculina e a jovem vai aparecer como uma apaziguadora da angústia incestuosa. Sua presença autoriza a aproximação entre os dois homens e ela é um catalisador que permite uma maior intimidade masculina. Deste ponto de vista, não surpreende que Juliana tenha perdido toda a característica humana. Mas tal qualidade não parece satisfazer aos dois irmãos, entre os quais o ciúme se instala ao constatarem a paixão mútua que os confunde e amedronta.

Interpretação contrária às anteriores encontramos em Brabo³⁶⁹ quando relata que não é a homossexualidade que define o destino do triângulo amoroso de *La Intrusa*, mas sim a dificuldade em parte universal e em parte latina de conciliação entre mundos tão radicalmente diferentes como o masculino e o feminino. Os irmãos dividiam a mulher como a uma coisa, um objeto que tinham em comum e a intromissão de um ser tão inferior, tão infinitamente insignificante no universo masculino, que até então parecia ser harmonioso, não poderia continuar. Aquela paixão minava silenciosamente os laços fraternos. Uma mulher é capaz de des-

366 Tradução livre da autora. BRANT, Herbert. The Queer Use of Communal Women in Borges' *El muerto* and *La intrusa*. Disponível em: <http://lanic.utexas.edu/project/lasa95/brant.html>. Acesso em janeiro de 2014.

367 BALUTET, Nicolas. *Expression et répression du désir homosexuel dans L'Amérique Rurale (Borges, Guimarães Rosa, Savage, Proulx)*. Lectures du genre n° 1 : Premières approches. Disponível em: http://www.lecturesdugenre.fr/Lectures_du_genre_1/Balutet_files/9.BALUTET.pdf. Acesso em agosto de 2014.

368 GIRARD, René. *Mensonge romantique et vérité romanesque*. Paris: Grasset, 1999.

369 BRABO, Paulo. *Bacia das Almas*. Disponível em: amarelofosco.wordpress.com/2008/10/13/la-intrusa-a-intrusa/. Acesso em janeiro de 2014.

truir o mundo dos homens e seus interesses. Por isso, se esta mulher, de alguma forma, começa a adquirir relevância, precisa ser eliminada.³⁷⁰

As normas da sociedade de poder, a sociedade patriarcal estão marcadas pelas atitudes das personagens masculinas. Os homens são os provedores e os que tomam as decisões em relação a sua vida e das suas mulheres. Eles não separam suas relações amorosas das relações de prazer e desejo. A imagem da satisfação sexual representada na história permite diversos caminhos de análise. Para muitos nem chega a ser uma história de sexo ou de amor, mas da afirmação de uma lealdade que não se detém ante nenhum preço.

Para discussão:

1. Quais são as características de uma sociedade patriarcal?
2. Quais são os elementos da narrativa fílmica que demonstram o lugar destinado à mulheres como Juliana?
3. Qual é o significado da expressão: “relações de gênero”?

Sugestões de leitura:

BORGES, Jorge. *O Aleph*. Buenos Aires: Lousada, 1949.

BORGES, Jorge Luis. *El Informe de Brodie*. Buenos Aires: Emecê, 1970.

SOUZA, Cleonice Marisa de Brito Naedzold de. *O Compadrito na tradução dos contos “Hombre de La Esquina Rosada”, “História de Rosendo Juárez” e “La Intrusa”, de Jorge Luis Borges*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99379>.

Sobre o filme:

Título original: *A intrusa*

País de origem: Brasil/Argentina

Gênero: drama

Classificação: 18 anos

Tempo de duração: 100 minutos

Ano: 1979

Direção: Carlos Hugo Christensen

370 BRABO, Paulo. *Bacia das Almas...*

A troca: a fragilidade de uma mulher frente ao discurso policial

Fernanda Schommer Stein³⁷¹

Ocorrida na cidade de Los Angeles em 1928, a história³⁷² contada em *A troca* centra-se numa mãe solteira que, após retornar de um sábado de trabalho, constata que seu filho não se encontra em casa. Ao anoitecer, Christine Collins telefona para a Delegacia de Lincoln Heights para reportar o desaparecimento da criança e solicitar que alguém fosse enviado ao local, o que, por questões políticas do departamento de polícia, não ocorre antes que o desaparecimento complete 24 horas.

Considerado, segundo o filme, “o mais violento, corrupto e incompetente Departamento de Polícia”³⁷³ da região, cinco meses de espera e sofrimento se passam até que a polícia revela ter encontrado o garoto. Contudo, ao realizarem o reencontro dos dois, ela afirma não ser aquele o seu filho. Apesar disso, o departamento de polícia recusa-se a aceitar tal declaração, sugerindo que tanto o tempo de ausência havia gerado mudanças na criança, como o choque do reencontro, poderiam ser fatores de confusão, levando-a a não reconhecer o filho. Contestando o resultado da polícia, ela retorna à delegacia após ter percebido que algumas características da criança entregue e de seu filho desaparecido não eram compatíveis – por exemplo, a altura de seu filho na época em que desaparecera era maior que a da criança entregue. Com o apoio de um reverendo, Christine tenta reunir depoimentos redigidos e assinados de que o garoto não era seu filho, a fim de forçar o reinício das buscas. Além disso, ela recorre à imprensa, tornando o caso público novamente. O que o espectador visualiza é uma tentativa de um departamento de polícia desacreditado pela população de retomar uma posição louvável, melhorar a sua imagem impressionando a imprensa e, por conseguinte, a população ao demonstrar, a qualquer custo, resultados falso-positivos de sua atuação em prol da comunidade.

Mulher, mãe solteira, Christine tem sua palavra desmerecida pelos oficiais e, por insistir que o garoto não era seu verdadeiro filho, é rotulada como louca, conduzida pela polícia, como presidiária, ao Hospital Psiquiátrico Municipal de Los Angeles, e acusada pelo Capitão J. J. Jones de “so-

371 Bacharelada em Enfermagem (UFCSPA).

372 A terrível história contada em *A troca* é baseada em um caso real ocorrido na primeira metade do século XX em Los Angeles, que ficou conhecido como “The Wineville Chicken Coop Murders”. Reportagens sobre o caso estão disponíveis em: <http://crimeinthe1920s.weebly.com/wineville-chicken-coop-murders.html> e <http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/10-pessoas-que-desapareceram-misteriosamente/>. Acesso em maio de 2014.

373 Discurso do filme.

frer de paranóia, ilusão de perseguição e deslocamento da realidade”³⁷⁴. Nesse ponto, é possível questionar o encaminhamento dado à personagem pelas autoridades, uma vez que, se ela não se encontra em um estado de equilíbrio psíquico, está desprovida de sua autonomia. Sem ter os motivos do encaminhamento analisados, Christine é admitida por uma enfermeira no hospital e, uma vez internada, é submetida a diversos procedimentos desnecessários, como tomar medicações sem que apresente evidência de necessidade, e tem sua liberdade cerceada, ficando trancafiada num quarto sem que um parecer médico tenha sido expedido sobre sua condição de saúde, configurando um atendimento desumanizado³⁷⁵. Abuso de poder e negligência podem ser visualizados: por um lado o departamento policial formula acusações baseadas em aspectos de saúde sem ter qualificação para isso e, por outro, a instituição de saúde recebe-a registrando apenas seu nome, o código da ocorrência e o nome do oficial responsável, sem realizar qualquer avaliação da saúde de Christine. Além disso, ela é forçada a fazer um tratamento do qual não necessita.

Ambas as situações ferem sua autonomia e demonstram a transgressão ao princípio bioético da não-maleficência³⁷⁶. No Brasil, a atenção aos agravos de saúde mental tem seu primeiro atendimento realizado em nível de atenção primária, principalmente por permitir maior interação público-profissional. Conforme o Decreto Presidencial n.º 7508/2011, o sistema de atenção à saúde mental para substituição do modelo manicomial é composto por centros de atenção psicossocial, serviços de residenciais

374 Discurso do filme.

375 No Brasil, “a humanização como uma das estratégias para alcançar a qualificação da atenção e da gestão em saúde no SUS estabelece-se, portanto, como construção/ativação de atitudes ético-estratégico-políticas em sintonia com um projeto de co-responsabilidade e qualificação dos vínculos interprofissionais e entre estes e os usuários na produção de saúde.” Dentre os princípios norteadores da Política de Humanização, encontra-se a “construção de autonomia e protagonismo dos sujeitos e coletivos implicados na rede do SUS”, o “fortalecimento de trabalho em equipe multiprofissional, fomentando a transversalidade e a grupalidade”, “valorização da dimensão subjetiva e social em todas as práticas de atenção e gestão no SUS, fortalecendo o compromisso com os direitos do cidadão, destacando-se o respeito às questões de gênero, etnia, raça, orientação sexual e às populações específicas (índios, quilombolas, ribeirinhos, assentados, etc.)”. BRASIL. Humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as esferas do SUS. *HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização*. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humaniza_sus_marco_teorico.pdf. Acesso em maio de 2014.

376 O princípio da não-maleficência refere-se a não causar danos às pessoas assistidas, realizando os cuidados necessários da melhor forma possível e com a mais baixa chance de riscos, a fim de prevenir agravos individuais e coletivos. KOERICH, Magda Santos; MACHADO, Rosani Ramos; COSTA, Eliani. Ética e bioética: para dar início à reflexão. *Texto contexto – enferm.*, Florianópolis, v. 14, n. 1, Mar. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n1/a14v14n1.pdf>. Acesso em maio de 2014.

terapêuticos, centros de convivência, enfermarias de saúde mental em hospitais gerais, entre outros, objetivando a promoção da saúde, a prevenção de agravos e a redução de danos³⁷⁷. Assim, se a situação vivenciada pela personagem ocorresse no século XXI do Brasil, seu encaminhamento se daria por outros meios, objetivando uma atenção integral para sua reinserção na sociedade. Quando sua consulta finalmente ocorre, fatos e declarações prévias são distorcidos pelo médico, de forma que as informações se contradigam, e ela é questionada sobre confusões entre “realidade e fantasia”³⁷⁸.

Em paralelo, é contada a história de Sanford Clarck, um garoto cujo tio, Gordon S. Northcott, raptara aproximadamente vinte crianças e assassinara quase todas, obrigando o sobrinho a ajudá-lo por meio de ameaças de morte. Contudo, os restos mortais encontrados não foram suficientes para o reconhecimento das vítimas. Diante disso, o departamento de polícia visualizou duas alternativas: ou consideravam Walter morto, assumindo o erro e prejudicando sua imagem, ou o consideravam vivo, o que implicaria em reiniciar as buscas, levantando questionamentos sobre sua efetividade, uma vez que Christine alegava que seu filho continuava desaparecido, causando maiores constrangimentos. Nesse ponto, Christine havia sido liberada do hospital e seu “não-filho” era questionado pela polícia. A problemática da situação centra-se em um embate entre a realidade e o que é dito ao público: tentando apresentar resultados efetivos a todo custo, policiais (homens) confinam uma mulher numa instituição de saúde sem que haja evidências de necessidade, distorcendo a realidade a fim de se autopromover. A autonomia dela, a justiça e o princípio da não-maleficência, relacionados a ela e ao filho, são violados, acarretando em prejuízos para ambos.

Inteiramente marcada pela busca por justiça e pelo incessável desejo de encontrar Walter, *A troca* discute abuso de poder, corrupção da polícia, e desumanização do atendimento em saúde, além de expor o preconceito relacionado à personagem Christine, uma mulher, que é mãe e solteira. Despertando emoções diversas, o filme conduz o espectador a refletir sobre as condutas outrora adotadas, comparando a realidade apresentada com a realidade atual.

377 BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde Mental. Cadernos de Atenção Básica*. n. 34, 2013, p. 176. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_34.pdf. Acesso em maio de 2014.

378 Discurso do filme.

Para discussão:

1. Reflita e discuta sobre o posicionamento da polícia na época, assim como do Estado, em relação ao caso Collins. Em casos similares que ocorrem atualmente, o posicionamento e a conduta das autoridades é a mesma? Onde? O que mudou desde 1928?
2. Considerando as práticas de saúde apresentadas no filme e as mudanças que a reforma psiquiátrica promoveu no cenário da saúde mental, o tratamento em saúde, especialmente em saúde mental, tornou-se humanizado? Os pacientes são respeitados e tratados como seres autônomos? Em que medida poderíamos reconhecer autonomia num doente mental? E não o sendo, que direitos, ainda assim, deveriam ser garantidos e respeitados?
3. Considerando que a personagem era uma mulher solteira cujo filho fora raptado, a conduta sobre o caso seria equivalente se ela fosse casada? E se fosse um pai solteiro? Discuta como os aspectos individuais e de gênero influenciam sobre as condutas dos policiais e do sistema de saúde.

Sugestões de leitura:

MACHADO, Sérgio Bacchi. Foucault: a loucura como figura histórica e sua delimitação nas práticas psiquiátricas e psicanalíticas. *Ágora* .v. XII, n. 2, jul/dez 2009, p. 217-228. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v12n2/v12n2a04.pdf>.

SANTANA, Ana Flávia Ferreira de Almeida; CHIANCA, Tânia Couto Machado; CARDOSO, Clareci Silva. Direito e Saúde Mental: percurso histórico com vistas à superação da exclusão. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 17, n. 1, abr. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n1/v17n1a04.pdf>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *A troca*

Título original: *Changeling*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 140 minutos

Ano: 2008

Direção: Clint Eastwood

Nota sobre o filme *O céu de Suely*: prostituição e liberdade

Ana Carolina da Costa e Fonseca³⁷⁹

O filme conta a história de uma mulher que, por motivos financeiros, passa a se prostituir. A prostituição, usualmente descrita como a profissão mais antiga da história, desafia a moral média da sociedade, que toma a família como seu centro de organização e o sexo como o que deve ou ocorrer durante a constância do casamento, ou ser ao menos um ato de amor.

Apesar de importante, não discutirei nesta nota questões concernentes a relações que não as heterossexuais, tampouco a prostituição masculina. Dada a história contada no filme, discuto apenas a prostituição heterossexual feminina.

Prostituição, casamento e amor não são substantivos que ocorrem necessária e afirmativamente na mesma relação. O discurso daqueles que repudiam a prostituição se constrói sobre o repúdio moral a relações sexuais mediante pagamento e fora do casamento. Além disso, tal discurso supõe que nenhuma mulher gosta de se prostituir. No documentário “Histórias de esquina”, quatro mulheres contam suas histórias. Uma delas, casada, afirma que é prostituta porque gosta da noite, de sexo e de ser prostituta, o que contesta a suposição de que ninguém gosta de se prostituir. O dilema entre afirmar que as mulheres deveriam ser livres para se prostituir e que, de fato, elas se prostituem apenas por falta de opção permanece.

Liberais, que entendem liberdade no sentido negativo, segundo a distinção feita por Isaiah Berlin³⁸⁰, diriam que não deve haver legislação sobre questões morais, tais como a prostituição, e que as mulheres deveriam ser livres para decidir se querem ou não, por exemplo, se prostituir. A objeção de Isaiah Berlin ao sentido negativo de liberdade entendida como a ausência de impedimento para a realização de algo, se dá com o que ele descreve como liberdade positiva, que significa ter efetivas condições para a tomada de decisão. Se mulheres tiverem condições de se sustentar sem se prostituir e optarem pela prostituição, elas estarão agindo livremente, segundo Isaiah Berlin.

No filme, contudo, vê-se o que parece ser a situação de muitas mulheres. A falta de dinheiro, de trabalho, de instrução, faz com que a prostituição pareça a única alternativa para conseguirem dinheiro. Hermila é uma jovem mulher de 21 anos, com um filho, abandonada pelo pai da criança,

379 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

380 Leia-se “Dois conceitos de liberdade” de Isaiah Berlin, artigo clássico do autor, disponível em vários *sites* da internet e em coletâneas impressas.

que tem apenas 20 anos e não manda mais dinheiro para o sustento do filho. Hermila volta para sua cidade natal, no interior do Nordeste, e, sem ter condições econômicas para criar o filho, decide “se rifar”. Rifa é a metáfora escolhida por Hermila para não dizer que se prostitui. Hermila se rifa! Inicialmente, rifa uma garrafa de whisky, depois passa a rifar “uma noite no paraíso”. Suely é o paraíso e o nome atrás do qual Hermila se esconde. Mas é difícil esconder-se numa cidade pequena. E Hermila decide partir. Escolheu Hermila livremente rifar-se como Suely, a prostituta?

A título de curiosidade, informo o leitor que todas as personagens do filme têm os nomes dos atores que as interpretam. Até mesmo o bebê se chama, de fato, Matheus.

Para discussão:

1. A liberdade sexual não alcançou as prostitutas. Ainda há preconceito em relação às mulheres que fazem sexo por dinheiro. Discuta quais são as razões pelas quais mulheres são julgadas moralmente quando a prostituição é a profissão que exercem.
2. Prostituir-se é uma decisão de Hermila? Ela se prostitui livremente? Discuta quão livre é Hermila/Suely, dada a situação da personagem no filme.
3. No Brasil, a prostituição não é uma atividade ilegal. Explorar a prostituição, contudo, o é, ou seja, a prostituta não é uma criminosa, mas o cafetão e a dona de prostíbulo, por exemplo, o são. Há países onde prostituir-se é um crime. Atualmente, no Brasil, prostitutas lutam para que a prostituição seja reconhecida como profissão e para que direitos trabalhistas e previdenciários lhes sejam conferidos. Pesquise a respeito dos direitos demandados por prostitutas no Brasil, bem como sobre os países que criminalizam a prostituição e sobre os motivos pelos quais criminalizam tal atividade.

Sugestão de leitura:

DUMAS, Alexandre. *A dama das camélias*. Disponível para download gratuito em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=16517.

Sobre o filme:

Título original: *O céu de Suely*

País de origem: Brasil

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 88 minutos

Ano: 2006

Direção: Karim Aïnouz

Nota sobre o filme *3096 dias:* o seqüestro da menina, a liberdade da jovem mulher

Ana Carolina da Costa e Fonseca³⁸¹

O filme conta a história de Natasha Kampush, austríaca que foi seqüestrada quando tinha dez anos e ficou em cárcere privado de 1998 a 2006, na cidade de Viena, na Áustria. Seu seqüestrador, Wolfgang Priklopil, tinha 34 anos à época do seqüestro. Ela fugiu quando tinha 18 anos. Seu seqüestrador matou-se pouco depois que soube da sua fuga. Libertada do cativeiro, foi perseguida por jornalistas, deu entrevistas, escreveu o livro homônimo, deu mais entrevistas. E atualmente vive reclusa em Viena.

No cativeiro, foi espancada, violentada sexualmente, mal-alimentada, e passou grande parte dos 3096 dias que durou o cativeiro num quarto de 2,7 m de comprimento, 1,6 m de largura e 2,4 m de altura no subsolo da casa. Quando libertada, os equívocos da polícia se tornaram públicos.

A história nos permite discutir problemas relativos às várias formas de limitação impostas a um ser humano da infância ao início da vida adulta. Mas devemos lembrar que é um homem, violentando uma criança que se tornará mulher, o opressor. Uma pergunta muitas vezes feita pelo leitor e, depois, pelo espectador é: por que não fugiu? Houve oportunidades. Mas a prisão física se tornou uma prisão psicológica. Foi preciso romper os vínculos feitos quando criança, para que a mulher conseguisse fugir para um mundo que jamais foi gentil com ela. Antes do seqüestro, desarmonia familiar e constantes brigas com a mãe. Após a fuga, desconfiança da primeira pessoa com quem falou, que manteve-a seminua na rua, enquanto aguardava a chegada da polícia. Nas mãos da polícia, foi exposta a curiosos jornalistas como se estivesse num *freak show*. E quando decide falar, foi duramente julgada, como se a análise do próprio passado não fosse a mais adequada. Por se recusar a repetir o que outros diziam a seu respeito, mesmo libertada do cativeiro, continuou vítima. Atualmente, pode ir aonde quiser, mas não ousa dizer o pensa. Reclusão e silêncio ainda são constantes em sua vida.

Para discussão:

1. Pesquise sobre a vida de Natasha Kampush após ser libertada. Em resposta às críticas sobre o fato de não simplesmente odiar seu seqüestrador, ela disse que nada é ou branco ou preto, tampouco as atitudes das pessoas, em referência ao fato de, apesar de ter sofrido várias formas de violência em suas mãos, também ter sido o único ser humano com quem

381 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

conviveu por cerca de oito anos. E, portanto, o seqüestrador foi a única fonte da pouca felicidade eventualmente sentida. Discuta se ela sofre da Síndrome de Estocolmo, que consiste em transformar a imagem daquele que coloca sua vida em risco na de um salvador. Afinal, se a vítima não está morta, foi porque o agressor, de algum modo, permitiu. Caso necessário, pesquise sobre a Síndrome de Estocolmo.

2. Discuta acerca dos motivos pelos quais Natasha não conseguiu, por diversas vezes, fugir do cativo, apesar de ter tido oportunidade de fazê-lo. Quais são as prisões das quais não fugimos?

Sugestão de leitura:

KAMPUSH, Natasha. *3096 dias*. Campinas, São Paulo: Editora Verus, 2011.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *3096 dias*

Título original: *3096 Tage*

Pais de origem: Alemanha

Gênero: drama, policial

Classificação: 18 anos

Tempo de duração: 110 minutos

Direção: Sherry Hormann

Violências contra crianças e adolescentes

Confiar: pedofilia e acesso à Internet, nem em casa nossos filhos estão a salvo

Gilberto Thums³⁸²

Ana Carolina da Costa e Fonseca³⁸³

O tema do filme é a pedofilia. A fragilidade das vítimas e a dificuldade de se punir aqueles que cometem tal crime são os dois grandes problemas discutidos. A personagem central é Annie Cameron, uma garota de 14 anos, que vive com os pais, com o irmão mais velho e a irmã mais nova, num subúrbio de Chicago. A família parece funcionar bem. Annie tem uma vida típica de adolescente, com as dificuldades e os vícios inerentes a esta fase da vida. Tem um *iPhone* com o qual fica conectada à *Internet* em tempo integral e recebe mensagens instantâneas de seus amigos constantemente. Em meio a colegas com experiência sexual, tenta parecer mais velha para ser aceita no grupo. Ela é, contudo, uma menina, com corpo, mente e insegurança próprios da sua idade.

De aniversário, Annie ganha um *MacBook Pro* (mais uma propaganda da *Apple* no filme!) e comemora a data com um simples e feliz jantar em família. Na mesma noite, mais tarde, conversará por um *chat* com Charlie, que diz ter 16 anos e se mostra sedutor e compreensível. Ele é aquele que ama Annie e entende seus medos e desejos. Annie cai numa armadilha virtual. Os pais não são omissos quanto ao uso da *Internet*, estabelecem limites de horário, proibem o uso durante as refeições e se preocupam em saber com quem a filha conversa. Eles sabem de Charlie. Mas podem saber tanto quanto Annie, isto é, apenas o que ele diz a seu respeito. A fotografia que usa no *chat* é falsa, as informações que dá a seu respeito são falsas. Alguns dias depois, ele confessará ter 20 anos, e depois 25 anos. Quando ela finalmente o encontrar, se deparará com um homem de bem mais de 30 anos.

Charlie ocupa um espaço vazio na vida de Annie. Ela se sente incentivada por ele, que também diz praticar esportes na escola (e depois na Faculdade, a medida que conta novas mentiras). Ela joga bem e compartilha com ele os louros do bom desempenho, afinal, foram as palavras de incentivo dele que fizeram com que jogasse como jogou.

Charlie manipula a adolescente. Ele sabe o que dizer a uma jovem insegura para conquistá-la. Ele sabe o que ela quer ouvir. Ele tem a experiência de um pedófilo de cerca de 40 anos que, dada sua lábia,

382 Procurador de Justiça. Mestre em Ciências Criminais (PUCRS). Professor de Direito Penal (FMP).

383 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

consegue seduzir jovens inocentes. As conversas ficam mais picantes por telefone e por computador. Ele pede fotos dela. Ela as envia. Apesar da decepção com a mentira a respeito da idade, Annie acaba o perdoando. Ele diz amá-la, diz que temia ser rejeitado por ela. Ele lhe diz exatamente o que ela própria sente, o medo de ser rejeitado é comum a ambos. Não há como não compreender o que ele sente. Não há como não se identificar. Annie está apaixonada! É seu primeiro amor, que se constrói entre partes desiguais. Ele diz o que ela espera, segue o roteiro de um filme hollywoodiano. Ela não tem experiência alguma. Não há como resistir. E acaba marcando um encontro com ele num shopping. O local parece seguro. É público. Ao vê-lo, o sonho se desfaz. Ela o vê como um homem que tem a idade do seu pai. Ele pede que ela tenha maturidade e pense apenas no belo e intenso sentimento que há entre os dois. O pedido de maturidade faz parte de um jogo de poder. A jovem foi desafiada e não quer ser tomada como ingênua. O mal-estar que sente com a situação é evidente. Temos vontade de gritar: vá embora! Sabemos que ele é um pedófilo! Sabemos o que se seguirá! Mas a menina permanece. E toma sorvete. E vai a um hotel com ele. E recebe *lingerie* vermelha de presente, como desejava. A habilidade de Charlie supera a decepção de Annie.

A melhor amiga de Annie a vê com Charlie. E estranha! Quem será aquele homem tão velho com sua amiga? Na hora, nada faz. Depois será tarde demais. No hotel, não pediram identificação dos hóspedes. Nada perguntaram acerca da relação entre eles. Um homem de cerca de 40 anos entra num hotel com uma jovem de 14 anos e o comportamento é tomado como comum. A omissão tem como consequência que nenhuma medida foi tomada para proteger a adolescente.

Já no quarto, Annie veste a *lingerie* vermelha e Charlie levanta a autoestima da menina com palavras encantadoras. Ela se sente mulher, mas está constrangida. A cena comove. O ar angelical da menina contrasta com a devassidão de Charlie. Ela permanece. E Charlie insiste, sem dar chance para que ela recuse seus carinhos. A jovem não foge, tampouco consente. Ela está em estado de choque e chora. Relações sexuais não consensuais são estupro. E o consentimento para que ocorra a relação deve ser reafirmado a cada instante. Evidentemente, palavras não são necessárias. Mas, quando estamos numa relação consensual, sabemos. E, se não há consentimento para o ato, também sabemos. Charlie sabia que Annie não gostara dele, sabia que ela era jovem demais, sabia que estava constrangida, sabia que ela não queria transar com ele. E insiste, pois saiba que ela tampouco resistiria. Ele a estuprou!

Inicialmente, Annie não se reconhece como uma pessoa que foi estuprada. Ela está muito triste porque ele não mais a procura e não responde

aos seus chamados. Mas ainda descreve o que há entre eles como uma relação amorosa. A família percebe a tristeza da menina, mas não a força a contar o que não quer. A amiga desconfia do que aconteceu e conversa com a conselheira da escola, que leva o caso à polícia. Annie sai da escola num carro de patrulha. Seus colegas a vêem. Eles não sabem o que ocorreu, mas sabem que algo aconteceu. No hospital, ela faz um exame de corpo de delito. A família é chamada. E o estupro se confirma. O FBI entra no caso. Os pais de Annie entram em desespero. Annie colabora, mas não se toma como vítima, ao contrário, insiste que tem um namorado e que os adultos estão atrapalhando o romance. Exames de DNA posteriores mostrarão que há três outras vítimas do mesmo abusador. A mais jovem tem 12 anos. Sabem que estão diante de um pedófilo, identificaram quatro vítimas. Mas não sabem quem é o abusador. Apenas quando vê as fotografias das outras vítimas, Annie percebe que também ela foi vítima de um pedófilo. Annie foge e procura a terapeuta, com quem ainda não tinha estabelecido vínculos. É para ela que conta como se sente. O desespero dos pais na busca pelo pedófilo faz com que não saibam lidar com a dor da própria filha. No momento que ela se reconhece como vítima procura aquela que lhe é ainda estranha. Mas talvez uma estranha seja a melhor pessoa para a vítima falar de um estranho. Na dor, reconhece que não era especial para um homem que é, de fato, um abusador de meninas. E as outras meninas sequer são bonitas. Provavelmente ela tampouco o é. E ele deve ter mentido para se aproveitar dela. A autoestima que já era baixa se desfaz.

O pai se sente responsável pelo que ocorreu. Ele é homem da casa. E não protegeu sua filha. Ele procura o pedófilo que seduziu a filha, entra em sites que dão informações sobre suspeitos de pedofilia, viaja para outro estado em busca de informações, espiona suspeitos. E lê o relatório com a transcrição das conversas da filha. A inocente Annie teve conversas picantes com quem a estava seduzindo. No trabalho não se concentra. Depois de vários erros e demonstrações de comportamento estranho, o sócio finalmente lhe pergunta o que está acontecendo. Ele lhe fala do estupro. O sócio pensa num ato de brutalidade física. Ao saber que Annie foi a um hotel com um homem mais velho, relaxa, pois supõe que, então, a relação foi consensual. O pai se irrita. A declaração do colega está conforme pensam aqueles que não reconhecem a fragilidade de crianças e adolescentes, e que não entendem o significado de uma relação efetivamente consensual.

O livro “Sem medo de falar: relato de uma vítima de pedofilia” de Marcelo Ribeiro³⁸⁴ é exemplar para mostrar de que modo uma relação aparen-

384 RIBEIRO, Marcelo. *Sem medo de falar: relato de uma vítima de pedofilia*. São Paulo:

temente consensual é, de fato, um estupro. O jovem de 13 anos foi vítima de um religioso pedófilo e manteve relações sexuais com ele por cerca de três anos. Quando tinha mais de quarenta anos e ainda sofria em silêncio pela violência sofrida durante a adolescência, consegue, finalmente, contar o que aconteceu. Por perceber a importância de oferecer ao público o rosto de uma das tantas vítimas de pedófilos que se escondem sob uma batina, escreveu um livro e contou sua história muitas vezes em diversos eventos. Muitos reagem como a fictícia personagem do filme *Confiar*, que é sócio do pai da vítima e supõe que se não houve violência física, então, não houve estupro. Ambas as histórias nos mostram quão urgente é discutir o conceito de consensualidade. Ainda podemos aceitar que quem cala consente quando a omissão de uma pessoa prejudica a outrem. Contudo, o silêncio frente a algo pode significar que o indivíduo não está conseguindo reagir, do que não se segue que, como não consegue reagir, está consentindo.

Annie inicialmente tampouco reconhece que foi vítima de estupro. Ela sabe que suas colegas já transaram. Por que as outras podem e ela não? A resposta chega aos poucos. Suas colegas transaram com meninos da mesma faixa etária e não foram enganadas por um homem que tem mais que o dobro da sua idade. O estupro de Annie ocorreu de modo sutil. Ela não pôde recusar a relação sexual e foi enganada pelo estuprador.

Na escola, a história se torna pública e fazem montagens com o rosto de Annie e corpos de mulheres em posições eróticas. O *bullying* faz com que tente se suicidar. A jovem precisa aprender a lidar com o trauma. Num jogo na escola, um homem fotografa as jogadoras. O pai de Annie dá uma surra neste homem, que ele toma como um pedófilo, mas que é apenas o pai de uma das colegas de Annie. A família está desestruturada e precisa aprender a lidar com o trauma. A filha sofre porque foi vítima. O pai porque não protegeu sua menina. Depois de uma conversa em que pai e filha falam da dor sentida, a família, aos poucos, se refaz. Não há como apagar o passado. O pedófilo realizou um crime perfeito. À Annie, seus pais e irmãos cabe apenas continuar vivendo da melhor maneira possível.

O final do filme é decepcionante para muitos, porque se espera a identificação e conseqüente prisão do criminoso. Não é o que ocorre. A história contada no filme termina como a maioria dos casos reais. Temos o DNA do pedófilo, mas não sabemos a quem pertence tal DNA. Quase nunca se descobre o autor de crimes desta natureza. A impunidade é a regra.

Ao final, descobrimos que Charlie é um exemplar pai de família e professor, que sabe como lidar com crianças. Um homem doente que, nos tempos modernos, se esconde atrás do ecrã de um computador para fis-

gar suas vítimas e depois atacá-las fisicamente. São milhares as vítimas no mundo inteiro. Este é apenas um dos perigos da *internet*.

Em 2013, no Brasil, a Polícia Federal recebeu mais de 14.000 denúncias, instaurou 1.500 inquéritos e prendeu 40 pedófilos.³⁸⁵ O filme foi produzido nos Estados Unidos. Se o fato ocorrido fosse transposto para a realidade brasileira, como seria tratado pela legislação pátria?

A pedofilia é um transtorno sexual, uma parafilia, isto é, um desvio sexual. Trata-se de uma palavra de origem grega que significa afinidade ou atração patológica por crianças (pré-púberes) ou púberes, isto é, adolescentes, conforme a OMS. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)³⁸⁶, considera-se criança a pessoa com menos de 12 anos e adolescente a pessoa de 12 a 18 anos incompletos.

Seguindo orientação da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada pela Assembléia Geral da ONU em 1989, através da Resolução 44/25, o Brasil adaptou sua legislação para combater os crimes sexuais contra crianças e adolescentes, inclusive os crimes praticados pela *internet*.

A idade que indica se alguém ainda é uma criança ou se já é um adulto varia. Cada cultura tem suas regras, por exemplo, na tradição judaica consideram-se adultos os membros da sociedade com 12 anos se mulheres e com 13 anos se homens. No Brasil a Lei n.º 8069/1990 estabelece que a vida adulta se inicia no primeiro segundo do dia em que o indivíduo completa 18 anos.

Juridicamente não existe o termo pedofilia. Os crimes que se seguem de atos de pedofilia envolvem práticas sexuais (estupro) ou imagens de crianças e de adolescentes. Se o sujeito tem atração por criança ou púbere e pratica atos sexuais concretos (qualquer ato libidinoso) com a vítima, então ocorre o crime de estupro de pessoa vulnerável (art. 217-A do Código Penal³⁸⁷), se a vítima tiver menos de 14 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente considera criança a pessoa menor de 12 anos e o Código Penal considera vulnerável para fins de crimes sexuais, os menores de 14 anos.

385 Informação disponível em <http://www.portalrcr.com.br/radios/montecarlo/brasil/59824-pf-apurou-1500-casos-de-pedofilia-e-prendeu-40-suspeitos-em-2013>.

386 Ao longo deste texto, toda vez que se remeter ao Estatuto da Criança e do Adolescente refere-se a: BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n.º 8069 de 13 de julho de 1990. D.O.U. em 16 de julho de 1990 e retificado em 27 de setembro de 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em agosto de 2014.

387 Ao longo deste texto, toda vez que se remeter ao Código Penal brasileiro refere-se a: BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 De Dezembro de 1940. D.O.U. Publicado em 31 de dezembro 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm Acesso em agosto de 2014.

No Brasil, pessoas menores de 14 anos não podem praticar atos sexuais, mesmo que aparentemente dêem seu consentimento, pois a lei presume que há imaturidade sexual de forma absoluta, de modo que não haveria como consentir com a prática de um ato sexual. A responsabilidade, por recusar aquilo que menores de 14 anos não têm condições de avaliar, é dos adultos. Por isso, pune-se, em qualquer caso, a prática de atos libidinosos, que são descritos como crime ao qual se atribui pena de 8 a 15 anos de reclusão (estupro de vulnerável – art. 217-A do CP). Cada país tem legislação específica e permite o relacionamento sexual a partir de uma certa idade. Assim, exemplificativamente, pode-se citar: 12 anos, Angola, Filipinas e México; 13 anos, Espanha e Japão; 14 anos, Alemanha, China, Brasil, Portugal, Itália, Áustria; 15 anos, Dinamarca, França, Suécia, e Grécia; 16 anos, Holanda, Noruega e Reino Unido. A idade mínima varia, em geral, entre 12 e 16 anos.

É fundamental distinguir a pedofilia por meios eletrônicos (pronografia com imagens e textos) ou por outras formas de registros de imagens com cenas pornográficas ou de sexo explícito, de atos concretos de abuso sexual, praticados contra o corpo físico das pequenas vítimas. Os atos que tocam o corpo da vítima estão previstos no Código Penal como estupro, violação sexual mediante fraude, corrupção sexual de menores, exploração sexual de criança ou adolescente.³⁸⁸ Enquanto a pornografia e demais atos de pedofilia através da *internet*, estão previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Se um pedófilo assediar ou instigar uma criança a praticar ato sexual, via *internet*, pratica o crime descrito no artigo 241-D, do ECA. Se se encon-

388 “Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos: Pena – reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos.”

“Art. 215. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com alguém, mediante fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação de vontade da vítima: Pena – reclusão, de 2 (dois) a 6 (seis) anos.”

“Art. 218. Induzir alguém menor de 14 (catorze) anos a satisfazer a lascívia de outrem: Pena – reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos. Favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável. (Redação dada pela Lei nº 12.978, de 2014)”

“Art. 218-B. Submeter, induzir ou atrair à prostituição ou outra forma de exploração sexual alguém menor de 18 (dezoito) anos ou que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, facilitá-la, impedir ou dificultar que a abandone Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 10 (dez) anos.

§ 1º Se o crime é praticado com o fim de obter vantagem econômica, aplica-se também multa.

§ 2º Incorre nas mesmas penas: I – quem pratica conjunção carnal ou outro ato libidinoso com alguém menor de 18 (dezoito) e maior de 14 (catorze) anos na situação descrita no *caput* deste artigo; II – o proprietário, o gerente ou o responsável pelo local em que se verificarem as práticas referidas no *caput* deste artigo.”

trar com a vítima e consumir o ato sexual, praticará o crime de estupro de pessoa vulnerável, previsto no art. 217-A do Código Penal.

A Associação de Psiquiatras Americanos através do DSM-V (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) define um pedófilo como sendo a pessoa que preenche os seguintes requisitos:

1. por um período de ao menos seis meses a pessoa possui intensa atração sexual, fantasias sexuais ou outros comportamentos de caráter sexual por pessoas com 13 anos de idade ou menos ou que ainda não tenham entrado na puberdade;
2. a pessoa decide por realizar seus desejos, seu comportamento é afetado por seus desejos, e/ou tais desejos causam estresse ou dificuldades intra e/ou interpessoal;
3. a pessoa possui mais do que 16 anos de idade e é no mínimo 5 anos mais velha do que a criança.³⁸⁹

Esse é um parâmetro para americanos. Psiquiatras, psicólogos, sociólogos e outros profissionais tratam a pedofilia de uma forma própria. Juridicamente, no Brasil, não existe o termo definido em lei. Assim, podemos dizer que um estuprador de criança é um pedófilo, embora cientificamente não faça sentido, pois para ser descrito como pedófilo é preciso que realize mais do que um ato. O termo, contudo, acabou tomando significado popular. Em razão disso, entendemos importante apresentar a pedofilia conforme é tratada no ECA.

O primeiro aspecto envolve o registro de imagens com cenas pornográficas ou de sexo explícito³⁹⁰. Trata-se de fotos, filmes, imagens, peças de teatro, etc., que são produzidas ou registradas pelo abusador. A lei pune também a divulgação, distribuição, publicação, inclusive pela *internet*³⁹¹, das imagens ou cenas. Pune-se também quem administra os prove-

389 AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *DSM V: Manual de diagnóstico estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

390 “Art. 240. Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente: Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa.”

§1º Incorre nas mesmas penas quem agencia, facilita, recruta, coage, ou de qualquer modo intermedeia a participação de criança ou adolescente nas cenas referidas no *caput* deste artigo, ou ainda quem com esses contracena.

391 “Art. 241-A. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.

§1º Nas mesmas penas incorre quem: I – assegura os meios ou serviços para o armazenamento das fotografias, cenas ou imagens de que trata o *caput* deste artigo, II – assegura, por qualquer meio, o acesso por rede de computadores às fotografias, cenas ou

dores e serviços de armazenamento das imagens. Outra questão que merece destaque é a do pedófilo que “consome” tais essas imagens ou cenas e que geralmente paga por elas. A lei pune as condutas de adquirir, possuir ou armazenar³⁹², física ou eletronicamente imagens ou cenas. Por isso, ao ser preso um pedófilo, apreendem-se os equipamentos e materiais que possui, principalmente computador e telefone celular. A expectativa é que, após perícia, tais equipamentos revelarão conter provas do crime. O simples armazenamento de imagens pornográficas de criança ou adolescente já é suficiente para caracterizar o crime (art. 241-B).

Uma das formas mais comuns de pedofilia e que também ocorreu no filme *Confiar*, consiste em assediar ou instigar a criança com o fim de praticar ato sexual com ela. Na maioria das vezes o abusador pede que a vítima mostre as genitais ou os seios para a câmera a fim de que ele possa ver e faz comentários picantes sobre atos sexuais. Esta conduta só é punível no Brasil se a vítima for criança³⁹³, isto é, deve ter até 12 anos incompletos. Se a história do filme *Confiar* tivesse ocorrido no Brasil, o fato de Charlie ter assediado Annie e pedido que ela lhe mostrasse os seios, entre outras coisas, ficaria impune porque Annie tinha 14 anos e, lamentavelmente, neste caso, não se configuraria um crime.

As hipóteses de pedofilia, que envolvem pornografia infantil, através de registro de imagens ou cenas de sexo explícito ou pornográfica, só abrangem a exibição de órgãos genitais ou atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, envolvendo crianças ou adolescentes. Imagem que exhibe apenas os seios de uma adolescente não se enquadra no conceito legal de pornografia³⁹⁴. Se as imagens pornográficas são de pessoas maiores de 18 anos, tampouco há crime. Se houvesse, a *Playboy* não poderia ser vendida em bancas de revista.

imagens de que trata o caput deste artigo.”

392 “Art. 241-B. Adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa.”

393 “Art. 241-D. Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso: Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

Parágrafo único. Nas mesmas penas incorre quem: I – facilita ou induz o acesso à criança de material contendo cena de sexo explícito ou pornográfica com o fim de com ela praticar ato libidinoso; II – pratica as condutas descritas no caput deste artigo com o fim de induzir criança a se exibir de forma pornográfica ou sexualmente explícita.”

394 “Art. 241-E. Para efeito dos crimes previstos nesta Lei, a expressão “cena de sexo explícito ou pornográfica” compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou exibição dos órgãos genitais de uma criança ou adolescente para fins primordialmente sexuais.”

Haveria, contudo, no filme, o crime de violação sexual mediante fraude (art. 215), que consiste na prática de ato sexual com pessoa por meio fraudulento ou outro meio que impede ou dificulta a livre manifestação da vítima. Esta situação, contudo, não pode ser confundida com a vulnerabilidade de vítima no caso de ausência de capacidade cognitiva sobre o ato, como é o caso de narcotização ou doença mental, previstos no art. 217-A.

Fazendo uma análise das condutas de Charlie frente à legislação brasileira, constata-se que nenhum crime do ECA foi cometido. Restaria a aplicação do Código Penal. Com uma interpretação menos conservadora, pode-se identificar o crime do art. 215, na medida em que Annie tinha dificuldade de manifestar livremente sua vontade em aderir ao ato sexual. A cena que antecede a relação sexual deixa evidente que Annie não desejava o ato, mas Charlie já a dominava com envolvimento físico e psíquico. Não houve reação contrária ao ato, com oposição enérgica de Annie. Caso isto tivesse ocorrido, haveria o crime de estupro com violência real de pessoa com idade entre 14 e 18 anos (art. 213, § 2º, do Código Penal). Contudo, tampouco houve consentimento. Ela sequer aceita ser beijada, mas Charlie joga seu corpo pesado sobre a menina e a violenta. Fica plenamente caracterizado, no nosso ponto de vista, o crime de estupro conforme tipificado no art. 213, § 2º, do CP³⁹⁵, porque ela tem entre 14 e 18 anos de idade. Se tivesse menos de 14, teria ocorrido estupro de vulnerável (art. 217-A, do CP).

Existem muitos estudos nas áreas da psiquiatria e da psicologia acerca do perfil dos pedófilos. Assim como é difícil identificar um psicopata, enquanto não manifestar por atos concretos o seu distúrbio, o pedófilo fica escondido na rede eletrônica. Estudo na Universidade de Yale com emprego de ressonância magnética em pedófilos mostrou diferenças significativas de atividade cerebral em pedófilos e não-pedófilos. Um traço comum identificado por pesquisadores nos pedófilos é a baixa autoestima e pouca habilidade social. O que mais assusta é o alto índice de homens que apresentam alguma excitação sexual em relação a crianças, conforme relatos de estudos em várias partes do mundo. Destaco a pesquisa sobre pedofilia de J. Briere e M. Runtz³⁹⁶ com 197 estudantes universitários masculinos: 21% disse ter alguma atração sexual por crianças, 9% afirma

395 “Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso: Pena – reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos.”

“Art. 213 § 1º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave ou se a vítima é menor de 18 (dezoito) ou maior de 14 (catorze) anos: (Pena - reclusão, de 8 (oito) a 12 (doze) anos.”

396 BRIERE, J.; RUNTZ, M. ‘University males’ sexual interest in children: Predicting potential indices of “pedophilia” in a nonforensic sample. In: *Child Abuse & Neglect*13(1):1989. p. 65-75.

ter fantasias sexuais envolvendo crianças, 5% admite masturbar-se por causa destas fantasias, e 7% admite a possibilidade de realizar ato sexual com uma criança, caso possa evitar ser descoberto e punido. Os autores advertem que os índices podem ser bem maiores, tendo em vista que há um estigma social em admitir tal impulso sexual. Em outra pesquisa sobre pedófilos realizada no Canadá, dirigida pelo cientista James Cantor, concluiu-se que os desvios de conduta sexual estão relacionados a falhas em algumas conexões do cérebro.³⁹⁷

É do conhecimento público que a pedofilia assume números alarmantes na Igreja católica. Em abril de 2014 foi divulgado relatório elaborado pelo Comitê dos Direitos da Criança das Nações Unidas³⁹⁸, e, juntamente com o relatório, exigiram que o Vaticano entregasse à justiça todos os pedófilos de que tenha conhecimento no seio da Igreja. E criticaram a atitude da Santa Sé sobre o tema no passado, por ter se limitado a transferir os abusadores de cidade, estimulando a impunidade e oferecendo-lhes novas vítimas. A presidente do comitê, Kristen Sandberg, afirmou que o Vaticano viola a convenção dos direitos das crianças. A ONU destaca em relatório, publicado no dia 5 de fevereiro de 2014, em Genebra, “profunda preocupação quanto aos abusos sexuais de crianças pelos membros da Igreja Católica sob a autoridade da Santa Sé, com religiosos implicados no abuso de dezenas de milhares de crianças em todo o mundo.”

O pedófilo não tem profissão, nível cultural, posição social específicos. Pode ser seu vizinho, seu familiar. Os prejuízos psíquicos causados pelo pedófilo são devastadores para as crianças, para os pais e, conseqüentemente, para a sociedade. Tal como no filme, o abusador geralmente fica impune.

Os pais devem conversar com seus filhos sobre o problema da pedofilia e dos perigos da *internet* e fazer um controle conforme a idade, porque o exagero de fiscalização acarretará que crianças e adolescentes façam tudo às escondidas, o que os torna ainda mais vulneráveis. Diálogo aberto e flexibilização de controle são fundamentais.

Para discussão:

1. Mudanças no comportamento sexual no mundo Ocidental nas últimas décadas têm como conseqüência que homens e mulheres começam a ter relações sexuais cada vez mais cedo, muitos, antes da idade legal estabelecida. Disto decorre que seu parceiro ou parceira está cometendo

397 *Link*:http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/09/070924_cerebropedofilia_fp.shtml.

398 Disponível em http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=3669567. Acesso em agosto de 2014.

um crime. Juristas e profissionais da saúde discutem sobre a possibilidade de alteração da idade mínima no Brasil. As sugestões se concentram em 12 anos. Alguns sugerem análise caso a caso, conforme o corpo e o comportamento do adolescente. A partir de que idade se deveria entender que o adolescente tem condições de compreender o que significa ter uma relação sexual e, portanto, consentir com a sua realização? A capacidade para consentir deveria implicar que, dado o consentimento do adolescente para a prática de ato sexual, tal ato não deveria ser considerado crime?

2. Quais são os principais fatores que concorrem para o abuso sexual na infância? Discuta sobre estratégias para evitar que crianças e adolescentes sejam vítimas de pedófilos.

3. Há países que condenam pedófilos e estupradores à castração química, que elimina a libido do punido de modo que ele não terá condições de ter uma ereção e, portanto, não poderá fazer novas vítimas. Ao final da pena, cessa a medicação e a libido retorna. Se pedófilos e estupradores fossem recuperáveis, a adoção e aplicação de tal pena seria razoável. Contudo, se pedófilos e estupradores jamais deixarão de assim agir, deveriam ser condenados perpetuamente à castração química? Pesquise e discuta sobre a possibilidade de se adotar a castração química no Brasil como uma forma de pena. Considere que se pode entender que a opção por tal pena pode depender ou não de quem vai sofrê-la.

Sugestões de leitura:

VIGARELLO, Georges *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998.

WAITES, Matthew. *The age of consent: young people, sexuality and citizenship*. New York/London: Palgrave MacMillan, 2005.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Confiar*

Título original: *Trust*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 106 minutos

Ano: 2010

Direção: David Schwimmer

Pedofilia e abuso sexual contra criança ou adolescente são CRIMES!

DENUNCIE!!!

- 1. Por telefone**, ligue para o número **100**, do Disque Denúncia.
- 2. Por e-mail**, escreva para **disquedenuncia@sedh.gov.br**.
- 3. Pessoalmente**, procure a **polícia local**.

A vulnerabilidade da população infantil e adolescente em *Crianças invisíveis*

Isabella Moreira dos Santos³⁹⁹

Matheus Cantanhêde da Rosa⁴⁰⁰

Crianças invisíveis retrata, através de oito cineastas, sete realidades em sete países diferentes. Produzido em 2005 sem fins lucrativos⁴⁰¹, o filme é um projeto cinematográfico composto de sete curtas-metragens protagonizados por crianças de diversas regiões do mundo, tendo como foco personagens infanto-juvenis que convivem com diversas formas de violência, mostrando através da ficção uma realidade presente.

Os cenários e personagens pertencem a lugares diferentes, mas descrevem uma dura realidade vivenciada por jovens e crianças de vários países, ressaltando um tema que necessita de maior atenção: a violência, suas várias modalidades e conseqüências. Assim, cada curta-metragem exhibe à sua maneira, diferentes situações e problemas reais, descortinando um mundo de negligência, maus-tratos, violência física e psicológica, exploração infantil, conflitos étnicos, políticos e econômicos, onde crianças e adolescentes estão imersos.

O primeiro curta-metragem se passa na África, do diretor Mehdi Charef, e mostra um grupo de meninos guerrilheiros, envolvidos em conflitos étnicos, políticos e econômicos. Tanza é um desses meninos, com apenas 12 anos ele tem a missão de colocar uma bomba numa escola, que será detonada quando crianças estarão em aula, demonstrando o abismo entre o vivenciado pelos meninos guerrilheiros e a noção que se tem de infância. No Brasil, a situação de crianças aliciadas para o tráfico de drogas remete ao dilema de Tanza. De acordo com dados levantados em pesquisa feita por Dowdney (2003, 2005) no Rio de Janeiro, cerca de 5 mil crianças estão envolvidas em disputas por controle de território das facções do tráfico de drogas, em condições muito semelhantes às de crianças que atuam como soldados em conflitos armados de ao redor do mundo⁴⁰². Em Marjan, de Emir Kusturica, a história se passa em um reformatório na Sérvia, mostrando menores infratores e seu desamparo. O personagem principal é um menino cigano que está prestes a ser liberado da instituição, mas sente-se desolado ao pensar em voltar para o convívio de um pai alcoóla-

399 Bacharelanda em Fonoaudiologia (UFCSA).

400 Bacharel em Psicologia (UNISINOS) e bacharelado em Gestão em Saúde (UFCSA).

401 Conforme disposto no filme, o valor arrecadado com a obra foi doado à UNICEF e a uma organização mundial que busca combater a fome (World Food Program).

402 PIRES, Sérgio Fernandes Penna; BRANCO, Ângela Uchoa. *Na rota da violência: crianças em contexto armado. Jus navigandi*. 2010. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/14507/narota-da-violencia-criancas-em-contexto-armado>. Acesso em abril de 2014.

tra e violento, que o explora e pode coagi-lo a cometer furtos novamente. Destaca-se que a falta de oportunidades e a desqualificação profissional levam ao desemprego, assim famílias são atingidas por problemas econômicos, um dos grandes motivos que levam indivíduos a buscar meios alternativos para a sobrevivência, elevando os indicadores de violência doméstica.⁴⁰³

Jesus children of america, dirigido por Spike Lee, se passa em Nova York onde somos apresentados a Blanca, uma menina que sofre com a discriminação dos colegas na escola por ter pais dependentes químicos e ser soropositiva. Doenças infecciosas como a AIDS são carregadas de estigmas, onde construções estereotipadas reforçam a discriminação, ocorrendo muitas vezes por falta de informação ou mesmo mitos da população sobre a forma de contágio da doença, levando o portador a sofrimento, além do corporal, psíquico e social.⁴⁰⁴

O Brasil também foi cenário em um curta retratado por Kátia Lund: vivendo na grande São Paulo, Bilu e João são duas crianças que trabalham “catando” latinha e papelão para vender e possibilitar a compra de tijolos para construir a casa da família. Lutando para conquistar um espaço para seu casebre entre construções milionárias, assiste-se ao gritante contraste observado nas metrópoles de países em desenvolvimento. Em 2011, dos 3,7 milhões de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil, 57,5% – ou seja, 2,1 milhões de crianças e adolescentes – trabalhavam e ainda eram responsáveis pelas tarefas domésticas em suas próprias casas⁴⁰⁵. Uma vez que a questão da sobrevivência é preponderante, milhões de crianças trabalham para sustentar suas famílias, mas o local ideal para essas crianças seria a escola, brincando, estudando, e desenvolvendo-se em ambiente adequado às suas idades, e não vivendo sem condições de

403 WHO: KRUG Etienne G; DAHLBERG, Linda L; MERCY, James A.; ZWI, Anthony B. LOZANO, Rafael (orgs). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization, 2002. Disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf. Acesso em maio de 2014.

404A AIDS, caracterizada como uma patologia clínica incurável que leva à morte adentrou também nos campos psicológico e social. Isso significa que a experiência do adoecer é carregada de preconceito, discriminação, medo, violência, solidão, incertezas, desemprego, pobreza e desigualdades de gênero. Trata-se, pois, de um importante problema de saúde pública e de grandes proporções. ECCON, Roger Flores; MENEGHEL, Stela Nazareth. HIV/AIDS: enfrentando o sofrimento psíquico. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, Sept. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-311X2012000900023&lng=en&nrm=iso. Acesso em agosto de 2014.

405 ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. 150 milhões de crianças de 5 a 14 anos sofrem com o trabalho infantil nos países em desenvolvimento. *Nações Unidas no Brasil*. 2013. Disponível em: <http://www.onu.org.br/150-milhoes-de-criancas-de-5-a-14-anos-sofrem-com-trabalho-infantil-em-todo-mundo-alerta-unicef/>. Acesso em maio de 2014.

acesso à educação por serem privadas de condições financeiras, trabalhando para ter um lugar para morar e o que comer.

Sob outra perspectiva, Jordan e Ridley Scott nos introduzem ao dilema do fotógrafo inglês Jonathan, que afetado pelos registros de guerras presenciados, sente-se desiludido com a vida, pois acredita não estar ajudando as pessoas que retrata. Assim, gostaria de voltar a ser criança e ver a vida com outros olhos. Já Stefano Veneruso retrata Ciro, uma criança que mora com a família em um conjunto habitacional em Nápoles, na Itália, que negligenciado pela família sem estrutura, comete furtos para sobreviver. A negligência corre quando quem tem vínculo de responsabilidade com a criança – pai, mãe, guardião legal etc. – deixa de prover as condições básicas necessárias ao desenvolvimento adequado da criança, englobando desde condições materiais, como higiene e alimentação, a condições não materiais, como educação e afeto⁴⁰⁶. Pode ser caracterizada como ativa (intencional) ou passiva (resultado da falta de capacidade de prestar cuidados⁴⁰⁷). No último curta-metragem, o diretor John Woo expõe a gritante diferença social entre duas meninas chinesas: Song Song pertence a uma família abastada, porém sofre com a separação e o distanciamento dos pais. Já Little Cat é uma órfã criada por um idoso sem-teto a quem chama de vovô; juntos economizam como podem os trocados que recebem para realizar o sonho dela de frequentar a escola. No entanto, diante de um revés, ela fica sem proteção, sendo explorada por um homem que mantém meninas em situação de trabalho infantil, passando a vender flores nas ruas para sobreviver. O que simboliza a aproximação de realidades tão opostas é uma boneca jogada fora por Song Song (uma entre tantas que possui), que chega a Little Cat e se torna uma valiosa “companheira” nos momentos difíceis.

O filme como um todo aborda os tipos de violência explicitada pela Organização Mundial da Saúde (1998)⁴⁰⁸, a qual divide a violência em três categorias: 1) a auto-afligida: violência contra si mesmo, sendo o suicídio o modo mais fatal; 2) a interpessoal: comportamento violento entre in-

406 SÃO PAULO. Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo. *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes: guia para os profissionais de saúde*. São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, 2004. Disponível em: www.saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/profissional-da-saude/homepage/guia_para_notificacao_de_maus_tratos_contra_crianças_e_adolescentes_.pdf. Acesso em maio de 2014.

407 MENEZES, Bárbara; PRAZERES, Vasco (coord.). *Maus tratos em crianças e jovens: guia prático de abordagem, diagnóstico e intervenção*. Divisão de Comunicação e Promoção da Saúde no Ciclo de Vida. Direção-Geral da Saúde, 2011. Disponível em: http://www.adcl.org.pt/observatorio/pdf/Guia_Maus_tratos2011.pdf. Acesso em agosto de 2014.

408 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Informe Mundial sobre la Violencia y la Salud: resumen*. Washington, DC: OMS, 2002. Disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_es.pdf. Acesso em agosto de 2014.

divíduos, os quais podem ser íntimos ou não; e 3) a organizada: comportamento violento de grupos sociais ou políticos, motivados por objetivos políticos, econômicos ou sociais. Segundo o *Dicionário Houaiss*, violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”⁴⁰⁹. No aspecto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação⁴¹⁰. Porém, o conceito de violência é muito amplo e subjetivo. Assim, parte das dificuldades para conceituar violência vem do fato de ela ser um fenômeno cujas manifestações provocam ou são provocados por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. Embora as causas da violência sejam complexas e devam ser analisadas respaldadas por componentes sócio históricos, econômicos, culturais e subjetivos com profundidade, não competindo a este artigo tal análise, é preciso lembrar que suas conseqüências afetam a saúde coletiva.⁴¹¹

A violência torna-se um problema de saúde pública porque afeta a saúde individual e coletiva dos indivíduos envolvidos, causando sofrimento físico e mental e conseqüentemente grande impacto na qualidade de vida das vítimas, exigindo atenção dos profissionais da saúde como um todo⁴¹². A maior parte dos casos de maus-tratos contra crianças ocorre dentro da família, sem ser descoberto.⁴¹³ No Brasil, causas externas (acidentes e violências) foram responsáveis por 53,2% das mortes de crianças e adolescentes no ano de 2010 – só o número de homicídios corresponde a 43,3% dos óbitos nessa faixa etária, sendo a principal causa registrada –

409 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Violência. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2866.

410 DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. *Violência: um problema global de saúde pública*. *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 7, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>. Acesso em maio de 2014.

411 BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf. Acesso em junho de 2014.

412 DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. *Violência: um problema ...*

413 VENTURINI, Fabiola Perri; BAZON, Marina Rezende; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Família e violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11108/8794>. Acesso em agosto de 2014.

e por 40% do total de atendimentos realizados pelo SUS.⁴¹⁴ Isso significa que os profissionais da saúde lidam frequentemente com tal demanda em seu cotidiano, reforçando a compreensão da violência como questão de saúde pública.

A percepção do que está além do visível pode ser vista em pequenas manifestações da vida no cotidiano, mostrando a realidade através da arte, aproximando a ficção do real ao reproduzir o mundo que está a nossa volta. Realista, o filme passa mais do que uma mensagem sobre a vida das crianças, faz crítica aos responsáveis por estas, observadas em aspectos comuns a todas as histórias: a exclusão, o invisível. Invisível pela indiferença dos demais perante à violência, ignorando-a; ou porque é cômodo se distanciar do que não está ao alcance da visão. Crianças tornam-se invisíveis, ao serem esquecidas por suas famílias e comunidades, assim como “desaparecem” para governos e sociedades civis. Para milhões de crianças, a principal causa de sua invisibilidade são as violações de seu direito à proteção, e há diversos fatores que contribuem para tal: ausência ou perda de uma identificação formal; proteção inadequada do Estado para crianças que não contam com cuidados dos pais; exploração por meio do tráfico e de trabalho forçado; e o envolvimento prematuro de crianças com papéis que cabem aos adultos, como casamento, trabalho perigoso e conflitos armados – condições que aumentam o risco de a criança ser explorada, negligenciada, vítima de tráfico e de abusos.⁴¹⁵

As histórias têm como objetivo chamar a atenção da sociedade e de autoridades, mostrando crianças lutando para sobreviver, compartilhando do simples desejo de viver dignamente sua infância. Ainda que indiretamente, a maioria dos curtas metragens chamam atenção para o fato de que a responsabilidade é compartilhada, tanto nas causas da violência como nas soluções⁴¹⁶. Assim como não é um único indivíduo – como um pai agressivo – o motivo de ela existir, não é um único indivíduo – como um profissional da saúde – quem está capacitado a resolvê-la. Em ambos os casos, a situação atravessa dimensões mais amplas, alcançando a pró-

414 WASELSEFIZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2012. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf/2012/MapaViolencia2012_Crianças_e_Adolescentes.pdf. Acesso em agosto de 2014.

415 UNICEF. *Situação Mundial da Infância 2006*. Capt. 03: Crianças Invisíveis. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/sowco6/cap3.htm>. Acesso em agosto de 2014.

416 Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, todos os membros da sociedade têm o dever de zelar pelo bem-estar de crianças e adolescentes. Dentro desse princípio, a omissão de qualquer pessoa diante da violência coopera para que ela continue existindo. Ampliando o conceito, podemos compreender que a omissão diante das situações que produzem a violência (por exemplo, a desigualdade social) também perpetua sua existência. BRASIL. *Lei n.º 8.069, de 13 de Julho de 1990*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em agosto de 2014.

pria forma de organização da sociedade. No que concerne às causas da violência, o problema tem raízes antigas. As crianças vítimas de violência se deparam com um mundo que não foi adequadamente preparado para recebê-las, tanto ao deixá-las sujeitas à violência quanto ao falhar em resgatá-las de tal condição, e sobre o qual não têm o poder de agir. A realidade com que se defrontam é a que as ignora, que as abandona, que as esquece, realidade que produz pessoas violentas e também pessoas dedicadas a sanar a violência. Resta-nos a responsabilidade de aumentar os números do segundo grupo, a fim de que estes possam, enfim, criar uma nova realidade.

Para discussão:

1. Ao refletir a respeito das diferentes realidades apresentadas nas diversas histórias, quais aspectos em comum com a sua realidade, ou de outros, é possível perceber?
2. O artigo 227 da Constituição Federal brasileira diz: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”⁴¹⁷. Como os entes citados podem cumprir esse dever?
3. À luz da questão anterior, o que já vem sendo cumprido e o que ainda precisa ser melhorado?

Sugestões de leitura:

BRASIL. Ministério da Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. 2005. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf.

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
KOLTAI, Caterina. *Por que pacifismo?* São Paulo: Moderna, 1986.

⁴¹⁷ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em agosto de 2014.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Crianças invisíveis*

Título original: *All the invisible children*

País de origem: Brasil, Itália, Inglaterra, Sérvia, Burkina Faso, China e Estados Unidos

Gênero: drama

Classificação: livre

Tempo de duração: 116 minutos

Ano: 2005

Direção: Emir Kusturica, John Woo, Jordan Scott, Kátia Lund, Mehdi Charef, Ridley Scott, Spike Lee, Stefano Veneruso

Corpo e gênero: violência obstétrica

Violência obstétrica: a voz das brasileiras – primeiro ato, a denúncia

Ana Carolina da Costa e Fonseca⁴¹⁸

No Brasil, anualmente, milhares de cirurgias cesarianas desnecessárias são realizadas. Muitas delas, conforme a vontade das mulheres que a elas se submetem. Outras tantas, contra a vontade das mulheres que são, literalmente, enganadas por seus médicos para serem submetidas a um procedimento desnecessário e de risco. Tal fato vinha sendo discutido cada vez mais no âmbito acadêmico e por muitas mulheres nas redes sociais, sem, contudo, ter repercussão nacional até que um fato ocorrido em Torres, pequena cidade costeira do sul do Brasil, deu notoriedade a um problema moral que passou a ser também um problema jurídico: a quem cabe decidir quando e como um bebê nascerá?

Em abril de 2014, uma mulher estava grávida de seu terceiro filho. A gravidez não fora planejada, mas o filho era desejado. Ela fora submetida anteriormente a duas cesarianas e o médico que fez a segunda cesariana lhe disse que devido a problemas na primeira, se ficasse grávida novamente, deveria evitar uma terceira cesariana. Ao saber da terceira gravidez, informou-se e realizou todos os procedimentos necessários para ter seu filho por parto natural. Realizou pré-natal no hospital público da cidade e com 40 semanas de gestação lá voltou para mais uma consulta. A médica decidiu que ela deveria realizar uma cirurgia cesariana imediatamente. O principal e não-real argumento era a gestação de 42 semanas. A gestante, contudo, tinha em mãos o exame que informava que ela estava na 40ª semana de gestação e, por isso, poderia esperar o início do parto natural. A gestante se recusou fazer uma cirurgia cesariana que sabia desnecessária e foi embora. A médica, então, conseguiu uma autorização judicial para realizar o procedimento contra a vontade da mulher. À noite, quando já estava em trabalho de parto na companhia da sua doula⁴¹⁹, um

418 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

419 Algumas notas deste artigo são iguais ou parecidas com as notas do próximo artigo deste livro, que também trata de violência obstétrica. No site <http://www.doulas.com.br/> há informações sobre os serviços que as doulas prestam e uma lista de profissionais. E elas próprias explicam o que fazem: “A palavra ‘doula’ vem do grego ‘mulher que serve’. Nos dias de hoje, aplica-se às mulheres que dão suporte físico e emocional a outras mulheres antes, durante e após o parto. Antigamente a parturiente era acompanhada durante todo o parto por mulheres mais experientes, suas mães, as irmãs mais velhas, vizinhas, geralmente mulheres que já tinham filhos e já haviam passado por aquilo. Depois do parto, durante as primeiras semanas de vida do bebê, estavam sempre na casa da mulher parida, cuidando dos afazeres domésticos, cozinhando, ajudando a cuidar das outras crianças. Conforme o parto foi passando para a esfera médica e nossas famílias foram ficando cada vez menores, fomos perdendo o contato com as mulheres mais experientes. Dentro de

oficial de justiça e dois policiais foram à casa da mulher, que foi levada para o hospital contra a sua vontade e submetida a uma cesariana forçada. Seu marido foi proibido de acompanhá-la.⁴²⁰

Durante milhares de anos, o momento em que se daria o nascimento de um bebê não foi discutido, apenas, aguardava-se a natureza seguir seu curso e o bebê nasceria quando estivesse pronto. Como se afirma atualmente para lembrar o passado em relação ao momento e ao modo do parto: a mulher sabe como parir e o bebê sabe como e quando nascer. Quando a cirurgia cesariana passou a ser utilizada como um procedimento médico de rotina, e sua segurança reconhecida, mais mulheres passaram a fazer cirurgias para terem seus filhos. A cirurgia cesariana, contudo, é o procedimento mais seguro para a mãe e para o bebê apenas quando for necessária. Se não há motivo clínico para realizar uma cirurgia cesariana, o mais seguro é o parto natural. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 15% dos partos deveriam ocorrer por cirurgia cesariana. No Brasil, segundo a última pesquisa, feita em 2012 e divulgada há algumas semanas, dos nascimentos pagos por convênio, 88% foram feitos por cesariana. As mulheres que têm convênio, em geral, pertencem a uma parcela da população com mais condições socioeconômicas, o que, em geral, está ligado a maiores níveis de escolaridade. Contudo, são exatamente as mulheres tidas como mais esclarecidas que estão tendo seus filhos do modo menos recomendado pela OMS. Eis os dados da pesquisa “Nascer no Brasil” realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz): dos partos realizados no Brasil, 80% o são pelo setor público e 20% pelo privado. No total, 52% dos partos ocorrem por cirurgia cesaria-

hospitais e maternidades, a assistência passou para as mãos de uma equipe especializada: o médico obstetra, a enfermeira obstétrica, a auxiliar de enfermagem, o pediatra. Cada um com sua função bastante definida no cenário do parto. O médico está ocupado com os aspectos técnicos do parto. As enfermeiras obstetras passam de leito em leito, se ocupando hora de uma, hora de outra mulher. As auxiliares de enfermeira cuidam para que nada falte ao médico e à enfermeira obstetra. O pediatra cuida do bebê. Apesar de toda a especialização, ficou uma lacuna: quem cuida especificamente do bem estar físico e emocional daquela mãe que está dando à luz? Essa lacuna pode e deve ser preenchida pela doula ou acompanhante do parto. O ambiente impessoal dos hospitais, a presença de grande número de pessoas desconhecidas em um momento tão íntimo da mulher, tende a fazer aumentar o medo, a dor e a ansiedade. Essas horas são de imensa importância emocional e afetiva, e a doula se encarregará de suprir essa demanda por emoção e afeto, que não cabe a nenhum outro profissional dentro do ambiente hospitalar”.

420A própria Adelir Carmen Lemos de Góes nos conta sua história em <http://www.cientistaqueviroumae.com.br/2014/04/uma-conversa-com-adelir-e-emerson-eu.html> (entrevista com Adelir e o pai da criança). Acesso em julho de 2014. Cabe lembrar que a lei assegura à mulher o direito a um acompanhante de sua escolha durante o tempo de internação para realização do parto. Lei 11.108 de 7 de abril de 2005. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm. Acesso em agosto de 2014.

na, destes, 46% no setor público e 88% no setor privado.⁴²¹

Há alguns anos, mulheres passaram a usar as redes sociais para trocar informações sobre como cuidar de seus filhos. Aos poucos a discussão se estendeu para a maneira como foram tratadas durante o parto. Em 2010, foi realizada uma pesquisa na qual 25% das mulheres disseram ter sido submetidas a alguma forma de violência obstétrica.⁴²² O número é elevadíssimo, especialmente se considerarmos que muitas mulheres ainda não reconhecem o que aconteceu consigo durante o pré-natal, o parto ou o pós-parto como violência, mas, sim, como algo “normal” que acontece com muitas mulheres.

Nos últimos anos, outras pesquisas acadêmicas foram feitas discutindo violência obstétrica.⁴²³ Dois documentários foram produzidos: *Violência obstétrica: a voz das mulheres*⁴²⁴ (2012) e *O renascimento do parto* (2013), que discuto no próximo artigo. Muitos *blogs* tratam do tema, oferecem espaço para as mulheres contarem suas histórias (infelizes e felizes) e fornecem informações para que as mulheres se “empoderem” e vivam seus partos como desejam. Cito, como exemplo, o premiado blog “Cientista que virou mãe” (<http://www.cientistaqueviroumae.com.br/>), de Lígia Moreiras Sena, uma das diretoras do documentário, e mulher que, doutora em farmacologia e professora universitária, foi vítima de violência obstétrica, mudou sua vida após o nascimento da Clara, criou o *blog* e transformou sua dor em fonte de inspiração para auxiliar outras mulheres a não passarem pelo que passou.

Do ponto de vista das mulheres, há uma enorme luta para que sejam tratadas com respeito durante a gestação, o parto e o pós-parto. Contudo, é preciso que nos perguntemos contra quem se dá esta luta. A resposta assustadora é: contra profissionais da saúde.

Sou professora numa universidade especializada em cursos da área da saúde e ministro disciplinas no primeiro semestre de vários cursos. Na primeira aula do semestre, pergunto aos meus alunos por que escolheram

421 Os dados da pesquisa “Nascer no Brasil” estão disponíveis em http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt_943835885.pdf. Acesso em agosto de 2014.

422 VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau. (orgs.) *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado*: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013.

423 Cito, por exemplo, o “Teste de violência obstétrica”, pesquisa realizada por Ana Carolina Arruda Franzon e Lígia Moreiras Sena, disponível em: http://www.apublica.org/wp-content/uploads/2013/03/Divulga%C3%A7%C3%A3o-dos-resultados_-Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Diagramada_Vers%C3%A3o-final.pdf. Acesso em agosto de 2014.

424 O documentário está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=egouvonF25M>. Armando Rapchan, um dos produtores, disponibilizou-o neste *link*. Portanto, assisti-lo neste *link* não viola direitos autorais. Ao contrário, a intenção dos produtores é oferecer livre acesso ao filme.

o curso em que estão. As respostas variam, é claro, mas há em comum o fato de quererem fazer o bem para seus pacientes nas diversas áreas de atuação dos profissionais da saúde. Mesmo aqueles que não cursam o que era sua primeira opção, escolheram algo que consideraram combinar consigo e que lhes permite fazer o que chamam de “bem”. Evidentemente, problematizo ao longo da disciplina de bioética o que se deve tomar por “bem”, em especial, em relação ao modo como devemos nos portar quando outrem entende por bem algo diferente do que nós.

A maneira como mulheres são tratadas no Brasil durante a gravidez, o parto e o pós-parto não está conforme o que podemos chamar de bem. Mulheres são agredidas, violentadas, tratadas como objetos que parem bebês. Bebês são retirados prematuramente do útero de suas mães. Cabe ressaltar que toda cirurgia cesariana agendada por conveniência e não por necessidade traz ao mundo um bebê prematuro, pois é preciso marcar a cirurgia com antecedência em relação ao momento em que o bebê estaria “maduro” para nascer para que o médico tenha certeza de que o bebê não nascerá antes do prazo o que tornaria necessário realizar um parto natural. A pergunta que parece evidente é: o que fizemos com os sonhos dos nossos alunos? Eles queriam fazer o bem, não? Quando pensamos acerca do parto, se há a possibilidade do parto natural, bem é o que a mulher toma para si e para seu filho como o melhor. Provocar desnecessariamente um nascimento prematuro não é um bem. Submeter uma mulher a uma cirurgia cesariana contra a sua vontade e sem efetiva necessidade médica é uma violação do princípio da beneficência.

A maioria das mulheres, contudo, não se sentiu desrespeitada durante o processo de gravidez, parto e pós-parto, logo, as práticas criticadas quanto a alguma forma explícita de violência não correspondem à prática da maioria dos médicos. Porém, a porcentagem de cirurgias cesarianas realizadas no Brasil, repito, (52% no geral, 88% por convênio) é muito superior à porcentagem recomendada pela OMS (15%). Disso decorrem duas hipóteses: ou bem as mulheres brasileiras não são capazes de parir seus filhos, ou bem os médicos brasileiros estão realizando muitas cirurgias cesarianas desnecessárias. Evidentemente, recuso a primeira hipótese. E discuto a segunda. O caso de Adelir é exemplar para discutir a quem cabe a decisão a respeito de como os bebês devem nascer.

Muitos dizem que a mulher não pode escolher algo a despeito do que informam os médicos, pois cabe a eles, e não às mães dos bebês, decidir o que é o melhor para o bebê. O argumento parece transformar médicos num tipo de patrulheiro do bem-estar do bebê. Ele, contudo, é falso porque logo após o parto, os profissionais da saúde entregam os bebês

para suas mães e permitem que muitas decisões prejudiciais à saúde do bebê sejam tomadas. Por exemplo, eles poderão ser alimentados de modo não-saudável, quando atingirem idade escolar tomarão medicamentos prescritos por médicos que lhe serão prejudiciais, tais como Ritalina, Ritrovil e Frontal. Durante a gravidez, mulheres podem beber e fumar, e o poder público nada faz para impedi-las. Precisamos entender o que está envolvido no momento do parto que faz com que preocupações existentes antes e depois do parto apenas na forma de recomendações, se tornam imposições durante o parto, e fazem com que médicos agridam suas pacientes.

A busca por explicações para a realização de um número excessivo de cirurgias cesarianas no Brasil

Início com um agradecimento. Sou professora de Filosofia, que não é uma ciência. A reflexão sobre o mundo, que é o que muitos filósofos se propõem a fazer, exige que conheçamos a realidade a respeito da qual estamos refletindo. Atualmente, tomamos dados científicos como os dados confiáveis para a descrição das coisas como elas são e das relações como elas se dão. Evidentemente, não há neutralidade na ciência. Dados são produzidos por seres humanos que têm valores morais e que percebem a realidade conforme seus valores morais. Produzimos os dados que queremos produzir. Em relação ao tema que ora discutimos, são mulheres vítimas de violência obstétrica ou pessoas preocupadas com a questão que a estão discutindo. São profissionais da saúde que realizam cirurgias cesarianas desnecessárias e que alegam ser este o procedimento mais seguro os que produzem dados que corroboram ou criticam sua prática profissional. Agradeço, pois, aos cientistas que produziram os dados necessários para que este artigo pudesse ser escrito.

Há muitos anos e cada vez mais realizam-se muitas cirurgias cesarianas desnecessárias. Na década de 1970, aumentou o número de cirurgias cesarianas feitas no Brasil. Dado o desenvolvimento da técnica, a possibilidade de salvar a vida de muitas mulheres foi recebida com entusiasmo. Em alguns países, dentre os quais está o Brasil, a exceção que salvava vidas tornou-se regra. Queremos entender por que a cirurgia cesariana eletiva é um procedimento realizado em larga escala e imposto a muitas mulheres, visto não ser o melhor nem para a mulher, nem para o bebê.

Eis algumas explicações possíveis.

1) Quanto à conveniência dos profissionais da saúde:

a) os médicos ganham mais fazendo cesariana do que parto normal. O procedimento em si custa mais caro. A hora de trabalho é ainda mais

lucrativa. E há no mínimo dois médicos envolvidos, o obstetra e o anestesista.

b) Além disso, o procedimento é agendado, evidentemente, em horário comercial, para evitar, por exemplo, partos durante a madrugada, em finais de semana ou feriados.

2) Quanto à relação profissional da saúde - paciente:

a) no Brasil, a relação se dá de modo fundamentalmente paternalista. Médicos, por terem conhecimento técnico, supõe que podem decidir sobre o que é melhor para seus pacientes. Em relação às mulheres grávidas, caberia ao médico, segundo quem adota uma postura paternalista, decidir quando e como é melhor o bebê nascer.

b) Há uma questão de gênero latente. Quando uma mulher faz um plano de parto, está dizendo ao médico: use seu conhecimento para fazer o que eu quero. Aceitar o plano de parto estabelecido pela mulher, que contém determinações acerca de como ela quer que o bebê nasça, exige que o médico reconheça que seu papel no parto não é de protagonista, mas de coadjuvante. Evidentemente, há muitas mulheres que são médicas obstetras. Contudo, elas, muitas vezes, foram formadas por homens, e vivem num ambiente onde as regras são estabelecidas por homens, de modo que adotam procedimentos que são convenientes para homens. (A repetição da palavra “homem” neste parágrafo visa a enfatizar a questão de gênero que paira sobre o problema da violência obstétrica). E um dado que precisa ser produzido é o do número de homens e de mulheres que são chefes de maternidades no País.

c) Quem determina se o parto ocorrerá por cirurgia (cesariana) ou se será parto normal é o médico, ou seja, o profissional habilitado para informar a mulher acerca do modo (ou dos modos) como poderá ocorrer o nascimento do filho da mulher, é o médico. Ele não é, contudo, o único que pode realizar o procedimento caso o escolhido, se possível, for o parto natural. Enfermeiras e parteiras têm habilitação profissional para realizar partos naturais de baixo risco, o que poderia ocorrer em cerca de 85% dos casos, conforme a OMS. Isso exige que o médico reconheça que, apesar de sua importância, ele não é fundamental para o nascimento de todos os bebês. Em muitos países, tais como Holanda e Nova Zelândia, ao contrário, médicos se reconhecem como necessários apenas se algo não estiver bem, ou seja, se tudo transcorrer como na maioria dos casos, o médico sabe que não precisará atuar no parto.

d) Além disso, o momento do nascimento, em regra, é o momento em que a natureza se encarrega de fazer com que seja. O menor dos seres envolvidos na situação é aquele que estabelecerá quando deve ocorrer o nascimento. Aos demais, cabe apenas esperar pacientemente.

Redes sociais como meio de empoderamento das mulheres

Início com uma ressalva. Não gosto da expressão “empoderamento”. Ter poder significa ter poder sobre algo ou alguém. Entendo o contexto em que esta expressão surge. É preciso tornar os oprimidos senhores de si. E apenas num mundo ideal as relações não seriam relações de poder. Ainda assim, entendo que ter condições efetivas para a tomada de decisões sobre sua vida não precisa ser descrito como um processo de empoderamento. Ressalva feita, uso a expressão largamente adotada.

Há muitos *blogs* para mulheres grávidas ou com filhos pequenos nos quais elas buscam informações sobre como proceder e trocam experiências. São, em geral, escritos por mães ou por profissionais da saúde que trabalham com o processo de trazer bebês ao mundo e de cuidar deles nos primeiros anos de vida. Inicialmente, o foco das discussões eram os bebês e as crianças.

Em 2010, publicaram uma pesquisa com dados⁴²⁵ assustadores: uma a cada quatro mulheres sofreu algum tipo de violência durante o parto. O conceito de violência obstétrica envolve “qualquer ato ou intervenção direcionado à mulher grávida, parturiente ou puérpera, ou ao seu bebê, praticado sem o consentimento explícito e informado da mulher e/ou em desrespeito à sua autonomia, integridade física e mental, aos seus sentimentos, opções e preferências”⁴²⁶. “Em março de 2012, um grupo de blogueiras colocou no ar um teste de violência obstétrica... que foi respondido de forma voluntária por duas mil mulheres e confirmou os resultados da pesquisa”⁴²⁷ de 2010.

Da preocupação para com seus bebês, antes e depois de nascidos, surge a percepção de que as mulheres devem se preocupar também consigo mesmas. E as mulheres passaram a discutir através das redes sociais a respeito do que haviam sofrido durante a gestação, o parto e o pós-parto. E perceberam o próprio sofrimento, que era tomado como “normal”, como uma forma de violência obstétrica. Primeiramente, mulheres se reconheceram como vítimas de violência obstétrica e, num segundo mo-

425 Os dados estão disponíveis em <http://www.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

426 Este conceito é largamente utilizado no Brasil. E é considerado o conceito internacional de violência obstétrica. Ele está disponível, por exemplo, em <http://www.ebc.com.br/noticias/colaborativo/2013/03/uma-em-cada-quatro-mulheres-sofre-violencia-no-parto>. Acesso em agosto de 2014.

427 Autoria desconhecida. Violência no parto: Na hora de fazer não gritou. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/content/violencia-no-parto-na-hora-de-fazer-nao-gritou>. Acesso em agosto de 2014. Os dados estão disponíveis em: FRANZON, Ana Carolina Arruda; SENA, Lígia Moreira. Teste da violência obstétrica. Disponível em: http://www.apublica.org/wp-content/uploads/2013/03/Divulga%C3%A7%C3%A3o-dos-resultados_-apresenta%C3%A7%C3%A3o_Diagramada_Vers%C3%A3o-final.pdf. Acesso em agosto de 2014.

mento, passaram a discutir sobre a maneira como seus partos deveriam ter ocorrido. Este processo se chama de “empoderamento das mulheres”. O plano de parto, no qual a mulher estabelece como deseja que seu parto ocorra, é o documento que apresenta os limites à vontade dos médicos e dos demais profissionais da saúde que atenderem a mulher durante o parto. Nele a mulher estabelece como quer ser tratada e como quer que tratem o seu bebê. Planos de parto, necessariamente, precisam ser aceitos por aqueles que atenderão as mulheres antes de iniciado o parto. Quando do aceite, os profissionais estão declarando que reconhecem a legitimidade e a razoabilidade do pedido das mulheres.

Violência obstétrica: a voz das mulheres é um documentário feito a partir de depoimentos de mulheres que enviaram vídeos pela *internet* nos quais dizem o que sofreram e como se sentiram quando das suas gestações e partos. O documentário denuncia um fato, qual seja, mulheres são vítimas de violência obstétrica no Brasil. Sofremos ao saber das histórias dessas mulheres. Pensamos que não queremos passar pelo que elas passaram. Mas não sabemos exatamente o que fazer. O documentário fez uma denúncia. No ano seguinte, lançaram o documentário *O renascimento do parto*, que não apenas nos conta histórias de mulheres que foram agredidas física ou verbalmente durante seus partos, como também histórias de mulheres que viveram seus partos como desejavam e que saíram deles inteiras e fortalecidas.

Há, estranhamente, desconfiança em relação aos relatos de violência obstétrica à qual muitas mulheres foram submetidas. Adelir, por exemplo, após a violência sofrida no ambiente hospitalar, ainda ouve de seus vizinhos gritos agressivos, como se não fosse a maior interessada no bem-estar do seu bebê.

A primeira resposta do poder público às sucessivas denúncias de violência obstétrica veio em 7 de maio de 2014, quando o Ministério da Saúde (MS) publicou a portaria 371 que “institui diretrizes para a organização da atenção integral e humanizada ao recém-nascido (RN) no Sistema Único de Saúde (SUS)”⁴²⁸. Discordo dos que afirmam que a portaria não estabelece diretrizes para a rede privada. Se há apenas um sistema de saúde no Brasil, chamado de único, e se a rede privada é descrita como complementar ao SUS, a portaria 371 do MS se aplica tanto à rede pública quanto à privada.

A discussão gerada fez com que muitas mulheres passassem a discutir a respeito da questão. Se antes parecia evidente que mulheres teriam seus filhos por cirurgia cesariana e eram vistas com estranhamento

428A portaria está disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2014/prto371_07_05_2014.html. Acesso em agosto de 2014.

quando optavam por parto natural, passadas algumas semanas a mídia já destaca com louvor que algumas mulheres famosas tenham tido seus filhos por parto natural.⁴²⁹ E algumas mulheres estão sendo criticas por escolherem uma cirurgia cesariana.⁴³⁰ Rapidamente parece que a lógica se inverteu e mulheres famosas precisam esclarecer que a cesariana feita não foi eletiva.

A denúncia está feita: no mínimo um quarto das mulheres é vítima de violência obstétrica no Brasil. Uma das principais reclamações é a impossibilidade de escolher como ter seus filhos. O que fazer? No próximo artigo, discutiremos possíveis alternativas.

Para discussão:

1. Quais são as formas de violência obstétrica que você identificou no documentário? Liste-as. Como você se sentiria se tivesse sido tratada como essas mulheres?
2. Converse com as mulheres da sua família que pariram seus filhos a respeito de como elas se sentiram em relação ao parto. Compare as respostas das suas avós e bisavós com as respostas das mulheres mais jovens.
3. Como você gostaria que seu filho nascesse? Discuta por quê. Lembre-se que homens e mulheres podem responder a esta pergunta, afinal, é a saúde da mulher que pare e do filho que nasce que está em discussão. E cada vez mais companheiros e companheiras de quem está parindo têm espaço e função durante o processo de parto.

Sugestões de leitura:

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.º 371/2014, sobre parto humanizado. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2014/prto371_07_05_2014.html.

DINIZ, Carmen Simone. Cartilha: O que nós como profissionais da saúde podemos fazer para promover os direitos humanos das mulheres

429 Leia-se, por exemplo, a notícia sobre o nascimento do filho de Wanessa Camargo no *Ego*, site de fofocas da Globo: <http://m.ego.globo.com/criancas/noticia/2014/06/wanessa-da-luz-seu-segundo-filho-joao-francisco.html>. Acesso em agosto de 2014.

430 No caso da cantora Sandy, foi divulgado que seu filho nasceu por cirurgia cesariana. Leia-se, por exemplo, notícia de 24 de junho de 2014 publicada no jornal *O Globo*: <http://oglobo.globo.com/cultura/musica/nasce-filho-de-sandy-lucas-lima-12997874>. Acesso em 18 de agosto de 2014. Sem que houvesse informação sobre sua necessidade ou não, criticaram-na por não ter escolhido, como se necessariamente houvesse escolha, o parto normal. Estava instalada mais uma disputa entre Wanessa e Sandy. Leia-se, por exemplo, <http://vilamamifera.com/dadada/wanessa-1-x-o-sandy-e-o-quebroco-na-fanpage-dadada/>. Acesso em agosto de 2014.

na gravidez e no parto. Disponível em: http://www.cpsol.com.br/upload/arquivo_download/1872/direitos_humanos_parto.pdf.

Sobre o filme:

Título: *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*

País de origem: Brasil

Gênero: documentário

Tempo de duração: 51 minutos

Ano: 2012

Direção: Bianca Zorzam, Lígia Moreiras Sena, Ana Carolina Franzon, Kalu Brum, Armando Rapchan

O renascimento do parto – segundo ato, alternativas

Ana Carolina da Costa e Fonseca⁴³¹

Em 2012 uma denúncia foi feita: mulheres são vítimas de violência obstétrica.⁴³² Em suas diversas formas, a violência obstétrica consiste numa ação ou omissão contrária ao que a mulher, dadas as possibilidades, poderia e escolheu para ocorrer antes, durante e depois do parto. Uma das formas é a comum imposição a uma mulher de uma desnecessária cirurgia cesariana, que pode colocar em risco a sua saúde e a do seu filho. Quando o documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* termina, perguntamo-nos: e agora, o que fazer? Em 2013, tivemos uma resposta com o documentário *O renascimento do parto*. Antes de discutirmos sobre o parto humanizado, precisamos compreender a força dos argumentos que impõem às mulheres, no final da gravidez, o que elas diziam não querer no início: uma cirurgia cesariana desnecessária.

Duas ressalvas, contudo, precisam ser feitas. Primeiramente, falar em humanização do parto e do atendimento à saúde é algo corriqueiro, mas causa algum desconforto. Há alguns anos, ao formarmos profissionais da saúde, precisamos dizer a eles: ajam como se vocês fossem humanos e tratem seus pacientes como se fossem igualmente humanos. A importância de tal aviso decorre da maneira como as pessoas têm sido tratadas nas instituições que oficialmente se propõe a cuidar delas. E eis a segunda ressalva que preciso fazer. No caso específico de mulheres grávidas, é comum a alegação de que elas não estão sendo vítimas de violência obstétrica, isto é, não haveria agressão contra as mulheres, mas excesso de sensibilidade da parte delas, o que faz com que “qualquer coisinha” tome proporções inimagináveis para um ser humano em “estado normal”. Mesmo que as mulheres fiquem mais sensíveis durante a gravidez, se um quarto delas diz que está sendo agredida, precisamos ouvi-las! E os relatos que temos são de agressões concretas, que seriam consideradas uma forma de violência inclusive se aqueles que estão agredindo mulheres e bebês fossem tratados por outras pessoas da forma como estão tratando as mulheres e os bebês que atendem.

431 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSA) e de Filosofia do Direito (FMP).

432 O artigo anterior trata do documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*, que é um documentário-denúncia. Algumas notas deste artigo são iguais ou parecidas com as notas do artigo anterior, que também trata de violência obstétrica.

A ciência como desculpa para impor condutas

A *ciência* é fonte de argumentos. E tais argumentos estão impregnados de autoridade *científica* o que provoca naqueles que ignoram o que se conhece *cientificamente* (como a maioria das mulheres) o sentimento de que devem obedecer àqueles que têm conhecimento *científico* (por exemplo, médicos). Usualmente afirma-se que frente a dados *científicos*, não cabe discussão. Substantivo, adjetivos e advérbios foram repetidos e marcados com vistas a chamar a atenção do leitor para o fato de que é a própria ciência que estabelece os critérios do que é científico, bem como do valor atribuído aos valores que ela própria defende. Apesar de todas as vantagens da ciência, que, segundo Carl Sagan⁴³³, tem como grande mérito ser fundamentalmente democrática, pois qualquer um que apresente bons argumentos pode refutar argumentos científicos, independente da autoridade que tenha o autor dos argumentos refutados, ainda assim não é axiologicamente neutra e defende argumentos e formas de argumentos considerados importantes para a própria *ciência*.

O aumento do número de pesquisas científicas e o conseqüente aumento de dados publicados faz com que dados, muitas vezes contraditórios, estejam disponíveis. Atualmente, fala-se muito em medicina baseada em evidências, ou seja, exige-se mais do que experiência do médico. Exige-se que os profissionais da saúde estudem constantemente e conheçam o que há de mais moderno em matéria científica na sua área de *expertise*. Tal exigência decorre do valor que se atribui ao conhecimento científico, em detrimento de outras formas de conhecimento como, por exemplo, a intuição.

Quanto mais sabemos, contudo, mais sabemos que não sabemos. E cada vez mais reconhecemos que há dados científicos que não temos. Por exemplo, a demanda de muitas mulheres por parto natural exigiu que se produzissem no Brasil dados a respeito do procedimento que se poderia tomar como “melhor” quando eletivo. Muitos médicos diziam que a cirurgia cesariana era “sempre” melhor. Cada vez mais mulheres desejam que a maternidade não decorra de um procedimento médico, mas de um processo natural, que inicia com a concepção e termina, sem intervenção cirúrgica, com o parto. Foi preciso, então, olhar para as mulheres que tiveram seus bebês com ou sem intervenção cirúrgica, e para os bebês, que nasceram de um ou de outro modo, e estabelecer parâmetros para determinar o que é, de fato, melhor, quando a mulher pode escolher entre um e outro procedimento. Ainda aguardamos que hospitais nos digam,

⁴³³ Carl Sagan discute sobre a característica democrática da ciência e seu valor como fonte de conhecimento em *O mundo assombrado pelos demônios*, publicado em 1995.

por exemplo, quantas mulheres recebem ocitocina sintética⁴³⁴. E quantas aceitaram receber o hormônio? Quantas mulheres foram submetidas a um procedimento de episiotomia⁴³⁵? E quantas aceitaram ser submetidas a tal procedimento?

Em relação a tais procedimentos, aos quais muitas mulheres são submetidas contra a sua vontade, a exigência de divulgação de sua realização já está mudando o que se toma como procedimento padrão em maternidades no Brasil. Em São Paulo, desde maio, os hospitais públicos são obrigados a informar quantas mulheres foram submetidas a uma episiotomia. Como resultado, deixaram de realizar o procedimento em quase todas as mulheres, como ocorria antes da exigência de publicidade, e passaram a realizá-lo em cerca de 20% dos casos, o que evidencia que a maioria das mulheres que foi atendida antes de tal exigência foi submetida a um procedimento doloroso e desnecessário. Não pensamos, evidentemente, que médicos se tornaram negligentes e deixaram de realizar algo necessário porque agora precisam informar no prontuário.⁴³⁶

A ciência é a fonte de conhecimento amplamente aceita no Ocidente para determinar o verdadeiro e o falso, por exemplo, em matéria de saúde. Não sendo, contudo, neutra em relação a valores, exige, por exemplo, que cientistas se disponham a produzir os dados necessários para explicar o que se passa quando mulheres não são ouvidas ao dizer “quero um parto natural e sei que isto é o melhor para o bebê e para mim, quando for

434 Ocitocina é um hormônio que, dentre outras funções, contribui para que se forme vínculos de amor, quando do parto, entre mãe e bebê. Ele também é importante para que a mulher produza leite após o parto. Quando o bebê nasce por cirurgia cesariana, a ocitocina não é produzida naturalmente pelo corpo da mãe, e é preciso tomar ocitocina sintética. E em partos naturais ela é usada para acelerar o processo. Os efeitos nocivos do uso da ocitocina sintética ainda são investigados. Os resultados existentes fazem muitas mulheres recusarem o uso. E muitos médicos o desaconselham. FERNANDES, Thaís. Rotina desnecessária e perigosa. *Instituto Ciência Hoje*, publicado em UOL em 16 de julho de 2013. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/especiais/por-um-parto-seguro/rotina-desnecessaria-e-perigosa> Acesso em agosto de 2014.

435 Episiotomia é uma incisão (corte) feito na região do períneo (entre o ânus e a vagina) que amplia o canal vaginal. Quando necessária, evita que ocorram danos durante a passagem do bebê, quando do seu nascimento. No Brasil, pesquisas mostram que 54% das mulheres são submetidas a este procedimento, desnecessário em muitos dos casos, e que pode acarretar sérios problemas para as mulheres, tais como dores, infecções, e dificuldade para ter relações sexuais. Sobre o tema, recomendo a leitura do seguinte artigo: BALOGH, Giovana. Pesquisa mostra que 54% das mulheres sofrem episiotomia. *Folha de São Paulo*. 03 de junho de 2014. Disponível em: <http://maternar.blogfolha.uol.com.br/2014/06/03/pesquisa-mostra-que-54-das-mulheres-sofrem-episiotomia/>. Acesso em agosto de 2014.

436 Os dados dos hospitais públicos de São Paulo e o embate que se deu para que tais procedimentos constassem nos prontuários podem ser lidos no link: <http://maternar.blogfolha.uol.com.br/2014/09/04/prefeitura-cria-ranking-para-reduzir-violencia-obstetrica-em-sp/>. Acesso em setembro de 2014.

um procedimento eletivo, e sei que em muitos dos casos alegados para a realização de uma cirurgia cesariana, tais alegações são falsas!”

O processo de humanização do parto pelo SUS

No Brasil, há três formas de obter atendimento médico-hospitalar: pelo sistema público de saúde, usualmente chamado de Sistema Único de Saúde (SUS), por plano de saúde (saúde complementar) e particular. O SUS, de fato, inclui formas públicas e privadas de atendimento. Neste artigo, faz-se referência ao SUS como o atendimento público e gratuito. Um parto natural no Brasil custa, em média, entre 5 mil e 10 mil reais, quando pago de modo particular. As mulheres que escolhem pagar pelo procedimento, em geral, são aquelas que estão bem informadas a respeito das opções e têm condições financeiras de pagar pela opção mais dispendiosa.

A maioria das mulheres, contudo, não pode dispor de tanto dinheiro para o parto. As mulheres que têm plano de saúde, em geral, têm a ilusão de que, por não estarem sendo atendidas pelo SUS, serão mais bem atendidas que as demais. E confiam mais nos seus médicos. As mulheres que são atendidas pelo SUS, em geral, não estabelecem vínculo com *um* médico, pois são atendidas por quem estiver atendendo no momento em que se dirigirem até o posto de saúde ou hospital. E seu parto será feito por quem estiver de plantão. O fato de a porcentagem de cesarianas ser menor pelo SUS do que por convênio não indica que as mulheres são mais bem atendidas pelo SUS, mas que há mais omissão em relação a elas, que, muitas vezes, são deixadas sozinhas para terem seus filhos.

A portaria n. 371/2014 do Ministério da Saúde, que estabelece regras para a humanização do parto pelo SUS, é a evidência de que as coisas não estão sendo feitas como deveriam. Se é preciso dizer a médicos e a enfermeiros que eles devem “exercitar boas práticas de atenção humanizada” (art. 2º), “estimular o aleitamento materno na primeira hora de vida” (art. 4º, III) e “postergar os procedimentos de rotina do recém-nascido nessa primeira hora de vida” (art. 4º, IV), significa que os pacientes não estão sendo tratados humanamente.

Cada vez mais, afirma-se, na área da saúde, que muito do que ocorre é multifatorial. Aceito tal afirmação para tentar explicar por que mulheres estão sendo submetidas a cirurgias cesarianas desnecessárias no Brasil. E ofereço algumas explicações.

1) É mais rentável para o médico, que recebe mais por procedimento e por hora de trabalho, e para mais médicos, pois são necessários no mínimo dois médicos (o obstetra e o anestesista). É mais rentável para o hospital, pois há mais procedimentos a serem realizados e a mulher e o bebê ficam mais tempo internados.

2) Dá menos trabalho para os profissionais da saúde. Uma cirurgia cesariana eletiva é realizada em alguns minutos. E é agendada em horário comercial. Partos normais duram mais tempo e podem começar a qualquer hora.

3) Mantém os médicos como protagonistas do parto. Aceitar o plano de parto exige que o médico reconheça a mulher como protagonista do nascimento do seu filho. Aqui há duas questões envolvidas: a soberba comum a muitos médicos e o fato de muitos médicos serem homens, que não estão habituados a ver uma mulher como aquela que toma decisões. Temos um problema relativo à relação profissional da saúde – paciente, e um problema relativo ao gênero daquela que está a fazer exigências. Mulheres protagonistas de seus partos podem ser vistas, equivocadamente, como aquelas que dão ordens, que mandam, naqueles que usualmente supõem que não estudaram tanto para obedecer suas leigas pacientes. Não estou afirmando que todos os médicos são assim, mas os dados científicos e as denúncias das mulheres nos dizem que muitos o são.

O (mau) uso da ciência e o que não poderia mais ser dito no presente

Eis a conclusão de um artigo escrito por um grupo de professores e alunos do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP em 2001 a respeito do fato de que mais mulheres das classes mais favorecidas economicamente e com maior grau de instrução estão realizando mais cirurgias cesarianas no Brasil:

...se for assumida a indicação por fatores extra-técnicos, tais como padrão assistencial e contrato, poderia ser explicada a elevação dessas taxas [de cesarianas desnecessárias], pois **responderia ao desejo da paciente e/ou da família de um parto com resolução “segura” e sem sofrimento**, como é culturalmente difundido no Brasil. Nesse caso, a cesárea, como modalidade de resolução ao parto, equivale a um recuso técnico a ser incorporado por quem o deseja e tem poder de custeá-lo. Esse tipo de parto teria sido transformado em objeto de consumo acessível segundo o padrão de renda, o que viria a explicar ser mais incidente nos grupos de maior renda, embora de menor risco obstétrico.⁴³⁷ (Grifei.)

Passados treze anos, as conclusões de um artigo que explica o elevado número de cirurgias cesarianas no Brasil pelo “desejo da paciente” são

437 YAZLLE, Marta Edna Holanda Diógenes *et al.* Incidência de cesáreas segundo fonte de financiamento da assistência ao parto. *Cadernos de Saúde Pública*. 35 (2): 2001, p. 205. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102001000200015&lng=en. Acesso em agosto de 2014.

inaceitáveis. Médicos não são obrigados a realizar procedimentos que julgam desnecessários ou prejudiciais à vida dos seus pacientes, neste caso, de uma mulher e do seu bebê, apenas por que ela “deseja”. Ao contrário, se um procedimento de risco (como, por exemplo, uma cirurgia desnecessária) é preferido por um paciente, não seria obrigação do médico se recusar a realizar o que é mais arriscado? Além disso, não podemos colocar na paciente a culpa pelo desejo de uma cesariana. As denúncias feitas nos últimos anos por muitas mulheres que querem parto natural e dizem ser impedidas, de algum modo, evidencia que o “desejo da paciente” é apenas uma desculpa dadas por médicos para se apresentarem como não-responsáveis por números que são alarmantes.

Plano de parto: a vontade da mulher no papel

Plano de parto é um documento, que pode ter qualquer formato, e que estabelece o que uma mulher quer e o que ela não quer que seja feito consigo e com seu bebê antes, durante e depois do parto. O plano de parto deve conter instruções a seguir caso o parto transcorra bem e caso haja problemas. Além de indicar quem tomará alguma decisão, caso seja preciso realizar algo não previsto e, por isso, não discutido previamente. Um modelo⁴³⁸ de plano de parto da ONG (Organização não-governamental) Artemis, que se propõe a trabalhar para acabar com toda forma de violência contra as mulheres, e está trabalhando para promover o debate sobre parto humanizado no Brasil, foi feito em conjunto com a defensoria pública do estado de São Paulo. O modelo indica as situações que envolvem o parto e a respeito das quais a mulher deve pensar sobre.

Além da mulher, há outro ator importante na cena do parto, quando conhecido e desejado: o pai. Usualmente, quando discutimos a humanização do parto, damos ênfase à idéia de que a mulher deve ser a protagonista do parto, e esquecemos que, em desejando, o pai também deve ter respeitado seu direito de participar do nascimento do filho, e não ser mero espectador. Por isso, ouve-se cada vez com mais frequência a afirmação de que pai não é acompanhante! Pai é pai! A lei que assegura o direito a acompanhante⁴³⁹ (e que não estabelece que haja apenas um acompanhante!) não visa a excluir o pai da sala de parto. Além do pai, ainda há a figura da doula⁴⁴⁰, que tampouco é acompanhante! Doula é uma profissional! Ela

438 O plano está disponível em <http://artemis.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Modelo-de-plano-de-Parto-Artemis-Defensoria.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

439 BRASIL. Lei 11.108 de 7 de abril de 2005. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm. Acesso em agosto de 2014.

440 No site <http://www.doulas.com.br/> há informações sobre os serviços que as doulas prestam e uma lista de profissionais. Elas próprias explicam o que fazem: “A palavra ‘doula’ vem do grego ‘mulher que serve’. Nos dias de hoje, aplica-se às mulheres que dão

é paga pela mulher para participar do parto como os demais profissionais que lá estão também foram pagos por alguém. Além do pai e da doula, a lei garante à mulher o direito de escolher um acompanhante. Forçar a mulher a escolher entre o pai e a doula é um desrespeito à legislação, à mulher, ao pai, à doula.

À guisa de conclusão: a retomada do curso da vida

O feminismo provocou mudanças na sociedade de tal modo que as mulheres passaram a ocupar (mais) espaço na vida pública. Um preço, contudo, foi cobrado: a vida privada. Mulheres perderam, progressivamente, espaço na vida privada. E o que há de mais privado na vida de uma mulher, ter filhos, foi tomado dela no Brasil. Vivemos num País onde mulheres são vistas como incapazes de ficar grávidas. Técnicas de fertilização são cada vez mais utilizadas e muitos médicos já consideram o procedimento como o que deve ser adotado desde logo, sem esperar que a natureza siga seu curso. Depois de grávidas, mulheres são convencidas de que não podem parir. Com suposta incapacidade largamente difundida, cesarianas são o procedimento padrão adotado para forçar o nascimento de bebês. E depois que os bebês nasceram, mulheres são convencidas de que não podem alimentar suas crias. Leite em pó é a principal fonte de alimento de muitos bebês no Brasil. *O renascimento do parto* nos mostra que outro caminho é possível. Mulheres podem se tornar protagonistas das suas histórias e deixar que seus bebês, desde cedo, sejam igualmente

suporte físico e emocional a outras mulheres antes, durante e após o parto. Antigamente a parturiente era acompanhada durante todo o parto por mulheres mais experientes, suas mães, as irmãs mais velhas, vizinhas, geralmente mulheres que já tinham filhos e já haviam passado por aquilo. Depois do parto, durante as primeiras semanas de vida do bebê, estavam sempre na casa da mulher parida, cuidando dos afazeres domésticos, cozinhando, ajudando a cuidar das outras crianças. Conforme o parto foi passando para a esfera médica e nossas famílias foram ficando cada vez menores, fomos perdendo o contato com as mulheres mais experientes. Dentro de hospitais e maternidades, a assistência passou para as mãos de uma equipe especializada: o médico obstetra, a enfermeira obstétrica, a auxiliar de enfermagem, o pediatra. Cada um com sua função bastante definida no cenário do parto. O médico está ocupado com os aspectos técnicos do parto. As enfermeiras obstetras passam de leito em leito, se ocupando hora de uma, hora de outra mulher. As auxiliares de enfermeira cuidam para que nada falte ao médico e à enfermeira obstetra. O pediatra cuida do bebê. Apesar de toda a especialização, ficou uma lacuna: quem cuida especificamente do bem estar físico e emocional daquela mãe que está dando à luz? Essa lacuna pode e deve ser preenchida pela doula ou acompanhante do parto. O ambiente impessoal dos hospitais, a presença de grande número de pessoas desconhecidas em um momento tão íntimo da mulher, tende a fazer aumentar o medo, a dor e a ansiedade. Essas horas são de imensa importância emocional e afetiva, e a doula se encarregará de suprir essa demanda por emoção e afeto, que não cabe a nenhum outro profissional dentro do ambiente hospitalar.”

protagonistas. Quando o bebê deve nascer? Quando ele quiser é o que nos dizem profissionais da saúde, cientistas sociais e mães. E talvez a ordem desta lista devesse ser outra... O que fazer para que isso ocorra? Adelir nos diz: “estudem, estudem muito”⁴⁴¹ O alívio para muitas mulheres que parirão num futuro mais ou menos distante é que há cada vez mais profissionais (doulas, enfermeiras, obstetras) trabalhando para garantir que bebês nasçam de modo humanizado.

Para discussão:

1. Em debates acerca de tema, usualmente, muitos desconfiam da afirmação das mulheres que dizem: somos vítimas de violência obstétrica. E queremos escolher a maneira como teremos nossos filhos, pois acreditamos que sabemos o que é melhor para eles. Você já debateu acerca deste tema? Qual foi a reação às reclamações das mulheres sobre a maneira como foram tratadas por profissionais da saúde? Houve desconfiança ou desvalorização do discurso das mulheres? Discuta acerca das razões para tal desconfiança.
2. Violência obstétrica é um dos casos de violência institucional que está sendo largamente discutido. Pense em outros casos de violência institucional ocorrida em instituições da área da saúde em que a violência decorre do fato de violarem a autonomia dos indivíduos, o que inclui o fato de não fornecerem as informações necessárias para a tomada de decisão, e, quando tomada, o desrespeito à tal decisão.
3. Que informações lhe parecem necessárias para decidir sobre o melhor modo de ter ou de sua mulher ter um bebê? Esta pergunta é formulada em primeira pessoa. Em caso de relações não heterossexuais, lembre-se que há, por exemplo, barriga solidária e fertilização *in vitro* que permitem a casais homossexuais terem filhos. E tais filhos serão, necessariamente, paridos de algum modo por uma mulher.

Sugestões de leitura:

Autoria desconhecida. *Dossiê da Violência Obstétrica “Parirás com dor”*. Cariny Cielo, Cátia Carvalho, Cristiane Kondo, Deborah Delage, Denise Niy, Lara Werner, Sylvana Karla Santos (Colabs.). Parto do Princípio – Mulheres em rede pela maternidade ativa (prod.). Dossiê elaborado pela rede Parto do Princípio para a CPMI da Violência Contra as Mulheres, 2012. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20367.pdf>.

⁴⁴¹ Conforme entrevista publicada em <http://www.cientistaqueviroumae.com.br/2014/04/uma-conversa-com-adelir-e-emerson-eu.html>. Acesso em agosto de 2014. Para saber sobre a história de Adelir, leia o artigo anterior, que sobre o documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento. *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, Sept. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000300019&lng=en&nrm=iso.

Sobre o filme:

Título original: *O renascimento do parto*

País de origem: Brasil

Gênero: documentário

Classificação: 10 anos

Tempo de duração: 90 minutos

Ano: 2013

Direção: Eduardo Chauvet

Parteiras: a magia da sobrevivência, uma luta de duas décadas

Carolina Melo Romer⁴⁴²

O documentário aborda o dia a dia das parteiras que atuam no sertão de Pernambuco, estado no nordeste do Brasil, que em boa parte do ano é acometido pela seca. Longe dos grandes centros urbanos, as parteiras são o socorro para as mulheres que necessitam dar a luz a seus filhos, pois, neste contexto, existem poucos hospitais providos de maternidade e poucos profissionais da saúde atuantes.

*Parteiras: a magia da sobrevivência*⁴⁴³ foi filmado em 1992, duas décadas atrás e ainda hoje encontramos os mesmos anseios e necessidades que já haviam sido apontados naquela ocasião. Dirigido por Ângela Mascelani, é uma produção do Grupo Curumim⁴⁴⁴ com apoio do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Nos seus 15 minutos de duração, assistimos aos relatos dos personagens envolvidos neste processo, a mulher que pariu seu filho, a parteira que amparou e o médico que aponta a falta de estrutura e preparo dos profissionais da saúde.

As parteiras, mulheres atuantes em regiões isoladas e sem apoio, não recebem remuneração por seu trabalho, muitas vezes percorrem, das mais diversas formas, longas distâncias para dar assistência a outra mulher, passam noites em claro, sofrem, mas permanecem exercendo essa tarefa, providas apenas da coragem e do desejo de ajudar. Esta é uma atividade exclusivamente feminina, a mulher que ajuda outra mulher em seu momento de plenitude, de empoderamento do ser mulher, ser mãe, de parir. O documentário mostra que elas acreditam terem sido escolhidas, que esta é a sua obrigação e de quem tem o poder de realizar bons partos. Muitas vezes essas mulheres sofrem com sentimentos controversos, por vezes são amadas e por vezes são odiadas, mas não desistem, tomam para si a função de “pegar menino”, agradecem por isso e não desejam parar.

Em alguns momentos as mulheres, parteiras e mães, falam da participação masculina durante o parto. Não demonstram problema com o fato dos médicos serem majoritariamente homens. Existe por parte da mulher que dá a luz a percepção de que esse profissional estudou para entender o sofrimento dela. Quanto aos maridos, à percepção referente ao sofrimento e a dor destoam, o sentimento é de que o companheiro não

442 Enfermeira da Fundação Hospitalar Getúlio Vargas e mestranda no PPG em Ensino na Saúde (UFCSPA).

443 MASCELANI, Ângela. *Parteiras: a magia da sobrevivência*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uq3HQkIMf_g#t=19 e em <https://www.youtube.com/watch?v=6N-J9V7Niss>.

444 Organização não governamental feminista que desenvolve projetos de fortalecimento da cidadania das mulheres em todas as fases de suas vidas.

se preocupa, não se importa com a dor do parto, não entende. O pensamento verbalizado por uma das parteiras é de que o companheiro deve estar presente para presenciar o sofrimento de sua mulher ao pôr seus filhos no mundo.

Algumas vezes há a necessidade de intervenções cirúrgicas e/ou farmacológicas para garantir a vida da mãe e do bebê durante o parto. Há vinte anos, quando o documentário foi filmado, isso não era diferente, algumas mulheres ao parir precisavam dessas intervenções, as complicações existiam e as concepções demonstradas no documentário são de que as parteiras devem ter percepção e discernimento de quando elas estão aptas a realizar aquele parto ou quando há necessidade de encaminhar a mulher para a maternidade, onde as intervenções são realizadas com segurança. Observamos ao longo do filme o pesar de uma mãe que perdeu seu primeiro filho num parto complicado assistido por uma parteira tradicional. Existe o reconhecimento dos benefícios do parto domiciliar, do aconchego do lar, da presença da família, mas o sentimento de perda é explícito, assim como a culpa posta sobre a parteira que não a encaminhou para a maternidade.

É preciso pensar sobre quais as possibilidades de remoção das mulheres para que não percam seus filhos. Devido ao desfecho do relato supracitado, sabemos da necessidade, mas quais são as condições para essa remoção? Tempo, distância, transporte, assistência, dentre outros fatores, dificultam o deslocamento. Normalmente é a parteira que se dirige a mulher em trabalho de parto, justamente em função da falta de condição de deslocamento desta. No documentário, as parteiras relatam as dificuldades que enfrentam para chegar às mulheres, que por vezes estão em locais extremamente interioranos e de difícil acesso.

Situações como a exposta acima contribuem para a marginalização da figura da parteira tradicional, assunto que também é explorado ao longo do documentário. Nos centros urbanos, a maioria das parteiras são enfermeiras obstétricas, ou seja, profissionais conhecedoras do saber técnico científico, mas ainda existe em cidades do interior, a parteira tradicional, exercendo sua função de “pôr menino no mundo”. Essas mulheres são desprovidas de formação, exercem essa atividade de acordo com os ensinamentos passados de geração em geração. Existia, há vinte anos, e existe ainda hoje a necessidade de qualificar as parteiras tradicionais, de garantir o fortalecimento da prática para que não deixem de existir. As maternidades hospitalares não podem ser vistas como a única alternativa de local adequado para dar a luz. E para assegurar a existência das parteiras, é preciso assegurar seu local de atuação, pois ainda hoje, o sistema

de saúde, na maioria dos centros obstétricos, não oferece espaço para a parteira exercer sua função.

Outro ponto tratado no documentário é o posicionamento das profissionais de enfermagem que atendem as mulheres que buscam a maternidade.⁴⁴⁵ Na crítica feita no filme, os profissionais mencionados atuantes nas maternidades, não parecem qualificados para tal função. Um médico descreve a desqualificação dos profissionais que atuam em uma maternidade, uma parteira narra o discurso da enfermeira quanto aos gemidos e gritos de dor da mulher em trabalho de parto. Outra parteira, conta ainda, que ao levar uma gestante para o serviço de saúde ela deseja continuar acompanhando a mulher, até porque gostaria de conhecer as complicações para poder melhor atender quando fosse novamente necessário, mas é impedida pela equipe de enfermagem. A formação dos enfermeiros mudou. Inclusive, a recomendação é de que o profissional de eleição para assistir o parto normal seja a enfermeira obstétrica por apresentar melhores resultados na assistência ao parto normal de baixo risco, em comparação com outros profissionais da saúde.⁴⁴⁶

Justamente, em busca de melhores resultados que, erroneamente, houve a adoção da cultura da realização da cirurgia cesariana como rotina de parto. As mulheres declaram ter consciência de que poderiam parir seus filhos por parto natural, mas em função da dor optaram, mesmo sem necessidade clínica, por uma cesariana. Dizem que a cesariana seria a modernização do parto, um parir sem dor e sem riscos. Mas de quais riscos estamos falando?

Cientificamente a cesariana apresenta maiores índices de morbidade respiratória para o bebê, aumenta o risco de internação hospitalar, da necessidade de tratamento intensivo e de óbito. Para as mães há aumento do risco de hemorragia, de infecção e de morte.⁵ De acordo com o documentário, já em 1988 a Organização Mundial de Saúde (OMS) apontava índices elevados de partos cesária na rede pública do Brasil (42%), embora há vinte anos se demonstra a necessidade de diminuição destes índices, eles só aumentaram. Atualmente o índice de cirurgias cesarianas no Brasil é de 52%, sendo que na rede pública é de 46% e na rede privada de absurdos 88%, segundo recomendação da OMS esse índice não deve-

445 Embora no documentário falem nas enfermeiras, nem todo profissional da enfermagem é enfermeiro, existem entre estes profissionais enfermeiras, mas também os técnicos em enfermagem e os auxiliares em enfermagem. Também não podemos deixar de levar em consideração que na ocasião da filmagem do documentário ainda existia a figura do atendente de enfermagem, função essa que hoje está extinta da assistência.

446 LEAL, Maria do Carmo; GAMA, Silvana Granado Nogueira da. *Nascer no Brasil*. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2014, vol.30, suppl.1, p. S5-S5. ISSN 0102-311X.

ria ultrapassar 15%.⁴⁴⁷ O que observamos é que não há disponibilidade dos profissionais em acompanhar o trabalho de parto de uma mulher. Muitos preferem o imediatismo, a cirurgia com hora marcada, a produtividade e por parte da mãe a ansiedade em ter seu filho nos braços faz com que ela aceite a intervenção que inúmeras vezes ocorre antes do tempo necessário para o amadurecimento do bebê no ventre.

Essa atitude obstétrica, já apontada em 1992 vem ao encontro de uma discussão atual sobre o direito da mulher de protagonizar seu parto, que deveria poder escolher seu tipo de parto livremente, sem sofrer influências médicas, ser informada sobre os reais prós e contras de uma cirurgia cesariana e do parto normal, poder escolher o profissional que vai acompanhá-la neste momento, se o médico, a parteira, a doula⁴⁴⁸ ou a enfermeira obstétrica. O profissional escolhido deve estar habilitado e capacitado para acompanhar o parto com segurança, mas quem tem o direito de decidir como, onde e com quem parir é a mulher que protagoniza este evento.

Atualmente buscamos a reinvenção do parto normal, natural, as parteiras tradicionais mencionadas no filme ainda existem, mas são poucas e estão isoladas nos interiores do nosso Brasil. Precisamos ainda hoje o que o documentário já havia indicado há duas décadas, qualificar e manter ativa a figura da parteira, que é fundamental para um parir saudável e humanizado.

Para discussão:

1. Sabendo que a OMS recomenda prioritariamente parto normal, há necessidade de diminuição dos índices de parto por cirurgia cesariana. O que impede essa mudança de atitude tanto por parte dos profissionais da saúde, quanto das mulheres de optarem preferencialmente por esse tipo de parto?
2. Há centenas de anos as parteiras tradicionais realizam partos domiciliares, existem desde a época em que eram a única opção de assistência no parir de uma mulher. O que ocorre atualmente que desqualifica tanto esse trabalho tão bem desempenhado outrora?
3. Quem são os personagens que atuam durante parto? Liste-os. Discuta a função que cada um desempenha, bem como sua importância para a tomada de decisão acerca dos procedimentos que serão realizados durante o parto, o que inclui a escolha da maneira como parir.

447 BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. *Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher*/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

448 Doula: Mulher que dá apoio e formação a outra mulher durante a gravidez, no parto e após o parto. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/doula>.

Sugestões de leitura:

Leiam-se os artigos neste livro sobre os documentários “Violência Obstétrica: a voz das brasileiras – primeiro ato, a denúncia” e “O Renascimento do Parto – segundo ato, alternativas” para sugestões de leitura.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Parteiras: a magia da sobrevivência*

País de origem: Brasil

Gênero: Documentário

Classificação: 10 anos

Tempo de duração: 15 minutos

Ano: 1992

Direção: Ângela Mascelani

Direitos humanos e organizações sociais

Rolezinho com Milton Santos: uma análise do filme documentário de Silvio Tendler

Cristiano Guedes⁴⁴⁹,

Chastter Silva⁴⁵⁰

Roberto Araujo⁴⁵¹

“Eu creio que é difícil ser negro e é difícil ser intelectual no Brasil.”⁴⁵² Com essa declaração, o geógrafo Milton Santos iniciou a entrevista que deu cinco meses antes de seu falecimento e que serviu de base para o documentário *“Milton Santos ou: o mundo global visto do lado de cá”*. A entrevista foi realizada em janeiro de 2001 pelo cineasta Silvio Tendler, que procurava mostrar a biografia acadêmica e política de um dos principais intelectuais brasileiros da passagem do século.⁴⁵³ O projeto cinematográfico foi bem-sucedido e resultou em um premiado filme documentário no qual Milton Santos compartilha análises sobre o Brasil do início do século XXI e o mundo globalizado, marcado pelas desigualdades sociais cada vez mais intensas e nocivas ao acesso ou mesmo à preservação de direitos fundamentais.⁴⁵⁴ Surgem no diálogo temas como segregação espacial, xenofobismo, fome, pobreza, violência, preconceito, exploração. Esses temas estiveram presentes também nos escritos teóricos de Santos, nos percursos políticos do pensador, e caracterizaram a sua análise crítica, considerada paradigmática no campo disciplinar da geografia.

Este capítulo tem como objeto de análise, com base no documentário, a questão da segregação espacial⁴⁵⁵ e suas repercussões na vida das pesso-

449 Doutor em Ciências da Saúde e professor da Universidade de Brasília.

450 Licenciado em História e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

451 Licenciado em Geografia e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

452 Todas as falas citadas neste texto foram obtidas da transcrição da entrevista concedida por Milton Santos ao cineasta Silvio Tendler e contida no filme documentário.

453 O filme foi premiado no Festival de Cinema de Brasília em 2006 na categoria Júri Popular e tem como narradores de trechos das obras de Milton Santos o seguinte elenco: Beth Goulart, Fernanda Montenegro, Matheus Nachtergaele, Milton Gonçalves e Osmar Prado. A trilha sonora contou com a participação de Zélia Duncan, como intérprete da canção “Terra”, de autoria do compositor Caetano Veloso.

454 Direitos preconizados pela Constituição Brasileira de 1988 em seu artigo 5º que versa sobre os Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, dentre esses direitos e garantias fundamentais podem ser mencionados direito à liberdade e igualdade entre todas as pessoas, independente das classes sociais nas quais estejam inseridas. Direitos fundamentais são direitos humanos positivados.

455 A segregação espacial é aquela determinada por uma separação cada vez mais comum de diferentes camadas ou classes sociais em diferentes regiões dentro de uma mesma cidade, criando, por exemplo, bairros e conjuntos habitacionais de forma segmentada para cada uma das classes sociais de acordo com seu poder aquisitivo. Não necessariamente está ligada ao afastamento dos centros econômicos das cidades, pois, existem bairros

as excluídas socialmente e privadas de direitos no Brasil e em outras partes do mundo globalizado onde a racionalidade capitalista de produção, com seus tentáculos, estabelece prioridades, reproduz desigualdades e ignora vidas. A escolha da segregação espacial entre as variadas possibilidades temáticas do documentário se justifica em razão do surgimento recente dos protestos conhecidos como “rolezinhos” em *shoppings*, os quais inovaram na performance e transgrediram espaços de lazer até então de uso prioritário ou quase exclusivo das elites brasileiras.

“Rolezinho” foi a expressão utilizada para descrever os encontros agendados, em geral por meio da *internet*, entre jovens, principalmente da periferia, em *shoppings* das grandes capitais brasileiras a partir de 2013. Nesses encontros, os jovens se manifestavam com gritos de ordem, corridas, desfiles com cartazes, músicas, brigas e confrontos com a polícia e a segurança privada dos centros comerciais. Os encontros ganharam repercussão na mídia nacional e mesmo internacional, que tem divulgado análises sobre o fenômeno rolezinho na perspectiva de quem observa suas premissas teóricas, institucionais e morais.⁴⁵⁶ Para alguns, rolezinho tornou-se uma novidade no cenário dos movimentos sociais e, para outros, é sinônimo de invasão, anarquia e violência, gerando a necessidade do uso da força. Conforme expressa Milton Santos em trecho da entrevista presente no filme, a mídia não atua inocentemente e pode mesmo deturpar realidades:

a chamada mídia, ela tem um papel de intermediação que talvez a gente não possa dizer que é inocente. Mas não parte dela realmente, ou não é dela. O poder é de um pequeno número de agências internacionais da informação, estreitamente ligadas ao mundo da produção material, ao mundo das finanças que controlam de maneira extremamente eficaz a interpretação do que está se passando no mundo. E de forma que se torna clara quando a gente pega os jornais e vê a repetição, quase que servil, das mesmas fotografias, das mesmas manchetes, das mesmas ideias, dos mesmos debates que indicam que alguma coisa está por trás de tudo isso.

Esse controle sobre a mídia é exercido, sobretudo, pelos grandes capitalistas e seus interesses financeiros. Nesse sentido, para Milton Santos, o sistema de produção capitalista e suas tecnologias são fatores fundamentais considerados nobres em áreas periféricas de grandes capitais brasileiras.

456 Um texto jornalístico que apresenta a descrição dos rolezinhos pode ser encontrado na seguinte fonte: LUCENA, Eleonora de. ‘Rolezinhos’ tem raízes na luta pelo espaço urbano. *Folha de S. Paulo*. Cotidiano, 19/01/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1399681-rolezinhos-tem-raizes-na-luta-pelo-espaco-urbano.shtml>. Acesso em julho de 2014.

tais para entender o espaço e suas transformações.

A tecnologia, para Milton Santos, pode ser considerada um meio instrumental e social, uma estratégia metodológica capaz de fornecer explicações geográficas sobre o espaço. As técnicas existem em determinado período histórico e são dotadas de um conteúdo social que pode provocar mudanças, produzir o espaço e seus objetos e estabelecer relações. Nas palavras do autor, não há cisão entre o desenvolvimento de técnicas e o espaço:

de fato, dizemos nós, não há essa coisa de um meio geográfico de um lado e de um meio técnico do outro. O que sempre se criou a partir da fusão é um meio geográfico, um meio que viveu milênios como meio natural ou pré-técnico, um meio ao qual se chamou de meio técnico ou maquinico durante dois a três séculos, e que hoje estamos propondo considerar como meio técnico-científico-informacional ⁴⁵⁷.

Uma das propostas teóricas de Santos para a ciência é considerar o desenvolvimento tecnológico como fato central a ser investigado de modo a compreender o espaço em diferentes épocas. Nesse sentido, para compreender um “rolezinho”, é possível identificar o espaço *shopping* e suas relações sociais como um objeto de estudo e ao mesmo tempo alvo de contestações e transgressões, tendo em vista as relações desiguais ali existentes e preservadas.⁴⁵⁸ É nesses grandes centros comerciais que parte do consumo no mundo globalizado se manifesta cotidianamente de forma exacerbada por uma minoria com poder de compra, servida por empregados em condições subalternas nas relações de trabalho e de con-

457 SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 41.

458 Milton Santos é um autor que se diferencia mesmo dentro de uma matriz marxista na geografia ao analisar o espaço do ponto de vista da técnica, do trabalho como uma categoria analítica capaz de unir sistemas de objetos e sistemas de ação. O autor explica o que seria um objeto técnico: “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico” (SANTOS, Milton. *A natureza...*, p.63). A originalidade do pensamento de Santos está em enxergar a técnica como o fenômeno que une homem, sociedade e espaço. Nesse paradigma de análise, o *shopping center* pode ser considerado um “objeto fabricado” ou “objeto técnico” voltado ao consumo.

sumo. O *shopping* simboliza, assim, relações desiguais, e o rolezinho constituiu-se como um movimento transgressor capaz de penetrar esse espaço e alterar sua dinâmica opressora.

O filme traz várias ilustrações com cenas reais do mundo contemporâneo e as desigualdades resultantes do processo de produção internacional vigente. As ilustrações revelam perversidades do sistema capitalista de produção, como o desemprego, a pobreza, a falta de moradia. Em uma das cenas, há uma fila quilométrica de pessoas em busca de um emprego. Em outro episódio, um grupo de sem-teto invade um prédio público abandonado e reivindica o direito ao centro da cidade, o direito de morar próximo ao trabalho. Os invasores reclamam da distância da periferia, dos elevados custos do transporte público e da baixa qualidade dos serviços. São manifestantes que denunciam a segregação espacial. Invadem espaços, perturbam a paisagem do centro da cidade e, por isso, são chamados de violentos.

Há uma clara inversão de valores no mundo atual, onde reivindicar direitos vai de encontro aos valores morais dos pertencentes às classes ricas, que ignoram a desigualdade social e seus desdobramentos. Milton Santos sugere na entrevista que a segmentação espacial promove também uma segmentação ética:

o lema que me parece importante com a globalização é, digamos, a segmentação da formulação dos códigos éticos. Quer dizer, há uma ética dos poderosos que não chega a ser ética e há uma outra ética dos que não têm nada. Como há uma ética dos desesperados que tomam o caminho do que a gente chama violência. Eu creio que essa outra ética, não a dos desesperados que praticam a violência gratuita, mas dos que querem grandes mudanças, é cada vez mais compreendida nas camadas mais baixas da sociedade. Mas ela tem contra ela toda uma formulação dessa ética dos poderosos e do direito escrito e da concepção da justiça e dos juízes quanto ao que é a convivência social. Não importa. O que importa é que a mudança tem uma base histórica muito forte e ela está ganhando as suas formas de ação que são inovadoras, que são formas de ação surpreensivas, formas de ação eficazes, e alguns de nós decidimos apoiá-los apesar da nossa herança dessa ética que envelhece por ser incapaz de atender o interesse da maioria. Há nessa busca os sem-teto, os sem trabalho...

O recente fenômeno dos rolezinhos pode evidenciar esse cenário de segregados por diferentes códigos de conduta, os quais resultam de realidades espaciais distintas. São estranhos morais com princípios de justiça

conflitantes e com um desafio comum: estabelecer um canal de comunicação baseado em um novo projeto societário em que o princípio de justiça social deixará de ser mera abstração na realidade vivida das classes subalternas.

Outro episódio emblemático apresentado no filme documentário é o da excursão de um grupo de turistas a uma região da periferia e a visita de um grupo da periferia ao *shopping* de uma capital. A visita ao *shopping* não se tratava de um rolezinho, pois os visitantes eram pessoas de diferentes gerações que iam, alguns com deslumbramento e pela primeira vez, a um centro de consumo. Ao contrário dos participantes de rolezinhos, não existiam palavras de protesto nem uma pauta de reivindicações. Simplesmente, os visitantes da periferia foram conhecer o *shopping* e despertaram a atenção dos freqüentadores habituais, que olhavam com certa surpresa ou perplexidade aquele grupo de pessoas alheias à realidade de consumo. Outra curiosidade da excursão dos habitantes da periferia foi o percurso até o *shopping* — o deslocamento foi feito em um ônibus que, durante o trajeto, foi alvo de inspeção policial. Em contraponto, a visita dos turistas a uma favela não sofreu qualquer tipo de sanção; pelo contrário, os habitantes locais tentavam receber os estrangeiros com os recursos que possuíam.

O turismo em território de classe alheia parece ser uma novidade surgida neste início de século após a higienização dos centros urbanos ter promovido a segregação das camadas subalternas nas periferias. A novidade atual é o turismo em território da elite acompanhado de conteúdo de protesto e mobilização — os rolezinhos, movimentos sociais que inovam pela imprevisibilidade e elevada eficácia no sentido de atrair a atenção da sociedade e dos meios de comunicação e de questionar o consumo ou mesmo inviabilizá-lo durante algumas horas. Segundo Milton Santos, os intelectuais têm dificuldade para entender as novas formas de reivindicação:

a gente é chamado a pensar na violência como ela é definida tradicionalmente, mas a gente não entende, não compreende, não domina o mecanismo intelectual dessas formas novas de solidariedade e de reivindicação.

Reescrever o significado de reivindicações como os rolezinhos é um desafio para os analistas da cena social e gestores de um Estado ainda surdo para o reconhecimento dos direitos das classes subalternas tendo em vista a insuficiência das políticas sociais.⁴⁵⁹

459 Em países como o Brasil, onde a corrupção e a má gestão pública por vezes se

Uma das questões presentes no depoimento de Milton Santos é a da dominação manifesta por meio da globalização, que resultaria em totalitarismo econômico, comportamental e social. Esse modelo de globalização restringe e até mesmo compromete a liberdade, o que gera uma carência de cidadania. Os desdobramentos nocivos do processo de globalização são potencializados quando se levam em consideração as classes mais pobres e excluídas arbitrariamente das riquezas produzidas no mundo supostamente unido, conectado e acessível a todos. O filme convida a pensar sobre a possibilidade de outro mundo globalizado, que não seria pautado majoritariamente nos interesses de multinacionais, economias de mercado e realidades ilusórias favoráveis apenas à elite mundial. Milton Santos é enfático ao denunciar a necessidade de criação de alternativas para uma globalização mais justa e inclusiva, onde as “pessoas do sul” tenham o direito de serem ouvidas e talvez se tornem o agente protagonista de suas vidas. Nesse sentido, os rolezinhos poderiam ser considerados uma tentativa de estabelecer um meio de comunicação com o qual as vozes do sul denunciariam desigualdades e reivindicariam um novo sentido no processo de globalização.

O filme documentário é finalizado com uma breve menção aos títulos acadêmicos conquistados e à notoriedade internacional do geógrafo Milton Santos. Por meio da apresentação de fotos e cenas de cerimônias honoríficas, o filme retrata como Santos foi festejado nos meios acadêmicos em diferentes países, momentos marcantes de seu percurso teórico, político e afetivo. Esse intelectual deixou um legado para além das fronteiras dos estudos em geografia, onde a sua contribuição foi mais incisiva tendo em vista a sua formação e seus vínculos institucionais no Brasil e em países do exterior por ocasião de seu exílio.⁴⁶⁰ A entrevista que estrutura o vídeo documentário foi concedida após Santos lançar aquele que seria o seu último livro, de uma obra composta por quatro dezenas de obras que mudaram rumos na geografia e em outras áreas do saber. Sobre o último livro⁴⁶¹, Santos mostrava-se otimista com a possibilidade de uma nova

confundem, torna-se ainda mais difícil esperar por transformações sociais significativas iniciadas pelo Estado. Consequentemente, a maioria da população a cada dia é afastada do direito à plena cidadania, uma vez que os seus direitos deixam de ser reconhecidos e assegurados. Como então esperar que os direitos humanos tornem-se prática perene e imparcial, sobretudo, no cerne de países que outrora sofreram com os processos exploratórios do colonialismo e do imperialismo? A fome no mundo, por exemplo, não está relacionada a uma baixa produção mundial de alimentos, como destaca Milton Santos, e sim à sua má distribuição, um fato desconsiderado por quem detém os modos e meios de produção.

460 SILVA, Maria; JUNIOR, Rubens. *Encontro com o pensamento de Milton Santos: o homem e sua obra*. Salvador: EDUFBA, 2009.

461 SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*.

globalização onde a furor capitalista cederia lugar ao reconhecimento de liberdades e direitos independente do pertencimento de classe, ensejando uma nova dinâmica social.⁴⁶² O intelectual finalizou sua participação na entrevista com uma aposta nesse futuro possível:

eu creio que as condições da história atual permitem ver que outra realidade é possível. Essa outra realidade é boa para a maior parte da sociedade e, nesse sentido, a gente é otimista, a gente é pessimista quanto ao que está aí, mas otimista quanto ao que pode chegar. Estamos fazendo os ensaios do que será a humanidade. Nunca houve [humanidade]...

A aposta de Milton Santos parece ganhar força e voz por meio de manifestações reivindicatórias inusitadas, como os rolezinhos. São manifestações cuja mensagem o Estado ainda não conseguiu decifrar e às quais não pôde responder com a proposta de um novo projeto societário, plural e pautado na defesa dos direitos humanos. O desafio se apresenta também à intelectualidade brasileira, à qual cabe desvendar esses novos atores, seus códigos e o espaço que estão tentando construir.

Para discussão:

1. No filme, há uma cena em que o visitante da periferia questiona o vendedor de uma loja sobre uma calça do mostruário: “maluco, tu que trabalha no *shopping*, quanto tempo você trabalha para comprar uma calça dessas?” Discorra sobre essa pergunta descontraída sobre o poder de compra do trabalhador de uma loja de um *shopping* da elite carioca feita pelo visitante da periferia. É possível identificar alguma provocação ou convite à reflexão?
2. Em um trecho da entrevista que estrutura o vídeo documentário, Milton Santos faz a seguinte afirmação: “[...] só a partir do Estado é possível fazer. Só a partir do Estado. Não vão ser ONGs, nem instituições do terceiro setor. Eu creio que o Estado é indispensável porque as entidades

São Paulo: Editora Record, 2000.

462 Neste documentário, a história da globalização é contada de forma sintética e didática, mas nem um pouco omissa em relação aos grandes favorecidos do sistema de produção vigente e suas repercussões internacionais. Ao longo do filme, o geógrafo destaca fenômenos contemporâneos como o do consumo exacerbado. Entender o consumo e suas expressões seria, para Santos, uma estratégia investigativa eficaz para teorizar sobre o que ele chamou de “o grande fundamentalismo da globalização”. O autor propõe ainda enxergar o modelo de relações internacionais como um “globalitarismo”, onde grandes corporações e organizações internacionais não democráticas tomam as decisões de maneira arbitrária e unilateral nos campos econômico e social e interferem diretamente na cultura dos países.

chamadas terceiro setor, primeiro, elas não são abarcativas, elas não podem cuidar do conjunto das pessoas que precisam de cuidados”. Como você enxerga as responsabilidades do Estado em relação à preservação de direitos humanos de pessoas pertencentes às classes subalternas? Em que medida essa responsabilidade pode ser compartilhada com a sociedade civil, o terceiro setor e suas instituições?

3. As novas formas de reivindicação social eram a aposta de Milton Santos como um caminho para a construção de uma nova sociedade. Como você enxerga os rolezinhos surgidos em 2013 em capitais brasileiras? Eles podem ser considerados uma das fontes de mudanças que promoverão a vinda de uma globalização pautada no reconhecimento da justiça social e dos direitos humanos?

Sugestão de leitura:

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

Sobre o filme:

Título original: *Encontro com Milton Santos ou: o mundo global visto do lado de cá*

País de origem: Brasil

Gênero: documentário

Classificação: livre

Tempo de duração: 89 minutos

Ano: 2006

Direção: Silvio Tendler

1900 *Homo Sapiens*: o espectro da eugenia e a barreira da dignidade humana

Paulo Gilberto Cogo Leivas⁴⁶³

Ida Vanessa Doederlein Schwartz⁴⁶⁴

O filme

Homo Sapiens 1900, de Peter Cohen, lançado em 1998, aborda o nascimento, desenvolvimento e ocaso das ideias de eugenia e de higiene racial na Europa e nos Estados Unidos na primeira metade do século XX. Peter Cohen é um cineasta sueco (por isto, a freqüente menção à Suécia no filme) e dirigiu também o filme *Arquitetura da Destruição*.

O termo eugenia (“genes bons”), foi criado pelo cientista inglês Francis Galton que, inspirado na teoria da seleção natural de Charles Darwin, defendeu estratégias que visavam ao “melhoramento artificial” da espécie humana. Segundo Darwin, a seleção natural favorece a reprodução, ou seja, a transmissão dos genes, daqueles indivíduos mais adaptados ao ambiente em que vivem – ou seja, daqueles indivíduos com “melhores genes”. Já a seleção artificial proposta por Galton implicava na aplicação de técnicas/estratégias que visam, em última análise, à propagação dos genes considerados vantajosos (eugenia positiva) ou à eliminação dos genes deletérios (eugenia negativa). A eugenia positiva envolve, por exemplo, o casamento preferencial (realizado entre determinado grupo de indivíduos considerados mais adaptados), enquanto a eugenia negativa pode envolver, por exemplo, a esterilização compulsória de indivíduos com retardo mental. Galton estava convencido que “a evolução do homem é impedida pelo fato de as pessoas inferiores procriarem mais rapidamente”, e que isto só poderia ser revertido por meio da seleção artificial.

A eugenia negativa encontrou terreno fértil para sua difusão, como demonstrado no filme *1900*. Em 1895, o médico alemão Alfred Ploetz fez a seguinte afirmação: “Se o recém-nascido demonstra ser um fraco ou se o bebê é um deformado, os médicos provocarão a sua morte, talvez com uma pequena dose de morfina”. Foi Ploetz que inventou o termo higiene racial e trabalhou para elevá-la à categoria de “ciência”, com congressos internacionais e publicações científicas especializadas, como é o caso do “Arquivo para Biologia Racial e Social”. Essas ideias eugênicas não tardaram a ser adotadas pelo Partido Nacional Socialista, com as consequências por todos conhecidas.

463 Doutor em Direito (UFRGS). Professor de Direito e Ética (UFCSPA) e do Programa de Mestrado em Direitos Humanos (UNIRITTER). Procurador Regional da República.

464 Médica. Doutora em Ciências: Genética (UFRGS). Professora do Departamento de Genética (UFRGS) e do Serviço de Genética Médica do HCPA.

Aqui cabe comentários sobre a definição “genética” das palavras “raça” e “espécie”. A definição de espécie (a nossa espécie é denominada *Homo sapiens*) envolve a capacidade de reprodução – pertencem à mesma espécie indivíduos que são capazes de se acasalar e de gerar descendentes férteis. Raça, por outro lado, corresponde a um grupo pertencente à mesma espécie, mas que possui características genéticas diferentes das de outros grupos da mesma espécie. Os estudos genéticos demonstram que não existem raças na espécie humana.

Mas não foi só na Alemanha que a eugenia encontrou muitos adeptos. Em 1916, um filme estadunidense, “A cegonha negra”, retrata o trabalho de um personagem real, o médico Harry Haiselden, que no filme é representado por ele mesmo. Esse tenebroso personagem defende a proposta de que os médicos não devem salvar as vidas de crianças deformadas ou mesmo que devem matá-las. Há uma cena no filme em que Heiselden recusa-se a aquecer um recém-nascido com a seguinte justificativa: “Às vezes, salvar uma vida é um crime maior do que tirá-la”. Heiselden não estava sozinho, sociedades eugênicas são criadas nos EUA e vinte estados estadunidenses aprovam leis de esterilização compulsória.

Peter Cohen mostra uma tentativa de colocar em prática a eugenia positiva na Alemanha nazista. Afastados dos centros urbanos, a SS (tropa de elite de Hitler) criou centros (Lebensborn) em que mulheres solteiras “racialmente puras” poderiam procriar e dar à luz com cuidado e conforto. Esses centros ficaram popularmente conhecidos como “fazendas de reprodução humana”, que não tardaram a fechar as portas por exigirem a subordinação da sexualidade à qualidade da descendência e, com isso, criaram um conflito com a ideologia nazista de proteção da família. A eugenia negativa, entretanto, inclusive o assassinato de crianças com deficiência, era aceita.

O filme também retrata o ocaso das ideias eugênicas, que passaram a ser vistas como ideias próprias ao nacional-socialismo e, conseqüentemente, passaram a ser repelidas pelos países inimigos da Alemanha, como é o caso dos EUA e da União Soviética. Entretanto, na Suécia, que se manteve neutra durante a Segunda Guerra Mundial, a eugenia, que foi incorporada como política de Estado, ainda sobreviveu por muitas décadas. O filme mostra imagens de uma competição de perfeição racial, em que crianças suecas seminuas desfilavam diante de jurados, exatamente como ocorre em competições de animais domésticos.

A dignidade humana⁴⁶⁵ como barreira à eugenia negativa e positiva

O princípio da dignidade humana está enunciado na Constituição Federal de 1988 (art. 1º, inc. III) como um dos princípios fundamentais da República Federativa do Brasil. Além de ser um direito fundamental, que deve ser aplicado, a dignidade humana possui *status* de princípio informador de todos os demais direitos fundamentais.

O art. 1º da Declaração Universal sobre o Genoma Humano e Direitos Humanos, adotada pela UNESCO, enuncia que “o genoma humano tem por base a unidade fundamental de todos os membros da família humana, assim como o reconhecimento de sua inerente **dignidade e diversidade**. Em um sentido simbólico ele é a herança da humanidade” (grifo nosso).⁴⁶⁶

Um dos problemas mais difíceis na aplicação da dignidade humana está na definição de seu conteúdo. A dignidade humana corresponde à segunda fórmula do imperativo categórico kantiano: “*Age de forma que trates a humanidade, tanto na tua pessoa, como de qualquer outro, sempre também como um fim e nunca unicamente como um meio*”.⁴⁶⁷

A dignidade humana é um direito-dever de respeitar e de ser respeitado enquanto pessoa humana e a proibição de sua instrumentalização ou coisificação. A escravidão e a tortura são dois exemplos clássicos de violações à dignidade humana.

Mas a eugenia negativa ou eliminação de indivíduos com características indesejáveis é o caso mais evidente da violação da dignidade humana. Também a esterilização compulsória trata pessoas como coisas, pois elimina direitos reprodutivos em prol de um suposto benefício à sociedade.

Entretanto, o conceito de dignidade humana conferido pelo art. 1º da Declaração Universal sobre o Genoma Humano e Direitos Humanos não deve ser limitado apenas à proteção da vida. É significativo que a dignidade humana seja colocada ao lado da diversidade e para a proteção não apenas de indivíduos, mas também da “família humana” ou da humanidade.

Esse sentido mais amplo da dignidade humana confere uma proteção mais clara contra os atos de eugenia positiva, ou seja, qualquer ato de melhoramento da espécie humana para o fim de perpetuação de certas características consideradas desejáveis, como é o caso das chamadas “fazendas nazistas” referidas no filme.

465 Ver, de minha autoria, “A genética no limiar da eugenia e a construção do conceito de dignidade humana”. In: *A reconstrução do direito privado*. Judith Martins Costa (org.). São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2002.

466 Essa declaração foi adotada unanimemente e por aclamação pela Conferência Geral da UNESCO em sua 29ª Sessão, de 11 de Novembro de 1997. Está disponível em: http://www.ghente.org/doc_juridicos/dechumana.htm.

467 ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 259.

Dignidade humana, portanto, também protege a diversidade na humanidade.

O homem não é escravo do seu genótipo

Um dos temas recorrentes do filme é o debate Mendelismo x Lamarckismo (“Herança dos Caracteres Adquiridos”). Naquela época, as duas correntes eram antagônicas, mas hoje em dia coexistem, e explicam corretamente fenômenos que ocorrem na natureza. Segundo o Mendelismo, a transmissão das características de pais para filhos dá-se por meio do material genético (DNA); para que uma alteração seja herdada ela tem de corresponder a uma alteração na sequência de pares de bases do DNA (citosina, adenina, guanina, timina). Segundo o Lamarckismo, entretanto, características que não apresentamos ao nascimento, mas que foram adquiridas ao longo da vida, por meio da educação, estímulo, etc..., também podem ser herdadas. Mas, por mais que educação, estímulo, etc... possam mudar o fenótipo de doenças genéticas, elas não alteram a sequência de pares de bases do DNA do indivíduo, e não poderiam, ser portanto, herdadas. O Lamarckismo foi desacreditado na primeira metade do século XX porque não havia, naquela época, uma boa explicação para a interação entre ambiente e DNA, as quais poderiam possibilitar que alterações fenotípicas secundárias a efeito ambiental pudessem também ser herdadas. Hoje em dia, sabe-se que a Herança dos Caracteres Adquiridos existe, e que ocorre por meio da epigenética. Por exemplo, dieta restrita em camundongas gestantes ocasiona baixo peso não somente na sua prole, mas também na prole de suas filhas – o ambiente (dieta restrita) ocasionou uma característica (baixo peso na prole) que foi herdada (baixo peso nos filhos da prole). A explicação para este fato é que a epigenética interfere não na sequência de pares de base do DNA, mas no seu enrolamento e em outras modificações químicas, de forma que a característica adquirida pode, sim, passar a ser herdada sem haver alteração na sequência de pares de base do DNA.

Para discussão:

1. Podem ser caracterizadas como práticas eugênicas e violadoras da dignidade humana a identificação e seleção de embriões com genótipos associados a doenças genéticas de casais com alta probabilidade de conceberem filhos com doenças genéticas?
2. Podem ser caracterizadas como práticas eugênicas e violadoras da dignidade humana a existência de bancos de sêmen de doadores com características desejáveis, tais como inteligência, habilidade dos esportes, etc.?

3. Podem ser caracterizadas como práticas eugênicas e violadoras da dignidade humana as terapias gênicas de células germinais, que podem transmitir-se à descendência?
4. O direito à dignidade humana protege exclusivamente indivíduos ou é possível afirmar a existência de uma dignidade da humanidade?

Sugestões de leitura:

DEL CONT, Valdeir. O controle de características genéticas humanas através da institucionalização de práticas socioculturais eugênicas. *Sci. stud.* São Paulo, v. 11, n. 3, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662013000300004&lng=en&nrm=iso.

DINIZ, Debora; GUEDES, Cristiano. Confidencialidade, aconselhamento genético e saúde pública: um estudo de caso sobre o traço falciforme. *Cad. Saúde Pública.* Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, June 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000300008&lng=en&nrm=iso.

MISKOLCI, Richard. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina. *Cad. Saúde Pública.* Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, Jan. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000100028&lng=en&nrm=iso.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Homo Sapiens 1900*

Título original: *1900 Homo Sapiens*

País de origem: Suécia

Gênero: documentário

Classificação:

Tempo de duração: 88 minutos

Ano: 1998

Direção: Peter Cohen

O papel dos EUA no golpe de 1964 no Brasil: uma análise do filme *O dia que durou 21 anos*

Chastter Silva⁴⁶⁸
Cristiano Guedes⁴⁶⁹

Em 2013, a presidenta do Brasil Dilma Rousseff cancelou uma viagem oficial aos Estados Unidos da América (EUA). A razão: a descoberta de que, há anos, era alvo da espionagem estadunidense. As denúncias foram feitas por um especialista em informática que trabalhou na área de inteligência do governo dos EUA. Segundo as evidências publicadas, a presidenta Rousseff tinha suas mensagens eletrônicas monitoradas pelo serviço de inteligência. Além de cancelar sua viagem aos EUA, a presidenta discursou na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o episódio, que ela descreveu como um caso de violação de direitos humanos e da soberania brasileira. Essa não é a primeira vez na história recente que os Estados Unidos interferem na vida civil e política dos brasileiros. O documentário “*O dia que durou 21 anos*”, do diretor Camilo Tavares, revela o papel desempenhado pelo governo estadunidense no golpe militar ocorrido no Brasil em 1964.

O título do documentário faz referência ao período de vinte e um anos de duração do regime de ditadura militar no Brasil, que foi de 1º de Abril de 1964 a 15 de Janeiro de 1985. A ditadura militar foi um dos piores momentos da história do Brasil visto que foi um período marcado por suspensão de direitos e ocorrência de abusos, tais como torturas, censuras, perseguições e assassinatos. Os crimes cometidos durante o regime militar são o foco do documentário de Tavares, desde os preparativos para o Golpe de 1964 até as lutas pelo fim da Ditadura Militar na década de 1980. Além do Brasil, no mesmo período foram instaladas ditaduras na Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai.

A influência dos EUA no Golpe de 1964 não é uma novidade, visto que já era reconhecida pelos próprios opositores da ditadura e evidenciada por meio de fatos históricos, como o seqüestro do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick em 1969. O jornalista Lucas Figueiredo, em seu livro “*Ministério do Silêncio*” (2005), discute como os EUA estiveram presentes no golpe militar e no regime de restrição de direitos e liberdades⁴⁷⁰. Entretanto, o grande trunfo do documentário é apresentar de forma didática e com base em documentos históricos algumas das estratégias utilizadas pelos presidentes John Kennedy e Lyndon Johnson para

468 Licenciado em História e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

469 Doutor em Ciências da Saúde e professor (UnB)

470 FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do Silêncio*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

interferirem na vida política do Brasil. O documentário mostra também protagonistas do golpe que desempenharam papel central na queda do regime democrático e ascensão de militares ao poder, caso do embaixador estadunidense no Brasil, Lincoln Gordon, e um conjunto de generais brasileiros. Além das parcerias políticas, os EUA disponibilizaram parte de sua estrutura bélica no caso de uma possível resistência ao golpe militar. Entre os recursos oferecidos pelas forças armadas dos Estados Unidos, estavam um porta-aviões e mais de 100 toneladas de armas, navios de guerra, aviões caças e helicópteros⁴⁷¹. A intervenção armada não foi necessária; mesmo assim, o saldo de mortes foi elevado. De acordo com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SDH), foram centenas de mortos ou desaparecidos por motivos políticos no Brasil⁴⁷². O número exato de vítimas brasileiras é desconhecido em razão da falta de transparência dos dirigentes militares na divulgação das estatísticas oficiais durante o regime de ditadura.

A motivação dos EUA em apoiar o golpe militar se fundamentava no suposto avanço do comunismo na América Latina. O avanço comunista em tempos de Guerra Fria, a Revolução em Cuba e a eleição de um presidente com idéias socialistas no Brasil (João Goulart) podem ser apontados como os elementos responsáveis pela intervenção estadunidense no Brasil e em países vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai. A Revolução de Cuba (1959) consistiu na derrubada do ditador Fulgêncio Batista por rebeldes cubanos, com destaque para Fidel Castro e Ernesto Che Guevara.⁴⁷³ Como resultado dessa revolução, Cuba tornou-se o primeiro país comunista da América. O contexto da Guerra Fria foi caracterizado pelo enfrentamento indireto entre Estados Unidos e suas respectivas perspectivas societárias conflitantes, capitalismo *versus* socialismo. O enfrentamento deu-se em várias esferas, tanto nos meios militares e políticos como nos meios culturais e sociais. Conseqüentemente, houve um processo de bipolarização mundial e desencadeamento de conflitos em diversos países durante uma parte do século XX. O ataque aos países do sul seria, assim, uma forma de prevenir o surgimento de projetos societários inspirados no exemplo de Cuba, que ameaçava o domínio dos EUA no continente. Segundo depoimento do historiador Carlos Fico para o filme documentário,

471 BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. São Paulo: Ática, 2003.

472 BRASIL. *Direito à verdade e à memória: Comissão sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/mortos-e-desaparecidos-politicos>. Acesso em agosto de 2014.

473 FARIAS, Déborah. Contextualizando a invasão à Baía dos Porcos. *Revista Brasileira de Política Internacional*. v. 51, n. 1, 2008, p. 105-122.

os EUA não admitiriam em nenhuma hipótese uma outra Cuba, um outro governo na América Latina de viés socialista ou comunista, mesmo que tivessem que perpetrar quaisquer violências. A operação Brother Sam⁴⁷⁴ e todo esse delineamento estratégico foram muito importantes para dar segurança àquelas pessoas que perpetraram o golpe; segurança no sentido de tomarem uma decisão, de fazerem efetivamente a movimentação militar e derrubarem João Goulart do poder.⁴⁷⁵

Essa interferência estadunidense se alastrou para além das fronteiras brasileiras. A derrubada do presidente do Chile, Salvador Allende, que havia sido eleito democraticamente, e sua substituição por Augusto Pinochet, que criou uma das mais sangrentas ditaduras, com mais de três mil mortos, contaram também com apoio direto do governo estadunidense. Analisando o período, podemos observar uma aliança político-militar entre as ditaduras da América nomeada como Operação Condor.

A Operação Condor foi uma organização dos governos militares dos países da América do Sul com a cooperação dos Estados Unidos e tinha como objetivo identificar, capturar e inviabilizar movimentos políticos ou pessoas contrárias às ditaduras militares.⁴⁷⁶ A organização era composta pelos líderes das ditaduras instaladas em Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Brasil. A operação visava a derrubar barreiras geográficas à perseguição de pessoas contrárias ao regime ditatorial e fortalecer acordos que desrespeitavam as convenções internacionais de Direitos Humanos, como o seqüestro, a prisão e o transporte de refugiados políticos para seus países de origem para que fossem punidos.⁴⁷⁷ No ano de 2000, foram divulgados documentos secretos da CIA⁴⁷⁸, da Casa Branca, do Departamento de Estado e de Defesa dos Estados Unidos, vários dos quais indicam a participação de Washington na execução, criação e organização da Operação Condor, que se traduziu em seqüestros, prisões, torturas,

474A operação Brother Sam foi nome a dado a uma operação secreta do governo dos Estados Unidos que visava a derrubada do presidente brasileiro João Goulart através de um golpe militar.

475Todas as falas citadas neste texto provêm de transcrições das entrevistas contidas no filme documentário.

476 MARIANO, Nilson. *As garras do condor*. Petrópolis: Vozes, 2003; CUNHA, Luiz. *Operação condor: o seqüestro dos uruguaios, uma reportagem dos tempos da ditadura*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

477 CELIBERTI, Lilian; GARRIDO, Lucy. *Meu quarto, minha cela*. Porto Alegre: L&PM, 1989.

478A "Central Intelligence Agency" (CIA) é uma agência de inteligência do governo dos Estados Unidos responsável por investigações, fornecimento de informações e serviços secretos. Foi criada em 1947 pelo presidente Harry Truman.

mortes e desaparecimentos.⁴⁷⁹

A metodologia utilizada pelos Estados Unidos para a derrubada do governo Jango⁴⁸⁰ é outro dado interessante explorado no documentário. Segundo relato do historiador Peter Kornbluh,

os documentos recentemente liberados não deixam dúvida de que havia esse financiamento. Há provas de operações secretas e de propaganda da CIA no Brasil — ações de propaganda na mídia e nos sindicatos para incentivar greves para criar idéias de caos, de que era necessário um golpe militar. Essas ações são o “arroz com feijão” da CIA para criar instabilidade e derrubar governos de diversos países. O Brasil seria o primeiro país de grande porte a vivenciar uma mudança de regime apoiada e patrocinada pelos EUA.

Como se observa, o apoio não se restringia ao amparo bélico; os EUA também investiam em campanhas midiáticas capazes de espalhar rumores entre trabalhadores e setores da sociedade civil de modo a levá-los ao questionamento das políticas em curso. A derrubada do regime democrático e a preservação da ditadura instalada foram obtidas não só com o empenho de militares e políticos conspiradores, mas também com a participação de representantes do setor privado, da sociedade civil e da igreja católica, como evidenciou a Marcha da Família⁴⁸¹ ocorrida em São Paulo às vésperas do golpe.

A intrusão estadunidense na América Latina gerou graves problemas políticos e sociais que ainda não cicatrizaram. O legado das ditaduras ainda se faz presente em países onde os direitos civis podem ser considerados conquistas recentes e vulneráveis. Algumas iniciativas, como a de criação da Comissão Nacional da Verdade, sancionada pela presidente Dilma Rousseff em 18 de novembro de 2011 com o propósito de investigar violações de direitos humanos entre 1946 e 1988, são caminhos para lançar luz e desvendar mistérios sobre um período de restrição de liberdades e

479 SOUZA, Fabiano Farias. Operação Condor: Terrorismo de Estado no Cone Sul da América. *Revista do Corpo Discente do PPG em História da UFRGS*. v. 3, n. 8, jan.-jun. 2011.

480 Jango é um apelido recebido desde criança pelo presidente João Goulart, e era a maneira como era conhecido popularmente. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/janio_quadros. Acesso em agosto de 2014.

481 A Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi uma passeata organizada por integrantes da classe média conservadora e pela Igreja Católica com o intuito de apoiar o exército em um futuro golpe. A passeata serviu para mostrar aos golpistas que existia uma base social de apoio. VICENTINO, Claudio. *História Geral e do Brasil*. vol. 3, São Paulo: Scipione, 2010.

de vidas na América Latina⁴⁸².

Recentemente, o Brasil iniciou novas investigações sobre o período da ditadura militar. Muito embora todos os militares envolvidos com os crimes da ditadura tenham sido anistiados, trazer à tona os crimes cometidos é um meio para atenuar a dor das famílias enlutadas e prevenir novos períodos de restrição de direitos. Conhecer em profundidade o período militar é fundamental também no sentido de preservar a autonomia brasileira diante da interferência política de outros países, como foi o caso dos Estados Unidos que apoiou não somente o golpe militar como também sua permanência durante mais de duas décadas. Nesse sentido, é compreensível a decisão da presidenta Dilma Roussef em cancelar uma visita oficial, pois esse ato pode ser considerado uma demonstração pública de que o Brasil não tolerará mais nenhum tipo de interferência em sua autonomia política.

Para discussão:

1. Durante o ano de 2013, os Estados Unidos e seu serviço secreto foram questionados por países como Brasil e Alemanha devido ao acesso ilegal e ao uso de informações confidenciais pertencentes aos governos de outros países. O filme documentário também mostra como a participação dos EUA no golpe militar brasileiro foi respaldada em informações sobre a vida política do país e de seus líderes. Como você avaliaria esses dois episódios de atuação do serviço de informação dos EUA dentro do Brasil?
2. A Comissão Nacional da Verdade tem feito uma série de pesquisas baseadas em documentos e relatos de pessoas atuantes no período de ditadura. Discuta assuntos referentes ao regime militar no Brasil (1964-1985) que permanecem “obscuros” para a sociedade brasileira, apesar de investigações como a realizada pela Comissão da Verdade. Alguns dos documentos da época da ditadura estão disponíveis para consulta na seguinte página eletrônica: <http://www.cnv.gov.br/index.php/institucional-acesso-informacao/a-cnv>.

Sugestão de leitura:

CELIBERTI, Lilian; GARRIDO, Lucy. *Meu quarto, minha cela*. Porto Alegre: L&PM, 1989.

482 Para mais informações sobre a Comissão Nacional da Verdade ou mesmo acesso a documentos do período é possível consultar a seguinte página eletrônica: Site da Comissão Nacional da Verdade que contém documentos, membros, ações e grupos de trabalho. BRASIL. Comissão nacional da Verdade. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/index.php/institucional-acesso-informacao/a-cnv>. Acesso em agosto de 2014.

Sobre o filme:

Título original: *O dia que durou 21 anos*

País de origem: Brasil

Gênero: documentário

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 77 minutos

Ano: 2013

Direção: Camilo Tavares

Tudo pelo poder, a questão da pena de morte e a exigência de que a sociedade deve ser melhor do que o indivíduo

Gabriel Goldmeier⁴⁸³

Em minha opinião, *Tudo pelo poder* (*The ides of March*) é um dos melhores filmes políticos de 2011. Dirigido e estrelado por George Clooney, apresenta uma trama centrada na fictícia pré-candidatura à presidência dos Estados Unidos do democrata Mike Morris, alguém que se esforça para preservar valores morais em meio à sordidez dos bastidores da corrida eleitoral estadunidense. Nesse pequeno ensaio, concentrar-me-ei apenas em um brevíssimo diálogo que, penso, traz algo de novo para a análise de um tema já muito discutido e de solução extremamente difícil: a pena de morte.

A passagem citada tem lugar em uma entrevista na qual Morris declara ser contra a pena de morte, mas, ao mesmo tempo, diz que, se alguém assassinasse a sua esposa, ele acharia uma maneira de matar o assassino. O entrevistador, diante daquela inusitada resposta, pergunta: “Se julgas isso o certo a fazer, por que não permites que a sociedade o faça?”. Nesse momento Morris dá uma resposta iluminadora – que confesso não ter ainda encontrado em qualquer tratado de Filosofia Política: “Porque a sociedade tem que ser melhor que o indivíduo. Se eu fizesse isso, estaria errado”.

Foco-me agora na afirmação final desse diálogo que, segundo entendo, coloca duas questões fundamentais para que avancemos no debate sobre a pena de morte: (i) faz sentido querer que a sociedade, esse ente abstrato, sustente valores distintos daqueles compartilhados pela maioria de seus componentes? (ii) é a oposição à pena de morte um valor superior que, talvez, simplesmente a maioria não consiga compartilhar?

Respondo à primeira questão afirmando que os valores de uma sociedade justa não devem ser, simplesmente, a representação do agregado dos valores de seus indivíduos. Isso porque indivíduos são muitas vezes orientados por interesse próprio ou por emoções fortes e imediatas, e, desse modo, acabam por abandonar a razão, algo central para a escolha do que é justo. (Por exemplo, dado que o afastamento das fortes e imediatas emoções e do auto-interesse são fundamentais para a promoção da justiça, se atenua a pena de quem comete um crime logo após ver um ente querido agredido, e não se aceita um pai como jurado no julgamento do filho ou, o que seria ainda mais absurdo, o próprio indivíduo julgando um

⁴⁸³ Licenciado em Matemática e Filosofia (UFRGS), mestre em Filosofia Política (UFRGS), doutorando em Educação (Institute of Education da University of London). Professor de Filosofia (Univates).

caso em que é réu.) De outra sorte, se os valores norteadores de uma sociedade forem desenvolvidos a partir de uma deliberação conjunta, então nos afastaremos de tais vícios. Nesse sentido, a sociedade, caso construa seus valores coletiva e ponderadamente, será melhor do que o indivíduo.

Para responder à segunda questão, muito mais difícil do que a primeira, devemos identificar o princípio que orienta os defensores da pena de morte e que, talvez, deva ser suplantado em nome de um princípio “superior”. Ainda que alguns sejam favoráveis à pena de morte por julgarem que ela diminuiria a criminalidade, entendo ser o sentimento de vingança o principal fundamento daqueles que defendem tal punição. A justificativa de Morris (e da maioria) para matar o assassino da mulher (ou dos filhos, ou dos pais, ou até de um desconhecido) não é o aumento da segurança, mas sim o direito de vingar aquela morte. Mas será a vingança algo a ser cultivado por nossa sociedade?

Penso que não, que a superação de tal sentimento indica a evolução de uma sociedade. Defendo essa tese apelando a dois argumentos. Em primeiro lugar, identifico que a gradual eliminação da vingança, ao longo dos tempos, esteve intimamente ligada ao avanço no respeito aos direitos individuais. Por exemplo, no passado, era comum pessoas serem mortas, mesmo pelo Estado, com requintes de crueldade; hoje, apenas povos muito atrasados (falo isso sem medo do policiamento dos multiculturalistas extremos), perpetraram execuções bárbaras. A lei de talião, à medida que evoluímos, parece estar sendo abandonada. Além disso, creio que todos ganham com essa mudança. (Talvez esse ganho seja, inclusive, o fundamento do avanço histórico descrito.) Falo do bem geral promovido pelo abandono da vingança, um sentimento que coloca aqueles que o cultivam num ciclo interminável de ressentimento que os limita e que os faz sofrer. Explico essa leitura citando ideias desenvolvidas em outros dois belos filmes. Em *Abril despedaçado*, de Walter Salles, é retratado o ciclo vicioso de um povo do interior do nordeste em que um membro de uma família tem o dever de vingar o parente assassinato pela família rival. Dor e tristeza são os únicos sentimentos que podem ser percebidos naquelas pessoas. Já em *Os últimos passos de um homem*, de Tim Robbins, uma passagem evidencia o sofrimento de um pai que fica refém do desejo de vingar o assassinato do filho. Sua paz interior parece só ser atingida quando ele consegue perdoar o criminoso. Isso posto, considero ser o perdão, e não a vingança, um dos princípios fundantes da justiça. Assim, o avanço em relação a tal prática através da eliminação da pena de morte indica uma evolução da nossa sociedade.

Para discussão:

1. Tu consideras que a sociedade deve ser melhor do que o indivíduo? Por quê?
2. A emoção deve ser completamente afastada dos julgamentos sobre as ações humanas? Por quê?
3. O direito de vingança deve fazer parte das razões para se punir um criminoso? Por quê?

Sugestão de leitura:

KADARÉ, Ismail. *Abril despedaçado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
MÁRQUES, Gabriel García. *Crônica de uma morte anunciada*. São Paulo: Record, 2005.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Tudo pelo poder*
Título original: *The ides of March*
País de origem: Estados Unidos da América
Gênero: drama político
Classificação: livre
Tempo de duração: 101 minutos
Ano: 2011
Direção: George Clooney

A busca pelos direitos ignorados em *O poder da esperança*

Isabella Moreira dos Santos⁴⁸⁴

Baseado em fatos verídicos, *O poder da esperança* conta a história inspiradora de Richard Pimentel. Ainda criança, ele descobre seu dom ao aceitar o desafio proposto por um professor, que disse: “A maioria das pessoas vai para suas sepulturas com sua música dentro delas” (querendo dizer algo como “escute sua música”, referindo-se a descoberta da “voz” interior, do talento pessoal). Em seguida questiona quem se habilita a discorrer sobre algo para a turma. Richard aceita, e empolga-se ao discursar para os colegas, e descobre sua aptidão para se comunicar. Ele tem o dom da palavra.

A partir disso, ele começa a fazer parte do clube de oratória da escola, e depois a participar de torneios em busca de uma bolsa de estudos para se aperfeiçoar. Em um dos torneios, é convidado por Ben Padrow a participar de um teste para estudar oratória, mas este o critica replicando que Richard era um talentoso orador, com grande potencial, mas que só falava bobagens, e diz para ele adquirir conhecimento, ganhar um ponto de vista. Decepcionado, ele se alista para combater na Guerra do Vietnã, e em combate acaba por perder a audição em uma explosão. Ao retornar do conflito, Pimentel enfrenta uma nova condição – sua audição é afetada por um zumbido permanente⁴⁸⁵ nos dois ouvidos, o que gerou uma perda auditiva, escutando de forma clara somente as vogais, e dificultando o entendimento ao ouvir a fala dos outros.

Diante dessa condição, aproxima-se de outros veteranos de guerra que se encontravam em situações parecidas as suas, e desenvolve novas amizades, como a relação com seu grande companheiro, o extremamente inteligente Art Honeyman, que teve suas habilidades motoras comprometidas por uma paralisia cerebral sem afetar a cognição. Devido ao comprometimento neurológico, Art falava de forma enrolada, mas Richard conseguia escutá-lo muito bem, o que os aproximou.

Juntos, vivenciaram situações humilhantes e desagradáveis, sendo tratados como incapazes por muitos, e Richard percebe a necessidade de

484 Bacharelada em Fonoaudiologia (UFCSPA).

485 O zumbido, chamado de acúfeno ou tinnitus, é um som que está dentro da via auditiva, sintoma de um dano nas células ciliadas, que ficam localizadas no ouvido interno. A percepção do zumbido pode ocorrer nos ouvidos ou na cabeça, relacionado ao aumento dos impulsos elétricos que a via auditiva envia ao córtex cerebral. O acometimento pode ser bilateral ou unilateral, de intensidade moderada a severa, e suas causas podem ser únicas ou múltiplas, podendo levar a perda auditiva, e comprometendo a qualidade de vida do indivíduo. SANCHEZ, Tanit G. Zumbido: análise crítica de uma experiência clínica e de pesquisa. *Rev. Bras. Otorrinolaringologia*, São Paulo, v. 71, n. 4, ago. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003472992005000400005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em junho de 2014.

representar os cidadãos ignorados, um porta voz para modificar a realidade. Assim ele utiliza sua oratória para a luta pelos direitos das pessoas com deficiências⁴⁸⁶ – buscando junto à comunidade e ao Estado a efetivação de oportunidades de trabalho, de inserção social, e a adequação estrutural e funcional de estabelecimentos, lutando por respeito, qualidade de vida, inclusão e acessibilidade, combatendo a exclusão e o preconceito.

A estrutura das sociedades, desde os seus primórdios, inabilitou os portadores de deficiência, marginalizando-os e privando-os de liberdade, pois em muitas das sociedades os enfermos e as pessoas com deficiência eram mortos ou abandonados. Estes indivíduos sofreram com a falta de respeito aos seus direitos humanos, sendo, ao longo da história, alvos de atitudes preconceituosas e ações impiedosas⁴⁸⁷. Apenas no século passado, em busca do reconhecimento de que pessoas com necessidades especiais têm direitos como quaisquer outras pessoas, ocorreram efetivas mudanças quanto à inclusão dos PNE's⁴⁸⁸ na sociedade e a efetivação de seus direitos. Assim, ao buscar demonstrar que ele e os demais não eram inferiores a ninguém, Richard encontra “sua música” dando visibilidade aos deficientes ao ajudá-los a se enxergarem como cidadãos, apenas com diferentes necessidades, chamando a atenção do governo e da sociedade para uma realidade a qual muitos fechavam os olhos.

Através de seus discursos em palestras para órgãos do governo, sua atuação foi fundamental para a elaboração da *Americans with Disabilities Act (ADA)* de 1990, lei americana que proíbe a discriminação das pesso-

486 A Organização das Nações Unidas, na Resolução nº 2542, define deficiência como perda ou anormalidade, de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que venha gerar uma incapacidade para o desempenho de atividade dentro do padrão considerado normal para o homem, podendo estar associada a uma deficiência física, auditiva, visual, mental permanente ou temporária. HERCULANO, Tatiana C.; SILVA, Carlos H. Mayer da; ALMEIDA, Patrícia de Carvalho; CERRETTO, Clovis: *Deficiência no mercado de trabalho como exercício de responsabilidade social*. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/viewFile/792/327>. Acesso em setembro de 2014.

487 MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. *Portadores de deficiência: a questão da inclusão social*. São Paulo Perspec. [online]. 2000, v. 14, n.2, p. 51-56. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9788.pdf>. Acesso em junho de 2014.

488 Sigla para mencionar Portadores de Necessidades Especiais.

as portadoras de deficiências⁴⁸⁹. Hoje, o programa “*Tilting at Windmills*”⁴⁹⁰ criado por ele é utilizado em diversos países e considerado referência para programas de empregabilidade de pessoas com deficiência. Segundo Aranha, a inclusão é o reconhecimento da diversidade na vida em sociedade, garantindo o acesso de todos os indivíduos a oportunidades, independente de suas peculiaridades. E a inserção de pessoas com necessidades especiais no mercado de trabalho é uma das formas de valorizá-las enquanto indivíduos, mostrando que, independente de suas limitações, elas podem dar sua contribuição⁴⁹¹, sendo indivíduos autônomos que devem ser reconhecidos como tal.

Após a primeira guerra mundial, ocorreu grande necessidade de reabilitação dos ex-combatentes, e surgiram organizações não governamentais, dentre elas a Organização Internacional do Trabalho – OIT, fundada em 1919 com o objetivo de promover a justiça social, através recomendações e normas sobre diversos aspectos relacionados ao trabalho, dentre eles a promoção da igualdade e dos direitos dos trabalhadores, inclusive, das pessoas com deficiência⁴⁹². A Convenção n° 159 da OIT⁴⁹³ de 1 de junho de 1983 em Genebra, faz parte do decreto n° de 22 de maio de 1991 no Brasil, militando a favor de ações combinadas entre Estado, sociedade civil e empresas para a efetiva inclusão da pessoa com deficiência no trabalho, contribuiu com uma das principais conquistas na legislação brasileira em decorrência da Lei n° 7.853/89⁴⁹⁴, que assegura às pessoas com necessidades especiais seus direitos básicos, como educação, saúde, trabalho, entre outros que propiciem o bem-estar pessoal, social e econômico; as-

489 A *Americans with Disabilities Act* (ADA, Lei dos Americanos com Deficiências) e a Seção 504 da *Rehabilitation Act of 1973* (Lei da Reabilitação de 1973) são leis federais. Estas leis protegem os direitos de não discriminação das pessoas com deficiências. A ADA e a Seção 504 garantem que sejam elaborados planos dirigidos às necessidades especiais em qualquer programa com financiamento federal nos Estados Unidos da América. Mais informações em: <http://www.danburychildrenfirst.org/pdf/portsect8dpci.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

490 Mais informações disponíveis em: http://www.miltwright.com/_richard_pimentel/Richard_Pimentel-history.pdf. Acesso em agosto de 2014.

491 ARANHA, M.L.A. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 2001.

492 Informações disponíveis em: <http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/oit/>. Acesso em agosto de 2014.

493 BRASIL. Decreto n 129. Brasília, 22 de maio de 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/Do129.htm. Acesso em agosto de 2014.

494 Segundo o Art. 2º: Ao Poder Público e a seus órgãos cabem assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico. BRASIL. Lei n° 7.853/89. Brasília, 24 de outubro de 1989. Diário Oficial da União de 25 de Outubro de 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7853.htm Acesso em agosto de 2014.

segurando através deste o acesso ao mercado de trabalho, seja através, do âmbito público ou privado. Entretanto, a sanção da lei não significa o seu cumprimento pleno, pois, a baixa escolarização e qualificação das pessoas com deficiência são anteriores ao seu ingresso no mercado de trabalho constituindo-se em empecilho para a sua empregabilidade⁴⁹⁵. Para além da lei, é preciso eliminar os paradigmas históricos de preconceito e discriminação, bem como barreiras físicas e sociais:

Uma sociedade inclusiva necessita oferecer ampla variedade de serviços diferenciados para atender as mais variadas necessidades especiais de todos os cidadãos. Talvez só dessa maneira seja possível reduzir as desigualdades de oportunidades decorrentes das condições adversas de que são portadoras ou a que são submetidas algumas pessoas.⁴⁹⁶

Assim, o processo de exclusão historicamente imposto às pessoas com deficiência, pode ser superado por intermédio da implementação de políticas afirmativas e pela conscientização da sociedade acerca das potencialidades desses indivíduos.⁴⁹⁷ Uma sociedade mais justa e inclusa deve garantir que todas as pessoas, independentemente de suas limitações ou diferenças, tenham a efetiva garantia do cumprimento de seus direitos como cidadãos, incluindo a efetiva adaptação de locais públicos de maneira que se possa atender a todas as limitações. Entende-se por deficiente aquele indivíduo que possui alguma anormalidade na estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que pode gerar uma incapacidade. Porém, se essa anomalia acarretará em uma incapacidade, dependerá das possibilidades disponíveis, pois se a sociedade se adapta à anomalia, essa não implicará em incapacidade. “Ou seja, a deficiência é produzida pela sociedade na medida em que ela não se adapta à condição diferenciada de alguns de seus membros. Portanto, um cadeirante só será deficiente numa sociedade com

495 OLIVEIRA, Thiago F, de. *Lei de cotas para pessoa com necessidades especiais: As dificuldades de inclusão ao mercado de trabalho*. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/lei-de-cotas-para-pessoas-com-necessidades-especiais-as-dificuldades-de-inclusao-ao-mercado-de-trabalho/35536/>. Acesso em agosto de 2014.

496 OMOTE, Sadao. Normatização, integração, inclusão. *Revista Brasileira de Educação Especial*. V.1, n.1, jul-dez, 1999. Apud. OLIVEIRA, Thiago F, de. *Lei de cotas para pessoa com necessidades especiais: As dificuldades de inclusão ao mercado de trabalho*. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/lei-de-cotas-para-pessoas-com-necessidades-especiais-as-dificuldades-de-inclusao-ao-mercado-de-trabalho/35536/>. Acesso em agosto de 2014.

497 BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho*. Brasília: MTE, SIT, 2007. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BCB2790012BCF9D75166284/inclusao_pessoas_defi12_07.pdf. Acesso em agosto de 2014.

parcas adaptações”⁴⁹⁸.

Em prol da coletividade e contra a exclusão, é interessante apontar o pensamento do filósofo Enrique Dussel que, em sua obra intitulada *Ética da libertação*, apresenta a necessidade de superação da ordem aplicada, ou seja, visa ao rompimento com o modelo eurocêntrico e busca um ponto de partida a partir do olhar sobre a cultura latino-americana, pois acredita que para modificar-se uma realidade, é preciso entender como esta ocorre, visando a uma sociedade onde o excluído participe, pois só assim teremos uma efetiva democracia.⁴⁹⁹

O poder da esperança é um filme interessante não só pela história real desse homem e o impacto social de suas atitudes, como também pelo humor leve e positivo ao tratar do tema. Mesmo com a carga dramática, o filme apresenta diversas situações em que a maior arma é combater a ignorância alheia e enfrentar atitudes preconceituosas sem perder a alegria de viver. Todos os cidadãos necessitam de respeito a seus direitos fundamentais e iguais oportunidades; e ao promover e efetivar a inclusão e a acessibilidade se percebe que somente ao cultivar a compreensão e o respeito, colocando-se no lugar do outro, evuiremos coletivamente e como indivíduos.

Para discussão:

1. Mesmo a legislação garantindo a inclusão de pessoas com deficiência, ainda há muito a ser feito em questões estruturais para o acesso efetivo à cidadania. Como você observa essa questão na sua comunidade? Há acesso para todos, com a presença rampas, portas adequadas, sanitários, transporte público, sinais luminosos e sonoros em ruas, nos locais públicos e privados?
2. A história mostra que houve muita discriminação para com as pessoas que tinham algum tipo de deficiência, havendo muitos mitos envolvendo essa questão. Reflita sobre os comentários do senso comum que perpetuam esse tipo de pensamento desrespeitoso para com o ser humano, e porque, esse pensamento ainda se perpetua e como o combater.
3. Coloque-se por um momento no lugar do outro, como você se sentiria nas situações que os personagens do filme passaram?

498 Mais informações disponíveis em: <http://lucasnapoli.com/2010/10/19/muito-alem-da-inclusao-um-olhar-menos-ingenuo-sobre-o-tema-da-deficiencia/>. Acesso em agosto de 2014.

499 MACIEL, Álvaro dos Santos; CIENA, Fabiana Polican. *Acessibilidade: a inclusão do portador de deficiência física sob um ponto de vista filosófico*. Disponível em: http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/bh/alvaro_dos_santos_maciel.pdf. Acesso em agosto de 2014.

Sugestões de leitura:

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; BARBOSA, Livia. *Deficiência e Igualdade*. Brasília: Letras Livres, 2010.

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão*. São Paulo: Paulus, 2005.

MARCELO, Rubens Paiva. *Feliz ano velho*. São Paulo: Mandarim, 1996.

SILVA, Otto Marques da. *A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. São Paulo; CEDAS, 1987.

Sobre o filme:

Titulo no Brasil: *O poder da esperança*

Titulo Original: *Music within*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: comédia

Classificação: livre

Tempo de duração: 94 minutos

Ano: 2007

Direção: Steven Sawalich

***A hora mais escura:* tortura, guerra ao terror e a desumanização no cinema**

Felipe Lazzari da Silveira⁵⁰⁰
Vicente Cardoso de Figueiredo⁵⁰¹

O filme *A hora mais escura* foi classificado por muitos críticos como uma obra cinematográfica do gênero drama. Contudo, além de uma fotografia agressiva, possui inúmeras características inerentes aos filmes de ação e ficção. Na verdade, a cineasta Kathryn Bigelow manteve as características de sua produção anterior, *Guerra ao Terror*, tendo em vista que a obra em questão também apresenta fortes traços do patriotismo e militarismo norte-americano, algo comum nos filmes que tratam de temas como guerra e terrorismo produzido nos Estados Unidos da América.

Zero Dark Thirty, título original da produção, não trata apenas das ações da inteligência norte-americana para a caçada e execução de Osama Bin Laden, líder do grupo islâmico fundamentalista Al-Qaeda, considerado “inimigo número um” dos EUA após o 11 de Setembro de 2001, quando diversos atentados terroristas foram praticados em território estadunidense, sendo que a mais marcante ação varreu da paisagem nova-iorquina as até então imponentes torres gêmeas do *World Trade Center*, mas também denuncia as práticas de tortura e violações de direitos humanos durante os procedimentos, principalmente nos interrogatórios de supostos terroristas capturados pelo órgão de Inteligência governamental dos Estados Unidos da América, a “Central Intelligence Agency” (CIA)⁵⁰² e pelo exército norte-americano nos países do Oriente Médio e em outras regiões do planeta, em nome da política de segurança nacional assumida pela nação estadunidense.

500 Advogado. Bacharel Direito (UNISINOS). Especialista em Direito Penal e Direito Processual Penal (UNIRITTER). Mestrando em Ciências Criminais (PUCRS). Membro do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (UFRGS); Membro do Instituto Brasileiro de Direito Processual Penal (IBRASPP).

501 Advogado. Especialista em Direito Penal e Processo Penal. Mestrando em Ciências Criminais (PUCRS). Bolsista do Capes.

502 A CIA apresenta como sua missão antecipar ameaças aos objetivos de segurança nacional dos Estados Unidos da América por meio da coleta de informações relevantes, produzindo análise objetiva de todas as fontes, e por meio da realização de ações secretas eficazes, segundo orientações do Presidente, bem como para salvaguardar os segredos que ajudam a manter a nação segura (“*Preempt threats and further US national security objectives by collecting intelligence that matters, producing objective all-source analysis, conducting effective covert action as directed by the President, and safeguarding the secrets that help keep our Nation safe*”). Disponível em <https://www.cia.gov/about-cia/cia-vision-mission-values>. Acesso em agosto de 2014.

Diante da importância do tema, tendo em vista que os fatos retratados na obra cinematográfica correspondem aos alertas emitidos pelas mais diversas entidades que atuam em defesa dos direitos humanos, uma realidade que demonstra um elevado nível de violência e desrespeito aos direitos e garantias do indivíduos alvos da guerra ao terror empreendida pelos EUA, o presente artigo não tem o propósito de servir como uma nota ou crítica sobre o filme em questão, mas proceder uma reflexão sobre alguns pontos abordados na produção cinematográfica, principalmente sobre a tortura, prática hedionda que perdurou no curso da história da civilização humana e continua sendo utilizada no contexto contemporâneo a serviço dos mais escusos interesses políticos, religiosos, etc.

O filme inicia com a advertência de “basear-se em relatos e testemunhos reais”, utilizando de gravações das vozes de vítimas dos atentados de 11 de Setembro de 2001, como o pedido desesperado de socorro de alguém que ficara nos andares mais altos do arranha-céus atingido pela violenta ação dos membros da Al-Qaeda, ou de passageiros dos quatro aviões concomitantemente sequestrados no mesmo dia, despedindo-se de seus familiares por telefone celular, demonstrando a dimensão do sofrimento que atingiu os Estados Unidos após os ataques.

Perante a ameaça terrorista dos fundamentalistas religiosos islamitas membros da *Al-Qaeda*, e que desde 1993 realizaram ataques contra alvos norte-americanos⁵⁰³, quando o próprio *World Trade Center* fora alvo da explosão de um “carro-bomba”, vitimando seis pessoas e ferindo mais de mil, a sociedade norte-americana restou subjugada pelo medo e pela insegurança, que redundaram no conjunto de ações geopolíticas chamada de Guerra ao Terror, que se funda na doutrina do ataque preventivo, do *Homeland Security*, que violam direitos e garantias fundamentais de cidadãos norte-americanos e estrangeiros, sob o argumento da segurança do cidadão e do país, que ganhou *status* jurídico com a aprovação do *Patriot Act*⁵⁰⁴, que define diretrizes da prevenção e de combate ao terrorismo, inclusive para além das fronteiras dos EUA. Forjou-se assim o estereótipo do terrorista, ou o inimigo a ser derrotado, tal qual na guerra. Este – o inimigo – caracteriza-se pela condição de representar uma ameaça ao Estado norte-americano (ou mesmo aos países aliados), aos ditos “cida-

503 Antes dos atentados em onze de setembro de 2001, também atribui-se à organização ações contra a Embaixada dos EUA em Nairóbi (Quênia) e em Dar es Salaam (Tanzânia) em 1998 e o ataque ao bombardeiro USS Cole, no Iêmem, em 2000.

504 *Patriot Act* (Ato Patriótico) é um acrônimo de “*Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism*”, Para maiores informações: USA. Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América (US D.O.J.). Disponível em: http://www.justice.gov/archive/ll/what_is_the_patriot_act.pdf. Acesso em maio de 2014.

dãos de bem” ou mesmo ao *american way of life*⁵⁰⁵. Identificado, ao inimigo são rejeitadas as garantias do devido processo legal, da ampla defesa, do direito a não-incriminação e da nomeação de advogado, ou seja, as garantias individuais básicas asseguradas a qualquer indivíduo em Estados Democráticos de Direito para realizar sua defesa quando acusados do cometimento de algum fato entendido como criminoso.

A modernidade já havia tocado a sociedade norte-americana com os seus efeitos, ocasionando alterações no comportamento dos indivíduos, fazendo imperar o individualismo, o hiperconsumismo e outras formas de exclusão, situação que, através da biopolítica, proporcionou o recrudescimento dos instrumentos repressivos de controle social, principalmente contra a parcela economicamente menos privilegiada da sociedade estadunidense.

A guerra ao terror parece ter marcado o início de uma nova era, considerando que ao afetar mais uma vez o comportamento da população, criando inclusive um novo inimigo, legitimou políticas de controle completamente desrespeitosas com os direitos e garantias fundamentais dos indivíduos. Evidentemente, a desumanização que já assolava a sociedade norte-americana no contexto contemporâneo, repleto de exclusão social, agora transformada em um desejo de vingança contra um inimigo praticamente invisível, pode ser verificada no filme, principalmente através do comportamento dos agentes da CIA., que logo torturam supostos terroristas durante os interrogatórios realizados em prisões secretas (conhecidas como “*black sites*”). De início, enquanto tortura um suposto terrorista de nome Ammar, ligado a pessoas influentes da Al Qaeda, o agente da CIA grita “eu sou seu dono”, o que demonstra claramente a incapacidade de reconhecimento da vítima como ser humano por parte do torturador, assim como o elevado nível de violência nas operações realizadas pelos Estados Unidos.

No decorrer do filme, podemos ver os mais diversos métodos de tortura, como afogamentos e espancamentos. A exposição do inquirido ao sofrimento físico, transformado em um jogo psicológico, também fica demonstrada, com a proposital desorientação do interrogado em relação a horários, datas e localização geográfica, e com a utilização de métodos que não permitem a indução ao sono do “terrorista”, no afã de aferir informações tidas como cruciais na estratégia de combate.

505 Conforme Marcio Pochmann: ‘*american way of life*’ refere-se a uma expressão que “se apóia na difusão do padrão de vida do ‘ter’, originado do fordismo americano a partir do início do século 20 e posteriormente generalizado internacionalmente no segundo Pós-Guerra”. POCHMANN, Marcio. *American way of life* em xeque. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/pochmann301008_format.pdf. Acesso em agosto de 2014.

E possível notar também que o agente Dan, mais experiente, encontra desumanizado, não mais percebendo aqueles a quem interroga como seres humanos, sujeitos de direito, mas como meros objetos investigação. Entretanto, o mesmo não passa ileso, pois mesmo que o *burn out* não transpareça em um primeiro momento, logo o analista de inteligência manifesta-se ansioso de retornar ao trabalho burocrático na CIA, em território norte-americano, abandonado as chamadas missões de campo, após confidenciar à protagonista, a analista de inteligência Maya, ter torturado mais de 100 pessoas.

Atualmente, tem-se conhecimento que muitos destes métodos foram utilizados na tortura praticada nas ditaduras latino-americanas, bem como em outras regiões conflagradas do mundo, o que demonstra que a prática da tortura, como uma ferramenta a disposição dos interesses estatais jamais fora abandonada, mesmo após o Período Iluminista ou Moderno: os suplícios e as ordálias da Inquisição, típicas do Medievo, apenas desenvolveram-se junto à humanidade. Outrora o objeto fora o herege e o fim era a purgação do pecado; na atualidade, o “terrorista” é quem está sujeito à tortura⁵⁰⁶, e a representação de uma ameaça, sua justificação, sendo a prevenção o fim em si da violência.

O fenômeno da desumanização torna-se mais visível na protagonista, uma jovem analista de inteligência que no começo do filme encontra-se chegando ao Oriente Médio para desenvolver uma “missão de campo”. No início, a mesma demonstra empatia pelos torturados, mas depois de presenciar diversas sessões de tortura e se deparar com a gravidade da situação na região, acaba incorporando a prática da violência como método de investigação, tornando-se torturadora.

Na trama, a caça a Osama Bin Laden começa a ter sucesso devido à tortura de um membro da Al-Qaeda, que desorientado após sessões de suplício psicológico, intercalados com violência física, finda por fornecer a informação do nome de um suposto mensageiro ligado a Bin Laden.

Além dos locais de tortura, as prisões localizadas no Afeganistão e Paquistão, inclusive um navio que se encontra na Polônia, *A hora mais escura* também expõe alguns procedimentos de investigação comumente utilizada pela CIA, principalmente as interceptações telefônicas e telemáticas, campanas, perseguições e sequestros ilegais realizadas em países

506 As práticas de tortura expostas no filme tratam das lesões infligidas contra o corpo do indivíduo, de forma a proporcionar o máximo de sofrimento físico, sem no entanto provocar o resultado morte, já que a finalidade é a extração de informações que embasem as ações (localização de lideranças do movimento, ações programadas, etc...), e a tortura psíquica, que submete a pessoa a situações de *stress* intenso (ex. privação de sono, exposição vexatória do corpo nu do torturado, etc.

estrangeiros, à revelia das garantias individuais e da Convenção Internacional dos Direitos Humanos.

Após a descoberta do possível esconderijo de Bin Laden, a trama volta-se à análise burocrática dos rumos da ofensiva a ser lançada para a invasão do esconderijo do saudita no Paquistão, com a finalidade de eliminação do líder terrorista, considerando que a “caça” ao mesmo já completava nove anos de insucesso. Em 02.05.2011, atingiu-se o derradeiro objetivo de neutralização definitiva de Osama Bin Laden, com a invasão do domicílio em que o mesmo mantinha-se secretamente com suas esposas e familiares, e a execução sumária de Osama pelos soldados norte-americanos, em missão acompanhada em tempo real pelo Presidente Barack Obama e demais membros do governo dos EUA.

Ao final, a protagonista, que há oito anos atuava em missões de campo na procura por Bin Laden, verifica o corpo resgatado do esconderijo, confirmando tratar-se do terrorista procurado. E verte uma lágrima pelo trabalho realizado e pela consecução de sua obra, com um claro sentimento de dever cumprido. Fornecida a opção de retornar aos EUA, entretanto, resplandece a solidão e a desumanização da personagem, que indagada acerca de qual seria o seu destino, falta-lhe respostas, pela ausência de opções. Sua humanidade fora tragada; tornara-se um ser sem sentimentos – seria um inumano, na visão de Lyotard, ou demasiadamente humana, sob o prisma de Nietzsche? Impossíveis respostas definitivas, num momento em que abundam as dúvidas e incertezas.

Para discussão:

1. A “guerra ao terrorismo” perpetrado pelo Ocidente contra países ou grupos islâmicos, justifica-se em alguma medida, tendo em vista os danos colaterais originados deste combate?
2. Qual é a origem do conflito entre a sociedade ocidentalizada e o islamismo?

Sugestões de leitura:⁵⁰⁷

TERESTCHENKO, Michel. *O bom uso da tortura*. São Paulo: Loyola, 2011.
ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real!* São Paulo: Boitempo, 2003.

507 Sugerem-se outros filmes com temas correlatos: *11 de Setembro* (Noam Chomsky); *Fahrenheit 11 de Setembro* (Michael Moore); *Guerras Sujas* (Jeremy Scahill); *American war machine* (Peter Dale Scott).

Sobre o filme:

Título no Brasil: *A hora mais escura*

Título original: *Zero dark thirty*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 157 minutos

Ano: 2012

Direção: Kathryn Bigelow

***Justiça, Juízo, Morro dos Prazeres* – os vigiados e punidos pelo sistema judicial brasileiro: o que pode a psicologia?**

Paula Goldmeier⁵⁰⁸

E lá vêm eles, obedientes ao chamado, que é o chamado de suas barrigas e dos últimos vestígios de senso de aventura que ainda lhes restam. Favelas, prostíbulos e guetos os produzem aos montes, e nunca diminui a podridão das favelas, dos prostíbulos e dos guetos. Vagam pelo país como um exército de almas penadas e o país não os quer. Estão fora de lugar. Ao arrastarem seus corpos curvados e castigados pelas ruas e estradas, parecem uma repulsiva prole do subterrâneo. A simples presença, o fato de existirem, é uma afronta ao brilho do sol e às coisas verdes e viçosas. (...) Há exagero neste retrato? Dependente. Para quem vê e pensa a vida em termos de números e estatísticas, certamente há exagero. Mas para quem vê e pensa a vida em termos de humanidade e desumanidade, ele não é excessivo. (...) Nos velhos tempos, os grandes cavalheiros ganhavam suas honrarias no campo de batalha, depois de terem partido o inimigo ao meio. E, no final das contas, é melhor matar um homem com um golpe certo, com o silvo de uma espada, do que transformá-lo num animal, assim como todos seus descendentes, pela manipulação ardilosa da indústria e da política. (Jack London, 2004 [1903])

“Quem tá preso na verdade é pé de chinelo, ladrão de galinha, o povo mais miserável”. Nessa fala do primeiro filme, uma das defensoras públicas expõe a síntese da trilogia de Maria Augusta Ramos, diretora dos documentários, *Justiça* (2004), *Juízo* (2007), e *Morro dos Prazeres* (2013), que empreende um percurso corajoso que se destina a desvelar, dentre outras questões, o retrato das desigualdades sociais, através do sistema judicial penal brasileiro. A trajetória punitiva, que passa pela atuação da polícia, dos tribunais até chegar ao cárcere, mostra a ineficácia da estrutura do Estado, na garantia de direitos e exhibe a realidade - ainda muito parecida com a da época da escravidão - com a segregação entre pretos e brancos em seus lugares e modos de fala e poder.

Quem já presenciou uma audiência de processo criminal, sabe que naquele cenário jurídico, ensaia-se quase sempre o mesmo enredo: um réu que chega previamente condenado (pela sociedade) e seu encontro

508 Psicóloga, analista institucional, mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), integrante da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia do RS.

com a figura, quase mítica, do juiz que sentencia seu destino – dando-lhe ou tirando-lhe uma suposta liberdade.

Quem esteve alguma vez em uma penitenciária, manicômio judiciário ou mesmo nas unidades do sistema socioeducativo sabe que o jargão “o Brasil é o país da impunidade” não é verdadeiro. Ao menos, não para uma determinada parcela da população. A música nos anuncia o critério: “todo camburão tem um pouco de navio negreiro” (O Rappa, 1994).

Quem lê os dados do mapa da violência 2013, elaborado pelo CEBELA (Centro Brasileiro de Estudos Latinoamericanos), sabe que dois de cada três assassinatos são de jovens negros entre 15 e 24 anos. Muitos deles, pela própria polícia. O Estado, que falha em suas políticas públicas de saúde, educação, chega às comunidades, morros, favelas, vestido de *Robocop*, num camburão com metralhadora em punho.

A escolha pelo pronome que inicia os parágrafos acima pretende chamar a atenção para a problematização sobre a necessidade de humanizar as relações com a justiça, pois o “estado de coisa” fica cada vez mais nítido, evidente e intensificado a cada cena capturada pelo olhar que a câmera nos apresenta. Além disso, busca interrogar nossa posição frente à condição de violência e indica que – como seres sociais – somos, em parte, cúmplices de um ato de violência no qual a sociedade e o sujeito se fundam e, assim, vivenciamos, todos, um misto de espectadores, agentes e vítimas desta (Freud, 1996 [1913]).

Consideramos que não há dissociação possível entre as práticas da psicologia e o campo dos direitos humanos. Habitar esse território, de tensionamento e garantia de direitos, no combate às violências e violações, requer implicação ético-política e se ocupar sempre da dimensão do público, considerando e integrando o que é singular de cada um com o que há de comum a todos. Desse modo, conforme Benevides e Passos, “não havendo uma imagem definitiva e ideal d’O Homem, só nos resta aceitar a tarefa sempre inconclusa da reinvenção de nossa humanidade, o que não se pode fazer sem o trabalho também constante da produção de outros modos de vida, de novas práticas” (2005). Assim, diferentemente da forma como em geral é tratado o tema do crime, entende-se que aqueles réus não são a corporificação da violência, pois não podemos nos eximir da responsabilidade sobre este problema colocando a natureza do indivíduo como causa unívoca. Amontoados em suas celas, os corpos bescializados sofrem muito mais do que a privação da liberdade. Ali, experimentam o limite do que é viver como um subumano.

Como segundo filme da trilogia, *Juízo* traz o tom que me toca de forma ainda mais especial. Há quase dez anos trabalhando com a temática da ju-

ventude em conflito com a lei, não causa estranheza a voz estridente com que a juíza interroga os adolescentes e discorre prescrições morais revelando, em algumas de suas afirmações, muitos preconceitos sociais legitimados e perpetuados no discurso de poder conferido à toga. Ela fala do conforto da sua sala com ar-condicionado de modo que, algumas vezes, sequer é compreendida. Ela fala sem perceber as necessidades daquele a quem dirige palavras que toma como muito sábias, e tudo em poucos minutos. Jovens entram e saem da sua sala. Ela repete seu sermão, mas não vê que cada um é único.

Foucault, segundo Deleuze, foi precursor ao tratar da indignidade de falar pelos outros. Das letras mudas dos autos, sentada em seu lugar na corte, a juíza reconta a história de jovens que mal erguem a cabeça para confirmar a versão ou discordar do que consta no processo. Da audiência, saem sempre julgados, condenados, ainda que a sentença não seja de privação da liberdade.

Tudo é pior, claro, quando a medida é de internação. Ao chegarem às unidades de execução do sistema, dito, socioeducativo, são recebidos pela voz de comando dos agentes que reafirma sua condição submissa: “cabeça baixa, cabeça baixa!”, insistem.

Quando pensamos uma intervenção efetiva com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa sabe-se que ela passa, sempre, por um resgate de sua posição de sujeito, pelo valor da linguagem. Para quem foi atravessado pela violência, a linguagem se impõe como tarefa: falar de seu ato para transformá-lo em relato e através da palavra readquirir possibilidades. Para tanto, estar perto e ter a escuta atenta, disponível e disposta é prerrogativa de qualquer tentativa de acolhimento e acompanhamento. É preciso apostar! A vontade de acreditar, o investimento na relação com o outro, relação que é único lugar onde qualquer um de nós pode existir e se tornar humano.

Nesse sentido, diferente da juíza em sua corte, não entendemos que o jovem é quem deve se envergonhar, mas, sim, todos nós, que insistimos em fechar os olhos para a necessidade de transformações urgentes no projeto de sociedade que até agora construímos. Além disso, também na contramão da fala da magistrada, apostamos que não só como lavador de carros ou vendedor de balas os adolescentes pretos e pobres podem mudar seus destinos. A liberdade implica condições de possibilidade de escolha. Ampliar vias e vidas possíveis é trabalho coletivo, do qual precisamos nos apropriar, sob pena de, alienados da construção social, acabarmos como meros produtos, coisificados, reproduzindo práticas fracassadas que não interrompem o ciclo da violência.

A aposta é no abrir caminhos, na produção de condições de possibilidade para a criação e invenção de ineditismos, ainda que sejam re-petições, novos pedidos, pedidos de outra maneira, de outra ordem. Diferente da máxima jurídica: o que não está nos autos não está no mundo, acreditamos na potência de intervenção dos hibridismos, nos matizes psi-jus que entendem a vida em sua multiplicidade de possíveis. “Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade.” (Lispector, 1998 [1964])

O ato criativo é dispositivo clínico da psicologia que se implica de modo ético-político e considera que as modulações da subjetividade se constroem na trama sujeito-sociedade. Dessa forma, os arranjos sociais disponíveis interferem nas possibilidades do indivíduo. Quando a juíza coloca para um garoto que, em vez de roubar, ele poderia vender balas ou lavar carros, fica evidenciada sua condenação a um repertório restrito de oportunidades e escolhas. Da mesma maneira, no momento em que, no final da audiência, resolve dar um conselho: “Nada de baile funk”!, desautoriza a identificação com a manifestação cultural e social comum aos moradores das favelas e periferias, onde vive quase a totalidade dos adolescentes que chegam ao sistema socioeducativo. Um círculo vicioso, apoiado pela mídia, em que favelado é igual a criminoso, que é igual a funkeiro. Assim como pobre não é bandido, o funk não é apenas pornografia e ostentação; é, sim, a linguagem dos excluídos do asfalto que, em ritmo e versos do batidão, fala de uma vontade de transformação social, de movimentos por paz, justiça, liberdade e amor. “Eu só quero é ser feliz, ande tranquilamente na favela onde eu nasci. E poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar”. Prescrever ao jovem que rejeite as manifestações de arte e cultura de sua comunidade denuncia o preconceito de quem desqualifica, sem nem mesmo conhecer, o diferente. Essa tutela descabida interroga e aprisiona sua potência de criação.

No entanto, assim como há o poder sobre a vida, há a potência da vida que, de alguma forma, encontra brechas para liberar-se dos códigos que não a consideram em sua multiplicidade. Vida, como futuro, que é, por vezes, a única utopia daqueles jovens e de muitos de nós, sobreviventes de tanta violência. Uma vez, escutei de um professor, muito caro à minha formação: tinha uma pedra no meio do caminho (mas) no meio das pedras (também) tinha um caminho. A psicologia, que se ocupa dos matizes humanos, em suas relações sociais, seus conflitos e sofrimentos, investe e insiste nas possibilidades de invenção de outros caminhos para si e para

a vida. Sua prática, assim, traça linhas clínico-políticas, pois se ocupa dos modos de construção e criação de subjetividades e, assim, de posicionamentos em relação ao mundo. Saramago nos ensina, em seu conto *A ilha desconhecida*, que a companhia é a única condição para mantermos a esperança. O psicólogo se coloca, então, como acompanhante nos percursos de transformação que nos dispomos a empreender, com quem se partilham os desafios, as dores, mas, também, com quem se pode descobrir o impulso que sempre busca expandir e libertar a vida. Esse campo de experimentação, oportunizado nesse encontro, permite que novos recursos sejam trazidos ao exercício ético-político.

Ao tratar de juventude, infração, violência, proteção, caminhos e aberturas entende-se que são, os conceitos, territórios e que a produção do conhecimento é decorrente de constantes transformações, ocasionadas em cada encontro. “Que os jovens modifiquem a sociedade e ensinem aos adultos a ver o mundo com olhos novos, mas onde houver o desafio do rapaz ou da moça em crescimento, que haja um adulto para aceitar o desafio. Embora ele não seja necessariamente belo.” (Winnicott). Entre os muros e as grades, há espaços e rachaduras onde a vida pulsa e insiste em resistir e se fazer múltipla. Nossos mapas pessoais têm infundáveis linhas, algumas rasas e suaves, outras fortemente profundas; há traçados retos e firmes, mas existem também percursos trêmulos e titubeantes, formas pontilhadas, espirais, circulares. Mas, do trabalho com jovens em cumprimento de medida, fica o ensinamento de que nenhum final pode ser escrito antes do fim.

O filme que encerra a trilogia é *Morro dos Prazeres*. Nele, a diretora retrata os cotidianos de uma comunidade ocupada por uma das UPP's (Unidade de Polícia Pacificadora) na cidade do Rio de Janeiro. A dureza e a crueza dos tons terrosos contrasta com alguns coloridos e fluidos, que lembram a coreografia enfeitada das pipas que ainda voam pelos céus das favelas cariocas, numa insistência do infantil como possibilidade de liberdade e vida.

Na voz dos protagonistas desse novo contorno social - território sitiado - moradores do morro e policiais falam sobre suas perspectivas, revelando que o viés de cada olhar altera a realidade descrita. A população pobre enxerga a presença da força policial como uma forma de controle e aprisionamento da vida, um tolimento de suas liberdades. Para os integrantes fardados, representantes do Estado, a UPP representa a chegada da lei e da ordem ao lugar antes dominado pelo tráfico.

O apontamento a respeito da truculência policial, no entanto, questiona se esse seria um modelo alternativo ao comando dos traficantes,

pois, parece que a rigidez dos mandos e desmandos, bem como a violência, seguem nas dinâmicas da experiência cotidiana dos moradores, perpetuados em sua posição/condição de reféns de um poder verticalizado ao qual não tem acesso. O que vemos é que qualquer vivência democrática do Estado de Direito ainda passa longe dali...

Essas são reticências que devem nos possibilitar novas chances de reflexão. É inegável, no entanto, que esse diálogo encontra algumas brechas para se afirmar como percurso possível para que se edifiquem outras alternativas de organização da comunidade que não seja de uma submissão ao domínio armado e coercitivo nem do tráfico nem do Estado na forma de força policial.

A necessidade de políticas públicas intersetoriais que se ocupem de forma ampliada das temáticas da justiça, da violência, dos direitos humanos é premente. A psicologia participa desse debate e se coloca como espaço de escuta e empoderamento dos sujeitos. O que temos percebido, como psicólogos, é que a cidadania precisa ser construída como prática cotidiana, em que a participação das comunidades seja afirmada pelo poder público.

O laço social, condição do contrato cultural, implica que tenhamos de abrir mão da busca exclusivamente individual para a satisfação de nossas necessidades e desejos. No entanto, precisamos de alternativas para esta renúncia, pois quanto maiores as privações que a sociedade impõe, maiores as chances de que a validade desse laço seja colocada em cheque e que se encontrem soluções individuais, desconsiderando o outro no processo de satisfação e, assim, repercutindo em ações violentas. Para tanto, é preciso construir uma política criminal alternativa, que considere a desigualdade como condição de manutenção do sistema econômico vigente e, assim, questione a que leis e a que ordem obedece o atual sistema penal.

...

Nota: A autoria deste texto, que prefiro chamar de composição, é coletiva. Ainda que sejam os meus dedos que acionem as teclas e a escolha das palavras esteja em minhas mãos, as vozes que nele falam são de muitas pessoas - Jônatan, Maria, Vinícius, Josias, João, Ricardo, Caroline, Gustavo, Eric, Rosane, Gislei, Carlos Eduardo, Edson, Camila, Alice e tantos outros⁵⁰⁹. A escrita que faço não é *por* eles, mas, sim, *com* todos, num corpo

⁵⁰⁹Tais nomes referem-se às muitas pessoas que se relacionam aos encontros da autora com a temática da violência, da justiça e dos direitos humanos. São referência tanto a jovens atendidos, parcerias de trabalho, pessoas em acompanhamento e mesmo personagens dos filmes. A ideia é ilustrar a rede que compõe a formação e a construção do constante devir sujeito-psicólogo, que atua no mundo ao mesmo tempo que é constituído por esse território no qual intervem. A aposta nas utopias é sempre coletiva, como sonhos que despertam, segue na direção da própria potência do que significa transgredir, transpor ao que está

conjunto em que se misturam cadências, estilos e intensidades de expressão.

Para discussão:

1. O que poderia ser pensado em termos de justiça social no Brasil a partir das considerações acerca dos filmes? Que forma a justiça pode ser relacionada a outras áreas, como educação, saúde? O que se entende por cidadania e de que maneira se podem construir possibilidades de uma sociedade que considere esse valor?

Sugestões de leitura:

BARATTA, Alessandro. *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: UERJ, Contraponto, 2005.

CASTRO ALVES, Antônio Frederico. *Navio Negreiro*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>.

DELEUZE, Gilles. *A vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. *Direitos Humanos? O que temos a ver com isso?* Rio de Janeiro: Publicação CRP-RJ, 2007.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

YUKA, Marcelo. *Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*. O Rappa, Rio de Janeiro: Sony, 1994.

http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2014_jovens.php

<http://observatoriodefavelas.org.br/sem-categoria/audiencia-publica-sobre-o-extermínio-da-juventude-negra/>

Sobre os filmes:

Título original: *Justiça*

Direção: Maria Augusta Ramos

Ano: 2004

País: Brasil

Gênero: Documentário

Duração: 117 minutos

dado, aos limites do que se entende por possível, desnaturalizar ainda o que parece mais trivial. Atitudes que exigem uma entrega aos acontecimentos e à afetação provocada pelas sucessivas experiências. “A ação do afeto requer às pessoas que se lancem ativamente naquilo que vai se tornando e do qual elas próprias fazem parte.” (Bloch, 2005).

Título original: *Juízo*
Direção: Maria Augusta Ramos
Ano: 2007
País: Brasil
Gênero: Documentário
Duração: 90 minutos

Título original: *Morro dos Prazeres*
Direção: Maria Augusta Ramos
Ano: 2013
País: Brasil
Gênero: Documentário
Duração: 90 minutos

Análise do documentário *Juízo*: uma crítica ao direito penal brasileiro como instrumento de higienização social

Sophie Dall’Olmo⁵¹⁰

Thais de Magalhães Dornelles⁵¹¹

O documentário retrata a situação de crianças e adolescentes infratores no Brasil, apresentando o estrato social atingido pelas leis penais e, ainda, mostrando como eles precisam da atenção especial da lei. Conquanto a lei brasileira proíba a exposição da identidade de adolescentes infratores, no filme, eles foram substituídos por jovens atores de três comunidades do Rio de Janeiro, que já estão habituados às mesmas circunstâncias de risco social. As demais personagens, magistrados, promotores, defensores, estão desempenhando seu verdadeiro papel.

Com cenas que objetivam mostrar a realidade de um sistema penal, mostrando diversas audiências e lidando com diferentes casos, o documentário causa espanto ao apresentar a juíza da Vara de Infância e Juventude, que, em diversos momentos, não demonstra empatia ou paciência para lidar com os adolescentes. A forma como a magistrada atua nas audiências está conforme a teoria do doutrinador alemão Günter Jakobs que sustenta a ideia do Direito Penal do Inimigo, que preocupa-se com quem é o autor para, depois, pensar no fato cometido por ele. Essa corrente ideológica também é chamada de Direito Penal do autor e tem forte oposição mundial, conforme será discutido adiante, todavia é muito utilizada no ordenamento jurídico brasileiro. Resumidamente, refere-se a uma ideia de punição antecipada, relativização do devido processo legal, desconsideração de certas garantias processuais, se for o caso, e a criação de leis cada vez mais severas para determinados grupos sociais que não se enquadram nas leis estatais já existentes. Observando as diversas cenas que a juíza protagoniza no documentário, podemos supor que ela segue a teoria exposta.

Em seu livro mais conhecido, Jakobs expressa seu pensamento de que um indivíduo que não aceita ser obrigado a entrar nas regras de um estado de cidadania, por sua vez, também não pode obter os benefícios do conceito de pessoa. Afirma, portanto, que o estado natural trata-se de um estado de ausência de normas, comparando a liberdade excessiva com a luta excessiva. Finaliza sua ideia pontuando que: “Quem ganha a guerra determina o que é norma, e quem perde há de submeter-se a essa determinação”⁵¹². O que evidencia, para quem critica sua visão, a legitimidade

510 Bacharelada em Direito (FMP).

511 Bacharelada em Direito (FMP).

512 JAKOBS, Günther; MELIÁ, Manuel Cancio. *Derecho penal del enemigo*. Buenos Aires:

de uma guerra de classes, onde o mais forte oprime e o mais fraco deve adequar-se à opressão imposta.

Em contraponto, há a ideia do direito penal do fato que entende ser refutável, por exemplo, os antecedentes criminais de quem delinuiu, crendo ser alcançável para o Estatuto Repressor (Código Penal) apenas a punição do delito atualmente cometido. Ou seja, se a magistrada fosse adepta desta corrente, não frisaria comportamentos anteriores dos jovens, mas sim o atual, não os transformando em inimigos da sociedade e visando que estes fossem penalizados, de maneira justa e equilibrada, ao delito discutido no atual processo. Para Ferrajoli:

num sistema garantista assim configurado não tem lugar nem a categoria periculosidade, nem qualquer outra tipologia subjetiva ou de autor elaboradas pela criminologia antropológica ou ética, tais como a capacidade criminal, a reincidência, a tendência para delinquir, a imoralidade ou a falta de lealdade.⁵¹³

Neste viés, ao acompanhar as cenas do documentário, percebe-se, e se pode afirmar, a incapacidade da operadora do direito para com crianças e adolescentes, já que esta desconsidera totalmente as inúmeras violências a que esses jovens, desde muito cedo marginalizados, estão submetidos, transformando-os em inimigos da sociedade e caindo sobre eles a culpa pelos delitos cometidos, como se a sociedade em que vivem, absurdamente desigual, não operasse como incentivadora de suas ações criminosas, já que não promove a igualdade de direitos.

O documentário reforça o pensamento de grande parte da população, o senso comum, que entende ser a punição a única solução para os jovens infratores, enviando-os para o Instituto Padre Severino, um centro de reclusão. Tal instituição, enquanto funcionava, até meados de 2012, estava em condições tais, conforme constatado pela equipe do Conselho Nacional de Justiça, que dificilmente poderia contribuir para a ressocialização dos jovens, o que deveria ser o principal objetivo de qualquer instituição, tanto destinada somente aos jovens, quanto aos adultos. Todavia, percebe-se – ao observar a questão social e o sistema punitivo brasileiro – o erro em usar a palavra ressocialização, que é utilizada por diversos sociólogos e abarca a necessidade de, ao retirar o ser humano da sociedade (penas de restrição de liberdade), já prepará-lo para retornar a ela de maneira que venha a se comportar lícitamente. O documentário retrata de forma real quem são os infratores: jovens carentes, que não tiveram sequer oportunidade de estudar.

Hammurabi, 2007, p. 40-41.

513 FERRAJOLI, Luigi. *Direito e razão: teoria do garantismo penal*. São Paulo: RT, 2002, p. 400.

Em se tratando de seres humanos visivelmente marginalizados desde a mais tenra idade e, portanto, sequer socializados adequadamente, excluídos do sistema educacional, por exemplo, questiona-se a visão predominante de que estes, enviados ao instituto que operava com capacidade para apenas 156 pessoas e sofreu superlotação, chegando a abrigar 1.043 adolescentes, em abril de 2011⁵¹⁴, seriam educados e, com isso, haveria alguma forma de combate à criminalidade.

Após a introdução do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990)⁵¹⁵, houve um avanço no tratamento dispensado aos jovens infratores. Também a Constituição Federal de 1988, em diversos dispositivos, trata da proteção das crianças e adolescentes, por exemplo, em seu artigo 227, segundo o qual:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

As modificações, ainda que positivas, no sentido de assegurar direitos inatos às crianças e aos adolescentes, não se mostram suficientes para que estes possam ter acesso aos meios necessários para o seu desenvolvimento, a sua educação e também para a sua perspectiva de um futuro melhor. Afinal, as medidas socioeducativas propostas pelo Estatuto se assemelham em muito às prisões, pois os jovens ficam encarcerados, em situação degradante. A lógica ainda é a mesma dos presídios: castigar e vingar, pois, se o objetivo fosse afastar os jovens do crime, necessário seria oferecer opções e oportunidades para que uma mudança efetiva ocorresse, estimulando os jovens ao desenvolvimento, fortalecendo sua autoestima, e também⁵¹⁶ proporcionando um auxílio psicológico para que o futuro e o passado se distanciassem, em vez de ficarem cada vez mais

514 SOUZA, Giselle. Instituto Padre Severino sofre com superlotação. Conselho Nacional de Justiça, Agência de Notícias. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/atos-administrativos/14289:instituto-padre-severino-sofre-com-superlotacao>. Acesso agosto de 2014.

515 BRASIL. Lei n.º 8.069/90. Estatuto da criança e do adolescente. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/785/estatuto_crianca_adolescente_7ed.pdf. Acesso em agosto de 2014.

516 BERLIN, Isaiah. Dois conceitos de liberdade. *Quatro ensaios sobre a liberdade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1969, p. 133-175. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dcp/assets/docs/PDF/Berlin_Edital.pdf. Acesso em agosto de 2014.

unidos.⁵¹⁷ Para Alexandre Baratta, em *Princípios de Direito Penal Mínimo*:

O funcionamento da justiça penal é altamente seletivo, seja no que diz respeito à proteção outorgada aos bens e aos interesses, seja no que concerne ao processo de criminalização e ao recrutamento da clientela do sistema (a denominada população criminal). Todo ele está dirigido, quase que exclusivamente, contra as classes populares e, em particular, contra os grupos sociais mais débeis, evidência comprovada na composição social da população carcerária brasileira, apesar de que os comportamentos socialmente negativos estão distribuídos em todos os extratos sociais e de que as violações mais graves aos direitos humanos ocorrem por obra de indivíduos pertencentes aos grupos dominantes ou que fazem parte de organismos estatais ou organizações privadas, legais ou ilegais.⁵¹⁸

Conclui, portanto, que o Estado se apresenta omissivo para com as classes sociais economicamente inferiores, somente tornando-se presente no momento de julgá-las, não criando medidas socioeducativas que permeiem a vida desses cidadãos desde o seu nascimento. É notório que:

os “clientes preferenciais” do sistema repressivo estatal são pessoas carentes de capital social, cultural e econômico, vale dizer, indivíduos parcamente integrados em redes de relações interpessoais, com baixa escolaridade e preparo técnico-profissional e carentes de recursos econômico-financeiros.⁵¹⁹

Logo não deveríamos encarar atos ilícitos como escolhas racionais e livres do indivíduo que o pratica, mas sim, vislumbrar as disfunções sociais geradas pelo “desmantelamento dos programas públicos de integração comunitária e pela soberania dos agentes econômicos desregulamentados”.⁵²⁰

Se é realmente inevitável a extinção da punibilidade por parte de um Estado limitado em suas obrigações sociais, no que diz respeito ao seu de-

517 SOARES, Luiz Eduardo. Violência na primeira pessoa. In: ATHAYDE, Celso et al. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 144-145.

518 BARATTA, Alessandro. Princípios do direito penal mínimo para uma teoria dos direitos humanos como objeto e limite da lei penal. *Doutrina Penal*, Buenos Aires, n.10-40, p. 623-650, 1987. Disponível em: <http://danielafeli.dominiotemporario.com/doc/ALESSANDRO%20BARATTA%20Principios%20de%20direito%20penal%20minimo.pdf>. Acesso em maio de 2014.

519 HERINGER JUNIOR, Bruno. *Constituição e (Des)Igualdade: a ilegitimidade da Gestão Diferencial da Criminalidade no Marco do Estado Democrático e Social de Direito*. São Paulo: Conceito Editorial, 2012, p. 30.

520 HERINGER JUNIOR, Bruno. *Constituição e ...*, p. 32.

ver para com os cidadãos no momento pré-crime, percebe-se um empenho desigual na hora de punir, desde quando já não há, em muitos casos, uma solução, senão a aplicação de uma medida restritiva de liberdade. Em outras palavras, o mesmo Estado, que não cumpre os direitos básicos constitucionais, alegando insuficiência econômica para tanto, demonstra-se forte e impetuoso para a prática de uma higienização social, aplicando penas que atingem quase que exclusivamente jovens que sempre viveram na marginalidade. A expressão higienização social ou limpeza social se refere à ideia de retirar da sociedade todos aqueles que não se enquadram nesta, ou seja, afastar dos olhos dos “cidadãos de bem”, aqueles que, por inúmeros motivos, não estão adequados às normas sociais e estatais vigentes.

No julgamento de cada caso, é evidente o descomprometimento social de promotores que visam tão-somente à punição severa para com os adolescentes, além de ficar clara a sobrecarga dos defensores que devem propiciar uma base de apoio eficiente a estes jovens que, sem poder financeiro algum, acabam submetidos, muitas vezes, a uma defesa fraca devido a grande demanda. A crítica ao sistema penal demonstrado no documentário é pragmática. Como teríamos, porém, outra realidade senão a apresentada, quando nos deparamos com operadores do direito que não viveram, em geral, numa comunidade carente, ou sequer possuem empatia para vislumbrar tal realidade?

A visão punitivista fica clara em diversas cenas, todavia uma em particular chama atenção: no caso de uma menina que, supostamente, rouba um turista e, em sua defesa, argumenta ter um filho para criar e passar por dificuldades financeiras extremas, recorrendo, por fim, ao crime. Ao deparar-se com uma explicação convincente da infratora, a encarregada em representar a justiça expõe sua opinião radical, afirmando que esta deveria lidar com a sua própria pobreza e encontrar outros meios para sobreviver, mas jamais importunar – essa é a palavra utilizada – um turista que aproveita a sua viagem e que nada tem a ver com as suas dificuldades. A fala da magistrada é explícita no que se refere à desunião do direito com a sociologia, visto que, em sua opinião pessoal, ninguém tem responsabilidade no que se refere à pobreza em que vive uma jovem com um bebê em uma metrópole. No entanto, quando passamos para o viés punitivo, todos se levantam para condenar a mesma jovem, se esquecendo, por exemplo, que o ponto de partida de cada ser humano, em seu desenvolvimento, é diferente, ou seja, não existe igualdade material mínima, que é aquela que permite a todos alcançarem os mesmos objetivos, existindo apenas, portanto, uma igualdade meramente formal, que não elimina a discrepância entre as classes sociais.

Outro ponto para discussão do documentário é a questão racial incutida no sistema punitivo: mais de 90% dos meninos e meninas apresentados no documentário são afrodescendentes, enquanto que a julgadora, os agentes carcerários, os promotores e os defensores são todos brancos. Portanto, a partir de uma análise histórico-cultural, o mesmo grupo de pessoas que, há pouco tempo, escravizou negros, compõe hoje, daqueles que enviam jovens negros às instituições de internação e às prisões. Antes mesmo de pensarmos na ressocialização das pessoas à margem da sociedade e de suas leis, não deveríamos priorizar – e iniciar – a socialização dessa juventude, que já nasce estigmatizada, carregando o fardo da pobreza, da injustiça e do preconceito? Não parece óbvio que, desde pequenos, esses jovens se tornem especialistas em artimanhas para burlar o sistema, já que não são bem-vindos, não são respeitados e não possuem qualquer espaço para formas lícitas de sobrevivência?

São jovens invisíveis, mas somente até o momento em que praticarem um delito. Ao “entrarem para o crime”, “contrariam as leis, mas endossam alguns valores da sociedade: essencialmente, o primado do poder e do dinheiro”⁵²¹. No momento em que mudarmos o prisma punitivo e aceitarmos que a violência é um processo cíclico, e não algo intrínseco ao indivíduo, e que toda a sociedade tem seu grau de culpabilidade, não só pelo aumento da criminalidade, mas pela forma como são tratados os encarcerados, sem condições básicas de higiene, com celas superlotadas, entre outros diversos problemas que, apesar de serem de conhecimento de todos, são negligenciados, poderemos tratar, de maneira justa e correta, a situação da juventude no mundo do crime. Para se ter uma idéia da ineficiência do sistema carcerário, no Brasil, há 30% de reincidência entre os jovens e 70% entre os adultos.⁵²² O que nos obriga, como cidadãos conscientes, a pensar em novas formas de evitar a violência, procurando informações sobre as condições subumanas dos presídios e sobre os direitos humanos que englobam todos nós e exigindo do poder público medidas preventivas eficazes. Conforme afirma Soares é dever:

competir com o crime e as fontes de violência, oferecendo aos adolescentes e às crianças pelo menos as mesmas vantagens que o outro lado oferece, mas com sinal inverso, é claro. Ainda que por motivos ilusórios e passageiros, a violência dá prazer, fortalece a autoestima, proporciona a fruição do respeito e da admiração que advém do pertencimento a um grupo, permite o acesso ao desejo das gurias (e dos gurus), garante o ingresso na festa hedonista do consumo. Então,

521 SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de porco*. Editora Objetiva, 2002, p. 230.

522 ARAÚJO, Claudemir. Site acadêmico: Tudo Direito. Maceió. Disponível em: <http://www.tudodireito.com.br/docs/crime6.doc>. Acesso em agosto de 2014.

cabe-nos criar condições para que pelo menos as mesmas vantagens possam ser experimentados no lado de cá.⁵²³

Num país que investe mais na acusação do que em meios de inclusão social, onde teorias antigarantistas, como o direito penal do inimigo, são colocadas em prática, não poderíamos presenciar uma realidade diferente da apresentada no documentário *O juízo*: Pune-se muito e muito bem os sujeitos marginalizados, pois, numa sociedade doente, de valores invertidos, a melhor alternativa para combater a desigualdade é não vê-la, enviando a pobreza para muros distantes dos olhos de todos e, se possível, a mantendo lá para sempre.

Para discussão:

1. Após a análise da situação encontrada no documentário, e que retrata a única realidade que conhecemos no que se refere ao direito penal, questionamos qual o verdadeiro papel deste para a sociedade?
2. Outra reflexão a ser feita é se punir é a melhor solução para combater a criminalidade?
3. Por último, o principal questionamento, que necessita de uma reflexão ampla: O que é a justiça em uma sociedade desigual?

Sugestões de leitura:

FERRAJOLI, Luigi. *Derecho y razón: teoría del garantismo penal*. Madrid: Editorial Trotta, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2012.

HERINGER JUNIOR, Bruno. *Constituição e (Des)Igualdade: a ilegitimidade da gestão diferencial da criminalidade no marco do estado democrático e social de direito*. São Paulo: Conceito Editorial, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2008.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. *Em busca das penas perdidas a perda de legitimidade do sistema penal*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

Sobre o filme:

Título no Original: *Juízo*

País de origem: Brasil

Gênero: documentário

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 90 minutos

Ano: 2007

Direção: Maria Augusta Ramos

523 SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de...*, p. 241.

***Elysium* e o futuro histórico da saúde**

Carlos Estellita-Lins⁵²⁴

Luciano Monteiro⁵²⁵

Em *Elysium*, o roteirista e diretor Neil Blomkamp mantém a linha de trabalho apresentada em seu primeiro filme, *Distrito 9* (EUA/NZL, 2009), ao utilizar a ficção científica, mas explorá-la de maneira nada convencional, fugindo à costumeira projeção de aspectos culturais do ocidente sob uma aparência de interesse pela experiência subjetiva do “outro” – fórmula consagrada neste gênero por certa tradição hollywoodiana.

Elysium não escapa à categoria “filme de ação” – o que certamente contribuiu para mantê-lo em primeiro lugar nas bilheterias norte-americanas durante a semana de sua estréia, mesmo concorrendo com vários lançamentos. A novidade está na possibilidade de um *blockbuster* se transformar num filme de ativismo político e, mais ainda, numa alegoria sobre o acesso à saúde.

O enredo é ambientado no final do século XXI, quando a Terra “insalubre, poluída e superpopulosa” tornou-se um ambiente incompatível com padrões aceitáveis de saúde e qualidade de vida. Após a tomada aérea inicial, que exhibe a decadência dos centros financeiros emblemáticos do capitalismo que conhecemos hoje, um corte abrupto para a imagem exterior do planeta intensifica o impacto visual, produzido agora pela coloração amarelada predominante – que sugere um processo avançado de desertificação em continentes inteiros. Para nós, brasileiros, a imagem remete inevitavelmente à insidiosa invasão da Amazônia pela indústria do agronegócio.

Enquanto na Terra uma imensa massa trabalhadora luta pela sobrevivência em meio a condições subumanas de alimentação, higiene, saúde e segurança (submetida a um violento sistema de controle social mantido por robôs policiais), para se preservar da imundície do planeta, os milionários e suas famílias passaram a viver na estação espacial *Elysium*, um toro orbital com atmosfera e ecossistema próprios onde uma elite de diversas origens – embora majoritariamente branca – mantém intacto seu estilo de vida. Algo que nos lembra bastante o que ocorre nos atuais condomínios fechados.

Governada e monitorada à distância, a Terra tornou-se um enorme depósito de lixo onde são descartados os resíduos da estação espacial em meio às ruínas da civilização ocidental; seus habitantes são tratados como instrumentos de produção dos bens consumidos pela elite ou, do

524 Médico Psiquiatra, Psicanalista, Doutor em Filosofia (UFRJ) e Pesquisador (Fiocruz).

525 Bacharel em Letras (UFRJ) e Mestre em História das Ciências (Fiocruz).

contrário, como simples lixo humano, e se distinguem dos semideuses de *Elysium*, sobretudo, pela sua condição diante da morte.

Enquanto aqui embaixo as emergências superlotadas e a precária estrutura médico-hospitalar – idênticas às encontradas nas grandes cidades brasileiras – condenam toda a população, em *Elysium* cada residência tem sua própria “med-bay”, capaz de curar qualquer doença ou lesão, mesmo as mais graves, em alguns segundos. Problemas de saúde como uma leucemia linfoblástica ou uma contaminação por altos níveis de radiação recebem tratamentos paliativos na Terra, enquanto no céu a elite da espécie vive indefinidamente, eliminando de seu horizonte a velhice e a doença.

Esta visão de Xanadu, recorrente no cinema americano dos anos 1950, nos remete à “reforma Obama” ao contrastar, de um lado, a palição e, de outro, a vida sem males.⁵²⁶ Em certo imaginário a oposição se estabelece entre atenção básica em saúde *versus* cirurgia robótica *high-tech* – o que, sem dúvidas, traduz a questão de forma um tanto superficial e imediata.

A narrativa se desdobra na cidade de Los Angeles, agora uma grande favela onde a população nativa fala *spanglish* e é constantemente hostilizada pelas forças de segurança. Na sua condição de mão-de-obra pouco qualificada, Max (o protagonista) trabalha para a Armadyne Corp – empresa que construiu *Elysium* – na fabricação dos mesmos robôs policiais que o agredem no cotidiano, contribuindo (contra si mesmo) para a reprodução da dominação de que é objeto. Fora empurrado nesta direção desde a infância, quando as freiras do orfanato lhe ensinavam que não adiantava roubar para melhorar suas condições de existência, que independente das injustiças e humilhações que tivesse que suportar ele se sentiria melhor se acreditasse ser alguém especial.

As diferenças sociais que irão separá-lo de Frey, sua melhor amiga no orfanato, reiteram a dissonância entre a atitude de resignação cultivada pela assistência filantrópica e a degradação moral imposta através da exclusão. Desde pequenos, Max e Frey percebem a realidade de maneiras diferentes e o acesso à linguagem escrita parece distingui-los “cognitivamente”, condicionando suas possibilidades de futuro.

Numa cena particularmente interessante, os dois estão no orfanato e, ao saber que Max só podia “ler” as gravuras dos livros que folheava (como nossos “alfabetizados” funcionais), Frey lhe mostra, lendo em voz alta, um livro fascinante que divulga em linguagem adequada para crianças o maravilhoso mundo de *Elysium*. A peça publicitária, que mistura propaganda

526 GAWANDE, A. Getting there from here: how should Obama reform health care? *The New Yorker*. New York. 84: 26 -33 p. 2009. Ver também: OBERLANDER, J. Great expectations - the Obama administration and health care reform (Barack Obama). *The New England journal of medicine*, v. 360, n. 4, 2009, p. 321-323.

e conto de fadas, marca a construção da subalternidade social através da ideologia de classe. Na idade adulta ela se tornará uma médica extremamente dedicada (mesmo sob um sistema de saúde precário, reservado àqueles cuja vida não importa) e ele, um exímio ladrão de carros que ao sair da prisão quer começar uma nova vida e acaba aprisionado pelas condições aviltantes de trabalho – enquanto outros jovens do seu bairro, que começavam uma carreira à margem da lei, pareciam viver com mais qualidade. A reaproximação ocorre quando Max, que foi contaminado pela radiação a que se expôs para não ser demitido da fábrica, e Frey, que não consegue curar a doença de sua filha pequena, se acham em condições semelhantes, como nos tempos do orfanato. Apesar das diferenças de classe, neste momento ambos vivem uma experiência objetiva de privação.

A principal estratégia de resistência encontrada pelos habitantes da Terra diante de um sistema de saúde que tem por princípio a segregação reside na imigração ilegal, pois o equipamento médico que tornava imortal a elite da espécie pode ser encontrado em qualquer residência de *Elysium*, junto aos eletrodomésticos e à mobília da casa. Depois da viagem clandestina em que arriscam a própria vida, os doentes procuram driblar o aparato repressivo acionado pelo governo da estação espacial e invadir a casa dos cidadãos de primeira classe. Qualquer cidadão norte-americano poderá reconhecer aqui as fronteiras fortemente patrulhadas de seu país e de muitos países europeus, face ao refluxo atual das ex-colônias africanas e asiáticas.

Assim, o filme discute o que poderá ocorrer com a civilização ocidental caso continuemos a seguir as tendências atuais e, neste sentido, nos convida a observar os problemas produzidos pelo capitalismo global não como questões circunscritas em contextos nacionais, mas como processos em grande escala que afetam a todos. Trata-se de um filme de entretenimento pós onze-de-setembro que convida a nos percebermos implicados nisso enquanto coletividade, transformando-se assim em obra de teor político. A ficção científica, gênero muitas vezes considerado menor, sublinha as complexas relações existentes entre ciência, política e história.⁵²⁷ A ficção científica torna-se discurso político diante das dificuldades em imaginar um futuro para o “antropoceno”.⁵²⁸

Com isso, a pretexto de falar sobre um futuro distante, a ficção traz para o primeiro plano a discussão atual sobre o esvaziamento das políticas de proteção social e a relação – hoje considerada natural – entre qualidade do cuidado em saúde e estratificação social. Enquanto do outro lado

527 CERTEAU, M. D. Histoire, science et fiction. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Éditions Gallimard, 1987. Histoire, science et fiction, p. 53-84.

528 CHAKRABARTY, D. The Climate of History: Four Theses. *Critical Inquiry*, v.35, p. 197-222, 2009.

do oceano Atlântico a luta em favor da ideia de Europa implica na manutenção de um projeto de bem-estar social, a América republicana começa a ter dificuldade em justificar algumas iniquidades.

Como sabemos, o *welfare system* europeu promovido pelo Plano Marshall demorou a suscitar um debate político sobre a equidade em saúde – debate esse que acabaria obscurecido durante a Guerra Fria (exacerbando a polissemia do termo “social democracia”). Com o passar dos anos, o acesso à saúde seria progressivamente considerado um direito social básico e universal. Devemos ao filósofo Jürgen Habermas e seus discípulos a ampliação da discussão sobre a saúde como direito humano dentro de uma pauta jurídica, na ocasião fortemente associada à defesa de uma Europa unificada.⁵²⁹ Em filosofia do direito busca-se aproximar Direitos Humanos e acesso equitativo à saúde.

Ao mostrar a luta de uma população planetária pela ampliação do acesso a saúde de qualidade, o filme nos faz indagar até onde chegamos de fato no Brasil. Talvez a luta daquela população até nos pareça familiar – embora não o seja realmente. De todo modo, conseguimos nos reconhecer no filme particularmente em função da nossa reforma sanitária, introduzida pela Constituição de 1988, e a questão de como prosseguir com o projeto de *welfare state* ou *état-providence* emerge como tema central para refletirmos sobre as políticas de saúde brasileiras.

Ainda não temos nada a ensinar sobre um sistema de saúde inclusivo que cuide hospitaleiramente de todos os seus cidadãos. Pelo contrário, como os habitantes daquela sociedade polarizada criamos nossas ilhas de excelência e, de dentro delas, denegamos e renegamos o caráter “único” do SUS com o eufemismo (assistência) “suplementar”. Com base em cálculos securitários e atuariais, argumenta-se agora que o SUS, assim como a “saúde suplementar”, não gozam de saúde financeira. Neste sentido, o filme se torna bastante instrutivo ao mostrar, sobretudo no final, que a equidade do acesso à saúde pode e deve ser pensada como questão política, como direito humano e como projeto de hospitalidade.

Filmes domésticos ou de baixo orçamento começam a ter a qualidade de qualquer produção bilionária sem que os grandes estúdios consigam nos empurrar o incômodo e anti-higiênico óculos 3D junto com sua estética pobre. Diretores do hemisfério sul têm sido convidados a assumir produções e emprestar seu rosto politizado, mais próximo do partido democrata, sem que seja preciso visitar o Sundance Festival. Em um momento de provável crise da indústria hollywoodiana devemos comemorar o imaginário da ficção científica pois mostra capacidade para figurar

529 HABERMAS, J. *Sobre a constituição da Europa*. v.1. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 159.

utopias que a política distópica repele.⁵³⁰ Portanto, não nos faltam bons motivos para saudar esse filme que nos previne sobre a terra onde se espera que chova leite e mel ou sobre aquela onde são vendidos exames de imagem radiológica (“diagnóstico por imagem”) a cada quarteirão. Nossa terra.

Para discussão:

1. O tema da cidadania é a principal via de acesso para suscitar um debate a respeito da saúde enquanto direito fundamental. Mais do que reunir diferentes definições a respeito e indagar, a partir delas, sobre o que significa ser um “cidadão”, é interessante aplicar essas definições a casos concretos e observar a dissonância entre os ideais e a realidade imediata. Neste sentido, pode-se fazer uma analogia entre o número do RG impresso em nossos documentos de identidade e a identificação subcutânea estabelecida pelo governo de *Elysium*. Como mostra o filme, para ter acesso a tratamentos de alta complexidade nas “med-bays”, os favelados da Terra precisavam receber em sua pele uma aplicação de identidade (falsa) capaz de burlar o sistema de informações da estação espacial. Caso contrário, o equipamento não funcionaria. A partir dessa comparação, é possível discutir os diferentes critérios de inclusão/exclusão dos indivíduos na esfera dos direitos assegurados a todo cidadão.

2. O filme também favorece a reflexão histórica sobre como se constituiu o quadro atual de acesso à saúde no Brasil. Antes da criação do SUS, o sistema de saúde baseava-se no chamado seguro social, modelo que restringia o acesso aos serviços de saúde àqueles que contribuíssem com a Previdência (desempregados, trabalhadores informais e seus familiares não tinham direito). Com a Constituição de 1988 – vale lembrar: a mesma que vigora ainda hoje – a saúde torna-se um direito garantido a todos os cidadãos e um dever do Estado. Portanto, a mudança da legislação sugere que após a criação do SUS não haveria mais motivos para se manter serviços de saúde paralelos ou complementares. Com base nessa contradição evidente, pode-se discutir por que a maioria dos planos de saúde privados existentes hoje no país surge justamente a partir do final da década de 1980 em competição com o sistema recém-criado. Cabe fazer a história desta desarticulação pretensamente harmoniosa.

3. Um aspecto incômodo de alguns sistemas de saúde que podemos iden-

530 SLOTERDIJK, P. *Falls Europa erwacht. Gedanken zum Programm einer Weltmacht am Ende des Zeitalters ihrer politischen Absence*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch Verlag. 2002. p. 97; ver também HABERMAS, J. A crise do estado de bem estar e o esgotamento das energias utópicas. In: PORTELA, E. (org.). *Diagnósticos do tempo. Seis ensaios*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro v.1, 2005.

tificar no filme é a segregação. Estamos assistidos por um modelo híbrido de financiamento do cuidado à saúde da população. Trata-se, ao que tudo indica, de duas vertentes potencialmente antagônicas e efetivamente não-cooperativas. Pode-se propor, então, como questão livre para o debate a partir do final do filme: como priorizar a equidade em um sistema de saúde caracterizado pela exclusão?

4. O eufemismo da expressão “suplementar” fornece uma chave interpretativa interessante para aprofundar a discussão sobre a cultura de subterfúgios políticos que acompanha a trajetória pouco transparente deste setor.

5. Será possível pensar um projeto nacional de saúde sem nenhuma articulação com as condições de vida do sistema Terra?

Sugestões de leitura:

BAHIA, L.; SCHEFFER, M. Planos e Seguros Privados de Saúde. In: GIOVANELLA, L. et al. (org.). *Políticas e Sistema de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Abrasco. Cebes, 2012.

BRUM, Eliane. À margem do pai. *Revista Época*. 08 de abril de 2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/04/margem-do-pai.html>.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro/Florianópolis: Instituto Socioambiental. Cultura e Barbárie editora, 2014.

NORONHA, J. C. D. et al. O Sistema Único de Saúde – SUS In: GIOVANELLA, L. et al. (Org.). *Políticas e Sistema de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Abrasco. Cebes, 2012.

PEIRANO, Marisa. De que serve um documento? In: PALMEIRA, Moacir & BARREIRA, César (orgs.) *Política no Brasil: visões de antropólogos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p.13-37. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/capitulos/2006_de_que_serve_um_documento.pdf.

UGÁ, M. A. D.; PORTO, S. M. Financiamento e Alocação de Recursos em Saúde no Brasil. In: GIOVANELLA, L. et al. (org.). *Políticas e Sistema de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Abrasco. Cebes, 2012.

VIANA, Ana Luiza; MACHADO, Cristiani Vieira. Capitalismo e Estado Social: qual o sentido do SUS? A doença holandesa da política social brasileira. In: *SUS: Entre o Estado e o Mercado. Caderno Temático n. 4*. Plataforma Política Social. Disponível em: <http://www.politicassocial.net.br/index.php/105-caderno/caderno-saude/208-cad-saude-analuizacristiani.html>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Elysium*

Título original: *Elysium*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: ficção científica

Classificação: livre

Tempo de duração: 109 minutos

Ano: 2013

Direção: Neil Blomkamp

***As troianas*, entre Eurípides e Michael Cacoyannis e a escravidão humana**

Paulina Nólivos⁵³¹

As troianas, filme de 1971, produção de Grécia, Rússia e Estados Unidos, é dirigido por Michael Cacoyannis, eminente cineasta grego, que desde a década de 1960 já trabalhava no sentido de verter para a linguagem cinematográfica as tragédias gregas, *Electra* e *Ifigênia em Áulis*, obras anteriores. Neste filme, cujo texto original é de Eurípides, da tragédia homônima apresentada em 415 a.C. em Atenas, Cacoyannis também assina como roteirista, e o enredo se passa numa Tróia já devastada ao final da guerra, partindo de um *script* para teatro antigo para um nível mais amplo, usando Eurípides e as personagens prisioneiras troianas como uma metáfora de um problema atemporal: a guerra e a escravidão humana, neste caso envolvendo uma questão de gênero, pois temos uma peça só de mulheres, cujas protagonistas são o que restou da cidade.

A escravidão é um dos mais graves problemas éticos já enfrentados pela humanidade no seu processo de formação. Passado e presente apontam esta prática, e, usualmente na Antigüidade, com o consentimento tácito das leis. Quem tem o direito de decretar quem é escravo e quem é livre? Uma pesada questão, que a arte jurídica, a literatura, o teatro e a pintura têm abordado, e que tem um início fundador no Ocidente, nos níveis estético e filosófico, durante o período clássico na Grécia.

O período clássico teve uma duração de quase dois séculos, entre 490 e 336 a.C., momento das grandes guerras entre gregos e persas, e, depois, a do Peloponeso, da democracia ateniense, dos grandes pensadores, como Heráclito, Empédocles, Parmênides, Sócrates e Platão, do comércio internacional no Pireus, dos grandes festivais de teatro, do surgimento da História com Heródoto e Tucídides, é um momento culminante de florescimento econômico e cultural.

Cacoyannis, no início da década de 1970, artista criativo vivendo acontecimentos mundiais tensos, como a Guerra Fria, a vertigem de uma guerra atômica eminente que pairava entre as potências rivais, nos apresenta uma releitura de Eurípides muito afinada com o texto original⁵³², num clima sombrio de destruição e luto, utilizando um cenário rústico,

531 Doutora em História (UFRGS). Professora de História (ULBRA).

532 Embora como diretor e roteirista, Cacoyannis tenha se permitido alterações que, sem dúvida, serviram aos propósitos desejados, como o surgimento de uma tropa de soldados, ou o banho de Helena, mas que estavam completamente ausentes no texto do dramaturgo grego, ou, ao contrário, retirar todo o diálogo dos deuses Poseidon e Atena, que dá início à tragédia, e transformar o prólogo dos deuses no filme em uma descrição feita por um narrador ocluso.

rochoso, com uma caverna, e com colunas e escadarias de pedras em ruínas, o que instantaneamente remete o olhar para o universo de devastação pretendido.

Os figurinos, sem pretensão naturalista, são monocromáticos, tendendo aos cinzentos, azuláceos e pretos, dando ao espectador a sensação de um filme quase em preto e branco, tal a ausência de pigmentos coloridos na produção visual. Eles são construídos com sobreposições de tecidos, produzindo volume e uma certa incongruência nos modelos, que lembram trapos, e os cabelos estão quase por completo ausentes, cobertos por pesados panos. Os olhos das mulheres do coro são muitas vezes filmados em *close*, propiciando, metaforicamente, nos aproximar do aparelho com o qual elas vem, e da sensação que emanam frente à visão da catástrofe.

Filme recente e peça de teatro clássica se aliam na narrativa de um problema ético e histórico da maior relevância, o da escravidão humana. E que, como é sugerido no filme, não tem época definida. Poderia estar acontecendo agora, pois independe de condições específicas, e é justificável por razões variáveis. Naquelas circunstâncias, tratava-se de uma guerra entre duas potências e o exército vencedor estava prestes a decidir a sorte das mulheres cativas, já que todos os homens da cidade haviam sido mortos na noite anterior.

O texto da peça de Eurípides segue o formalismo das tragédias, apresentando-nos um evento do ciclo homérico de Tróia, o momento da repartição do botim de mulheres conquistadas, em três episódios seguidos pelo êxodo. O clima é de perplexidade e desespero, o primeiro raiar do dia depois da tomada da cidade de Tróia para as mulheres que se encontravam à espera do anúncio da sua sorte.

Cacoyannis tem a sutileza de sincronizar os episódios com a claridade do sol. A ação do filme se inicia na madrugada, as três personagens principais da trama, Cassandra, Andrômaca e Helena se apresentam e dialogam com a rainha Hécuba durante o decorrer do dia. O funeral de Astíanax, o único homem/menino até então deixado vivo, o herdeiro da casa real troiana, filho de Heitor e de Andrômaca, que naquele momento foi arrojado das muralhas se dá ao entardecer. E a noite cai no final, encerrando a jornada com o incêndio total da cidade, comandado pelos gregos, e o último sinal do embarque, com a caminhada das mulheres rumo aos barcos, já no escuro da noite. Luz e escuridão são tratadas de forma simbólica, como se o passar do tempo fosse o único dado concreto indiscutível, a marca da natureza dando contornos definidos ao cenário humano do drama.

O clima de dor é geral, e o coro é uma imensa voz lamentosa, pois são viúvas, órfãs, mães e avós que choram seus mortos, e aumenta com a indecisão quanto ao futuro: um arauto, ou mensageiro, do exército grego, Taltíbio, é quem vai, aos poucos, conduzir a narrativa trazendo as ordens dos senhores às troianas. Seu terror é ver primeiro a destruição da cidade, logo, a do *óikos*, da casa, pois serão levadas de Tróia separadamente, cada uma para um guerreiro. Sua referência identitária será quebrada para sempre, e a condição servil inscrita sobre experiência anterior de ser humano livre.

O coro, composto pelas mulheres troianas, apóia, sustenta e dialoga com a velha rainha, Hécuba, a grande protagonista, interpretada magistralmente por Katharine Hepburn. Esta figura de poder matriarcal, para quem acorrem todas as mulheres e se dirige também o arauto, centraliza os diálogos e estabelece as novas normas, que ela mesma está experimentando pela primeira vez. O momento da passagem do estado de ser humano livre para o de escravo é explorado em ambas as linguagens da arte, e no cinema moderno não perde sua força poética e reflexiva.

O enredo discute o choque de valores entre vencidos e vencedores, inclusive o próprio sentido de ser vencedor é abordado. No primeiro episódio há um diálogo entre Cassandra, princesa profetisa de Apolo, que foi escolhida como escrava de cama para o mais alto chefe grego, o rei Agamemnon, e a mãe, no qual, ao se despedir da mãe, ela contrapõe os argumentos da vitória grega.

No mundo antigo, em que as relações de isonomia eram privilegiadas, existe uma situação de dissimetria na base da relação senhor-escravo que não poderia ser transposta: um era o cidadão, e o outro, o estrangeiro conquistado. Ao ser conquistada uma cidade, os habitantes podiam ser mortos ou desterrados, e, neste caso, tomados a serviço dos vencedores, funcionários sem salário que só abandonariam seus postos com a morte, podendo sofrer todo o tipo de humilhação e nunca mais retornar ao estado livre.

No contexto de então, dívidas também poderiam levar à escravidão, mas não indefinidamente: havia um período estabelecido e, findo o prazo determinado, equivalente ao valor assumido, o indivíduo voltava a possuir seus direitos civis como homem livre. Neste caso a escravidão era um estatuto temporário, relacionado ao não-cumprimento de um contrato de empréstimo.

Eurípidés, o principal roteirista do filme, já que escritor da tragédia representada que Cacoyannis segue fielmente tinha, como pano de fundo para sua trama uma narrativa que ultrapassava a tradição épica da *Íliada*

e da *Odisséia* e era bastante mais concreta. Alguns meses antes, durante os reveses da Guerra do Peloponeso, a pequena ilha de Melos, situada entre as Cíclades, no Mar Egeu, quis se retirar da guerra que dividia a Grécia da época entre as duas potências, Esparta e Atenas. Esta última, de posse de uma frota bem armada e treinada, em retaliação pela suposta traição de Melos à Confederação, invadiu a ilha, matou todos os homens e tomou as mulheres mélias como prisioneiras, vendendo-as depois como escravas no mercado de Atenas.

Este acontecimento, que certamente causou polémica no momento, pode ter se tornado um elemento para a produção de uma analogia metafórica, tendo Tróia como espaço narrativo alternativo, e não Melos, e seus desdobramentos no momento⁵³³. A tragédia utilizava conteúdos históricos, sem dúvida, como prova a peça *Os Persas*, de Ésquilo, mas seus temas eram os mitos de origem, os grandes heróis épicos e as linhagens de um período longínquo. O massacre em Melos foi especialmente chocante, pois gregos destruíram gregos, e não um povo estrangeiro, considerado previamente um inimigo. Este era um fato estranho, diferente das práticas comuns e da tradição escravagista grega, e Eurípides teria decidido discutir, a partir dele, as conseqüências da guerra e a significação desta mudança de estatuto individual, do livre para o escravo, usando o exemplo corrente de Tróia.

Este dramaturgo, de maneira muito clara, defende nesta tragédia o discurso das escravas, dando proeminência a pensamentos antibelicistas, e mesmo femininos. Sua posição reverbera no discurso da rainha, que consistentemente, ao longo do transcorrer do dia e do drama, vai desdobrando-se em respostas aos mais duros problemas trazidos por cada uma das antagonistas, e emoldurada pelos lamentos pungentes das mulheres do coro, sustenta a todas perguntando sobre sua sorte particular⁵³⁴.

Cassandra, princesa troiana, filha de Príamo e Hécuba, é a primeira a aparecer. Reconhecida por sua beleza, foi escolhida pelo chefe da armada,

533 N.T.Croally, em 1994, publicou o livro *Euripidean Polemic, The Trojan Women and the function of tragedy* (Cambridge University Press) especialmente para discutir esta alternativa de metalinguagem possivelmente utilizada por Eurípides, suas imbricações com a política imperialista ateniense da época frente ao resto do território grego, o papel didático da tragédia, a relação entre guerra e ideologia, bárbaro e cidadão, espaço de Tróia, tempo de Eurípides, auto-referencialidade da audiência e o sentido das personagens.

534 "Sorte particular" aqui tem sentido mais exato do que destino, muito embora esta palavra seja usada pelos teóricos da literatura grega para definir um certo fatalismo presente em todo o pensamento grego. Pois no contexto de *As Troianas* o exército está, naquele mesmo momento, realmente sorteando as mulheres e os bens capturados entre as tropas. Elas estão realmente sendo jogadas ao acaso e seu futuro dependerá disso dali em diante. Será, ao acaso, que irão encontrar um senhor, que se tornará seu dono e a levará para onde quiser, como quiser, sem qualquer alternativa salvo a morte.

que apreciou nela sua condição de profetisa de Apolo, virgem sagrada, embora fosse considerada louca pelas suas revelações. Em transe, anuncia vários desfechos, dentre eles a morte de Agamemnon e a dela própria pelas mãos da esposa Clitemnestra, a da mãe, que não seguirá com Odisseu como escrava, mas morrerá no mar, numa tempestade por vir, e a sorte de Odisseu, que vagará por mais dez anos antes de retornar à casa, exausto e solitário. No filme, é representada pela atriz francesa Geneviève Bujold, que empresta um tom denso, profundo, à loucura da personagem e suas falas lúcidas e visionárias.

Seu discurso interrompido pela visão é desconsiderado, e ela, ao final, afirma estar fora do delírio, e fala sobre a “bela morte”, contundente e sofisticado, invertendo a lógica da guerra, na qual sempre é cantado o vencedor. Neste caso, Cacoyannis preservou o texto euripídiano em quase toda sua integridade de canto ao vencido. No original, temos desde o verso 365:

Esta cidade mostrarei ser mais abençoada do que os aqueus tendo o deus em mim: todavia, no que segue estarei fora de baqueumas: aqueus que devido a uma mulher e uma Cípris, caçando Helena, perderam miríades. O arguto chefe, em nome do mais hostil o mais amado destruiu, agrados familiares dos filhos dando ao irmão por causa de uma mulher, que o fez de bom grado e não foi sequestrada à força. Quando às margens do Escamandro vieram, morriam, filhos não viram, nem as mãos das esposas os cobriram com pelos, mas em terra estranha jazem. Primeiramente, os troianos – a mais bela glória – morriam pela pátria: e os que a lança tomasse, seus corpos eram carregados para casa por amados, tendo o abraço da terra do solo pátrio, amortalhados por mãos que lhes deviam isso. Dos frígios, quem não morresse em batalha, sempre, dia após dia, com esposa e filhos morava, faltavam tais agrados aos aqueus. (...) Carece, assim, que fuja da guerra quem é prudente; mas, se ela chegar, coroa não infame à cidade é a bela morte; a não bela, coisa inglória. (versos 365- 402)

Neste momento do filme, que se passa dentro de uma caverna, à luz de archotes e fogueiras, todas as cativas estão enfileiradas, em diferentes níveis do solo íngreme, e o abraço entre mãe e filha sela a despedida. Depois de levada dali, Cassandra assumirá a posição de concubina de Agamemnon, nunca mais entrando em contato com o grupo, como uma troiana entre troianas. Garantir as prerrogativas da pátria foi sua última atitude de pertencimento ao mundo livre.

O surgimento da nora da rainha, Andrômaca, viúva do comandante do exército troiano, Heitor, e mãe de Astíanax, o herdeiro do trono, traz novos reveses. Vanessa Redgrave personifica uma loira Andrômaca, que

vem com seu filho pequeno, e que apresenta ao espectador um quadro ainda mais sombrio, pois acaba de cobrir o cadáver de Polixena, outra das princesas troianas, morta sobre o túmulo de Aquiles. Sacrifício humano se soma às dores já intensas da rainha, e a guerra implacável e suas leis são definitivas.

O desafio de Andrômaca é viver numa casa de inimigos, escolhida pelo filho de Aquiles, Neoptólemo, cujo pai foi o assassino de Heitor, seu esposo. Eurípides propõe uma questão, que é um sério problema ético para a jovem, endereçada à sogra, figura de poder e saber na peça. Cacoyannis mantém o texto original e a dúvida de Andrômaca no filme. Na tradução de Eurípides:

[...] o silêncio da língua e o olhar calmo ao esposo confiei: soube quando devia vencer meu esposo e no que a ele devia ceder a vitória. A notícia dessas coisas, ao exército aqueu rumando, arruinou-me. Desde que fui presa, o filho de Aquiles quis-me tomar como esposa: serei escrava na casa de assassinos. Se, desdenhando a fronte amada de Heitor, ao meu amo atual abrir o coração, vil aparecerei ao morto: mas se do meu novo senhor sentir nojo, serei odiada por ele. Dizem, porém, que uma noite alegre relaxa a aversão da mulher à cama do marido: execro qualquer uma que, o ex-marido expelindo em vista de uma nova cama, outro ama. (versos 654-668)

A rainha, questionada, responde segundo Eurípides, e seguido de perto pelo roteiro de Cacoyannis:

[...] mas, ó criança amada, a fortuna de Heitor deixa estar: tuas lágrimas não o salvarão. Honra, porém, teu presente senhor, dando, a teu modo, amável isca ao homem. Se fizeres isso, agradarias a todos os amados e amadurecerias esse filho de meu filho. (versos 697-702)

Para uma mulher escrava, a regra aplicável de decência e pudor, lealdade e culto à memória do morto deixam de ter validade, passando a imperar novas normas, voltadas à sobrevivência atual, e, no caso, à possível preservação da linhagem através do filho varão, o que veremos adiante, será inviabilizada, pois o exército vota a morte do menino. O filme alcança seu ápice dramático com a perseguição e fuga da mãe com a criança, do arauto e dos soldados, em meio ao coro de mulheres, todas frágeis demais para uma resistência verdadeira. Em vão, a mãe vê seu filho sendo levado à morte e nada pode fazer.

Neste momento, lança pesadas falas aos inimigos vencedores: “Ó gregos, inventores de males bárbaros, porque matais esta criança culpada de nada?” (verso 764), começando por esta pergunta, que, na verdade é

uma indagação retórica, de força poética, filosófica e política, pois ela bem sabe que a criança carrega o peso da herança da cidade, da realeza legítima e da memória da liberdade, riqueza e poder do povo que ela representa como herdeiro do trono. E a personagem finaliza com a terrível ordem, prenhe de ironia, e a consciência da solidão moral:

Mas conduzi, levai, atirai se convém atirar: banquetear-vos das carnes dele. Pelos deuses somos aniquilados e para nosso filho não podemos afastar a morte (versos 774-777).

Nesta guerra, metáfora de todas as guerras que vieram depois dela, aprendemos a silenciar frente aos vencedores, à despeito da total iniquidade de seus atos e motivos. Cacoyannis, como artista e ser humano, se investiu da difícil tarefa de refletir sobre um modelo de guerra antigo e de mediar a situação entre união Soviética e Estados Unidos no campo da ficção. Na primeira linha do artigo, mencionei que a produção era, ironicamente, dividida entre Grécia, Rússia e EUA, e a história desta associação já é um sintoma do esforço da mediação simbólica. Seria preciso que ambas as partes, na década de 1970, numa guerra, compreendessem a extensão e a gravidade do problema, seja ele histórico ou mítico-literário.

A escravidão destas mulheres significou a perda do *ethos* e esta marca acompanha os estrangeiros, dissidentes fugitivos de políticas de extermínio, exilados. A guerra, que ora se faz em lugares variados do mundo⁵³⁵ é diferente desta guerra antiga, representada no teatro e no cinema, mas guarda, infelizmente, a maior de suas consequências: a perda de identidade social, a perda das raízes constitutivas da memória individual, a ruptura com um projeto de construção de futuro. A música, com letra em inglês, com que se inicia e termina o filme é significativa: “this land is ours, is ours, it always has been ours” (esta terra é nossa, é nossa, sempre foi nossa). Resta a última memória do homem livre: sua terra, rumo a uma nova existência, a da escravidão, sem-terra.

Para discussão:

1. O sentido de total destruição que o acontecimento relatado no filme sugere pode ser considerado mera ficção, ou existe algum caráter analógico visível entre história e literatura?

535 Em agosto de 2014, o conflito entre Israel e os palestinos da Faixa de Gaza se estende por semanas, entre uma trégua desrespeitada por Israel e centenas de vítimas entre crianças e civis palestinos. A brutalidade do ataque choca comunidades ao redor do mundo, inclusive mobilizando grupos judaicos a se expressar contra a política de Israel. A mesma lógica implacável da guerra neste caso particular se aproxima demasiado do massacre. Indefesos, os palestinos, como as troianas, são entregues ao aniquilamento.

2. Quais as similaridades e diferenciais entre o modelo antigo de vitória guerreira e o atual, ou seja, o que se leva de um país invadido hoje em dia, o que permanece da identidade originária da região ou das populações vencidas (se é que algo permanece). Mulheres continuam a ser parte do poder simbólico do butim?

3. É consenso que a Guerra de Tróia, por ser o documento mais antigo de uma guerra bem sucedida no Ocidente, passou a exercer um certo fascínio enquanto modelo estético e político-filosófico. Enumere numa folha de papel (e esse é um exercício que pode ser feito em pequenos grupos, como um jogo, e depois ser retomado em um grande seminário entre os grupos) por ordem cronológica, a maior quantidade de guerras históricas que for possível lembrar e que aconteceram depois desta narrativa ficcional (e, se possível, com uso de tecnologia virtual). Depois, conte os vencedores, os vencidos, localize os pontos de maior conflito num *mapa mundi* e se estarreça em grupo.

Sugestões de leitura:

CROALLY, N.T. *Euripidean Polemic – The Trojan Women and the function of tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

EURÍPIDES. *Dois Tragédias Gregas: Hécuba e Troianas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

POOLE, A. Total Disaster: *Euripides' The Trojan Women*. *Arion* n.s. 3, 3:257-87, 1976.

SEGAL, Charles. *Euripides and the Poetics of Sorrow*. Durham, N.C.: Duke University Press, 1993.

Sobre o filme:

Título original: *The trojan women*

Título no Brasil: *As troianas*

Países de origem: Grécia/Rússia/Estados Unidos da América

Gênero: ficção

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 105 minutos

Ano: 1971

Direção: Michael Cacoyannis

Instituições prisionais e violência

Mulheres e prisão: análise do filme *El pátio de mi cárcel*

Bárbara Sordi Stock⁵³⁶

O filme *El pátio de mi cárcel* está inspirado na história verídica do grupo de teatro “Yeses”, formado pelas reclusas da antiga prisão de mulheres de Madrid, Espanha. A trama cinematográfica possui como fio condutor as histórias de Isa e Mar. A primeira, assaltante de banco incapaz de adaptar-se à vida fora da prisão; a segunda, nova funcionária de espírito crítico incapaz de adaptar-se às regras da Instituição. A sensibilidade de Mar sobre o passado das reclusas e as suas expectativas de futuro possibilitam o surgimento do “Módulo 4”: grupo de teatro composto por mulheres em situação de prisão.

Ao lado de Isa, as internas Dolores, Rosa, Ajo, Luísa e outras, encontram no teatro um novo significado para a vida intramuros e, especialmente, a possibilidade de viver a liberdade extramuros de forma distinta. Portanto, mais que uma história sobre teatro e sistema prisional, o filme convida o espectador a refletir sobre vidas – a todos os olhos – invisíveis: funcionárias de prisão, vítimas de violência doméstica, dependentes químicas, trabalhadoras do sexo, lésbicas, ciganas, estrangeiras que exercem a função de “mula” (transporte de droga) para encontrar uma vida melhor na Europa.

Já no início da trama, o conflito entre respeito à dignidade humana e controle institucional estabelecido choca o espectador pelas distintas posturas assumidas pelas funcionárias da prisão sobre a “revista íntima” (exame para o ingresso em prisão). Para as antigas funcionárias, as “regras da cadeia” funcionam como “cláusulas pétreas”, enquanto que para as recém-concursadas, como é o caso de Mar, o tratamento humanizado é uma postura possível mesmo em um ambiente hostil. Neste contexto, o teatro assume dupla função: de um lado, como estratégia de empoderamento para as reclusas; de outro lado, como estratégia pessoal para algumas funcionárias de prisão suportarem a dureza do novo trabalho.

Desde uma perspectiva transversal o filme aborda com propriedade duas questões contemporâneas: os efeitos da prisionização e o cárcere desde as necessidades de gênero. A primeira problemática fica evidente na trajetória da jovem Isa, marcada pela reincidência e por fortes laços de amizade dentro do cárcere. As desastrosas conseqüências da prisionização para a protagonista ficam estampadas em um momento de desabafo com Mar: “sabe qual é o pior de estar aqui trancada? o costume... no mo-

536 Doutora em Direito (Universidade de Sevilha/Espanha). Mestre em Ciências Criminais (PUC/RS). Professora do Instituto Andaluz Interuniversitário de Criminologia (Universidade de Sevilha/Espanha).

mento em que te acostumamos a transar com tua namorada na mesma cama que as outras, falar aos berros com a tua família... ao auto-falante, as denúncias... no momento em que vê isto normal... estás perdida”.

Em relação às questões de gênero, é importante contextualizar o filme entre os anos de 1980 e de 1990 quando a Espanha não possuía nem marco formal adequado para o tratamento da violência contra a mulher nem havia iniciado a transição para a atual premissa de atenção ao gênero nas prisões. A ausência de estratégias formais para o enfrentamento da violência de gênero e a falta de consciência em relação à revitimização institucional possibilitou que histórias como a de Dolores - que encontrou na morte do marido a única alternativa para uma vida sem violência doméstica - formem parte do cenário prisional. O filme deixa evidente que para Dolores o delito funcionou como única e última instância da rota de vitimização: a protagonista foi vítima social e institucional da sua condição de “ser mulher”. A prisão não possui (e nunca possuirá!) a capacidade de solucionar os fatores de exclusão social presentes na biografia de Dolores e das outras protagonistas (ausência de recursos econômicos, violência, problemas de saúde, cargas familiares etc.), mas também não pode converter-se em instrumento que maximize as vulnerabilidades. Traçar um olhar diferenciado sobre o encarceramento feminino ajuda a entender quais recursos jurídico-sociais podem evitar o ingresso em prisões.

Perceba-se que os temas citados, ao lado de outros igualmente explorados pela trama como dependência química e homossexualidade, passam em poucas décadas de obras doutrinárias para presidir informes científicos e consolidar uma política estatal em âmbito carcerário sensível às especificidades das mulheres reclusas. Trata-se de afrontar o encarceramento feminino desde uma abordagem multidimensional, na qual as vulnerabilidades são enfrentadas de forma diferenciada e respeitosa mediante serviços e tratamentos centrados nas necessidades de gênero.

Para discussão:

1. Quais estratégias contribuiriam para a diminuição do encarceramento feminino ?
2. Discuta sobre a prisionização e suas conseqüências. A literatura criminológica e vitimológica servem como aliadas para fundamentar o presente debate.
3. Discuta sobre as especificidades da atenção ao gênero nas prisões. A literatura criminológica e vitimológica servem como aliadas para fundamentar o presente debate.

Sugestões de leitura:

ALMEDA SAMARANCH, Elisabet. *Corregir y castigar. El ayer y hoy de las cárceles de mujeres*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2002.

CARLEN, Pat. *Women's Imprisonment: A Study in Social Control*. London: Routledge, 1983.

MAPELLI CAFFARENA., Borja; SORDI STOCK, Bárbara; AGUADO CORRERA, Teresa; HERRERA MORENO, Myriam; GUTIERREZ, Francisco. *Mujeres en las cárceles de Andalucía*. Madrid: Dykinson, 2012.

Sobre o filme:

Título original: *El patio de mi cárcel*

País de origem: Espanha

Gênero: drama

Classificação: 13 anos

Tempo de duração: 92 minutos

Ano: 2008

Direção: Belén Macías

Dos palcos do cárcere para as telas do cinema: considerações sobre o filme *César deve morrer*

Ana Boff de Godoy⁵³⁷

César deve morrer é a mais recente produção cinematográfica dos irmãos Taviani, com a qual Paolo e Vittorio Taviani, do alto dos seus oitenta anos de idade, receberam o Urso de Ouro no Festival de Berlin em 2012, cinco premiações David di Donatello, dentre as quais a de melhor filme e de melhor direção, além de inúmeros outros prêmios e nomeações. Este híbrido de drama e documentário, tal qual uma lente de aumento, amplia a visibilidade de um projeto artístico e social que vem se desenvolvendo no interior do Complexo Carcerário de Rebibbia, em Roma, na Itália.

O complexo de Rebibbia começou a ser construído em 1946 e é composto por quatro prisões, sendo três masculinas e uma feminina. As prisões são independentes umas das outras e são distintos os seus sistemas de encarceramento. A prisão de segurança máxima de Rebibbia está ativa desde 1972, sendo que desde 2000 vem sendo palco do projeto desenvolvido pelo Centro de Estudos Enrico Mario Salerno, com o auxílio do Ministério da Cultura⁵³⁸ italiano, da Superintendência Regional do Lácio e com a colaboração da Administração Penitenciária e da Direção do Complexo Penal Rebibbia.

Tal projeto oferece a toda comunidade carcerária laboratórios de formação de atores e cursos de especialização em técnicas teatrais, tais como iluminação, sonorização, criação e montagem de cenários e figurinos, etc. Em 2002 os encarcerados subiram pela primeira vez ao palco, apresentando sua peça teatral não só para a comunidade interna do Rebibbia, mas também para expectadores externos, principalmente estudantes universitários.

De lá para cá, já foram realizadas 18 produções teatrais, as quais já tiveram mais de 50 apresentações e contaram com um público de 32 mil pessoas. Textos de William Shakespeare, Dante Alighieri, Anton Tchekov, Giordano Bruno e outros escritores e dramaturgos foram encenados por alguns dos presos considerados mais perigosos de Rebibbia. Cerca de 380 presos já participaram das atividades teatrais, seja como atores, seja na equipe de montagem e produção, seja como participantes dos cursos e oficinas. Segundo estatísticas do Instituto Superior de Estudos Penitenciários, somente 6% dos detentos libertos que participaram dessas atividades são reincidentes, enquanto que 65% dos criminosos libertos

⁵³⁷ Professora de Língua e Cultura Italiana (UFCSPA), mestre em Literatura e doutoranda em Análise do Discurso (UFRGS).

⁵³⁸ Ministero dei beni e delle attività culturali e del turismo.

que não participaram do projeto recaem em seus delitos.

Por esse motivo, o projeto tem recebido forte estímulo, e Rebibbia conta hoje com uma sala para ensaios e apresentações teatrais totalmente equipadas e com capacidade para uma plateia de 400 expectadores. Atualmente, existem três companhias teatrais em operação no Rebibbia: o G12, do departamento de Segurança Máxima; o G8, para detentos em regime mais brando, que se apresentam até mesmo em teatros externos ao presídio, para toda a sociedade; e o G9, para aqueles que cumprem sua pena em condicional. Em 2006 foi fundada a “Companhia dos ex-detentos Teatro Livre de Rebibbia”, a qual já realizou diversos espetáculos, sendo seus atores todos ex-detentos libertos por indulto. Em 2012, os detentos receberam nova visita, dessa vez dos renomados diretores de cinema, irmãos Taviani. A visita durou cerca de seis meses e, sob a direção cênica de Fabio Cavalli, o G12 ensaiou e apresentou *Júlio César*, drama de William Shakespeare, escrito, provavelmente, em 1599.

O texto shakespeariano, baseado na história romana, narra a conspiração contra o ditador Júlio César, que culminou com no assassinato em 15 de março de 44 a.C. O imperador Júlio César, um dos mais importantes chefes militares da história, governava ditatorialmente, nomeando senadores e obrigando-os a aprovar seus projetos, que iam rumo à monarquia mundial, que tanto ambicionava. O desprezo às opiniões alheias, no entanto, provocou a ira de um grupo de 60 senadores (o senado, à época, se constituía, por ordem de César, de mais de 300 integrantes) que, liderado por Marco Júlio Bruto (filho adotivo de Júlio César), preparou uma emboscada para o ditador, acabando com sua vida em 23 facadas, num ato que se tornou o atentado político mais famoso da história antiga. A peça de Shakespeare, no entanto, tem como protagonista não o imperador, mas Bruto, seu principal assassino e, provavelmente, aquele quem mais sofreu por ter cometido tal assassinato.

O filme dos irmãos Taviani inverte a ordem do drama shakespeariano e começa pelo fim, pelo suicídio de Bruto sobre o palco de Rebibbia. A peça termina, o palco e a platéia se esvaziam e os detentos retornam às suas celas. Nesse momento, o filme, que até então era colorido, esvaece em suas cores e o preto e o branco assumem o seu papel. O expectador, então, é catapultado para seis meses antes daquele momento colorido, para o momento da seleção dos detentos-atores para a nova temporada teatral. Ali, os encarcerados interpretam a eles mesmos e, ainda que em breves segundos, suas vozes ecoam numa existência que ultrapassa os muros da prisão e de suas sentenças. Ficamos conhecendo Giovanni Arcuri, um romano grandalhão, preso desde 2001 e condenado a 17 anos

de prisão por narcotráfico, o qual interpretará Júlio César. Conhecemos Cosimo Rega, em prisão perpétua desde 1975, condenado por homicídio e que assumirá o papel de Cássio. Conhecemos Enzo Gallo, outro eterno prisioneiro desde o ano 2000, condenado por participação ativa em crime organizado e que conquista o papel de Lúcio, o músico, por ter como companheira inseparável uma gaita de boca. E, ao som da bela melodia do músico mafioso, conhecemos também Antonio Frasca -intérprete de Marco Antônio, detendo desde 2005 e condenado a 26 anos por diversos delitos-, além do argentino Juan Bonetti, preso desde 2001 e condenado a 15 anos e 6 meses de prisão por narcotráfico. E, por fim, conhecemos o protagonista, Bruto Salvatore Striano, preso em 2000 e condenado a 14 anos e 8 meses por participação em crime organizado.

Os ensaios começam em uma sala improvisada, pois o teatro está, supostamente, em reforma. Em círculo, sem algemas e com muita dignidade, os detentos mostram suas falas já bem decoradas. O diretor teatral Fabio Cavalli os orienta a falar cada um do seu jeito, com seu sotaque, com seu dialeto. São vários os dialetos ali presentes: napolitano, romanesco, siciliano. Os dialetos são parte constitutiva da identidade daqueles homens, que buscam se reconstruir como sujeitos enquanto interpretam outras vidas que, apesar de distantes das suas em muitos séculos, não se diferenciam delas significativamente. Autorizar e, mais do que isso, estimular o uso dos dialetos é, então, sinônimo de respeito a um direito básico daqueles sujeitos, que é o de ser em suas especificidades e de se expressar dentro das normas da sua cultura de origem.

Os ensaios prosseguem em vários ambientes de Rebibbia e, assim, o expectador é convidado a passear por seus corredores, salas, pátios e celas ao mesmo tempo em que conhece a história da conspiração contra Júlio César. Tudo é preto e branco. Os detentos respiram seus personagens, engajando-se com afinco no projeto. Desentendimentos entre detentos surgem. A tensão toma conta de todos, pois nenhum quer que, por conta de brigas entre os atores-prisioneiros, o projeto perca a credibilidade. E essa consciência faz com que os detentos resolvam suas diferenças de uma forma não convencional naquele mundo, mas muito desejada neste, do lado de fora do cárcere: de forma ética e razoável.

Chega o grande dia da apresentação pública. O palco de Rebibbia se colore e os lugares reservados à platéia são totalmente ocupados. Em cena, Cássio clama “honra aos caídos” e desiste de sua vida corroida pela culpa. Bruto, sucumbindo pelo peso da existência incorpórea de Júlio César e atormentado pela própria traição, pede a Trebônio que o ajude a terminar com sua vida. Trebônio nega-lhe o pedido, assim como Metelo,

Décio e tantos outros senadores. Fora do palco, mas dentro da cena, sabe-se que os demais senadores, os quais não participaram da conspiração e que, ao contrário, defendiam Júlio César estão prestes a matar o grupo dos traidores, a fim de lavar a honra do grande tirano, mas Bruto não pode admitir tamanha humilhação. Finalmente, Estrato aceita ajudar o amigo e segura sua espada para que Bruto lhe dê o último e fatal abraço. A morte de Bruto dignifica os conspiradores. A morte de Bruto dignifica os detentos-atores, que são ovacionados e aplaudidos, com o rufar dos tambores e a certeza de terem cumprido bem seus papéis. E de estarem cumprindo bem suas penas.

Como no início do filme, os prisioneiros voltam às suas celas. Dessa vez, porém, a cor continua no interior das mesmas. Cosimo Rega, não mais Cássio, olha para a câmara e pronuncia: “Desde que eu conheci a arte, esta cela se tornou uma prisão”. E vai preparar seu café na sua cela limpa e razoavelmente equipada, com toda a dignidade de um artista.

Os irmãos Taviani, com toda a sua habilidade em ler e de mostrar os avessos, subvertem o próprio princípio da liberdade e da arte. O quê significa estar preso, afinal? É a pergunta silenciosa que ecoa dentro das nossas celas. E numa despedida do elenco, ficamos conhecendo um pouco mais daqueles atores, daqueles detentos, daqueles homens assujeitados pelo sistema e por suas leis, mas também sujeitos em reconstrução pelas mesmas mãos, que tecem, porém, uma outra história, sujeitos à consciência que anima suas próprias existências.

Cosimo Rega acrescentou “escritor” ao seu currículo e publicou o livro *Sumino, o falcão: autobiografia de um condenado à prisão perpétua*. Giovanni Arcuri, não mais Júlio César, também continuou sua vida rompendo suas próprias grades e publicou *Livre por dentro*. E Salvatore Striano - Sassà, não mais Bruto - foi ser protagonista de sua própria história, do lado de fora dos muros de Rebibbia. Foi solto em 2006, por indulto, e a paixão pela arte de atuar despertada nas oficinas teatrais dentro do cárcere se fez profissão. Atuou em seu primeiro filme, *Gomorra*, de Matteo Garroni, em 2008. Não por acaso, esse filme, baseado no bestseller-denúncia homônimo de Roberto Saviano, conta a história da máfia napolitana. Em 2009, duas atuações cinematográficas: *Napoli, Napoli, Napoli*, de Abel Ferrara, e *Fortapàsc*, de Marco Risi. Em 2010, atuou em *Gorbaciof*, de Stefano Incerti. E em 2013, depois de voltar a Rebibbia em 2012 para atuar junto aos seus antigos companheiros de cárcere, atuou em *Os milionários*, de Alessandro Piva. Atuou, ainda, em uma série de TV de 2013 intitulada *O clã da Camorra* e em um filme lançado na televisão em 2014: *O ouro de Scampia*, de Marco Pentecorvo.

Esses sujeitos concretizam os objetivos do programa do Centro Enrico Maria Salerno e comprovam que projetos como esse, que têm como centro da sua mirada o respeito aos direitos humanos, podem dar certo. Tais programas não só evidenciam sua força benéfica no que toca diretamente à vida de cada sujeito envolvido, mas mostra, também, o seu poder transformador em relação à forma de encarceramento que molda as prisões propriamente ditas, as quais Michel Foucault chamou de “instituições completas e austeras”. De acordo com o filósofo:

a forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constitui fora do aparelho judiciário, quando se elaboram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza. A forma geral de uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e uteis, por meio de um trabalho preciso sobre seu corpo, criou a instituição-prisão, antes que a lei a definisse como a pena por excelência⁵³⁹.

Outro grande estudioso do sistema de encarceramento, o cientista social Erving Goffman, afirma que “as instituições totais são fatais para o eu civil do internado”⁵⁴⁰, pois praticam o que ele chama de “morte civil” desses sujeitos que, muitas vezes, têm suas identidades completamente deterioradas, sofrendo, não raro, o apagamento do próprio nome, sendo esse substituído por um número. O “mundo da família”, da cultura de origem do internado, é paulatinamente esquecido por meio de um processo de aculturação ou “desculturamento”⁵⁴¹, e o prisioneiro passa a ser não mais um indivíduo, não mais um sujeito, mas parte integrante de uma massa amorfa, a qual, em boa medida, está fadada ao esquecimento. No entanto, a experiência em Rebibbia tem demonstrado que não precisa ser assim, que a forma-prisão pode ser substituída por outras formas.

A angústia da vida carcerária, que não raro se transforma em loucura, levando o internado para longe de si mesmo por um caminho sem volta, é amenizada quando o detento aprende a conhecer suas potencialidades criativas e a transformá-las em um produto concreto. A energia vital e

539 FOUCAULT, Michel. (1975) *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 41ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 217.

540 GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 48.

541 GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e ...*, p.23.

primária da criação é empregada de maneira construtiva ao invés de se converter em destruição. O trabalho penal - exercido nas instituições carcerárias normalmente de forma compulsória e servindo muitas vezes como castigo para os detentos e como fonte de lucro para a própria instituição, o qual na análise foucaultiana é visto como uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade [...] e que tem um efeito econômico, produzindo indivíduos mecanizados segundo as normas gerais de uma sociedade industrial⁵⁴² – é substituído pelo trabalho criativo e voluntário. O internado tem o direito de escolher participar ou não do projeto, assim como tem o direito de escolher a sua forma de participação. É ofertado a ele um leque de opções profissionais, artísticas e técnicas no campo do espetáculo e ele pode, se assim o desejar, utilizar o tempo em que cumpre sua pena para aprender um ofício, para se profissionalizar, e para utilizar, de fato, esse saber não só enquanto está sob custódia, mas também no futuro além-muros. Diferente do trabalho que humilha e pasteuriza, esse é um trabalho que dignifica e individualiza os sujeitos de acordo com suas habilidades, seus gostos suas escolhas.

Rebibbia continua sendo uma prisão. Seus muros e suas celas são testemunhas disso, mas se constituem como uma barreira cada vez mais porosa, bastante diferente daquela observada por Goffman nos anos 50: “A barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do indivíduo”.⁵⁴³ A barreira existe, sem dúvida. O detento está privado do seu ir e vir, mas não está mais fadado à mutilação ou à “lacuna vazia” a que se referia Foucault.

O projeto desenvolvido em Rebibbia não só possibilita a reinserção dos sujeitos na sociedade, mas proporciona um entendimento maior: o de que as prisões e os sujeitos sob sua custódia são, de fato, parte da sociedade. A sociedade livre é convidada a entrar e a integrar as estruturas do cárcere, a ouvir as vozes dos detentos, a reconhecê-los como sujeitos tão capazes e criativos quanto qualquer outro, a testemunhar o valor da experiência desses sujeitos e dessa instituição, a repensar seus preconceitos, seus medos e seus julgamentos, a reconhecer no outro um ser humano, e a reconhecer nesse ser humano o seu próprio ser.

A arquitetura do panóptico cede lugar ao palco. O palco se descortina para a sociedade, integrando-a e integrando-se nela. As lentes dos irmãos Taviani desembaçam as lentes de um sistema injusto, alargando sua visão e fazendo-nos ver além, desacomodando-nos de nossas poltronas de simples expectadores e assumindo o papel de integrantes dessa socieda-

542 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir...*, p. 229.

543 GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e ...*, p. 24.

de que nos constitui e que constituímos, sujeitos custodiados ou livres, ainda que não tão livres assim.

Para discussão:

1. Os textos levados à encenação no programa de reintegração de Rebibbia são clássicos da literatura que evidenciam que nós, seres humanos, somos movidos por paixões e que as relações travadas por meio delas podem, muitas vezes, terminar em traições ou até mesmo em graves delitos. Seguidamente, somos atormentados pela culpa em relação aos nossos atos e a culpa, de uma forma ou de outra, irá gerar algum tipo de cárcere: desde a prisão involuntária em instituições carcerárias, até o isolamento voluntário que pode se dar por via da expiação da culpa por meio de alguma religião, da depressão, da loucura ou mesmo do suicídio. O drama de Shakespeare é um belo exemplo dessas relações, que tocam não só as paixões que movem as amizades mas também as que movem o poder. Não por acaso, esse foi o projeto escolhido pelos irmãos Taviani para girar o mundo. Discuta sobre o fato das paixões humanas, bem como suas formas desmedidas de expressão, perdurarem através dos séculos e reflita sobre as formas que encontramos (ou que encontramos para nós) para lidarmos com a culpa.

2. Se o isolamento e a prisão são formas de se lidar com a culpa, também são formas de punição. Reflita sobre as diversas formas de prisão, de vigilância e punição que fizeram e fazem parte da nossa sociedade, tanto material quanto imaterialmente.

3. Foucault se refere às instituições completas (cárceres e manicômios, por exemplo) como forças de “docilização”. Tornar o “corpo dócil” significa treinar o sujeito para aceitar regras sem opor resistência, e, sem questionamento, homogeneizar-se à massa padrão que as normas impõem. A arquitetura panóptica dessas instituições se presta à vigilância desses sujeitos. Câmeras de segurança e postos de vigilância estão estrategicamente posicionados para tudo ver, como um grande olho. Você consegue perceber outras formas de docilização em nossa sociedade?

4. Costumamos nos colocar enquanto sujeitos partícipes de uma sociedade externa à sociedade formada pelos encarcerados. Reflita sobre a afirmação defendida no artigo de que: “O projeto desenvolvido em Rebibbia não só possibilita a reinserção dos sujeitos na sociedade, mas proporciona um entendimento maior: o de que as prisões e os sujeitos sob sua custódia são, de fato, parte da sociedade”. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

5. A arte costuma ser entendida como uma habilidade humana relacionada ao prazer e à estética. No entanto, ela pode também exercer uma função

social, como no caso do projeto teatral em Rebibbia. De que outras formas você acha que a arte pode contribuir socialmente e quais são as principais contribuições que a arte pode trazer para os sujeitos com ela envolvidos?

6. O detento-ator Cosimo Rega, ou o personagem que ele representa, afirma que desde que conheceu a arte, sua cela se tornou uma prisão. O quê, de fato, significa para você estar preso? E quais são as formas de prisão, reais e metafóricas, nas quais podemos estar?

Sugestões de leituras:

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. História de violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SHAKESPEARE, William. *Júlio César*. São Paulo: Martin Claret, 2007. Disponível em: www.enricomariasalerno.it/CentroStudi/teatro_e_carcere/. Acesso em agosto de 2014.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *César deve morrer*

Título original: *Cesare deve morire*

País de origem: Itália

Gênero: drama/documentário

Classificação: livre

Tempo de duração: 76 minutos

Ano: 2012

Direção: Paolo e Vittorio Taviani

***Meu nome não é Johnny:* punição ou tratamento para um traficante de drogas?**

Gilberto Thums⁵⁴⁴

Trata-se de um filme lançado em 2008, com direção e roteiro de Mauro Lima e Mariza Leão, baseado em fatos reais e inspirado no livro escrito por Guilherme Fiúza, que conta a vida de João Guilherme Estrella (traficante de drogas da zona sul do Rio de Janeiro).

O elenco conta com Selton Mello, como ator principal, que representa de forma brilhante o traficante João Guilherme, além de um elenco com grandes atores, como Rafaela Mandelli, Cléo Pires, Julia Lemmertz, Eva Todor, Kássia Kiss, Giulio Lopes, entre outros.

João Guilherme vive na zona sul do Rio, é filho de pais de classe média (o pai é diretor do extinto Banco Nacional), viveu a infância no bairro Jardim Botânico, frequentou as melhores escolas e seus amigos pertencem à classe de pessoas influentes da cidade. Os fatos ocorrem nas décadas de 1980 e 1990 e João Guilherme vive intensamente os prazeres da vida. Embora não frequente as comunidades de favelas, conheceu o mundo das drogas. De usuário de maconha e cocaína, passou a ser um dos maiores traficantes do Rio e começou a viver num ritmo frenético, gastando todo o dinheiro em festas e consumindo cocaína alucinadamente.

O filme *Meu nome não é Johnny* não é sensacionalista, não apela nem abusa de cenas de violência, sexo e palavras de baixo calão, típico de filmes brasileiros. O protagonista atua maravilhosamente, traduzindo a vida de João Guilherme de forma simples, natural e bem realista, o que agrada muito ao espectador.

A história de João Guilherme começa mostrando a família e a casa onde vive. O pai é fumante e não consegue abandonar o vício. Está com problemas pulmonares graves. A mãe e o pai de João Guilherme discutem sobre o comportamento hiperativo do menino no colégio.

Já adolescente, João Guilherme discute com o pai e diz que vai ser mais rico que ele. Pede uma prancha de surf, mas só consegue comprá-la com o dinheiro que economizou como entregador de jornais. No colégio João Guilherme demonstra liderança e tem um grupo de amigos. Vai ao cinema, à praia e fuma maconha na frente dos amigos. Em casa, as discussões com os pais são frequentes. A relação entre seus pais é péssima. Mais adiante o casal se separa. João Guilherme fuma muita maconha e começa a cheirar cocaína. Acumula dívidas com traficante e pede dinheiro aos pais, pois é ameaçado pelo traficante Tainha.

544 Mestre em Ciências Criminais (PUCRS), Professor de Direito Penal (FMP) e Procurador de Justiça do MP-RS.

João Guilherme vai se tornando adulto e tem sua vida cada vez mais desregrada. Vive em festas regadas a cocaína e seus amigos, também viciados, tem uma demanda cada vez maior por drogas. João Guilherme paga ao traficante a dívida relativa às drogas e pergunta pela próxima encomenda. Agora já está vendendo droga em escala cada vez maior e com isso sustenta seu vício e sua vida de farras. João Guilherme fica sabendo que Tainha (seu fornecedor de droga) foi preso. Reunido com amigos, queixa-se das dificuldades de pagar suas contas depois que seu fornecedor foi preso. Não demora, João Guilherme descobre nova fornecedora, uma “velhinha” (Maria) que vende cocaína em embalagens de ambrosia.

As vendas disparam e quanto mais dinheiro João Guilherme ganha, mais ele gasta com festas e novos clientes viciados. Sem perceber, João Guilherme torna-se o maior traficante *playboy* da zona sul do Rio de Janeiro na década de 1980. O filme não deixa claro de que forma João Guilherme alcançou a grande clientela de consumidores de classes média e alta. Havia mais consumidores do que droga para fornecer. João Guilherme não procurou traficantes de morro, nem disputou controle de áreas para tráfico. Simplesmente expandiu seu negócio por conta própria.

Em meio ao turbilhão de sua vida, João Guilherme teve de lidar com a morte do pai, que faleceu de câncer de pulmão. Resolve então abandonar a casa da família e aluga um apartamento localizado em frente a uma delegacia de polícia, onde vai morar com a namorada, que se faz passar por cartomante. Disfarce perfeito para não chamar a atenção pelo fluxo de pessoas na residência. Todavia há usuários que gritam da rua pela droga, na cara de PMs. Chove dinheiro com a venda da droga. A velhinha que fornecia cocaína indica outro fornecedor, pois não consegue atender à demanda.

João Guilherme é preso pela primeira vez por policiais civis corruptos e negocia sua liberdade em troca de dinheiro. Na casa de João Guilherme a polícia apreende mais droga. Mais tarde, João Guilherme paga aos policiais para livrar-se da prisão com dinheiro emprestado de amigo. Os policiais tentaram vender a João Guilherme a droga que dele apreenderam, mas ele não compra. Prometeram não incomodá-lo novamente. Mais tarde um policial o chama na Delegacia, onde comparece vestido de advogado e compra um pacote de cocaína (2 kg).

João Guilherme torra seu dinheiro com festas. Dá à sua mãe um presente caríssimo, incompatível com seu padrão de vida. Para expandir os seus negócios, João Guilherme acerta com novo traficante a compra de drogas em grandes quantidades. Desta vez a droga vem enxertada em peixes, vendidos no mercado público. João Guilherme começa a traficar

para o exterior e acerta com um traficante em Barcelona para onde leva a droga através de “mula”. Recebe em dólares em cifras superiores a seis dígitos. Torra o dinheiro com a namorada Sofia em passeios pela Europa e quase é preso em Barcelona.

De volta ao Rio, João Guilherme encomenda 6 kg de cocaína e a leva ao seu apartamento. Sofia vai preparando a droga em pacotes menores para exportação. Acabam presos pela Polícia Federal. Seu advogado tenta negociar a libertação de João Guilherme, que está recolhido em cela comum com um monte de presos e agora vai experimentar a realidade do sistema prisional da época. O advogado adverte João Guilherme de que a juíza encarregada do processo é mão de ferro.

No interrogatório, João Guilherme alega ser usuário e descreve sua versão sobre a droga apreendida à Juíza, relata não ter patrimônio e apenas um carro velho. Diz que fez tudo sozinho e que não é bandido, porque nunca soube o que é ser dentro e fora da lei. Alega que as coisas foram acontecendo naturalmente. O filme não explica as razões que levaram a magistrada a compadecer-se de João Guilherme. Laudo sobre dependência toxicológica considera João Guilherme parcialmente incapaz de entender o que fazia. Ao proferir a sentença, a juíza contraria a tese acusatória por tráfico e utiliza argumentos de política criminal para dar uma chance a João Guilherme, por se tratar de um *playboy* da Zona Sul do Rio. Em vez de mandá-lo ao presídio, a juíza determina sua internação em manicômio judiciário, tratando-o como um doente psiquiátrico em razão da dependência de drogas.

A decisão foi surpreendente, mas as conseqüências também o foram. João Guilherme, ao sair do manicômio não volta a traficar nem a usar drogas. Ocorre que, a convivência com pessoas do manicômio provocou uma profunda reflexão sobre a vida. Percebe os estragos que fez com sua vida e com os outros. O filme mostra um aspecto humanista e acaba sugerindo sentimento de esperança de que algo pode dar certo para quem recebe uma chance. A superação de João Guilherme de abandonar a vida fácil e viver mergulhado no mundo das drogas é surpreendente. João Guilherme tornou-se produtor musical e leva uma vida “normal” com a família.

A sentença da juíza no caso de João Guilherme é um caso isolado e não pode servir de paradigma, porque em mil casos, ocorre um que abandona o tráfico e o agente procura levar uma vida honesta e se reintegrar na atividade econômica formal. Traficar dá muito dinheiro e poder e é muito fácil conseguir. A maioria dos traficantes tem origem miserável e precisa lutar para tomar o ponto de tráfico. Ao ser preso, mantém seu negócio e ninguém quer voltar à miséria, mesmo depois de condenado. Traficantes

mais espertos fazem empreendimentos econômicos, lavam dinheiro e se tornam empresários.

O tráfico de drogas é um problema de ordem mundial. O ser humano usa drogas há mais de 10 mil anos e continuará usando drogas, com ou sem legislação penal. Não há um motivo determinante pelo qual as pessoas usam drogas. Há muitas pesquisas científicas e nenhuma conclusão. Alguns motivos são citados, tais como: curiosidade, influência de amigos ou de pessoas próximas, vontade própria, fuga de problemas familiares, dificuldades de enfrentar situações difíceis, mera busca pelo prazer, a própria dependência, entre outros. (JESUS, Cláudia Fabiana, e RESENDE, Manuel Moragado, 2008.)

Os americanos gastam fábulas de dinheiro para combater o tráfico de drogas para os Estados Unidos e mesmo assim, toneladas de cocaína e heroína inundam o país diariamente. Megatraficantes preferem países que possuem leis severas sobre drogas, porque ali o valor da droga alcança patamares superiores. Nenhuma lei impede ou diminui o tráfico de drogas. Os americanos pressionam a ONU e esta recomenda a seus países membros que adotem alto rigor na punição de pessoas envolvidas com drogas, inclusive usuários.

É um erro estratégico o combate ao problema das drogas com legislação penal. Recente estudo britânico pede o fim da guerra às drogas e defende novas estratégias. Trata-se de estudo oficial da *London School of Economics*⁵⁴⁵, divulgado com o aval de cinco prêmios Nobel de Economia. O estudo apoia a decisão do Uruguai, do governo Mujica, de adotar alternativas para enfrentamento das drogas, quer através de políticas de redução de danos, quer pelo oferecimento oficial de droga considerada menos lesiva, como é o caso da maconha.

O Brasil combate de forma feroz o tráfico e pune criminalmente o usuário de drogas. Por outro lado, permite propaganda maciça de bebidas alcoólicas, inclusive com patrocínio da seleção brasileira de futebol. O álcool é uma droga de alta lesividade social, tanto que é proibido em países muçulmanos. O álcool está em qualquer lista das vinte drogas mais nocivas socialmente.

Vários estados americanos, através de plebiscito, autorizam o uso recreativo da maconha. Os exemplos mais recentes são o Colorado e Washington. Em outros, como a Califórnia, a maconha é largamente utilizada para fins médicos. O Uruguai está liberando o consumo da maconha

545 COLON, Leandro. Novo estudo britânico pede fim da guerra contra drogas. *Jornal Folha de São Paulo*. 14 de maio de 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/164838-novo-estudo-britanico-pede-fim-da-guerra-contra-drogas.shtml>. Acesso em agosto de 2014.

mediante controle estatal quanto ao cultivo e identificação dos usuários. Portugal, desde o ano de 2000, possui legislação para oferecer tratamento aos usuários e aboliu a sanção penal. O CONAD, através de resolução, permite o uso da Ayahuaska em rituais religiosos do Santo Daime. Trata-se de uma droga alucinógena, de origem natural, que é administrada, inclusive, para crianças.

O discurso sobre drogas tem defensores ferozes da necessidade de punição severa. A influência advém de uma cultura proibicionista capitaneada pelos Estados Unidos e manipulada pela ONU.

O fracasso do controle das drogas por lei penal é absoluto em todo o mundo. Até países que possuem pena de morte para o tráfico são inundados por drogas.

Está na hora de haver um debate público, sem fanatismo, para avaliar critérios de políticas públicas, quer para a prevenção do uso, quer para a redução de danos, quer para o controle e oferecimento público de drogas menos lesivas.

É absolutamente falsa a afirmação de que a maconha é a porta de entrada para as drogas mais pesadas. A primeira droga a que crianças e adolescentes têm acesso são as bebidas alcoólicas. Por que sua venda é livre? A história nos mostra o equívoco da lei seca americana que propiciou o surgimento da máfia e de Al Capone em Chicago. Basta haver um controle administrativo, mas não penal. Assim que a lei seca foi extinta, a máfia de Chicago migrou para o tráfico de cocaína e maconha e exploração de jogos em cassinos, tanto nos Estados Unidos quanto para outros países. Decuplou seus rendimentos em face da proibição por lei penal referente às drogas.

O dinheiro gasto no combate às drogas é suficiente para acabar com a fome no mundo e melhorar a educação em níveis globais. Estudos indicam que 40% dos 9 milhões de presos no mundo decorre do tráfico de drogas. Em Porto Alegre, o Presídio Central possui uma população carcerária de mais de 4.000 presos sendo a maioria por crimes relacionados com drogas. Não é diferente em outros estados.

A questão das drogas é um problema de saúde pública e não somente de lei penal. Qualquer pessoa tem acesso à droga, com ou sem lei penal. Fechar os olhos para a realidade e entregar o problema à lei penal é o supra-sumo da estupidez ou uma opção covarde dos governos para legitimar sua administração e o controle social.

A façanha de João Guilherme seria absolutamente impossível nos dias atuais. Ele acabaria morto por traficantes rivais que dominam todas as áreas territoriais do Rio de Janeiro. A sentença da juíza Marilena, inspi-

rada em Marguerite Yourcenar, tem alta dose de ingenuidade para dias atuais em relação aos traficantes, ao comover-se com as afirmações do réu Johnny:

[...] a cocaína era minha, Excelência. Fiz tudo isso sozinho. Meu nome não é Johnny, eu não sou bandido, meu nome é João Estrela... Eu nunca soube o que é dentro e o que é fora da lei, na minha vida as coisas foram acontecendo [...]⁵⁴⁶

Assim, determinou a aplicação de medida de segurança em manicômio judiciário, em vez de mandá-lo à prisão cumprir pena. Foi no manicômio que teve o choque de realidade e decidiu mudar de vida. A atual lei de drogas do Brasil – Lei nº 11.343 – não contempla mais a internação em manicômio para os dependentes de droga, mas simplesmente de tratamento em instituição adequada.

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre⁵⁴⁷ debateu o filme e teceu altos elogios à sentença da juíza Marilene, notadamente pela citação de Yourcenar: “O verdadeiro lugar de nascimento é aquele em que lançamos pela primeira vez um olhar inteligente sobre nós mesmos[...].”

Para discussão:

1. Qual o fundamento para permitir o uso livre do álcool e punir criminalmente o da maconha?
2. Quais critérios o Ministério da Saúde leva em conta para permitir ou proibir determinado tipo de droga?
3. Qual seria a melhor alternativa para enfrentar o problema das drogas: mais rigor penal? Tratar o uso como um problema psiquiátrico ou de saúde pública? Estabelecer apenas controle administrativo?

Sugestões de leitura:

COLON, Leandro. Novo estudo britânico pede fim da guerra contra drogas. *Jornal Folha de São Paulo*. 14 de maio de 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/164838-novo-estudo-britanico-pede-fim-da-guerra-contradrogas.shtml>.

JESUS, Cláudia Fabiana, e RESENDE, Manuel Moragado. *Dirigentes de instituições que assistem dependentes químicos no Vale do Paraíba*. Universidade Metodista de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a04v25n4.pdf>.

⁵⁴⁶ Trecho do filme.

⁵⁴⁷ SOCIEDADE PSICANALÍTICA PORTO DE ALEGRE. Disponível em: <http://site.sppa.org.br/paginas/161/PsicanaliseeCulturaCinema>. Acesso em agosto de 2014.

UCHÔA, Roberta. *Política Nacional sobre Drogas: um duplo “sim” à segurança e à saúde*. Editora da UFPE, Recife: 2009.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Meu nome não é Johnny*

País de origem: Brasil

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 124 minutos

Ano: 2008

Direção: Mauro Lima

O cárcere e a rua: os desafios de ser mulher dentro e fora do Madre Pelletier

Bárbara Sordi Stock⁵⁴⁸

O documentário *O cárcere e a rua* retrata no próprio título o desafio enfrentado pelas três protagonistas: ser mulher fora e dentro das grades. Claudia, 54 anos, narra a dificuldade de desvincular-se da Instituição prisional - identificada como “casa” por longos 28 anos – para cumprir pena no semiaberto. O abandono familiar, a adaptação ao cárcere e a medicalização são barreiras enfrentadas por Claudia para o gozo do direito ao regime menos gravoso. A protagonista desabafa: “a saída da cadeia foi mais difícil que a entrada”. A história de Betânia, de 28 anos e condenada a 15 anos de prisão, revela entre outras questões a complexidade de perceber-se como vítima de violência doméstica. Betânia encontra no atendimento psiquiátrico proporcionado intramuros um aliado e na sua companheira de cela um novo amor. Este último suficientemente intenso para colocar em dúvida os benefícios da sua transferência ao regime semiaberto e para admitir: “homem não respeita... prefiro mulher”. Entretanto, a liberdade da rua, a retomada de vínculos com o filho, o exercício de um trabalho informal e o encontro de um novo amor – agora do sexo masculino –, formam um conjunto de circunstâncias para a protagonista sustentar sua situação de fugitiva do semiaberto. Entre as potentes histórias de Claudia e Betânia o documentário também retrata o intenso sofrimento da jovem Daniela. Reclusa aos 19 anos e novamente grávida, Daniela encontra amparo na experiência da veterana Claudia, sua única companheira no cárcere, que assume as funções de instrutora das estratégias de sobrevivência em âmbito fechado e de referência materna. O evidente e progressivo comprometimento da saúde mental de Daniela autoriza sua saída da prisão, mas acaba justificando seu internamento psiquiátrico. As histórias de Claudia, Betânia e Daniela são particularmente impactantes não por serem acusadas de crimes violentos (latrocínio, roubo e infanticídio⁵⁴⁹)

548 Doutora em Direito (Universidade de Sevilha/Espanha). Mestre em Ciências Criminais (PUC/RS). Professora do Instituto Andaluz Interuniversitário de Criminologia (Universidade de Sevilha/Espanha).

549 Os crimes citados estão tipificados da seguinte forma no Código Penal brasileiro.

Infanticídio: Art. 123. Matar, sob a influência do estado puerperal, o próprio filho, durante o parto ou logo após: Pena – detenção, de dois a seis anos.

Roubo: Art. 157 – Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: Pena – reclusão, de quatro a dez anos, e multa. § 1º – Na mesma pena incorre quem, logo depois de subtraída a coisa, emprega violência contra pessoa ou grave ameaça, a fim de assegurar a impunidade do crime ou a detenção da coisa para si ou para terceiro. § 2º – A pena aumenta-se de um terço até metade: I – se a violência ou ameaça é

cometidos no nosso entorno, mas porque estão marcadas por múltiplas vitimizações – a todos os olhos invisíveis - sofridas antes do ingresso na prisão. A violência doméstica, o abuso na infância e a pobreza extrema é uma constante nas três gerações de mulheres reclusas, realidade que convida a uma urgente releitura com recorte de gênero sobre o encarceramento feminino. Para Cláudia, Betânia e Daniela a prática do delito parece funcionar como última instância da rota de vitimização das suas vidas. A cadeia – refúgio aparente – reproduz a lógica de submissão feminina por meio da violência institucional. A atenção às especificidades de gênero, como a promoção da saúde integral da mulher para além da condição materna, sucumbe ante a ideologia da segurança e controle da prisão. O documentário comprova: antes que criminosas, as protagonistas são vítimas sociais da sua própria condição de mulher.

Para discussão:

1. As especificidades do encarceramento feminino favoreceram a recente publicação das *Regras das Nações Unidas para o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras*, internacionalmente conhecidas como *Regras de Bangkok* (2010). Relacione as Regras de Bangkok⁵⁵⁰ com o documentário.
2. Discuta sobre a atenção ao gênero em prisão. Lembre que a literatura criminológica e vitimológica servem como aliadas para fundamentar o presente debate.

Sugestões de leitura:

COLARES, Leni Beatriz C.; CHIES, Luiz Antônio Bogo. Mulheres nas sombras: invisibilidade, reciclagem e dominação viril em presídios masculina-mente mistos. *Revista Estudos Feministas* (UFSC), v. 18, 2010, p. 407-423.

MAPELLI CAFFARENA, Borja; HERRERA MORENO, Myriam; SORDI STOCK, Bárbara. La exclusión de las excluidas. ¿Atiende el Sistema

exercida com emprego de arma; II – se há o concurso de duas ou mais pessoas; III – se a vítima está em serviço de transporte de valores e o agente conhece tal circunstância. IV – se a subtração for de veículo automotor que venha a ser transportado para outro Estado ou para o exterior; V – se o agente mantém a vítima em seu poder, restringindo sua liberdade. *Latrocínio* (roubo seguido de morte): Art. 157. § 3º – Se da violência resulta lesão corporal grave, a pena é de reclusão, de sete a quinze anos, além da multa; se resulta morte, a reclusão é de vinte a trinta anos, sem prejuízo da multa. BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de Dezembro de 1940. D.O.U. Publicado em 31 de dezembro 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm . Acesso em agosto de 2014.

550 ONU. Regras de Bangkok, 2010. Regras das Nações Unidas para o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras. Disponível em: <http://www.onu.org.br/>. Acesso em agosto de 2014.

Penitenciario a las necesidades de género?: una visión andaluza. *Estudios Penales y Criminológicos*, v. 13, 2013, p. 59-95.

SCHROEDER, Simone; DAVILA, Michele N.; CANTO, Maria José A.; CORREA, Virgínia B. D. Penitenciária Feminina Madre Pelletier – uma construção interdisciplinar para o acesso à Justiça. *Direito e Psicologia: O desafio da Interdisciplinaridade*. Raquel S. Silveira (org.). Porto Alegre: UniRitter, 2011, p. 171-192.

Sobre o filme:

Título original: *O cárcere e a rua*

País de origem: Brasil

Gênero: documentário

Classificação: 12 anos

Tempo de duração: 80 minutos

Ano: 2004

Direção: Liliana Sulzbach

Carandiru: massacre numa prisão brasileira

Gilberto Thums⁵⁵¹

O filme conta a história do maior massacre de presos da história da república brasileira. Para pôr fim a uma rebelião de presos no maior presídio da América Latina, a polícia militar de São Paulo invadiu o Carandiru com o propósito de matar, sem critério e sem piedade, os presos do pavilhão 9. Foram 111 pessoas mortas. Elas estavam desarmadas e em fuga por galerias ou dentro das celas. A execução foi sumária e monstruosa. O filme é baseado no livro “Estação Carandiru”, de Dráuzio Varella, médico que prestava assistência aos presos e que narra suas experiências com a dura realidade do sistema penitenciário brasileiro, em especial na questão da prevenção e do tratamento da AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis. O massacre ocorreu em 1992. O presídio se chamava Carandiru, porque ficava localizado no bairro homônimo na cidade de São Paulo. Na época da rebelião havia mais de 7.000 presos. Dez anos após, em 8 de dezembro de 2002, o prédio do presídio do Carandiru foi implodido.

O médico se ofereceu para realizar uma experiência de prevenção à AIDS. Seu envolvimento com os presos o motivou a escrever sobre suas histórias. A maioria dos presos é apresentada como pessoas normais, que tiveram apenas desvios de conduta, mas que não são demônios. Muitos querem melhorar sua vida, quando acabar a pena. Há histórias de solidariedade, de organização e um código de conduta dos próprios presos. O filme conta muito mais do que a invasão e o massacre dos presos. De forma inteligente retrata o universo da prisão, composto de pessoas que se relacionam hierarquicamente com jogos de poder, troca de favores, amizades, amores, famílias, etc. O domínio de chefões e o conflito de facções criminosas não era ainda tão marcante na época, embora já existisse. As regras entre presos eram universais e rapidamente assimiladas por todos.

A questão carcerária assume dimensões alarmantes no país hoje. Governos não investem em presídios, quer por questão ideológica, quer por questões de comodismo político, porque o problema prisional não rende votos e também porque o discurso que mais agrada é o de que o governo deve investir em escolas e educação. Ocorre que os últimos governos não investiram, nem melhoraram a educação de modo significativo, nem o sistema prisional. Assim fica difícil! Os presos de alta periculosidade, quando atingem o direito de mudança de regime de pena e não há vagas em face da superlotação, são mandados para sua casa (prisão domiciliar)

⁵⁵¹ Mestre em Ciências Criminais (PUCRS), Professor de Direito Penal (FMP) e Procurador de Justiça do MP-RS.

para aguardar o surgimento de vagas. O caminho fica livre para a prática de novos delitos. O uso de tornozeleiras eletrônicas não se mostra eficiente. Em notícia recente, soubemos que, quando a polícia foi cumprir mandado de busca na residência de um traficante, encontrou um galo no pátio com tornozeleira no pescoço. Seu proprietário estava em regime domiciliar e traficando drogas livremente, enquanto o galo com a tornozeleira dava a aparência de que o preso não saía de casa⁵⁵².

Os presos são pessoas que momentaneamente perderam a liberdade em razão da prática de crime grave, porque os crimes de menor potencial ofensivo não ensejam pena de reclusão em presídio. Nos crimes sem violência, em que a condenação não supera os 4 anos, há o direito de substituir a pena carcerária por penas alternativas. Todavia os presos têm direito a tratamento digno e a respeito aos direitos, que não perderam com a condenação. Presos são seres humanos, e é surpreendente que tal afirmação precise ser feita. Contudo, há um preconceito imenso na sociedade em relação a eles. O Brasil não tem prisão perpétua e o limite máximo de pena previsto na Constituição Federal é de 30 anos. Escutei muitas pessoas comentarem o massacre do Carandiru de forma insensível, referindo-se aos presos como pessoas que pouco significavam e que a perda não seria lamentável socialmente. Isto é assustador! Muitos presos mortos no massacre estavam aguardando julgamento e outros estavam presos por crimes leves. Deveriam estar cumprindo pena em outro regime, semiaberto ou aberto, o que faria com que não estivessem dentro do Carandiru.

O coronel Ubiratan Guimarães, que ordenou a invasão, foi condenado em primeira instância a 632 anos de reclusão pelo massacre no Carandiru e, em grau de recurso, foi absolvido.⁵⁵³ Candidatou-se a cargos eletivos com o número 111, que alegava não ter relação com os 111 presos mortos no Carandiru por policiais sob seu comando.⁵⁵⁴ Mais tarde foi assassinado em casa. A namorada foi acusada e absolvida, em decisão definitiva, em outubro de 2014.⁵⁵⁵ A maioria dos policiais militares que participaram

552 Conforme notícia publicada em 14 de agosto de 2014, disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/08/preso-tirava-tornozeleira-eletronica-e-colocava-em-pescoco-de-galo-no-rs.html>.

553 Conforme notícia publicada em 6 de abril de 2013, disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/04/06/condenado-a-623-anos-por-massacre-coronel-ubiratan-foi-absolvido-e-assassinado-em-2006.htm>.

554 Conforme notícia publicada em 11 de setembro de 2006, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u125837.shtml>.

555 Conforme notícia publicada em 11 de outubro de 2014, disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/10/absolvida-carla-cepollina-diz-que-vai-defender-direitos-humanos.html>.

das execuções foram a julgamento e condenados. Vinte e oito réus ainda aguardavam julgamento para janeiro de 2013. Em abril de 2014, 15 policiais militares foram condenados a 48 anos de reclusão. Na primeira etapa do julgamento ocorrida em abril de 2013, 23 policiais foram condenados a 156 anos de reclusão cada um pela morte de 13 detentos. Na segunda etapa, ocorrida em agosto 2013, 25 policiais foram condenados a 624 anos de reclusão cada um pela morte de 52 detentos que ocupavam o terceiro pavimento do Pavilhão 9. Em 19 de março de 2013, foram condenados 10 policiais militares pela morte de 8 detentos do 5º pavimento. O processo desses policiais foi considerado um dos mais complexos da justiça brasileira.

A questão carcerária assume dimensões nacionais, porque é responsável pelo incremento da violência. Os presídios são controlados por presos, os chamados chefões de facções criminosas. Do interior dos presídios são ordenadas execuções e planejados crimes complexos. O uso de telefones celulares e o consumo de drogas é fundamental para a “paz” (ausência de rebeliões) nos estabelecimentos penais. A maioria dos presos tem “conta-corrente” com os chefões. Isto é, para ter direito de dormir em colchão, ficar vivo e ter acesso a drogas, o preso acumula dívidas, que serão pagas quando o preso obtiver liberdade, quer praticando assaltos, traficando drogas ou matando pessoas. É um círculo vicioso impossível de quebrar. A maioria dos presos colocados em liberdade volta a cometer crimes e retorna ao sistema prisional. O preso perde as últimas reservas morais que eventualmente possa ter, na medida em que lhe é negado direito à dignidade. Os regimes semiaberto e aberto não têm vagas suficientes e os presos ficam indevidamente em regime fechado. Embora o preso tenha o direito a um regime menos severo, fica aguardando a vaga, que o Estado não lhe oferece. Alguns juízes optaram pela prisão domiciliar para que o preso aguarde o surgimento de vaga. Esta decisão é objeto de ferozes críticas. Mas qual seria a solução?

Nos regimes prisionais brasileiros⁵⁵⁶, somente as penas superiores a 8 anos de reclusão (ou de reincidentes) ensejam o cumprimento em regime fechado. Já a pena superior a 4 e até 8 anos deve ser cumprida em regime semiaberto. O regime aberto é destinado às penas até 4 anos, todavia, se

556 “Art. 33, § 2º – penas privativas de liberdade deverão ser executadas em forma progressiva, segundo o mérito do condenado, observados os seguintes critérios e ressalvadas as hipóteses de transferência a regime mais rigoroso: a) o condenado a pena superior a 8 (oito) anos deverá começar a cumpri-la em regime fechado; b) o condenado não reincidente, cuja pena seja superior a 4 (quatro) anos e não exceda a 8 (oito), poderá, desde o princípio, cumpri-la em regime semiaberto; c) o condenado não reincidente, cuja pena seja igual ou inferior a 4 (quatro) anos, poderá, desde o início, cumpri-la em regime aberto.”

o crime é praticado sem violência ou grave ameaça à pessoa, a pena pode ser substituída por penas alternativas⁵⁵⁷ e com isto se evita o encarceramento.

Temos de nos conscientizar de que os presos voltarão a viver em sociedade, quer ao obter livramento condicional, quer por indulto, ou por cumprimento da pena, ou ainda por fuga. Algo deve ser feito para humanizar as cadeias e envolver os presos num processo educacional e de qualificação profissional. Estamos enxugando gelo e com desperdício impressionante de dinheiro. Se nada for feito para mudar o cenário atual, mergulharemos num mar de violência.

Para discussão:

1. A questão prisional no Brasil deveria ser objeto de tratamento mais sério pelos governos. Isto quer dizer que as penas deveriam ser efetivamente cumpridas, e que os presos deveriam ser tratados como seres humanos com dignidade. De que modo a sociedade e os presos se sentiriam atendidos em suas reivindicações de segurança e respeito?
2. O regime semiaberto (em que o preso sai para trabalhar durante o dia e volta para dormir à noite e fica recolhidos nos fins-de-semana) deveria ser extinto, já que, muitas vezes, os presos saem durante o dia para cometem crimes em vez de trabalhar?
3. Qual seria a melhor forma de punir quem comete um crime grave? Como deveria ser o sistema prisional? Haveria possibilidade de privatizar os presídios desde que o controle da execução ficasse com o Poder Judiciário?
4. De que modo a omissão do governo e a falta de controle do que ocorre dentro dos presídios contribui para a manutenção da violência fora dos presídios? Pesquise sobre a atuação das facções criminosas dentro dos presídios e sobre a omissão dos governos para conter tais atos.

Sugestões de leitura:

BITENCOURT, Cezar Roberto. *Falência da pena de prisão – causas e alternativas*. São Paulo: Saraiva, 2011.

VARELLA, Dráuzio. *Estação Carandiru*. Disponível para download gratuito em arquivo eletrônico em <http://www.drauziovarella.com.br/carandiru/index.html>.

557 “Art. 44. As penas restritivas de direitos são autônomas e substituem as privativas de liberdade, quando: I – aplicada pena privativa de liberdade não superior a quatro anos e o crime não for cometido com violência ou grave ameaça à pessoa ou, qualquer que seja a pena aplicada, se o crime for culposo; II – o réu não for reincidente em crime doloso; III – a culpabilidade, os antecedentes, a conduta social e a personalidade do condenado, bem como os motivos e as circunstâncias indicarem que essa substituição seja suficiente.”

Sobre o filme:

Título: *Carandiru*

País de origem: Brasil

Genero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 147 minutos

Ano: 2003

Diretor: Héctor Babenko

Transplante de órgãos

Clonagem para doação de órgãos no filme *Never let me go*

Geórgia de Macedo Garcia⁵⁵⁸

Mariana Corrêa Fernandes⁵⁵⁹

No prólogo do filme é apresentado o contexto em que ocorre a história. Estamos em 1967 quando, conforme o romance, o avanço da medicina chegou a tal ponto que poderia curar o incurável, fazendo com que a expectativa de vida ultrapassasse os 100 anos. Em apertada síntese, o filme conta a história de doadores de órgãos criados artificialmente para satisfazer as necessidades de saúde da população.

Na maior parte do filme, salta aos olhos que os protagonistas (doadores) não só desejam e se orgulham da finalidade que tem suas vidas, como também não questionam o destino a eles designado. Aqui importa lembrar que o autor da obra original, Kazuo Ishiguro, é japonês e, como ele mesmo declarou em entrevista à revista americana *Bomb*, muito embora tenha ido para a Inglaterra aos cinco anos de idade, não se sente inteiramente como os ingleses já que criado por pais tradicionais e sempre em contato com a cultura japonesa, pensando e tendo perspectivas um pouco diferentes das dos ocidentais⁵⁶⁰.

A cultura japonesa é influenciada por inúmeros conceitos tais como o confucionismo, budismo e xintoísmo⁵⁶¹. Dessa confluência de idéias se originou o Bushido, um código de honra (não escrito) do guerreiro japonês, no qual se verificam muitos ideais semelhantes aos tidos pelos personagens, tais como justiça, benevolência e lealdade⁵⁶². O Bushido buscava afastar o guerreiro do medo de morrer pela crença na vida após a morte⁵⁶³.

Em um determinado momento da história, devido ao amor que os dois protagonistas sentem um pelo outro, buscam adiar o seu destino final – mesmo que não intencionem modificá-lo. Anseiam viver egoisticamente e não apenas a vida que lhes foi previamente determinada. O filme leva o espectador a acreditar que esses doadores⁵⁶⁴ são seres humanos, mesmo que plenamente demonstrado que foram criados artificialmente apenas para a manutenção da saúde coletiva. Partimos então do pressu-

558 Bacharela em Direito (FMP).

559 Bacharela em Direito (FMP).

560 SWIFT, Graham. *Kazuo Ishiguro by Graham Swift*. Disponível em: <http://bombsite.com/issues/29/articles/1269>. Acesso em maio de 2014.

561 BUSHIDO. *Sobre o Bushido*. Disponível em: <http://www.bushido-online.com.br/bushido>. Acesso em maio de 2014.

562 SOUSA, Manuel. *A cultura, modos de vida, costumes, tradições, memórias e códigos de conduta Japoneses*. Disponível em: <http://www.slideshare.net/Sousa1973/a-cultura-modos-de-vida-costumes>. Acesso em junho de 2014.

563 BUSHIDO. *Sobre o Bushido...*

564 Doadores é o termo usado para designar os clones.

posto de que são seres que o avanço da ciência proporcionou para o amparo da vida dos humanos. Assim, podemos aplicar a eles os princípios da bioética? São eles sujeitos de pesquisa?

Os princípios da bioética são quatro⁵⁶⁵: autonomia, beneficência, justiça e não-maleficência⁵⁶⁶. Fazemos então um comparativo da definição destes princípios com a realidade apresentada no filme.

Conforme o princípio da beneficência, a participação na pesquisa deve trazer mais benefícios do que riscos à vida dos indivíduos. No filme, resta claro que a vida dos doadores tolera três, no máximo quatro doações, momento em que seus corpos não suportam mais cirurgias devido à retirada dos órgãos internos. Por esse motivo, também resta violado o princípio da não-maleficência, já que não há possibilidade de impor menos riscos ou sofrimento àquele sujeito que dispõe de seus órgãos vitais.

Não há o que se falar em relação ao princípio da justiça, que foi amplamente violado no caso em tese. Isso porque este, analisado à luz do disposto no Relatório Belmont, aborda a questão da distribuição justa em que todos devem ser tratados igualmente. Uma injustiça ocorre quando um benefício que uma pessoa merece é negado sem consistente fundamento, ou quando algum encargo lhe é imposto indevidamente⁵⁶⁷. No filme, resta claro que os receptores são mais importantes que os doadores na medida em que a vida destes é colocada em risco para beneficiar a daqueles. Muito embora a escola Hailsham⁵⁶⁸ acreditasse que tratava e formava os alunos de forma digna, eles não tinham ciência de seus direitos enquanto cidadãos ou enquanto sujeitos de pesquisa, o que nos leva a analisar o princípio da autonomia.

O princípio da autonomia tem como escopo o respeito à opinião do paciente, na medida em que ele é tomado como autônomo e capaz (entendido como aquele sujeito capaz de exprimir sua vontade inequívoca e conscientemente). Contudo, o desenvolvimento do filme clarifica a impossibilidade de se obter daqueles indivíduos elemento volitivo isento, pois desde pequenos foram condicionados a serem solidários para com os outros em detrimento de suas vidas.

565 Conforme acrescentado por Beauchamp e Childress no livro *Princípios da ética biomédica* (tradução livre). BEAUCHAMP, Tom L; CHILDRESS, James F. *Principles of Biomedical Ethics*. 4ed. New York: Oxford, 1994, p. 100-103.

566 DALL'AGNOL, D. *Bioética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

567 USA, Food and Drug Administration. *The Belmont Report. Ethical Guidelines for the Protection of Human Subjects*. Washington. DHEW Publications. Disponível em: http://www.fda.gov/ohrms/dockets/ac/05/briefing/2005-4178b_09_02_Belmont%20Report.pdf. Acesso em maio de 2014.

568 Internato que cuidava e educava os doadores até o final da adolescência, sendo que após iam morar em vilarejos.

Muito embora se trate de uma ficção, que se passa na Inglaterra, é interessante abordar a temática dentro do contexto jurídico brasileiro. De acordo com a Resolução 466/2012⁵⁶⁹ do Conselho Nacional de Saúde, ainda que os consideremos sujeitos de pesquisa, percebemos amplo desrespeito aos princípios da Bioética, bem como a (im)possibilidade de se verificar a vontade e de se obter o seu consentimento. Visto que possuem características da espécie humana e nenhum elemento que os diferencie dessa categoria, vamos partir do pressuposto de que são humanos. Assim, estaríamos diante de doações *inter vivos*?

A doação *inter vivos* é regulamentada pela Lei 9434/1997 (alterada pela Lei 10211/2001) e pelo Decreto 2268/1997. Basta uma análise superficial da legislação vigente para se perceber a inviabilidade deste tipo de doação nos moldes apresentados no filme. Conforme o artigo 9º da Lei 9434/1997, a doação deverá ocorrer mediante autorização judicial, exceto quando entre parentes de até 4º grau⁵⁷⁰. Além disso, conforme o §3º⁵⁷¹, a doação só é viável quando a retirada do órgão não impeça que o organismo do doador continue vivendo de forma íntegra, não apresentando comprometimento de suas aptidões vitais e saúde mental.

Não se pode deixar de mencionar que há rompimento do princípio da justiça tendo em vista que a vida do clone é usada e justificada apenas para garantir a vida de outros membros da sociedade. Em todas estas situações o questionamento ético básico é o de utilizar um ser humano como meio e não como fim. Esta proposição sobre a dignidade humana baseia-se na ética de Kant⁵⁷².

Dessa forma, mesmo que pudéssemos enquadrar este caso nos princípios da bioética ou na legislação vigente, tratar-se-ia, ainda, de uma discussão hipotética, já que a clonagem é expressamente vedada, nos termos

569 BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 196 de 10 de outubro de 1996, que foi substituída pela Resolução n.º 466/2012. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm. Acesso em agosto de 2013.

570 Conforme o artigo n. 1.592 do Código Civil Brasileiro: “São parentes em linha colateral ou transversal, até o quarto grau, as pessoas provenientes de um só tronco, sem descenderem uma da outra.” BRASIL. Código Civil Brasileiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm. Acesso em junho de 2014.

571 “Só é permitida a doação referida neste artigo quando se tratar de órgãos duplos, de partes de órgãos, tecidos ou partes do corpo cuja retirada não impeça o organismo do doador de continuar vivendo sem risco para a sua integridade e não represente grave comprometimento de suas aptidões vitais e saúde mental e não cause mutilação ou deformação inaceitável, e corresponda a uma necessidade terapêutica comprovadamente indispensável à pessoa receptora”. BRASIL. Lei n.º 9434/1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9434compilado.htm. Acesso em junho de 2014.

572 GOLDIM, José Roberto. *Clonagem: aspectos biológicos e éticos*. Disponível em: <http://www.bioetica.ufrgs.br/clone.htm>. Acesso em setembro de 2013.

da instrução normativa 08/1997, da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio)⁵⁷³. A situação é hipotética, porém pertinente no meio acadêmico já que a essência da discussão é hodierna porque se baseia em conflitos éticos enfrentados atualmente nas pesquisas.

Por fim, cabe ainda analisar o filme quanto ao sentido da vida. Há que se ressaltar que as personagens, ainda quando crianças, estudando na Escola Hailsham, ao saberem que o objetivo das suas vidas resumia-se a conseguir atingir um mínimo de três doações de seus órgãos vitais, não relutam. Ao contrário, se mantêm com atitudes condizentes à solidariedade a que foram acorrentados, porque acreditam que aquela realidade não lhes foi imposta e a cumprem por mera liberalidade. Trata-se do campo de submissão total àquilo que lhes foi dito que era o seu destino, tendo em vista que quando os protagonistas se deparam com um motivo que os deixa insatisfeitos com a sua realidade não são capazes de se revoltar e de buscar reformar a situação, mas procuram adiar as doações de órgãos apenas para poderem ter mais alguns anos de vida “livre”.

Como mostrado no filme, a escola onde os personagens estudaram foi o último lugar que criava e se preocupava com a vida dos doadores, isso porque lá os clones recebiam não só cuidados físicos e médicos, como também educação intelectual e artística. Após o seu fechamento, restou apenas a criação em massa de clones visando à cura das doenças, sem qualquer “preocupação ética” com a proveniência dos órgãos. Isso só evidencia que as pessoas preferem a despersonalização dos clones já que não interessam como um fim em si mesmo e sim como um meio, o que resta estampado na fala de uma das personagens:

Usávamos a sua arte para mostrar do que vocês eram capazes. Para mostrar que as crianças doadoras eram humanas. Mas nós estávamos dando resposta a uma pergunta que ninguém fazia. Se vocês perguntarem às pessoas se elas querem voltar à escuridão, aos tempos de câncer de pulmão, de câncer de mama, de doenças neuromotoras, eles vão simplesmente dizer não.

Cabe, por fim ressaltar, que a arte é a forma que tem o ser humano de marcar a sua presença como indivíduos, criando objetos e formas que representam a sua vivência no mundo, o seu expressar de idéias, sensações e sentimentos. Quando o homem faz arte, ele cria um objeto artístico que

573 BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – CTNBio. Instrução Normativa n.º 08/1997. *Diário Oficial da União*, 31 de julho de 1997. Disponível em: <http://www.ctnbio.gov.br/index.php/content/view/11971.html>. Acesso em junho de 2014.

não precisa ser uma representação fiel das coisas no mundo natural ou vivido e sim, como as coisas podem ser, de acordo com sua visão, ou seu desejo⁵⁷⁴. A arte expressa, portanto, uma subjetividade, sendo este o meio encontrado pelo Internato, no momento em que fazia com que os clones realizassem pinturas, de demonstrar a sua humanidade.

Para discussão:

1. Hoje é presente a criação artificial de tecidos humanos para doação, tal como amplamente realizado em implantes de pele. Então, por que é tão chocante, e aparentemente descabido, criar uma vida humana com a finalidade específica de servir como doador de outros órgãos? Por que não há problemas morais em criar pele, que é o maior dos órgãos do corpo humano, e há problema em criar um ser humano inteiro e dividi-lo para retirar partes dele para sucessivas doações? Evidentemente, há um grande problema moral na clonagem de seres humanos para a doação de órgãos. Discuta quais são os problemas morais envolvidos em tal procedimento.
2. Inúmeras semelhanças e diferenças aproximam e afastam clones e seres humanos, tornando-os semelhantes, mas não idênticos. Sabendo disso, haveria necessidade do consentimento dos clones para a doação de seus órgãos ainda que sua existência estivesse condicionada àquele fim?
3. No filme, nos parece que os clones estão presos apenas psicologicamente ao papel a que estão sujeitos enquanto seres necessariamente solidários e benevolentes. Desse modo, qual seria a sua participação na sociedade?
4. Sabidamente utilizou-se como justificativa para a escravidão a idéia de que negros não tinham alma, e, portanto, não eram humanos. A passagem do filme no qual se identifica a arte como expressão da alma não funcionaria em uma perspectiva semelhante, com conclusão oposta? Se os clones expressam sua alma pela arte, então não poderiam ter órgãos vitais retirados para doação, pois seriam tão humanos quanto seus receptores.

Sugestões de leitura:

FONSECA, Ana Carolina da Costa E. Nota sobre o filme *A ilha*. In: *Cinema, ética e saúde*. Ana Carolina da Costa e Fonseca (org.). Porto Alegre: Editora Vestíário, 2012, p. 129.

MARRAMOM, Raquel. Os princípios de bioética: uma análise do filme *A experiência*. In: *Cinema, ética e saúde*. Ana Carolina da Costa e Fonseca (org.). Porto Alegre: Editora Bestiário, 2012, p. 69-74.

574 AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. *Apostila de Arte – Artes Visuais*. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007, p. II.

Sobre o Filme:

Título no Brasil: *Não me deixe jamais*

Título original: *Never let me go*

País de origem: Reino Unido/ Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 103 minutos

Ano: 2010

Direção: Mark Romanek

***O coração de Jenin:* uma história real sobre doação de órgãos para transplante**

Claudia Giuliano Bica⁵⁷⁵

Giovana Tavares dos Santos⁵⁷⁶

O documentário conta uma história que ocorreu em novembro de 2005⁵⁷⁷ no campo de refugiados de Jenin, no norte da Cisjordânia, em Israel. Ele inicia com a morte, mas se reporta à vida e incentiva a doação de órgãos para transplante após a morte, a partir da história de uma criança, que foi alvo de atiradores israelenses.

Um dia após o Ramadã⁵⁷⁸, Ahmed Kathib, um garoto palestino, saiu para brincar com uma arma de brinquedo sem saber que naquela região havia soldados israelenses, que estavam na localidade de Jenin para prender alguns seguidores do *Jihad* (Guerra Santa para os ocidentais). Os soldados tinham a ordem de atirar em qualquer pessoa que estivesse portando uma arma. Um dos soldados avistou o garoto com a arma, e, sem saber que era de brinquedo, atirou na cabeça do garoto. A situação apresentada pode nos fazer refletir sobre a própria ordem que os soldados receberam. Em se tratando de uma criança, não haveria a necessidade de averiguar a situação antes de atirar de forma fatal?

Ahmed foi socorrido e, já no hospital⁵⁷⁹, os médicos informaram a família que, pela gravidade dos ferimentos, a chance de sobrevivência seria mínima. A cena provoca duas discussões importantes, a primeira acerca da maneira como a notícia da gravidade do quadro clínico da criança foi dada à família e a segunda acerca da maneira como o diagnóstico de morte para a doação de órgãos, considerada no Brasil como morte encefálica, foi feito, o que inclui o debate sobre os critérios para se entender que há um quadro de morte encefálica. Cabe lembrar que os critérios para o diagnóstico de morte encefálica não são os mesmos em todos os países do mundo. Cabe ainda discutir sobre eventuais razões religiosas para não doar órgãos ou para não receber órgãos de doador que professa outra religião.

575 Doutora em Patologia (UFCSPA). Professora do Departamento de Ciências Básicas da Saúde da UFCSPA.

576 Bióloga (URI). Mestre em Patologia (UFCSPA). Doutoranda do PPG-Patologia (UFCSPA).

577 O próprio autor do filme vivenciou o fato ocorrido, e o mesmo retornou a Jenin, para acompanhar Ismael (pai do garoto) nesta visita os indivíduos que receberam os órgãos do pequeno Ahmad.

578 Ramadã é o nono mês do calendário islâmico. É o mês durante o qual os muçulmanos praticam o seu jejum ritual. ARAÚJO, Felipe. Ramadã. Disponível em: <http://www.infoescola.com/islamismo/ramada/> Acesso em agosto de 2014.

579 O documentário não deixa claro porque as crianças palestinas são encaminhadas para Hospitais de referências dos Judeus.

O enfermeiro da UTI, ao conversar com o pai do garoto, levantou a possibilidade da doação de órgãos⁵⁸⁰. O pai teria doze horas para decidir sobre o pedido. Ele acaba concordando em doar os órgãos do filho, o que inicialmente não queria. Para que efetivamente ocorresse a doação, segundo a Lei Islâmica, deveria haver autorização do líder do acampamento, bem como de alguma autoridade religiosa.

O chefe dos militantes do campo de refugiados de Jenin afirma no próprio depoimento não ser contra salvar vidas alheias. O líder religioso, primeiramente referiu-se a princípios religiosos. Deus disse que o homem é sagrado, sendo os cinco pilares do Islã: a alma, a mente, a honra, a religião e o dinheiro. Tais princípios são intocáveis, sendo que o corpo alberga a alma, que somente a Deus pertence, por esta razão estão proibidos de vender ou de doar partes de seu copo em vida, porém após a morte, é permitido doar órgãos, não importa a quem.

Após muita reflexão, os pais do pequeno Ahmed decidiram doar os rins, os pulmões, o fígado, e, se alguém precisasse muito, autorizariam inclusive doar o coração da criança. No Brasil a doação de órgãos está mais difundida entre a população, por começarem a constituir equipes especializadas que trabalham dentro dos hospitais quando há um potencial doador e, fora dos hospitais, discutindo a importância da doação para salvar vidas.

Mas ainda há uma carência de doadores em todo País, além da grande dificuldade em função de problemas encontrados na hora da captação dos órgãos doados. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos, Valter Garcia, no Brasil são feitos por ano apenas cerca de 15 mil transplantes, e a fila de espera é de 70 mil pessoas.⁵⁸¹ Cada doador pode salvar até oito vidas. E o número de transplantes feitos poderia ser muito maior se mais famílias doassem os órgãos dos seus familiares.

No documentário, repórteres, na sala de espera durante a cirurgia, conversaram com pais e responsáveis dos receptores dos órgãos de Ahmed, e lhes perguntaram se haveria preferência pela origem do doador dos órgãos, se árabe ou judeu, e esta pergunta gerou uma situação desconfortável entre os presentes, pois entre eles havia preconceito em relação aos árabes. E o doador era árabe.

580 Um fato importante que surgiu no documentário é sobre o conceito de morte. Não observamos o pleno entendimento no documentário no momento que é revelado ao pai da criança a forma do diagnóstico de sua morte, uma vez que aparece no documentário a seguinte frase: “Ahmed foi socorrido, e já no hospital os médicos informaram à família que as possibilidades de sobrevivência seriam mínimas. Ora, possibilidades mínimas, não indicam morte. O diagnóstico de morte encefálica exige critérios rígidos.

581 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS. Registro Brasileiro de Transplantes. <http://www.abto.org.br/>. Acesso em agosto de 2014.

O pai de Ahmed afirma que enfrentar a morte do filho foi muito difícil, e para encontrarem algum conforto, criaram um centro para a paz, onde acolhem crianças que buscam abrigo, além de amigos de Ahmed, que podem encontrar um ambiente educativo e cultural em seu tempo livre. Como o caso teve grande repercussão, atingindo a mídia internacional, e foi possível conhecer as famílias do doador e dos receptores, Ismael, após um ano, tentou visitar as famílias dos receptores. Mas na primeira tentativa, acabou sendo impedido por inúmeras dificuldades devido a conflitos entre os países. O pai do garoto afirma ainda que sua atitude humanitária irritou os Israelenses, que o julgaram por entregar o corpo do próprio filho para o “inimigo”, mas Ismael afirma que as crianças não são suas inimigas. Dado o tamanho dos órgãos, se o doador é uma criança os receptores devem ser igualmente crianças. O pai do doador tem a ludicez, num contexto de guerra, de quão inocentes são as crianças, independente da nacionalidade e da religião que professam.

As famílias daqueles que receberam os órgãos do garoto foram contatadas pelos documentaristas para saber se receberiam Ismael. Das cinco famílias beneficiadas, três consideraram a possibilidade. Uma delas, de judeus ortodoxos, quando questionada sobre a possibilidade de encontrar a família do doador, que é muçulmano, afirma que poderiam apenas conhecê-los, para demonstrar sua gratidão, no entanto, não consideraram a possibilidade de tornarem-se amigos íntimos, por entenderem que seus povos seguem valores muito distintos. Entretanto, durante o encontro, o pai da garota receptora pediu desculpas pelas palavras mencionadas durante a cirurgia, quanto à origem do doador.

O pai do garoto finaliza o documentário afirmando que ele, como palestino, deseja a paz, para que não ocorram mais histórias tristes como a de seu filho. A doação dos órgãos salvou a vida de cinco pessoas, uma criança não sobreviveu. Duas das famílias dos receptores preferiram não participar do documentário.

O documentário foi feito pelo cineasta alemão Marcus Vetter e faz parte de um projeto maior. Marcus Vetter entende que sua iniciativa de esperança vai além do documentário e continua com o projeto Cinema Jenin. Além de elaborar o documentário, ele reinaugurou um cinema para transmitir o próprio filme numa localidade onde há vinte anos não havia salas de cinema.

Para discussão:

1. Discuta sobre os dilemas éticos que antecedem e que sucedem a doação de órgãos no documentário. Quais destes dilemas poderiam estar presentes na sociedade brasileira, dada a diferença de contexto. Lembre-se que não estamos em guerra com pessoas que seguem outra religião. Apesar das diferenças religiosas, o Brasil é fundamentalmente um país cristão, apesar de laico.
2. Pesquise sobre a influência da religião no processo de doação de órgãos em diferentes países. Liste argumentos religiosos favoráveis e contrários à doação de órgãos. Há diferença se esta doação ocorre após a morte do doador ou entre pessoas vivas?
3. Qual é a importância da abordagem por uma equipe especializada em captação de órgãos para transplante quando da conversa inicial com a família?
4. A mídia exerce influência no processo de doação de órgãos? Pesquisa sobre a influência positiva e sobre a influência negativa da mídia nos índices de doação de órgãos para transplante.

Sugestões de leitura:

CHOUDHURY, D.; JOTTERAND F.; CASENAVE, G.; SMITH-MORRIS, C. Independent donor ethical assessment: aiming to standardize donor advocacy. *Progress in Transplantation*. 24(2),2014. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24919733>.

KHAYAT, Rasha. O coração de Jenin traz esperança de paz entre palestinos e israelenses. *DW Notícias*. 08 de maio de 2009. Simone Lopes (rev.) Disponível em: <http://www.dw.de/filme-o-cora%C3%A7%C3%A3o-de-jenin-traz-esperan%C3%A7a-de-paz-entre-palestinos-e-israelenses/a-4229407>.

PEÑA, A.M. The side-effects of the “Facebook effect”: challenging Facebook’s “organ donor” application. *the journal of Clinical ethics*. Spring; 25(1):65-7, 2014. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24779320>.

SALIM, Ali; LEY, Eric J.; BERRY, Cherisse; SCHULMAN, Danielle; NAVARRO, Sonia; ZHENG, Ling; CHAN, Linda S. Increasing organ donation in hispanic americans the role of media and other community outreach efforts. *JAMA Surgery*. 149(1):71-76, 2014. Disponível em: <http://archsurg.jamanetwork.com/article.aspx?articleid=1772378>.

TARHAN, Merve; DALAR, Levent; YILDIRIMOGLU, Huseyin; SAYAR, Adnan; ALTIN, Sedat. The View of Religious Officials on Organ Donation and Transplantation in the Zeytinburnu District of Istanbul. *Journal of Religion and Health*. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10943-014-9851-1>.

Sobre o filme:

Título original: *Das Herz von Jenin*

Título no Brasil: *O coração de Jenin*

País de origem: Palestina

Gênero: documentário

Classificação: 12 anos

Tempo de duração: 60 minutos

Ano: 2008

Direção: Marcus Vetter e Leon Geller

Os limites da ciência: uma abordagem bioética e jurídica do filme *A ilha*

Rosa Gonçalves Corrêa⁵⁸²

O filme trata de questões de manipulação genética⁵⁸³, tais como clonagem humana⁵⁸⁴, utilização de órgãos para fins de transplante, reprodução humana⁵⁸⁵ para adoção e da influência de interesses, sobretudo econômicos, que acarretam o tratamento do ser humano como um produto. A ficção, ora apresentada, serve como análise de críticas sobre

582 Bacharela em Direito (FARGS). Pós-graduada em Direito de Família Contemporâneo e Mediação (FADERGS).

583 Tratamos da manipulação genética em sentido estrito, por isso não foi utilizada a terminologia engenharia genética, que dá ênfase a manipulações genéticas de caráter amplo. Neste sentido é pertinente o esclarecimento de Paulo Vinícius Sporleder de Souza: “Em sentido amplo pode se entender crimes de manipulação genética aquelas condutas que, realizadas por procedimentos experimentais ou investigatórios, reproduzam, selecionem ou alterem a constituição do genoma de qualquer ser vivo, com fins não terapêuticos. Num sentido mais estrito, agora então relacionando especificamente ao homem, podemos conceituar manipulações genéticas como aquelas condutas que, por motivos experimentais ou investigatórios, realizadas por procedimentos intra e extrauterinos, reproduzam, selecionem ou resultem na modificação do genoma não patológico de um ser humano, compreendidas todas as suas fases de desenvolvimento (pré-embrião, embrião, feto e sujeito já nascido).” SOUZA, Paulo Vinícius Sporleder. *A criminalidade genética*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001, p. 87.

584 A clonagem humana envolve as questões da fascinação que despertam a curiosidade e os questionamentos acerca de sua possível realização. Ficção ou realidade este tema já vem de longa data sendo discutido. “Você me permite cloná-lo? Não causaria espanto deparar-se com uma pergunta como esta. O atual avanço da biotecnologia nos permite imaginar uma empresa especializada em clonagem humana, oferecendo, naturalmente, seus serviços desta maneira [...] A perspectiva da clonagem de humanos desencadeou, então, os mais diferentes interesses no meio científico, os quais impactaram a população e mobilizarão todos os segmentos da sociedade.” KIPPER, Délio José; MARQUES, Caio Coelho; FEIJÓ, Anamaria (Org.) *Ética em pesquisa: Reflexões*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p.61.

585 No Brasil, pesquisas que envolvem seres humanos são reguladas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) criado pela resolução 196 de 1996 pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), que em sua Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, disciplina o que é, como e de que forma e quais os procedimentos para que seja realizada pesquisas com seres humanos, enquadrando-se neste rol o que se refere a reprodução humana no item “II.13-” pesquisa em reprodução humana - pesquisas que se ocupam com o funcionamento do aparelho reprodutor, procriação e fatores que afetam a saúde reprodutiva de humanos, sendo que nesses estudos serão considerados ‘participantes da pesquisa’ todos os que forem afetados pelos procedimentos dela; Item II.14. Pesquisa envolvendo seres humanos - pesquisa que, individual ou coletivamente, tenha como participante o ser humano, em sua totalidade ou partes dele, e o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos.” Disponível em: <http://http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em janeiro de 2013.

a utilização da avançada biotecnologia⁵⁸⁶ de uma perspectiva futura e de como estes recursos juntamente com os valores⁵⁸⁷ sociais, éticos⁵⁸⁸ e jurídicos serão norteados.

A ficção se passa no ano de 2019 em um complexo subterrâneo criado pelo Dr. Merrcki, idealizador e executor do projeto, que mantém o local habitado por adultos de várias idades e de ambos os sexos, sem terem entre si laços familiares. O ambiente tem infraestrutura futurista e os habitantes do local vivem num severo regime de vida. Todos possuem um código de identificação biológica e comportamental, uma espécie de pulseira magnética, que registra suas atividades físicas e biológicas, tais como: a alimentação, o que eles devem ou não ingerir, se têm algum tipo

586 Conceito de biotecnologia: “1 estudo e desenvolvimento de organismos geneticamente modificados e sua utilização para fins produtivos 2 tecnologia desenvolvida a partir de conhecimentos de uma ou de várias áreas da biologia, ger. Com finalidade reprodutiva. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: objetiva, 2001, p. 458. Em relação ao avanço das ciências nesta área acaba por gerar um sentimento incontroverso diante de valores norteados pela sociedade e principalmente pelo não acompanhamento jurisdicional – legal, pois tais recursos que permeiam as pesquisas ocorrem muito rapidamente. “Por isso mesmo, procura-se traçar limites, estabelecer distinções entre bem e mal uso das novas tecnologias, convocando-se o direito não apenas para inscrever as proibições, mas também para absorver as transformações operadas na vida e consolidar as balizas éticas que orientem para o fluxo contingencial das condutas em face dos avanços da ciência.” MINAHIM, Maria Auxiliadora. *Direito Penal e Biotecnologia*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005, p.28.

587A noção de valores engloba a reunião de preceitos objetivos sociais, culturais, subjetivos entre outros. Com relação aos valores estudam-se três linhas de definição: “Os valores e os bens são os elementos objetivos para alcançar nosso destino. São esses valores que os escolásticos chamavam de ‘bonum’ e Aristóteles de ‘bem’, que ocupam um capítulo importante no conceito da ética[...]Valor é uma realidade subjetiva. Toda nossa vivência de valores é algo subjetivo[...] Sartre fundamenta seu pensamento subjetivista a respeito dos bens e valores , na sua conferência em Paris: ‘O Existencialismo é um humanismo’ ... Resumindo a sua teoria de valor, pode-se afirmar: valor é sentimento... Valor é uma realidade objetiva. O próprio bem é um valor em si, independente da minha vivência subjetiva, conforme os tomistas e aristotélicos[...]. Valor é uma ideia, uma qualidade ideal, universal e abstrata, conforme os platônicos. Criamos valor raciocinando a respeito do mundo e tudo que nos rodeia.” HERMANS, Wilhelmus Godefridus. *Ética: ensaio sociofilosófico*. Brasília: OAB Editora, 2004, p. 47-50.

588 Importante estudar a conceituação ampla geral de ética. “Com a expressão *ethos* os gregos antigos queriam significar aquela dimensão da vida humana sobre que incidem norma, *nomoi* , normas destinadas a fornecer parâmetros para decidir entre opções de conduta futura igualmente possíveis e mutualmente contraditórias. Sua aplicabilidade prática, porém , permanece fiel ao sentido original de hábito, uso, costume, direito. Sobre a ética aplicada: “ Seus problemas típicos são, por exemplo, a igualdade ou desigualdade racial, e sexual dos seres humanos; a relação entre a decisão que busca afastar o conflito e a noção de justiça; direitos humanos e aborto; eutanásia; manipulação genética.” ADEODATO, João Maurício. *Ética e retórica: para uma teoria da dogmática jurídica*. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 139-140.

de problema físico, biológico, bem como questões de obediência e ordem que são comportamentais.

Diversas são as regras que visam a padronizar o comportamento dos moradores do complexo, a vestimenta é sempre de cor branca com modelo igual para todos, devem ser feitas atividades físicas regularmente, a atividade laboral é desenvolvida diariamente. Apesar de o lugar ser simples e de aparência fria, o convívio é agradável e proporciona uma vida aparentemente saudável⁵⁸⁹ aos seus habitantes. Os moradores acreditam que ocorreu uma contaminação global, que matou quase todos os seres vivos do planeta e ainda oferece riscos iminentes caso entrem em contato com o mundo exterior. Eles estão acomodados onde moram por suporem que são sobreviventes e convictos de que tiveram sorte por terem sido salvos e escolhidos por habitar um local seguro. O sonho que cada um alimenta é ser transferido para a chamada ilha, único local do Planeta, além do complexo, que não estaria contaminado. Semanalmente ocorrem sorteios de transferências para a ilha. Algumas mulheres eram escolhidas com o fim

589Traçando um paralelo com a ficção e a realidade, mister se faz abordar a relação do que se entende por saudável, por saúde. A Organização Mundial da Saúde em sua Constituição no ano de 1946 definiu o termo saúde: “É um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença e de enfermidade.” OMS. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organização-Mundial-da-Saúde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em junho de 2014. Esta definição vem sendo ao longo das décadas criticada uma vez que não engloba em si as qualificações para se obter uma vida saudável, e deixando margem de outros questionamentos acerca do que se refere o bem-estar: “Procurar-se-á, no presente artigo, fundamentar objeções à definição de Saúde da OMS. Trata-se de definição irreal por que, aludindo ao ‘perfeito bem-estar’, coloca uma utopia. O que é perfeito bem-estar? É por acaso possível caracterizar-se a ‘perfeição’? A definição de saúde da OMS está ultrapassada porque ainda não faz destaque entre o físico e mental e o social”. FERRAZ, Flávio Carvalho; SEGRE, Marco. *O Conceito de Saúde*: Revista de Saúde Pública. São Paulo v. 31, nº 5, Oct. 1997. Disponível em http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101997000600016&lang=pt. Acesso em junho de 2014. Na ficção a noção de saúde se resume apenas em função do físico do organismo e seus órgãos estarem em perfeitas condições de funcionamento, metabolismo, imunidade, etc. Condições estas imprescindíveis para o fim da utilização dos seres clonados, servirem de tratamentos aos seus “patrocinadores”, desprezando qualquer tipo de preocupação com a saúde mental, psíquica destes, por serem relegados seres sem sentimentos. Muitas são as concepções sobre o que realmente interfere na saúde humana, algumas teorias relacionam ao meio ambiente onde se insere o indivíduo, seu modo de vida, hábitos, entre outros fatores. “Hipócrates, filósofo grego que viveu no século IV a.C., refere a influência da cidade e do tipo de vida de seus habitantes sobre a saúde e afirma que o médico não cometerá erros ao tratar as doenças de determinada localidade quando tiver compreendido adequadamente tais influências.” HIPPOCRATES. Thomas, 1950. p. 90-111, apud DALLARI, Sueli Gandolfi. *O Direito à Saúde*. Revista Saúde Pública v. 22 n.1 São Paulo, 1998. Disponível em http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101988000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em maio de 2014.

de reprodução – barrigas de aluguel⁵⁹⁰ – e automaticamente, quando ocorresse o parto, teriam a oportunidade de ir para a famosa ilha, sendo uma exceção à regra dos sorteios.

O filme tem como personagem principal Lincoln Six-Echo, um jovem rapaz que passa a se perguntar acerca do local onde moram, mostra-se desconfiado de todo aquele mundo que o cerca. Lincoln diante de suas dúvidas e indagações, sobre o tipo de vida que leva, tenta buscar respostas e fazer descobertas para esclarecer suas inquietações.

Ele conhece a jovem Jordan Two-Delta e se tornam amigos, porém, o contato entre ambos é vigiado por guardas, que solicitam o respeito à distância física mínima exigida. Segundo as regras de convívio do local, não pode haver aproximação e intimidade entre os moradores.

Lincoln em determinada ocasião tem acesso a uma espécie de hospital onde presencia uma cirurgia sendo realizada em um homem, com o objetivo de lhe retirarem todos os órgãos para serem posteriormente transplantados. Sendo que o homem que passa pela cirurgia havia sido um dos escolhidos recentemente para ir para a ilha. Logo em outra sala vê o que acontece com uma das mulheres escolhidas para reprodução que após dar à luz é morta com uma substância injetável, sendo o bebê imediatamente levado para outro ambiente em que um casal no caso os pais do bebê aguardava sua entrega. Lincoln, apavorado com tudo que descobriu, entende que todos são prisioneiros e que a chamada ilha não existe, sendo que os escolhidos vão direto para morte.

No Brasil, a Lei 9.434/1997 regulamenta a doação de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento. No caso do filme, se fosse aplicada nossa Legislação, a forma de obtenção dos órgãos exibida no filme seria ilegal, não vindo ao encontro de preceitos éticos e médico-legais para realizar tal procedimento, sendo que um ser vivo não pode doar um órgão que não lhe seja duplo de acordo com a referida Lei.⁵⁹¹

590 Entende-se por barriga de aluguel: “Popularmente conhecida como barriga de aluguel, devido ao seu caráter remunerado em alguns países pioneiros, a reprodução humanamente assistida através de um útero de substituição, segundo o médico Arnaldo Schizzi Cambiaghi[2], consiste em uma “[...] doação temporária de um útero para uma mulher que não possa engravidar” Tal procedimento é permitido nos casos em que a mulher, não pode engravidar sem que ocorra risco à sua vida, ou nas situações onde não consegue engravidar por algum problema clínico, sendo primordial em ambos os casos um parecer médico.” MENDES, Marisa Schimitt Siqueira; QUEIROS, Yuryn Augusto dos Santos. *Barriga de Aluguel: Legalizar?* Disponível em: [http:// jus.com.br/artigos/26030/barriga-de-aluguel-legalizar](http://jus.com.br/artigos/26030/barriga-de-aluguel-legalizar). Acesso em julho de 2014.

591 Lei 9.434/97, art. 9º “É permitida à pessoa juridicamente capaz dispor gratuitamente de tecidos, órgãos e partes do próprio corpo vivo, para fins terapêuticos ou para transplantes em cônjuge ou parentes consanguíneos até o quarto grau, inclusive, na forma do § 4º

Lincoln e Jordan descobrem que são clones⁵⁹² “produtos” que eram adquiridos por pessoas ricas que investem para ter à sua disposição órgãos compatíveis em caso de necessidade de transplantes e as mulheres para servirem, se necessárias, também de barrigas de aluguel. As pessoas que investem na promessa de solução para seus futuros problemas de saúde são chamadas de patrocinadores.

A lei 11.105/2005⁵⁹³ disciplina a Política Nacional de Biossegurança (PNB), cria o Conselho Nacional de Biossegurança (CNBS), e reestrutura a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio). Essa lei dispõe sobre os Organismos Geneticamente Modificados (OGM). Em seu artigo 3º define o que é clonagem, e no artigo 6º veda tal possibilidade em humanos:

Art. 3. Para os efeitos desta Lei, considera-se:

VIII- clonagem processo de reprodução assexuada, produzida artificialmente, baseada em um único Patrimônio genético, com ou sem utilização de técnicas de engenharia genética;

IX – clonagem para fins reprodutivos: clonagem com a finalidade de obtenção de um indivíduo; X – clonagem terapêutica: clonagem com a finalidade de produção de células-tronco embrionárias para utilização terapêutica;

Art. 6. Fica proibido:

V – clonagem humana

deste artigo, ou em qualquer outra pessoa, mediante autorização judicial, dispensada esta em relação à medula óssea.” E, a seguir, no § 3º “Só é permitida a doação referida neste artigo quando se tratar de órgãos duplos, de partes de órgãos, tecidos ou partes do corpo cuja retirada não impeça o organismo do doador de continuar vivendo sem risco para a sua integridade e não represente grave comprometimento de suas aptidões vitais e saúde mental e não cause mutilação ou deformação inaceitável, e corresponda a uma necessidade terapêutica comprovadamente indispensável à pessoa receptora.” Temos também na referida lei que retirar órgãos de pessoas vivas é um crime, conforme o art. 14, § 4º – “Se o crime é praticado em pessoa viva e resulta morte: Pena - reclusão, de oito a vinte anos, e multa de 200 a 360 dias-multa”. BRASIL. Lei 9.434 de 4 de fevereiro de 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9434.htm. Acesso em junho de 2013.

592 “Clone origina-se, etimologicamente, do grego Klón, que significa broto, e definido como ‘um conjunto de indivíduos originários de outros por multiplicação assexual. Todos os membros de um clone têm o mesmo patrimônio genético.’ Ferreira ABH. 1999, p. 336, *apud* BRAZ, Marlene; CASTRO, Lucíola. Clonagem Humana: proibir ou normatizar? Revista Brasileira de Bioética, v. 3 n. 4, 2007, p. 455. “Por definição, portanto, o clone implica em indivíduos geradores e reprodução assexuada, aplicando-se o termo a células, organismos ou pessoas: quando se fala em células derivadas de célula-tronco.” BRAZ, Marlene; CASTRO, Lucíola. *Clonagem Humana: proibir ou normatizar?* Revista Brasileira de Bioética, v. 3, n. 4, 2007, p. 455.

593 BRASIL. Lei 11.105 de 24 de março de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11105.htm. Acesso em março de 2013.

Questiona-se sobre o que nos traz à baila o filme, no que diz respeito à busca incansável e ambiciosa do prolongamento da vida através da clonagem humana, da possibilidade de conservação constante da saúde, pela obtenção de avanços biotecnológicos que retardem o perecimento natural do organismo humano. Lamentavelmente, nesta busca ambiciosa não são ponderados valores éticos.

O mínimo que se espera de todos os profissionais ligados nestas áreas (incluem-se cientistas, biólogos, médicos, entre outros) é o compromisso de responsabilidade para com a dignidade⁵⁹⁴ e os limites de respeito à vida do ser humano.

Diante de tais preceitos com relação à manipulação e aos avanços biotecnológicos o que se entende por agir com responsabilidade? Seria o agir com responsabilidade o elo entre ética aplicada e conduta moral diante das manipulações genéticas em suas pesquisas e avanços?

Com o escopo de refletir sobre a questão da responsabilidade busca-se entendimento sobre a responsabilidade moral na visão nietzscheana, o trabalho aborda a responsabilidade moral sob o aspecto dos valores:

O sujeito responsável em Nietzsche não é responsável porque a sociedade lhe exige um tipo de conduta, mas porque o próprio sujeito reconhece que deve (no sentido moral) adotar certas condutas e, por isso, é responsável tanto pela realização, como pelas consequências ora de sua ação, ora de sua omissão. As afirmações feitas a respeito do colapso da responsabilidade jurídica se aplicam no mesmo sentido à responsabilidade moral.⁵⁹⁵

Na mesma esteira remete-se à responsabilidade não apenas subjetiva, mas no sentido de dever de conduta objetiva no cumprimento de disposto no ordenamento jurídico no que disciplina as pesquisas e os métodos envolvendo seres humanos. Neste sentido o ramo da bioética e do biodi-

594 Neste caso se atenta para a dignidade voltada ao caráter de princípios norteadores da bioética para direcionar ao tema específico das manipulações genéticas: Princípio da beneficência, Princípio da não maleficência, Princípio do consentimento informado, Princípio da Justiça. Pautados nestes princípios tudo o que de certa forma ir contra a máxima destes princípios fere o indivíduo em sua dignidade. Em oposição à clonagem humana por ferir a dignidade humana tem-se vários posicionamentos tais como: “A ameaça a dignidade, por considerar que a prática da clonagem convidaria a ver os clones como indivíduos feitos por encomenda, isto é, poderiam ser produzidas crianças com genomas de especial interesse para os que fazem a clonagem e, portanto, seriam seres criados para servir como simples meios e não como um fim em si mesmos.” BRAZ, Marlene; CASTRO, Lucíola. Clonagem Humana: proibir ou normatizar? *Revista Brasileira de Bioética*, v. 3 n. 4, 2007, p. 459.

595 FONSECA, Ana Carolina da Costa. *Uma leitura nietzscheana da questão da responsabilidade moral*. Porto Alegre, 2010. p.129.

reito⁵⁹⁶ se fazem presentes. Com os princípios norteadores da bioética e do biodireito, busca-se dar um norte em questões polêmicas envolvendo pesquisas com seres humanos, bem como a utilização de qualquer material genético humano. Com base nos estudos bioéticos há de se estabelecer uma “ponte de equilíbrio” nos avanços da biotecnologia, para que não sejam afrontados demais valores⁵⁹⁷:

O objetivo desta disciplina, como eu vejo, seria ajudar a humanidade em direção a uma participação racional, mas cautelosa, no processo da evolução biológica e cultural. Escolho “bio” para representar o conhecimento biológico, a ciência dos sistemas vivos, e ‘ética’ para representar o conhecimento dos sistemas de valores humanos.⁵⁹⁸

O ramo jurídico tenta acompanhar os avanços ocorridos nessa área, construindo um posicionamento de acordo com os fatos e descobertas, que proporcionam disciplinar tais procedimentos. Diante das hipóteses e das questões levantadas, a análise do filme ajuda a repensar sobre várias esferas, tais como a jurídica e a ética, para assim serem construídas críticas e posicionamentos em relação a tais práticas e pesquisas envolvendo manipulações genéticas, pesquisas com seres humanos, visando ao mesmo tempo os avanços nesta área e em contrapartida o não retrocesso de todos os benefícios trazidos pela ciência, que, agindo com responsabilidade e compromisso com a saúde e dignidade humana⁵⁹⁹, deve direcionar

596 Defino biodireito como: área de estudos bioéticos no ramo do direito que trata de questões, polêmicas que são disciplinadas através de órgãos competentes, por Comitês de Ética em Pesquisa em leis específicas, instruções normativas, entre outras.

597 No que tange a questão dos valores, estuda-se a teoria dos valores ou filosofia dos valores, a fim de se relacionar a importância da valoração da vida humana: “[...]o significado desta vez prático da Teoria dos Valores, na sua relação direta com a vida. Se, de facto, o sentido da vida se acha dependente dos valores a que está referida, através da qual estes alcançam a sua objectivação, é evidente que a plena realização do sentido da nossa existência dependerá também, em última análise, da concepção que tivermos acerca dos valores[...] Só conhecemos os homens quando conhecemos os critérios de valoração a que eles obedecem; e destes que dependem em última análise o seu caráter e o seu comportamento em face das situações da vida.” HESSEN, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Tradução de Cabral de Moncada, Editor sucessor, Arménio Amado. Coimbra: 1980, p. 22-24.

598 PESSINI, Leocir. *Problemas Atuais de Bioética*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, Loyola, 2005, p. 24.

599 “O Princípio da Dignidade da Pessoa humana encontra no debate bioético sua mais ampla referência e, sem dúvida nenhuma, é o ponto de convergência de todas as discussões. A noção de dignidade humana está inserida em nossa cultura desde tempos imemoriais e, na era da biotecnologia, ela se faz presente, contrapondo-se frontalmente ao domínio da técnica sobre o homem, á ideia de *reificação* ou instrumentalização do corpo, da vida e da liberdade humana.” BRAUNER, Maria Claudia Crespo. *Direito, Sexualidade e Reprodução Humana: Conquistas médicas e o debate bioético*. Rio de Janeiro: Renovar, 2003, p.168.

suas aplicações calcadas no princípio da beneficência.⁶⁰⁰

Para discussão:

1. De acordo com as disposições e informações que temos atualmente sobre a proibição da clonagem humana, isto não limita o fascínio pelo assunto. Em 2001 foi exibida pela Rede Globo, uma novela que discutia o tema cujo título era: *O clone*, trazendo à tona questionamentos ético, científicos, jurídicos, sociais, em torno da criação de um clone humano por um cientista. No caso do filme *A ilha*, o Dr. Marrick foi mais além da vaidade de um cientista em superar e realizar uma manipulação científica surpreendente, não sendo um simples “brincar de ser Deus”, como vulgarmente se referem aos cientistas mais ousados. Como você explica a questão da ambição humana de ter domínio sobre o corpo humano de aumentar a expectativa de vida propondo isso com base em um ser geneticamente manipulado?
2. De acordo com a legislação brasileira vigente que regula a doação de órgãos, devem ser respeitados certos limites e regras para ser realizada. Sabemos que o transplante de órgãos foi um avanço da medicina para salvar vidas, mas em contra partida também sabemos que o número de doadores de órgãos ainda não é suficiente, as filas de pessoas aguardando por um transplante é grande. Preocupante é a ideia que a ficção aborda sobre a disposição de órgãos humanos sem nenhuma ponderação ética, de valores humanos, isto nos faz pensar sobre o tráfico de órgãos humanos, que não deixa de ser um “mercado negro” que é praticado em outros países. Qual o seu posicionamento a respeito?
3. Sabemos que existem limites legais e ético-profissionais, para serem seguidos no que diz respeito às pesquisas com seres humanos. Até que ponto você concorda que estudos e experiências com seres humanos são produtivas, e quando e por que se tornam inviáveis para contribuir para a evolução científica? Discuta tal questão de diversas perspectivas: social, filosófica, moral, cultural, legal.

Sugestões de leitura:

MINAHIM, Maria Auxiliadora. *Direito Penal e Biotecnologia*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005.

OLIVEIRA, Simone Born de. *Da Bioética ao Biodireito: Manipulação genética e dignidade humana*. Curitiba: Juruá, 2004.

600 Conceituação de Princípio da Beneficência: “No seu significado filosófico moral, quer dizer fazer o bem. A beneficência, conforme alguns dos autores representativos da filosofia moral que usaram o termo é uma manifestação da benevolência.” CLOTET, Joaquim. *Bioética: Uma aproximação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 59.

PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul. *Problemas atuais de Bioética*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2007.

SÁ, Maria de Fátima Freire. *Biodireito e direito ao próprio corpo: doação de órgãos, incluindo o estudo da Lei n. 9.434/97*. Belo Horizonte: Del Rey, 2000.

SOUZA, Paulo Vinícius Sporleder. *A criminalidade genética*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *A ilha*

Título original: *The island*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: ficção científica/ação

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 136 minutos

Ano: 2005

Direção: Michael Bay

Discriminação racial

As diversas nuances da violência em *A cor púrpura*

Isabella Moreira dos Santos⁶⁰¹

Marianne Le Bourlegat⁶⁰²

Baseado no romance⁶⁰³ epistolar da escritora Alice Walker, a película se passa no sul dos Estados Unidos da América, no início do século XX e conta a história de Celie, uma jovem negra e semianalfabeta, sem contato com o mundo fora do local onde vive. Exibindo diversas formas de violência e opressão, a obra aborda temas como abuso sexual, violência doméstica, discriminações de gênero, classe social e etnias, retratados pelos duros acontecimentos na vida de duas irmãs negras, Celie e Nettie.

Celie, a irmã mais velha, fora violentada por seu pai aos 14 anos de idade, tornando-se mãe de duas crianças, e devido a complicações perde a capacidade de engravidar novamente. Nessas cenas iniciais já podemos observar o ciclo de violência em sua vida, pois o próprio pai, quem deveria lhe inspirar carinho, confiança e segurança, oferece-lhe o contrário: falta de afeto, ambiente perigoso e ameaçador, permeado de violência familiar e doméstica⁶⁰⁴, com abusos físicos e psicológicos. Pouco tempo depois do nascimento, as crianças são tiradas à força de Celie por seu próprio pai, impedindo-a de cuidar de seus filhos e exercer sua maternidade. Separada de seus filhos, ela é forçada a casar com Albert, um senhor mais velho que inicialmente demonstra interesse em casar com sua irmã Nettie. O pai recusa a proposta inicial e oferece Celie, alegando que Albert ficará satisfeito com ela, mesmo sendo feia. Nesse ponto, observamos a contínua violência psicológica⁶⁰⁵ que passa a personagem, sendo depreciada e humi-

601 Bacharelada em Fonoaudiologia (UFCSPA).

602 Bacharelada em Medicina (UFCSPA).

603 *A cor Purpura* de 1982, livro escrito por Alice Walker, ganhadora do prêmio Pulitzer de literatura. Mais informações sobre o trabalho da autora disponíveis em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/182069-11>. Acesso em agosto de 2014.

604 A violência intrafamiliar e violência doméstica - acontece dentro de casa ou unidade doméstica e geralmente é praticada por um membro da família que viva com a vítima. As agressões domésticas incluem: abuso físico, sexual e psicológico, a negligência e o abandono. BRASIL. Ministério da Saúde. *Violência Intrafamiliar: orientações para a Prática em Serviço*. Brasília DF: Ministério da Saúde; 2002. Disponível em: http://bvms.saude.gov.br/bvms/publicacoes/cdo5_19.pdf. Acesso em abril de 2014.

605 Como violência psicológica entende-se condutas que causem dano emocional ou que prejudique e perturbe o desenvolvimento, através de ação ou omissão destinada a degradar ou controlar comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica. BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm. Acesso em abril de 2014.

lhada, suportando tais agressões calada; e, com o casamento é separada de sua irmã, a única pessoa que demonstra amor a ela.

Privada do convívio com os filhos e a irmã, e sendo tratada como escrava pelo marido, chamado por ela apenas de “*Mister*” (senhor em inglês) demonstrando a submissão imposta, a protagonista passa a viver longe daqueles por quem possui afeição. Uma das frases que marcam o tratamento dirigido a Celie dita por *Mister* é “Olha só pra você. É negra, pobre, feia, é mulher. Você não é nada!”. Já na chegada a casa de Albert, os filhos dele a apedrejam. Assim, percebe-se que a personagem continua a ser alvo de diversos tipos de violência mesmo em outro ambiente. Muitas vezes, as seqüelas psicológicas são ainda mais graves que seus efeitos físicos, pois a experiência do abuso destrói a auto-estima, expondo o abusado a um risco mais elevado de sofrer problemas mentais, como depressão e fobia social, que por conta dos eventos traumáticos, assume conduta evitativa e apatia emocional⁶⁰⁶. Nota-se tais características manifestas em Celie nas situações em que se esquivava de *Mister* pelos cômodos da casa, também pela sua falta de vínculos afetivos e sociais.

Sem ver solução para esses abusos, ela se vê impotente diante de tal situação, sentindo-se cada vez mais solitária e triste, não tendo com quem compartilhar suas dores e anseios e seus poucos momentos de alegria. Em meio aos dissabores vividos, ela começa a escrever e descobre nas palavras um meio para aliviar sua dor. Primeiramente suas cartas são endereçadas a Deus, e embora não domine corretamente a escrita, narra da forma que pode seu cotidiano e sentimentos, mostrando como o ato de expor seus pensamentos, mesmo que em papel e para ela própria, vem a ser rico e libertador. Depois passa a escrever e trocar cartas com sua irmã Nettie, agora missionária na África. Através das cartas, Celie descobre uma forma de desabafo em um mundo onde não tem voz, e vai adquirindo consciência do seu valor, o qual após tantas humilhações, ela já não conseguia enxergar.

A vida ganha mais cor quando ela conhece mulheres corajosas para se espelhar. Uma delas é Shug Avery, cantora de blues e amante de *Mister*, a qual ele de modo desrespeitoso trás para morar em sua casa junto a sua esposa. Shug é o oposto de Celie. Destemida, impetuosa, cheia de auto-estima, não se submete a ninguém, sendo por isso mal vista por toda a cidade. Contrariando as expectativas, ela e Celie tornam-se amigas, e

606 DAY, Vivian Peres; TELLES, Lisieux Elaine de Borba; ZORATTO, Pedro Henrique; AZAMBUJA, Maria Regina Fay de; MACHADO, Denise Arlete; SILVEIRA, Marisa Braz; DEBIAGGI Moema; REIS, Maria da Graça; CARDOSO, Rogério Göettert; BLANK, Paulo; *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*. Rev. psiquiatr. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 25, supl. 1, Apr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010181082003000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em maio de 2014.

Shug ajuda Celie a romper o ciclo de violência a qual está inserida, incentivando-a a ter autonomia e esperança para lutar e realizar o sonho de reencontrar sua irmã, e quem sabe o paradeiro de seus filhos. Outra dessas mulheres é Sofia, a esposa de Harpo, filho do *Mister*. Sofia possui personalidade forte, e quando Harpo pergunta a Celie o que ele deve fazer para acalmar o temperamento de Sofia, ela lhe responde “bate nela”. Nessa resposta intrigante, vemos como a violência contra a mulher reflete consequências negativas na sociedade em geral, à medida que afeta tanto o indivíduo que sofre a ação violenta, quanto aos demais a sua volta, atingindo integrantes da família e pessoas do convívio social⁶⁰⁷. Celie vivia numa realidade onde o homem impunha-se sobre a mulher de forma violenta, e ser vítima dessa violência a levou a atitudes agressoras contra mulheres também, porque para ela tornou-se comum mulheres serem agredidas, visto que era como as via serem tratadas.

Sofia anos mais tarde sofre de discriminação racial e social, e acaba sendo presa. Após cumprir sua pena, ela é condenada a ser empregada de uma mulher branca da alta sociedade. Com isso, Sofia continua privada da liberdade e de ver seus filhos crescerem. Observamos nessas cenas mais uma vez as profundas marcas da discriminação e da violência física, moral e psicológica na vida das mulheres da época, independente de possuírem personalidades mais ativas ou passivas. Contudo, ao conviver com essas mulheres que compartilham de suas lutas, Celie não se sente mais sozinha e sem voz, descobre o amor próprio já outrora esquecido, e busca com todas as suas forças recuperar sua dignidade e brio, tão desprezados pelos demais.

A violência e suas facetas

A obra toca ao mostrar uma realidade ainda atual, e faz o expectador refletir sobre diversas formas de violência e opressão. Faz pensar também acerca da desigualdade, mostrando o descaso com que as mulheres foram, e ainda são tratadas em diferentes âmbitos e locais, e o quão importante soam os princípios de igualdade e respeito para o sujeito humano. Mas mesmo o princípio da igualdade, como é formalmente expresso em lei⁶⁰⁸,

607 DAGORD, All. *Violência contra a mulher: ainda um desafio*. In: Nunes MR. *Os direitos humanos das mulheres e das meninas: enfoques feministas*. Porto Alegre (RS): Assembleia Legislativa; 2002.

608 O princípio da igualdade prevê a igualdade de aptidões e de possibilidades virtuais dos cidadãos de gozar de tratamento isonômico pela lei. O princípio da igualdade na Constituição Federal de 1988 encontra-se representado, exemplificativamente, no artigo 4º, inciso VIII, que dispõe sobre a igualdade racial; do artigo 5º, I, que trata da igualdade entre os sexos. Mais informações disponíveis em: <http://anajus.jusbrasil.com.br/noticias/2803750/principio-constitucional-da-igualdade>. Acesso em maio de 2014. BRASIL.

que visa zelar pelos direitos e deveres iguais entre mulheres e homens, não erradica a discriminação pungente, construída devido a diferentes posições e papéis que se esperam de mulheres e homens na sociedade.

A desigualdade nos direitos civis e sociais permeou e ainda permeia a vida de muitas mulheres ao longo da história. A violência apresenta caráter social como expressão de estruturas de dominação (de classes, grupos, indivíduos, etnia, faixas etárias, gênero, nações)⁶⁰⁹, com origem nas estruturas sociais, políticas, econômicas e nas consciências individuais, em que o patriarcado e sua forma de estrutura social exerceram, e ainda exercem papel influenciador nas condutas de homens e mulheres. O patriarcado, mesmo com origem remota, teve profunda influência sobre a maioria dos aspectos da civilização moderna, em diferentes aspectos culturais⁶¹⁰. Porém, sociedades baseadas nos princípios patriarcais, no qual o homem (no papel de marido ou de pai) é o ator fundamental da organização social, e exerce a autoridade sobre as mulheres, os filhos e os bens materiais e culturais estão em declínio em esfera global, dando lugar a novas dinâmicas familiares e sociais, visando uma sociedade com maior igualdade de direitos entre homens e mulheres.⁶¹¹

Em 18 de dezembro de 1979 foi promulgada, no âmbito das Nações Unidas, a Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres⁶¹² visando à promoção da igualdade de gênero e a proteção aos direitos objetivos e subjetivos reivindicados para mulheres

Constituição da República Federativa do Brasil 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em agosto de 2014.

609 MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *Hist. cienc. Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, Nov. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701997000300006&lng=en&nrm=iso Acesso em maio de 2014.

610 Por exemplo, mulheres ainda não possuem autorização para dirigir na Arábia Saudita, e sua educação, corpos, e vestimentas são controlados e vigiados. Para mais informações sobre tais questões, ver o artigo *O sonho de Wadjda* presente nesse livro.

611 ALVES, José Eustáquio D.; CAVENAGHI, Suzana M. Indicadores de Desigualdade de Gênero no Brasil. *Mediações. Revista de Ciências Sociais*, volume 18 n 1 p 8, abl. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/16472>. Acesso em junho de 2014.

612 Diz respeito a um Tratado Internacional como instrumento na luta pela igualdade de gênero e contra a discriminação, que apresenta resoluções, declarações e recomendações aprovadas pelas Nações Unidas e pelas agências especializadas para favorecer a igualdade de direitos entre o homem e a mulher Adotada pela Resolução 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 18 de dez. de 1979 – ratificada pelo Brasil em 01 de jan. de 1984. ONU. Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1979). Resolução 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 18.12.1979 – ratificada pelo Brasil em 01 de fevereiro de 1984. Disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/discrimulher.htm>. Acesso em junho de 2014.

em diversos países. Em alguns países esses direitos são ignorados legislativamente e culturalmente, já em outros são garantidos pela constituição. Em território nacional, a Constituição Federal de 1988 visa garantir que todos são iguais perante a lei⁶¹³ sem distinção de qualquer natureza. Há também instrumentos jurídicos para combater a violência contra a mulher⁶¹⁴ como a lei Maria da Penha, com mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.⁶¹⁵

Denunciando a desigualdade

O cinema, ao retratar o social com realismo, nos proporciona observar que, mesmo em diferentes períodos, o ser humano discriminou seu próximo de muitas formas, assim o filme também nos remete a discriminação pela cor da pele. O racismo é um preconceito contra um “grupo racial”, geralmente diferente daquele a que pertence o sujeito que discrimina, e, como tal, é uma atitude subjetiva gerada por uma sequência de mecanismos sociais. Nos Estados Unidos da América de 1909, época em que se ambienta o filme, o racismo da supremacia branca era imposto aos negros de muitas formas: terrorismo da *Ku Klux Klan*, os linchamentos, o poder branco ilimitado na prática, a violência do Estado e a segregação

613 A Constituição Federal de 1988 dispõe em seu artigo 5º, caput, sobre o princípio constitucional da igualdade, perante a lei, nos seguintes termos: Artigo 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes. BARRETO, Ana Cristina T. Carta de 1988 é um marco contra discriminação. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2010-nov-05/constituicao-1988-marco-discriminacao-familia-contemporanea>. Acesso em junho de 2014.

614 Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher - Convenção de Belém do Pará (1994): define como violência contra a mulher “qualquer ato ou conduta baseada nas diferenças de gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Aponta, ainda, direitos a serem respeitados e garantidos, deveres dos Estados participantes e define os mecanismos interamericanos de proteção. BRASIL *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher*. Promulgada por meio do decreto nº 1973, em 1º de agosto de 1996. Brasília. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=122009>. Acesso em agosto de 2014.

615 Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha) Brasília, 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha) Brasília, 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.mulheresdireitos.org.br/publicacoes/LMP_web.pdf. Acesso em agosto de 2014.

legalizada.⁶¹⁶

Paralelamente no Brasil do início do século XX, apesar do reconhecimento da igualdade formal perante a Lei Áurea desde 1888, não houve políticas de facilitação para inclusão dos negros na sociedade, fazendo com que continuassem sendo marginalizados e vistos como inferiores pela população branca⁶¹⁷. Posteriormente, através da Constituição Federal de 1988 o racismo tornou-se um crime inafiançável e imprescritível, e através da promulgação da lei nº 7716⁶¹⁸ determina-se pena de reclusão a quem tenha cometido atos de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião em procedência nacional. Hoje, no Brasil, nos Estados Unidos e em muitos países o racismo e o sexismo estão perdendo ímpeto. Os princípios básicos de igualdade racial e igualdade de gênero fazem parte do direito, das políticas públicas e da mentalidade da maioria das pessoas¹⁸. Importante ressaltar que junto ao cumprimento legislação está o papel da saúde pública no atendimento e na capacitação de profissionais da saúde para estarem aptos a lidar com determinadas situações, além de constante suporte aos profissionais de saúde envolvidos nesses atendimentos, pois a colaboração interdisciplinar e a ação multiprofissional auxiliam as vítimas de violências a melhorarem sua qualidade de vida.

Considerando essencial a proteção aos direitos humanos pelo Estado de Direito, a violência, em suas diversas nuances, fere a pessoa humana e sua dignidade, sendo dever do Estado manter a segurança dessas. Também concerne à comunidade combater atos discriminatórios e estigmas sociais que contribuem para a perpetuação de desigualdades. Independentemente da condição social, pigmentação da pele, sexo ou gênero, todos nascem livres e iguais em dignidades e direitos, e merecedores de respeito, condições tão primordiais para todos, muitas vezes, infelizmente, ignoradas.

616 SÃO PAULO. Secretaria da Saúde. Relatório Geral do Grupo Internacional de Trabalho e Consultoria: *Além do racismo - Abraçando um futuro interdependente*. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/profissional-da-saude/grupo-tecnico-de-aco-es-estrategicas-gtae/saude-da-populacao-negra/documentos-tecnicos/alem_do_racismo.pdf. Acesso em junho de 2014.

617 ARAUJO Neto, Fernando Peixoto de; SILVA, Homero Batista Mateus da. *Estudo do combate à discriminação racial como modo de afirmação dos Direitos Fundamentais no âmbito laboral*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Direito (catálogo USP), São Paulo, 2011-12-09, p. 24. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/.../Fernando_Peixoto_de_Araujo_Neto_ME.pdf. Acesso em agosto de 2014.

618 BRASIL. Lei nº 7716, de 5 de janeiro de 1989. Brasília, 5 de janeiro de 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em agosto de 2014.

Para discussão:

1. No filme, Celie sofre diversas formas de violência. A violência tem diversas facetas, podendo ser encontrada em diversos meios e em diversas formas, como no próprio ambiente doméstico, inclusive por pessoas próximas. Discuta sobre os tipos de violência e suas consequências.
2. Em relação aos direitos da mulher, muita coisa mudou comparando a época em que se passa o filme aos dias atuais, porém, o preconceito e a desigualdade continuam existindo. Pense a respeito do sofrimento que as formas de preconceito e desigualdade fomentam e como combatê-los.
3. Discuta de que forma profissionais de diferentes áreas podem colaborar com o rompimento do ciclo da violência doméstica e racial.
4. O direito a igualdade é garantido pela Constituição Federal no Brasil; porém na prática muitas vezes presenciamos diversas formas de discriminação. Visto que perante a lei a igualdade está garantida, quais passos dar, como sociedade e indivíduos, em direção a garantir a igualdade em ações cotidianas?

Sugestões de leitura:

BERTULIO, Dora Lucia de Lima. *Considerações sobre a discriminação de raça e gênero na sociedade Brasileira*. Artigos Científicos, 2001. Disponível em: <http://200.18.45.28/sites/afirme/docs/Artigos/dora02.pdf>

GIORDANI, Anncy Tojeiro. *Violências contra a mulher*. São Paulo: Yendis, 2006.

MOREIRA, Milene. *Violência doméstica e familiar - A Lei Maria da Penha e o Princípio da Igualdade e Dignidade da Pessoa Humana*. Porto Alegre: Núria Fabris, 2011.

THERBORNS, Göran. *Sexo e Poder - A Família no Mundo 1900-2000*. São Paulo: Contexto, 2006.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *A cor púrpura*

Título original: *The color purple*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 154 minutos

Ano: 1985

Direção: Steven Spielberg

Histórias cruzadas: gênero, raça e discriminação

Cora Efrom⁶¹⁹

O filme *Histórias cruzadas*, baseado no livro de Kathryn Stockett, exemplifica um conturbado período na sociedade norte-americana, especialmente no sul do País, local em que transcorre o enredo.⁶²⁰ Contudo, esse é apenas o pano de fundo para as histórias a serem escritas, que também trazem discriminação, desigualdade, segregação, violação não só de raça, de profissão, mas também de gênero como temas relevantes.

A reprodução de um sistema social perverso é notável no filme. Percebe-se que mulheres negras que trabalham na educação e nos cuidados domésticos dos filhos de famílias brancas, as serviçais – que suprem inclusive as carências emocionais desses pequenos sujeitos –, são negligenciadas e abusadas (mesmo sendo, anos mais tarde, empregadas desses mesmos indivíduos que foram por elas criados, mas que reproduzem a conduta social dos seus pais biológicos).⁶²¹ A estagnação da sociedade apresentada é manifesta na fala de Aibileen Clark, ainda no começo do filme. Quando questionada diz que sabia que seria uma empregada doméstica, pois sua mãe havia sido uma e sua avó teria sido escrava de casa, em três gerações, portanto, aquela era a função que lhes coube. Antes de adentrar na discussão sobre o filme em si, deve-se ter em mente que muitas das práticas retratadas nele (como a marcação nas folhas do papel higiênico para controle do seu uso ou não, ambiente insalubre, descontos autoritários no pagamento, imputação de provas de furto) podem ser caracterizadas não só como assédio no ambiente de trabalho⁶²², mas principalmente como

619 Bacharela em Direito (UFRGS), especialista em Direito Médico (Verbo Jurídico) e bacharelada em Psicologia (UFSCPA).

620 A história se passa em Jackson, Mississippi e o momento histórico, década de 1960, é chamado de movimento pelos direitos civis, quando se organizam ações contra a segregação, opressão e violência à população negra norte-americana. Maiores informações disponíveis em: <http://www.history.com/topics/black-history/civil-rights-movement>. Acesso em agosto de 2014.

621 Fica claro no filme que tais mulheres educam as crianças para viverem também dentro daqueles padrões sociais, pois é dessa forma que mantêm seus empregos, mas, apesar disso, criam laços afetivos. Como no exemplo da Skeeter e sua babá, que a assistia em diferentes situações ao longo do seu desenvolvimento, inclusive sobre seu não enquadramento nos padrões sociais e estéticos dispostos naquele tempo.

622 O ordenamento jurídico brasileiro não dispõe atualmente de uma conceituação para assédio moral no trabalho, mas é comum o uso da conceituação dada pela psicóloga francesa Marie-France Hirigoyen, que descreve como condutas que: “manifestando-se sobretudo por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos que possam trazer dano à personalidade, à dignidade, ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pôr em perigo seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho”. HIRIGOYEN, Marie-France. *Assédio moral: a violência perversa do cotidiano*. Rejane Janowitz (trad.). Rio de Janeiro:

desrespeito aos direitos humanos fundamentais⁶²³. Há a desconsideração do outro como um indivíduo moral e racional que deve ser tratado com dignidade, infringindo a liberdade dessas mulheres de conseguir optar por qualquer trabalho, de escolher uma carreira, de ter uma ocupação sem perseguição, ou abusos arbitrários.

As violações não se apresentam apenas num âmbito macro (político e comunitário), mas no sofrimento de pequenas práticas diárias de segregação e humilhação, quando, além de mal remuneradas e exploradas em suas funções, não podem sequer utilizar o mesmo banheiro, pois seriam portadoras de doenças diferentes, conforme afirma Hilly, uma típica representante da elite branca da cidade de Jackson. Ela apresenta tal argumento cientificista, com o intuito de justificar de forma racional sua prática, sendo, na verdade, uma forma de consubstanciar as práticas maquiavélicas para perpetuar tal sistema social e seu poder de controle.

Sobre a relação entre patroas brancas e empregadas negras, a pesquisadora, socióloga, Judith Rollins, escreveu, em 1985, *Between women: domestics and their employers*⁶²⁴, em que aborda rituais interpessoais de dominação, identificados e analisados a partir de entrevistas e experiências pessoais com e como empregada doméstica negra, nos Estados Unidos. Novamente, apesar de outro contexto temporal, as práticas parecem ainda nos cercar nos dias atuais, pois se caracterizam por comportamentos que têm por fim confirmar a desigualdade (como manter distância física do patrão, ou lhe fazer questionamentos se colocando de pé e não sentado) ou através de uma espécie de maternalismo, em que a patroa assume um papel de dominação revestido de afeto, destacando que as relações de poder nessas interações ocorre entre mulheres e não como sempre tendemos a conjecturar sob a égide do paternalismo. Essa obra é considerada uma evolução, pois desmistifica o papel da mulher como sempre subjugada. As situações descritas por Judith também podem ser vistas no filme, como quando Hilly se incumbe de decidir sobre um empréstimo para a empregada, apesar de o marido, provedor, estar à mesa presente com ela. Hilly lida com a situação de forma que se coloca numa posição de ouvinte e disponível, mas nega o pedido sob a justificativa de que assim seria melhor para a empregada e que ela a agradecerá um dia pelo ensinamento que estava lhe dando. A ambiguidade da conduta e também a

Bertrand Brasil, 2000, p. 17.

623 Para saber o que são e mais informações sobre direitos humanos veja documentário produzido pela organização United for Human Rights. Los Angeles, USA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uCnIKEOtbfc>. Acesso em agosto de 2014.

624 Entre mulheres: domésticas e sua empregadoras. (tradução da autora). ROLLINS, Judith. *Between Women: Domestics and Their Employers*. Philadelphia: Temple University Press, 1987.

lição que dava à funcionária reforçam sua posição hierárquica superior e ainda agrega um ar de suposta estima.

Há ainda outras discussões que se apresentam no filme. Skeeter, a jornalista branca, que quer escrever sobre a perspectiva das mulheres negras, quem elas são e a sociedade que as envolve, também sofre discriminação. Primeiramente porque, ao invés das colegas de ensino médio, ela não permaneceu na cidade, mas buscou conhecimento e qualificação, não para conseguir um melhor esposo, mas para atender às suas vontades. Sua conduta desviante, se comparada a dos demais, pode ser um exemplo e requer um reenquadramento, que é feito quando Hilly passa a marcar encontros com alguém com que Skeeter possa logo casar e ter filhos (o esperado por qualquer jovem da época). O rechaço por essa vida pré-determinada às mulheres, leva inclusive que sua mãe, Charlotte, a questione se ela não teria “pensamentos não naturais”⁶²⁵, que se referiam à sua orientação sexual, ou seja, se ela gostava de mulheres. A mãe já havia inclusive pesquisado um chá para a cura, pois se esses fossem os pensamentos de Skeeter, ela estaria doente. Essa parte do filme mostra o peso que é dado ao que é considerado como norma social, a heterossexualidade, e a homossexualidade como doença. Sobre isso, convém destacar que:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”.⁶²⁶

Ao mesmo tempo em que o filme desvela o comportamento considerado o mais adequado por e para aquelas mulheres naquela época, ele também apresenta a antítese, a fragilidade e a inabilidade de as mulheres representarem o papel que lhes era rigorosamente imposto como modelar. Quando Aibeleen diz que aquela é uma época em que bebês têm seus bebês e que algumas mulheres não deveriam ter crianças, a personagem questionava a norma e destaca que algo está “errado”. A fala da personagem vem quando reflete sobre o dano que poderia gerar, quando uma mãe não se vincula, não cuida ou rechaça o filho por alguma condição física. Aibeleen, por exemplo, ensinava a criança que cuidava a repetir, para si mesma, diariamente, que ela era gentil, inteligente e importante, mesmo que a mãe a criticasse por estar acima do peso e se sentisse envergonhada por isso frente a suas amigas. Aibeleen antecipava o sofrimento futuro e reforçava as características positivas da criança.

⁶²⁵ Fala literal da personagem no filme.

⁶²⁶ BECKER, Howard Saul. *Outsider* – estudos de sociologia do desvio. Maria Luiza X. de Borges (trad). Rio de Janeiro:Zahar, p.15.

Não era só Skeeter e Aibeleen que estavam procurando mudar as relações e regras que se interpunham, mesmo sob o constante medo pelo o que faziam, já que grupos como *k.k.k.*⁶²⁷ agiam impiedosamente no período. Minny, outra empregada, que também narra sua história para Skeeter, tem um papel central nesse roteiro. A personagem também mostra sua própria conduta pró-ativa, quando deixa de aceitar os desmandes de Hilly, e também quando reage a uma situação de violência doméstica imposta pelo marido. Como descreve Ballone:

A vítima de *Violência Doméstica*, geralmente, tem pouca auto-estima e se encontra atada na relação com quem agride, seja por dependência emocional ou material. O agressor geralmente acusa a vítima de ser responsável pela agressão, a qual acaba sofrendo uma grande culpa e vergonha. A vítima também se sente violada e traída, já que o agressor promete, depois do ato agressor, que nunca mais vai repetir este tipo de comportamento, para depois repeti-lo. (grifo do autor)⁶²⁸

Minny resolve reagir ao marido, e, assim o fazendo, responde a todo esquema social em que subsistia, quando passa a trabalhar com Celia, que era excluída do grupo social de Hilly, mas que não seguia a lógica de preconceitos. Minny rompe inclusive com os prejulgamentos que tinha por patroas brancas, estabelecendo uma relação de assistência mútua com Celia.

Histórias cruzadas nos faz refletir sobre a necessidade da imposição de condutas instituintes⁶²⁹ em situações de grandes violações de direitos básicos. O filme deixa clara a busca daquele tempo por uma sociedade com igualdade de possibilidades e o mínimo de respeito ao tratamento de qualquer ser humano, mesmo que com ações individuais. Como se pode ver, tais são reflexões ainda hoje atuais.

627 K.k.k. é a sigla para *Ku klux klan*, é um grupo de intimidação e violência que foi especialmente atuante na década de 60 com ações terroristas contra negros e brancos que era considerados colaboradores. Mais informações: <http://www.history.com/topics/ku-klux-klan>. Acesso em agosto de 2014.

628 BALLONE G.J.; ORTOLANI I. V.; MOURA E. C. *Violência Doméstica*. In: PsiqWeb. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=89>. Acesso em agosto de 2014.

629 Instituinte é aquela ação que revê e produz novas formas de organização que não são aquelas já consolidadas. BAREMBLITT, G.. *Compêndio de Análise Institucional*. Rio de Janeiro: 3.^a ed., Rosa dos Tempos, 1996.

Para discussão:

1. O Brasil recentemente aprovou uma lei que regula a profissão de empregada doméstica⁶³⁰ concedendo a tais trabalhadoras os mesmos direitos que as em outras atividades. Vendo o filme e considerando a realidade nacional, como você acha que tal legislação vai efetivamente impactar em práticas mais dignas às profissionais dessa área?
2. A partir da análise do texto, pode-se perceber que em diferentes períodos algumas práticas de subordinação são mantidas, seja pelas características de pele, seja pelo gênero e seja, também, pela função laboral que o sujeito executa. Reflita sobre a função e a importância daqueles que lhe cercam e prestam serviços e por que muitas atividades são consideradas inferiores.
3. Ir contra algo que há muito está imposto e consolidado, mas que no período vivido despreza a dignidade ou a existência de outro ser humano exige esforço. Como você acha que pode mudar, de forma a melhorar, a si mesmo e ao ambiente em que você vive?

Sugestões de leitura:

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Cartilha Trabalhador Doméstico. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/trab_domestico/trabalho-domestico.htm.

ROLLINS, Judith. *Between Women: Domestic and Their Employers*. Philadelphia: Temple University Press, 1987.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Histórias cruzadas*

Título original: *The help*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 12 anos

Tempo de duração: 146 minutos

Ano: 2011

Direção: Tate Taylor

⁶³⁰ BRASIL. Emenda Constitucional nº 72, de 2 de abril de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc72.htm Acesso em agosto de 2014.

O morrer

Bicicleta, cuchara, manzana: mal de Alzheimer e fim da vida

Cora Efrom⁶³¹

O documentário *Bicicleta, cuchara, manzana*⁶³² produzido pela Fundação Pasqual Maragall⁶³³ com o apoio de uma série de entidades públicas e privadas, inicia com sua personagem principal, Pasqual Maragall (ex-presidente da Catalunha), afirmando que gostaria que o documentário fosse divertido, pois não queria mais um filme que tratasse dos sujeitos acometidos pelo Mal de Alzheimer⁶³⁴ numa perspectiva que gerasse piedade. Para ele, aquele que é diagnosticado com Alzheimer não é uma vítima, é um ator, um lutador e não um vencido, pois trava batalhas diárias para se adaptar e para manter sua liberdade⁶³⁵ e dignidade. Ao se referir a esse sentimento, que se remete ao olhar dos demais, há uma tentativa de rejeitar a idéia de que o doente é um sofredor, um ente social passivo, fraco que não tem lugar na comunidade e demanda unicamente o cuidado dos outros. O enfermo de Alzheimer é visto pelos demais com lástima,

631 Bacharela em Direito (UFRGS), especialista em Direito Médico (Verbo Jurídico) e bacharelada em Psicologia (UFSCPA).

632 Livre tradução da autora: *Bicicleta, colher, maçã*. O título do documentário faz referência a um dos testes utilizados para corroborar o diagnóstico do mal de Alzheimer, avaliando o processo da memória recente do paciente, quando é solicitado que lembre três palavras diferentes. Há diferentes testes cognitivos que são utilizados para avaliar o estado mental e suas alterações. O Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) é considerado um dos mais utilizados no mundo afirma Machado. O mesmo autor destaca que este método possui sensibilidade e especificidade superior a 80% para diagnóstico de demência. Contudo, tem baixa sensibilidade para comprometimentos leves ou iniciais, requerendo também considerações sobre a escolaridade e cultura do sujeito testado. MACHADO, João Carlos Barbosa. *Doença de Alzheimer. Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 260.

633 Para mais informações sobre a fundação ver: http://www.fpmaragall.org/en_index.html.

634 A Doença de Alzheimer (DA) “faz parte do grupo das mais importantes doenças comuns aos idosos que acarretam um declínio funcional progressivo e uma perda gradual da autonomia, que, por decorrência, ocasionam, nos indivíduos por elas afetados, uma dependência total de outras pessoas. Na DA, esse processo se instala a partir da deterioração das funções cognitivas, do comprometimento para desempenhar atividades de vida diária e da ocorrência de uma variedade de distúrbios de comportamento e de sintomas neuropsiquiátricos.” MACHADO, João Carlos Barbosa. *Doença de ...*, p.260.

635 Liberdade aqui entendida considera os conceitos defendidos por Isaiah Berlin, que remonta a Kant. Segundo essa definição há dois tipos de liberdade: “Liberdade negativa é a ausência de obstáculos, barreiras ou constrangimentos. [...] Liberdade positiva é a possibilidade de agir - ou o fato de atuar - de tal forma a assumir o controle de sua vida e realizar objetivos fundamentais da pessoa” (tradução livre da autora). Autoria desconhecida. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/liberty-positive-negative/>. Acesso em agosto de 2014. Maragall quer, portanto, não só poder agir e ter autonomia para tal, como também não quer ser restrito e controlado pelos demais, por conta de sua doença.

tristeza, comiseração, pois se tende a percebê-lo apenas sob algumas características como a sua idade e a existência de uma patologia grave de evolução gradual (que pode ser tortuosa e que demanda ajustes nas rotinas conforme seu desenvolvimento), o que, muitas vezes, desconsidera o restante da existência daquele sujeito e o descaracteriza.

Outros indivíduos de diferentes nacionalidades (EUA, Holanda, Índia) também são apresentados no filme, demonstrando que a doença afeta qualquer etnia, sexo, condição social e existe certa correspondência no que tange aos exames clínicos e de imagem, assim como, aos fatores de risco para a doença. Além disso, após o diagnóstico, a piora é inexorável para todos, não havendo atualmente uma cura.⁶³⁶

O tema da doença é abordado de uma forma mais realista: por meio da evolução da enfermidade num sujeito concreto, Maragall. O documentário demonstra a afetação no comportamento, nas capacidades laborais, no humor, na desinibição e mostra também os reflexos desses sintomas – que são muito variados – na família e nas pessoas que cercam a personagem. Conforme afirma Teixeira e Caramelli, esse mal caracteriza-se por:

déficit progressivo da memória associado ao comprometimento de outras funções cognitivas, como linguagem, habilidades visuoespaciais e visuoperceptivas, [...] Além de alterações cognitivas, a DA apresenta uma série de sintomas comportamentais [...]. Os mais frequentes são apatia, depressão e agitação/agressividade.⁶³⁷

A partir do diagnóstico⁶³⁸, o projeto de vida de Maragall é, então, reordenado para seu tratamento e para a busca pela cura da doença, afas-

636 Apesar do surgimento de pesquisas, até hoje o que existe é a redução, remissão ou estagnação da evolução de alguns sintomas associados normalmente a doença e não da doença em si, que só pode ser efetivamente confirmada por exames de tecido cerebral possíveis apenas *post-mortem*. É importante destacar que alguns sintomas, contudo, podem ser derivados de outras comorbidades, além da Doença de Alzheimer, muitas comuns a sujeitos idosos. Conforme a ABRAZ, “a doença de Alzheimer não deve ser a principal hipótese para o quadro demencial quando houver evidências de outras doenças que justifiquem a demência”. Para acompanhar as atualizações científicas desta área, basta acessar o site da ABRAZ que procura ser cuidadosa na publicização de novas curas ou descobertas. ABRAZ. Associação Brasileira de Alzheimer. Disponível em: <http://abraz.org.br/>. Acesso em julho de 2014.

637 TEIXEIRA, Antônio Lúcio; CARAMELLI, Paulo. Neuropsicologia das demências. *Neuropsicologia: teoria e prática*. Daniel Fuentes (org.). Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 357.

638 “Embora esteja ultrapassado o conceito de que as demências ocorram de forma inevitável com o envelhecimento, as dificuldades para o seu diagnóstico persistem, particularmente na fase inicial do processo, quando não raro, o paciente está alheio aos seus déficits cognitivos ou tenta minimizá-los e disfarçá-los para não serem notados.” MACHADO, João Carlos Barbosa. Doença de..., p.260.

tando-se do seu cargo público. As novas circunstâncias, motivaram-no a travar uma batalha pessoal que o levou à criação da Fundação, com o intuito de motivar e de assistir projetos de pesquisa inovadores e não convencionais que visassem à cura ou à estabilização da doença, mesmo que ele não pudesse se beneficiar dessa iniciativa⁶³⁹. A Fundação Pasqual Maragall tem, ainda, como objetivo promover o maior conhecimento da Doença de Alzheimer, pois, conforme relatado no documentário, permanece vigorando, nos dias de hoje, o segredo e a vergonha em muitas famílias que possuem membros com a doença. Maragall quis, portanto, publicizar seu diagnóstico, para que houvesse maior preocupação e atenção pelos enfermos, servindo também como um amparo moral para as famílias poderem tolerar mais facilmente a repercussão pessoal e social da patologia. A tentativa de Maragall considerou que, além do comprometimento e da afetação física e emocional do acometido pela Doença de Alzheimer, tal demência é percebida como uma doença familiar e social, já que pode gerar conflitos, desagregação e desestruturação das relações interpessoais, além de demandar processos e estratégias adaptativas que repercutem nas diferentes esferas ambientais do doente.⁶⁴⁰

Outro tema abordado no documentário se remete a qual o melhor cuidado para com sujeito diagnosticado com Alzheimer, uma vez que existem debates sobre a permanência em casa, o cuidado por familiares ou profissionais, e sobre a institucionalização, tal situação fica demonstrada no caso de Maragall que busca constantemente manutenção da sua identidade, caracterizada por sua autonomia, e também a crescente necessidade de ajuda. Nesse intrincado antagonismo, deve-se considerar uma série de aspectos, como: a opção do enfermo, se a estrutura familiar é adequada e capaz de suportar as necessidades emocionais e clínicas, as situações estressoras que surgem na permanência em casa, a situação financeira. Para gerar essa e outras reflexões, ao longo do documentário, uma série de especialista é chamada a falar sobre assuntos que atravessam o tema do Alzheimer, explicando, inclusive aquilo que se passa com a personagem principal. Numa dessas análises, é discutido o aumento da população idosa e, conseqüentemente, dos casos de Alzheimer, assim como a saturação dos sistemas de saúde que não estariam percebendo que a doença terá status de epidemia se medidas preventivas não forem

639 Como apresentado no documentário, Maragall mostra-se ciente de que pesquisas de tal cunho demoram anos até que cheguem a algum processo, droga, ou mesmo descoberta significativa e só, então, poderiam ser utilizadas na população em geral. Contudo, sem o investimento de tempo, dinheiro e conhecimento adequado isso demoraria ainda mais.

640 MACHADO, João Carlos Barbosa. Doença de..., p. 278. TAVARES, Almir; VIEIRA, Cláudia Caciquinho. Sintomas Psicológicos e Comportamentais nas Demências. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 361-375.

adotadas e novas drogas não forem pesquisadas. Segundo o médico e professor João Carlos Barbosa Machado, a doença se encontraria entre as principais causas de mortalidade e incapacidade, considerando dados estatísticos estimados. Ela também representará sozinha (em 2030) um custo equivalente ao total aplicado em todos os cuidados da saúde despendidos em todas as patologias em 2006, nos EUA, desconsiderando, ainda nesse cálculo para 2030, as despesas indiretas (como por exemplo o tempo dos cuidadores, a perda de produtividade dos cuidadores, o impacto na saúde do cuidador).⁶⁴¹

Críticas e ponderações sobre a Doença de Alzheimer, comuns também a outros processos de demências, são abordados e o documentário é muito feliz naquilo que se propõe a fazer, conscientizar e tornar pública uma doença próxima de todos, que repercute na vida e na estrutura política e social de qualquer cidadão do mundo. Ao assisti-lo fica incontestável a maior atenção que sistemas de saúde e políticas públicas⁶⁴² devem desprender para essa patologia. Salienta-se também o trabalho individual e absolutamente imperioso que profissionais da saúde desenvolvem caso a caso, ou que deveriam fazê-lo, diagnosticando ainda precocemente o mal, independente do estrato social (já que poucos possuem as condições e influências de Maragall), tal conduta possibilita uma melhor preparação do enfermo, de sua família e de sua comunidade.

Para discussão:

1. A população mundial vem envelhecendo e, como consequência, há um aumento do número de incidência de patologias exclusivas ou frequentes a faixas etárias mais avançadas, como foi destacado no filme. Deve-se dar atenção maior e conseqüentemente mais investimentos de pesquisa e de suporte social e político conforme uma doença afeta mais ou menos uma faixa etária?
2. Além do doente, aqueles que o cercam também têm suas vidas influenciadas. O Estado estaria dando o apoio adequado aos diferentes níveis que são comprometidos pelo mal de Alzheimer? Como ele poderia fazer isso?

641 MACHADO, João Carlos Barbosa. *Doença de...*, p.260.

642 No Brasil, vigora hoje a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, que traz aplicações e conceitos gerais nesse âmbito. Não se vinculando a especificidades das síndromes demenciais, mas atribuindo ao enfermo de tal patologia caráter de “idoso frágil ou em situação de fragilidade”. BRASIL, Política Nacional da Pessoa Idosa. Portaria n.º 2.528 de 19 de outubro de 2006. *D.O.U. de 20 de outubro de 2006*. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/738747/pg-142-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-20-10-2006>. Acesso em agosto de 2014. Para ver mais sobre saúde do idoso e legislação: BRASIL, Ministério da Saúde. Legislação Federal da Saúde. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/legislacao/idoso_outros_direitos.php. Acesso em agosto de 2014.

3. A necessidade de ajuda e a busca por autonomia é um dilema constante no documentário. Como você percebe o sujeito acometido pela Doença de Alzheimer e a função do cuidador nesse dilema?

Sugestões de leitura:

ABRAZ. Associação Brasileira de Alzheimer. Disponível em: <http://abraz.org.br/>.

CHAIMOWICZ, Flávio. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. *Revista de Saúde Pública*. vol.31, n.2, 1997.pp. 184-200. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v31n2/2170.pdf>.

Sugestão de filme:

POLLEY, Sarah; MUNRO, Alice (autores). POLLEY, Sarah (dir.). *Away from her* (Título no Brasil: *Longe dela*). Canadá, 2006. Drama. Classificação: 12 anos. Tempo de duração: 110 minutos.

Sobre o filme:

Título original: *Bicicleta, cuchara, manzana* (*Bicicleta, cullera, poma*, em catalão)

País de origem: Espanha

Gênero: documentário

Classificação: livre

Tempo de duração: 106 minutos

Ano: 2010

Direção: Carles Bosch

O turista suicida: suicídio assistido e a promoção da autonomia

Camila Añez⁶⁴³

“Se você ficar totalmente paralisado, sem poder falar, nem mexer os olhos, nem os braços, como conseguirá comunicar aos outros que você está sofrendo?”⁶⁴⁴ Craig Ewert, foi professor universitário e ao descobrir que tinha uma doença neurológica degenerativa irreversível, decidiu adiantar a sua morte aos 59 anos, no dia 26 de setembro de 2006 na Clínica Dignitas⁶⁴⁵, Suíça. A frase destacada foi dita por Ewert e encontra-se no documentário *O turista suicida*⁶⁴⁶ (2008). Nele, acompanham-se os últimos dias de um homem decidido a morrer antes que a doença se agravasse ainda mais. Durante aproximadamente uma hora, vê-se, de modo claro e preciso, o sofrimento físico e psicológico de Ewert, as reflexões dele em relação à vida e à morte, os seus medos, a sua determinação, a sua lucidez e o amor pela esposa e filhos. Um homem que apesar de padecer de uma doença que ele jamais teria escolhido, não permite que ela continue tomando conta de sua vida e decide que a morte não é mais um mal a ser evitado e sim um bem. Observa-se que o seu último ato de autonomia se deu através do suicídio assistido. O documentário também mostra a entrevista de Ewert com o médico responsável pela Clínica Dignitas, a sua relação com a esposa e os procedimentos finais para colocar em prática o tão esperado momento: a morte.

O caso de Ewert leva a refletir sobre diversas questões, entretanto, limitar-se-á à reflexão filosófica sobre dois pontos: i) o suicídio assistido é permissível moralmente? e; ii) o que é autonomia?

Atualmente vive-se na era em que a tecnologia e o avanço das pesquisas médicas em prol da vida são cada vez mais bem-sucedidos. Os discursos legais e sociais giram em torno de se ter o direito à vida e à liberdade.⁶⁴⁷ Estes tipos de discursos, geralmente se respaldam em documentos oficiais como Constituições e a Declaração Universal de Direitos Humanos (1948).⁶⁴⁸ Entretanto, em algumas circunstâncias, por exemplo,

643 Bacharelada em Filosofia (UFSC).

644 Tradução nossa.

645 A Clínica Dignitas é uma associação suíça que visa a auxiliar a morte de pacientes que procuram os seus serviços. Ela possui permissão legal do país e foi fundada em 1998. Disponível em: http://www.dignitas.ch/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=44&lang=en. Acesso em julho de 2013.

646 Vídeo dublado em espanhol no blog “Derecho a vivir dignamente”. Disponível em: <http://vimeo.com/15773782>. Acesso em agosto de 2014.

647 Artigo III da Declaração Universal de Direitos Humanos. Ver em: ONU. Declaração Universal de Direitos Humanos. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso em agosto de 2014.

648 De acordo com o Art. 5º da Constituição Federal Brasileira de 1988: “todos são

em casos de pacientes com doenças degenerativas e/ou terminais⁶⁴⁹, que solicitam de forma clara e precisa que querem morrer, e lhes é negado o auxílio para morrer, o direito à liberdade e o direito à vida entram em conflito. Pode-se dizer que o direito à vida se transforma em obrigação de viver quando tal pessoa escolhe não mais viver e seu pedido é rejeitado. Para compreender melhor essa afirmação e a decisão de Ewert, será necessário explicar o que é o suicídio assistido e por que se considera que esta prática promove a autonomia e, conseqüentemente, é moralmente permissível.

O suicídio assistido⁶⁵⁰ é uma prática que visa a auxiliar o paciente a provocar a própria morte, quando este se encontra impossibilitado de fazê-lo por conta própria. Por exemplo, no documentário sobre os últimos dias de Ewert, o médico prescreveu a dose necessária de algumas substâncias que o levaram ao óbito.⁶⁵¹ Há casos em que nem sempre a morte assistida é provocada por ingestão de líquidos. Às vezes, pode ser por inalação de gás. Neste caso, a pessoa aperta um dispositivo que libera o gás que provocará a sua morte.

iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasileira de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em março de 2014.

649 De acordo com a Constituição da OMS “saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de males ou enfermidades” (OMS, 1946, p.1, tradução nossa), dito de outro modo, doença é ausência de saúde. Esta organização também classifica as doenças segundo as causas, sintomas, etc. Seria impossível fazer uma lista completa das doenças que levam os indivíduos a pedirem para serem submetidos a um procedimento de eutanásia [ou suicídio assistido]. No entanto, se diz comumente que eles padecem de doenças incuráveis e/ou terminais. Sendo assim, para esclarecer ainda mais o conceito de doença incurável, deverá considerar-se que estas doenças também são intratáveis – seja porque não existe tratamento para ela ou porque já se fez tudo o que se pôde, mas não se obtiveram resultados positivos; ou são degenerativas, de modo que o estado de saúde é irreversível, ou seja, não melhora. AÑEZ, C. *A permissibilidade moral da eutanásia ativa voluntária e os princípios da liberdade e da utilidade de John Stuart Mill*. Orientado por Milene C. Tonetto. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Graduação em Filosofia. Florianópolis, 2013, p. 23.

650 A eutanásia também é a prática que tem por objetivo adiantar a morte do paciente, mas difere do suicídio assistido no modo de agir. Quanto ao consentimento do paciente, a eutanásia pode ser voluntária, involuntária ou não voluntária. E quanto ao tipo de intervenção médica, pode ser ativa, por exemplo, injeção letal; ou passiva, por exemplo, desligamento dos aparelhos que dão suporte vital ao paciente.

651 Outro caso de ingestão de substância letal é o de Ramón Sampredo, sua história foi reproduzida no filme *Mar Adentro* (2004). Em relação às substâncias letais que podem ingeridas ou inaladas, ver: <http://vida.aaldeia.net/suicidio-assistido-eutanasia/>, acesso em julho de 2014.

Como mencionado em nota de rodapé na página anterior, quando se fala em pacientes que padecem de doença incurável e/ou terminal, deve-se ter em conta o impacto que a doença provoca na vida dos indivíduos. Isto é, não se trata de classificar as doenças que são aptas para que alguém possa receber auxílio para morrer, se trata de considerar os aspectos relevantes como o sofrimento físico e psicológico do indivíduo. Outros aspectos relevantes podem ser destacados, por exemplo, a total dependência de terceiros para alimentar-se, vestir-se, locomover-se, cuidar da higiene, etc.⁶⁵² Para muitos indivíduos, viver em condições assim, não é viver. A perda total do controle dos seus corpos se contradiz com as decisões que eles podem tomar sobre o que é melhor para as suas vidas, pois são capazes de tomar decisões.⁶⁵³

Os argumentos utilizados para defender a prática se fundamentam, principalmente, na autonomia.⁶⁵⁴ Pode-se destacar como um dos defensores da autonomia o filósofo John Stuart Mill que em sua obra *A Liberdade* (1859), formula o *princípio da autonomia*, segundo ele, “sobre si mesmo, sobre seu corpo e mente, o indivíduo é soberano”⁶⁵⁵. A autonomia diz respeito à autodeterminação dos indivíduos, ao desenvolvimento de sua identidade e às escolhas dos planos de vida. Nessa mesma obra, Mill formula o *princípio da liberdade*⁶⁵⁶ e que considera ser o princípio norteador da liberdade privada e social. De acordo com este princípio “[o] único propósito de se exercer legitimamente o poder sobre qualquer membro de uma

652 Além dos aspectos físicos e psicológicos dos indivíduos, consideram-se os aspectos legais e econômicos. Na Suíça a legislação vigente permite o suicídio assistido desde que se cumpram outros critérios, como por exemplo, que quem for auxiliar alguém a promover a própria morte não o faça por interesse (obter vantagem econômica ou ser herdeiro). Outros critérios são esclarecidos pelo Dr. Jérôme Sobel, presidente da EXIT (associação suíça pró suicídio assistido), em entrevista disponível na página <http://www.swissinfo.ch> sob o título “Mitos e Realidades sobre o Suicídio Assistido na Suíça”.

653 Aqui deverá entender-se que um indivíduo que é capaz de tomar decisões possui outras características relevantes que o fazem ser um *ser humano*. Peter Singer, em sua obra *Ética Prática* apresenta a definição de “humano” do teólogo e eticista Joseph Fletcher. Para este, há “indicadores de humanidade” como: “consciência de si, autocontrole, senso de futuro e passado, capacidade de relacionar-se com os outros, preocupação com os outros, comunicação e curiosidade” (p. 96). No caso do suicídio assistido é condição necessária que o indivíduo seja considerado capaz de tomar decisões, de discernir, de raciocinar e se comunicar de maneira a que consiga fazer os outros compreender o que quer. SINGER, P. *Ética Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

654 Neste texto não estamos tratando com o principialismo, isto é, com os princípios de bioética como o respeito à autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. BEAUCHAMP, T.L. & CHILDRESS, J.F. *Princípios de Ética Biomédica*. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Nosso foco são os conceitos da ética normativa e de que maneira estes fundamentam a ética prática.

655 MILL, J. S. *A Liberdade; Utilitarismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 18.

656 O princípio do dano também é conhecido como princípio da liberdade.

comunidade civilizada, contra sua vontade, é evitar dano aos demais”⁶⁵⁷. Em outras palavras, este princípio diz respeito à autorização de interferir na liberdade de ação de um indivíduo com a finalidade de evitar o dano aos demais, assinalando o limite legítimo para aplicar a coerção social e política sobre as pessoas. O dano, por sua vez, pode ser “entendido como uma violação dos interesses essenciais para o bem-estar humano, ou seja, uma violação dos direitos”⁶⁵⁸. É necessário ressaltar que os indivíduos são diferentes, têm interesses e crenças distintos, e os princípios millianos servem para fundamentar e garantir o desenvolvimento da identidade de cada indivíduo segundo essas crenças e interesses e o pleno exercício da liberdade e da autonomia de cada indivíduo durante a sua existência. Outro ponto relevante a respeito da liberdade privada é que, segundo Mill, ninguém pode intervir no modo de vida dos outros indivíduos com a finalidade de obrigá-los a viver segundo os seus ditames, crenças e interesses. Por exemplo, se alguém provoca dano a si mesmo ao fazer várias tatuagens no corpo (pele e olhos) com alguém que não possui nem conhecimento na área nem os instrumentos adequados para tal, ninguém poderá obrigá-lo a parar; o máximo que os demais poderão fazer é aconselhá-lo a parar de fazê-lo e a ir consultar um especialista. É preciso analisar quando e por quê é legítimo intervir na liberdade dos indivíduos e, quando uma ação individual é de fato prejudicial aos demais. Casos em que os governos legislam sobre a venda e o insumo de tabaco, álcool e outras substâncias que causam dano aos indivíduos que os consomem e, conseqüentemente e geralmente, aos não consumidores, têm a finalidade de limitar a liberdade social para promover o bem-estar da sociedade.

Feitas as considerações acerca do que é o suicídio assistido e a definição de autonomia de John Stuart Mill, é preciso, agora, procurar responder a primeira pergunta que fizemos no início: se o suicídio assistido é moralmente permissível. Seguindo lógica de Mill, pode-se dizer que permitir que indivíduos como Ewert recebam auxílio para morrer é moral⁶⁵⁹, pois se respeitam o princípio da autonomia e o princípio do dano e respeitam-se os interesses e preferências que os leva a escolher diferentes modos de

657 *Ibidem*, p. 17.

658 SANTOS, Bruno. *Utilitarismo e Justiça Distributiva. Uma defesa da tese de J.S.Mill*. Orientado por Milene C. Tonetto. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Filosofia. Florianópolis, 2013, p. 78.

659 Para Mill, “as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas conforme tendam a produzir o contrário da felicidade. Por felicidade se entende prazer e ausência de dor; por infelicidade, dor e a privação do prazer”. MILL, J. S. *A Liberdade; Utilitarismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 187. Portanto, tomando por base o utilitarismo de Mill, uma prática é moral se é uma ação correta.

vida e meios diversos para serem felizes. Proibi-la, então, é imoral, pois os indivíduos perdem a condição de soberanos de si mesmos e promove-se o dano, conforme a definição de dano apresentada anteriormente. O dano nestes casos, não é morrer, mas sim, permanecer vivo. Sendo assim, em algumas circunstâncias, a morte pode ser um benefício.⁶⁶⁰

A legalização do suicídio assistido em alguns países da Europa⁶⁶¹, diz respeito à permissibilidade da prática para aqueles que desse modo quiserem morrer. Aqueles que não quiserem não serão obrigados a tal. Trata-se de escolhas voluntárias tomadas por indivíduos capazes e autônomos que têm doenças incuráveis e sofrem dores constantes em decorrência delas.

O documentário *O turista suicida* faz um convite à reflexão sobre a morte. A manutenção artificial da vida, o sofrimento causado por doenças incuráveis e sobre a liberdade. Igual a Ewert, muitas outras pessoas⁶⁶² pedem aos seus governantes que as legislações permitam que elas tenham a liberdade de escolher e, se o desejarem, ter uma morte menos dolorosa e, desta forma, serem autônomas até o fim.

Para discussão:

1. O suicídio assistido deveria ser legalizado no Brasil? Por quê? Fundamente os prós e contras da legalização.
2. As pessoas têm o direito de escolher como morrer nos casos de padecer de doença incurável e que acarrete muito sofrimento?
3. A morte é sempre um mal a ser evitado? Ou há situações em que ela é considerada boa?
4. Qual a sua opinião sobre médicos que dão auxílio aos pacientes para que estes cometam suicídio conforme ocorre na Clínica Dignitas?

660 Entenda-se “benefício” como sendo oposto ao mal-estar na vida do indivíduo enfermo que quer morrer e não como sendo oposto à vida.

661 A Bélgica é um dos primeiros países a permitir a eutanásia voluntária ativa a indivíduos adultos desde 2002 e, recentemente, em 2014 aprovou que crianças que sofrem física e psicologicamente em virtude de doença incurável possam morrer através dessa prática BÉLGICA. Emenda à Lei de 2002, aprovada em fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.nytimes.com/2014/02/14/world/europe/belgium-close-to-enacting-sick-child-euthanasia-law.html?_r=0. Acesso em maio de 2014. Já a Holanda permite tanto a eutanásia voluntária ativa quanto o suicídio assistido para adultos e crianças maiores de 12 anos HOLANDA. Lei de 1º de abril de 2002. Disponível em: http://www.patienntsrights council.org/site/wp-content/uploads/2012/05/Dutch_law_04_12.pdf. Acesso em maio de 2014.

662 Na Internet há disponível várias páginas de associações e organizações que lutam por esse direito. Entre elas a EXIT International (Austrália, Reino Unido, Estados Unidos), Final Exit Network (Estados Unidos), Derecho a Morir Dignamente – Asociación Federal (Espanha) e a Fundación Pro Derecho a Morir Dignamente (Colômbia).

Sugestões de leitura:

DALL'AGNOL, Darlei. *Bioética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
DWORKIN, Ronald. *Domínio da Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
KAGAN, S. *Death*. USA: Yale University Press, 2012.
LUPER, Steven. *A Filosofia da Morte*. São Paulo: Madras, 2010.
MARTINS, Marcio Sampaio Mesquita. Direito à morte digna: eutanásia e morte assistida. *Jus Navigandi*. Teresina, ano 15, n. 2718, 10 dez. 2010. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/18008>.
MULGAN, Tim. *Utilitarismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, C. *Problemas atuais de Bioética*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
RACHELS, James. *Os Elementos da Filosofia Moral*. Barueri, SP: Manole, 2006.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *O turista suicida*
Título original: *The suicide tourist*
País de origem: Canadá
Gênero: documentário
Classificação: livre
Tempo de duração: 60 minutos
Ano: 2007
Direção: John Zaritsky

Minha vida e os aspectos relacionados à terminalidade

Andréia Engel Bom⁶⁶³

Mariana Petracco de Miranda⁶⁶⁴

O filme *Minha vida* dirigido por Bruce Joel Rubin, produzido em 1993, relata a história de Bob Jones (Michael Keaton), um empresário de relações públicas de sucesso, que tem um casamento estável e feliz com Gail Jones (Nicole Kidman). A história começa com a descoberta de que sua esposa está grávida, ao mesmo tempo em que ele descobre estar com câncer com foco inicial no rim, mas com metástases⁶⁶⁵ no pulmão e no cérebro, com mau prognóstico, restando-lhe pouco tempo de vida. Decide então gravar diversos vídeos para amparar seu filho durante o desenvolvimento, visto que Bob tem a certeza de que não estará fisicamente presente.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que cerca de 57 milhões de pessoas morram a cada ano em decorrência de doenças⁶⁶⁶. Devido aos avanços da medicina, a expectativa de vida prolonga-se, aumentando o número de doenças crônicas⁶⁶⁷, como a neoplasia⁶⁶⁸ de Bob Jones⁶⁶⁹.

A notícia da gravidez de Gail e da morte próxima de Bob faz com que o personagem reavalie sua vida e a proximidade da morte, faz com que tema o que está por vir. Conforme Silva, Ribeiro e Kruse (2009), o medo é um sentimento que surge das incertezas e das ameaças; dessa maneira,

663 Enfermeira(UFCSPA). Enfermeira residente em Onco-Hematologia no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

664 Bacharelanda em Nutrição (UFCSPA).

665 Aparecimento de um foco secundário, à distância, no curso da evolução de um tumor maligno ou processo inflamatório.

666 WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Mortality and Global Burden of Disease*. Disponível em: http://www.who.int/gho/mortality_burden_disease/en/index.html. Acesso em julho de 2012.

667 Do total de óbitos ocorridos no mundo em 2008, 63% foram relacionados a doenças crônicas, incluindo doenças cardiovasculares, câncer, doenças respiratórias crônicas e diabetes como as principais causas de mortalidade. DUNKAN, Bruce Bartholow; CHOR, Dóra; AQUINO, Estela; BENSENOR, Isabela; MILL, José Geraldo; SCHMIDT, Maria Inês; LOTUFO, Paulo Andrade; VIGO, Álvaro; BARRETO, Sandhi Maria. Doenças Crônicas Não-Transmissíveis no Brasil: prioridade para enfrentamento e investigação. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, supl. n. 46, 2012, p. 126-134.

668 Qualquer tumor, benigno ou maligno.

669 As principais causas de morte no mundo em 2011, segundo o Centro de Prevenção e Controle de Doenças (CDC), foram: doenças cardíacas, neoplasias malignas, doenças crônicas respiratórias, doenças cerebrovasculares, acidentes externos, doença de Alzheimer, Diabete Mellitus, nefrite, influenza e pneumonia, suicídios, septicemia, doenças crônicas do fígado e cirrose. CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. *Deaths and Mortality*. Disponível em: <http://www.cdc.gov/nchs/fastats/deaths.htm>. Acesso em abril 2014.

os indivíduos acabam por temer a morte, já que ela é uma ameaça à sua existência e evidência da finitude. A morte pode ser compreendida não apenas como um processo puramente biológico, mas como uma construção histórico-social. Aceitar a própria existência e a de seus familiares como algo efêmero é uma tarefa sofrida. Questões relacionadas à morte são difíceis de serem discutidas, pois o que há após a morte é desconhecido e inexplicável.⁶⁷⁰

O homem se recusa a aceitar sua morte, o que é posto em xeque no momento do diagnóstico de uma doença potencialmente fatal⁶⁷¹; dessa maneira, o primeiro contato com a doença faz com que ele fique inconformado e vivencie emoções muito fortes que podem levá-lo ao choque⁶⁷². Pode ser considerado natural, então, que tenha momentos de hostilidade, agressividade e, por fim, de impotência perante a doença.⁶⁷³ É o que acontece com Bob que começa a questionar suas crenças e valores a respeito da vida.

É necessário assim que esse indivíduo tenha acompanhamento integral, com profissionais das mais diversas áreas e que seja compreendido no que se refere à sua patologia⁶⁷⁴. É importante, também respeitar a utilização de cuidados oriundos de terapias alternativas, que façam bem sem interferir negativamente no tratamento convencional, o que é demonstrado no filme, quando Bob se dispõe a realizar um tratamento não-científico, por meio de um curandeiro, sugerido por sua esposa.

670 SILVA, Karen Schein da; RIBEIRO, Rubia Guimarães; KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Discursos de enfermeiras sobre morte e morrer: vontade ou verdade?. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília, v. 62, n. 3, jun. 2009, p. 126-134.

671 OLIVEIRA, Érika Arantes de; SANTOS, Manoel Antônio dos; MASTROPIETRO, Ana Paula. Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 15, n. 2, jun. 2010, p. 235-244.

672 Estado clínico caracterizado por fenômenos que surgem quando a descarga de sangue por parte do coração não é bastante para prover o necessário enchimento das artérias, nem se encontra sob pressão sanguínea suficiente para atingir órgãos e tecidos. [O estado de choque pode dever-se à perda (integral ou de parte de seus componentes) de massa sanguínea, a fatores nervosos, a fenômenos vasculares ou alterações cardíacas.] FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, 2128 p.

673 OLIVEIRA, Érika Arantes de; SANTOS, Manoel Antônio dos; MASTROPIETRO, Ana Paula. Apoio psicológico na....

674 MORITZ, Rachel Duarte; LAGO, Patrícia Miranda do; SOUZA, Raquel Pusch de; SILVA, Nilton Brandão da; MENESES, Francisco Albano de; OTHERO, Jairo Constante Bitencourt; MACHADO, Fernando Osni; PIVA, Jefferson Pedro; DIAS, Marisa D'Agostino; VERDEAL, Juan Carlos Rosso; ROCHA, Eduardo; VIANA, Renata Andrea Pietro Pereira; MAGALHÃES, Ana Maria Pueyo Blasco de; AZEREDO, Nara. Terminalidade e cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*. São Paulo, v. 20, n. 4, dez. 2008, p. 422-428.

A partir de qualquer diagnóstico clínico, principalmente com mau prognóstico como o de Bob, deve-se levar em consideração a autonomia do indivíduo, além dos princípios da não-maleficência, beneficência e justiça.⁶⁷⁵ Conforme Chaves *et al.* (2011), a autonomia é entendida como a capacidade de o próprio indivíduo decidir por sua vida, de autogovernar-se, significa que a liberdade de cada ser humano deve ser levada em consideração, ou seja, a decisão do paciente deve ser valorizada; a não-maleficência é entendida como a suspensão de intervenções que não trarão benefício algum aos pacientes; beneficência é considerada um ato de bondade ou gentileza; e o princípio de justiça refere que cada um deve receber aquilo de que necessita. Em questões relacionadas ao fim de vida, isso significa melhora da qualidade de vida e conforto.⁶⁷⁶

Vários indivíduos estão envolvidos em cada processo de vida e morte: pacientes, familiares, amigos, profissionais de saúde e, qualquer decisão a ser tomada, conforme Kovacs (2003), deve levar em consideração cada um deles. O final da vida pode parecer assustador e o indivíduo pode tornar-se estranho tanto para ele mesmo como para seus familiares, amigos e equipe de saúde. A tendência da equipe é preservar a vida; no entanto, deve-se levar em consideração se o seu prolongamento não acarreta maiores sofrimentos para todos os envolvidos no processo.⁶⁷⁷ A atitude de Bob de gravar os vídeos para o futuro de seu filho pode significar a antecipação do luto para os indivíduos que participam do seu processo de morrer, visto que a gravação dos vídeos expõe para todos ao seu redor sua morte iminente.

A partir do diagnóstico de qualquer doença que ameace a vida e quando não mais existe a possibilidade de cura, a principal forma de assistência ocorre por meio dos cuidados paliativos.⁶⁷⁸ Nesse contexto, os cuidados paliativos podem ser considerados como uma alternativa contemporânea à ritualização da morte e integram cuidados nos aspectos psicológicos, sociais e espirituais, disponibilizando redes de apoio para a família e para o indivíduo no processo de morte e morrer. Além disso, consideram a pes-

675 CHAVES, José Humberto Belmino; MENDONÇA, Vera Lúcia Gama de; PESSINI, Leo; REGO, Guilhermina; NUNES, Rui. Cuidados paliativos na prática médica: contexto bioético. *Rev. dor*, São Paulo, v. 12, n. 3, set. 2011, p. 250-255.

676 CHAVES, José Humberto Belmino; MENDONÇA, Vera Lúcia Gama de; PESSINI, Leo; REGO, Guilhermina; NUNES, Rui. Cuidados paliativos na...

677 KOVACS, Maria Julia. Bioética nas questões da vida e da morte. *Revista Psicologia da USP*. São Paulo, v. 14, n. 2, 2003, p. 23-25.

678 MORITZ, Rachel Duarte; LAGO, Patrícia Miranda do; SOUZA, Raquel Pusch de; SILVA, Nilton Brandão da; MENESES, Francisco Albano de; OTHERO, Jairo Constante Bitencourt; MACHADO, Fernando Osni; PIVA, Jefferson Pedro; DIAS, Marisa D'Agostino; VERDEAL, Juan Carlos Rosso; ROCHA, Eduardo; VIANA, Renata Andrea Pietro Pereira; MAGALHÃES, Ana Maria Pueyo Blasco de; AZEREDO, Nara. Terminalidade e cuidados...

soa como única, complexa e multidimensional, merecedora de cuidado integral e principalmente humanizado em contraponto às tecnologias da medicina moderna.⁶⁷⁹

Humanizar a morte não significa apressá-la nem prolongá-la indefinidamente, mas sim, fazer com que ela ocorra no momento certo e sem sofrimento, articulando as idéias de “morrer com dignidade”, o que é subjetivo para cada indivíduo, por meio da comunicação aberta, da busca da aceitação da morte como sendo um fato natural e da participação dos pacientes sem possibilidade de cura nas decisões do final de vida. Isso pode significar uma morte sem dor e sem sofrimento físico para o indivíduo que deve estar informado de suas condições de saúde e prognóstico⁶⁸⁰, como Bob.

Os pilares do cuidado para indivíduos em processo de morte e morrer são o controle adequado da dor e dos sintomas, o trabalho em equipe multiprofissional, demonstrada no filme pela profissional de enfermagem que cuida de Bob e pelos médicos que o atendem, e o uso adequado de habilidades de comunicação, além do relacionamento interpessoal. A assistência no fim da vida é realizada por equipe multiprofissional composta por médicos, enfermeiros, nutricionistas, psicólogos, assistentes sociais e farmacêuticos, entre outros, cada um com o seu saber específico, formando a rede necessária para o cuidado.⁶⁸¹

A atuação multiprofissional é primordial para confortar o indivíduo, auxiliando-o no processo de morrer com dignidade, visando à qualidade e não quantidade de vida. No entanto, cabe ressaltar que o profissional cuidador de pacientes com morte iminente também necessita de auxílio e de apoio já que a maior dificuldade encontrada por ele é ouvi-los sem deixar que isso afete a sua vida.⁶⁸² Cuidar de pessoas em fase terminal é algo muito significativo, difícil e engloba as esferas social, espiritual e psicológica já que há incerteza e medo em relação ao futuro.⁶⁸³ Muitos pro-

679 ARAUJO, Laís Záu Serpa de; ARAÚJO, Carolina Záu Serpa de; SOUTO, Andreza Karine de Barros Almeida; OLIVEIRA, Maxwell da Silva. Cuidador principal de paciente oncológico fora de possibilidade de cura, repercussões deste encargo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 62, n. 1, fev. 2009, p. 32-37.

680 ALONSO, Juan Pedro. Contornos negociados del “buen morir”: la toma de decisiones médicas en el final de la vida. *Interface*. Botucatu, v. 16, n. 40, mar. 2012, p. 908-918.

681 SILVA, Karen Schein da; KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Em defesa da sociedade: a invenção dos cuidados paliativos e a produção de subjetividades. *Revista da Escola de Enfermagem*. USP, São Paulo, v. 46, n. 2, abr. 2012, p. 460-465.

682 ARAUJO, Monica Martins Trovo de; SILVA, Maria Júlia Paes da. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. *Revista da Escola de Enfermagem* USP, São Paulo, v. 41, n. 4, dez. 2007, p. 668-674.

683 FONSECA, João Vicente César; REBELO, Teresa. Necessidades de cuidados de enfermagem do cuidador da pessoa sob cuidados paliativos. *Revista Brasileira de*

fissionais da equipe de saúde afastam-se dos pacientes em processo de morte e morrer por não saberem lidar com a dor e com outros sintomas incapacitantes.⁶⁸⁴

Desse modo, a equipe de saúde multiprofissional deve ser orientada de maneira adequada para que haja o controle de sintomas de natureza não apenas biológica, mas também emocional. Também é necessário que os profissionais saibam comunicar-se entre si, com o paciente e com os familiares e que trabalhem em equipe para prevenir situações de crise e, em havendo, manejá-las adequadamente.⁶⁸⁵

A discussão sobre o fim de vida engloba vários aspectos que devem ser amplamente analisados. Além disso, o conhecimento acerca do tema deve ser disseminado e discutido com pacientes, familiares e, de fato, com toda a sociedade, a fim de que estes possam ter subsídios para optar e opinar sobre o que é melhor para si, propiciando um fim de vida digno, humano e com qualidade.⁶⁸⁶

Para discussão:

1. A postura de delimitar um “prazo de validade” para a vida, quando o médico de Bob o avisa de que ele terá apenas mais quatro meses, é necessária? Será que não antecipa a morte do indivíduo?
2. A procura por métodos de tratamento não convencionais, como a busca de Bob por um curandeiro, deve ser levada em consideração e discutida pela equipe de saúde?
3. Os vídeos gravados por Bob para seu filho podem ser considerados como uma antecipação de sua morte para família, amigos e familiares?

Sugestões de leitura:

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SANTOS, Franklin Santana. *Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

Enfermagem. Brasília, v. 64, n. 1, p. 180-184, fev. 2011.

684 KOVACS, Maria Julia. Bioética nas questões...

685 KOVACS, Maria Julia. Bioética nas questões...

686 SANTOS, Franklin Santana. *Cuidados Paliativos: Discutindo a Vida, a Morte e o Morrer*. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

Sobre o Filme

Título no Brasil: *Minha vida*

Título original: *My life*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 117 minutos

Ano: 1993

Diretor: Bruce Joel Rubin

A bela que dorme: entre a vida e a morte, de quem é o direito?

Ana Boff de Godoy⁶⁸⁷

A bela que dorme é o mais recente filme de Marco Bellocchio, diretor e produtor italiano que põe o seu trabalho a serviço das grandes polêmicas. *A bela que dorme* discute mais do que a eutanásia, o direito à vida e à morte (ou o direito a que vida e a que morte) e tudo que envolve essa delicada escolha e a difícil posição dos sujeitos envolvidos. De quem é, afinal, o direito de arbitrar sobre a vida e a morte de um outro alguém?

Pelas mãos de Bellocchio, quatro histórias ficcionais se tramam por sobre a trama de uma história real que marcou dezessete longos anos da história de uma família italiana e da própria Itália no que toca aos direitos humanos e sua relação com a ciência, a Igreja e a política: o caso de Eluana Englaro.

Eluana, uma jovem de 21 anos, estudante de Letras da Universidade de Milão, perdeu o controle do seu carro em 18 de janeiro de 1992 quando voltava de uma festa na cidade vizinha à sua casa em Lecco, em uma noite fria que conservava gelo na pista. A batida contra um poste de luz e depois contra um muro causou graves lesões em seu crânio, além de uma fratura na segunda vértebra, provocando uma paralisia imediata em todos os membros. Depois de alguns meses em coma, Eluana permaneceu em estado vegetativo, com completa inconsciência do mundo e com a impossibilidade total de se comunicar ou de interagir, de qualquer forma, com o ambiente. A sobrevivência de Eluana foi mantida com alimentação e hidratação artificial durante os dezessete anos em que permaneceu nesse estado, até sua morte, em 9 de fevereiro de 2009, com a decisão numa disputa judicial, política, religiosa e midiática que mobilizou toda a Itália.

A bela que dorme é ambientado durante os últimos dias de vida de Eluana, pano de fundo para todas as outras histórias. Enquanto isso, outra bela jovem, Rosa, dorme presa a um pulmão artificial, mantendo prisioneiros seus familiares. Sua mãe abdicou de sua profissão de atriz, de seu casamento e de seu papel de mãe de um filho vivo para se dedicar exclusivamente às orações e aos cuidados totalmente ineficazes para com a filha. Escolhendo interpretar em vida o papel de “Mãe Divina”, não permitindo que a morte da filha se consumasse, aprisionou a si e aos seus numa morte em vida.

Rossa (que em italiano significa vermelho) é outra bela que dorme, ainda que não em coma, ao menos não no sentido clínico. Rossa é viciada em heroína e quer, conscientemente, acabar com sua vida. Escolheu a

⁶⁸⁷ Professora de Língua e Cultura Italiana (UFCSPA), mestre em Literatura e doutoranda em Análise do Discurso (UFRGS).

morte e tenta, de fato, suicidar-se. Acolhida em um hospital de emergência, depara-se com um médico, o Dr. Pallido que se contrapõe a ela não só em relação às cores dos seus nomes, mas em relação à sua escolha, ainda que, segundo Rossa, eles não sejam assim tão diferentes: “Você está morto, como eu. O mundo está cheio deles.” Depois do médico impedi-la duas vezes de se matar, eles travam um diálogo que pontua muito claramente a discussão acerca da liberdade de escolha. Transcrevo:

- Por que você quer me obrigar a viver nesse mundo de merda?
- Eu sou um médico. Você está mal e eu tenho que tratar de você. Impedir que você se mate, acima de tudo.
- Eu não dou a mínima para a vida, a mínima. Eu só quero acabar com ela. Será que eu tenho essa liberdade?
- Você é livre para se matar e eu para não deixar que você se mate. Eu me sentiria um covarde se não fizesse todo o possível para impedi-lo. Mas não só porque sou um médico e é meu dever profissional, mas por humanidade. Por simples humanidade. Não me vem melhor palavra. Se você vê alguém pulando pela janela, você tenta impedi-lo. Você não pergunta se é certo ou errado. Faz isso e pronto.
- Não posso fazer o que quero porque tem sempre um idiota como você querendo me salvar. Salvar. Que coisa mais absurda, que banalidade. Você quer me tratar? Não tem tratamento. Eu já me desintoxiquei vinte vezes. Não sinto mais nada. Não sinto mais merda nenhuma. Mas por que você não entende isso? Eu preciso explicar isso para você? Eu sou um caso perdido, eu estou morta!

Outro contraponto marca a relação do senador Uliano Beffardi com sua filha, Maria, e com o partido que representa, o “Forza Italia”⁶⁸⁸. Anos antes, a esposa de Uliano fora vítima de uma grave doença e pedira ajuda ao marido para acabar com aquele sofrimento. Uliano, então, acreditando na liberdade de escolha e concordando em cessar a dor de sua amada, desliga os aparelhos que a mantinham viva. Sua filha, no entanto, jamais aceitara a perda da mãe e se tornara uma ativista do “Movimento per la vita”, um movimento cristão que defende a vida a qualquer custo, posicionando-se de modo contrário à eutanásia, ao aborto ou a qualquer forma

688 O partido de direita, de fundamentação econômica liberal e de inspiração cristã-democrática, “Forza Italia”, foi fundado por Silvio Berlusconi em 18 de janeiro de 1994 e dissolvido em 27 de março de 2009, quando, numa coalisão com outros partidos de direita, transformou-se em “Popolo della libertà” (PdL) em 29 de março de 2009, atuando até 16 de novembro de 2013, quando um racha na coalisão o dividiu em dois: o “Nuovo Centro-destra”, partido liderado por Angelino Alfano, e “Forza Italia”, que voltou ao seu antigo nome e símbolo, continuando sempre sob o comando de Silvio Berlusconi. Declara-se um partido de centro-direita, conservador e cristão-democrático.

de não-manutenção da vida.

Aqui, o drama da vida da família ficcional Beffardi se enreda no drama da família real Englaro. Tão logo o prognóstico de Eluana Englaro se mostrou sombrio, não revelando a mais remota chance da jovem sair de seu estado vegetativo, sua família solicitou a suspensão do tratamento. A posição de Eluana sobre a vida nesse estado era conhecida da família e de seus amigos, pois dois colegas seus, em momentos distintos, haviam sofrido acidentes de gravidade semelhante ao seu e permanecido em coma. Assim, em 1999, seu pai Beppino Englaro solicitou judicialmente a interrupção da alimentação e da hidratação artificial, contando, inclusive, com o testemunho de amigos de Eluana, no intuito de demonstrar suas convicções sobre a vida e a dignidade individual. No entanto, como Eulana não havia deixado uma “declaração antecipada da vontade”, documento também conhecido como “testamento vital”, a solicitação da família tramitou por várias instâncias, chegando ao Supremo Tribunal em 2006, quatorze anos após o acidente e sete após o início do processo legal.

O Supremo, por sua vez, negou o pedido da família, a qual recorreu com base no artigo 32 da Constituição Italiana, que dita: “Ninguém pode ser obrigado a um determinado tratamento de saúde, a menos que seja exigido por lei. A lei não pode, em hipótese nenhuma, violar os limites impostos pelo respeito à pessoa humana”.⁶⁸⁹ O recurso foi encaminhado pelo Supremo ao Tribunal de Apelação que, com um decreto no dia 9 de julho de 2008, autorizou que o responsável por Eluana, seu pai Beppino Englaro, interrompesse o tratamento, uma vez comprovada a impossibilidade de recuperação de sua consciência. No entanto, as freiras (Suore Misericordine) que cuidavam de Eluana desde 1994 na Clínica Beato Luigi Talomoni, em Lecco, negaram-se a interromper o tratamento. Alegavam que Eluana estava bem e que poderia até ter filhos, já que mantinha seu ciclo menstrual. Essa declaração gerou uma verdadeira ebulição de opiniões contrárias à decisão do Tribunal de Apelação, sobretudo por parte dos seguidores da Igreja Católica e dos partidos políticos simpáticos a ela. A associação “Ciência e Vida”, fundada em 1975 e ligada à Igreja, e os jornalistas Giuliano Ferrara e Magdi Allan, tornaram-se os grandes porta-vozes de um movimento a favor da manutenção da vida a qualquer preço. As declarações do presidente do Conselho de Ministros, Silvio Berlusconi, incitavam ainda mais a opinião pública contra a decisão da família Englaro. Ao lado da família, estavam os “Radicais Italianos”, participantes de um movimento político libertário criado em 2001 por Marco Pannella.

689 Tradução da autora. ITÁLIA. Constituição Italiana. Disponível em <http://www.quirinale.it/qnrnw/statico/costituzione/costituzione.htm>. Acesso em maio de 2014.

Em 22 de julho de 2008, o Parlamento italiano, liderado por Berlusconi, alegou “conflito de atribuições” em relação ao Supremo, numa tentativa de invalidar a decisão do Tribunal de Apelação. A moção foi rejeitada, no entanto, a Procuradoria da República de Milão apresentou um recurso contra o decreto do Tribunal de Apelação, o que impediu a interrupção da alimentação e da hidratação artificial. O recurso acabou sendo julgado como inadmissível pelo Supremo. Mas em 16 de dezembro de 2008, Maurizio Sacconi, o então ministro do Trabalho, da Saúde e das Políticas Sociais⁶⁹⁰, através de um ato administrativo, proibiu a todas as estruturas públicas de saúde, bem como àquelas privadas e conveniadas com o Serviço Nacional de Saúde (Servizio Sanitario Nazionale), de interromperem a alimentação e a hidratação artificial de qualquer paciente, sob a ameaça de tais instituições serem excluídas do SSN. Três dias depois, as associações libertárias italianas “Luca Coscioni”, “Radical Italiani” e “Nessunotocchi Caino” apresentaram à Procuradoria de Roma uma denúncia de violência sob ameaça contra o ministro Sacconi. Em 22 de dezembro de 2008, a Corte Européia dos Direitos Humanos rejeitou o apelo das associações cristãs, consonantes com o ato ministerial.

Em 26 de janeiro de 2009, o Tribunal Administrativo Regional acolheu o recurso da família Englaro e obrigou a região da Lombardia a designar uma instituição de saúde que pudesse dar prosseguimento à sentença do Supremo. No dia 3 de fevereiro de 2009, Eluana foi transportada para a Residência de Saúde Assistencial “La Quiete”, em Udine, onde uma equipe de quinze profissionais da saúde se voluntariou a seguir o protocolo terapêutico acordado com a família, conforme disposto no decreto do Tribunal de Apelação de Milão. A morte de Eluana ocorreu, finalmente, em 9 de fevereiro de 2009, no exato momento em que o Senado discutia, em sessão extraordinária e à revelia do Presidente da República, Giorgio Napolitano, o Projeto de Lei número 1369, apresentado pelo Presidente do Conselho de Ministros, Silvio Berlusconi e pelo Ministro do Trabalho, da Saúde e das Políticas Sociais, Maurizio Sacconi, cujo único artigo sustentava:

À espera de aprovação de uma completa e orgânica disciplina legislativa em matéria de finalização da vida, a alimentação e a hidratação, enquanto forma de manutenção da vida e com a finalidade de aliviar sofrimentos, não podem, em nenhum caso, ser suspensas por quem assiste a indivíduos incapazes de prover a si mesmos.⁶⁹¹

690 O Ministério da Saúde só passou a existir independentemente em 15 de dezembro de 2009, sendo Ferruccio Fazio o primeiro ministro a assumir tal cargo.

691 Tradução da autora. ITÁLIA. Projeto de Lei n.º 1369. Disponível em: <http://www.senato.it/japp/bgt/showdoc/frame.jsp?tipodoc=Ddlpres&leg=16&id=393277>. Acesso em maio de 2014.

Com a notícia da morte de Eluana, a votação foi suspensa. Uliano, o senador ficcional, encontrava-se, então, no centro de um grande dilema ético, profissional e pessoal. Como membro do partido liderado por Berlusconi, deveria votar a favor do Projeto de Lei, mas isso significava votar contra as suas concepções de vida e de liberdade. Sua filha, Maria, também esperava que o pai votasse a favor do Projeto de Lei e, assim, inviabilizasse o que considerava o assassinato de Eluana. Com todas as forças externas agindo contra seus princípios, Uliano Beffardi decide votar contra o Projeto e se retirar do partido. No entanto, com a suspensão da votação, sua escolha também ficou em suspenso.

As convicções de Maria, no entanto – outra bela que dormia acordada –, são chacoalhadas nesses dias fatídicos não só por conta da relação com seu pai mas, principalmente, por ter conhecido, em meio às suas manifestações públicas de manutenção da sobrevivência de Eluana, um belo jovem chamado Roberto. Roberto estava do lado de lá, do lado das manifestações libertárias; e vivia, ele também, um dilema ético em relação ao seu irmão, Pipino, outro morto-vivo aprisionado em sua psicose. Maria começou, então, a acordar para o fato de que as verdades não são absolutas, de que as crenças são parciais, de que os dilemas têm muitas pontas que se enredam e de que as escolhas são definidas por muitos outros fatores além da vontade.

O caso Eluana Englaro colocou os holofotes sobre algumas importantes lacunas do sistema jurídico italiano no que diz respeito às questões bioéticas, mostrando a fragilidade das leis e, sobretudo, do princípio de liberdade. Todas essas questões, de fato, estão envolvidas e são, em boa medida, cerceadas e guiadas pelo poder político, pelo poder religioso e pelo poder midiático, muito mais do que por princípios éticos.

A opinião pública, extremamente influenciável por esses poderes, dividiu-se claramente em dois grupos: um grupo religioso, de orientação católica, cujos princípios levaram-nos a se manifestar a favor da manutenção da sobrevivência de Eluana, não importando o quanto isso interferisse em seus próprios princípios e nas convicções de sua família; e um grupo laico, favorável ao respeito da vontade de Eluana, mesmo na ausência de um testamento vital.

Uma das principais questões que o caso Englaro suscitou está centrada no significado da suspensão da alimentação e da hidratação artificial, ou seja, se esse tipo de intervenção deveria ser considerado uma terapia ou uma forma de manutenção básica da vida. Se a alimentação artificial fosse considerada uma terapia, encontraria respaldo no artigo 32 da Constituição Italiana e nos artigos 51, 52 e 53 do Código de Deontologia

Médica.⁶⁹² Foi esse o entendimento do Tribunal de Apelação. Se, por outro lado, a alimentação artificial fosse considerada uma forma de manutenção vital, a suspensão da mesma configuraria um caso de eutanásia, uma vez que o paciente morreria pela omissão de uma forma de manutenção vital e não pelas consequências diretas da patologia que o acometeu. A autópsia realizada em Eluana Englaro comprovou parada cardíaca em decorrência da desidratação, pulmões endurecidos e aparelho respiratório gravemente deteriorado devido à paralisia e ao decúbito prolongado, cérebro com lesões de absoluta gravidade, ausência total de funções cognitivas e comunicativas.

Do ponto de vista científico e bioético, as interpretações mais correntes em nível internacional consideram a alimentação e a hidratação artificial como um tratamento passível de recusa por parte do paciente e/ou de seu responsável legal. Mas o Comitê de Ética Nacional Italiano posiciona-se contrariamente a esse ponto de vista, conforme texto aprovado em plenária no dia 30 de setembro de 2005.⁶⁹³

No dia 27 de fevereiro de 2009, a Procuradoria da República de Udine abriu um inquérito contra Beppino Englaro e contra o chefe da equipe médica, o anestesista Amato De Monte, indiciando também os demais membros da equipe por suposto homicídio voluntário culposo. No dia 28 de novembro de 2009, a mesma Procuradoria pediu o arquivamento da investigação. Enfim, em 11 de janeiro de 2010 o Supremo Tribunal decretou o arquivamento do processo, dando fim à batalha judicial de Beppino Englaro em favor da dignidade de sua filha, Eluana.

692 “Art. 51 – Obrigações do médico: O médico que assista a um cidadão em condições limitadas de liberdade pessoal deve manter firme respeito aos direitos da pessoa, cumprindo as obrigações relacionadas com as suas funções específicas. Em caso de tratamento de saúde obrigatório, o médico não deve requisitar ou praticar medidas coercitivas, salvo em casos de efetiva necessidade, no que diz respeito à dignidade da pessoa e nos limites previstos na lei. Art. 52 - Tortura e tratamentos desumanos: O médico não deve, de modo algum, colaborar, participar ou mesmo presenciar execuções capitais, atos de tortura ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes. O médico não deve praticar, por finalidade outra que não a de diagnóstico ou de terapêutica, qualquer forma de mutilação ou comprometimento, tampouco tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes. Art. 53 - Recusa consciente de nutrição: Quando uma pessoa se recusa voluntariamente a nutrir-se, o médico tem o dever de informá-la sobre as graves consequências que um jejum prolongado pode acarretar sobre as condições de saúde. Se a pessoa está consciente das possíveis consequências da própria decisão, o médico não deve assumir iniciativas constritivas, tampouco colaborar com manobras coercitivas de nutrição artificial em relação ao paciente, ainda que continue a assisti-lo.” Tradução minha, conforme o Código de Deontologia Médica, disponível em <http://www.privacy.it/codeome.html#art51>. Acesso em maio de 2014.

693 Conforme documento disponível em <http://www.governo.it/bioetica/testi/PEG.pdf>. Acesso em maio de 2014.

Em *A bela que dorme*, Marco Bellocchio não se coloca de um lado ou de outro das manifestações, mas mostra as feridas abertas, entrelaçando as histórias, revelando seus meandros e as faces poliédricas daquilo que costumamos chamar de verdade. Ele nos convida a ocupar a incômoda posição de quem veste os sapatos alheios. E nos faz pensar antes de dormir.

Para discussão:

1. De quem é, afinal, o direito de arbitrar sobre a vida e a morte de um outrem? Discuta sobre isso, procurando estabelecer parâmetros entre os critérios éticos, legais, religiosos e individuais que permeiam a questão.
2. A ética e a bioética encontram entraves por conta da pressão exercida pelos mais diversos poderes, como o poder jurídico, o científico, o religioso, o político e o midiático. Reflita sobre a forma como cada um deles imprime sua força bem como sobre os seus limites.
3. Volte ao diálogo entre Rossa e Dr. Pallido. Em duplas, procure se colocar na pele de Rossa e, depois, nos sapatos de Pallido, alternando a defesa dos seus pontos de vista. Você se identifica mais com um ou outro posicionamento? Você vê a morte como um direito? Como você encara o papel do médico frente à vontade do paciente?
4. Discuta sobre os limites da garantia constitucional de respeito à liberdade.
5. Reflita sobre os limites do princípio da manutenção da vida.
6. A declaração antecipada da vontade ou o testamento vital são atos restritos a situações limites, dentro de um hospital, frente à possibilidade concreta de morte. No entanto, em casos como o de Eluana, a vida a colheu de surpresa e suas convicções só podiam ser expressas por meio de seus familiares e amigos. Discuta sobre os limites dessa prática e reflita sobre formas de garantir que a vontade de um sujeito seja, de fato, levada a termo quando da impossibilidade de expressão.

Sugestões de leituras:⁶⁹⁴

ITÁLIA. Constituição Italiana. Disponível em: <http://www.quirinale.it/qnrw/statico/costituzione/costituzione.htm>.

ITÁLIA.Senado. Projeto de Lei n.º 1369. Disponível em: <http://www.senato.it/japp/bgt/showdoc/frame.jsp?tipodoc=Ddlpres&leg=16&id=393277>.

ITÁLIA. Comitê Nacional de Ética. Disponível em: <http://www.governo.it/bioetica/testi/PEG.pdf>.

ITÁLIA. Código de ética Médica (Itália) Disponível em: <http://www.privacy.it/codeome.html#art51>.

UNIÃO EUROPÉIA. Tratado de Lisboa. Disponível em: <http://conventions.coe.int/Treaty/ita/Treaties/Html/164.htm>.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *A bela que dorme*

Título original: *Bella addormentata*

País de origem: Itália

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 110 minutos

Ano: 2012

Direção: Marco Bellocchio

694 Sites contendo reportagens sobre os fatos. Disponíveis em: <http://www.repubblica.it/ultimora/24ore/ELUANA-DALAI-LAMA-STOP-A-CURE-SE-STATO-E-IRREVERSIBILE/news-dettaglio/3544874>. http://www.corriere.it/cronache/08_novembre_11/eluana_cassazione_9f769f2e-afe7-11dd-981c-00144f02aabc.shtml. http://www.corriere.it/cronache/08_novembre_20/englaro_eutanasia_corte_europea_da82a7ea-b6fc-11dd-bc54-00144f02aabc.shtml. http://www.corriere.it/cronache/09_gennaio_17/sacconi_indagato_eluana_englaro_9753825e-e489-11dd-98be-00144f02aabc.shtml. http://www.corriere.it/cronache/09_febbraio_11/eluana_englaro_autopsia_procuratore_morte_protocollo_7e72f74c-f82f-11dd-9277-00144f02aabc.shtml. <http://www.repubblica.it/2009/11/sezioni/cronaca/englaro/englaro/englaro.html>. <http://espresso.repubblica.it/palazzo/2009/02/12/news/un-testamento-lungo-15-anni-1.12118>. <http://www.repubblica.it/ultimora/24ore/ELUANA-GIP-UDINE-ARCHIVIA-INDAGINE-OMICIDIO-SU-BEPPINO/news-dettaglio/3746533>. Acessos em agosto de 2014.

Hanami – cerejeiras em flor: o luto e seus atravessamentos familiares

Cássio Andrade Machado⁶⁹⁵

Priscila Jandrey Brasco⁶⁹⁶

A história do filme começa em uma cidade do interior da Alemanha e tem início quando Trudi (Hannelore Elsner) recebe a informação de que seu marido Rudi (Elma Wepper) está com uma grave doença que possivelmente o levará a óbito em poucos dias. Nos primeiros minutos a trama apresenta uma questão ética envolvendo o Conselho Médico do hospital. Os médicos orientam Trudi a não revelar a verdade sobre a saúde de seu marido para ele próprio e apenas proporcionar momentos agradáveis em seus últimos dias de vida. O médico sugere “quem sabe uma aventura?”. Neste ponto a obra apresenta duas relevantes questões: autonomia e cuidados paliativos. Na primeira, torna-se explícito o não pareamento com a Política Nacional de Humanização⁶⁹⁷ na qual encontramos a busca pela construção de sujeitos autônomos, protagonistas e corresponsáveis pelo processo de produção da sua própria saúde. Em relação aos cuidados paliativos, estes nos levam a refletir sobre seu real significado. Segundo Burlá,⁶⁹⁸ cuidados paliativos seriam destinados a pacientes com doenças em fases avançadas, terminais e sem quaisquer possibilidades de cura, objetivando não a mudança do curso natural da enfermidade, mas sim de suas complicações conseqüentes.

Rudi trabalha há mais de 10 anos na mesma empresa; pega sempre o mesmo trem para ir ao trabalho; leva sempre o mesmo lanche: um sanduíche e uma maçã; volta sempre no mesmo horário e ao chegar em casa veste sempre a mesma roupa. Mas depois da notícia, sua esposa Trudi não é mais a mesma. Decidida a seguir o conselho do médico, propõe ao marido uma viagem ao Japão onde mora Karl, um de seus filhos, porém ele resiste à sugestão e o máximo que conseguem é ir até Berlim, capital da Alemanha, visitar seus outros dois filhos, Klaus e Karolyn.

695 Bacharel em Psicologia (PUCRS), Licenciado (UFRGS), Especializando em Práticas Pedagógicas em Serviços de Saúde (UFRGS) e Residente em Saúde da Família e Comunidade (GHC).

696 Bacharel em Psicologia (PUCRS), Especializando em Políticas Públicas de Saúde Mental e Assistência Social (PUCRS), Psicóloga do Centro de Referência para Mulheres Vítimas de Violência, Canoas.

697 Princípios Norteadores da Política de Humanização: Princípio 5: Utilização da informação, comunicação, educação permanente e dos espaços de gestão na construção de autonomia e protagonismo de sujeitos e coletivos. BRASIL. Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humaniza_sus_marco_teorico.pdf. Acesso em agosto de 2014.

698 BURLÁ, C. Cuidados Paliativos: afinal, do que se trata? In: MORITZ, R. D. (org.). *Conflitos bioéticos do viver e do morrer*. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2011, p. 41-49.

Durante a viagem, o casal descobre o quanto suas vidas não encontram mais espaço no cotidiano de seus filhos. Além de não ter mais tempo para o velho casal, ambos demonstram nítido desinteresse para com eles. Porto e Koller⁶⁹⁹ sugerem em seu estudo que um dos temas mais difíceis de se trabalhar na psicologia durante a velhice é a análise das razões que motivam condutas diversas de familiares, com relação aos membros de mais idade e vice-versa. Conforme as autoras, é esperado que os indivíduos idosos obtenham de seus familiares condições psicológicas positivas, que contribuam para a preservação de seu equilíbrio afetivo, mas tal expectativa tem sido contraposta por índices de violência intrafamiliar, como a negligência e o descaso dos filhos, fato igualmente percebido no filme, cada vez mais elevados. Atualmente, o núcleo familiar está mais voltado para o casal e seus filhos, estreitando os espaços ocupados pelos avós, porém o carinho e o respeito da família contribuem decisivamente para um final de vida feliz.⁷⁰⁰

Com a sensação de estar causando um incômodo aos filhos e sua família, a busca de Trudi por momentos felizes com seu marido começa a se desfazer. Com este evidente desconforto, ela sugere uma última viagem ao litoral antes de retornarem para casa. Subitamente, em um despertar no hotel da praia, Rudi percebe que Trudi está morta. No velório dela o mal-estar familiar retorna. Diversas questões surgem durante as conversas dos filhos como, por exemplo “Por que a mãe alegre e afetuosa se foi e deixou o pai desinteressante e inconveniente?”. Rudi volta para casa e aos poucos começa a se dar conta do quanto pode ter limitado os interesses de sua esposa, devido a sua conduta rígida. Durante a fase do luto, a perda de uma pessoa querida é vivenciada de forma única por cada indivíduo, alguns lutos perduram profundamente durante anos, alterando o seu funcionamento biopsicossocial, outros são vivenciados de modo intenso, mas num tempo mais certo e ainda há os que ultrapassam tão facilmente a dor da perda que mais parece ser uma tentativa de mascará-la.⁷⁰¹

A percepção de si mesmo e de sua conduta durante os anos de casamento se juntam à saudade da esposa. A partir disso, ele decide se aprofundar nos pertences de sua mulher com o objetivo de conhecer os gostos dela e descobre que a vida toda Trudi alimentou o sonho de conhecer o Monte Fuji, no Japão.

699 PORTO, I.; KOLLER, S. H. Violência na família contra pessoas idosas. *Interações*. v. 22, São Paulo: 2006, p. 105-142.

700 LEME, L. E. G.; SILVA, P. S. C. O idoso e a família. In *Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. M. P. Netto (org.). São Paulo: Editora Atheneu, 2002, p. 92-97.

701 BONANNO, G. A.; KALTMAN, N, S. The varieties of grief experience. *Clinical Psychology Review*. v. 5, 2001, p. 705-734.

Lembrando-se do desejo dela, o marido inicia um movimento de ruptura de seus padrões de comportamento, e decide ir até Tóquio. Em visita ao seu filho Karl, onde fica hospedado, percebe que o mesmo também não apresenta disponibilidade para alocar o velho pai em sua vida como aconteceu em Berlim ao visitarem Klaus e Karolyn. As dificuldades materiais, psicológicas ou afetivas do grupo familiar contribuem para o aparecimento de comportamentos desajustados e de casos de negligência ou descaso em relação aos seus membros mais velhos e frágeis.⁷⁰² No caso de Karl, o mesmo mostra-se plenamente envolvido com suas questões profissionais, não demonstrando sensibilidade para com a dor do seu pai.

A saudade de Trudi aumenta e o rompimento de sua conduta padrão continua. E Rudi decide apresentar a capital japonesa à sua esposa. Vestido com saia, blusa e colar de Trudi, por baixo do casaco, organiza-se levando a memória de sua esposa para conhecer a cidade, desejo tão almejado por ela. Oliveira e Lopes⁷⁰³ definem algumas fases do luto, dentre as quais citam a fase do desejo que é caracterizada por um forte impulso de busca pela figura perdida, onde ocorre um estado de vigília, de movimentação para os locais onde a pessoa normalmente estaria. Neste caso, Trudi tenta imaginar onde a esposa almejava estar e vai à busca disso ao sair pelas ruas de Tóquio. Na fase citada, desorganização e desespero se misturam, pois a perda traz consigo outras secundárias como as questões relacionadas à rotina do casal, cuja intensidade dependerá das características da personalidade e das experiências prévias do enlutado e do apoio recebido por parte da sociedade e da família. O filme mostra claramente a desorganização psíquica e a elaboração do luto pelos quais o marido está passando, ao vestir as roupas da esposa por baixo das suas, como forma de manter a presença dela por perto ao passar por locais que ela gostaria de ter conhecido.

Como forma de compensar os sonhos que ela não pôde realizar, Rudi busca a essência de uma das formas de expressão que sua mulher mais admirava: o Butô, uma dança típica oriental. A época de sua visita coincide com o período do Hanami, o festival das cerejeiras. Suas flores simbolizam a beleza, as mudanças e um novo começo.

Numa das incursões por Tóquio, Rudi conhece Yu, uma menina de 18 anos, dançarina de Butô. Assim como ele, Yu também sofre com a perda de uma pessoa querida, sua mãe. Simbolicamente, Rudi e Yu estabelecem uma relação de companheirismo que vai se estabelecendo à medida que ela apresenta Tóquio ao novo amigo. A identificação estabelecida entre iguais decorre de problemas em comum, o que pode funcionar como

702 LEME, L. E. G.; SILVA, P. S. C. (1996) O idoso e a...

703 OLIVEIRA, J. B. A.; LOPES, R. G. C. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia em Estudo*. v. 202, 2008, p. 217-221.

importante fator de coesão entre pessoas que estão passando por uma mesma dificuldade. Além disso, o altruísmo que é caracterizado pela ajuda mútua, aparece constantemente presente nestes casos e pode proporcionar conforto e reestabelecer a confiança em si, muitas vezes perdida com a morte pessoa querida.⁷⁰⁴ Dois detalhes não fogem às futuras discussões: Rudi encontra-se em uma situação financeira agradável, visto que retirou todas suas economias do banco antes de viajar e Yu é uma artista de rua que se apresenta ao ar livre em um parque e mora numa barraca juntamente com outras pessoas que parecem estar na mesma situação que a sua, sem ter aonde morar. Durante uma conversa entre os dois, a possibilidade de realizar o grande sonho de sua esposa surge e Rudi parte para conhecer o Monte Fuji, levando Yu como guia. A viagem é feita, mas devido à neblina o monte não pode ser avistado. Ambos precisam se hospedar em um hotel, onde permanecem por alguns dias. Certa manhã, Rudi desperta enquanto todos ainda dormem, maquia-se e veste o kimono de Trudi. Na beira de um lago, aos pés do Monte Fuji, Rudi dança. Ao acordar, Yu procura por seu amigo, em vão. A menina tenta encontrar alguma pista sobre o desaparecimento de seu amigo e encontra um bilhete deixado por Rudi afirmando que o montante de dinheiro que estava na mala, agora era seu. Em poucas horas o corpo é encontrado e a família comunicada. Para os filhos, seu pai ficara louco, já que foi encontrado maquiado, vestindo um kimono a beira de um lago em um vilarejo onde havia permanecido alguns dias com uma prostituta, como consideram Yu. Questões relativas à medicalização do comportamento e da cultura são comumente discutidas na contemporaneidade.⁷⁰⁵ A manutenção de diversos sentimentos como tristeza, ansiedade e até mesmo a felicidade costumam ser engendradas num sistema de regulação. Embora a utilização de diagnósticos nosológicos traga consigo importantes contribuições para as práticas em saúde seus excessos têm se tornado freqüentes, marcas de uma sociedade de aceleração e consumo, onde excentricidades podem torna-se Esquizofrenia ou Autismo, agitação Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade e o luto depressão com características psicóticas, como Rudi foi visto por sua família.

704 CADE, N. G. Terapia de grupo para pacientes com hipertensão arterial. *Revista de Psiquiatria Clínica*. v. 6., 2001, p. 300-304.

705 BORGES F.A.; MOIMAZ, S.A.S.; SIQUEIRA, C.E.; GARBIN, C.A.S. *Anatomia da privatização neoliberal do Sistema Único de Saúde: O Papel das Organizações Sociais de Saúde*. São Paulo. Cultura Acadêmica Editora, 2012, p. 167.

Para discussão:

1. No filme, os profissionais revelam a situação de saúde de Rudi exclusivamente para sua esposa. Como pode ser pensada essa conduta de cuidado? Existem informações que não competem ao paciente? O que deve ser compartilhado com a família? E o que deve balizar tais decisões?
2. Como pode ser descrito o acolhimento de usuários em processo de luto por unidades de saúde?
3. Como profissionais da saúde podem colaborar com o abandono do paradigma medicamentalizante, outrora solidificado por eles mesmos?

Sugestões de leitura:

COSTA-ROSA, A. *Atenção Psicossocial Além da Reforma Psiquiátrica: contribuições a uma clínica crítica dos processos de subjetivação na saúde coletiva*. São Paulo, Editora Unesp, 2013.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar aos médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

MORITZ, R. D. *Conflitos bioéticos do viver e do morrer*. Brasília, Conselho Federal de Medicina, 2011.

TAVARES, L. A. T. *A depressão como “mal-estar” contemporâneo: Medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo*. São Paulo, Cultura Acadêmica Editora, 2010.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Hanami - cerejeiras em flor*

Título original: *Kirschblüten - Hanami*

País de origem: Alemanha

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 127 minutos

Ano: 2008

Direção: Doris Dorrie

Antes de partir: a doença, a internação e o fim da vida

Cora Efrom⁷⁰⁶

“Pode-se tirar tudo de um homem exceto uma coisa: a última das liberdades humanas – escolher a própria atitude em qualquer circunstância, escolher o próprio caminho.” Victor Frankl⁷⁰⁷

A doença atinge a todos, essa pode ser considerada a primeira idéia que o filme *Antes de partir*⁷⁰⁸ apresenta, quando um mecânico (Carter, vivido por Morgan Freeman) e um bilionário (Edward, Jack Nicholson) são acometidos por câncer e se encontram num mesmo quarto no hospital. No intento de poupar despesas, Edward tinha uma política de que em seus hospitais deveria haver duas pessoas por quarto, mas quando ele mesmo requer atendimento, vê-se obrigado a ter seu leito junto ao de Carter. Drama, humor, questionamento sobre passado, presente e futuro, reflexões sobre a vida, fazem parte dessa trama.

O psicólogo Angerami-Camon destaca que o adoecer provoca um processo de revisão da própria vida, o que reúne valores existenciais do sujeito enfermo, e na maioria dos casos, implica numa total falta de sentido existencial para o paciente. A patologia, portanto, provoca reações que partem de como o sujeito se percebe, de como os outros o percebem, de como é sua relação com o mundo e com os outros e como ele reage a tais questões, conforme afirma o autor:

o modo como olha o seu próprio ser, em sua inserção existencial e a configuração da patologia em sua vida; o dimensionamento imprimindo a sua vida a partir do surgimento da doença e como lidar com a nova realidade e perspectiva existencial.⁷⁰⁹

706 Bacharela em Direito (UFRGS), especialista em Direito Médico (Verbo Jurídico/ Uniasselvi). Bacharelada em Psicologia (UFCSA).

707 Tradução da autora. FRANKL, Victor E. *Man's searching for meaning*. New York: Washington Squares Press, 1984, p. 65.

708 O título original é *The bucket list*, ou seja, algo como a lista do balde (tradução da autora). A expressão coloquial da língua inglesa se remete a uma lista de desejos que se pretende atingir antes do final da vida. Segundo o dicionário Merriam-Webster é derivado da fala “kick de bucket” (chutar o balde), que seria popularizada como morrer. Autoria desconhecida. Merriam-Webster Dictionary. Enciclopaedia Britannica Company. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/bucket%2olist>. Acesso em agosto de 2014.

709 ANGERAMI CALMON, Valdemar Augusto. O imaginário e o adoecer. Um esboço de pequenas grandes dúvidas. In: *E a Psicologia entrou no hospital*. São Paulo: Pioneira, 1996, p. 191.

Podemos dizer que é isso que ocorre com as personagens principais, quando conhecem seu quadro clínico e seu prognóstico, revisam suas vidas e aquilo que gostariam de ter feito e fazer, criando um lista. Como Rezende já afirmou:

o impacto de uma doença, como o câncer por exemplo, é uma daquelas oportunidades na vida que nos coloca repentinamente face a face com nossa tão negada fragilidade e nosso fim.⁷¹⁰

Assim, aquilo que Carter e Edward sempre deixaram para depois, por conta de suas vidas profissionais, pelas “obrigações” da vida e da família, ou até fantasias, são retomadas nesse contexto da doença.

Cabe ainda salientar um outro panorama que o filme propicia: o da internação hospitalar. O paciente internado já se encontra naquele local por uma fragilidade física, que não permite seu tratamento em outro local, entretanto, além disso, ele está também em uma nova configuração que provoca instabilidade emocional. Essa afetação psíquica se desenvolve pela falta de privacidade, pelo barulho e pelas intervenções constantes, pela exposição do corpo, pela permanência em um mesmo recinto, pela relação com familiares, com equipe de saúde e com a sociedade externa àquele local. Além disso, soma-se a necessidade de dependência dos outros e redução da autonomia. Há ainda um olhar biomédico daquele ser como sendo sua doença e não toda a construção de sua existência até aquele estado. O professor José Eduardo de Siqueira destaca que:

ao subestimarmos valores socioantropológicos do ser humano enfermo e ao apreendê-lo como um conjunto de variáveis biológicas, induzimos jovens estudantes de medicina a se transformarem em meros cuidadores de doenças.⁷¹¹

No hospital, os pacientes são numerados, marcados com códigos de barras em suas pulseiras e não mais chamados pelos seus nomes. Por conta do tratamento da sua patologia, perdem feições físicas que os caracterizaram até então (cabelos caem, emagrecem ou engordam, assumem uma palidez, etc.), os corpos sobre suas camas ou cadeiras de rodas são carregados para todos os lugares (conforme as intervenções e exames), têm horários para dormir, comer, receber visitas, têm vestimentas específicas e estão sob o constante olhar da instituição. Submetem-se a tudo

710 REZENDE, Vera Lúcia. Reflexões sobre a vida e a morte: abordagem interdisciplinar do paciente terminal. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000, p. 70.

711 SIQUEIRA, José Eduardo. Reflexões éticas sobre o cuidar na terminalidade da vida. In: *Revista Bioética*. v. 13, nº 2, 2005. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewArticle/106. Acesso em agosto de 2014, p. 43.

para que ali melhorem, pois julgam não ter outra saída. A atenção à dignidade⁷¹² do paciente é colocada de lado, em ordem de se pensar em seu bem-estar físico. Apesar de Edward e Carter estarem sempre assistidos e do filme possibilitar uma perspectiva leve e agradável ao expectador é perceptível o constrangimento e/ou desconforto com a internação (seja pela divisão do quarto, seja pelas situações que passam enquanto internados). Em pesquisa realizada, constatou-se que os pacientes sentem dificuldade com a impessoalidade e com a falta de identidade como são tratados no hospital. Mencionam sobre como têm problemas para pedir ajuda, sobre os pensamentos de morte e o desejo dela, sobre a dor e o medo dela, assim como sobre mutilação, preocupações sobre seu futuro, sobre o futuro da sua família e especialmente de dependência.⁷¹³ Essas informações reforçam a necessidade de se repensar a atuação dos profissionais de saúde sobre diversos âmbitos como o favorecimento da autonomia, o respeito ao outro, uma melhor comunicação e empatia com o enfermo, e, principalmente, assistência para diminuir o sofrimento (físico, psíquico, social e espiritual) do sujeito, com uma equipe multiprofissional que pense na qualidade de vida do enfermo, não só nas metas de efetividade de atendimentos ou em questões institucionais e financeiras dos hospitais.

É preciso salientar também, que o filme mostra o exercício de autonomia dos pacientes, quando ambos decidem recusar as propostas terapêuticas, mesmo que temporariamente no caso de Edward, para desfrutar de outras experiências. As personagens estavam competentes, no pleno exercício de sua autonomia, decidindo sobre seu próprio corpo, apesar da opinião médica ou dos familiares sobre o eventual benefício que alguma terapia traria. Quem realizou, portanto, a ponderação dos valores e os julga é o próprio paciente, especialmente quando confrontado com o fim da vida.

A história, como se pode perceber, propicia diversas análises, não pretendi aqui exauri-las, mas destacar alguns aspectos sobre o sujeito internado e em final de vida, seja pela doença, seja pela fase do desenvolvimento na qual se encontra. O filme permite se pensar em como o enfermo reage ao adoecimento e como pode ter sua vida revista, além de exemplificar o exercício da autonomia sobre seu futuro.

712 É salutar se ter em consideração que a dignidade do paciente deve ser pensada como aquilo que o sujeito entende como digno, ajustando suas expectativas à situação da internação e de que forma isso impacta sobre ele, ou seja, envolve como ele se sente quando confortável, como ele é valorizado, além de uma diversidade de outros conceitos (privacidade, confidencialidade, autonomia, cuidado, respeito, etc).

713 KOVÁCS, MJ. Avaliação da qualidade de vida em pacientes oncológicos em estado avançado da doença. In: *Psico-oncologia no Brasil: resgatando o viver*. Carvalho M. M. J. (org.) São Paulo: Summus; 1998, p. 159-185.

Para discussão:

1. Em uma situação de enfermidade, com ausência de cura, sem novas possibilidades de medidas curativas comprovadas, o sujeito estaria mais fragilizado e, por isso, mais disposto a aceitar participar de tratamentos experimentais?
2. O filme mostra um exemplo de exercício de autonomia do indivíduo doente. Até que ponto pode-se considerá-la em detrimento ou sofrimento dos familiares? Poderia a família passar a decidir pelo paciente, intervindo em sua escolha de deixar o hospital e o tratamento?

Sugestões de leitura:

EFROM, Cora. Mar adentro: uma discussão morte e liberdade. In: *Cinema, Ética e Saúde*. Ana Carolina da Costa e Fonseca (org.). Porto Alegre: Editora bestiário, 2012, p. 273-280.

FONSECA, Ana Carolina da Costa e; EFROM, Cora. Uma lição de vida (Wit): da pesquisa com seres humanos à limitação do esforço terapêutico. In: *Cinema, Ética e Saúde*. Ana Carolina da Costa e Fonseca (org.). Porto Alegre: Editora bestiário, 2012, p. 95-101.

YALOM, Irving D. *De frente para o sol: como enfrentar o medo e superar o terror da morte*. Daniel L. Schiller (trad.). Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Antes de partir*

Título original: *The Bucket List*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: Drama, Comédia

Classificação: 10 anos

Tempo de duração: 97 minutos

Ano: 2007

Diretor: Rob Reiner

Nota sobre o filme *Amor: matar quando não há mais vida possível*

Ana Carolina da Costa e Fonseca⁷¹⁴

Amor é um filme que trata do amor, como o título diz. Contudo, o romantismo do início é substituído pela difícil decisão do final: matar a companheira de toda a vida que, doente, já não mais consegue viver sem intenso sofrimento. Matar foi o mais sublime gesto de amor feito. Sua necessidade, contudo, decorre da omissão da sociedade. Aprendemos a curar mais, a manter as pessoas vivas por mais tempo. Mas não aprendemos a reconhecer que somos, de fato, mortais, e que é preciso deixar a vida seguir seu curso e acabar.

Se a eutanásia fosse uma escolha possível, se houvesse regulamentação para o procedimento, não seria necessário que familiares agissem como criminosos e matassem seus parentes sorrateiramente para acabar com o sofrimento que não pode ser evitado. A eutanásia é mais uma das difíceis questões morais que a maioria dos países de recusa a discutir, usualmente por motivos religiosos. O entendimento de que a vida humana é sagrada costuma ser lido como sacralidade do corpo físico. O sofrimento decorrente da dor física ou psíquica é desconsiderado. O corpo que vemos é objeto de proteção. Muitos fingem ignorar o sofrimento alheio. Aqueles que estão próximos, contudo, não conseguem e não querem ignorar a dor dos que amam. *Amor* nos mostra de que modo matar pode ser a última declaração de tão forte sentimento.

Para discussão:

1. Que argumentos podem ser apresentados a favor e contra a eutanásia? Liste-o e pondere acerca do peso de cada um deles num debate sobre eutanásia.
2. Discuta acerca das razões para o marido matar a esposa como o último gesto de amor.
3. Fernando Pessoa, no poema “D. SEBASTIÃO, Rei de Portugal...”, descreve-nos como um “cadáver adiado que procria”. De que modo situações em que o procedimento de eutanásia se apresenta como necessário confirmam tal verso do poeta português?

Sugestões de leitura:

FONSECA, Ana Carolina da Costa e (org.). *Cinema, ética e saúde*. Porto Alegre: Bestiário, 2012. (Especialmente os capítulos sobre eutanásia.)

714 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

SINGER, Peter. *Ética prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
(Especialmente o capítulo sobre eutanásia.)

Sobre o filme:

Título original: *Amour*

Título no Brasil: *Amor*

País de origem: França, Alemanha e Áustria

Gênero: drama

Classificação: 14 anos

Ano: 2012

Tempo de duração: 127 minutos

Direção: Michael Haneke

Outros olhares

Medicina, ciência e o sobrenatural no filme *A antropóloga*

Maria de Lourdes Borges⁷¹⁵

A antropóloga: entre ciência e crença

O filme *A antropóloga*, de Zeca Pires, é uma lírica homenagem à beleza da Ilha de Santa Catarina. Com suas cores insaturadas, contudo, o filme se afasta do clichê sobre Florianópolis, das praias badaladas, sol escaldante e mulheres de biquíni, mostrando uma outra paisagem: dos pescadores, das bruxas, da lua cheia, dos lobisomens. Dos sonhos e pesadelos. Daquilo que escapa à razão. O longa catarinense não é uma mera mostra, ainda que bela, dos lugares pitorescos e dos costumes da ilha. A antropóloga explora o limite entre a medicina e o curandeirismo, entre a razão e a crença.

O filme narra a história de Malu, uma antropóloga portuguesa que vai a Florianópolis para estudar os costumes açorianos que ali permanecem.⁷¹⁶ Ela está interessada principalmente no uso de ervas para tratamento de doenças, costume tipicamente açoriano. O início do filme mostra vários depoimentos de moradores da Costa da Lagoa, num misto de ficção e documentário, onde são explicados os procedimentos de uso das ervas e sua aplicação terapêutica. Entre os depoimentos, destaca-se uma senhora que fala detalhadamente das propriedades de ervas específicas e de como estas eram utilizadas para curar bronquites e outras enfermidades. Erva cidreira, capim “cidrão”, entre outras, são mencionadas como ingredientes utilizados em xaropes caseiros.

Malu, aos poucos, vai se familiarizando com o preparo das ervas com fins terapêuticos, até que se confronta, através da curandeira Dona Ritinha, com um uso inesperado: elas eram também utilizadas contra “em-bruxamento”, tomada do corpo de alguém por um ente malévolo.

715 Doutora em Filosofia (UFRGS), realizou pós-doutorado na Columbia University em Nova York. Atualmente é professora de Filosofia (UFSC).

716 Florianópolis e várias outras cidades do litoral catarinense receberam a imigração açoriana no século XVIII e foram influenciados pela cultura desses habitantes do Arquipélago dos Açores, o qual pertence a Portugal, mas possui uma cultura particular. Conforme o Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC (NEA), “esses povoadores, ainda que descendentes de portugueses continentais, quando vieram para o Sul do Brasil, em meados do século XVIII, já haviam desenvolvido no Arquipélago dos Açores, ao longo de mais de 200 anos de sua história, uma evolução social, demográfica e cultural, distinta da cultura portuguesa continental em muitos aspectos. A dinâmica sócio-cultural e demográfica do açoriano no litoral catarinense contribuiu de forma decisiva na feição dos padrões sócio-culturais da região. Difundiram-se ao longo dos séculos XVIII a XX no litoral do Estado e os frutos são percebidos entre mais de um milhão de habitantes, distribuídos pelos 45 municípios do litoral catarinense.” BRASIL. Núcleo de estudos açorianos da UFSC. Disponível em: www.nea.ufsc.br. Acesso em agosto de 2014.

A antropóloga conhece Carolina, uma menina frágil e doente. Segundo a medicina, sua doença poderia ser descrita como um câncer no cérebro; segundo a curandeira, tratava-se de um estado causado por possessão de uma bruxa, que sugava as energias da menina.

Depois de todas as tentativas de cura pela medicina, a antropóloga Malu decide entrar na cultura que lhe era apenas objeto de estudo e realizar o ritual de expulsão da bruxa do corpo da menina.

Explicação científica, explicação sobrenatural

As ervas podem realmente curar? Qual a diferença entre dizer que a personagem Carolina tem um câncer ou é vítima de embruxamento? Não seriam meras denominações alternativas para formas malignas da natureza, que podem trazer a morte e a destruição do que é vivo? A magia, certamente, é irracional, mas seria a medicina uma ciência exata?

O filme levanta uma outra polêmica: qual a relação da medicina com as práticas de cura não convencionais e sem provas científicas de sua validade?

O propósito inicial da Antropóloga Malu era exatamente estudar essas ervas medicinais usadas na tradição açoriana há muito tempo, a fim de registrar as práticas de cura através das ervas. Por essa razão, ela entra em contato com Dona Ritinha, uma curandeira experiente da região, que apresenta à Malu as ervas que curam diversas enfermidades

Qual a importância que a Medicina deve dar à essa tradição de cura popular? Ela pode coexistir com um saber científico? Ou deve ser considerada apenas objeto do relato de práticas de uma comunidade, sem considerar sua eficácia?

Segundo as crenças daquela comunidade de pescadores, o mal físico continua encantado. A doença de Carolina não é o resultado de algo explicável e, portanto, desencantado. Não é apenas o mau funcionamento de um organismo, um câncer produzido por uma falha do funcionamento do mecanismo de multiplicação das células. Para a comunidade em questão, a doença vem do embruxamento, é um mal que se origina da possessão por um ser malévolo.

Sem pretender criticar a medicina tradicional, o filme parece sugerir que estamos frente a duas explicações concorrentes para um mesmo fenômeno. E que, quando a Medicina se declara impotente frente à morte, ainda temos a possibilidade de dar lugar à crença.

O filme de Zeca Pires nos faz lembrar o bebê de Rosemary e o próprio cineasta admite ter sido inspirado pelo filme de Polansky. Como este, *A antropóloga* apresenta duas explicações para os mesmos fatos, uma científica e outra sobrenatural. A doença da personagem Carolina pode tanto

ser explicada por um câncer no cérebro, quanto pelo embruxamento, assim como a situação de Rosemary admitia duas versões: a científica, na qual ela estaria tendo uma crise emocional durante a gravidez; a sobrenatural, na qual ela realmente esperava um filho do diabo.

Polansky, ao falar sobre o *Bebê de Rosemary*, surpreendentemente afirma que acreditava mais na microbiologia do que no sobrenatural: “não creio em demonologias... sou muito mais apaixonado por microbiologia do que por bruxaria...”, “sou puramente materialista, sempre encontro uma explicação científica para tudo o que acontece comigo”.⁷¹⁷

Esta sua descrença no mistério, por certo, foi o motivo de ter conduzido a obra de forma a manter a ambigüidade até o final.

A doença, o mal e o místico

Se o mundo foi criado por um Deus bondoso e onipotente, de onde vem o mal? Essa foi uma questão central para muitos filósofos medievais e modernos.⁷¹⁸ O mal não se referia apenas ao mal moral, mas também ao mal físico. Por que a doença causa tanta dor aos seres humanos? Teria sido essa a vontade divina?

A doença como advinda de um princípio malévolo e não de uma carência de bem parece ser uma resposta mais razoável à tentativa de conciliação entre um ser divino e o mal mundano.

No *Bebê de Rosemary*, de Roman Polansky, o filho do diabo jamais aparece e o mal pode ser apenas um delírio psicótico. Julio Cabrera compreende esta ambigüidade de Polansky como um erro conceitual: “há um tremendo erro conceitual na intenção de Polansky de não querer mostrar o filho do diabo, no final do filme, para não ter de “ceder ao sobrenatural”, como se mostrar tivesse necessariamente de manifestar uma condescendência para com o desejado demonismo de Ira Levin”.⁷¹⁹

Já Zeca Pires mantém sua obra na ambigüidade até certo momento, terminando por mostrar o sobrenatural. Dele, não se poderia dizer que acredita mais na microbiologia, ou na medicina, ou mesmo que encontraria uma explicação científica para tudo. Ele adentra o mundo do inexplicável racionalmente e o mostra assim, não tentando explicá-lo.

Esta aceitação do mistério nos faz lembrar a proposição 6.44 do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein⁷²⁰: *Nicht wie die Welt ist, ist das Mystische, sondern daß sie ist* (O Místico não é como o mundo é, mas que ele

717 Citado em CABRERA, J, *O cinema pensa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 94-95.

718 Entre eles, podemos citar Leibniz, que, na sua tentativa de elaborar uma teodiceia, pergunta-se pelo sentido do mal no mundo. LEIBNIZ, G.W. *Ensaio de Teodicéia sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal*. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

719 CABRERA, J, *O cinema pensa ...*, p. 103.

720 WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 2001.

é). O místico não se explica, ele se mostra. E nessa exposição do místico, o mal se faz presente ao lado do bem.

Para discussão:

1. No filme *A antropóloga*, existiam duas versões para a doença de Carolina. Segundo a versão da medicina, tratava-se de um câncer no cérebro. Segundo a versão de Dona Ritinha, a menina encontrava-se embruxada, ou seja, enfeitiçada por uma bruxa que lhe roubava as forças. É possível duas explicações para o mesmo fato? Pode-se considerar a explicação sobrenatural como uma forma legítima de interpretar os fatos?
2. Depois de todas as tentativas de cura pela medicina, a antropóloga Malu decide entrar na cultura que lhe era apenas objeto de estudo e realizar o ritual de expulsão da bruxa do corpo da menina. A medicina pode admitir a realização de rituais culturais cujas bases não sejam a ciência?
3. Discuta sobre a utilização de rituais religiosos como auxiliares no tratamento de doenças. Eles poderiam trazer algum benefício?
4. Qual deve ser a postura do profissional de saúde sobre a prática de rituais religiosos de cura pelos seus pacientes?

Sugestões de leitura:

CABRERA, Julio. *O cinema pensa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LEIBNIZ, G. W. *Ensaio de Teodicéia sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal*. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

MALUF, Sônia. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

Sobre o filme:

Título original: *A antropóloga*

País de origem: Brasil

Gênero: drama

Classificação: livre

Tempo de duração: 118 minutos

Ano: 2010

Direção: Zeca Pires

Muito além do peso: o que estamos servindo às nossas crianças?

Juliana Nólitos⁷²¹

O documentário *Muito além do peso* é uma produção nacional lançada no final de 2012, dirigida por Estela Renner, e que aborda a realidade atual do consumo alimentar e da saúde das crianças brasileiras. Baseado em entrevistas com crianças e familiares de várias regiões do país, assim como profissionais das áreas da saúde e alimentação, o documentário discute a questão da obesidade infantil, relacionando-a a uma série de fatores sociais, psicológicos e políticos, à superexposição à mídia e ao sedentarismo generalizado.

A obesidade infantil tornou-se um assunto preocupante, já que o estado nutricional das crianças sofreu, nas últimas décadas, uma evidente transição do quadro de desnutrição ao de excesso de peso. De acordo com o último levantamento nacional realizado pelo IBGE, 33,5% das crianças de 5 a 9 anos apresentam excesso de peso, sendo este valor mais de oito vezes a frequência de déficit de peso. Destas, 14,3% apresentam obesidade. A região Sul ocupou o 3º lugar em excesso de peso e obesidade infantil do país, apresentando 36,6% e 16,7% de prevalência, respectivamente⁷²².

Esse aumento vertiginoso da obesidade infantil resulta em um grave problema de saúde pública, pois o excesso de peso está relacionado às maiores pandemias da nossa era, como as doenças cardiovasculares (causa de morte número 1 no país e no mundo, responsável por 1/3 dos óbitos no Brasil⁷²³), diabetes, alguns tipos de câncer, depressão, estresse e mortalidade precoce. Além disso, estatísticas mostram que cerca de 80% das crianças obesas permanecem com excesso de peso na vida adulta⁷²⁴. Os fatores psicossociais são de grande importância para a gênese da obesidade. Tanto o ambiente familiar, quanto o escolar podem influenciar diretamente na criação do sistema de valores, no comportamento alimentar

721 Bacharelanda em Nutrição (PUCRS) e bolsista de Iniciação Científica no Instituto do Coração do HCFMUSP/Fundação Zerbini.

722 BRASIL. IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. *Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009 – Antropometria e Estado Nutricional de Crianças, Adolescentes e Adultos no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

723 BRASIL. Ministério da Saúde/SVS. Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). *Indicadores de mortalidade. Mortalidade proporcional por grupos de causas*. Brasil: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2012/matriz.htm#mort>. Acesso em agosto de 2014. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *The top 10 causes of death*. Fact sheet n° 310. Geneva: WHO, 2014. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs310/en/>. Acesso em agosto de 2014.

724 GUO, S.; CHUMLEA, W. Tracking of body mass index in children in relation to overweight in adulthood. *American Journal of Clinical Nutrition*, v. 70, n. 1, Jul. 1999, p.145S-48S.

e no desenvolvimento da autoimagem da criança. Isso denuncia o quanto é importante que a família reconsidere os seus próprios hábitos alimentares, já que ela serve de maior exemplo para que a criança aprenda sobre o mundo e desenvolva o seu comportamento. Devemos compreender que uma intervenção na alimentação da criança dificilmente surtirá efeito se a sua família não assimilar esse aprendizado e acompanhar essa mudança de estilo de vida.

Atualmente, os alimentos mais baratos, mais práticos e de mais fácil acesso são, geralmente, os de baixo valor nutricional, sendo caracterizados como ricos em carboidratos refinados e açúcares, calorias, sódio e gorduras (especialmente as trans, ou hidrogenadas, e as saturadas), e pobres em fibras e micronutrientes, como vitaminas, minerais e substâncias antioxidantes, nutrientes essenciais em todas as fases do ciclo da vida, principalmente na infância. Exemplos desse tipo de “alimento” são os biscoitos recheados, os salgadinhos, os refrigerantes e os doces em geral, que, além de serem compostos por ingredientes pouco nutritivos, recebem adições de substâncias conservantes, aromatizantes e corantes (entre outros), em sua maioria, moléculas criadas ou isoladas em laboratório, consistindo em substâncias estranhas ao nosso organismo que potencializam o risco de reações alérgicas adversas⁷²⁵.

Os corantes, por exemplo, são essenciais na industrialização da comida por facilitarem a padronização e o barateamento dos produtos. As cores são escolhidas com a intenção de atrair o consumidor e, para tanto, frequentemente estudos são realizados por indústrias alimentícias para determinar qual tonalidade de corante agrada mais o público. A maioria dos corantes utilizados na indústria é sintética (42%)⁷²⁶, escolhida principalmente por apresentar maior uniformidade e estabilidade que os corantes naturais. Ao longo da história do uso de corantes na alimentação, temos exemplos de irresponsabilidade e falta de ética, como o uso de substâncias altamente tóxicas (por exemplo, chumbo e sulfato de cobre) para adulterar alimentos impróprios para o consumo ou torna-los atrativos.⁷²⁷

Cada vez mais descobrimos os malefícios que essas substâncias podem nos causar. Uma pesquisa realizada com 486 crianças hiperativas, entre 7 e 13 anos, demonstrou, através de um questionário, que 60% da amostra referiu problemas de aumento da hiperatividade após o consu-

725 AUN, M.; MAFRA, C.; PHILIPPI, J.; KALIL, J.; AGONDI, R.; MOTTA, A. Aditivos em alimentos. *Revista Brasileira de Alergia e Imunopatologia*, v. 34, n. 5, 2011, p. 177-186.

726 DOWNHAM, A.; COLLINS, P. Colouring our food in the last and next millennium. *Internacional Journal of Food Science & Technology*, v.35, 2000, p. 5-22.

727 PRADO, M.; GODOY, H. Corantes artificiais em alimentos. *Alimentos e Nutrição*. Araraquara, v.14, v. 2, 2003, p.237-250.

mo de alimentos e bebidas coloridos artificialmente. Três corantes sintéticos foram testados nessa amostra e em um grupo controle composto por 172 indivíduos: tartrazina (INS 102), que pode desencadear reações alérgicas, como asma, bronquite, urticária, rinite, náusea, eczema e dor de cabeça⁷²⁸; vermelho amaranço (E123), proibido nos Estados Unidos desde 1976 por ser possivelmente carcinogênico; e amarelo crepúsculo (E110), banido na Noruega e Finlândia, que pode provocar reações anafiláticas e alérgicas, semelhantes às causadas pela tartrazina. Essas substâncias integram a lista dos 11 corantes artificiais permitidos no Brasil.⁷²⁹

Das 23 crianças que consumiram bebidas contendo o corante tartrazina, a maioria apresentou aumento severo dos níveis de hiperatividade (18) e de agressividade (16), seguido de prejuízo à coordenação motora (12), surgimento de asma e/ou eczema (8), comportamento violento (4) e prejuízo à fala (2). A tartrazina está presente em alimentos industrializados como sucos artificiais, gelatinas, isotônicos, bolos prontos, sorvetes e salgadinhos. O corante amarelo crepúsculo também ocasionou essas reações, porém, em menor número e intensidade.⁷³⁰

Podemos perceber que o emprego dos corantes é predominante em alimentos direcionados ao público infantil, o que é alarmante, pois as crianças não possuem qualquer filtro que as possibilite distinguir o real do artificial, e fazem escolhas baseadas puramente em estética. Por exemplo, nos biscoitos com recheio sabor morango é a cor rosa que atrai, e não o fato de haver ou não morangos (já que o sabor não se assemelha ao da fruta). Provavelmente a criança que come esse biscoito não sabe que esse pigmento natural, chamado carmim, é proveniente do esmagamento de milhares de insetos do tipo conchonilla.

O documentário também mostra imagens do nosso cotidiano, como cardápios de lancherias e prateleiras de supermercados, recheadas com produtos altamente processados de baixo valor nutricional, em todas as suas formas, marcas, embalagens, logos e cores. É surpreendente a quantidade de espaço que a grande variedade desses itens ocupa em nossos supermercados. Essa realidade aponta que o sistema hierárquico de valores das crianças e adolescentes é pré-estabelecido por um sistema mais

728 BRASIL. ANVISA. *Informe técnico nº 30 – Considerações sobre o corante amarelo tartrazina*. Brasil: ANVISA; 24 de julho de 2007. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/alimentos/informes/30_240707.htm. Acesso em agosto de 2014.

729 BRASIL. ANVISA. Resolução nº 388, de 05 de agosto de 1999. *Diário Oficial da União (D.O.U)*. Publicado em 09 de agosto de 1999. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/76591a8047457c278903dd3fbc4c6735/RESOLUCAO_388_1999.pdf?MOD=AJPERES. Acesso em agosto de 2014.

730 WARD, N. Assessment of Chemical Factors in Relation to Child Hyperactivity. *Journal of Nutrition and Environmental Medicine*, v. 7, 1997. p. 333-342.

amplo, idealizado por adultos, para atender objetivos alheios à nutrição adequada da população.

Os produtos de marca reconhecida, como Coca-Cola, McDonald's e Nestlé, possuem maior valor simbólico do que alimentos naturais e caseiros, sem embalagens e sem propagandas. É difícil competir com marcas já consolidadas, mesmo que, na prática, optar por tais produtos não signifique propriamente uma garantia de qualidade. O filme traz o relato de uma médica sobre uma criança que, após ser orientada a consumir uma fruta no lanche, começa a comer a fruta trancada no banheiro, por ter vergonha de ser vista pelos outros comendo frutas. No universo do consumo, o caseiro, o natural e o verdadeiramente saudável não são alvo de incentivo social. Pelo contrário, o que acaba sendo valorizado é o produto industrializado, resultado da aplicação de tecnologias, embalado e veiculado pela mídia.

O documentário também mostra um pré-adolescente comentando que seu amigo considera arroz, feijão, bife e salada como “comida de pobre”. Esse é um dos motivos pelos quais a obesidade cresce com maior intensidade nas regiões urbanas e, dentro delas, nas populações com menor nível socioeconômico. A alimentação mais natural, preparada de maneira caseira, é associada ao baixo nível econômico, enquanto a comida ultraprocessada e de marca é considerada a representação da globalização, do desenvolvimento tecnológico e da ascensão econômica.

Fica muito claro em algumas cenas do documentário que, frequentemente, o início ou o uso cotidiano de *junk food* ocorre em função de uma manipulação dos adultos por parte das crianças, que se recusam a comer alimentos saudáveis, brigam, choram e xingam, na tentativa de receberem algo que eles realmente querem comer (geralmente alimentos altamente processados, cheios de açúcar, gordura, sal e aditivos químicos). Normalmente, os pais cedem às exigências dos filhos pela preocupação de que eles fiquem muitas horas sem se alimentar, mas esse é o momento em que se deve demonstrar firmeza. Caso contrário, a criança processa que esse método é eficiente para obter o que ela deseja e esse comportamento gera um ciclo vicioso, trazendo apenas malefícios à saúde psicossocial e física da criança. Portanto, é de suma importância que os adultos não caiam nessa chantagem emocional. Os pais devem se conscientizar de que eles são os responsáveis pela alimentação da criança e não cabe a ela ainda decidir o que comer.

Vale ressaltar que não se deve forçar a criança a comer ou transformar o episódio durante a refeição em uma situação estressante. O melhor é servir a preparação, incentivar a criança a comer (e dar o exemplo), mas deixa-la brincar com a comida, fazer sujeira e levar o seu tempo, explican-

do que o que foi oferecido é gostoso, nutritivo e é o que está disponível para que ela coma. Cada alimento deve ser oferecido cerca de 15 vezes, com preparos e apresentações diferentes, para estimular a criança a assimilar essa novidade.

Os fatores políticos que favorecem a obesidade infantil no Brasil estão entrelaçados aos fatores sociais. Em função de políticas do Estado, subsídios e incentivos a determinadas práticas, grandes corporações tem recebido especial atenção em detrimento de práticas mais sustentáveis, pequenos produtores e empresas locais. A disparidade entre o valor investido pelo governo em divulgação de hábitos promotores da saúde em comparação com o investido pelo setor alimentício em propaganda é chocante. Nos Estados Unidos, são gastos 51 milhões de dólares pelo governo federal para a divulgação de hábitos alimentares saudáveis e exercício físico, enquanto 1,6 bilhão é gasto pela indústria alimentícia em marketing de produtos hipercalóricos e pouco nutritivos⁷³¹ - mais de três vezes o investimento em ações de promoção à saúde!

Algumas parcerias entre o setor público e corporações chegam a ser constrangedoras. Em 2011, surgiu a notícia de uma parceria entre o Ministério da Saúde do Brasil e a Mc Donald's, que foi considerada uma empresa "parceira da saúde"⁷³². A novidade gerou perplexidade e foi contestada pela sociedade, mas a resposta do Ministério foi apenas "Além do apoio à divulgação de nossas campanhas, Mc Donald's já aderiu a acordos entre o MS e a indústria alimentícia para reduzir a proporção de gordura e sódio nos alimentos"⁷³³.

Em contrapartida, nesse mesmo período, nos Estados Unidos, foi publicada uma carta aberta ao CEO da Mc Donald's assinada por 550 profissionais da saúde pedindo à rede que abandonasse o marketing direcionado às crianças e o uso do personagem Ronald McDonald⁷³⁴. Enquanto, no Brasil, a Mc Donald's recebeu multa de R\$ 3,192 milhões pelo PROCON SP por distribuir brindes com lanches, a partir de denúncia do Projeto Crian-

731 Teach – make a difference. "Targeting children with treats". 2012. Disponível em: <http://teach.com/education-policy/childhood-obesity-facts>. Acesso em agosto de 2014.

732 FERRAZ, M. *Ministério da Saúde em campanha publicitária de empresa de fast-food*. Instituto Brasileiro de Defesa ao Consumidor (IDEC), 6 de junho de 2011. Disponível em: <http://www.idec.org.br/em-acao/artigo/ministerio-da-saude-em-campanha-publicitaria-de-empresa-de-fast-food>. Acesso em agosto de 2014.

733 Autoria desconhecida. *Sobre a parceria do Ministério da Saúde com a Mc Donald's*. Blog Saúde Brasil, 2011. Disponível em: <http://susbrasil.net/2011/05/29/sobre-a-parceria-do-ministerio-da-saude-com-a-mc-donalds/>. Acesso em agosto de 2014.

734 INSTITUTO ALANA. Projeto criança e consumo. *Quando Ronald vai se aposentar?* 2011. Disponível em: <http://www.consumismoeinfancia.com/22/06/2011/quando-ronald-vai-se-aposentar/>. Acesso em agosto de 2014.

ça e Consumo, do Instituto Alana⁷³⁵. Porém, em 2013, a multa foi suspensa pela Justiça, que considerou que não houve abusividade na propaganda do McLanche Feliz⁷³⁶.

Em 2014, em função da Copa do Mundo, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Porto Alegre firmou uma parceria com a Coca-Cola para a realização de uma campanha intitulada “Tour da Taça” nas escolas públicas do município. A campanha consistia em um passeio ao shopping, premiação com ingressos para a Copa, visita à “Fábrica da Felicidade da Coca-Cola” e “kits Coca-Cola” para as duas melhores redações sobre o passeio (ao shopping!), incluindo premiação aos professores e diretores das escolas e investimento de R\$8.000 em cada uma para a melhoria de estruturas para as práticas esportivas⁷³⁷. Logo nutricionistas e entidades ligadas a movimentos de saúde da criança e consumo infantil manifestaram sua insatisfação ao Ministério Público, exigindo que essa parceria fosse questionada. Em frente à pressão social, a SMED reviu alguns termos da parceria e optou por cancelar o passeio à “Fábrica da Felicidade”, enquanto o Ministério Público barrou a distribuição dos “kits Coca-Cola”, considerando-os publicidade direcionada ao público infantil⁷³⁸.

Outra situação de parceria duvidosa, mostrada no filme, foi a da exposição sediada na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) em 2012, “Emagrece, Brasil! A Obesidade pelo Olhar da Infografia”, um projeto da Editora Abril com patrocínio da Coca-Cola. Sobre esse episódio, a Frente pela Regulamentação da Publicidade de Alimentos publicou uma nota chamando a atenção da ANVISA: “Ao abrir suas portas para esta exposição e incluir na programação da I Semana de Vigilância Sanitária no Congresso Nacional campanha cujo patrocínio exclusivo é de uma das maiores empresas de refrigerantes do mundo, a ANVISA adota prática há muito tempo condenada na área da saúde evidenciando um flagrante

735 ONG que busca garantir condições para a vivência plena da infância, com uma série de projetos envolvendo educação infantil e saúde integral da criança. Também foi patrocinadora dos documentários *Muito além do peso e Criança – A Alma do Negócio*, produzidos pela Maria Farinha Filmes, um dos projetos também desenvolvidos pela ONG.

736 BEZERRA, E. *Justiça suspende multa do Procon contra McDonald's*. Revista Consultor Jurídico. 2013. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jul-31/justica-sp-suspende-multa-milhoes-procon-mcdonalds>. Acesso em agosto de 2014.

737 WEISSHEIMER, M. A. “*Tour da Taça*”: Médica critica parceria de escolas municipais de Porto Alegre com a Coca-Cola. Blog RS Urgente. 2014. Disponível em: <http://rsurgente.wordpress.com/2014/03/22/tour-da-taca-medica-critica-parceria-de-escolas-municipais-de-porto-alegre-com-a-coca-cola/>. Acesso em agosto de 2014.

738 WEISSHEIMER, M. A. *SMED muda termos da parceria com Coca-Cola em escolas da rede municipal*. Blog RS Urgente. 2014. Disponível em: <http://rsurgente.wordpress.com/2014/04/09/smed-muda-terminos-da-parceria-com-coca-cola-em-escolas-da-rede-municipal/>. Acesso em agosto de 2014.

de conflito de interesses e descaso com os movimentos da sociedade civil alinhados à ética e à equidade da ação regulatória estatal no campo da alimentação e nutrição⁷³⁹.

Estratégias de *marketing* como a vinculação de brindes, brinquedos e imagens de personagens infantis a alimentos de baixa qualidade nutricional, se utilizam do universo lúdico infantil para estimular o consumo, e são consideradas abusivas, de acordo com a Resolução nº 163 de 2014, que dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente.⁷⁴⁰ Os profissionais da publicidade, sem preocupações éticas de qualquer ordem, tem hoje em dia uma excelente compreensão da psicologia e do desenvolvimento infantil, explorando as características cognitivas do ser humano em qualquer fase da vida. A mídia, por sua vez, veicula propagandas de qualquer empresa que pague pela sua divulgação, atingindo massivamente a população de consumidores que assiste à televisão, acessa a internet e lê jornais e revistas diariamente.

Outro dado alarmante trazido pelo filme nos confirma, mais uma vez, que a exposição da criança à televisão e internet deve ser repensada pela família: em média, as crianças passam três horas na escola e cinco horas assistindo televisão ou em frente ao computador por dia.⁷⁴¹ A excessiva exposição à publicidade decorrente dessa prática cada vez mais banal imprime forte marca na formação psicossocial da criança. Mais de 70% da publicidade veiculada pela mídia é de *fast food*, guloseimas e bebidas açucaradas e artificiais, enquanto a publicidade de alimentos ocupa o 2º lugar no total de publicidade na televisão voltada ao público infantil.⁷⁴² Em função disso, as crianças já influenciam em 92% das compras de alimen-

739 Autoria desconhecida. Frente pela regulação da publicidade de alimentos. *Nota de repúdio*. 2012. Disponível em: <http://regulacaoalimentos.blogspot.com.br/search?q=nota+de+rep%C3%BAdio>. Acesso em agosto de 2014.

740 BRASIL. Resolução CONANDA n.º 163 de 13 de março de 2014. „D.O.U. Publicado em 4 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=268725>. Acesso em agosto de 2014.

741 BRASIL. IBOPE. *Painel Nacional de Televisores – crianças entre 4 e 11 anos, classe ABC*. Brasil: IBOPE, 2011 Apud HENRIQUES, I. *Panorama da obesidade infantil e da publicidade de alimentos dirigida às crianças no Brasil*. Núcleo Alana de Defesa e Educação; Fundação Getúlio Vargas (FGV). Centro de Políticas Sociais. *Tempo de Permanência na Escola (TPE) / população brasileira em 2006*. Disponível em: <http://www3.fgv.br/ibrecps/rede/tpe/>. Acesso em agosto de 2014.

742 BRASIL. Ministério da Saúde e Observatório de Mídia da Universidade Federal do Espírito Santo. *Monitoramento da Publicidade de Produtos e Serviços Destinados a Crianças*. Natal, 2011. Apud HENRIQUES, I. *Panorama da obesidade infantil e da publicidade de alimentos dirigida às crianças no Brasil*. Núcleo Alana de Defesa e Educação. Criança e Consumo. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/72cb3c004b13dd169731bfa337abae9d/Isabella_Henriquez.pdf?MOD=AJPERES. Acesso em agosto de 2014.

tos, tendo como fatores determinantes a publicidade na TV, o personagem famoso e a embalagem.⁷⁴³

Além do mais, a relação de horas dispendidas em atividades sedentárias (como assistir televisão e utilizar o computador) está diretamente ligada ao aumento da obesidade⁷⁴⁴. A sociedade inteira está mais sedentária, e as crianças estão sofrendo por essa falta de atividade física (e de alimentação adequada) cada vez mais cedo. Cerca de 60% das crianças entre 5 e 10 anos têm pelo menos um fator de risco para doença cardiovascular, como hipertensão arterial, dislipidemia, hiperinsulinemia, alteração do metabolismo da glicose e fatores pró-trombóticos, e 20% delas têm dois ou mais destes fatores.⁷⁴⁵ Além dos distúrbios metabólicos, crianças obesas sofrem de problemas secundários à obesidade, tanto de ordem psicossocial, como discriminação social e baixa autoestima, quanto física, como apneia do sono, complicações ortopédicas, diminuição da capacidade respiratória, entre outros, que são evidenciados no documentário através de exemplos de crianças que não brincam porque não tem resistência física e se cansam facilmente ou sentem dores nas articulações.

Diante desse cenário extremamente preocupante, podemos identificar algumas ações que surgem para tentar reverter essa situação. Em 2008, a SMED de Caxias do Sul sancionou a Lei nº 6926, que estabelece normas para o controle da comercialização de produtos alimentícios e de bebidas nos bares das escolas públicas e privadas.⁷⁴⁶

Em Porto Alegre, após um levantamento antropométrico realizado em 2012, constatou-se que 13% das cerca de 15 mil crianças analisadas apresentava obesidade, sendo que o índice aumentou 53% em apenas seis anos. A SMED constatou que o consumo diário per capita nas escolas municipais dos ingredientes mais preocupantes era o seguinte: 5,3 g de sal (praticamente duas vezes a quantidade adequada), 14,5 ml de óleo (50% acima do aceitável) e 14,4 g de açúcar (cuja ingestão não é necessária, nem indicada), sendo esses valores relativos à adição dessas substâncias, e não levando em conta as quantidades de sódio, lipídeos e açúcares já presen-

743 Autoria desconhecida.. Como atrair o consumidor infantil, atender expectativas dos pais e, ainda, ampliar as vendas. *Interscience*. 2003. Disponível em: <http://www.tns-interscience.com.br/site2006/download/estudosInstitucionais/influenciaCrianças.pdf> Acesso em agosto de 2014.

744 JANZ, K.F.; BURNS, T.L.; LEVY, S.M. Tracking of activity and sedentary behaviors in childhood: the Iowa Bone Development Study. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 29, 2005, p. 171-78.

745 AMEMIYA, S.; DOBASHI, K.; URAKAMI, T.; et al. Metabolic syndrome in youths. *Pediatric Diabetes*, v. 8, n. 9, 2007, p. 48-54.

746 BRASIL. Lei nº 6926, de 16 de dezembro de 2008. D.O.U. Publicado em 16 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://leismunicipa.is/niloe>. Acesso em agosto de 2014.

tes nos alimentos industrializados. A estratégia adotada pela SMED foi diminuir em 50% o consumo desse trio de ingredientes de maneira gradual, permitindo que o paladar das crianças se adaptasse ao sabor mais suave.⁷⁴⁷ Desde 2011 outras ações também foram tomadas, como a troca de produtos refinados por versões integrais, a inclusão da avaliação da pressão arterial e a compra de alimentos orgânicos de produção familiar, visando uma maior qualidade da alimentação escolar, dentro das diretrizes do Programa Nacional de Alimentação e Nutrição Escolar (PNAE), e uma melhora nos índices de saúde infantil.⁷⁴⁸

O filme ressalta que, além da regulamentação do *marketing* de alimentos e da qualidade das merendas escolares, é de extrema importância a implementação de ações de educação alimentar e nutricional para todos os segmentos da população, dando especial atenção às crianças, pois elas estão formando o seu comportamento alimentar e, com esse trabalho, podemos fornecer ferramentas que as capacitem a fazer melhores escolhas alimentares e propiciem o desenvolvimento de uma cultura promotora de saúde.⁷⁴⁹ A importância do processo de educação nutricional está em despertar no indivíduo o interesse pela mudança em seus hábitos, levando em conta o seu contexto cultural e social⁷⁵⁰. Para que uma ação de educação nutricional seja efetiva, devemos levar em conta a sua abordagem (incluindo a sua adequação em relação ao público) e a sua duração. Estudos de revisão indicam que as ações mais bem sucedidas são aquelas que tem duração de pelo menos um ano, que envolvem a família, que fazem parte das atividades regulares da escola e que são abordadas de maneira lúdica ou interativa.⁷⁵¹

747 MELO, I. Escolas de Porto Alegre abrem guerra contra os vilões das cantinas. *Jornal Zero Hora*. 2013. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2013/06/escolas-de-porto-alegre-abrem-guerra-contra-os-viloes-das-cantinas-4170332.html>. Acesso em agosto de 2014.

748 NEQUESAURT, T. Porto Alegre conquista prêmio nacional por merenda escolar. Prefeitura de Porto Alegre. 2012. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?p_noticia=156488&PORTO+ALEGRE+CONQUISTA+PREMIO+NACIONAL+POR+MERENDA+ESCOLAR. Acesso em agosto de 2014.

749 RODRIGUES, L.; RONCADA, M. Educação nutricional no Brasil: evolução e descrição de proposta metodológica para escolas. *Comunicação em Ciências da Saúde*, v. 19, n. 4 2008, p. 315-322.

750 CAMOSSA, A. [et al]. Educação nutricional: uma área em desenvolvimento. *Alimentação e Nutrição*, Araraquara, v.16, 2005, p. 349-354.

751 SILVEIRA, J. et al. A efetividade de intervenções de educação nutricional nas escolas para prevenção e redução do ganho excessivo de peso em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 87, n. 5, 2011. p. 382-92; RAMOS, F.; SANTOS, L.; REIS, A. Educação alimentar e nutricional em escolares: uma revisão da literatura. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 29, n. 11, 2013, p. 2147-2161.

No fim do documentário, Alex Bogusky, publicitário e defensor do consumo consciente, ressalta o poder que temos enquanto consumidores. Com o nosso voto de compra podemos escolher e valorizar produtos ou empresas que atendam às nossas exigências baseadas em princípios éticos. Essa simples e cotidiana ação gradualmente pressiona o mercado a rever suas práticas, a fim de atender a demanda crescente.

Em meio ao turbilhão de informações sobre nutrição (que frequentemente se contradizem) ao qual somos expostos, muitos acabam confusos e consideram difícil fazer boas escolhas alimentares. Michael Pollan, professor da Universidade de Berkeley, jornalista e autor de livros sobre a industrialização da alimentação, sintetizou de maneira muito objetiva os princípios da alimentação saudável:

1. Coma comida – definindo *comida* como alimentos naturais e frescos, que não foram produzidos em indústrias e laboratórios. Ou como Pollan brinca, “Não coma nada que a sua avó não reconheceria como comida” e “Evite comidas contendo ingredientes cujos nomes você não consiga pronunciar”. Para entender melhor as questões e consequências envolvidas na industrialização do nosso sistema alimentar, sugiro a leitura dos artigos *Food Inc.: questões éticas da produção industrial de alimentos vegetais e o impacto na saúde de seres humanos, de animais e do planeta* e *Meat the Truth: questões éticas da produção industrial de animais para consumo e seu impacto na saúde dos seres humanos, dos animais e do planeta*, publicados no primeiro volume desse livro.⁷⁵²

2. Não em excesso – um dos grandes problemas da alimentação ocidental é que aplicamos a lógica do “quanto mais, melhor” em praticamente todos os aspectos da nossa vida. A abundância na alimentação é uma busca constante, embora cada vez dediquemos menos atenção, tempo e dinheiro a essa atividade. É recomendado que se desligue a televisão durante os momentos de refeição e se procure realizá-los com calma e em companhia da família ou amigos. Pollan defende que devemos inverter a lógica de consumo, investindo mais em alimentos de *melhor qualidade* e consumindo-os em *menor quantidade*.

3. Principalmente vegetais – centenas de evidências se acumulam demonstrando os benefícios em adotar uma dieta vegetariana⁷⁵³ e Pollan relata que “Em todas as minhas entrevistas com especialistas em nutrição,

752 FONSECA, A.C. (Org.). *Cinema, Ética e Saúde*. Porto Alegre: Bestiário, 2012. p. 132-165.

753 MANGELS, A.R.; MESSINA, V.; MELINA, V. Position of the American Dietetic Association and Dietitians of Canada: vegetarian diets. *Journal of the American Dietetic Association*, v. 103, n. 6, 2003, p. 748-765. TUSO, P.J. et al. Nutritional update for physicians: Plant Based-Diets. *The Permanente Journal*, v. 17, n. 2, 2013 p. 61-66. NAVARRO, Julio Cesar Acosta. *Vegetarianismo e Ciência: um ponto de vista médico sobre a alimentação sem carne*. São Paulo: Alaúde, 2010.

os benefícios de uma dieta à base de vegetais foram o único ponto de consenso universal”. Com o perfil de doenças que a população mundial apresenta atualmente, não há dúvidas de que podemos todos nos beneficiar com o aumento de vegetais na nossa alimentação, buscando sempre priorizar o consumo de alimentos produzidos de maneira agroecológica.⁷⁵⁴

Enfim, o filme *Muito além do peso* contextualiza o problema da obesidade no Brasil dentro de um cenário maior e reforça o que Michael Pollan e outros pesquisadores de diferentes áreas ressaltam vigorosamente: que é necessária a mudança rápida e imediata dos hábitos alimentares da população, pois o modelo vigente, cada vez mais, apresenta desvantagens e se demonstra ineficiente em promover bem-estar e saúde integral.

Para discussão:

1. Liste os alimentos que você consome em um dia e identifique os processados. Procure na embalagem desses produtos os ingredientes que compõem aquele alimento. Qual é o número de ingredientes? Você reconhece todos? Sabe qual é o papel de cada um na elaboração do produto? Identifica algum que seja associado com efeitos deletérios sobre o nosso corpo?
2. Agora identifique a tabela de informações nutricionais na embalagem desses mesmos alimentos. A porção informada corresponde ao que você ingere por dia daquele produto? Se não, calcule o quanto você está ingerindo por dia de calorias, gorduras e açúcares com esse produto. Reflita sobre a contribuição nutricional desse item para a sua alimentação.
3. Observe as propagandas de produtos alimentícios por um dia em qualquer tipo de mídia. Quantas foram identificadas? Que tipo de alimento elas divulgavam? Do total observado, quantos eram direcionados ao público infantil? Com base na Resolução nº 136 de 2014, você considera que houve abusividade em alguma destas publicidades?

Sugestões de leitura:

BROWNELL, Kelly; HORGAN, Katherine. *Food Fight: the inside story of the Food industry, America's obesity crisis, and what we can do about it*. New York: McGraw-Hill, 2004.

HENRIQUES, Isabella (Coord.). *Publicidade de alimentos e crianças: regulação no Brasil e no mundo*. São Paulo: Saraiva, 2013.

POLLAN, Michael. *Em defesa da comida*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

754 Para entender a importância de optarmos por produtos provenientes da agroecologia, sugiro a leitura do artigo NÓLIBOS, Juliana. Food, Inc.: questões éticas da produção industrial de alimentos vegetais e o impacto na saúde de seres humanos, de animais e do planeta. FONSECA, Ana Carolina da Costa e (org.). *Cinema, Ética e Saúde*. Porto Alegre: Bestiário, 2012, p.132-146.

POLLAN, Michael. *Regras da comida: um manual de sabedoria alimentar*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

SCHLOSSER, Eric. *Fast Food Nation*. New York: Harper Perennial, 2005.

SILVA, Ana Maria; VASCONCELOS, Luciene. *A criança e o marketing*. São Paulo: Summus, 2012.

WEBER, Karl (Edit.). *Food, Inc.: how industrial food is making us sicker, fatter and poorer - and what you can do about it*. New York: PublicAffairs, 2009.

Sobre o filme:

Título original: *Muito além do peso*

País de origem: Brasil

Gênero: documentário

Classificação: livre

Tempo de duração: 84 minutos

Ano: 2012

Direção: Estela Renner

Em busca de *Paraísos artificiais*

Daniëlle Bernardi Silveira⁷⁵⁵

Ernani Bohrer da Rosa⁷⁵⁶

Um filme é produzido com uma intenção. *Paraísos artificiais* foi, sem dúvida, elaborado para inquietar quem o assiste. O filme gera sentimentos de amor, paz, reflexão e angústia. É uma “montanha russa” de sensações. O diretor do filme dispõe a vida dos personagens como um quebra-cabeça. Ao visualizar cada cena ele nos convida a ajustá-las, ligando fatos e experimentando as conseqüências das decisões do passado.

A música eletrônica especialmente nas *raves*⁷⁵⁷ é o pano de fundo da história de amor entre a personagem Érica (Nathalia Dill), uma DJ⁷⁵⁸ internacional, e Fernando (Luca Bianchi), jovem de classe média que se envolve no tráfico internacional de entorpecentes⁷⁵⁹. Entretanto, não é uma história de amor convencional, é um amor que nos leva a conhecer o mundo das *raves*, dos psicotrópicos e do sexo. O longa-metragem apresentado de forma não linear revela os personagens em diferentes tempos e lugares, prendendo a atenção do telespectador para conhecer o destino de cada um deles.

755 Enfermeira (UFCSPA). Mestranda do PPG em Patologia (UFCSPA).

756 Bacharelando de Enfermagem (UFCSPA).

757 *Raves* são festas que ocorrem em locais escolhidos são equipados e decorados para o evento. Geralmente, ocorrem em lugares abertos e extensos tais como fazendas, sítios, chácaras e praias. Os lugares possuem bonitas paisagens naturais, afastados dos grandes centros urbanos com mais de doze horas consecutivas ao som de música eletrônica e uso de psicoativos. A decoração é “psicodélica”, exalta muitas cores chamativas como mostrado no filme *Paraísos artificiais* com os personagens coloridos com efeito fluorescente. A palavra *rave* origina-se do idioma inglês do verbo “to rave” que significa delirar. ABREU, Carolina de Camargo. *Raves: encontros e disputas*. Dissertação de mestrado: FFLCH-USP, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-29052006-204338/pt-br.php>. Acesso em agosto de 2014.

758 Dee Jay ou DJ (disc jockey) é o artista da festa. Ele realiza uma mistura de duas ou mais músicas na mesma velocidade. A figura do DJ remonta à época dos músicos de jazz dos anos 1950, quando os fãs se reuniam em um clube para escutar os lançamentos musicais e dançar. Era o fã que durante o intervalo das apresentações mostrava as músicas, para manter a vibração do público. SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de. *Sobre a cultura da música eletrônica e cibercultura*. Disponível em: www.pragatecno.com.br. Acesso em agosto de 2014.

759 A Agência Nacional de Vigilância Sanitária, através da Gerência-Geral de Medicamentos – GMED/DIMEP apresenta o conceito de droga como substância ou matéria-prima que tenha a finalidade medicamentosa ou sanitária. Já entorpecente ou psicotrópico é a substância que pode provocar dependência física ou psíquica. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). *Conceitos Técnicos. Lei nº 5.991, de 17 de dezembro de 1973*. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/medicamentos/conceito.htm>. Acesso em agosto de 2014. Ao longo do texto, o uso de psicotrópicos e entorpecentes foi utilizado como sinônimo.

O romance de Fernando e Érica é cheio de idas e vindas, eles se conheceram no passado, contudo Fernando não recorda. O encontro dos dois, em um período anterior ao primeiro mostrado pelo filme, resultara em um filho do qual Fernando não sabe da existência. Em um segundo encontro durante o romance o casal, por problemas inconciliáveis, se separa e, por anos, não se reencontram. Quando novamente a vida une Fernando e Érica a felicidade dos dois é clara. Em uma mistura de fascínio e surpresa, os personagens se olham e sem dizer nada um ao outro, deixam claro que, apesar das marcas adquiridas com o tempo, o amor entre eles permanece.

O filme provoca questionamentos a todo instante, por exemplo, o que leva os jovens ao mundo dos entorpecentes? A sensação de prazer provocada por eles? O alívio momentâneo das tensões e angústias? Essas são possíveis respostas, mas não há uma resposta conclusiva. Em Ibiza, na Espanha, no verão de 1987, ocorreu a combinação inicial dos três elementos essenciais que caracterizam as *raves*: uso de psicotrópicos, música eletrônica e as pistas de dança ao ar livre. “Diz-se ‘verão do amor’ para localizar o período de férias e o uso do *ecstasy*, que inclusive já foi chamado de ‘pílula do amor’ pela capacidade de criar forte empatia entre seus consumidores.”⁷⁶⁰ O uso de entorpecentes em companhia de outros jovens nas *raves*⁷⁶¹ é capaz de seduzir a massa a tal ponto que serve como válvula de escape para possíveis frustrações. Esse fato pode ser observado nas cenas iniciais de *Paraísos artificiais*, quando inúmeros jovens reúnem-se em *raves* e festas para consumir diversas drogas.

Em *Paraísos artificiais* Érica e outra personagem, a jovem Lara, vivem um romance com a liberdade como fio condutor, no entanto, viver essa experiência provocou conseqüências que Érica levará para sua vida. Há uma falência da perspectiva de futuro, uma sensação que estaria na raiz do desencantamento e da desesperança que caracterizam as novas gerações. Os autores comparam as sociedades tradicionais, valorizando o passado, às sociedades orientadas para o futuro nas quais o presente é cada vez mais privilegiado.⁷⁶² Numa cena emblemática à beira-mar as duas per-

⁷⁶⁰ ABREU, Carolina de Camargo. *Raves: encontros e disputas*. Dissertação de mestrado: FFLCH-USP, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-29052006-204338/pt-br.php>>. Acesso em agosto de 2014.

⁷⁶¹ As festas *raves* podem ser consideradas como produtos da indústria cultural e exemplo de um processo de mundialização e comércio da cultura uma vez que atualmente a sociedade é mantida pela venda da mercadoria, que precisa de publicidade. POSI, Lia Raquel. *Universidade e Festas Raves: Reflexões sobre a Formação Cultural de Jovens Universitários*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, 2009. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/VIPBCALLVDSU.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

⁷⁶² NOVOTNY, Helga. *Le temps à soi: genèse et structuration d'un sentiment du*

sonagens fazem planos para o futuro, Lara quer ter muitos gatos, ser rica, escrever e imagina-se na velhice junto à Érica. Na mesma cena, surge o dilema abordado pelos atores e que está no eixo principal da juventude, planejar um futuro ou viver o agora sem pensar no depois? As duas optam por viver o agora sem pensar no depois, e Lara sofre a consequência mais definitiva: a morte.

O filme retrata o anseio dos jovens por “liberdade”⁷⁶³ para escolher o caminho que querem percorrer e as sensações que desejam experimentar. Essas escolhas acarretaram aprendizado, sofrimento, perdas e solidão. Eis outro ponto importante, a solidão. A nova geração passa por um processo cultural em que o individualismo é substituído por uma necessidade de identificação com um grupo.⁷⁶⁴ A *vibe*⁷⁶⁵ que há nas *raves* é jus-

temps. Paris: Ed. de la Maison des Sciences de L’homme, 1992, p.49. In: OLIVA-AUGUSTO, Maria Helena. *Tempo, indivíduo e vida social*. Ciência Cultura, São Paulo, v. 54, n. 2, Oct. 2002. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000200025&lng=en&nrm=iso. Acesso em abril de 2014.

763 Liberdade para o dicionário básico de filosofia tem o significado de: “Condição daquele que é livre. Capacidade de agir por si mesmo, autodeterminação, independência, autonomia”. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. p.163-241. Ainda para Morison (1959) “estar livre de controle político, ser livre para falar, pensar e votar como queira”. MORISON, Eliot Samuel. *A Liberdade na Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959. p.73. “A liberdade liga-se ao poder de decisão, de escolha”. TELES, Luiza Maria Silveira. *Filosofia para Jovens: Uma iniciação à filosofia*. 9ª. ed, Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p.30. Assim, chama-se de livres os homens cuja vontade não depende do outro.

764 O surgimento de grupos é apontado como característica de uma “nova” sociedade. A expressão “tribo urbana” foi cunhada pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, que começou a usá-la nos seus artigos a partir de 1985, e a expressão ganhou força três anos após a publicação do seu livro *Le Temps des tribus: Le déclin de l’individualisme dans les sociétés postmodernes*. O autor (p.37) propõe um novo paradigma do individualismo na compreensão da sociedade contemporânea, que estaria “baseado na necessidade de solidariedade e de proteção que caracterizam o conjunto social”. MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribus: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2006, p. 297.

765 *Vibe* é descrita pelos jovens como um tipo de experiência partilhada, na qual o corpo dos jovens se entregam em conjunto à dança, trocam energias entre si, como algo que contamina. “Todos se tornam cúmplices nesse empreendimento coletivo, nessa ‘sensação muito boa’ que, de forma semelhante a uma rede, vai atravessando e conectando o corpo de cada um dos participantes”. NUNES, Jefferson Veras. *Livres, Puros e Felizes: culturas juvenis e festas rave em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado em Sociologia; PPGS/UFC; Fortaleza, 2010, p. 133. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1481>. Acesso em agosto de 2014. A pista de dança torna-se o local onde “DJs, músicos e dançarinos celebram uma cultura [eletrônica], experienciam a realização nas *technoparties* e *raves*: comprovam sua identidade, seu afeto, sua originalidade”. SOUZA, Claudio Manoel de. *Música eletrônica e cibercultura*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea – UFBA, Bahia, 2003, p.29. Disponível em: <http://claudiomanoel.files.wordpress.com/2009/11/musica-eletronica-e-cibercultura-claudiomanuel-completo>.

tamente o sentimento de pertencer a um grupo, de que todos que estão reunidos naquele local estão na mesma sintonia.

No aniversário do pai de Fernando, o jovem não quis comparecer, preferiu ir a uma *rave* a velejar com a família. Naquela ocasião seu pai faleceu. A partir desse fato, Fernando não consegue elaborar o processo do luto, culpa-se e com a finalidade de ter uma situação financeira melhor, envolve-se com o tráfico de entorpecentes. Ele viaja para Amsterdã e, quando volta para o Brasil com os entorpecentes escondidos, é preso.

Fernando tem um irmão Lipe ou E.T. O irmão mais novo se atormenta com a morte do pai. Quando Fernando sai da prisão, ele se depara com seu próprio irmão adolescente vivenciando as mesmas experiências pelas quais ele havia passado. Já com o conhecimento adquirido com o tempo, ele sente a necessidade de ajudar o irmão mais novo, de afastá-lo do mundo dos entorpecentes e planejar um futuro.

Lipe é fã da famosa DJ Érica, que no final do filme está no Brasil, e é assim que os dois se conhecem. Nesse momento mais uma cena importante, Lipe revela saber que a DJ expressa a cada música um minuto de batidas sonoras abafadas, uma forma encontrada por ela para homenagear as perdas ou a quebra de laços que teve durante sua vida. O jovem não sabe, mas uma dessas ausências é seu próprio irmão, que é pai do filho de Érica.

O filme aborda a questão do uso de substâncias ilegais e cada vez mais diversas no Brasil⁷⁶⁶ fato que desafia os profissionais da saúde no senti-

pdf. Acesso em agosto de 2014.

766 O uso de drogas na adolescência constitui um fator de risco importante, por se tratar de um período de vulnerabilidade para aquisição do hábito de consumir entorpecentes. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Inequalities in young people's health. Health Behavior in School-Aged Children. International Report from 2005-2006. *Health Police for Children and Adolescents*. n5; 2008. Disponível em: http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0005/53852/E91416.pdf. Acesso em agosto de 2014. No Brasil álcool e tabaco são as drogas de maior prevalência de uso na vida, em todas as capitais, seguidas pelos inalantes (p. 413). No VI Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras o relato de uso na vida de drogas ilícitas foi de 12,2% para uso de maconha, cocaína, *crack*, ópio, LSD, *ecstasy*, *ketamina* e matanfetamina, já quanto as drogas lícitas foram utilizadas por 34,7% dos estudantes (anfetamínicos, ansiolíticos, inalantes, anticolinérgicos, analgésicos opiáceos, anabolizantes e energéticos com álcool). Vale destacar que alguns inalantes como o loló e o lança perfume são ilícitos no Brasil de acordo com a Portaria 344/1998 da ANVISA (p. 406). BRASIL, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília (SENAD). *VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010*. E. A. Carlini (supervisão). São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas; UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo 2010, p. 503.

do do manejo adequado e tratamento. A personagem Lara, na noite em que faleceu, utilizou uma substância nova naquele período o GHB (Ácido Gama-hidroxitirato)⁷⁶⁷ ou *ecstasy* líquido. Quando os profissionais da saúde foram atendê-la não havia uma fonte confiável para informar qual entorpecente havia sido consumido pela jovem.

O aumento relevante do uso dessas substâncias é percebido também pelos profissionais da área da saúde com a elevada demanda dos dependentes químicos e familiares que procuram auxílio. Por exemplo, nas metrópoles do Brasil o álcool é responsável por 90% das internações e 50% das vítimas de morte violenta.⁷⁶⁸ Há uma questão de saúde pública não apenas com as drogas ilícitas – as não aceitas legalmente –, como também com as drogas lícitas que são legalmente aceitas. Os adolescentes acreditam que as drogas lícitas não acarretam tantos problemas quanto às drogas ilícitas, contudo a frequência e padrão de uso podem gerar danos graves para a saúde.⁷⁶⁹ Diante dessa gama de personagens e histórias

767 O GHB é utilizado como uma substância psicodélica, administrada em sua forma líquida. Embora os efeitos da intoxicação sejam dose dependentes, há uma variabilidade individual para tais efeitos. Seus efeitos clínicos são potencializados pelo álcool, calmantes e outros depressores do sistema nervoso central. NÚCLEO EINSTEIN DE ÁLCOOL E DROGAS DO HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. *Álcool e Drogas sem Distorção*. Disponível em: www.einstein.br/alcooledrogas. Acesso em junho de 2014. “O GHB tem uma estrutura semelhante ao do GABA (Ácido Gama-aminobutírico) que existe normalmente no corpo humano. Possui a capacidade de induzir ao coma profundo rápido, com efeitos mínimos em nível do sistema cardiovascular e em termos de depressão respiratória, foi essa a característica que levou à investigação do seu uso como anestésico.” Porém, a ausência de um efeito analgésico consistente e a tendência para induzir crises convulsivas como a representada pela personagem de Lara, não deu continuidade ao seu uso. GUERREIRO, Diogo Frassquilho; CARMO, Ana Lisa; SILVA, Joaquim Alves da; NAVARRO, Rita; GÓIS, Carlos. *Club Drugs: Um Novo Perfil de Abuso de Substâncias em Adolescentes e Jovens Adultos*. Acta Medica Portuguesa. n. 24(5), 2011, p. 739-756. Disponível em: <http://www.actamedicportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/viewFile/512/220>. Acesso em agosto de 2014. “Ele é conhecido como ‘ecstasy líquido’, sendo procurado pelos seus efeitos semelhantes ao álcool, e tendo ressurgido nos anos 1990 no cenário da vida noturna da Europa, Estados Unidos e Austrália”. ANDERSON, Ilene B; KIM, Susan Y.; DYER, Jo Ellen; BURKHARDT, Cindy B.; IKNOIAN, Jayme C.; WALSH, Michael J.; BLANC, Paul D. Trends in gamma-hydroxybutyrate (GHB) and related drug intoxication: 1999 to 2003. *Annals of Emergency Medicine*. n. 47(2); 2006. p. 177-183. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2246009/pdf/nihms38090.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

768 CARLINI-COTRIM, Beatriz; GAZAL-CARVALHO, Cynthia; GOUVEIA, Néelson. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. In: *Revista de Saúde Pública*. n. 4(6). 2000. p. 636-645. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-8910200000600012. Acesso em agosto de 2014.

769 ZEITOUNE, Regina Célia Gollner; FERREIRA, Vinícius dos Santos; SILVEIRA, Helaine Silva da; DOMINGOS, Ana Maria; MAIA, Aniely Coelho. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. In:

percebemos o quanto o círculo de consumo, efeito agudo e crônico⁷⁷⁰ e contato com os entorpecentes podem estar entrelaçado à vida dos jovens.

Os jovens, por suas características biológicas e psíquicas, necessitam se identificar com um mundo que lhes ofereça suporte emocional para enfrentar e desfrutar dessa fase da vida, repleta de inseguranças e conflitos internos. Essas características, aliadas à falta de perspectivas originadas pelas discrepâncias socioeconômicas e culturais, são fatores precipitantes de comportamentos violentos e condutas de risco, desencadeantes dos homicídios, inscritos na vulnerabilidade individual.⁷⁷¹

A pressão pelos pares é uma influência forte na formação da identidade e motivação para atividades e hábitos.⁷⁷² O comportamento é influenciado pela comparação social que realizamos – não apenas os jovens, ao pertencer a um determinado grupo os indivíduos, tentam se assemelhar uns aos outros por meio de um padrão estabelecido a fim de atingir semelhança com o grupo de referência. O adolescente anseia por independência, absorva atitudes, ações e costumes das pessoas que estão mais próximas.⁷⁷³ A participação dos jovens em *raves* e o uso de psicotrópicos torna-se para eles uma maneira de ganhar mais respeito e admiração dentro do grupo.

Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. v.16(1), 2012, p. 57-63. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n1/v16n1a08>. Acesso em agosto de 2014.

770 Na administração aguda, cada entorpecente se liga a um local específico e desencadeia comportamentos, sensações e efeitos fisiológicos. As substâncias são agudamente recompensadoras (o que leva à repetição do seu uso). Contudo no uso crônico, elas produzem sintomas emocionais negativos, na sua abstinência produzem um longo período de sensibilização e ocorre um aprendizado associativo entre a substância e os hábitos do cotidiano relacionados ao consumo. CARLINI, Elisaldo Araujo; NAPPO, Solange Aparecida; GALDURÓZ, José Carlos Fernandes; NOTO, Ana Regina. Drogas psicotrópicas – o que são e como agem. In: *Revista do Instituto de Medicina Social e de Criminologia*. n.3, 2001, p. 9-35. Disponível em: ojs.unirg.edu.br/files/journals/6/articles/162/.../162-600-1-SM.do. Acesso em agosto de 2014.

771 SANT'ANNA, Ana; AERTS, Denise; LOPES, Marta Júlia. Homicídios entre adolescentes no sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, jan-fev 2005, p. 120-129. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v21n1/14.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

772 ANDRADE, Fábio de; MARQUES, Maria Lúcia. A contribuição de “grupos de jovens” de instituições religiosas na formação da identidade do adolescente. *Revista Educação*. v.(5) n.(2), 2010, p. 50-65. Disponível em: <http://www.revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/742/812>. Acesso em agosto de 2014.

773 ZEITOUNE, Regina Célia Gollner; FERREIRA, Vinícius dos Santos; SILVEIRA, Helaine Silva da; DOMINGOS, Ana Maria; MAIA, Aniely Coelho. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. In: *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. v.16(1), 2012, p. 57-63. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n1/v16n1a08>. Acesso em agosto de 2014.

Para discussão:

1. A personagem Érica experimenta diversas drogas. Esse comportamento é um fator de risco para a prática de sexo sem proteção que pode ter conseqüências tais como: doenças sexualmente transmissíveis e até a gestação vivenciada por ela. Discuta sobre as conseqüências do uso de entorpecentes na adolescência.
2. O uso e abuso de drogas acarreta prejuízos aos jovens, à família e à sociedade. Essa é uma situação que está associada à fragilidade para lidar com situações difíceis impostas pela vida. Discuta de que forma as pessoas podem trabalhar para desenvolver a discrepância (atitude de visualizar as perspectivas futuras, modificando comportamentos atuais para atingir os objetivos traçados).
3. No texto e no filme o sentimento de pertencer a um grupo foi abordado como uma forma de influência negativa. Como esse comportamento pode influenciar de forma positiva?
4. Além das festas *raves*, em que outros locais e situações os jovens se expõem a comportamentos de risco?

Sugestões de leitura:

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2006.

SILVA, Kelanne Lima da; DIAS, Fernanda Lima Aragão; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa. Drogas e violência na adolescência. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. n.14(3), 2010. p. 605-610. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n3/v14n3a24.pdf>.

TELES, Maria Luiza Silveira. *Filosofia para Jovens: Uma iniciação à filosofia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

Sobre o filme:

Título original: *Paraísos artificiais*

País de origem: Brasil

Gênero: drama/romance

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 96 minutos

Ano: 2012

Direção: Marcos Prado

Coach Carter: treino para a vida

Matheus Cantanhêde da Rosa⁷⁷⁴

Inspirado em uma história real, *Coach Carter: treino para a vida* retrata a história de Ken Carter, treinador do time de basquete de uma escola pública nos Estados Unidos. Dono de uma loja de artigos esportivos, ele é motivado a mudar o local de trabalho por questões pessoais: ele mesmo fora aluno e membro do time de basquete da escola que agora o contratava. Ao longo dos anos, alcançou transformações em sua vida, superando as dificuldades e desigualdades do meio em que vivia, marcado pela pobreza e pela violência. Também acompanhou a trajetória de seus amigos do time, vários dos quais não tiveram o mesmo crescimento e encontraram tristes desfechos: prisão ou morte. Na oportunidade de voltar ao lugar onde cresceu, viu também a oportunidade de dar destino diferente do de seus amigos aos jovens que treinaria. Usando o esporte como meio, dedicou-se a educá-los academicamente e moralmente. Em um contexto social onde pouco ou nada se esperava daqueles jovens – exceto de que jogassem basquete –, usou o máximo dos recursos ao seu alcance para que se tornassem o melhor que pudessem. Mais do que prepará-los para a quadra de basquete ou para a sala de aula, Carter os orientou para o mundo.

A educação pode ser desenvolvida de duas formas, pedagógica e andragógica. Pedagogia é a forma de ensino orientada, segundo a teoria, às crianças e jovens; baseada na transmissão de conhecimento previamente preparado a ser melhor assimilado. Centrado no professor, o aluno aparece como coadjuvante na construção do saber, tem papel passivo no processo de ensino-aprendizagem. Equivale, conforme o provérbio, a “dar o peixe”.⁷⁷⁵

O conceito de andragogia aparece freqüentemente como modelo de educação mais adequado a adultos. Caracteriza-se por auxiliar o outro a aprender, a adquirir por si o conhecimento ao invés de recebê-lo pronto. Centra-se no aluno, visto como protagonista da construção do saber e que nela assume papel ativo. Consiste no conhecimento adquirido por experimentação, o “aprender a pescar”⁷⁷⁶. Enquanto a pedagogia assume caráter catedrático, sendo o ensino para a sala de aula, a andragogia ensina a entender a si e ao mundo.

774 Bacharel em Psicologia (UNISINOS) e bacharelado em Gestão em Saúde (UFCSA).

775 NOGUEIRA, Sônia Mairos. A andragogia: que contributos para a prática educativa? *Revista Linhas*, v. 5, n. 2. Santa Catarina, jul/dez 2013.

776 NOGUEIRA, Sônia Mairos. *A andragogia...*

A andragogia aparece mais frequentemente como método de educação voltado aos adultos, entre outros motivos, porque estes já não seriam submissos à autoridade do professor, exigindo que a relação deste com os alunos seja de igualdade. Considerando que a adolescência é uma fase marcada pelo desejo do adolescente de ser protagonista de sua vida, fazendo suas próprias escolhas⁷⁷⁷ (motivo de eventuais conflitos com pais, outros adultos e a sociedade em geral, ou seja, apresentando a mesma recusa em submeter-se à autoridade alheia), podemos compreender que a andragogia pode ser também aproveitada como modelo educacional para jovens.

Além disso, a andragogia se propõe a compreender o ser humano (especificamente o adulto) de forma integral, como ser biológico e social.⁷⁷⁸ Por qual motivo crianças e adolescentes continuariam a ser vistos de forma fragmentada, reservando aos adultos o privilégio de serem vistos como pessoas com vidas que se estendem para além do campo educacional? É justamente na adolescência que afloram questões como a construção da própria identidade, a aquisição de um lugar no mundo, a importância da relação com os pares, entre diversas outras.⁷⁷⁹ Na adolescência se fortalece o processo de se afirmar também como ser biológico, social, emocional, espiritual.⁷⁸⁰ Assim, temos mais um motivo para utilizar a andragogia também com jovens.

Um dos principais recursos andragógicos de Carter é o uso de contratos com os jogadores. Sua primeira medida, ao ser apresentado ao time, é dar a cada jovem a cópia de um documento contendo regras que eles deveriam cumprir para poderem jogar no time, que deveria ser assinado por eles e pelos pais, sendo que, das dez regras⁷⁸¹ estabelecidas, apenas uma se referia ao basquete. Esse recurso pode ser considerado andragógico por colocá-los em outro patamar de relação, usando um elemento mais comum na relação entre adultos - como vários dos jovens ambicionavam se tornar jogadores profissionais, cedo ou tarde lidariam com tal elemen-

777 ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

778 MARQUES, Francisca Maria Mendes. Andragogia: sonho e realidade. *Revista científica do centro universitário de Araras*, v. 1, n. 1. Araras, 2007, p. 76-78.

779 MARQUES, Francisca Maria Mendes. *Andragogia: sonho...*

780 Ressaltamos o aspecto biológico devido as transformações físicas características da adolescência. FLECK, Marcelo Pio de Almeida. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, volume 5, número 1, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8123200000100004. Acesso em junho de 2004.

781 Ir a todas as aulas, sentar na primeira fila, tirar boas notas, prestar dez horas mensais de serviço comunitário, usar terno e gravata nos dias de jogo, entre outras.

to. O contrato os aproxima do lugar de adultos ao exigir compromisso, responsabilidade. Assiná-lo representa sair do mundo dos direitos e entrar no mundo dos deveres, refletindo a transição da adolescência: sair do mundo infantil para entrar no mundo adulto⁷⁸². Além disso, envolvia os pais, que se viam afastados das questões escolares dos filhos. Os pais, ao contrário do que se esperaria, ficam contra Carter, por considerarem abusivas as suas regras. Para eles, o basquete não tem nada a ver com as notas, os filhos deveriam ter o direito de jogar independente de seus resultados acadêmicos.⁷⁸³ O treinador esclarece que, com notas mais altas, terão mais chances de conseguir bolsas de estudos em universidades. “Esses garotos são alunos atletas. ‘Alunos’ vem primeiro. Basquete é um privilégio” e, para tê-lo, precisam seguir as regras.

A disciplina que aparece com o uso dos contratos é outra das bases de trabalho de Carter e provavelmente a mais nítida. Carter continuamente cobra deles o cumprimento das regras com as quais se comprometeram e, com o tempo, essas regras começam a se traduzir em regras de conduta moral. Ao oferecer-lhes os contratos, Carter diz que serão vencedores desde que cumpram sua parte no acordo. “Vocês vão jogar como vencedores, agir como vencedores e, mais importante, serão vencedores. E, senhores, vencer na quadra é a chave para vencer na vida”. Ter a atitude de vencedores parece se referir especialmente ao comportamento deles. Ser vencedor significa respeitar os outros jogadores, tanto do próprio time quanto adversários; não agir como marginais; demonstrar educação. Quando reagem às provocações de um time adversário provocando-os também, Carter é severo ao exigir melhor postura, dizendo-lhes que as más atitudes dos outros não justificam as deles.

O respeito do treinador por eles se mostra como ponto chave para entender a transformação que procura fazer. Por exemplo, Carter trata cada aluno por “senhor”, instruindo-os a tratá-lo da mesma forma. “Você é um senhor. ‘Senhor’ é um termo de respeito”, diz ele na primeira vez que se encontram; “o que vocês devem saber é que nos tratamos com respeito”. Em outras palavras, Carter os valoriza como indivíduos e, pela forma como o faz, tratando-os como pede para ser tratado, transmite a idéia de que não é melhor do que eles. E, ao valorizá-los, dá a eles condições de valorizarem a si mesmos, algo que aparece nas relações entre eles: como

782 Calligaris diz que entre os principais conflitos da adolescência está a moratória, período em que adolescentes já não são mais vistos como crianças mas ainda não são reconhecidos como adultos, fazendo esse intervalo ser sentido como um vazio. CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

783 Vários adolescentes (e os pais deles) sonham em se tornar jogadores profissionais como forma de ascensão. Pelo relatado no filme, o basquete exerce lá o mesmo fascínio que o futebol tem entre os jovens do Brasil.

os alunos são negros em sua maioria, é comum se tratarem pelo termo *nigger*⁷⁸⁴. Ao ouvi-los fazendo isso, Carter, também negro, explica que a palavra era usada para ofender os ancestrais dos afrodescendentes; a palavra continua sendo usada como ofensa até hoje. Segundo o treinador, cada vez que negros chamam uns aos outros de *nigger* estão indiretamente incentivando os brancos a terem o mesmo comportamento. Por isso, os proíbe de fazê-lo enquanto ele estiver por perto, isto é, proíbe-os de se desvalorizarem.

O motivo dessas atitudes é esses jovens já serem desvalorizados demais. Além do preconceito que alguns enfrentam pela cor da pele⁷⁸⁵, a violência está presente no bairro onde vivem, aparecendo como gravidez na adolescência, tráfico de drogas, pobreza, detectores de metais nas portas da escola, pais presos, familiares mortos, contexto que caracteriza risco social⁷⁸⁶. A violência prejudica a autoestima⁷⁸⁷: se baixa durante a adolescência (fase em que a autoestima é particularmente instável), é causa de

784 *Nigger* é um termo sem tradução para o português, usado como ofensa aos negros nos Estados Unidos. Equivale a chamar um negro de “macaco” no Brasil. O uso da palavra entre os afro-americanos tem sentido de reapropriação do termo e de seu significado, retirando dele a carga negativa. OLIVEIRA, Cris. Palavras de carga. *Blogueiras negras*. [S.l.], 26 jun. 2013. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2013/06/26/palavra-mulata>. Acesso em junho de 2014. MUIR, Hugh. ‘Obama vem fazendo um trabalho notável’, diz Maya Angelou. Clara Allain (trad.). *Portal Geledés*, São Paulo. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/acontecendo/noticias-mundo/america-do-norte/governo-obama/13135-obama-vem-fazendo-um-trabalho-notavel-diz-maya-angelou>. Acesso em junho de 2014.

785 No Brasil, verifica-se que as condições socioeconômicas e culturais influenciam na violência: quanto menor a renda da população, maior o número de casos de violência registrados nela. A população mais atingida é também a mais desvalorizada: pobre e não-branca. Ela também é mais vítima da violência social (confinamento em presídios e outras instituições correccionais), medida segregativa que não age como solução ao problema da violência. Segundo dados de 2006, crianças afrodescendentes tem quase 70% mais chances de viver na pobreza e enfrentam taxa de mortalidade infantil 40% maior do que crianças brancas. BRASIL. *Plano nacional de promoção, proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária*. Brasília-DF: Conanda, 2006. SOUZA, Ana Paula Lazzaretti de [et al]. Juventude em cena: tecnologia social para a promoção da cidadania e enfrentamento à violência. In: HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia K. (et cols). *Violência contra crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

786 Risco social, também chamado de vulnerabilidade social, define a tendência a se encontrar em situações desfavoráveis ou prejudiciais ao desenvolvimento. DUTRA-THOMÉ, Luciana; TELMO, Alice Queiroz; KOLLER, Sílvia H. Trabalho e violência: impactos na juventude brasileira. In: HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia K. (et cols). *Violência contra crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

787 Autoestima é um conceito amplo, podendo ser definida como a medida de valor que a pessoa dá a si mesma e o quanto acredita no seu potencial de realização. ASSIS, Simone Gonçalves de. [et al]. Violência na adolescência e formação da autoestima. In: HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia K. et cols. *Violência contra crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

problemas durante esse período da vida e no futuro⁷⁸⁸, sendo, portanto, fator que afeta a saúde.

O componente social é importante para a autoestima. Através da opinião dos outros, cada pessoa internaliza e reproduz os valores reconhecidos, sobretudo os vindos da infância. Quanto mais afeto é transmitido a alguém, mais autoestima essa pessoa desenvolve. Vemos, durante o filme, Carter atribuir valores positivos aos jogadores, a estimá-los, fazendo com que estimem a si mesmos também. Como figura de referência dos jovens, a opinião do treinador tem forte influência sobre eles. A violência é a contramão do afeto, por isso, ao dar-lhes valor, estimulando e reconhecendo as capacidades deles, abrindo-lhes os olhos para o mundo e tratando-os como tudo que podem vir a ser, Carter favorece a construção da paz entre eles e dentro deles. Reconhece que estão em risco social e age para não deixar se tornarem vítimas.

Apesar de ser desafiadora, a tarefa proposta é favorecida pelo ambiente onde ocorre. “É na escola que jovens se inserem socialmente e desenvolvem sua autoconfiança, relações e cognições sociais a partir de trocas afetivas e modelos de comportamento”⁷⁸⁹. Na escola e na família ocorrem os primeiros e geralmente mais marcantes relacionamentos, no que diz respeito à construção da personalidade. Nesse caso, o modelo de comportamento trazido por Carter passa a ser o modelo buscado por esses jovens.

Quando o ambiente escolar é positivo⁷⁹⁰ e inclui a formação de vínculo entre estudantes e professores, a segurança transmitida faz da escola lugar favorável ao desenvolvimento saudável, diminuindo o risco social. Esse vínculo é responsável pela identificação com o grupo, essencial na adolescência, nesse contexto acarretando identificação com a própria escola. Carter expressa isso em diversos momentos: quando um dos jo-

788 Por exemplo, abuso de drogas, gravidez na adolescência, delinquência, suicídio, depressão e prostituição. ASSIS, Simone Gonçalves de et al. *Violência na adolescência...*

789 Tais como “habilidades comunicativas e de interação social, competências para construir confiança e fazer autoavaliação, manejar pressões negativas do grupo de pares, administrar emoções, fortalecer relações familiares, solucionar problemas, desenvolver pensamento crítico, tomar decisões acerca de sua saúde, prevenir a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis, estabelecer metas e objetivos, melhorar e fortalecer a autoestima”. SOUZA, Ana Paula Lazzaretti de et al. *Juventude em cena...*, p. 269.

790 Eis o que favorece um ambiente escolar: ambiente de acolhida, aceitação mútua e interesses um pelo outro, existência de diálogo, espaços para comunicação, valorização do esforço do aluno, minimização das práticas autoritárias, práticas pedagógicas que facilitem a integração e participação dos alunos, ambiente físico apropriado, atividades variadas, entretenimento, comunicação respeitosa entre professores e entre professores e estudantes, comunicação adequada entre pessoas, percepção de valorização mútua, entre outros. LISBOA, Carolina; EBERT, Guilherme. *Violência na escola: reflexão sobre as causas e propostas de ações preventivas focais.. Violência contra crianças e adolescentes.* HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia K. et cols. Porto Alegre: Artmed, 2012.

gadores faz algo inadequado, ele é punido com exercícios (250 flexões, por exemplo) e o resto do grupo também (de forma mais suave, como dez flexões). Ao ver as baixas notas do time, diz a eles “Nós falhamos. Nós falhamos uns com os outros.”. A diretora da escola confronta-o dizendo que ele não deveria alimentar as esperanças dos jogadores de irem para a universidade; pergunta “E se eles falharem?”, ao que o treinador responde: “Então *nós* teremos falhado”. A mãe de um dos astros do time, suspenso por não ir às aulas, mesmo podendo transferir o filho para outra escola para vê-lo jogar novamente, compromete-se com a mudança do jogador para que ele volte a jogar com Carter, mostrando que o vínculo de confiança alcança também os pais. Tamanho é o vínculo que Damien, filho de Carter, integrante do time de basquete da escola particular onde o pai se esforçou para colocá-lo com vistas a garantir estudo de maior qualidade, transferiu-se para a escola pública onde Carter trabalhava (que tinha o mais baixo índice de qualidade de ensino) para jogar para ele.

Além de todos esses casos, a melhor ilustração desse vínculo vem da relação com o jogador chamado Timo Cruz. O mais problemático do time, temperamental e briguento, Cruz é expulso do basquete logo no primeiro dia. Durante o tempo afastado, esteve envolvido com o primo, traficante de drogas. Ao reencontrar os amigos após o primeiro jogo que venceram sob a tutela de Carter, algo nele começa a mudar. Essa cena retrata com detalhes o conflito vivido pelo jovem, em busca do vínculo grupal.⁷⁹¹ Decidido a voltar, procura o treinador, que exige dele milhares (literalmente) de exercícios a serem feitos em uma semana para aceitá-lo de volta. A tarefa é impossível naquele espaço de tempo, mas o jovem se empenha mesmo assim, correndo e fazendo flexões ao lado da quadra enquanto os amigos jogam. Ao final da semana, não alcança o resultado, sendo dispensado por Carter. Antes que ele vá embora, um dos jogadores diz que fará os exercícios que Cruz não conseguiu, sendo acompanhado pelos outros. Esse jogador afirma: “Você disse que somos um time. Se um luta, todos lutamos. Se um jogador triunfa, todos triunfamos”. Mais adiante, quando Carter cancela os jogos do time por causa das notas baixas dos jogadores, violação do contrato assinado, Cruz novamente se rebela e deixa a escola,

791 Na cena em questão, Cruz observa os amigos entrarem em um bar enquanto ele fica do lado de fora para falar com o primo e os outros traficantes comandados por ele. Após receber nova quantidade de droga para venda, Cruz olha para o bar antes de ir embora: as cores dentro do estabelecimento são quentes e claras, enquanto do lado de fora, onde ele está, escuras e frias; os amigos no bar sorriem e estão juntas, enquanto ele está sério e sozinho; a trilha sonora é uma música que nesse momento diz (em tradução livre) “tenho uma família que me ama e quer que eu faça a coisa certa, mas em vez disso estou preso aqui”, refletindo a necessidade de afeto e reconhecimento do jovem e como ele se sente na ausência desses.

voltando a conviver com o primo traficante. Mesmo nessa situação, ao ver seus amigos serem atacados na rua, vai em defesa deles, demonstrando que permanece o elo entre eles. Na mesma cena, seu primo é baleado e morto por outro criminoso, deixando o garoto desorientado. No meio da noite, em choque, é na porta de Carter que vai bater, dizendo que fará quantos exercícios o treinador quiser para ter direito a voltar ao grupo. O treinador o acolhe e, dali por diante, passa a se esforçar com o restante do time para alcançar as metas acordadas.

O momento da proibição de jogar é o mais tenso do filme. O time, até então invicto, vinha encontrando destaque, tornando-se inclusive notícia nos jornais locais. A proibição causou insatisfação aos jogadores, os pais deles e toda a comunidade. Para os pais e para a comunidade, principalmente, o basquete é algo essencial e não deveria ser tirado dos jovens. Uma mãe, agindo como porta-voz, diz que o time tem o apoio da comunidade para voltar a jogar, o que nos permite questionar: a comunidade apóia o time, mas apóia também a escola? Em algum momento se mobilizaram em relação às baixas notas ou ao baixo índice de qualidade? Por que apenas o basquete recebeu atenção?

Podemos supor que esse é um caso de identificação com o grupo: a comunidade, inserida num contexto de pobreza e violência, vinculada a uma escola com o mais baixo índice educacional, vê no sucesso do time o próprio sucesso, talvez a única coisa que realmente tenham de bom. A própria diretora, ao questionar a proibição, diz que aquela temporada de jogos talvez seja o ponto alto das vidas daqueles jovens, a única lembrança positiva daquela época e, talvez, o único sucesso de que poderiam falar no futuro. Para Carter, é esse o problema: deixar de acreditar no potencial deles e de estimulá-los a serem o melhor que puderem ser. O treinador visa o futuro deles – enquanto os jogadores, assim como seus pais, nem sabiam ter possibilidades de um futuro melhor –, enfatizando que é possível encontrar rumos diferentes desde que tenham objetivos para crescer e lutem por eles. Por isso, quando questionado pelos jogadores a respeito da atitude de cancelar os jogos e forçá-los a estudar, o treinador apresenta-lhes sua visão de mundo: “Eu vejo um sistema que é projetado para derrotar vocês. (...) O que me diz que, quando ando pelos corredores e olho para suas salas, talvez só um aluno vá para a universidade. (...) Então, olhe para o cara à sua esquerda. Agora, para o da direita. Um de vocês vai ser preso. (...) Olhem para as suas vidas e para as vidas de seus pais e se perguntem: ‘Quero mais do que isso?’”. Diante de respostas positivas, Carter se compromete a fazer o que estiver ao seu alcance para garantir que conquistem mais. Só então os jovens entendem o objetivo do treinador e daí por diante passam a cooperar com ele. Mesmo quando a comunidade

força Carter a encerrar a proibição aos jogos, eles continuam sem jogar, dedicando-se aos estudos até alcançar as metas prometidas.

Assim, vemos que o resultado final de todo o treinamento é mais do que apenas a força física. Os jogadores desenvolveram força emocional suficiente para superar os desafios do mundo para além dos muros da escola. É por isso que vencer na quadra significa vencer na vida. A capacidade de transformação dos jovens é consequência do desenvolvimento de um valioso atributo dos que vivem em realidade como aquela: resiliência⁷⁹². Educadores mais promotores de resiliência não reagem negativamente a comportamentos vistos como inadequados nas crianças ou adolescentes. Em outras palavras, não tratá-los como pessoas problemáticas e sim como pessoas em desenvolvimento, com potencial para crescerem e se superarem, permite que ocupem mais facilmente esse lugar por si próprias por fortalecer-lhes a autoestima. Ao esperar deles atitudes positivas, é mais fácil que desenvolvam atitudes positivas. Para isso, é essencial que cuidadores adultos tenham boa saúde física e emocional, demonstrem interesse e preocupação e os aceitem incondicionalmente.⁷⁹³

No Brasil, em 2010, a violência foi responsável por de 53,2% das mortes na faixa etária entre 1 e 19 anos⁷⁹⁴, sendo considerada problema de saúde pública. Na busca por soluções, começou a se desenvolver a Cultura de Paz⁷⁹⁵, visando estratégias de prevenção. Uma delas é a chamada prevenção primária positiva: estimular o desenvolvimento de habilidades e com-

792 Resiliência é definida como a capacidade de resistir às pressões do ambiente, superar as dificuldades, mantendo a saúde mesmo se desenvolvendo em condições que apresentem riscos, como pobreza, violência doméstica e na comunidade, ausência paterna, rigidez das práticas educativas, entre outros. MAYER, Lísia Ramos; KOLLER, Sílvia H. Rede de apoio social e representação mental das relações de apego de crianças vítimas de violência doméstica. *Violência contra crianças e adolescentes*. HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia K. (et cols). Porto Alegre: Artmed, 2012.

793 SOUZA, Ana Paula Lazzaretti de et al. *Juventude em cena...*

794 WASELFSZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil*. FLACSO Brasil: Rio de Janeiro, 2012.

795 "A Cultura de Paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e resolução não violenta de conflitos; é uma cultura baseada em um conjunto de valores e compromisso como o respeito a todos os direitos individuais e humanos; a promoção e vivência do respeito à vida e à dignidade de cada pessoa sem discriminação ou preconceito; a rejeição a qualquer forma de violência; o respeito à liberdade de expressão e à diversidade cultural por meio do diálogo e da compreensão e do exercício do pluralismo; a prática do consumo responsável respeitando-se todas as formas de vida no planeta; a tolerância e a solidariedade; e o empenho na prevenção de conflitos resolvendo-os em suas fontes (que englobam novas ameaças não militares para a paz e para a segurança como exclusão, pobreza extrema e degradação ambiental)". STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Dando voz a estudantes de escolas públicas sobre situações de violência escolar. In: HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia K. et cols. *Violência contra crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 207-208.

petências que “permitam tomar decisões que promovam a saúde mental, bem como o desempenho favorável da interação social”⁷⁹⁶.

No entanto, essa caminhada é longa e ainda são pequenos os passos dados na direção da paz. Enquanto isso, jovens continuam a ser vítimas de violência, o que leva à reprodução da mesma e, conseqüentemente, os coloca em conflito com a lei, resultando então na aplicação das medidas socioeducativas.⁷⁹⁷ Cobrar as medidas socioeducativas, no entanto, é como cobrar o pagamento de uma dívida com a sociedade (uma das medidas já diz: *Prestação de Serviços à Comunidade - PSC*). Sabendo que a maior parte dos infratores o é “por razões sociais, pela falta mais cabal de oportunidade de se constituir como sujeito e cidadão”⁷⁹⁸, entendemos que ocorre o contrário: é a sociedade que está em dívida com eles. Dessa forma, aplicar a PSC é exigir que sirvam à comunidade para pagar pela falha dela com eles, isto é, fazê-los pagar pela falha de outros. Nesse caso, ao invés de colocá-los no lugar de culpados a serem punidos de alguma forma, as medidas poderiam buscar compensar a falta social que gerou o conflito, colocando a comunidade a serviço dos jovens – por exemplo, melhorar as condições de educação, oferecendo à população cursos técnicos em instituições públicas. Afinal, “tecnologias sociais com o fim de incrementar o capital social dos jovens (...) podem contribuir no combate da vulnerabilidade e, por conseqüência, da violência urbana”⁷⁹⁹. Considerando que ainda se enfrenta um desafio quanto a locais disponíveis ao cumprimento das PSC, algumas alternativas podem auxiliar a suprir a demanda: como incentivo à formação de valores, poderia disponibilizar o cumprimento de horas como bombeiro voluntário ou serviços similares, em programas de mediação de conflitos na escola, de justiça comunitária ou mesmo programas ligados a esportes; diante da tendência à evasão escolar, o cumprimento do ano letivo poderia contar como medida.

796 SOUZA, Ana Paula Lazzaretti de et al. *Juventude em cena...*, p. 269.

797 Segundo a legislação, medidas socioeducativas são medidas aplicáveis a adolescentes (entre 12 e 18 anos, podendo-se, excepcionalmente, estender sua aplicação a jovens com até 21 anos incompletos) autores de atos infracionais. Apesar de configurarem resposta à prática de um delito, apresentam um caráter predominantemente educativo e não punitivo. Podem ser executadas, entre outras formas, como Prestação de Serviços à Comunidade: realização de tarefas gratuitas e de interesse comunitário por parte do adolescente em conflito com a lei, durante período máximo de seis meses e oito horas semanais. BRASIL, Tribunal de Justiça do Distrito Federal. *Medidas Socioeducativas*. Disponível em: <http://www.tjdft.jus.br/cidadaos/infancia-e-juventude/informacoes/medidas-socioeducativas-1>. Acesso em junho de 2014.

798 MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010, p. 78.

799 SOUZA, Ana Paula Lazzaretti de et al. *Juventude em cena...*, p. 275.

Independente da estratégia utilizada para promover a paz entre os adolescentes, é essencial que ela auxilie no crescimento e no desenvolvimento, na superação dos obstáculos internos ou externos. Repetidas vezes Carter pergunta para Cruz do que ele mais tem medo. Após perder o primo e compreender o que o treinador buscou ensinar ao time durante todo o tempo, o jovem enfim responde:

— Nosso medo mais profundo não é sermos incapazes. Nosso medo mais profundo é ter poder demais. É nossa luz, não nossa escuridão, que mais nos assusta. Jogar pouco não agrada ao mundo. Não há nada de luminoso em se diminuir para que outras pessoas não se sintam inseguras à sua volta. Fomos todos feitos para brilhar, como as crianças. Não está em alguns de nós, está em todos. E ao deixarmos nossa própria luz brilhar, inconscientemente permitimos que outros façam o mesmo. Já que nos livramos de nosso medo, nossa presença automaticamente libera outros.

Cruz parece compreender que, diante de um sistema que busca marginalizar e inferiorizar, o maior ato de rebeldia é se tornar o melhor que puder ser. Sob essa visão, ele e todos do time buscam, então, alcançar o máximo de si mesmos, no esporte, na escola e na vida, inspirados pelo treinador – não pela imposição de suas regras ou pela força de seus argumentos, e sim pelo simples exemplo de quem Carter, como pessoa, é.

O conto da criação do mundo dos Mi'kmaq⁸⁰⁰, povo indígena do Canadá, diz que, certo dia, o primeiro homem andava pelo mundo quando encontrou um jovem. Esse jovem fala que, a partir daquele momento, fará parte da família do homem, e estará olhando para ele. Os anciões dos Mi'kmaq explicam, a partir dessa história, que os jovens observam e aprendem com as atitudes dos mais velhos; por isso, é necessário aos adultos dar bons exemplos, pois seus passos serão seguidos pelos mais novos. O mesmo aconteceu com Carter e o time de basquete e se repete em toda a sociedade: são as qualidades morais das suas figuras de referência – familiares, professores, entre outros – que realmente contribuem e influenciam na formação da personalidade dos mais jovens. Dessa forma, eles se tornarão o reflexo do mundo em que vivem. Se queremos deles a paz, é preciso então que saibamos viver em paz. Só receberemos deles o que lhes for oferecido; deles só colheremos o que neles for plantado.

800AUGUSTINE, Stephen. *Mi'kmaq teaching*. Disponível em: <http://www.fourdirectionsteachings.com/transcripts/mikmaq.html>. Acesso em junho 2014.

Para discussão:

1. A população negra e pobre é mais vitimada pela violência, seja física ou social. Qual a causa disso? Quais situações históricas e culturais produziram esse contexto?
2. O que você pode fazer para estimular a autoestima de colegas, amigos/amigas, familiares ou estudantes?
3. Violência pode ser definida como toda ação ou omissão que resulta em prejuízo para outra(s) pessoa(s). Nesse caso, omitir-se da busca por justiça social (garantir a toda a população boas condições de renda, saúde, educação etc.) pode ser considerado um ato de violência?

Sugestões de leitura:

PRANIS, Kay. *Processos circulares*. São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora, 2006.

UNESCO. *Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da década internacional da promoção da cultura de paz e não violência em benefício das crianças do mundo*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189919por.pdf>.

ZEHR, Howard. *Justiça Restaurativa*. São Paulo: Palas Athena, 2012.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Coach Carter: treino para a vida*

Título original: *Coach Carter*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: drama/esportes

Classificação: 14 anos

Tempo de duração: 136 minutos

Ano: 2005

Diretor: Thomas Carter⁸⁰¹

801 Apesar dos sobrenomes idênticos, o diretor do filme e o treinador Ken Carter não são parentes.

*La belle verte*⁸⁰² e a desconexão dos paradigmas

Téo Fronzi Rodrigues⁸⁰³

Geração após geração caímos de paraquedas em meio a longos processos de transformação social, que, de forma direta e sutil, vem nos apresentando a vida e ensinando a nos relacionar com ela. Nossas formas de olhar para o mundo, nossos gostos, nossos sonhos, nossos pensamentos, todos eles manifestam-se através de um conjunto de lentes paradigmáticas que nos foram herdadas sem que tivéssemos muita escolha. Coline Serreau, diretora e atriz de *La belle verte* (1996), dialoga de forma bem humorada com o espectador, expondo peculiaridades do mundo pós-industrial⁸⁰⁴ e seus paradigmas através do olhar de uma visitante de outro planeta, dito mais evoluído.

A trama começa sobrevoando em silêncio o planeta da protagonista Mila. Um ambiente verde, sem edificações, sem cidades demarcadas, em que seus habitantes se encontram anualmente para uma grande reunião do planeta. Compartilham nessas reuniões seus recursos, oferecem serviços, trocam conhecimentos e tomam decisões. Com ampla capacidade de telepatia, transcendem os discursos democráticos, organizando seus assuntos por consenso⁸⁰⁵, com agilidade e simplicidade.

A crítica sobre esfera política se apresenta logo de início, expondo diferenças fundamentais no funcionamento do sistema democrático e

802 Título original em francês do filme em análise *Turista espacial*.

803 Bachalorando em Fisioterapia (UFCSA).

804 “A título de delimitação, embora carecendo de maior precisão, pode-se dizer que a sociedade pós-industrial nasceu com a Segunda Guerra Mundial, a partir do aumento da comunicação entre os povos, com a difusão de novas tecnologias e com a mudança da base econômica. Um tipo de sociedade já não baseada na produção agrícola, nem na indústria, mas na produção de informação, serviços, símbolos (semiótica) e estética.” LUCCHI, Elian. *A Era Pós-Industrial, a Sociedade do Conhecimento e a Educação para o Pensar*. Editora Saraiva, 2008, p. 1-8. Disponível em: <http://www.del.ufrj.br/~fmello/eraposindustrial>. Acesso em julho de 2014.

805 “Para que o consenso se estabeleça com fluidez, Briggs assinala que, é preciso trabalhar com cinco elementos: (a) Disposição de dividir o poder (os participantes de um grupo de consenso devem ter a disposição de abrir mão dos papéis e privilégios hierárquicos e funcionar como iguais); (b) Compromisso claro com o processo de *consenso*; (c) Objetivos comuns; (d) Agendas fortes; e (e) Facilitação efetiva (um facilitador é o mediador do processo de *consenso*, ele não dá respostas prontas, mas levanta questões continuamente para equilibrar as participações. A autora enfatiza ainda que, no processo de consenso, não há votações - ideias ou propostas são introduzidas, discutidas até chegarem ao ponto de tomada de decisão; e na hora de tomar a decisão.” BRIGGS, Beatrice. *Introducción al Proceso de Consenso*. México: IIFAC, 2000. in: AMARAL, Jorge. *Construção do Consenso*. Disponível: <http://amaraljorge.blogspot.com.br/2009/03/construcao-do-consenso.html>. Acesso em agosto de 2014.

do sistema consensual. A decisão por *consenso* é um método de solução de problemas e tomada de decisão em grupo baseado em valores como a cooperação, a confiança, a honestidade, a criatividade, a igualdade e o respeito; no qual todas as pessoas envolvidas discutem ativamente as questões implicadas na decisão. Desta forma, o grupo agrega o conhecimento e a experiência de todos os seus membros e qualquer decisão final deve ser apoiada por todos os componentes da equipe. As idéias e os sentimentos de todos os integrantes são incorporados na decisão coletiva, permitindo assim a diversas pessoas trabalharem juntas no problema comum, ao invés de produzir um impasse do tipo “nós *versus* eles”. O consenso vai além do domínio da maioria, com um modelo de poder e responsabilidade compartilhados. Uma maneira pela qual um grupo de iguais toma decisões em que o processo se apóia na crença fundamental de que cada pessoa tem um “pedaço da verdade”.⁸⁰⁶

No contexto do filme, uma das decisões anuais que os habitantes do planeta verde precisam tomar visa à organização de suas viagens interplanetárias. Todos os anos escolhem pessoas para visitarem planetas em diferentes estágios de desenvolvimento, interagindo e aprendendo com esses povos. Mas a Terra, quem vai querer visitar?

— É mesmo duro lá?

— A lei do mais forte, mulheres massacradas, sem partilha, matanças, acho que levariam anos para se livrar. Partimos no início da era industrial.

— O que é isso?

— Também passamos por isso, há 3.000 anos, competição, escrita, produção em massa de objetos inúteis, guerras, destruição da natureza, doenças sem cura, ou seja, a pré-história.⁸⁰⁷

Coline, no papel de Mila, protagoniza a corajosa candidata que enfrenta com curiosidade essa viagem rumo à Paris. Para sua jornada, seus amigos do planeta verde transmitiram-na telepaticamente um programa de línguas terrestres e um programa de “desconexão”. O desconectar-se é o ponto chave em *La belle verte*. Será que os seres humanos são capazes de olhar para a vida com outros olhos, rompendo assim os véus do automatismo?

O embrião do processo de automação e construção do olhar se inicia com um fenômeno linguístico. Uma característica comum a todas as for-

806 Excerto com alterações de AMARAL, Jorge. *A construção do consenso*, 2009. Disponível em: <http://amaraljorge.blogspot.com.br/2009/03/construcao-do-consenso.html>. Acesso em junho de 2014.

807 Diálogo do filme *La belle verte* (7'08).

mas de linguagem é o fato de que cada uma delas cria e recria permanentemente um sistema de valores, isto é, uma visão de mundo, que coincide com o que os antropólogos chamam de ideologia.⁸⁰⁸ A visão de mundo pode ser entendida como um modo particular, próprio de cada cultura, de ver e pensar a realidade. Todos os seres humanos percebem biologicamente o mundo da mesma maneira. Entretanto, a “leitura” que cada povo, e, em menor grau, cada indivíduo, faz do mundo à sua volta difere em função de seu sistema de valores específico. Não podemos conhecer o mundo tal como ele é, por conta, primeiro, das limitações de nossos próprios órgãos dos sentidos e, em segundo da nossa própria incapacidade de apreender a realidade em si mesma. O mundo só pode ser pensado depois de ser interpretado em termos de uma cultura. Essa percepção e interpretação ideológica da realidade implicam em um duplo processo de filtragem da informação que existe no meio. O real é filtrado primeiro pelos sentidos físicos e, a seguir, pela cultura.⁸⁰⁹

O programa de desconexão nada mais faz do que a limpeza da mente dos indivíduos das reproduções sociais⁸¹⁰, da forma como dirigem o próprio olhar e da ação correspondente. Quando os terrestres recebem esse “choque de lucidez” ficam estranhos, olham com curiosidade para aspectos triviais do dia-a-dia e, para quem os vê de fora, parecem loucos.

Mila, como uma espécie de antropóloga do futuro, pousa sua nave-boia em meio a uma praça em Paris e, espantada, começa a interagir com o mundo ali vivido num tempo de fumaça e buzinas. Sua ingênua descrição do que vê coloca em xeque os hábitos contemporâneos desde a alimenta-

808 “Ideologia é um termo que possui diferentes significados. No senso comum significa ideal, e contém um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas. Diversos autores utilizam o termo sob uma concepção crítica, considerando que ideologia pode ser considerada um instrumento de dominação que age por meio de convencimento; persuasão, e não da força física, alienando a consciência humana.” GUI-MARÃES, Dilva. Ideologia. Disponível em: <http://www.significados.com.br/ideologia/>. Acesso em junho de 2014.

809 BIZZOCCI, Aldo. *Como pensamos o mundo: a semiótica e a cognição humana*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/20.pdf>. Acesso em junho de 2014.

810 “Quando se fala de reprodução social (por vezes também designada por reprodução cultural) tem-se em mente a “transmissão de normas e valores culturais de geração em geração. Uma reprodução é uma repetição da mesma coisa. A reprodução social consiste na transmissão e aquisição de valores, normas e costumes sem proceder a alterações significativas, sem inovar, sem mudar o legado recebido. Diz-se que os seres humanos são produtos e produtores da cultura. O conceito de reprodução social significa que muitos indivíduos não são produtores mas meros reprodutores da cultura que adquiriram no processo de socialização (e que os “produziu”, isto é, fez deles seres humanos).” COSTA, Antônio F. da. *O que é – Sociologia, Difusão Cultural*. p. 25-26. Disponível em: <http://cader-nosociologia.blogspot.com.br/2009/03/reproducao-social.html>. Acesso em julho de 2014.

ção até a arquitetura, as formas de relação humana, a estética, a saúde, a economia, a religião. Um simples açougue para muitos, a ela parece mais “Oh, uma exposição de cadáveres”. O corpo de Mila, acostumado com comidas cruas e orgânicas, tem dificuldade no contato com o alimento comum industrializado que encontra pela cidade. Sem encontrar outra solução aparente, ela comunica-se por telepatia com seus amigos do planeta verde e pede para lhe transmitirem o programa de recém-nascidos. Através desse programa, quando Mila se abraça a um bebê ocorre uma troca energética entre ambos que cura e fortifica a criança e que lhe recarrega de energia por dias.

Na busca por bebês, a protagonista conhece um médico e uma enfermeira que a acompanham durante sua estada na Terra. Aproveitando a intimidade com o médico, Mila passa a morar com ele e sua família, aprendendo com a esposa e seus filhos um pouco mais sobre os hábitos terrestres. Com delicadeza, a protagonista continua sua viagem questionando-os sobre aspectos estranhos a ela da forma como vivem, transformando o olhar da própria família sobre a vida e seus processos.

- E isto, o que é?
- Batom.
- Para que serve?
- Para colocar nos lábios, assim.
- Nos lábios, é um remédio?
- Não, é para ficar bonita, para agradar.
- A quem?
- A todo mundo.
- Deve ser difícil.
- Para ser amada.
- Certo, é um tipo de remédio para que todos a amem?
- Não, não exatamente.
- Se não colocar, ninguém a amará?
- Sim, mas... é difícil de explicar..., ⁸¹¹

Com o desenrolar da história o médico passou a acolher em sua casa, além de Mila, a enfermeira e sua irmã, e dois dos filhos de Mila que vieram à Terra ao seu encontro. O pouso dos meninos não saiu tão bem quanto o esperado e acabaram caindo em uma região desértica aparentemente com nada ao redor, a não ser dunas de areia. Para o espanto dos garotos, uma tribo aborígene faz contato telepático convidando-os a se juntarem. Acabam descobrindo terrestres muito mais parecidos com eles do que imaginavam.

811 Diálogo do filme *La belle verte* (42'57).

— Encontramos gente joia, não é como nos disse. Vivem aqui há 40.000 anos, nunca estragaram suas terras. Eles são muito, muito lindos, são todos negros. Temos a mesma medicina, comemos bem. São fortes em telepatia. Aceitaram-nos como da família. São tão avançados quanto nós.⁸¹²

Através de pequenos diálogos o filme trata de expor ângulos de visão que normalmente não aparecem dentro do contexto cultural por ele criticado. Mesmo dentro da antropologia, que se dedica ao estudo de culturas diferentes a do antropólogo, um dos problemas que envolvem o estudo de campo e a coleta de dados transcorre pela dificuldade etnocêntrica⁸¹³ ao lidar com um diferente. A noção de superioridade, que muitas vezes está impregnada no olhar de um povo para com outro culturalmente distante, afasta a possibilidade de conhecê-lo com profundidade, muitas vezes atropelando os indivíduos e sua cultura.

Coline Serreau, interpretando uma personagem que manifesta uma visão incomum, nos propõe, através desta divertida comédia crítica, questionar um pouco a forma como a sociedade pós-industrial lida com aspectos da vida. Através de novas lentes paradigmáticas, aprimoradas por sua visão crítica do mundo contemporâneo, vamos enxergando características sutis enraizadas na cultural ocidental do século XX, um olhar de lucidez, mais simples e direto sobre sociedade, meio-ambiente, amor e felicidade.

Para discussão:

1. De que forma a linguagem condiciona a forma de pensar e se relacionar com temas como liberdade, visão de mundo e relações sociais? Discuta acerca de alguns exemplos vistos no filme.
2. Quais são os principais agentes que influenciam na construção das identidades culturais dos indivíduos? Essas identidades são fixas, ou é possível reconstruí-las?
3. Nos tempos atuais, com a globalização e o desenvolvimento das

⁸¹² Diálogo do filme *La belle verte* (58'06).

⁸¹³ "Etnocentrismo é um conceito antropológico que ocorre quando um determinado indivíduo ou grupo de pessoas, que têm os mesmos hábitos e caráter social, discrimina outro, julgando-se melhor ou pior, seja por causa de sua condição social, pelos diferentes hábitos ou manias, por sua forma de se vestir, ou até mesmo pela sua cultura. Essa avaliação é, por definição, preconceituosa, feita a partir de um ponto de vista específico. Basicamente, encontramos em tal posicionamento um grupo étnico a considerar-se como superior a outro. Do ponto de vista intelectual, etnocentrismo é a dificuldade de pensar a diferença, de ver o mundo com os olhos dos outros." SILVINO, Paulo R. *Etnocentris*. Disponível em: <http://www.brasile scola.com/sociologia/etnocentrismo.htm>. Acesso em junho de 2014.

tecnologias de informação, as distâncias do conhecimento se reduziram. Hoje um garoto brasileiro pode saber muito de como se viveu na China há dois mil anos apenas digitando em seu computador. Quais são as conseqüências vividas por um indivíduo que se identifica mais com valores e paradigmas de outras culturas ou de outros tempos, do que com as de seu contexto atual?

Sugestões de leituras:

BRETON, David Le. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Catedra, 2001.

RIMPOCHE, Sogyal. *O livro tibetano do viver e do morrer*. São Paulo: Talento, 2008.

SAMTEN, Padma. *A roda da vida*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Turista espacial*

Título original: *La belle verte*

País de origem: França

Gênero: comédia

Classificação: livre

Tempo de duração: 99 minutos

Ano: 1996

Direção: Coline Serreau

***Babel*: um olhar sobre comunicação e interações humanas em esfera global**

Isabella Moreira dos Santos⁸¹⁴

O filme *Babel*, do mexicano Alejandro González Iñárritu, gira em torno de vidas que são conectadas em diferentes continentes pelo mesmo incidente: O disparo da arma de fogo, dado por Yussef e Ahmed, dois jovens irmãos pastores de cabras que acabam por atingir acidentalmente a turista americana Susan, que viajava de ônibus com o marido Richard pelo interior do Marrocos. Este ato desencadeia uma sucessão de acontecimentos, revelando assim as inter-relações entre habitantes de quatro países – Japão, México, Marrocos e Estados Unidos – que têm suas vidas afetadas após o tiro.

O casal viajava com outros turistas, que, após o acidente, param no vilarejo mais próximo à procura de auxílio. O agente de turismo busca assistência na vila, mas no local não há recursos, e Susan recebe tratamento precário. Os que estavam no ônibus desejam seguir viagem sem esperar e sem saber se a ambulância chegará. Esses, com medo de mais “ataques” dos supostamente violentos atiradores, ficam desconfiados dos nativos, gerando desentendimento entre povos que não conseguem se comunicar, não somente por falarem diferentes línguas, como também pelo mal-estar provocado pelo desconhecido. O ônibus acaba por partir, e o casal fica para trás junto com o guia turístico, ainda esperando por transporte para o hospital mais próximo.

Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos, os filhos do casal estão sob os cuidados da babá mexicana Amélia, que mora ilegalmente no país. Com o acidente simultâneo ao casamento de seu filho no México, não havendo outra pessoa para cuidar dos pequenos, e por possuir vínculo emocional com elas, Amélia resolve levá-las consigo ao México sem a autorização dos pais. O México faz divisa de fronteira com os Estados Unidos, e normalmente em regiões fronteiriças, se imigrantes ultrapassam a fronteira de forma ilegal, são perseguidos e devolvidos a seu país. Foi caso de Amélia, que ao tentar retornar passou por momentos difíceis nas mãos da polícia americana de fronteira, pois não tinha a documentação exigida para entrada no país. Foragida, acaba indo parar no deserto que circunda o local junto com as crianças, em um ambiente totalmente inóspito. Apesar das leis específicas para imigração, o que chama a atenção é a burocracia em relação às embaixadas e a diferente atuação dos agentes da lei em cada país, mostrando a degradação e humilhação pela qual passam os que tentam cruzar a fronteira.

814 Bacharelada em Fonoaudiologia (UFCSA).

Outra história simultânea aborda Chieko, uma jovem japonesa surda, cujo pai, durante uma viagem de caça, deu de presente a arma do tiro ao guia marroquino Hassan. Posteriormente a arma foi vendida por este a Abdullah, pai dos meninos que atiraram, que a compra com o intuito de usá-la para caçar. Assim, o disparo ocorrido no Marrocos também envolve a jovem. Ainda processando o suicídio da mãe, e ressentida com o pai, ela sente-se perdida e incompreendida no isolamento comunicacional que vive, e mesmo usando língua de sinais, não se sente parte da comunidade. Assim, em busca de aceitação, tenta transpor a barreira entre ela e os outros com comportamentos provocativos. No Japão, Chieko vive em um ambiente repleto de estímulos, mas ao mesmo tempo vazio: no decorrer das cenas observamos ambientes modernos com muitas pessoas cercadas por tecnologia, mas o que se destaca são as relações passageiras entre esses indivíduos.

A globalização

Direta ou indiretamente a vida dos personagens se interligou, de forma a criar uma rede de acontecimentos – desencadeada pelo disparo do *rifle*. A arma pode ser vista como uma mercadoria que simboliza a violência e a opressão. Pela cena do tiro disparado acidentalmente pelo garoto, reflete-se sobre as consequências da produção e comercialização de armas de fogo, que acidentalmente pára nas mãos de dois adolescentes que não sabiam manuseá-la, revelando o quão vulnerável as pessoas estão. Armas e balas são produtos das principais potências do planeta. Os Estados Unidos é reconhecido como uma das principais potências armamentícias, o que nos remete ao dilema de que a arma dada à família marroquina, usada no disparo que atingiu a turista americana, tem relação com o incentivo à fabricação de armas no país⁸¹⁵. Ainda, o disparo irá ser difundido pelas autoridades norte-americanas como se tratando de um ato terrorista contra cidadãos americanos, ocorrido num país predominantemente muçulmano, relacionando o acontecimento com os atentados já ocorridos nos Estados Unidos da América.

Peter Singer⁸¹⁶ questiona sobre a preocupação com o bem estar das pessoas, independente de nacionalidade. Segundo ele, o mundo contemporâneo passa por transformações, as quais colocam em xeque as noções tradicionais de Estado nacional e soberania. Com isso destaca a responsabilidade internacional de proteção à pessoa humana, para além do Estado Nacional propondo que as legislações que protejam a comunidade

815 Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional. *Seminário Estados Unidos: presente e desafios*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0417.pdf#page=161>. Acesso em agosto de 2014.

816 SINGER, Peter. *Um só mundo. A ética da globalização*. Lisboa, Gradiva, 2004.

internacional sejam efetivas na prática, garantindo dignidade para o ser humano de modo universal⁸¹⁷- visto que o que ocorre com os personagens está longe do que seria o ideal em relação aos direitos humanos.

Nas histórias interligadas, podemos interpretar os acontecimentos de forma plural, gerando efeitos múltiplos em rede propiciados por um ato. Também se destacam as diferenças culturais entre os países, compondo um retrato da economia contemporânea e seus aspectos desiguais, com diferenças sociais e financeiras entre os países; e como a globalização fez com que pessoas, de diferentes locais no globo, estejam tão distantes e ao mesmo tempo tão próximas, principalmente pela troca fornecida pelos meios de comunicação e meios de transportes modernos, propiciados pelos avanços tecnológicos em escala mundial. Desta forma, as transformações ocorridas no mundo modificaram paradigmas, pois não refletem apenas a interação local, individual e sim uma coexistência, universal; sendo assim, pensar numa ética global merece destaque e reconhecimento de que o ser humano vive em “um só mundo”, onde não se fala uma só língua, mas sim muitas, necessitando diálogo e entendimento entre diferentes povos.

A comunicação

O título *Babel*⁸¹⁸ adquire total sentido quando mostra o desentendimento entre povos que não conseguem se comunicar, não somente pela língua, mas pelo receio do outro, por diferentes culturas e legislações políticas que criam abismos. A Torre de Babel aparece numa passagem bíblica sobre uma construção monumental⁸¹⁹, habitada por dezenas de povos, cujo objetivo era alcançar o céu. Deus, irritado com a afronta, criou diversas línguas para que as pessoas não pudessem se comunicar, assim

817 FROEHLICH, Charles Andrade; VIEIRA, Gustavo Oliveira. Ética global e proteção internacional da pessoa humana: dilemas da transnacionalização. Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD). Unisinos, v. 1, n. 1. 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/RECHTD/article/view/5132>. Acesso em agosto de 2014.

818 Em Genesis, versículo 11 parágrafo 9, o significado de Babel é explicado pelo verbo hebraico *balal*, que significa confundir, misturar, confusão da fala. Para mais informações ver: Autoria desconhecida. *Dicionário da Bíblia 1: as pessoas e os lugares*.

Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=VJPsvAlvExkC&pg=PA29&lpg=PA29&dq=balal+confundir&source=bl&ots=TrLrAXWtBl&sig=EqkcKODUp9vYdA47mzi3L6o2Bc&hl=pt-BR&sa=X&ei=OdP7U8ufKcXC8-gHfz4HABA&ved=oCBoQ6AEwAA#v=onepage&q=balal%20confundir&f=false>. Acesso em agosto de 2014.

819 A história da Torre de Babel é uma passagem bíblica, está relatada no capítulo onze de Gênesis, primeiro livro da bíblia, autoria atribuída ao profeta Moisés. *Torre de Babel*. In *Infopédia*. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$torre-de-babel](http://www.infopedia.pt/$torre-de-babel). Acesso em agosto de 2014.

os humanos não puderam dar continuidade à obra e se dispersaram pelo mundo. A analogia com a passagem bíblica é importante para compreensão dos personagens, diferentes na língua, na cultura e na geografia.

A linguagem é uma capacidade humana de compreender um complexo sistema de signos, compostos de significante e significado, sendo um fator fundamental nas relações humanas, pois sem esta provavelmente não seria possível a organização em sociedade. Em *Babel* as dificuldades na comunicação geram acontecimentos que enredam os personagens em um aparente caos, onde indivíduos interagem, mas sem um diálogo efetivo⁸²⁰. Como a questão do diálogo entre indivíduos sociais é o tema central do filme, é interessante destacar as ideias do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas e o princípio da “razão comunicativa”⁸²¹, pois o que se observa no filme é a falta desta.

Para Habermas, na ética prevalece a idéia de razão prática – caracterizando o agir ético como os princípios e os fins do agir, sendo a racionalidade o principal – senão o único – recurso da qual humanidade dispõe para resolver seus conflitos e encontrar alternativas de solução para seus problemas⁸²². Com sua ética do discurso⁸²³, Habermas defende que a atividade argumentativa é uma ocupação eminentemente comunicativa. Com esse intuito, Habermas nomeia as regras da linguagem de regras pragmáticas, as quais pertencem à comunicação, sobretudo, ao discurso, tomando a linguagem como mediadora de toda a relação significativa entre sujeito e objeto⁸²⁴. Todas as questões de validade da vida humana,

820 Diálogo, do grego antigo *diálogos* é a conversação entre duas ou mais pessoas, Embora se desenvolva a partir de pontos de vista diferentes, o verdadeiro diálogo supõe um clima de boa vontade e compreensão recíproca, sendo um signo de intercâmbio entre consciências. DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. Papirus, 2005, p. 135.

821 “A racionalidade deve ser entendida, antes de tudo, como a disposição dos sujeitos capazes de falar e de agir, de buscar um entendimento acerca do mundo, orientando-se “pelas pretensões de validade que estão assentadas no reconhecimento intersubjetivo” HABERMAS, 2000, p. 437. *Apud*: MÜHL, Eldon Henrique. Habermas e a educação: racionalidade comunicativa, diagnóstico crítico e emancipação. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em agosto de 2014.

822 MÜHL, Eldon Henrique. *Habermas e a educação...*

823 Jürgen Habermas e Karl-Otto Apel, mesmo com divergências, são pensadores que fundamentam a ética do discurso, visando estabelecer condições de articulação de um discurso racional cujo reconhecimento intersubjetivo de pretensões de validade apresenta especificidade de uma norma que converge em uma aceitabilidade consensual. FOCAS, Júnia Diniz. *Habermas e Apel: a fundamentação pragmática da Ética do Discurso*. Revista Vozes dos Vales da UFJM: Publicações Acadêmicas, MG, n° 2, ano I, out.2012.

824 Segundo o autor e sua “Teoria da Ação Comunicativa”, há dois conceitos de sociedade: um conceito de sociedade que associa a perspectiva subjetiva (interna “do mundo da vida”

então, devem ser resolvidas pelo diálogo e pela argumentação. Assim, o conteúdo que poderá ser reconhecido como verdadeiro terá de ser passível de consenso.⁸²⁵

Ao abordar locais geográficos longínquos, que se interligam em situações que envolvem diferentes personagens, *Babel* nos confirma a concepção de que pequenos atos podem afetar direta ou indiretamente pessoas distintas em locais totalmente distintos. E, principalmente, mostra quão complexa se torna a comunicação entre as pessoas num mundo de “surdos”, cercadas por barreiras para além das fronteiras. Assim a reflexão a ser feita é em relação a diferentes culturas desenvolverem diálogos capazes de um entendimento mutuo: por estarmos em um mundo globalizado. Somente a partir da troca dialógica, de “escutar” o outro, será possível buscar a convivência pacífica e democrática, e assim o consenso entre povos que vivem no mesmo globo, com questões circundantes à comunidade global em comum.

Para discussão:

1. Atualmente a troca de informações ocorre em tempo real no mundo inteiro, propiciada pelos avanços tecnológicos, também o intercâmbio de mercadorias foi facilitado pelos meios de transport. A globalização se tornou um fenômeno que atinge a todos, porém nem todos foram beneficiados da mesma forma. Questione como vive a sua comunidade quando comparada a outros grupos que habitam diferentes locais no mundo. O que os difere e os aproxima?
2. Independente de nacionalidade, somos todos humanos compartilhando um mesmo globo, mas com diferenças culturais, sociais e econômicas que afetam os interesses de cada povo. Esses interesses nem sempre são bem recebidos por outros países, pois podem estar em discordância. Pense de que forma os interesses pessoais de cada povo afetam a vida de outras pessoas em locais geográficos distintos, e em alternativas para a resolução de questões que envolvem a comunidade global.
3. A efetiva comunicação é uma ferramenta de entendimento entre pesso-

– ligado à esfera da reprodução simbólica da linguagem, com redes de significados que compõem determinada visão de mundo) à perspectiva objetiva (externa, ou sistêmica – que enfatiza os processos de racionalização ocorridos nos subsistemas econômicos e políticos) e ao resgate de um conceito de racionalidade dialógica. Explicação baseada em: FREITAG, Bárbara. Habermas e a Teoria da Modernidade. *Cad. CRH*. Salvador, n. 22. p. 138-163, jan/jun.1995 Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=326&layout=abstract>. Acesso em agosto de 2014.

825 ZANELLA, Diego Carlos. *A ética comunicativo-discursiva de Jürgen Habermas*. Thaumazein, Ano V, Número 10, Santa Maria, dez de 2012, p. 131-149. Disponível em: http://sites.unifra.br/Portals/1/Numero10/Zanella_10.pdf. Aceso em agosto de 2014.

as. De que modo podemos agir de forma a usar o diálogo como ferramenta de ação no mundo?

4. Como a linguagem nos propicia a relação com o outro? Qual a importância da linguagem no processo de nossa constituição como sujeitos sociais? Reflita sobre por que seres humano, potencialmente dialógicos, muitas vezes não conseguem se entender mesmo falando a mesma língua.

Sugestões de leitura:

APEL, Karl-Otto. *A transformação da filosofia I: filosofia analítica, semiótica, hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2000.

FREUD, Sigmund. *Freud (1930-1936): O mal-estar na civilização e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

SINGER, Peter. *Ética Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Babel*

Título Original: *Babel*

Países de origem: França, Estados Unidos da América, México

Gênero: drama

Classificação: 16 anos

Tempo de duração: 143 minutos

Ano: 2006

Direção: Alejandro González Iñárritu

Nós que aqui estamos por vós esperamos (ou acerca da finitude)

Arlinda B. Moreno⁸²⁶

Nós que aqui estamos por vós esperamos foi levado às telas em 1999. Dirigido e roteirizado por Marcelo Masagão, o filme, singularmente classificado em alguns festivais como um “filme-memória”, segundo o próprio diretor, em sua cena de abertura, pretende realizar uma “breve história do século XX” por meio do uso de um vastíssimo banco de imagens (filmes e fotografias), sem nenhum diálogo sonoro ou mesmo *off-screen*, mas com um poderoso e instigante texto inscrito na tela⁸²⁷, além de uma música incidental primorosa, composta por Wim Mertens.

Ser espectador deste filme poderia ser uma tarefa também breve (leve, nostálgica), não fosse a intensidade desse, talvez, ainda inacabado, século XX. A sucessão de cenas super intensas que pretendem mostrar (ou montar) as quinze historietas são bastante impactantes, inspiradoras, polêmicas, românticas, cruéis e reflexivas.

Nos seus 72 minutos de duração, *Nós que aqui estamos por vós esperamos* retrata uma rede de conflitos e dramas psíquico-históricos, que segundo Masagão, está inspirada tanto no expoente da historiografia, Eric Hobsbawm, quanto no pai da psicanálise, Sigmund Freud. Mas, outras (e, eu diria, incontáveis) leituras são completamente plausíveis e desejáveis, vis-à-vis a enxurrada de fatos e evocações de memórias que ocorrem durante e após a experiência de ser espectador deste filme.

As historietas ficcionais, mas construídas a partir de personagens filmados (ou fotografados) para outros propósitos, ora revelam seus protagonistas, ora os ocultam (ou os distorcem), como esperado em uma reconstrução de memória. Afinal, rememorar é também reconstituir. Assim é que importa mais a memória e o olhar do espectador, que também reconta o “seu” século XX – a despeito de ser guiado pelo diretor –, do que o esforço para (ou a neurose de) encontrar uma real, verdadeira e documental história desse século. Na película, além de na cena de abertura, viaja-se também em lembranças imagéticas por meio das seguintes historietas: Nijinski, Modelo T, “Alfaiate” (entre aspas porque mantive o erro de composição da palavra alfaiate exposta no menu do DVD), Família Jones, Trabalhadores, Hans e Anna, Solidão, Ditadores, Ataire Garrincha, Utopia, Mulheres, Aspirina, 4 Domingos, Religião e Cemitério.

826 Psicóloga, Especialista em Psicologia Médica, Mestre e Doutora em Saúde Coletiva (Pós-doutorado em Saúde Coletiva e em Saúde Pública), Psicoterapeuta Existencial, Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

827 Neste trabalho, minhas impressões acerca de cada uma das historietas/cenas serão sucedidas pela transcrição de seus textos originais, com vistas a proporcionar ao leitor um entendimento contextual mais ampliado.

Como começa essa viagem?

O Historiador é o Rei. Freud é a Rainha!

É esta a frase de abertura que arrasta os espectadores para um mergulho ainda mais profundo no século XX. Dispensável dizer que o historiador é Hobsbawm, mas indispensável frisar que o pai da psicanálise é a feminina figura da rainha! A despeito da possível referência de Masagão ao texto platônico no qual se tem contato com o termo filósofo-rei, seria este um século matriarcal? As citações feitas a seguir, acerca das novas formas de participação da mulher na sociedade, desenhadas pelas contingências do século XX, darão margem para reflexões (a partir do filme) sobre este aspecto.

Esta, como todas as demais historietas/cenas do filme, é aberta por imagens de um certo cemitério que aparentemente tenta representar o túmulo dos personagens, mas, como pretendo retomar mais adiante, reforça a ideia nuclear de finitude – a meu ver, eixo central do filme.

Como quem olha por uma grande janela nublada, vê-se escrito no horizonte da tela a frase de saudação a Hobsbawm e a Freud. Essa imensa nuvem, aliás, Nuvem é o nome desta cena de abertura, é invadida em segundo plano pelo fuzilamento de dois jovens. Essa imagem do extermínio logo se desvanece, mesclando-se às nuvens que vão se distanciando e dando lugar ao referido cemitério. E assim, vai-se, caso ainda não se tenha ido, para a aventura ou ventura ou, ainda, desventura de cem anos recém-passados. Como informa Masagão, não importam nem a magnitude da vida real de cada um desses personagens nem a robustez dos eventos conforme sua historiografia – ou sua história real (!?!?). E, eu diria, o que importa é a finitude encravada nos humanos. Em especial uma maior interação com a finitude que o caráter impermanente e exíguo do século XX esculpiu em seus eventos.⁸²⁸

Primeira historieta/cena – Nijinski:

Esta cena é aberta por fotos de Vaslav Nijinski como apresentado no balé “Tarde de um Fauno”, baseado no poema de mesmo nome do poeta francês Mallarmé, em maio de 1912, em Paris. Por essa metáfora, o espectador é arrancado do sonho ou do entorpecimento do século XIX – assim como o fauno que, amando o sonho, desperta no poema.

Logo, uma cena urbana fortemente movimentada, permeada por símbolos de modernidade e urbanização, tais como telefones, telégrafos, trens, automóveis, etc. é povoada por trabalhadores que mais parecem

828 Texto original da cena de abertura: O Historiador é o Rei. Freud é a Rainha. Pequenas histórias. Grandes personagens. Pequenos personagens. Grandes histórias. Memória do breve século XX.

formigas a dar conta dessa nova movimentação. Assim inicia-se o século XX, com todas as suas novas armadilhas e configurações (o trabalho feminino, as artes modernas, a psicanálise, o comunismo, uma nova física, novas formas de registros documentais, muitos outros novos e muitas outras novas).

Ao final da cena, representa-se pelo afundamento do rosto de Nijinski, ainda na pele do fauno, deitado de bruços, no lenço das ninfas, a morte do século XIX – que morre só, não apenas só de sozinho, mas também, só de apenas, de somente.⁸²⁹

Segunda historieta/cena – Modelo T:

Nesta historieta, que em sua abertura tem os nomes Alex, Alex, Alex Anderson estampados na tela como se estivessem sobre lápides, o que se tem é uma representação da nova força (para o bem e para o mal) que a industrialização traria à vida das pessoas e, em especial, ao cotidiano dos trabalhadores que, a partir daí, seriam ainda mais explorados e despersonalizados – tratados como peças (objetos) de uma linha de produção. Instaure-se o fordismo e o trabalho nunca mais seria o mesmo. Mais uma morte, portanto. A morte do trabalho arte, artesanal, artístico.

A cena é encerrada pelo piquenique de dois homens que, em uma fogueirinha tentam aquecer alguns alimentos e que, sobreviventes do processo de industrialização, nunca alcançariam estabilidade econômica suficiente para comprar o que produziam. Afinal, não produziam para si. Morrem esses homens, vítimas de uma peste do início do século: a gripe espanhola.⁸³⁰

Terceira historieta/cena – “Alfaite”:

Do alto da Torre Eiffel, símbolo da Exposição Universal de 1889, anúncio de um século XX recheado de modernidade, um alfaiate constrói uma roupa capaz de fazê-lo plainar sobre esse novo tempo. Ao meio-dia, em plena Paris do ano de 1911, Reisfeldt lança-se para o sonho de

829 Texto original da cena: Paris à noite, maio de 1912 – Nijinski – Foto: “L’après-midi d’un Faune” – Théâtre du Châtelet. No dia seguinte... O balé já não era clássico. A cidade já não cheirava a cavalo. Pelo túnel, o metrô, pelo fio preto, a fala. Garotas trocavam o corpete pela máquina de escrever. Os quadros já eram Picasso. Os sonhos já eram interpretados. Na Rússia. E=mc². Câmeras Kodak registravam os instantâneos das primeiras gerações que conviveram em seu cotidiano com uma produção em série de ideias, matemática abstrata, maquinários complexos, refinadas bombas e muitos botõezinhos. Nijinski, 1890–1950.

830 Texto original da cena: Alex. Alex. Alex Anderson. Algum dia em Detroit, 1913. Ford T. O tempo de produção de um carro foi reduzido de 14 hs para 1h e 33 minutos. Alex Anderson. 1882–1919. Salário: 22 dólares/semana. 12 hs por dia, incluso sábado. Domingo: Piquenique. Nunca teve um Ford T. Morreu de Gripe espanhola.

revivescência de Ícaro e, mesmo que suas asas não sejam de cera e que, portanto, não se derretam ao sol, ele se lança à eternidade não por plainar, mas, sim, apenas por sonhar.

O sonho de voar parece se concretizar por meio da invenção e consolidação de cápsulas espaciais e, súbito, a cena é conduzida para um conjunto de pessoas olhando para o céu, em absoluto silêncio. Fundem-se as imagens do pulo do homem para o salto derradeiro desde a Torre Eiffel com os rostos horrorizados da explosão de um ônibus espacial – a Challenger, em 1986.

A cena é encerrada pelo surgimento do rosto de Freud fundindo-se aos rastros de fumaça da explosão da Challenger desenhando na tela uma água viva, um polvo ou monstro marinho estranho e de tentáculos muito compridos. Permanecem como mortais, portanto, os humanos que voam, que sonham.⁸³¹

Quarta historieta/cena – Família Jones:

Este século da família Jones é aberto pela imagem do Tio Sam apontando o dedo para o povo, convocando-o ao alistamento militar.

Segue-se a essa apologia ao belicismo americano, a imagem de um jovem morto sendo carregado por soldados ao passo em que é embalado em um pano branco. É a primeira geração, morrendo na também Primeira Guerra Mundial.

Na segunda geração, tem-se um navio americano à beira-mar e jovens soldados que se divertem brincando nas águas marítimas. Os jovens que brincavam unem-se em uma roda e lançam comemorativamente aos céus, um outro jovem que parece voar regozijante, mas que, morto em 1945, é, de fato, mais um que se perdeu na Segunda Guerra Mundial.

Na sequência, o espectador é levado subitamente a observar a cena em cores de uma perna arrancada provavelmente por bombas. Na guerra do Vietnã, esta perna, suspensa pela mão de um soldado sorridente acompanhado de outros, é lançada para a frente, praticamente, no colo do espectador. Fim da terceira geração Jones.

A quarta geração Jones é anunciada pela aparição em cores de uma grande explosão. A Guerra do Golfo, em 1991, a primeira transmitida em tempo real por imagens de satélite, inaugura uma nova maneira de matar o inimigo. O perpetrador, última geração Jones, não tem a data de mor-

831 Texto original da cena: O Alfaiate. Meio-dia. Paris, 1911. M. Reisfeldt. 1867– 1911. Profissão: Alfaiate. Objetivo imediato. Challenger, 1986. “Nunca dominaremos completamente a natureza, e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte desta natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de realização e adaptação”. Dr. Freud.

te inscrita na tela. Tudo leva a crer que este soldado sobreviveu; que as guerras ganharam terreno e se aprimoraram; que podem matar mais e mais pessoas; que podem arrebanhar mais e mais soldados... Vitória dos americanos? Vitória das guerras!⁸³²

Quinta historieta/cena – Trabalhadores:

Nesta historieta, as representações dos novos trabalhadores do século XX retornam como temática. O pleito por direitos trabalhistas é a nova demanda e produto do reconhecimento (por parte daqueles que trabalham) de que está ocorrendo uma profunda exploração da classe operária. Trabalhadores do metrô exigem uma jornada de trabalho de oito horas. Mulheres trabalhadoras – no novo mercado de trabalho aberto ao público feminino – submetem-se à mecanização das ações e das funções – empacotadoras, telefonistas, lanterninhas de cinema, sonham (e não conseguem sonhar) em suas horas extenuadas. Trabalhadores da construção civil, operários, não podem e não devem discordar da ideologia político-partidária vigente – seja ela o socialismo, o comunismo, o capitalismo ou qualquer outra.

O coveiro, que aos domingos joga dominó, encobre os corpos daqueles que se perderam na nova ordem mundial.

A inutilidade, extemporaneidade, impermanência e fragilidade do trabalho revelam-se na construção e desconstrução de símbolos ligados às ideologias político-partidárias; o muro de Berlim construído a duras penas é desconstruído com gáudio; o maoísmo empurra hordas de jovens trabalhadores para se engajarem na Revolução Cultural Chinesa. O sonho de enriquecer é mitigado na febre do ouro de Serra Pelada, no Brasil. O toyotismo japonês encharca o mercado de eletroeletrônicos; a indústria automobilística invade a América Latina. Na zona rural, o homem do campo permanece isolado da modernidade.

A cena encerra-se com o *crash* da Bolsa de valores, em 1929. A imagem de homens desconsolados, sentados no meio fio, em total silêncio, é sucedida por uma simbólica assembleia de surdos-mudos que realizam tal encontro por meio da língua de sinais – metáfora jocosa do autor. Por fim, um engenheiro é visto humildemente transmutado em um vendedor de

832 Texto original da cena: Um século de Família Jones. Primeira Guerra. Tom Jones, o Bisavô. 1896-1918. “Em uma guerra não se matam milhares de pessoas. Mata-se alguém que adora espagete, outro que é gay, outro que tem uma namorada. Uma acumulação de pequenas memórias...” Cristian Boltanski. Em algum canto da Europa, 1944. “Morrer pela Pátria, pela ideia. Não, isso é fugir da verdade. Ninguém pode imaginar sua própria morte. Matar é o importante. Esta é a fronteira a ser cruzada. Sim, esse é um ato concreto de vontade.” Paolo Gracie, soldado italiano. Paul Jones, o Avô 1916-1945. Robert Jones, o Pai 1942-1971. Vietnã. Guerra do Golfo, 1991. Robert Jones Junior 1966.

maças nas ruas de Nova York, recebendo de um homem que passa apressado uma moeda como pago de uma de suas frutas– a grande maçã.⁸³³

Sexta historieta/cena – Hans e Anna:

Um casal dançando é sucedido pela partida de um trem no qual seus passageiros recebem inúmeros acenos de adeus. Esta é a separação dos casais cujos homens partem para as frentes de batalha, na Primeira Guerra Mundial, após apressados casamentos. Outros aspectos da guerra são aqui enfatizados – a diáspora e as separações.

As mulheres que ficam engajam-se na indústria bélica. Cenas de bombardeios e de produção de armas fabricadas por mulheres trabalhadoras são estampadas na tela. Exércitos persistem em lutas e destruições.

Uma cena do filme “O Cão Andaluz”, de Luis Buñuel (surrealismo, 1929): Em uma praça, uma mão é entregue por oficiais militares à viúva de um soldado como sendo sua única possibilidade de sepultar algo de seu amado. Ela remexe na mão que caiu no chão após o choque de tê-la recebido. Esta cena é mostrada de trás para frente e de novo, de frente para trás.

Mais bombardeios e o aparecimento do Enola Gay – avião que levou para Hiroshima a bomba atômica. Imenso cogumelo de fumaça se estampa como pano de fundo da tela. Uma família japonesa sucumbe à bomba H. Morre-se.⁸³⁴

833 Texto original da cena: Martha. George. Mary. João. Hermann. Antônio. Sabrina Lev. Pablito. 1903, Trabalhadores do Metrô. 8 hs de Trabalho. 8 hs de Lazer. 8 hs de Repouso. Muitos Bigodes. Martha Vertvoska. 1892-1945. Empacotou milhões de cigarros... depois virou telefonista. Anos 30. Mary Brinkley. 1912-1973. Profissão: Lanterninha. Ator predileto: Gary Cooper. Hoje, cansada. New York, 1938. George Gotman. 1906-1962. Construiu diversos edifícios em NY. Não tinha problemas de vertigem. Moscou, 1952. Lev Pankratov. 1905-1973. Eleito operário padrão por cinco anos consecutivos. Apaixonou-se por uma turista italiana discordou do partido e morreu na Sibéria. Chile, 1957. O Coveiro. Aos domingos jogava dominó. Pablito Mendoza. 1895-1967. Berlim, 1961. Hermann e Rainer construíram centenas de metros do muro de Berlim. Quando a construção acabou... China, 1970. Ling Yan. 1948-1992. Atividade principal: Montar bicicletas. Livro de cabeceira: O Vermelho. Curriculum. Durante a Revolução Cultural executou 3 professores de Matemática. Serra Pelada, 1985. Brasil. 8.237 Joãos; 12.668 Pedros; 9.525 José; Atrás de Outro. 1 Antônio. 1945-1980. Japão, 1977. Muitas japonesas produzindo muitas TVs. Midori Uyeda. 1955-1997. Adorava o Elvis. Argentina, 1983. Daniel Escobar. 1925-1998. Nos anos 70, apertou 9.872.441 parafusos para veículos Renault. Índia, 1992. Nehru Gupta. 1978-1997. Bolívia, 1994. Juan Domingues. 1903-1995. Trabalhador do campo. Nunca viu uma imagem de TV. Nunca foi para a guerra. Gostava de Coca-Cola. Nova York, 1929. O Crash da Bolsa. O engenheiro que virou maçã.

834 Texto original da cena: Hans e Anna. Sábado, verão de 1914. 2.000 casamentos foram realizados as pressas em Berlim. Aqui a festa de Hans e Anna. Vestido improvisado, lua-de-mel relâmpago, hotel simples. Segunda-feira, Hans estava em um dos inúmeros trens que partiram em direção ao Front. Hans atira bombas. Anna produz bombas. Mariko Takano. 1923-1945. Fazia bolinhos de arroz como ninguém. Takio Takano. 1920-1945. Um

Sétima historieta/cena – Solidão:

O tema da guerra, definitivamente, é um grande mote desse filme-memória ou, talvez, desse guerreador século XX. Desta vez, a solidão é estampada na tela por meio da figura de um homem, em roupas de soldado do exército, que no campo de batalha costura silenciosamente suas meias na tentativa de matar o tempo – talvez para não morrer.

Na sequência, a imagem de um homem em agitação psicomotora, possivelmente por trauma em operações de guerra, é retratada na mais extrema solidão. É o choque da guerra explodindo na face do espectador.

O que parecia conduzir o espectador para momentos menos rudes, as ondas do mar, de fato se traduzirá em pano de fundo para a transcrição de uma mensagem enviada a seus pais por um kamikaze. Este também morreu sozinho.

O relato de outra morte solitária é precedido por uma procissão budista, na qual um de seus componentes exibe uma foto de um homem em chamas. Súbito, as imagens filmadas e, portanto, em movimento deste mesmo homem em chamas aparecem na tela. A solidão da morte em chamas é sucedida pela solidão do professor de literatura que, na Praça da Paz Celestial (a Praça Tian'anmen, em Pequim, China), enfrenta pacífica e silenciosamente tanques de guerra durante as atividades de protesto envidadas por intelectuais, trabalhadores e estudantes que clamavam por transformações de um regime comunista considerado corrupto e repressivo.

Por fim, o isolamento e a solidão dos indígenas do Brasil são mostrados por meio de uma cena de escambo entre os componentes de uma tribo indígena e negociadores, ditos civilizados, que trocam artefatos por um chapéu. Um exemplo, encharcado de fina ironia do autor, das incontáveis mortes solitárias de nossos indígenas.⁸³⁵

exímio carteiro. Takao. 1944-1945. Naki. 1943-1945. “Os homens criam as ferramentas, as ferramentas recriam os homens” McLuhan.

835 Texto original da cena: A Solidão e a Guerra. “Tornamo-nos uma máquina de esperar. No momento esperamos a comida, depois será a correspondência e a qualquer momento uma bomba inimiga que poderia acabar com nossa ansiosa e tediosa espera”. Heinrich Straken. 1919-1942. Choque de Guerra. Silêncio. (Do lt. Silentiu) S.m. 1. Estado de quem se cala. 2. Interrupção de ruído. 3. Taciturnidade. 4. Sigilo, segredo. Pierre Ledoux. 1898-1927. Kamikaze, Vento Divino. “Papai, mamãe, me desculpem por ser um filho ingrato. Não há pior desgraça do que um filho morrer antes dos pais, isso foge a ordem natural das coisas. No meu silêncio já refleti muito sobre o sentido e a finalidade da guerra. Mas estar aí junto a vocês seria uma grande humilhação...”. Kato Matsuda. 1927-1945. ...Conforta-me aquele velho ditado Japonês: “A morte é mais leve do que uma pluma. A responsabilidade de viver é tão pesada quanto uma montanha”. Adeus, Kato. Sudeste asiático, 1969. Monge budista protesta contra a guerra do Vietnã. Tashi Iungten. 1925-1969. China, 1989. Praça da Paz Celestial. Chen Yat-sen, 1932-1998. Professor de Literatura. Estudioso de Baudelaire. Brasil, 1975. O chapéu. A Cidade e a TV. A Polícia.

Nona historieta/cena – Astaire Garrincha:

Um momento de alívio. Uma música incidental contagiante – que mistura a brejeirice dos ritmos brasileiros, em especial o samba, com o suingue dos grandes musicais da Broadway – borda a cena de dança protagonizada por Fred Astaire e intercalada pelo balé futebolístico das pernas tortas de Mané Garrincha atuando em uma partida de futebol pelo time do Botafogo. A cena é montada de tal forma que uma dança de pares é formada, por um lado, por uma cuidadosa, vibrante e elegante coreografia e, por outro, por um conjunto de dribles de tirar o fôlego. Esse bailado encharca os olhos do espectador com um episódio lúdico e regozijante. Um quarteto de pernas contemporâneas que, talvez, só tenham se encontrado na imaginação do autor. Porém, decerto, já não mais caminham no século XXI.

Neste século XX não lhes sobraram pernas para alcançarem os míticos anos 2000...⁸³⁷

Décima historieta/cena – Utopia:

Outro refresco. A morte de Timothy Levy tem por alegoria o filme “Le Voyage dans la Lune” (Viagem à Lua), de George Méliès, realizado em 1902. A partir da ideia de que as cinzas de Timothy foram lançadas no espaço, o autor resgata outros “habitantes espaciais” para servirem de comitê de recepção à sua chegada. Tendo por trilha sonora, possivelmente, a indelével *Lucy in the Sky with Diamonds*, no espaço sideral Che Guevara, Gandhi, Martin Luther King e John Lennon, surpreendem Timothy.

Seria possível tamanha transcendência? Os ídolos também morrem...⁸³⁸

Décima primeira historieta/cena – Mulheres:

Nesta historieta, imagens de diversas mulheres participando de movimentos de liberação feminina são exibidas. Uma usa roupas ousadas, outra é fumante, outras querem votar. Outras, ainda, lutam por meio da expressão corporal libertária. Lutam, também, contra o

1856-1939. “O segredo do demagogo é parecer tão tolo quanto sua plateia, de maneira que estas pessoas possam se achar tão espertas quanto ele”. Karl Kraus. 1874-1936. Ralf Vetter. 1925-1979. Membro da Juventude Nazista. Depois da derrota nazista, foi criar coelhos no Brasil... Morreu obsessivo e brigado com os vizinhos.

837 Texto original da cena: 1 2 3 4 Pernas. Fred Astaire. 1899-1987. Mané Garrincha. 1933-1983.

838 Texto original da cena: Viagem através da Lua. Sintonize, se ligue, caia fora! Timothy Levy. 1922-1997. Conforme o último desejo de Timothy, suas cinzas foram lançadas no Espaço. *Lucy in the Sky with Diamonds*. Para surpresa de Timothy na Lua ocorria um curioso encontro. Che, Gandhi, King e Lennon... discutindo assuntos terrestres.

machismo, contra o amor subserviente, contra roupas padronizadas e que as transformam em esposas, donas-de-casa pudicas e obedientes. A incorporação de mulheres à força de trabalho industrial, a aquisição de eletrodomésticos para substituírem funções caseiras tipicamente femininas, o direito ao aborto e a liberdade de expressão redesenham (e ainda estão a redesenhar) a vida das mulheres do (inacabado?) século XX. Morreram as mulheres do século XIX?⁸³⁹

Décima segunda historieta/cena – Aspirina:

As grandes invenções do final do século XIX são o arauto de um século seguinte pleno de avanços e retrocessos. A luz elétrica, o rádio e a aspirina servem para ilustrar esta historieta e o fazem a partir da demonstração de poder, progresso e vislumbre que, na Exposição Universal de Paris, o uso de inúmeras lâmpadas provoca no chamado Palácio da Eletricidade. O contraponto a este vislumbre é o espanto causado pelo fato de que esta energia promove, também, execuções, na cadeira elétrica, de negros recém-libertos, mas ainda escravizados. Outro contraponto se dá pela discrepância entre os propalados benefícios que a luz elétrica poderia trazer às cidades, mas que são praticamente inalcançados pelos habitantes de distantes zonas rurais.

Pelas ondas do rádio, Orson Welles promove espanto e pânico ao anunciar, em 1938, um assalto de extraterrestres à Terra – A Guerra dos Mundos. No Vietnã, numa guerra deste mundo mesmo, o radinho de pilha (companheiro da solidão) anuncia o retorno de soldados para suas casas. Estes mesmos soldados, ao retornarem se submetem ao *American Way of Life*, tendo por recompensa a enxaqueca aplacada apenas pelo vício da aspirina.

A incorporação de tecnologias às residências propicia o sedentarismo dos moradores de áreas urbanas e o espanto dos habitantes de zonas

839 Texto original da cena: Elas. Atlantic City, 1901. Doris White. 1885-1947. Abusou na ousadia do maíô. Sandra Michel. 1878-1939. Fumando seu primeiro cigarro. Nos anos 20, sufragetes conquistam o direito ao voto. “Todo homem com direito a voto é considerado inimigo, a não ser que tenha sido ativamente educado para ser amigo”. Emmeline Pankhurst. 1872-1927. Estrangulou o marido e foi ao cinema. Lilian Parker. 1870-1929. Anos 20. Josephine Baker. 1906-1957. “E se eu te amasse na quarta, Não te amarei na quinta. Isto pode ser verdadeiro. Porque você reclama? Te amei na quarta sim, e daí?” Edna Vincent Millay, Poet. 1892-1943. “Minha vela queima dos dois lados. Não durará a noite toda. Mas oh! Meus amigos, ah! Meus amigos. É de uma luz maravilhosa!” 40 anos depois. Coco Chanel. 1883-1971. Moças na Indústria Bélica. Francesas. Alemãs. Russas. Inglesas. Japonesas. Americanas. Mais americanas. E quando a guerra acaba. A cozinha. A casa. Os Filhos. As roupas. O marido e a depressão. Em 1916, Margareth Sanger abriu a primeira clínica de controle de natalidade. Acusada de obscenidade, Margareth foi presa. Margareth Sanger. 1882-1966. Anos 60. Algumas criaram a mini-saia. Outras queimaram sutiãs. Woodstock. 1969.

rurais. Lucelino é uma figura de olhos muito arregalados que, completamente aturdido, em meio a um grande número de telespectadores nordestinos, se vê, pela primeira vez, ante uma TV ligada – quase morre de susto e espanto. Joselina é uma mulher obesa mórbida que morre com mais de 400 quilogramas de peso corporal e que via televisão incessantemente.

As grandes invenções do século XX foram realmente exitosas? Morresse, também, de progresso.⁸⁴⁰

Décima terceira historieta/cena – 4 Domingos:

Nesta que também pode ser considerada uma cena lúdica, outro momento de alívio. Uma foto de Marcel Duchamp jogando xadrez com Eve Babitz (Pasadena Art Museum, 1963. Foto de Julian Wasser). Um quadro de Edvard Munch representando um casal – Eros e Psique, 1907. A pintura Quarto de Hotel (1931), de Edward Hopper e um travesseiro no qual está escrito Ninguém (1992), de José Leonilson 1957–1993, são as representações artísticas dos contemplativos domingos que são devotados às visitas aos museus.

As transformações da arte ao longo do século XX são representadas por estes autores e o que os olhos contemporâneos admiram ganham outro contorno. Teria sido virada a página da arte figurativa? Estariam morrendo, assim, os antigos olhares artísticos?⁸⁴¹

Décima quarta historieta/cena – Religião:

Entremeando todas as frases, exceto a que se refere ao hemisfério sul (vide, a seguir, texto original da cena), vê-se, como pano de fundo, grupos distintos de religiosos em cultos ou exegeses que se afinam com a religião ou crença que representam e/ou praticam. Mas, na última tomada – a úni-

840 Texto original da cena: A Luz Elétrica, o Rádio e a Aspirina. 1900, faltam poucos dias para a inauguração da “Exposição Universal de Paris”. Henry Beau, 1865–1916. Profissão: Engenheiro Elétrico Preocupado. Tem apenas 24 hs para ligar 5.700 lâmpadas... ... do Palácio da Eletricidade. 1900, em algum ponto da América. Paul Norman. 1882–1900. Não tinha luz elétrica em casa. Casa de um camponês na Rússia. Yuri Gagarin, o Pai. Conheceu a luz elétrica em 1931. Yuri Gagarin, o Filho. 1934–1968. Um Radinho no Vietnã. O Secretário de defesa anunciou a partida das seguintes unidades: Fuzileiros da Brigada Aérea... 34a. Tropa de Fuzileiros. ... e ainda... a 3a. Brigada da 82a. Tropa... Bill volta para a América. ... foi vender Big Macs & Fritas. Bill Popper. 1943–1997. Bens Adquiridos. A Casa Própria. A TV. O Carro. 17 Eletrodomésticos. Um vício: A Aspirina. Pouca TV. Brasil, 1993. Lucelino Silva. 1910–1998. Quando conheceu a TV, ela já era colorida. Joselina da Silva, 1959–1996. Nunca perdia a sessão da tarde.

841 Texto original da cena: 4 Domingos. I. 1963. Marcel Duchamp, 1887–1968. II. 1907. Edvard Munch. 1863–1944. III. 1931. Edward Hopper. 1882–1967. IV. 1992. Ninguém. José Leonilson. 1957–1993

ca em cores da historieta –, apenas a imagem de um menino de aproximadamente seis anos (que parece carente e/ou abandonado) “à espera de Deus”.

A seguir, o distanciamento dos deuses, representado pela queda das igrejas católicas na Rússia comunista, pelo êxodo de fiéis e pelo confisco de relíquias é contraposto a um homem vestido com asas que sonha voar e que se mescla à imagem do Bispo do Rosário – o homem que teceu uma roupa especial para encontrar com Deus.

No século XX, Deus está definitivamente morto?⁸⁴²

Décima quinta historieta/cena – Cemitério:

Um cemitério em preto e branco vai sendo colorizado na tela... Várias imagens de túmulos vão sendo focadas. É um cemitério comum⁸⁴³ ou, talvez, uma de suas alas, cuja decoração é humilde. Uma imagem em preto e branco de um homem sentado em um eixo de rodas de uma locomotiva em movimento é sobreposta ao cemitério que, agora, é o pano de fundo da cena. Some a imagem deste homem e retornam tomadas em cores do cemitério a partir de sua alameda principal, deixando, ao fundo, a capela e, em primeiro plano, o alto portão de ferro acima do qual se tem, na testeira, a seguinte frase: “NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VÓS ESPERAMOS”. A fachada do cemitério com parte de seu muro alto e o portão enquadrado ao centro vai se esvanecendo até apagar-se...⁸⁴⁴

Para dizer uma ou duas coisas mais:

Nós que aqui estamos por nós esperamos, à primeira vista, parece guiar-se por uma ideia de futuro. A ideia de que em um futuro próximo todos estarão em companhia dos mortos. Ou, como dizia, jocosamente, Jorge

842 Texto original da cena: Perto de Deus. Tibet, 1927. Perto de Deus. Perto de Buda. Jerusalém, 1964. Perto de Deus. Perto do Muro. Meca, 1945. Perto de Deus. Ao redor de Alah. Angola, 1927. Perto de Deus. Perto dos Orixás. Índia, 1902. Perto de Deus. Perto do Vento. Venezuela, 1946. Deus espanta o Diabo. Portugal, 1968. Deus perto dos pequenos problemas humanos. Em algum campo de batalha, 1917. Deus perto do inferno. Em alguma esquina do Hemisfério Sul. À espera de Deus. Rússia, 1922. O templo de Deus é transformado em Repartição Pública Vermelha. Brasil, 1980. Arthur Bispo do Rosário. 1922-1994. Fez uma roupa especial para se encontrar com Deus.

843 Cemitério Municipal de Paraibuna – A frase colocada no portal do cemitério, que num primeiro momento cria uma indagação, pois imagina-se que os que lá estão, esperam pelo nosso enterro, no entanto há um segundo sentido, ou seja, “de nós esperam orações”, transformou-se em um dos locais folclóricos da cidade e da região. A inscrição do portal, foi colocada ali por um padre com a intenção de sensibilizar a População para que rezasse mais pelos mortos. PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAIBUNA. Disponível em: <http://www.paraibuna.sp.gov.br/turismo.php>. Acesso em abril de 2014.

844 Texto original da cena: “Dizem que em algum lugar, parece que no Brasil, existe um homem feliz. Maiakovski, 1907. “Nós que aqui estamos por nós esperamos”.

Mautner⁸⁴⁵ o constatar que: “No cemitério, pra se viver é preciso primeiro falecer”. Mas, porque não, uma ideia de passado? Ou, ainda, porque não, a ideia de presente?

O que quero dizer é que não creio que no futuro, próximo ou distante, exista a possibilidade de se vir a morrer, como quem cumpre uma destinação. Antes, isto sim, o humano nasce e este é um evento importante sob o ponto de vista da inauguração da existência porque, neste mesmo momento, inicia-se seu processo de morrer. Tem-se, enfim, uma existência na qual morrer é condição humana e não destino.

Vendo na obra primeira de Heidegger, *Ser e Tempo*, uma bela discussão acerca da finitude e da temporalidade humanas, é impossível não mencionar, conforme abaixo⁸⁴⁶, um trecho da discussão heideggeriana acerca da temporalidade do *Dasein* e de sua finitude:

A cura é ser-para-a-morte. A de-cisão antecipadora foi determinada como ser próprio para a possibilidade característica da absoluta impossibilidade da pre-sença. Nesse ser-para-o-fim, a pre-sença, existe total e propriamente, como o ente que pode ser “lançado na morte”. Ela não possui um fim em que ela simplesmente cessaria. Ela *existe finitamente*. Em sentido próprio, o porvir que temporaliza primordialmente a temporalidade, que constitui o sentido da de-cisão antecipadora, desentranha-se, portanto, *como* sendo em si mesmo *finito*. Mas “o tempo não continua” apesar de eu não mais estar presente? E muitas coisas não podem restar, ilimitadamente no “porvir” e dele advir?

Cabe, então, pensar *Nós que aqui estamos por vós esperamos* como a possibilidade de estar ilimitadamente no “porvir” e dele advir. Como sendo sua mensagem a possibilidade de estar a história do humano atrelada de forma indissociável à sua própria finitude e impermanência. Este século XX desenhado por Masagão apresenta uma belíssima reconstrução das construções e desconstruções que são inerentes à história da vida humana.

Algumas das historietas/cenas aqui narradas, podem conduzir mais diretamente à elucubrações acerca da finitude e da impermanência do humano. Ressalte-se, por exemplo, o brilho da explosão do ônibus espacial que, no mais completo silêncio, como diria o poeta⁸⁴⁷ “quase arromba a retina de quem vê” e traz para dentro do silêncio de cada um dos espec-

845 Morre-se assim, Jorge Mautner e Nelson Jacobina, *O Filho do Holocausto*, 2012. Coleção Canal Brasil.

846 HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, Vozes, 1986. Vol. II. § 65.

847 Chico Buarque, Carioca, As Cidades, 1998. BMG Ariola.

tadores desta arrebentação uma declaração incontestada da finitude e da impermanência do humano (vide cena Alfaiate). O espanto é, então, o ser subitamente arrancado da ilusão de imortalidade que sustenta nosso caminhar na cotidianidade.

Outro momento que revela essa necessidade de caminhar na cotidianidade diz respeito, ainda na mesma historietta/cena, ao “inventor-alfaiate” que voará da Torre Eiffel não como um suicida, mas, sim, como um sonhador que voa para o infinito porque distante da ideia de finitude. Por estar imbuído da ideia de imortalidade, Reislefeldt não é um suicida em potencial, mas, isto sim, um humano que se acredita ligado ao futuro, a uma morte que poderá advir, mas não como alguém que reconhece, em seu nascimento, o processo de morrer. Inventar uma roupa voadora e demonstrar sua maravilha ao mundo, a despeito dos perigos que tal demonstração traz, torna-se empreitada muito mais plausível e exequível quando, considerando a morte no futuro, na eternidade, tem-se a ilusão da imortalidade. O que quero ponderar a respeito da visada heideggeriana que envolve este episódio é que, ao apropriar-se da finitude como condição humana, poderia, o alfaiate, distanciar-se, também, desse equívoco da imortalidade.

Por fim, quero comentar o suicídio⁸⁴⁸, em 1969, do monge budista que, como forma de auto-imolação, ateia fogo ao próprio corpo para protestar em virtude da guerra do Vietnã. Este ato pode ser observado como uma assunção da finitude e da possibilidade de, em sendo ser-para-a-morte, antecipar a própria morte em prol de uma causa. Por mais dolorosa que essa vivência possa se mostrar, essas formas de existência podem conduzir, no abreviar da vida, a uma transcendência, ampliando os limites do humano. De novo, o mote da construção e da desconstrução: ao desconstruir uma vida humana ímpar e singular, mesmo que por meio do suicídio, este monge construiu uma nova possibilidade de permanência (pela transcendência) na impermanência (alcance de sua própria finitude). Aliás, cabe lembrar que atrocidades advindas de avalanches de eventos dolorosos e insuportáveis ao humano – e que poderiam estar ligados ao suicídio – tornaram-se nesse século XX, objeto de estudos científicos visando à compreensão e prevenção do auto-extermínio e à tentativa de minimização da dor humana. Esse momento histórico marca uma virada conceitual em saúde mental e em saúde pública trazendo para o cerne de suas preocupações a questão do suicídio.

848 As imagens originais referem-se a um suicídio, em 11/06/1963, de um monge budista Quang Duc que, como forma de auto-imolação, ateou fogo ao próprio corpo, em Saigon, Vietnã do Sul, para protestar em virtude da opressão que o budismo sofria.

Enfim, *Nós que aqui estamos por nós esperamos* não é tão-somente um filme-memória sobre um, talvez, inconcluso século XX. Mais do que isso, ele é uma narrativa contagiante e envolvente capaz de conduzir o espectador para dentro de sua própria finitude e impermanência.

Para discussão:

1. As historietas/cenas do filme estão fortemente atreladas à ideia de finitude, efemeridade, extemporaneidade. Discorra acerca de aspectos atrelados à finitude como retratada em *Nós que aqui estamos por nós esperamos*. A obra heideggeriana denominada *Ser e Tempo* é uma referência fundamental para essa discussão.
2. Como o filme pode ajudar o profissional de saúde a refletir acerca do caráter impermanente do humano no mundo e, também, acerca de sentidos que podem ser atribuídos ao conceito de heideggeriano de ser-para-a-morte?
3. A historietta/cena denominada Solidão apresenta uma carta de despedida de um kamikaze aos seus pais. Como se poderia pensar o suicídio a partir dessa referência feita a esses soldados japoneses?
4. Muitos dos aspectos relacionados à transformação social-política-econômica e psicológica da mulher do século XX foram retratados em *Nós que aqui estamos por nós esperamos*. Discuta, a partir dessas cenas as transições relacionadas às mulheres do século XIX em relação à nova configuração atribuída ao feminino no século XX. Seriam estes aspectos, também, uma forma de mortificação de um certo simbolismo relacionado ao feminino?
5. Que relações entre presente, passado e futuro podem ser pensadas tendo por inspiração a frase título do filme *Nós que aqui estamos por nós esperamos*? Também aqui, a obra heideggeriana denominada *Ser e Tempo*, é uma referência fundamental para essa discussão, mormente no que diz respeito aos conceitos de tempo e de morte.

Sugestões de leitura:

- ARIËS, Philippe. *A história da morte no ocidente*, Francisco Alves, 1977.
- BEAUVOIR, Simone. *Todos os homens são mortais*. Nova Fronteira, 1989.
- ESTELLITA-LINS, Carlos Eduardo Freire (org.). *Trocando seis por meia dúzia: suicídio como emergência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- KOVÁCS, Maria Julia (coord.). *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo, 1992.
- TOLSTOI, Lev. *Amorte de Ivan Ilitch*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2002.
- SAMPEDRO, Ramon. *Cartas do inferno*. Editora Planeta do Brasil, 2005.

Sobre o filme:

Título original: *Nós que aqui estamos por vós esperamos*

Pais de origem: Brasil

Gênero: documentário

Classificação: livre

Tempo de duração: 72 minutos

Ano: 1999

Direção: Marcelo Masagão

***Violação de privacidade:* memória absoluta e rememória do passado**

Ana Carolina da Costa e Fonseca⁸⁴⁹

Gilberto Thums⁸⁵⁰

O título em português, *Violação de privacidade*, não traduz adequadamente o título original em inglês, *The final cut*, o corte final, isto é, o corte que transformará milhares de horas de filmagens num filme de cerca de duas horas. O filme de 2004 sugere uma idéia já não tão futurista assim: o implante *Zoe*⁸⁵¹, que grava em vídeo através de nossos olhos, todos os dias de nossas vidas. Exigências técnicas do produto no filme fazem com que seja possível retirar o implante apenas após a morte. Assistir parte da gravação durante a vida poderia acarretar morte cerebral.

A grande utilidade da gravação é permitir que, após a morte, um “cortador” (*cuter*) edite o filme da vida de quem está sendo velado e mostre-o como uma boa pessoa. Quanto mais comovente for o “corte final”, melhor é o cortador. Não existe compromisso com os fatos do passado, apenas com quem está pagando pela edição. A audiência tampouco está preocupada em comparar suas lembranças com as imagens da edição. Muitos querem lembrar o morto conforme a edição com a esperança de virem a ser lembrados conforme a edição que farão das suas vidas no futuro. Outros, entretanto, protestam contra o que tomam como falsificação do passado. Um dos gritos dos que protestam contra o *Zoe* é “Remember for yourself.” (lembre-se por você mesmo).

Atualmente, telefones celulares e câmeras como a *GoPro* permitem que gravemos em imagem boa parte da vida. Ainda temos limitações decorrentes da exígua memória dos aparelhos eletrônicos. Gravar imagens ainda exige muita memória. Há, contudo, uma legítima expectativa de que tal problema venha a estar resolvido no futuro próximo.

Lembrar de tudo e compreender o próprio passado poderia ser tomado como o motivo para gravar todos os instantes da própria vida. No filme, ao contrário, o objetivo da gravação é reescrever ou, deveríamos dizer, refilmar o passado. As imagens são a prova de que todos foram pessoas sensacionais. Um pai que estupra a filha, por exemplo, é visto declarando seu amor pela menina no meio da noite. As cenas de violência

849 Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia (UFCSPA) e de Filosofia do Direito (FMP).

850 Procurador de Justiça. Mestre em Ciências Criminais (PUCRS). Professor de Direito Penal (FMP).

851 *Zoe* significa “vida” em grego no sentido da vida biológica, e não no sentido da vida vivida, para a qual os gregos tinham a palavra “bios”, que forma, por exemplo, a palavra “biografia”.

que se seguem foram deletadas. E à declaração de amor se segue uma apresentação da menina na escola.

Os que têm implantes não querem usá-lo para uma reavaliação da própria vida, mas para se mostrarem melhores do que foram de fato. Os defeitos serão deletados. A vida, editada. A decisão pelo implante não é do indivíduo, mas de seus pais, que o fazem pouco antes do nascimento. As primeiras imagens serão da vida intrauterina. E os pais recebem como instrução contar do implante aos filhos apenas quando eles tiverem 21 anos. Sem que saibam, tudo o que fizerem será gravado: todas as mentiras contadas, todas as vergonhas sentidas, todas as “primeira vez” da infância e da adolescência. E, quando ainda são jovens demais para lidar com o próprio passado, saberão que há imagens que permitirão aos outros conhecer o que eles próprios estão esquecendo ou gostariam de. Muitos optam por fazer uma dolorosa e pouco discreta tatuagem que impedirá que as gravações continuem. O passado, porém, não pode ser apagado.

Para discussão:

1. Os pais fazem, desde sempre, escolhas pelos seus filhos ao longo de muitos anos. Usualmente, tomamos tais escolhas como necessárias e sequer nos perguntamos sobre a legitimidade dos pais para decidirem a respeito de questões cruciais na vida dos filhos, como, por exemplo, onde estudarão. A decisão de fazer um implante para gravar toda a vida é dos pais. Discuta sobre a legitimidade para tomar tal decisão. Considere que quem teve um implante não terá acesso às imagens da própria vida. As imagens serão vistas apenas pelos que sobreviverem ao implantado.
2. Pense sobre o fato de nossos pais terem feito escolhas por nós e de que nós fazemos ou faremos escolhas pelos nossos filhos. Quais escolhas você ainda faria ou deixaria de fazer caso soubesse que toda vida dos seus filhos estaria sendo gravada?
3. Você gostaria de ter sua vida inteira gravada segundo por segundo? Quais seriam as vantagens e as desvantagens?
4. Poderia a gravação ser utilizada como prova da acusação num processo criminal? Uma das vantagens seria a possibilidade de condenarmos criminosos pelos crimes cometidos e diminuiria muito o número de inocentes condenados. O ônus, contudo, seria tornar público o que o indivíduo talvez não quisesse e, deste modo, como diz o título do filme em português, haver uma violação de privacidade. O que lhe parece mais importante? Justifique.

Sugestão de leitura:

NAGEL, Thomas. *Uma breve introdução à Filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Violação de privacidade*

Título original: *The final cut*

País de origem: Estados Unidos da América

Gênero: ficção científica

Classificação: 12 anos

Tempo de duração: 94 minutos

Ano: 2004

Direção: Alan W. Hakman

Nota sobre o filme *Ghost in the shell*

Paulo Henrique Guilhembertard Kosachenco⁸⁵²

Ghost in the shell é uma animação de longa-metragem, que se passa no futuro em 2029, e conta a história de Motoko Kusanagi, uma major da agência de segurança pública, chamada de Setor 9, que persegue de um *hacker*, o *Puppet Master*.⁸⁵³

Enquanto esta intriga desenvolve-se, Motoko, que é um andróide⁸⁵⁴, começa a questionar-se sobre, não só os seus motivos para agir como os do *hacker* e também de seus próprios superiores. Dentre um conflito entre políticas, interesses pessoais⁸⁵⁵ e seu próprio dever, ela percebe que é descartável, mais que seus companheiros humanos, porém não compreende o porquê, já que se sente tão viva quanto eles. Então ela descobre que andróides não tem algo chamado “alma”, um conceito que, no início, não consegue nem entender. Começa, então, uma jornada, dentro da história maior, do *hacker*, para tentar descobrir onde está a tal alma, e por que andróides são criados sem ela.

Para discussão:

1. O filme, não só toca nos assuntos de política *versus* interesse e liberdade, como também em algo mais profundo: o que significa ser humano e por que alguns são mais importantes que outros?
2. O que seria considerado um tratamento ético em relação às máquinas humanóides, como um andróide?
3. Deveríamos criar máquinas à nossa imagem, com todas as nossas capacidades; e se acredita que sim, como justificar uma relação perpétua de serventia perante nós seres humanos?

Sugestões de leitura:

ASIMOV, Isaac. *Eu, Robô*. Gnome Press, 1950.

KOESTLER, Arthur. *O Fantasma da Máquina*. Hutchinson (UK);

Macmillian (US), 1967.

852 Bachalorando em Tecnologias Audiovisuais (PUCRS).

853 Mestre dos fantoches.

854 Uma máquina criada a partir da nossa própria imagem, com consciência de si e capacidade de aprender.

855 Há um conflito de interesses entre os políticos, os policiais, o Setor 9 e Motoko, sobre o tratamento dado aos andróides, e o porquê de ser assim.

Sobre o filme:

Título no Brasil: *Ghost in the shell*

Título original: *Kōkaku kidōtai*

País de origem: Japão

Gênero: ação/drama

Classificação: 15 anos

Tempo de duração: 82 minutos

Ano: 1995

Direção: Mamoro Oshii

Este livro foi composto em ALEGREYA, fonte livre, *SIL Open Font License, Version 1.1.* desenhada em 2011, por Juan Pablo del Peral e premiada como “Fonts of the Decade” na competição *ATypI Letterz* em setembro de 2011 e selecionada na *2nd Bienal Iberoamericana de Diseño*, em Madrid em 2010. Os títulos foram compostos em **ACME**, tipo desenhado pelo mesmo autor. O miolo é em papel *offwhite* Pólen Soft®, elaborado com fibras de eucalipto replantado.

Impresso em novembro de 2014, 119 anos depois da primeira exibição pública e paga de cinema, na cave do Grand Café, em Paris, pelos Irmãos Lumière; 2359 ou 2362 anos depois da publicação da *Ethica Nicomachea* de Aristóteles e 66 anos depois da criação da Organização Mundial da Saúde.

Cinema, ética e saúde

volume dois: Direitos Humanos

Ana Carolina da Costa e Fonseca
Cora Efrom
Isabella Moreira dos Santos
(organizadoras)

Alana Durayski Ranzi
Aline Winter Sudbrack
Ana Boff de Godoy
Ana Carolina da Costa e Fonseca
Ana Priscila Costa
Andréia Engel Bom
Arlinda B. Moreno
Bárbara Sordi Stock
Camila Añez
Carlos Estellita-Lins
Carolina Melo Romer
Cássio Andrade Machado
Chastter Silva
Claudia Giuliano Bica
Cora Efrom
Cristiano Guedes
Danielle Bernardi Silveira
Éder da Silveira
Elena de Oliveira Schuck
Ernani Bohrer da Rosa
Felipe Lazzari da Silveira
Fernanda Schommer Stein
Gabriel Goldmeier
Gabriel Silva de Souza
Gabriela Waskow
Geórgia de Macedo Garcia
Gilberto Thums
Giovana Tavares dos Santos
Guilherme Kern Assumpção
Ida Vanessa Doederlein Schwartz
Isabella Moreira dos Santos
Julia Landgraf Piccolo Ferneda
Juliana Nólivos
Larissa O'nill de Avila Pereira

Lígia Gabrielle dos Santos
Lísia Maya Monteiro
Luciana Lopes Corrêa
Luciano Monteiro
Luís Edegar Costa
Luiza Mury Scalco
Márcia Rejane Azuaga Prass
Maria Candida Backes Luger
Maria de Lourdes Borges
Mariana Corrêa Fernandes
Mariana Petracco de Miranda
Marianna Rodrigues Vitória
Marianne Le Bourlegat
Matheus Cantanhêde da Rosa
Nádia Nara Tavares dos Santos
Natália Strzykalski
Nathalia Zorzo Costa
Nícolas Bernardi Silveira
Paola Fabres
Paula Goldmeier
Paulina Nólivos
Paulo Gilberto Cogo Leivas
Paulo Henrique G. Kosachenco
Priscila Jandrey Brasco
Roberto Araujo
Rodrigo Gomes Ferrari Cesar
Rosa Gonçalves Corrêa
Rosicler Luzia Brackmann
Sophie Dall'Olmo
Téo Fronzi Rodrigues
Thais de Magalhães Dornelles
Verônica Miranda
Vicente Cardoso de Figueiredo



editora **BESTIÁRIO**



FMP
Fundação Escola Superior
do Ministério Público



Ministério da
Educação
GOVERNO FEDERAL
BRASIL